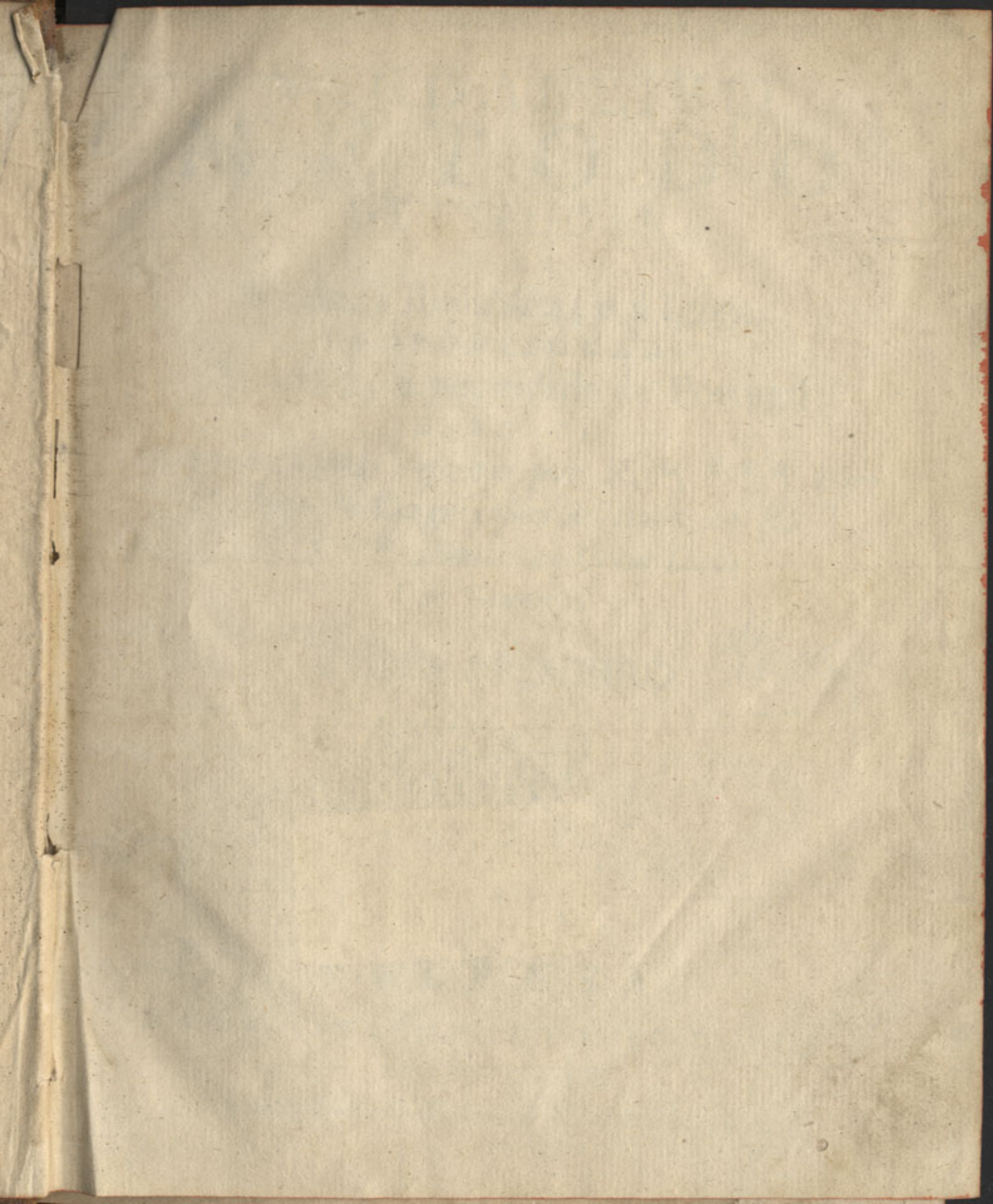




<sup>+</sup>  
mra

~~6/0~~









Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras



1317502076



# VERDADEIRO M E T O D O

DE ESTUDAR,

P A R A

Ser util á Republica, e á Igreja:

PROPORCIONADO

Ao estylo, e necessidade de Portugal

EXPOSTO

*Em varias Cartas, escritas polo R. P. \*\*\* Bar-*  
*badinho da Congregação de Italia ao R.*  
*P. \*\*\* Doutor na Universidade*  
*de Coimbra.*

TOMO PRIMEIRO

*Verney*



Sala	<i>CF</i>
Est.	<i>C</i>
Tab.	<i>4</i>
N.º	<i>26</i>

*= N.º 15.955 =*

V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE

ANO MDCCXLVII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c



VIRI A DIERO

M E T O D O

DE ESTUDIA

M... e... de...  
... e... de...  
... e... de...  
... e... de...

D... e... de...  
... e... de...  
... e... de...

T... e... de...  
... e... de...  
... e... de...  
... e... de...

T... e... de...

V... e... de...

V... e... de...

V... e... de...

V... e... de...

P



AOS REVERENDISSIMOS  
PADRES MESTRES,  
DA VENERAVEL RELIGIAM DA COMPANHIA  
DE JEZUS.

*No Reino, e Dominio de Portugal.*

ANTONIO BALLE  
OBZEQUIOZAMENTE SAUDA.



AIEM à luz, Reverendissimos Padres, as cartas eruditas, de um autor moderno: as quais até agora correram manuscritas, por algumas maons: mas chegando às minhas, e conhecendo eu, que podiam utilizar a muitos, me-rezolvi imprimilas. O argumento delas é este. Certo Religiozo da Universidade de Coimbra, omem mui douto, como mostra nas suas cartas; pedio a um Religiozo Italiano, seu amigo, que vivia em Lisboa; que lhe-dêse algumas instrusões, em todo o genero de estudos. O que o dito Barbadinho executa, em algumas cartas: explicando-lhe em cadauma, o que lhe-parece: e acomodando tudo, ao estylo de Portugal. Este autor escreveo-as, sem nem menos suspeitar, que se poderiam imprimir: como consta de alguns periodos destas, que nam impresi; e de outras que conservo, em que declara com mais individuasam, o motivo desta correspondencia: e explica varias coizas, que aqui nam se-acham. Onde, para consolar o dito autor, que nam sei se ainda vive, e fazer o que dezejava; nam impresi senam as que me-pareceram necessarias: e ainda nestas ocultei os nomes dos correspondentes, e de algumas pessoas, que nelas se-nomiavam: parecendo-me justo e devido, nam revelar os segredos, das correspondencias particulares: principalmente quando podia conseguir o fim, de utilizar o Publico, sem prejuizo terceiro. As cartas encadeiam tam bem umas com outras, que se



chamar, um metodo completo de estudos. podem servir para todos; nas especialmente são proporcionadas, ao estilo de Portugal: pois este era o fim do autor. Protesta ele nas mesmas cartas ineditas, que não dera em varias coizas, melhor metodo, porque temia, que o seu amigo mostrasse as cartas, a pessoas preocupadas: as quais não fariam nada, se lhe-aconselhasse tudo o que praticam em outros Reinos: e que por isto se-acomodava ao gosto do paiz em que estava. E não cessava de encomendar-lhe, que as-não-lesse a ouzéis, que interpretassem mal as suas palavras; e as-aplicassem, a outro sentido.

E querendo eu agora imprimir estas cartas, a quem as-devo dedicar, sejam a VV. RR.? Presumo, e com muita razão, que se o autor ouvesse de publicar estes escritos, a ninguém mais os-offereceria, que a esta sagrada Religiam: visto mostrar a cada passo, o respeito e veneração, que lhe-professava. E sendo eu não menos propenso, e obrigado a toda a Companhia; quero também mostrar-lhe o meu reconhecimento, nesta pequena oferta. Se a minha possibilidade dêsse mais, mais faria: mas as forças não correspondem aos desejos: e VV. RR. costumam estimar mais a vontade, que as ofertas. Além disto, por todos os titulos deviam estas cartas, ser consagradas ao seu nome. São VV. RR. aqueles, que só podem ajudar, os pios desejos deste autor: aqueles, que só têm forças, para isto: e finalmente aqueles, que mais que ninguém desejam, o adiantamento da Mocidade, e se-cansam, para o-conseguir. Acrescento, que o autor confessa, que tudo aprendera, com a direção desta Roupeta, e pelos seus autores. E assim, torno a dizer, por todos os titulos estes livros, se-lhe-devem dedicar.

Quam oportuna ocasião se-me-offerecia agora, de referir os louvores desta veneravel Religiam, se a moderassem, e umildade de VV. RR. não me-tapasse a boca! Quem tem dado mais, e mais illustres escritores a este Reino, que a companhia? Quem tem promovido com mais empenho os estudos, que os seus mestres? Onde florescem as letras com mais vigor, que nos seus Colegios? Que homem douto tem avido em Portugal, que não bebêsse os primeiros elementos, nas escolas desta Religiam? Não leio as historias deste Reino, e Conquistas, que não veja a cada passo, exemplos memoraveis, da grande piedade, da suma erudição, do inexplicavel zelo dos seus Religiosos! VV. RR. que abriram no-Oriente as portas, ao Evangelho, tem trabalhado com tal empenho, na vinha do Senhor; que se contamos somente os Povos convertidos, tem conquistado para a Fé, e também para o Reino, imperios vastissimos. Não sei a quem attribua maior gloria: se ás armas vitoriosas dos Portuguezes, no Oriente; se ás pias exortações, e fadigas, dos seus Missionarios. Mas se é mais glorioso o triumpho, que se-consegue sem sangue, somente com a força da eloquencia, sem prejuizo dos Povos, e com grande utilidade da Republica ficam VV. RR. muito mais gloriosos, que os mesmos illustres Generais Portuguezes; pois conseguiram a victoria, não dos corpos, mas dos

ani-



animos. Vencèram VV. RR. nam derramando o sangue dos outros ; mas o proprio : e com ele e creveram o seu nome, nam só nos livros da fama, e destas istorias caducas ; mas no-mesmo livro da-vida : e levantaram um padram naquela patria, em que as virtudes se-estimam : premeiam-se dignamente os serviços : e a gloria dos vitoriosos nam morre. Nam me-volto para a Africa, para a America, que nam veja os Religiozos da Companhia, convertendo os idolatras, ajudando os fieis, ensinando a todos. Aí mesmo em Portugal, quem á que nam seja obrigado, á Companhia ; e nam experimente os influxos, desta benigna Religiam? Quem ja mais chegou, a uma das cazas desta Religiam, para buscar um confesor, a qual-quer ora da noite; que nam ficáse consolado? um Pregador, para qual-quer festividade; que nam fosse obedecido, ainda sem interesse? quem foi pedir conselho, em materias de consciencia; que nam tivesse prompta resposta? quem quiz um parecer escrito, em qualquer materia que o-quize-íe; que nam tornáse satisfeito? Se olho para as prizoens, vejo os Religiozos da-Companhia consolando os aflitos, procurando os livramentos, confessando, e confortando a todos. Se olho para as praças, e ruas publicas, vejo os mesmos Religiozos, doutrinando os ignorantes, excitando a enut-lasam nos-meninos, e atraindo com suave maneira os que paíam, para ouvirem a verdade Evangelica. Se olho para as igrejas, vejo-os frequentes no confessorio, exortando os fieis em dias determinados, exatissimos nas fun-foens divinas, que celebram com toda a magnificencia, e devoíam. Se olho para as escolas, vejo-os ensinando aos meninos com grande amor, e paciencia, nam só as letras, mas a piedade, que em toda a ocaziam lhe-inspiram. As mesmas portarias das suas cazas, ensinam com o exemplo; nos muitos martires, e doutos, que nelas vemos pintados; que muda, mas eficazmente persuadem, seguir a mesma estrada: e ensinam com a dou-trina, nos livros que nelas encontramos, que suavemente inclinam a vontade, para abraçar a vida perfeita. Finalmente se olho para qualquer Religiozo da Companhia, vejo o retrato da continencia, da moderasam, da mansidam, da afabilidade, do respeito: coizas que me-infundem um sa-grado terror. Bemdita Religiam, em que o Prelado nam se-distingue do Sudito, senam em ter mais trabalho, e suportar o pezo, do governo economico. Ninguem aspira aos governos: ninguem busca meios de conseguilos: final certo, que se-administram com os olhos em Deus, e na sua obrigasam. Nam á distinctam de magisterios: nam á izeniam de graos. O mesmo que ensina a Teologia na cadeira, ensina o catechismo nas-pra-ças: o mesmo que confesa os Grandes, confesa os pequenos: o mesmo Prelado que manda aos mais, obedece; e serve nas ocaziens a todos. Finalmente todos conspiram, para dar gloria a Deus, utilidade ao proximo, e servir no que podem á Republica.

Nam quero trazer á memoria, o que esta sua Religiam tem to, e faz nas mais partes da Europa Catolica. Deixo de parte, a inv-vel uniam que sempre teve, com a Se Apostolica: e as perseguiçoes



cenfuras criticás, que tem fofrido por efa cauza. Nem menos falo na gloria, que rezulta à Companhia, de ver que tantas Religioens, e Congregações, que fe-fundáram depois dela, todas a-tem tomado por treflado: e nam julgam merecer com justiça, os louvores dos omens pios, fenam quando fe-avizinham mais, ao feú instituto. Este é um milagre continuo daquele bemaventurado espirito, que la no-Ceo está sempre pedindo a Deus, pola propagação, e aumento da Religiam que ca deixou: unir tantas vontades, para imitarem uma Religiam, que nam conta longa ferie de feculos, mas que é a mais moderna, entre as famozas. Nam, nam quero referir mais singularidades. Intraria na verdade em uma materia vastissima, que me-daria argumento, para muitos e dilatados panegiricos; mas excederia os meus limites. Só confidero, o que faz em Portugal, e o que pratica no feú dominio. Estas coizas occupam de forte a minha ideja, e admirafam, que me-nam-permitem confiderar o demais, aindaque feja grande e singular. Nem tem que me-dizer, que as outras Religioens fagradas todas fe-cansam em obzequio da Igreja: ensinam muito, e edificam muito. Confefo, que todas tem as fuas singularidades: todas merecem fer louvadas: todas dam gloria a Deus, e fervem à Igreja: mas cadauma no feú genero. Nam vejo alguma, que tenha todas as prerogativas, que fe-acham juntas, na Religiam da Companhia: e que as-pratique, nam por vaidade, nam por outro interefe mundano; mas por amor de Deus, e por caridade do proximo. Estam todos os Portuguezes tam perfuadidos, desta verdade, que quem quizefe dizer o contrario, seria publicamente escarnecido. Os mefmos Monarcas de Portugal, que sabem justamente estimar a Virtude; nam costumam intregar, a direfam da fua conciencia, fenam aos Religiozos da Companhia. Desde que VV. RR. intráram nefes Reinos, conspiráram todos efes Soberanos a reconhecêlos, como prudentiffimos directores, da conciencia dos omens: e por ifo os elegèram, para feus Confefores. Os Principes, a Caza Real, os Grandes, a maior parte dos omens de letras, e empregos, todos praticam o mefmo. Nam é poffivel, que fe-inganem tantos omens, de diferentes gerarchias, e de incontrados interefes, fem que os-obrigue a experiencia, e a verdade. Em todos os feculos, e entre todos os omens de juizo, o confenfo de todos, foi argumento irrefragavel, da evidencia. Todos os omens prudentes louvam a VV. RR. todos os-engrandecem, todos os buscam, todos fe-fervem das fuas prendas, e virtudes; E afim fam VV. RR. tais como eles intendem.

Mas eu PP. RR. ja faí fóra do-meu argumento. Comefei uma carta, e acho-me engolfado em um elogio: caí naquilo mefmo que dezejava evitar. Nam fei fe ofendi a fua moderafam, com as minhas expreffões: que é verdade que nadem do corafam, e fam proferidas com toda a sinceridade, de um bom amigo; mas emfim fam elogios. Nam obram VV. RR. polos louvores: mas por um fim mais alto, mais grande, mais advel. Nam obram bem para o-parecerem, e para que todos o-conheçam: mas porque o feú instituto afim os obriga: afim foram criados: vivem per-



persuadidos dilo mesmo: e nam podem obrar de outra sorte. Este é o ologio, que aquelle encarecido Romano (I) deu la, ao seu Catam Uticense, com adulasam excessiva: mas que eu intendo, que só se-pode aplicar a VV. RR. nam com lizonja, mas com verdade notoria; porque o-digo publicamente, e a todo o mundo. Assim é, nam obram bem os Religiozos da Companhia, para agradar ao mundo, e conseguir os seus louvores: e dezejando eu fazer-lhe a vontade, nam devo opor-me aos seus dezejos. Verdade é, que falando desta Religiam, dificultosamente podia deixar de expremir, alguma coiza do que intendo. Mas VV. RR. nam permitem; eu me-desdigo, e dou por nam dito, quanto até aqui tenho significado. Só digo, que lhe-ofereço, e dedico as cartas de um autor, que conforme julgáram os omens doutos, que as-lêram, conheceo o verdadeiro modo de estudar: e para o-conseguir, deu excelentes doutrinas: e quem as ler com animo dezapaixonado, e tiver voto na materia, achará nelas tudo o que é necessario, para aquistar o bom gosto literario; quero dizer, um juizo critico, que ensine abraçar somente o que se-deve, em todo o genero de estudos. Acho nelas algumas vezes, certas palavras, e diversidade na uniam dos-Pronomes, e outras particulas com os Verbos &c. conforme o idiotismo Italiano; que o autor pode ser que mudáse, se-lhe-puzesse a ultima mam: porque me-parece, que era bem informado da-lingua Portugueza, e nam pecou por-ignorancia. Mas se nelas á algumas coizas que emendar, e acrescentar, quem melhor o-pode fazer, que VV. RR. Comque ponho-as nas suas maons; e ofereço-as ao seu criterio: e só direi o que me-pertence, a cerca da presente edisam.

O autor segue uma Ortografia particular, (que eu, movido das mesmas razoens, abrasei) e que ainda nam está bem recebida, nese Reino: e assim para nam parecer novidade, será precizo ler as cartas, como se-acham impresas: observando bem a primeira, na qual dá razam, da sua Ortografia. Mas como em outras cartas explica varias coizas, que aqui nam se-acham; devo declarálas, para que os leitores formem conceito, das opinioens do autor. Em certa carta, escrita entre a primeira, e segunda do primeiro tomo, diz, que nam obstante que disesse, que a linha se-pode pôr entre as disoens, para evitar os equivocos: v. g. na particula *por*, quando significa *causa*, para a-distinguir do-verbo *pôr*: ou tambem nas particulas *no*, *do*, *da*; para as-distinguir dos sustantivos *nó*, *dó*, e do verbo, *dó*, *dás*: Contudo observando ao despois, que podia embarasar os principiantes, ver, as linhas nestas particulas, que sam frequentes; julgára mais acertado, tirálas das ditas particulas: como tambem de todas as terminasoens plurais dos verbos: v. g. *difera-mos*, *amaria-mos*, *quizer-mos*, *fixer-des* &c. pola razam que estas terminasoens sam mui frequentes, e todos as-intendem mui bem. Acrescenta, que tambem nam se-deve pôr, naquelas palavras e verbos, em que se-acrescenta uma letra, para evitar uniam de vogais, que fasam equivocos. v. g. *fazêla*, quando vale o r

(I) Velleio Paterculo.



mo, que *fazer-a*, isto é, *fazer esta coisa*. Tambem quando se-introduz o pronome no verbo: v. g. *dirmeam*, que vale o mesmo que, *diram-me*: *falosa*, *obligalosa*, que muitos escrevem mal assim; *falofia*, *obligalofia*: porque adita palavra compoem-se destas: *faria-os obligaria-os*: acrescentando um *l*, para facilitar a pronuncia das-vogais: onde separando, *ia*, separam uma parte necessaria da palavra, e fazem erro. Nestes cazos diz, que baltta o acento em *fazela*, *dirmeam*, *obligalosa*. Aindaque na primeira, e semelhantes, quando sam imperativos, *faze-la*, *quere-la* &c. que valem, *faze-a*, *quere-a*; nam reprova que se-ponha a linha, para mostrar que é esdruxola, e que se-pronuncia diferentemente. Assimque para facilitar a Ortografia, somente deixa as ditas linhas nestes cazos. I. Na uniam dos pronomes com os verbos, ou das particulas que servem de pronomes, e sam diferentes das terminações dos verbos: v. g. *fazemos-lhe*, *lhes-fazem*, *nos-dizem*, *dizem-no*, *o-dizem*, *as-querem*. II. Nos verbos impessoais, que unem com o reciproco: *fazem-se*, *chamam-se*, *se-nam-fazem*: ou tambem nestes; *nos-explicarmos*, *nos-virmos* &c. e outras unioens semelhantes: como no verbo *à* quando une com a particula *je*: porque sempre se-pronuncia unido: *se-à-de*, *am-de* &c. Tudo isto advertira confuzamente; no lugar apontado: mas aqui o-explica melhor. E com effeito tendo escrito com as linhas, as primeiras trez cartas, nas seguintes observa as regras, que aqui dá. E devendo eu, ou tirar as linhas de todas, ou polas em todas, para proceder coerente; segui esta segunda parte: aindaque em algum plural de verbo, alguma vez a-nam-puz. A quem nam agradar, observe as regras que o nosso autor dá; que eu tambem observo.

Adverte na mesma carta o autor, que seria utilissimo, que os omens doutos, seguindo a regra da pronuncia, puzesem *i* em muitos verbos, e nomes que neles nascem, que se-pronunciam geralmente com *i*; e nam se-podem pronunciar com *e*, sem se-esforçar: v. g. *emprestar*, *engrandecer*, *envergonhar* &c. Diz porem, que ele só o-praticou em poucos, e mais comuns, v. g. *intrar*, *incontrar*, *inganar*, *intender*, *ingenhar*, *importar*, *informar*, e algum outro rarissimo. O que fez, para nam escandalizar de um jato os leitores, pouco informados destas coizas: mas aconselhava, que pouco a pouco se-introduzissem com *i*. Como tambem se-escrevessem com *e*, alguns infinitos, v. g. *admetir*, *permetir*, *deferir*, &c. nam obstante se pronunciam com *i*, os presentes &c.

Em algumas partes, de duas ou trez palavras compoem o autor uma só: *damefma*, *contantoque*, *namobstanteque*. Outras vezes escreve-as separadas: *com tanto que*, *nam obstante que*, &c. o que eu conservei na impressam. Mas diz o autor que o-fez, para mostrar, que se-podem unir, e separar, como cadaum quizer: O que fazem os seus Italianos, em varias palavras: e os mesmos Latinos em *paulo minus*, *nihilo minus*, *quam ob rem*, *et enim* &c. que escrevem ou separadas, ou juntas, como lhe-parece mais gante. Mas o nosso autor comumente escreve-as unidas.

Algun erro de Ortografia segundo os tais principios, se-cometeo



nesta edisam: o que moralmente nam se-podia evitar, nam sendo o mes-  
mo autor, o que corre a impresam. Estes parece-me que se-podem redu-  
zir, a varios capitulos. I. Puzeram algumas vezes acento agudo, em lugar  
do grave; e polo contrario: o que o autor distingue mui bem. II. Falta o  
acento em algumas palavras, em que o autor costuma polo, ou para evitar  
equivoco, ou para facilitar a pronuncia: v. g. *seria*, verbo: e *seria* adje-  
tivo: *escreveram*, preterito remoto; e *escreveram*, futuro: *fôrma*, nome  
da escola; e *fôrma*, nome de artifice: &c. aindaque neste particular o con-  
texto, comumente tira o equivoco. III. Acha-se alguma linha, em parte  
onde nam devia; ou falta onde devia: mas sam cazos mais raros. IV. Va-  
rias vezes escreveram *i*; por *e*, em *admitir*, *desfirir*, *presfirir*, *permitir* &c.  
que o autor sempre escreve por *e*, *admetir* &c. conformando-se, segundo  
diz, com a pronuncia comua, e facil, que sempre exprime o *e*, tirando  
em bem poucos. Polo contrario puzeram tambem *e* por *i*, em *ingano*, *in-  
contrar*, *intrar*, *inganar* &c. que o autor sempre escreve por *i*, pola mes-  
ma razam da pronuncia. V. Falta alguma virgula onde devia estar, segun-  
do os principios do autor: e alguma se-acrecentou. VI. Dividiram algumas  
palavras mal no-fim das regras: v. g. *min-ha*, *conheso*, *mel-hor*, *ba-sta*,  
&c. devendo porem o *n*, e *l* das primeiras unir-se com *h*; e o *s* da segun-  
da com o *a*. Em *inco-gnito*, *per-spectiva*, e outras poucas que tem origem  
Latina, ou sam quazi Latinas, intendo que é melhor, dividilas nesta fór-  
ma, seguindo o estylo Latino.

Estes erros succederam mais frequentemente, nos principios de am-  
bos os tomos, que se imprimiam juntos: tempo em que o corretor nam ti-  
nha toda a noticia, da Ortografia do autor. Mas como os ditos erros nam  
pervertem o sentido do-discurso; por iso os-nam-apontei nas erratas. E assim  
só apontei aqueles, que me-apareceram que mudavam o sentido, ou que  
eram totalmente contrarios, ao estylo do autor, ou comum da dita lingua.  
Com as reflexoens que aqui aponto, pode o leitor cortex emendálos, quan-  
do s'incontrarem: tendo á vista esta regra: Que achando-se diversidade em  
alguma palavra, que às vezes tem uma letra, e n'outras ocazioens letra di-  
ferente; observe o que é mais frequente; e saiba, que iso é o que o autor  
aprova.

Advirto alem disto, que os que impremiram estes tomos, serviram-  
se deste U, para vogal; e d'estouro V, para consoante. Tambem advirto,  
que a minha impressa nam tinham estas duas linhas =, para pôr no-fim  
da-regra, na divizam forçada das-palavras: (o que seria necessario para distin-  
guir, o que o autor aponta, na primeira carta) e assim puz somente, a  
linha simplez. O que advirto ao leitor, paraque nam estranhe, faltarem  
aquelas duas linhas, que o autor encomenda, e pratica: aindaque com uma  
só linha, muito bem se-conhece, e distingue o sentido. Finalmente advir-  
to, que puz alguns titulos das materias, no corpo de algumas cartas. v. g.  
na da Gramatica, Medicina, &c. o que fiz, para facilitar a intelligencia  
leitores, e distinguir as materias. Isto é, RR. P. o que tenho que ad



nesta carta, sobre a impressam, e intelligencia das-ditas cartas. O mais que se-contem nelas, compendiei nos-sumarios, que puz no-principio de cada-uma, e tambem se-acham no-Index, de cada tomo. Nem me-pertence animo formar juizo delas, quando as-ofereço a pessoas tam doutas, de quem eu devo receber os ditames. Onde acabo a prezente carta, repetindo de novo a VV. RR. a venerasam que lhe-tenho, e dezejando-lhe as maiores felicidades, e a toda a sua Religiam.



# INDEX.

## Do que Contem as cartas do primeiro Tomo.

### CARTA I.

**M**otivo desta correspondencia: e como se-deve continuar. Mostra-se, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portugueza, para comesar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia Portugueza: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da Mocidade. Pagina 1.

### CARTA II.

**D**Anos que rezultam da Gramatica Latina, que comumente se-ensina. Motivos porque nas escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c. pag. 48.

### CARTA III.

**A**Buxos que se-introduziram em Portugal, no ensinar a lingua Latina. Mau modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade, o que é pura Latinidade. Necessidade da Geografia, Cronologia, e Istoria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Apontam-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas. pag. 60.

### CARTA IV.

**N**eceidade das linguas Orientais, principalmente Grega, e Ebraica, para intender as letras Umanas muito principalmente, para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da lingua Franceza, e Italiana, para ser erudito com facilidade, e sem despeza. pagina. 91.

### CARTA V.

**D**iscorre-se da utilidade, e necessidade da Retorica. Mau metodo com que se-trata em Portugal. Vicios dos Pregadores; que sam totalmente ignorantes de Retorica. Que absolutamente deve deixar o antigo estilo, quem quer saber Retorica. pag. 101.

### CARTA VI.

**C**ontinua-se a mesma materia da Retorica. Fazem-se algumas reflexoens, sobre o que é verdadeira Retorica, e origem dela. Que coiza sejam figuras, e como devemos uzar delas. Diversidade dos estilos, e modo de os-praticar: e vicios dos que os-nam-admitem, e praticam. Qual seja o metodo de persuadir. Qual o metodo dos panegiricos, e outros sermoens. Como se-deve ensinar Retorica aos rapazes, e ainda aos mestres. Algumas reflexoens, sobre as obras do P. Antonio Vieira. pag. 102.



C A R T A VII.

**F** Ala-se da Poezia. Os Portuguezes são menos versajadores. Prejuizos dos mestres, de não poetarem em Vulgar. Que coisa seja ingenho bom, e mau. Especies de obras de mau ingenho, em que caíram alguns Antigos, mas principalmente os Modernos. Necessidade do Criterio, e Retorica, em toda a sorte de Poezia. Primeiro defeito de Poezia, a inverosimilitude: exemplos. Segundo defeito, os argumentos ridiculos. Reflexoens particulares, sobre as composicoens pequenas Portuguezas; que não podem dar nome, a um homem: defeitos da Nasam, provados com exemplos. Reflexoens sobre o Epigramma Latino, Elogios, inscriçoes Lapidares, Eglogas, Odes, Satiras, poemas Epicos. Que os Portuguezes não conhecêram as leis, do poema Epico: prova-se com Camoens, Chagas, Botelho de Moraes. Aponta-se o metodo, com que se deve regular os rapazes, no estudo da Poezia. Nova ideia de uma Arte Poetica, util para a Mocidade.

pag. 176.

C A R T A VIII.

**T** Rata-se da Filozofia. Mau metodo com que se trata em Portugal. Advertencia das outras Nasoens, em procurar a Ciencia. Necessidade da historia da Filozofia, para se livrar de prejuizos. Ideia da serie filozofica. Danos e impropriedades da Logica, que comumente se explica. Dá-se uma ideia, da boa Logica.

pag. 272.





# CARTA PRIMEIRA.

## SUMARIO.

*Algea*

**M**otivo desta correspondencia: e como se-deve continuar. Mostra-se, com o exemplo dos-Antigos, a necessidade de uma Gramatica Portuguesa, para comesar os estudos. Da-se uma ideia, da-melhor Ortografia Portuguesa: e responde-se aos argumentos contrarios. Que o Vocabulario do-Padre Bluteau se-deve reformar, para utilidade da-Mocidade.

**M**EU amigo e senhor. Nesta ultima carta, que recebo de V.P.entre varias coizas que me-propõem, é a principal,o dezejo que tem,de que eu lhe-diga o meu parecer, sobre o metodo dos-estudos deste Reino: e lhe diga seriamente,se me-parece racionavel,para formar omens,que sejam utis, para a Republica,e Religiam:ou que coiza se-pode mudar,para conseguir o dito intento. Alem disto, quer tambem,que eu lhe-dé alguma ideia,dos-estudos das-outras Nafoes, que eu tenho visto. Quanto às outras proguntas, parece-me que bastantemente respondo, enviando-lhe o papel incluzo: no-qual achará, tudo o que queria saber. Mas polo que respeita ao negocio, dos-metodos diferentes de estudos, duvidei por-algum tempo, se obedeceria a V. P. e tinha algumas razoes, que me-pareciam forsozas; suposta a grande pratica que tenho, deste mundo, e deste Reino. Eu sou Estrangeiro: e com dificuldade me-explicarei em uma lingua, que nam manei no-berfo. Que nas minhas cartas particulares, eu cometa erros, a bondade de V. P. mos-desculpa. mas se eu escrever em materia, que se-posa mostrar a outrem; e me-fugir da-boca, alguma exprefam menos propria; averá censores tam dezumanos, que me-condenem, por escrever em lingua alheia, talvez sem advertirem, que iso está sucedendo todos os dias, aos mefmos nacionais, que frequentemente os-cometem. Alem disto, sempre foi coiza odioza, dar regras em caza alheia: e lembrando-me eu de alguns, que me-diseram muito mal do-grande servifo que fez ao Reino o P. Bluteau, compondo o seu Vocabulario; via de longe, a tempestade que se-levantaria contra mim, se



meu parecer tivese a infelicidade, de sair das-maõs de V.P. Mas a maior razam era, porque isto, de emendar o mundo, e principalmente o querer arrancar certas opinioens, do-animo de omens envelhecidos nelas, e confagradas ja por-um costume, de que nam à memoria; é negocio, que excede as forças de um só omem: e principalmente de um omem, de tam pouco merecimento, e autoridade como eu. E V.P. que é tam verfado na Istoria, pode trazer à memoria, mil exemplos destes, que deram, e ainda oje dam, ao mundo Literario, materia de grande admirafam. Lembrou-me tambem, que eu sou Religiozo, em uma Religiam, em que geralmente florecem pouco os estudos: e que por-este principio, nam faltariam omens ainda prezados de doutos, que, se chegafem a saber, de quem eram as cartas, as-desprezafem; sem terem a paciencia, de examinar as minhas razoens: por se-perfuadirem, que certos accidentes exteriores, de emprego, vestido, &c. conduzem muito, para o merecimento das-obras: e que, sem pizar os ladrihos de certas Univerfidades, nam se pode fazer coiza boa.

Estas, e outras coizas, que se me-ofereceram à memoria, me-tiveram, como lhe-dise, duvidozo. Finalmente as repetidas instancias que V. P. me-faz: a fua grande autoridade: e as plauziveis razoens que me-alega, me-fizeram pegar na pena, para escrever o meu parecer. V. P. segura-me certas coizas, que nam fãm de pouca confiderafam. Diz-me, que oje á muita gente do-feu parecer, nam só entre os Seculares, mas tambem entre os Regulares: de que me-cita bons exemplos. Diz-me, que o bom gosto nas Artes, e Ciencias, se-comefou a introduzir em Portugal, no-feliz reinado deste Augusto Monarca: o qual nisto tem ajudado mais o Reino, que todos os seus antecessores. Finalmente promete-me, que as minhas cartas, nam fairãm da-fua nam, ao menos em meu nome. Com estas condicoens, obedefo a V.P. e me-gloreio muito, que um omem da-fua literatura, nam despreze o parecer, de um fugeito de tam pouca doutrina. Dividirei o argumento, em varias cartas: e como as minhas occupaçoens, e molestias mo-permitirem, irei comunicando a V.P. as minhas reflexoens. Devo porẽm, nêsta primeira carta, fazer algumas protestas. Primeira: Que eu nam acuzo, ou condeno, pessoa alguma deste Reino. Se às vezes nam me-agradam as opinioens, nem por-ifo estimo menos os fugeitos, e autores. distingo muito o merecimento pesoal, do-estilo de cada um, ou metodo que observa: e pofo fazer esta separafam, sem ofender pessoa alguma.

Esta reflexam para V. P. é superflua, pois conhese mui bem o meu animo; e sabe, que eu só peço na pena, para lhe-dar gosto. Mas porque poderá ler esta carta, a algum ignorante, ou malevolo; que intenda, que eu, dizendo o que me-parece dos-estudos, com isto digo mal, da-Religiam da-Companhia de Jeju; que neste Reino, é a que principalmente ensina a Moralidade: devo declarar, que nam é esse o meu animo. Eu venero esta Religiam. doutrinada, por-agradecimento, e por-justifa. Por-agradecimento, que se peço que fei, eles mo-ensinaram: e ainda que nas escolas nam aprendendo, aprendi-o conversando com eles particularmente, e lendo os seus au-



autores. Sempre conservei com elles, intrinseca amizade: e d'isto conservei uma memoria sempiterna. Por-justiça, porque sendo todas as Religioens veneraveis; esta o-é mais que todas, segundo a minha opiniaõ. Parece que mandou Deus à Igreja estes Religiozos, unicamente para utilidade dos-proximos. pois elles ensinam a doutrina, e piedade, com grande amor, e trabalho: sacrificam-se polos Fieis, em todas as ocazioens; e são perpetuos defensores da-Igreja Catolica, como confessam os mesmos Erejes. Estes são os motivos da-minha veneraçã, e parcialidade por-elles. Mas assimcomo-nem todos os Jezuitas, seguem as mesmas opinioens de doutrina, mas permitem aos seus mesmos, a liberdade de filozofar, dentro dos-limites do-justo; e uns são contrarios de sentimentos a outros: Assimcomo alguns Jezuitas Estrangeiros, tem reprovado diante de mim, o metodo de Portugal; e alguns Portuguezes me-confesaram, que o-seguiam por-necessidade, e nam por eleisam; e confessaram limpamente, que se-podia, e devia emendar em muitas coizas: (achará V. P. muitos, que lhe-digam, que aquella Logica Carvalha, e Barreta, nam se-deviam explicar nas escolas, mas coizas mais utis: o que eu ouvi muitas vezes) Assim tambem nam será maravilha, que eu me-desvie em muitas coizas, do-estilo que seguem, os Religiozos da-Campainha neste Reino: e reprove outras, que observam alguns dos-seus autores. Para tudo teria exemplos na mesma Companhia, e tambem em Portugal. Mas nam me-é necessario tanto: porque os mesmos Jezuitas, reconhecem de antemam esta verdade; e sabem, que, sem injuriar uma Religiam, pode um omem, ser de contrario parecer. Conhecem muito bem estes doutos Religiozos, que nestas diferencas de pareceres, nam deve entrar o coraçã, porque estam fora da-sua jurisdicã: e se-podem dar entre peoas, mui unidas de inclinã. Os Jezuitas todos são prudentes: e nenhum omem prudente ignora, e contrareia estas coizas. Os individuos de uma comunidade, nem todos são de igual talento: e as comunidades de uma Religiam, nem todas seguem o mesmo metodo. Alem d'isto, aqui em Portugal, à muita outra gente que ensina. os outros Religiozos, ensinam os seus, e os de fora. os mestres seculares, tambem ensinam. E assim as minhas opinioens, podem ter por-objeto, nam uma só peoã. Isto me-bastã advertir a estas peoas, que querem saber mais os autores: e quererãm explicar, e interpretar mal as minhas palavras. Onde concluo, que a todos venho, e estimo mui particularmente: somente direi, o que me-parece se-devia fazer, para poder instruir com fruto. A segunda coiza é: que eu nam me-cansarei, em escrever Portuguez elegante: mas me-servirei das-palavras, de que comumente me-sirvo, no-discurso familiar. Nas materias de doutrina, por-forã devo servir-me, de algumas palavras, que nam são Portuguezas: o que tambem fazem os Latinos, quando tratam semelhantes pontos. porque no-estado em que as coizas estam, nam se-servindo das-ditas palavras, é possível, explicar bem as materias. E assim deve V. P. estar prepa-



para nam se-admirar, de alguns termos novos; e para me-desculpar, os erros que possa cometer. Ocorre-me ainda terceira: e vem a ser, que eu supponho, que V. P. me-dispença, de citar todos os momentos autores, de que tiro algumas das-noticias, que lhe-difer. com tanto que eu aponte, o que é necessário, nam importa quem o-diz. Basta que eu diga, uma vez por todas, que a maior parte do-que digo, experimentei eu mesmo: outras coizas, observei em terceira pessoa; ou li em autor aprovado. V. P. olhe para a razam, em que eu me-fundo: porque esta deve valer mais, que a autoridade extrinseca. Tambem incidentemente digo, nam a V. P. que sabe conhecer as coizas; mas a algum, que possa ler estas cartas: que, se algumas vezes apontar como optimos, alguns autores Erejes, nam louvo nelles a sua particular religiam, mas a erudisam, ou metodo. Comumente avizarei, quaes são os Erejes, paraque nam se-loiam, sem licença devida. Mas se acazo me-esquecer entam advertilo, aqui o-advirto para sempre.

Comeso pois nesta carta, pola Gramatica: que é a porta dos-outros estudos: da-qual depende, a boa eleisam dos-mais. Porque muitos nam intendem, o que significa este nome, por-isto nam fazem, grande progresso na Gramatica. Eu, ainda que falo com V. P. que o sabe, falarei daqui emdiante, como se faláse, com quem o nam soubele.

A Gramatica, é a arte de escrever, e falar corretamente. Todos aprendem a sua lingua no-berço: mas se acazo se-contentam com esta noticia, nunca falarám como omens doutos. Os primeiros mestres das-linguas vivas, comumente são molheres, ou gente de pouca literatura: de que vem, que se-aprende a propria lingua com muito erro, e palavra impropria, e pola maior parte palavras plebeias. É necessário emendar com o estudo, os erros da-quela primeira doutrina. Uma razam, aindaque boa, um pensamento exquisito, exposto com palavras toscas, ou que nam signifiquem, o que se quer; dezagrada muito, e comumente nam persuade. Contudo isto por-muitos seculos, se-contentáram os Omens, de falar, como primeiro lhe ensinaram. Nam foi senam despois do-terceiro milenario, que os Omens, se-aplicáram a falar bem. Foram os Gregos os primeiros, de que a Istoria nos-aponta, que se-aplicasem a este estudo: e tal vez os unicos, entre todos os Orientais. A sua Gramatica consistia; em conhecer bem as diferencias das-letras: ler, escrever, e falar bem. Explicavam tambem os Poetas; nos-quais aprendiam a Politica, e Religiam. O governo da-Grecia, que era quazi todo de Republica, (nas quais as publicas assembleias do-Povo, deliberavam nos-maiores negocios) lhe-inspirou este dezejo. conhecéram eles, quanto importava falar bem, para falar em publico: e se-aplicáram tanto a isto, que deram, e ainda oje dam, documentos a todo o mundo. Talvez niso foram mais scrupulosos doque convinha: porque, para conservar a sua lingua pura, nam queriam aprender, lingua alguma estrangeira. Estavam tam satisfeitos, das-qualidades da-sua lingua, que quazi desprezavam as outras todas. desorteque

quando



quando os Romanos, depois de vencidos os Gregos, os transportaram a Roma; avendo nesta tantos, e de diferentes gerarchias, se-observou (como nota um autor de bom juizo) que os Romanos, aprenderam o Grego; mas nenhum Grego, estudou a lingua Romana: aindaque com o uzo, alguma coiza entendese. Este costume, durava ainda nos-tempos de Cicero.

Com a lingua pasou da-Grecia para Roma, a inclinaram para a Gramatica. porque se-observou, que a lingua Latina se-comesou a aperfeiloar, desde o tempo dos-Cipioens, e continuou até o seculo de Augusto. que é justamente o tempo, em que os Gregos, destruido o seu imperio, comunicaram a sua lingua aos Romanos. Pois aindaque, desde o tempo da-guerra com os Sanitas, e outros Povos da-Magna Grecia, pelos anos de Roma 471. algum Romano comesase a intender, e falar o Grego; foi raro; e somente para poder entendelos nas Embaixadas, e coizas semelhantes, é que se-aprendiam. nam era vulgar este estilo: o que só succedeo ao depois. Foram os Romanos os primeiros, que aprenderam voluntariamente lingua estrangeira. o que nam consta, que Povo algum, antes deles, tivese feito. E nisto mesmo, me-parecem mais racionaveis: porque conhecendo a necessidade dela, para o estudo da-Filozofia, Matematica, e belas Letras, nam se-entvergonharam de receber liçoens, daqueles mesmos a quem tinham vencido, e davam leis. Este é um grande elogio, para uma Nasam tam considerada, como a Romana: conhecer que é vencida em merecimento; e confesar publicamente este vencimento; e pér o remedio a esta falta. Paolo Emilio, aquele grande omem, que destruiu na pessoa de Perseo, o imperio de Macedonia, antes de tornar para Roma, pediu aos Atheniezes, que lhe-buscasem um excelente Filozofio, para acabar de instruir, seus dois filhos. Outros omens grandes, que por-brevidade nam aponto, seguiram o seu exemplo. Lelio, e Cipiano Emiliano, que tanto sabiam a lingua Romana, eram inseparaveis, dos-seus mestres Gregos: dos-quaes nam só aprendiam a Filozofia, mas tambem a Gramatica; e o modo de falar bem, e aperfeiloar a sua lingua. Os Filozofos daquele tempo, nam se-ocupavam somente, com discursos aereos de Logica; mas estendiam o seu conhecimento, para muitas outras coizas.

Mas, é necessario confesar uma verdade; em todo o tempo ouve dificuldade, em se-receberem costumes novos, ainda que fossem utis. os Velhos nam querem ceder dos-costumes, que uma vez esposaram. Isto vimos em Roma, no-consulado de Estrabo, e Messala: que publicaram um decreto, em que ordenavam aos Filozofos, e Retoricos, sairem de Roma. (1.) Catam o velho, que temia, que os Romanos, pola vaidades de quererem falar bem, servissem mal à Republica no-officio das-armas; foi um grande protetor disto. Mas a Verdade, por-mais que se encubra, sempre transpira. Trez Embaixadores Atheniezes, que, cinco ou seis anos depois do-tal

(1) Sueton. de Cl. Rhet. C. I.



creto, vieram a Roma, namoráram todos com os seus discursos. e, nam obstante a repugnancia de Catam, e de alguns outros, os estudos das belas Letras se-introduziram em Roma, e cada dia mais se-aumentáram. (1) A Grecia foi reconhecida por-mestra: e Atenas foi sempre reputada, a Univerfidade de Roma: aonde se-mauidavam os nobres Romanos, para aprenderem o bom gosto. Os dois celebres Antonios, Atico, Cicero pai, e filho, e muitos outros lá foram aprender o que souberam. e o que mais cauza admirafam, é, irem em tempo, que as letras tinham defcaido na Grecia. tal era a boa opiniam que tinham dela! Outros muitos Gregos vinham a Roma, e publicamente ensinavam, os estudos Gregos.

Com este exemplo, pouco mais de um feculo antes de Cristo, se-abriram escolas Latinas em Roma. as quais, ainda que com alguma contrariedade, felizmente, e com grande concurso se-continuáram. Delas saíram omens mui grandes, que apuráram, quanto puderam, a lingua propria. Tais foram Cota, Sulpicio, Ortenfio, Marco Cicero, Caio Cezar, Marco Bruto, Messala, Afinio Pollio, e muitos outros que entam, e oje veneramos, como mestres da-lingua Latina. A' imitafam dos-Gregos, comesáram os Romanos a aprender, a Gramatica da-sua lingua, no-mesmo tempo que aprendiam a Grega. A Gramatica, nam se reputava, coiza de pouca importancia: mas a-confideravam como baze da-Eloquencia: e por isso a ela se-aplicavam omens grandes; e nela empregavam um tempo confideravel, os que queriam, fazer figura na Republica. Os livros Retoricos de Cicero, principalmente os trez *de Oratore ad Quintum Fratrem*, especialmente o ultimo: o livro intitulado: *Orator ad Marcum Brutum*: e o *de Oratoriis Partitionibus*: nam só ensinavam Retorica, mas principalmente falar a sua lingua, com toda a pureza, e grafa: que era uma parte principal da-Retorica. Caio Julio Cezar, aquele grande omem em armas, e letras, nam se-envergonhou, de escrever dois livros, sobre a Analogia da-lingua Latina. (2) Marco Terencio Varram escreveu comentarios doutifimos sobre a sua lingua, e uma Gramatica. Continuou este costume, até o tempo de Quintiliano, e seu dicipulo Plinio o mofo: o qual Quintiliano, alem de nos-explicar, como se-enfinava a Gramatica Latina; ele mesmo nos-deixou uns Elementos dela, no primeiro livro das-suas Instituisoens. E é de crer, que se-continuase este estilo, até os principios do-quinto feculo de Cristo; em que os Godos entráram em Roma: ou um pouco despois, em que os Ostrogodos se-estabeleceram na Italia, e arruináram o imperio Latino: abrindo com isto a porta aos Longobardos, que nela domináram tantos anos. Desfortequem com o Imperio no-Occidente, se-pode dizer, que se arruinou a lingua Latina: porque comezando a destruir-se, com a mesclã de outras palavras, foi necessario emendála com o estudo, e fazer Gramatica dela. Este

*Auditis oratoribus Græcis, cogni-  
e eorum literis, adhibiti sique doc-  
incredibili quodam nostri*

*homines dicendi studio flagraverunt.  
Cicero l. I. de Orat. num. xiv.*

(2) *A. Gel. l. I. c. 8.*



Este metodo de ensinar aos nacionais, a Gramatica da-sua lingua, nam só praticáram os Antigos; mas até em um seculo barbaro, qual foi o de Carlo Magno, foi conhecido, e praticado: e o mesmo Carlo no-dito VIII. seculo, escreveo uma Gramatica Tudeica, que era a lingua da-sua corte. Nos-seguintes seculos até o duodecimo, em que a ignorancia tanto dominou, nam foi ignoto este uzo. Mas alguma Gramatica que se-fazia, era para intender o Latim. os livros eram rarissimos. a critica nenhuma. e assim nam é maravilha, se nam se-aplicáram ao que deviam. Desde o seculo duodecimo até todo o seculo dccimo-sexto, reinou outra particular ignorancia, sobre o metodo. Muitos se-aplicaram às letras, mas muito mal. só reinavam as agudezas, e o estilo ridiculo. No-seculo pasado, é que resuscitou este metodo, de ensinar a Gramatica da-propria lingua.

E, na verdade, o primeiro principio de todos os estudos deve ser, a Gramatica da-propria lingua. A razam porque nos-parece tam dificultoso, o estudo da-Gramatica Latina; (alem de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos-perluadimos, que toda aquela machina de regras, é particular da-lingua Latina: e nam á quem nos-advirta, quais sam as formas particulares desta lingua, a que chamam *Idiotismos*: quais as comuas com as outras. Se a um rapaz que comela, explicassem, e mostrassem na sua propria lingua, que á Verbo, Cazo, Adverbio &c. que á formas particulares de falar, deque se-compoem, a Sintaxe da-sua lingua: Se sem tantas regras, mas com mui simplezes explicaçoens, fizessem, com que os principiantes reflectissem, que, sem advirtirem, executam as regras, que se-acham nos-livros: e isto, sem genero algum de preceitos, mas polo ouvirem, e exercitarem: Seguro a V. P. que abririam os olhos por-uma vez, e intenderiam as coizas bem: e se-facilitaria a percesám das-linguas todas.

Isto suposto, julgo que este deve ser, o primeiro estudo da-Mocidade. e que a primeira coiza, que se lhe deve apresentar é, uma Gramatica da-sua lingua, curta, e clara: porque neste particular, a voz do-Mestre, faz mais que os preceitos. E nam se-devem intimidar os rapazes, com mau modo, ou pancadas, como todos os dias succede: mas, com grande paciencia, explicar-lhe as regras: e, sobre tudo, mostrar-lhe nos-seus meimos discursos, ou em algum livro vulgar, e carta bem escrita, e facil; o exercicio, e a razam, de todos eses preceitos. Se me-tocase o-fazelo, regularia tudo desta maneira. Primeiro, explicaria brevemente as regras: e obrigallos á repetir, as meimas noticias gerais. Depois, darlheia um livro de Cartas, vg. as do-P. Antonio Vieira: escolhendo as mais facis: ou alguma istoria pequena, digo, que tivese capitulos pequenos, e periodos nam mui compridos: e mandaria, que a-lessem: e no-mesmo tempo apontaria, quais eram as partes da-orasam. o que se-observa, com grande facilidade. Juntaria a isto, as regras mais principais de Sintaxe: porque como tudo se-á de recozer na Latinidade, basta nesta ocaziam, uma noticia geral.



tos estes principios, ensinaria duas coizas, mui principaie em matéria de linguas. a primeira é, a propriedade das-palavras: mostrando-lhe, a força de cada uma daquelas, que iam menos comuas. a segunda é, a naturalidade da-frase: ensinando-lhe, que a afetaçam, se-deve fugir em tudo: e que se-deve cuidar em explicar tudo, com palavras mui naturais. Alem disto, ensinaria aos rapazes, pronunciar bem, e ler expeditamente. Este ponto, é mui necessario: achando-lê todos os dias omens feitos, que lem soletrando, e cantando: e que dizem mil barbarismos. o que tudo procede, de nam terem tido mestres, que lhes-ensinassem bem. Quando os rapazes estivessem mais adiantados, obrigá-losia, a escrever algumas cartas, a diversos assuntos. e introduziria entre dois, uma correspondencia epistolar: ensinando-lhe os tratamentos, e modo de escrever, a diversas peoas. Nesta ocaziam tem lugar, ensinar-lhe a boa Ortografia, e Pontuaçam. E' incrivel, a utilidade que daqui resulta, nam só para a intelligencia da-Latinidade; mas para todos os estudos da-vida. Este estudo pode-se fazer, sem trabalho algum: e se-pode continuar no-mesmo tempo, em que se-explica o Latim: bastando meia ora cada menhan, ler, e explicar o Portuguez. Isto se-pratica oje, em algumas partes da-Europa. e só os que nam tem juizo, para conhecerem a utilidade, que daqui rezulta, é que negam, a neccsidade deste metodo.

Mas aqui, deixe-me V. P. lamentar, e admirar, a negligencia dos Portuguezes em promover, tudo o que é cultura de ingenho, e utilidade da-Republica. Ainda até aqui, nam tem cuidado nestas coizas: e será rarissimo, o que souber, que esta Gramatica pode ser util. Especialmente nóto isto, sobre a falta de escritos, para instruir um Secretario principiante. (falo dos-secretarios dos-Grandes, e de tudo o mais, forá das-Secretarias Reais.) Nas-outras Nasoens á livros, que ensinam a qualquer, a urbanidade e ceremonial do-seu Reino. Como escrevem os Reis, e os Grandes entre si, e às peoas de diferentes gerarchias mais inferiores. como os inferiores escrevem, a toda a sorte de peoas de maior esfera, tanto Secular, como Ecclesiastica. &c. apontam-se os sobrescritos, e poem-se algumas cartas para exemplar. Isto ensina a todos; e impede o fazer erros. Mas em Portugal, é desconhecido este metodo. Um secretario de um Bispo, ou Cardial, ou Fidalgo, ou Dezembargador &c. governa-se por-uma pura tradisam; ou porque assim vio alguma carta; sem mais conhecimento da-materia. Comtantoque um moço, tenha um carater comprido, e desembarafado, a que eles chamam, letra de Secretaria, é o que basta. Confeso a V. P. que ainda até aqui, nam vi secretario algum destes, que soubese escrever duas palavras, com juizo. que teccese uma carta, considerando quem escreve, e a quem escreve: e m que circumstancia: se com dependencia, ou sem ela: se por-agradecimento de alguma fineza, atensam, ou por-outro motivo. Nam consideram circumstancia alguma das: as quaes podem deveriam considerar muito; porque fazem a carta, ou menos abundante de atensam: Sendo certo, que o Secretario, deve



ve conservar o decóro de seu anno : mas no-mesmo tempo deve procurar, que pareça mais cortez que possa ser. Mas isto , é o que eles nam intendem, e nada mais cuidaõ , que mostrar , nam digo a grandeza , mas a soberba de quem escreve. Vera V. P. um pobre Cavalheiro das-Provincias, do-qual se pode dizer , como disse aquele noso amigo = *Est res angusta domi* = ; escrever uma carta , com mais soberania e magestade , que nam fará o Papa. porque este , comumente poem = *Dilecto filio* = : e aquele , comefará uma carta *ex abrupto* , e imprudentemente , sem atensam alguma. Os de maior gerarquia , ainda fazem pior. e apenas se achará um , que nam quer amoftrar na carta , que é mais , da-pessoa a quem escreve. Por-fóra : costumam pôr = *do-Bispo Fulano : do-Marquez Sicrano* = &c. á coiza mais digna de rizo doque esta ! As cartas mandam-se lacradas , para que ninguem saiba , de quem sam ; e nem suspeite , o que contem : e estes tais poem , e afinam-se de fóra ! Que o-faça o Secretario de Estado , ou outro Ministro , que tem jurisdifam publica : é justo : paraque todos conheçam , de quem é a carta ; e , se mais succeder perdela , quem a-char , a-entregue ; e lhe-tenham o respeito , que é devido. mas que o-falam os outros , e em negocios particulares ; e que o-falam por-grandeza , merece compaixam. Tenho visto milhares de cartas , de Cardiais , Princepes Soberanos de outros Reinos , e muitos outros Gran-senhores , e nenhum praticava esta rapaziada. Mas eu vi mais doque isto : porque vi carta de uma grande pessoa , que V. P. conhece , que escrevia a outro mui condecorado , que tinha no-sobrescrito : *A Fulano* : pondo o simplez nome , sem *Senhor* , nem titulo , &c. e dentro afinava-se , sem lhe-fazer comprimento , como se-faz nas Patentes.

Pertencem à classe acima , os que carregam o sobrescrito , com todas as circunstancias de *Pai* , *Primo* , *Cunhado* &c. o que tudo pode dar ocaziam , a abrir a carta por-curiozidade. O mesmo digo , dos-que poem , *Familiar do-S. Officio* , e outras coizas destas. Basta pôr um titulo principal , ou , quando muito , dois maiores : os mais ja se-intendem , ou se-supoem. Estes sam semelhantes àquelles , de que ja falámos tantas vezes , que , no-titulo das-censuras dos-livros , poem uma enfiada de empregos velhos : *Ex-Provincial* : *Ex-Definidor* : &c. e dos-quais V. P. dizia , com tanta grafa , que lhes-faltava pôr : *Ex-Porteiro* : *Ex-Guardiam* : *Ex-Procurador* . &c. O pior é que nisto , caiem tambem os Seculares : e poem frequentemente : *Colegial que foi no-Colegio de S. Paulo* : *Lente que foi de Leis* , ou *de Instituta* . &c. só lhes-falta acrecentar a prepozifam , e dizer : *Ex-Colegial* : *Ex-Leitor* : *Ex-Secretario* : *Ex-General* : *Ex-Coronel* . Que tendo os empregos , os-declarem ; é mui justo : mas que ponham os que tiveram , e sam inferiores aos que oje tem ; é uma vaidade mal fundada : e é querer ser estimado , mais polos empregos , que pelo merecimento. Leia V. P. a istoria , que escreveu Alexandre Ferreira , e verá , que no-titulo da-obra , escreve toda a sua vida. Outros fazem dedicatorias de livros , a pessoas Grandes , e enchem boa m



folha de papel, de titulos: *Capitam-mor de cá: Alcaide-mor de lá: &c.* Quando tiverem dito: *Marquez, ou Conde; Conselheiro, ou General &c.* estes titulos sorvem todos os outros. Destes se-pode tambem dizer, que lhes-esqueceo escrever, todas as quintas, e cazas, que posuem em diversas Villas, e Cidades, as peoas a quem louvam, e dedicam as obras.

Em Italia, seria grande injuria, tratando-se com um grande Principe, por-lhe todos os titulos: porque era mostrar, que sam menos conhecidos polo nome, e peoas. A' cazas, que tem muitos Principados, Marquezados, Condados: e nam sómente de titulo, mas com inteira jurisdicam e dominio, pois tem o direito = *Vita & Necis*: e contentam-se com um só titulo, ou, quando muito, dois: Vg. Lonrenso Colona, Duque de Paliano, Condestavel do-Reino de Napoles. Domingos Orfini, Duque de Gravina. Prospero Conti, Duque de Poli. Estas cazas tam antigas, que algumas contam mais de mil annos, e tem dado, alem de infinitos Cardiais, 13. Papas, outras cinco, à Igreja de Deus; nam fazem vaidade destes ridiculos titulos; porque sabem, que sam mui bem conhecidas. Mas os\*\*\* e principalmente os Portuguezes, governam-se por-outros principios. Tem alem disto estes Senhores por-injuria, se lhe-escrevem por-secretario; e quando nam vem toda a carta, de proprio carater, tocam a fogo. Veja V. P. quam diferentes sam, os costumes estrangeiros! Em Roma, aonde o ceremonial está tanto em vigor, que às vezes é excessivo, nam se-faz cazo de tal coiza. escreve um Cardial a outro, por-secretario. escrevem os inferiores &c. por-secretario. Isto nam prova descortezia, mas que um omem, é sumamente ocupado. nem peoa alguma faz cazo disto. Somentes se-pratica, escrever de proprio punho, quando é primeira carta de cerimonia a peoa grande, ou quando respondo, a quem escreve de proprio punho: ou n' outros cazos assim. Mas aqui, seria um cazo rezervado, praticar o contrario.

Ora tudo isto, é intender mal as coizas: é falta de educacam: falta de livros bons: e é expor-se ao rizo dos-omens de juizo. Isto pois deve acautelar o mestre, quando instrue os rapazes. deve informar-se das-coizas: ensinar-lhe como se-devem regular: e finalmente dizer-lhe em poucas palavras aquilo, que, por-falta de livros, sómente se-pode saber, com uma longa experiencia. Estas coizas devem-se tratar, nestes primeiros estudos.

Despois de ter escrito isto, me-veio a mam, uma Gramatica Portugueza, composta polo P. Argote, Teatino. Verdadeiramente nam é Gramatica completa: mas o autor declara, que só dá regras, para facilitar a intelligencia da-lingua Latina. O juizo que formo desta Gramatica, é este. O autor, introduzindo um dialogo enfadonho, disse, em muitas folhas, o que podia dizer em poucas regras. Os dialogos, nam servem mais, que de fazer mil repeticoens sem necessidade. servem de canjar a memoria aos rapazes, sem frutto: ensinando-os a falar como papagaio: visto-que nam intendem o que dizem. quando polo contrario poucos preceitos, bem explicados com a viva voz do-



do-Mestre , ensinam mais , com menos trabalho. Isto , quanto ao metodo. quanto às regras : O que diz da-Analogia das-vozes , parece-me mui bem ; e pode-se ensinar com utilidade. A Sintaxe de *concordar* , pode passar : a de *reger* , nada me-agrada. O P. Argote dezemparrou o seu mesmo metodo , por-seguir os erros de Manoel Alvares , e multiplicar regras sem necessidade ; afinando regencias fallias : quando tudo aquilo se reduzia , a explicar a regencia dos-Cazos , polas regras fundamentais ; que sam mui poucas. Isto é o que deve cuidar o Mestre : reduzindo as regras , às verdadeiras causas da-regencia : apontando algum particular idiotissimo , &c. porque isto basta : visto que a Gramatica Latina , tambem se-deve explicar em Portuguez , e com poucas regras. A terceira parte , da-sintaxe *Figurada* , tirando a extensam , tambem pode passar. Na quarta parte , o que diz dos-Dialetos &c. pode passar : ainda que tudo aquilo se dizia , em duas palavras. o que diz do-modo de reger a lingua Portugueza é uma grande superfluidade , e *pedanteria* : visto que nam á mestre tam tolo , que nam saiba , como á-de reger , uma carta Portugueza. Isto se-faz , quando o estudante nas escolas , vai lendo a lingua dita : e o mestre lhe-explica , o dialeto da proza , e do-verso. Antes seria loucura , querer explicar ao principio , o dialeto do-verso. porque os Poetas , que pola maior parte nam pezam bem as coizas , sem excetuar o Camoens ; caíram na parvoice , de aportuguezar mil palavras Latinas , sem necessidade alguma : e assim nam é coiza para rapazes. Antes , polo contrario , deve o mestre advertir-lhe , que esse estylo , nam se deve uzar. Finalmente , a Ortografia do-P. Argote nada vale , como abaixo direi. Mas , em quanto nam apparece outra , ou se reforma esta arte ; pode o mestre uzar dela , com as ditas cautelas.

Devo tambem dizer a V. P. alguma coiza , sobre a Ortografia Portugueza. noticia que me-parece mui necessaria , e que com todo o cuidado se-deve comunicar aos principiantes : pois da-falta desta doutrina nasce , que em toda a sua vida , escrevam mal : e , ainda depois de estarem em lugares de letras , é lastima ver , como muitos escrevem. E estas reflexoens , servirám para emendar o que diz o P. Argote , nas suas *Regras Portuguezas* , e algum outro.

Isto suposto , e compreendendo em pouco , o muito que outros escrevem nesta materia , digo , que os Portuguezes devem pronunciar , como pronunciam os omens de melhor doutrina , da-Provincia de Estremadura : e , posto isto , devem escrever a sua lingua , da-mesma forte que a-pronunciam. Esta é uma singularidade da-lingua Portugueza , que só se-acha nela , na Italiana , e na Castellhana : ainda que esta tenha sua variedade : ponho de parte a Latina : que é morta. Daqui fica claro , que devem desterrar-se da-lingua Portugueza , aquelas letras dobradas , que de nada servem : os dois SS. dois LL. dois PP. &c. Na-pronuncia da-lingua , nam se-ouve coiza alguma , que se fa dobrar , as ditas consoantes. Que se-escreva *Terra* , *Perra* , com do



intendo eu a razão: e o ouvido me aviza, que a pronuncia é fortíssima no *r*. pois quando nam é forte, como em *Pera*, *Caracol*, escreve-se um só *r*. mas em *Elle*, *Essa*, é coiza superflua: porque ou tenha um, ou dois *ss*. sempre se-á-de pronunciar, da-mesma forte. Nas linguas mortas, faço escrupulo, de mudar uma letra: mas nas vivas, em que nós temos todo o poder, e uzo, quando a boa pronuncia nam ensina o contrario, são superfluas as repetiçoens.

Os nosos Italianos sómente dobram as letras, quando a pronuncia é diferente: e são tam escrupulozos observadores da-pronuncia, que nam á Nasam, que os-iguale. De que nasce, a grande difficuldade que os Estrangeiros tem, em pronunciar bem a nosa lingua, nam obstante ser labial. porque nam tendo eles, ouvido tam esperto, para poder perceber, a diferente pronuncia das-letras dobradas; na pronuncia delas, servem-se de uma pronuncia doce e simplez; a qual os-acuza, por Estrangeiros. O motivo que os Nossos tem, para pronunciarem assim, é uma antiga tradiçam, desde o tempo em que a lingua Latina, era viva, e domestica entre os seus antepassados. pois é sem duvida, que os Romanos cuidavam muito, em pronunciar bem a sua lingua; e que os mestres, ensinavam isto aos dicipulos com cuidado. Esta tradiçam conservou-se sempre em Italia. e nascendo o Italiano, da-corrupçam do Latim, conservaram sempre as mesmas letras dobradas, que os Latinos tem: e talvez acrescentaram mais alguma. Donde vem, que os Italianos, achando no-Latim as letras dobradas, pronunciaram-nas como dobradas: e, por-este mesmo principio, pronunciando o Italiano, com alguma semelhança do-Latim, dobraram tambem as letras da-sua lingua: por cuja razão, são nela desculpadas, as repetiçoens. Os Francezes dobram algumas letras, por-necessidade, para distinguirem as pronuncias: outras dobram, porque tomaram os ditos nomes, dos-Gregos, e Latinos, entre os quais antigamente se-pronunciavam, e escreviam assim: como mostram os omens, que escreveram nesta materia. Tambem nisto tem variado muito: e nam são aprovados, pelos melhores criticos. E oje os Francezes mais doutos, regeitam muitas letras, que parecem escuzadas, por se-nam-pronunciarem: como adverte o P. Lima, na sua Arte Portugueza, e Franceza. Muitos Francezes são de parecer, que se-devam desterrar todas. e talvez com o tempo, escrevam como falam: vistoque ainda nam á muito tempo, que esta lingua se-começou a purificar: o que nam excede o tempo, de Luiz XIV. Mas concedamos-lhe o mesmo, que oje concedemos, aos Ebreos, Caldeos &c. é certo, que a lingua Portugueza, todos asentam, se-deve escrever como se-pronuncia: e assim, nam deve receber letras, que se-nam-proferem.

Deste meu parecer, são muitos Portuguezes de boa doutrina, com quem tenho conversado nesta materia: os quais nam podiam sofrer, que, sem a pronuncia a regra da-Ortografia; ainda assim ouvessem omens prezados de outros, que embrulhassem a Ortografia, com a preocupaçam de quererem seguir,



seguir, a derivasam e origem. Se eu ouvele de escrever, tudo o que me ocorre nesta materia, ou tudo o que se-pode dizer nela, faria um longo tratado; que seria contra o meo assunto, e tambem contra a neccidade da-materia, a respeito de V.P. Direi somente, o que pertence ao meu argumento. Nam obstante que eu á muitos anos, viva nesta opiniam, que a Ortografia comua é muito má; e, com esta ideia, tenha feito um tratadinho dela, para uzo, e regulamento meu; contudo nam me-atrevia, a declarar a todos, o meu animo, como faso a V.P. sabendo, que ainda os mais doutos se-ririam, de que um Estrangeiro, viesse dar regras, nesta materia: Sem se-lembrarem, que tambem os que nestes ultimos seculos, escreveram sobre a Ortografia Latina, eram Estrangeiros nela: semque por-iso, sejam mal ouvidos. Mas agora, devendo dizer a V.P. o meu parecer nela, puz de parte, todos os respeitos politicos; e nam só quiz apontar, o que condeno, mas, para o-fazer melhor, tive a curiozidade de ler, o que disse nesta materia o P. Bluteau. cuja leitura me-confirmou, no-meu propozito, e me-convida, a abri-me mais promptamente: porque alfim vejo, que tenho mais padrinhos, doque nam cuidava. (I)

Digo pois, que da-observasam que acima fiz, e maxima que estableci, se-devem tirar as reflexoens, para as outras letras, e para todas as mudansas e correçoens da-Ortografia. E começando pola letra *A*, dobram alguns esta letra, em *Menhuan, Vaan &c.* e deste parecer, é Duarte Nunes de Leam. Nam se-pode intender, a razam destes omens. Na pronuncia, nam se-ouve aquelle segundo *A*; e seria verdadeiro ridiculo, quem o-quizese pronunciar. e assim porque se-aja de escrever, eu nam intendo. O certo é, que a regra da-pronuncia, ensina o contrario. Daqui passando ao *B*, digo, que esta nam se deve conservar, senam naquelles nomes, que especialmente a-tem na pronuncia, como *obstaculo, obstante &c.* mas naqueles, que oje se-pronunciam sem ela, parece-me escrupulo demasiado. Sobre o *C*, acha-se alguma diversidade entre os mesmos Portuguezes, em que lugares deve entrar quando tem cedilha, ç. Comumente antes das-terminasçoens em *ão* o-crevem, e mais em outras partes: sobre o que nam á regra alguma mais, que o uzo. Nisto alguns sam tam escrupulosos, que se encontram escrito com *s*, *Sapato*, fazem um orrivel espalhafato. Outros desterram o dito *c*, e em seu lugar escrevem dois *ss*. Mas para falar a verdade, e examinar as

(I) O Bluteau no-Prologo do-Suplemento, falando com o leitor Pseudo-critico, confessa, que muitos omens doutos, nam dobram as letras no-Portuguez: aindaque condena, que muitos nam observem, a analogia, e derivasam do-Latin, e Grego: que é a costumada cantina dos-Velhos. Reconhece porem, que

seria necessario, reformar a Ortografia Portugueza. Mas, conhecendo isto, adotou no-seu Dicionario, todas as variasçoens de Ortografia dos-autores; como confessa no-Prologo do-Suplemento. O que nam tem desculpa em um o-mem, que estudou trinta anos, o argumento do seu livro.



coizas sem paixão, tudo isto são inuocens. Nenhuma differença na pronuncia se acha entre o *c*, e o *s*: se alguém contareia isto, que me-faça a mercede mo-provar: porque o meu ouvido, que é bastante advertido, não conhece esta diversidade. Isto suposto, por dois *ss*, em lugar do *c*, é uma solenissima ridicularia, sem mais razão, que querer distinguir-se dos-outros. Mas não merecem mais indulgencia, os que se-escandalizam de lerem, *Sapato: Surrador &c.* com *s*: porque na minha estimativa assim se-deve escrever. Eu verdadeiramente não sei donde veio; que o *ça*, se-pronunciasse *sa*: mas se é permitido conjecturar em materia tão obscura, supponho que foi, por-ingano de quem escrevia, que pintava malos: e assim com o tempo tomaram-no por-*c*: Porque a falar a verdade o *c* com cedilha são dois *cc* contrapostos, e que imitam bastante um *s*, assim  $\xi$ : onde continuando a pronuncia do-*s* por-tradição; e achando-se escrito o dito  $\xi$ ; entenderam que era uma particular especie de *c*, e assim o-escreveram. Seja como for, o *c*, em tais casos vale um *s*. e por-esta razão cuida, que é mais proprio, e mais natural, servir-se desta letra simplez, que do-dito *c*. Desta sorte averia menos confusão na Orthografia Portugueza, se assentassem todos, a não escrever antes da *a*, ou *o*, ou *u*, senão um *s*, e nunca o dito *c*. Dirmeão alguns, que também o *c* antes de *e*, ou *i*, vale um *s*: e que será também necessario desterralo, e convertelo em *s*. Mas eu respondo, que á muito diferente razão, porque o *c*, antes de *e*, ou *i*, tem o seu proprio soado, sem violencia alguma: e ainda que se-possa compensar com *s*, contudo neste caso deve-se permitir alguma coisa ao uzo, que o-introduzio. Não assim o *c* antes de *a*: pois para fazer o soado que eles querem, deve violentar-se, sem ter analogia com as linguas, de que deriva a nossa Portugueza: e assim parece-me grande superfluidade. Este é o meu parecer: Contudo se alguém ateimasse a servir-se do-dito *c*, não faria disto um caso reservado: com tanto que confessasse, que igualmente se-pode escrever com *s*: e que não se-escandalizasse, de quem fizesse o contrario.

Desta regra, de escrever conforme a pronuncia, crejo que se-pode achar excessão no-*Ch*. Tem esta letra aspirada com o *h*, uma pronuncia em Portugal semelhante ao  $\kappa$ . e assim dizemos *Choro, Chove &c.* como se estivesse escrito, *Xoro, Xove*. Contudo algumas vezes se-deve pronunciar; como se fosse um  $\kappa$ . o que intendo dos-nomes que vêm do-Grego, e nos-quais se-ouve o  $\kappa$  na pronuncia. v.g. *Architettura, Machina, Chimica &c.* O Bluteau não admite isto, nos-*Opusculos*; e defende, que sempre o *ch* se-deve pronunciar quasi semelhantemente ao  $\kappa$ . Mas ele mesmo se-contrareia no-Dicionario: pois diz, que em Portuguez se-deve escrever, *Archanjo, Patriarcha &c.* com *ch*, ainda que se-pronuncie o  $\kappa$ . Tomara pois, que me-dese a diversa razão, porque em outros nomes oriundos da-mesma Grecia, se-deva escrever com *qui* v.g. *Monarquia &c.* O certo é, que em ambas as partes a razão é a mesma. Antes parece-me, que com maior razão se-deve fugir o *qui*: porque em Por-  
tu-



tuguez depois do *q*, sempre se-pronuncia o *u*; desfortequê o *q* por-si só nam une com as vogais, sem se-pronunciar o *u*. E como seria erro pronuncialo, em *Monarchia*, *Chimica* &c. daqui vem que tambem é erro, escrevelo. A quem nam agradar esta minha opiniam, de escrever estes nomes por *ch*, sou de parecer, que adóte o *k* dos-Gregos: pois é melhor chamar de fóra, uma letra Estrangeira, doque escrever o *q*, que em Portugal geralmente tem diferente pronuncia: o que nam succede no *ch*, que já em muitas disoens está recebido em Portugal, com privilegios de *k*.

E nam obsta, que a maior parte dos-Ortografos Portuguezes digam, que o *k* é superfluo no-Portuguez: nam é o mesmo dizelo, que provalo: aqui nam á meio, ou se-deve admitir o *ch* com privilegios de *k*; ou adotar o *k*, em seu lugar. Sei que podem argumentar com *Aquelo*, *Aquilo* &c. em que parece nam se-ouve o *u*: mas isto provém da-pronuncia, que o-toca levemente; porque em todas as palavras Portuguezas o *q* faz pronunciar o *u*: *Quando*, *Quanto* &c. E principalmente avendo-se de introduzir em disoens novas, ou Gregas, deve sempre observar-se o uzo mais comum. Duarte Nunes poem sempre *c* antes de *t*, como em *Docto*, *Doctrina* &c. Desta afetaçam zombam os omens de melhor juizo; e cuido que com razam: pois se aos noíós ouvidos é insoportavel, quem fala assim, porque á-de ser toleravel, quem o-creve? Bluteau admite o tal estilo alguma vez, para evitar o equivoco; v.g. *Compacto*, e *Compato*: mas eu nam vejo nisto equivoco, pois na segunda disam o *Com*, deve estar separado. Mas aindaque ouvese equivoco, o contexto o-tira. Outros em lugar do *c*, sempre poem *u*, e dizem, *Auto* &c. tambem esta afetaçam é condenavel: porque *Ato*, é mui boa palavra, e todos a-intendem. Em *Douto* &c. pode-se conceder alguma coiza ao uzo.

Costumam muitos Portuguezes dobrar os *ee* finais em muitas vozes, especialmente em *Fée*, *Sée* &c. e alguns dobram-nos em muitas outras palavras, inclinando-se, segundo dizem, a uma antiga pronuncia. Mas ou seja antiga, ou seja de novo inventada, deve-se fugir esta introduçam, pola mesma razam que disemos, de ser contraria a pronuncia. Concorda o Bluteau dizendo, que em algumas palavras se-supre, com um acento sobre o *e*. Mas eu digo, que nam só em algumas, mas em todas se-deve escrever um só *e*. e quanto ao acento agudo, digo, que se-lhe-deve pôr, nam para mostrar, que falta um *e*; mas para mostrar, que se-deve carregar a vogal; porque assim ensina a pronuncia.

Pola mesma razam da-pronuncia, se-deve desterrar das-palavras ou Portuguezas, ou aportuguezadas o *Ph*, em lugar de *F*. Muitos Portuguezes introduzem, sem advertencia, em lugar do *f*, o dito *ph*: outros dam louguissimas regras para distinguir, quando se-deve escrever um, quando outro. mas uns e outros discorrem muito mal. O *ph* dos-Gregos era um *p* aspiado com muita forsa, e que alguma coiza declinava para *f*. e nam avendo em



Portugal semelhante pronuncia, é erro introduzir o dito *p*, quando temos cá o *f*, que tem o seu proprio soido. Daqui vem que aindaque *Filozofia*, *Triunfo* &c. na sua origem tiveiem o *ph*, contudo oje que sam palavras Portuguezas, nam só adotadas polos doutos, mas de que indiferentemente se-servem todos; devem-se escrever com simplez *f*. Temos o exemplo nos-mesmos Latinos, que, quando adotavam algumas palavras Estrangeiras, pronunciavam-nas com a pronuncia Romana: e davam-lhe as proprias declinaçoens Latinas. Talvez lhe-conserva-vam algumas proprias letras, em atensam de serem linguas vivas. E muitas vezes, para se-livrarem da-impropriedade, escreviam, e pronunciavam as ditas letras em Grego puro: como todos os momentos encontramos nos-seus escritos, principalmente nas cartas de Cicero, e alguns outros. Esta liberdade de acomodar as palavras, ao estilo da propria lingua, tiveram sempre todos os Povos cultos: e devem ter tambem os Portuguezes. e assim significando o *ph* um *p* aspirado, com algum soido de *f*; nam o-devemos uzar, vistoque nas palavras Portuguezas, nam temos tal pronuncia.

Quanto aos nomes, que ainda nam estam em uzo por-todos, mas que somente uzam, ou para melhor dizer, algumas vezes se-servem deles os literatos; deve-se praticar outra regra. Se sam nomes (falo dos-Latinos, Gregos, Ebreos &c.) de coizas pertencentes a Artes, ou Ciencias, parece-me que se-devem escrever, com as suas letras originais. Vg. se quizer-mos explicar, ou escrever os nomes pertencentes à Anatomia, que sam todos Gregos, segundo o estilo do-Portuguez; escreveremos palavras, que se-nam-intenderám: e assim é melhor, seguir a derivasam Grega. O mesmo digo, de algumas partes da-Medicina, da-Filozofia &c. Muitos destes nomes ou nam se-podem escrever de outra maneira, v.g. *Pneumatologia* &c. ou, aindaque se-pofam escrever, nam estam geralmente recebidos, nem ainda polos mesmos eruditos: e assim nam gozam, do-privilegio Portuguez. Se sam nomes Proprios, entra a mesma regra: ou sam pouco uzados; e em tal cazo é obrigasam escrevelos, com as suas proprias letras. Onde nam condeno quem escreve, *Homero*, *Herodoto*, *Herodes* &c. aindaque estes trez, e outros semelhantes que estam ja muito em uzo, podem mui bem escrever-se sem *h*: o que ate os nosos Italianos ja fazem: Mas sempre é mais desculpavel, se em semelhantes nomes se-uzam letras da-origem. Quanto porem aos outros, que servem de diferenciar as pessoas Portuguezas, e já estam totalmente naturalizados; devem-se vestir, com o traje de Portugal. E este uzo acho praticado, em todas as Naçoens de melhor doutrina. Quazi todos os nomes da-Sagrada escritura, se-acham mudados na nosa Vulgata. Vg. nós dizemos, o *Mefias*: e se ouvesemos pronunciar como está no-texto Ebreo, lieveria-mos dizer, *Maxiaggh* com pronuncia forte, e gutural no-*g*. o que fizeram os Latinos, para adofar a pronuncia forte, e aspera dos-Ebreos. Traduzindo os Gregos este nome, escreveram. *Christos*: os Latinos, *Christus*: de que nós tomámos a palavra, *Cristo*. Podia apontar mil exemplos, que



que deixo por-brevidade. Os Gregos quando pronunciavam os nomes Latinos, faziam-no com o dialeto Grego. e por-isto nós achamos, que nas medalhas Gregas dos-Consules, e Imperadores Romanos, os nomes estão transformados. Vg. este nome, *Marcus Tullius Cicero*, os Gregos escreveram-nas medalhas, *Markos Tyllios Kikeron*, que tem bastante differença do-Latino. Os Latinos, como já disemos, davam a terminação Latina, aos nomes gregos: e muitas vezes deitavam-lhe fóra algumas letras. basta abrir os Dicionarios, para reconhecer esta verdade. Os nossos Italianos italianizam todos os nomes Estrangeiros, que lhe-chegam às mãos, quando eles são tais, que se-podem pronunciar à Italiana: e, seguindo a pronuncia Franceza, deſterram da-eſcritura, os ditongos, e tritongos; pondo ſomente a letra que correſponde ao tal ditongo. outras Naſoens fazem o meſmo. Se pois em todos os tempos ouve eſta liberdade; tambem ſe-deve praticar em Portugal. E aſim parece-me eſcrupulo ridiculo, querer conſervar em *Ieronimo*, o *h*, e *y*: e em *Ioxé*, o *ph* &c. tudo iſto ſe-deve evitar, eſcrevendo os nomes com as letras, com que ſe pronunciam em Portugal.

Emfim a regra é geral; que todos os nomes de origem antiga &c. ou ſejam Proprios, ou Apelativos, que estão naturalizados, e ſão frequentemente uzurpados, ou por-todos os omens, como *Ieronimo*, *Triunſo*, &c. ou pelo comum dos-doutos, como *Filozofia*, *Teologia*, *Fixica*, *Metafixica*, e mil outros; devem ſe eſcrever como ſe-pronunciam. Os nomes ditos que não ſão geralmente uzados, v.g. *Themiftio*, *Theopompo* &c. por-não eſcandalizar os ouvintes, ou confundir os ignorantes, é melhor eſcrevelos, com as letras originaes. Os nomes, em que entra duvida ſe ſão, ou não uzados, podem ſe eſcrever, com as letras da-ſua derivação; pois a duvida mostra, que não é uзуal. Iſto digo dos-nomes, que ſão puramente antigos, ou que ſe-derivam de linguas mortas, como a Latina, Grega, Ebraica, Caldaica &c. Quanto pois aos nomes de linguas vivas, principalmente das linguas do-Norte, em que ſe-acham muitas conſoantes ſeguidas &c. acho que é melhor, e às vezes precisa neceſſidade, eſcrevelos com todas as ſuas letras: porque ſem iſto, não ſe-poderão diſtinguir, e reconhecer, os Autores, as Cidades &c. e haverá grande confuſão. Aquelas conſoantes que a nós parecem ſuperfluas, não o-ſão para elles, porque as-pronunciam, ſupondo-lhe vogais: onde tirando-as, não os-intenderemos pronunciar, não os-faberemos procurar nos-livros.

Eſta doutrina que até aqui eſtablecemos, deve ſe aplicar, a todos os outros cazos que occorrem, de quaſquer letras que ſe-não pronunciam: E aſim não é neceſſario repetila eſpecialmente, em todas as palavras: pois qualquer por-ſimeſmo pode applicála. Onde, seguindo a ordem do-Alfabeto, deve ſe deſterrar o *G*. de *Madalena* &c. Pelo contrario deve conſervar ſe em *Significar*, *Magnifico* &c. porque na pronuncia ſ'eprime.



do-*H*, senam quando tem diferente pronuncia. v.g. despois de *c*, como em *Chave*, despois de *n*, como em *Minha* &c., nunca porem quando se-diz, *He*, *Hei* &c. Desta opiniam foram alguns antigos Portuguezes, como Joam Franco Barreto na sua *Ortografia*; que quer se escrevam, sem *h*: e o P. Bento Pereira na sua *Gramatica Lingua Lusitana*, que concede, que em algumas partes se-pode deixar. Muitos Portuguezes, que atualmente vivem, e de mui boa doutrina, defendem fortemente, que se-exclua o *h*. e achei um, que samente o-admitia, quando distinguia uma disam da-outra. v.g. *Ouve* pode significar, *teve*, e tambem, *está ouvindo*: onde no-significado de *teve*, punha-lhe o *h*, para nam cauzar confuzam. Conheso, que o contexto mostra bem, em que sentido se-toma: e sei que no-Latin, á infinitas palavras, que tem terminasocens equivocac, cujo verdadeiro significado se-alcança, polo contexto. E ainda no-Portuguez *Amara*, e *Amará*, se acazo nam tem acento, samente se-distinguem polo contexto. da-mesma forte *Cria* verbo que significa, *Tirar do-nada*: *cria* verbo que significa, *Produzir a terra*: *cria* verbo que significa, *Dar leite às criancas*, e *cria*, imperfeito do-verbo *crer*: nam se-distinguem senam polo contexto: o que tambem succede em muitos outros. Digo samente, que nam condenaria, quem o-escrevese nestes cazos: aindaque eu pratique comumente o contrario. Fóra daqui, julgo que nam se-deve escrever, em nenhuma outra disam; porque todas se-distinguem mui bem, sem ese final de aspiraçam. O Bluteau, que no-Dicionario diz, que em algumas partes se-podia deixar de por o *h* no-principio; em outros lugares porem defende, a introduçam do-*h*, querendo-se desculpar com a lingua Italiana. Mas erra manifestamente no-que diz. porque nam só os omeus mais doutos na lingua Italiana desterraram o *h* do-principio, e de muitas partes do-meio das-disoens, deixando-o samente despois de *c*, e *g*, como em *Bianche*, *Vaghe*; porque aqui é verdadeiramente aspiraçam forte, e tem seu particular soido: mas tambem a mesma Academia da-Crusca no-seu *Vocabulario Compendiado e correto*, declara, que samente uza do-*h*, para evitar algum equivoco. v.g. *Hanno*, Verbo que quer dizer, *tem*; de *Anno*, nome que significa, o-ano. Como tambem em, *Ho*, *Hai*, *Ha*, inflexoens do-mesmo Verbo; para as-distinguir de algumas Particulas, que tem a mesma terminaçam, ainda-que neste cazo nam condenam, quem deixa o *h*. Quando muito admitem o *h*, em *Hui*, *Hoi*, exclamaçam de quem se-queixa, ou outro semelhante monosilabo: declarando porem, que aqui, e em quatro vozes que apontam, s'introduzio por-erro antigo dos-impresores, e nam por-alguma fundada razam. O que é muito de notar: sendo-que os Toscanos aspiram fortemente todos os monosilabos, semque por-isto escrevam *h*. Fóra destas circumstancias, nenhum Italiano douto escreve *h*: onde falsamente se-serve o Bluteau do-seu exemplo.

Mas, deixando o que fazem os outros, e pasando ao que devem fazer os Portuguezes, digo, que nam devem escrever *h* se-nam, quando



cauza diferente pronuncia, como em *Minha*, *Dix-the* &c. O é quando é Verbo, muito bem se-distingue do-e Conjunção, pondo-lhe emfima um acento. Nem eu posso intender porque razam é Verbo, deva escrever-se com *h*, e *era*, *eram* &c. que são inflexões do-mesmo Verbo, sem ele. Também o *ás*, *á*, Verbos que significam *ter*, mui bem se-distinguem de *às*, *à* Particulas, com a diversidade do-acento grave. Tudo isto assim distinguem os nossos Italianos, que participam mais que ninguém da-lingua Latina, e que são mui advertidos nestas pronuncias. Onde é erro dizer, *Humma*, *Humilde* &c. mas deve-se escrever, *Uma*, *Umilde* &c. Nem é obscura a razam: basta olhar para a pronuncia, para saber, que é erro, por o *h*. Antigamente o *h* era final de uma forte aspiração. (1) (intendo por esta palavra *aspiração*, deitar para fóra o ar que se-recebeo, para refrescar o interior, e ajudar a circulação do-sangue: o que advirto, porque me-parece, que entre muitos Portuguezes, não é bem certa a significação desta palavra, *aspiração*) Deste final pois fomenta se-ferviam, para suprir as letras aspiradas dos-Gregos. Onde fomenta se-escrevia antes das-vogais, cuja pronuncia era bem aspirada, e gutural, como adverte Cicero. (2) e talvez antes d'estas não se-punha. Mas no-tempo da-pureza da-lingua Latina, nunca os omens doutos escreveram *h* depois de consoante: mas fomenta no-principio da-difam, e antes de vogal: e não escreviam *Pulcher*, mas *Pulcer*: não *Charitas*, mas *Caritas* &c. o que ainda hoje vemos, nos-melhores manuscritos, e inscrições lapidares. Mas se alguma vez a-punham depois de consoante, fomenta o-faziam nas palavras Gregas, ou que de lá traziam origem. De que fica claro, que na lingua Portugueza, em que não há aspiração alguma nem forte, nem branda; não se-deve por aquele final, que só serve de avizar o Leitor, que aquela letra deve ser aspirada. Somente do-*u* duvidei por-algum tempo, se admitia antes de si *h*: porque, a falar verdade, parece-me ser aquela letra, que em Portugal se-pronuncia, com alguma aspiração; porque a mesma natureza da-letra o-permite. mas deenganaram-me os meus Italianos, que, sendo tão escrupulosos observadores da-pronuncia, não põem *h* antes de difam alguma, que comece por-*u*: falo dos-que escrevem com a ultima perfeição. Onde não menos os Portuguezes devem ter escrupulo, de os-escrever sem *h*.

Sobre as diferentes especies de *II*. é incrível a bulha que alguns fazem, especialmente para determinar, quando se-deve por *j* rasgado, ao principio das-difam. Cuido que esta grande bulha, se-pode reduzir a duas palavras. Distinguir o *i* vogal do-consoante, é mui necessario, para saber quando fere, ou não fere a vogal. chamamos *rasgado*, ao consoante; *pequeno*, ao vogal; e distinguem-se pela figura. Quanto ao escrevelos ao principio, pouca dificuldade pode nacer, em quem escreve em Portuguez; vis-

C ii

toque

(1) S. Aug. l. i. confess. c. xviii. *Catullus Carm. 85.*

(2) No livro, *Orator ad M. Brutum.*



toque raríssima palavra Portugueza começa por *i* vogal, antes de outra vogal. Onde tirando, *ia* Verbo, ou alguma outra raríssima, que agora nam me-ocorre; em todas as palavras Portuguezas, que começam por *i* antes de vogal, a dita letra é consoante, e deve-se escrever rasgada; ou de forma pequena, ou maiúscula, segundo a necessidade. Alguma dificuldade pode nacer, no-principio das-palavras impressas. Neste caso nam dezaprovo que o *i* de *Joannes* v.g. e outros semelhantes seja rasgado, para evitar alguma confuzam. Mas isto intende-se nos-nomes de fôrma pequena: porque nos-de fôrma grande, que é a maiúscula Romana, pouca necessidade temos de escrever *i* rasgado no-principio: pois com o outro, igualmente se-pronuncia bem. Quem porem em ambas as partes quize-se por *i* rasgado, nam o-condenaria: principalmente se começarem por-alguma das-duas Portuguezas, que acima aponto.

A maior dificuldade consiste em determinar, quando se-poem *G*, quando *I*, antes de *e*, ou *i*, nas palavras Portuguezas. v.g. *Gente* escreve-se com *g*: *Ereje* uns o-escrevem com *g*, outros com *i*: *Ieronimo* com *i*: *Giro* escreve-se com *g*: E outras vezes antes do-*e* &c. poem-se um *j* consoante. Para dar razam destas variaçoens, tem alguns escrito longas paginas: mas nenhuma Regra das-que li, deixa de ter suas excessçoens. Dizem, que em *Gente*, *Giro* &c. a derivam aponta o *g*. concedo: mas que derivam aponta a letra, que devemos escrever em *Ereje*, e outros semelhantes, que nam tem analogia alguma, com as letras da-sua derivam? O meu parecer é este: Que os doutos, sigam a derivam Latina, especialmente no-principio; e tanto nos-Apelativos, como Proprios, que sempre começam por *i*: tirando quando depois se-segue outro *i*, que entam é melhor, converter o primeiro em *g*, como *Ginja*. Que no-meio, usem mais do-*g*, que do-*i*: vistoque nisto também a diversidade, a ainda nos-que derivam do-mesmo Latim. Mas, nam se-lembrando da-derivam, &c. possam servir-se indiferentemente de ambas. Os ignorantes sigam o costume e a prática, dos-que melhor escrevem. Nem devemos admirar-nos, se em alguma letra nem todos concordem: nam sendo possível, que convenham todos, em materia tam duvida e arbitraria.

Tambem sobre as terminaççoens, *am*, e *aõ*, fazem alguns longuissimas disputas, e mai superfluamente. Confessa o Bluteau na sua Proza Apologética, que ja saíram livros inteiros, para deitar fora o *aõ*: e que outros lhe responderam dizendo, que o *til* nam era letra, mas *risco*. O Bluteau protege a posse do-*aõ*, mas declara, que o *til* supre a letra *a*: e defende constantemente, que nam se-deve tirar o *til*, porque a terminam *aõ*, segundo ele *til*, é mais engralada, que o *am*; e por-este motivo deve-se conservar: muito mais porque seria necessario tambem, desnaturalizar as palavras, *Birimbaõ*, *Catinbaõ*, *Pao*, &c. Mas o Bluteau nesta materia, deixou-se guiar por-alguns prejuizos. Dizer, que o *til* é *risco*, e nam letra, é o mesmo, que



nam dizer nada. O certo é, que este ríscio faz, que eu pronuncie um *n* demais, que as letras que ali vejo: onde, chamem-lhe como quizerem, é um verdadeiro *n*. Dizer, que a terminafam *am*, é diferente na pronuncia, de *aõ*, é outro engano: pois em qualquer difam Portugueza, que se-ache a terminafam *am*, todos a-pronunciam como *aõ*: e Portuguezes mui doutos servem-se indiferentemente de ambas: e cuido que com muita razam; se é que a segunda se-deva tolerar.

Os que contrareiam isto, nam intendem bem a materia; nem d'onde naceo, esta particular pronuncia em *aõ*. Quem bem considera o ponto, reconhece facilmente, que aquele *til*, é um rigorozo *m* final, e deveria escrever-se: *Falaom*: porque escrevendo-se desta sorte, e pronuncian-do-se depresa, faz o mesmo soido, que *Falaõ*. Daqui naceo, aquela particular terminafam em *aõ* dos-Portuguezes: porque com a presa de pronunciar, tocam tam de pasagem o *o*; que nam se-ouve mais, que o *m*: o qual em vez de o-pronunciarem com os beiços fechados, que é a sua propria pronuncia; pronunciam com um soido fanhozo do-nariz: que é o estilo presente de pronunciar todo o *m* final, em Portugal: nam avendo aqui *m*, que se pronuncie como deve ser. Alemdeque bastava alguma reflexam, para conhecer isto; acha-se manifesta razam, para o-persuadir. A *plica* ou *til*, deve significar alguma letra: de outra sorte seria superflua, e nam produzia algum efeito. Esta letra só pode ser *m*, ou *n*, e ambos finais: porque de outra sorte seria, *Falamo*, ou *Falano*: o-que nam pode ser. Onde hea claro, que *Falam*, é uma sincopa de *Falaom*: e que tanto se-pode escrever um, como outro. Reconhece-se isto melhor nos-plurais. v.g. *Maõ*, faz *maõs*: *Varaõ*, *varoaens*: nos-quais declaradamente se-ve o *m*, ou *n*, segundo a pronuncia. E eu creio, que antigamente nestes plurais, em vez de *n*, punham *m*; e que a dificuldade de pronunciar o *m* junto com o *s*; ou o som do-nariz, que pouco a pouco se-foi introduzindo no-*m*, o-converteo em *n* nestas terminafoes: pois ainda oje escrevendo-se com um *m* final, a pronuncia o-faz parecer, como *n*. O que, como disse, é um idiotismo particular dos-Portuguezes.

E esta é a razam, porque os Estrangeiros, nam podem pronunciar bem estas dezinencias; que na verdade san feias, e asperas terrivelmente: porque nam á quem lhe-explique, que o *til* de *aõ*, é um *m*, que os Portuguezes, por-corrufam, pronunciam como um *n*; nam só no-fim, mas ainda no-meio das-palavras. Reconheci isto por-experiencia: pois tantoque dei esta explicafam a alguns, e mostrei o vicio da-linguagem; pronunciaram melhor, que os outros. Daqui concluo, que as ditas terminafoes, *aõ*, e *am*, podem-se uzar indiferentemente; vistoque uma é sincopa da-outra: tendo introduzido o uzo, nam pronunciar na segunda, o *o*. Onde disse um erro Inacio Garcez Ferreira, e alguns outros, quando quizeram defender, que estas dezinencias eram diferentes no-soido: e quando ele lhe-chamou



sincofes das-Castelhanas. E nam fei, fe confirma tambem o que ate aqui dife, ver, que na Provincia de Entre Doiro, e Minho, ainda oje fe-pronuncia, em muitas destas palavras, o *o*, pois dizem, *Tabaliom*, *Efcrivom* &c.

Mas eu digo mais, e afento, que ainda que uma feja abreviatura da-outra, emportava muito à lingua Portugueza, que fe-deitafe fóra o *til*, e a terminafam *aõ*, escrevendo-fe tudo extensamente: e uma de duas, ou que fe-efcrevefe *Falaom*; ou, abreviando, *Falam*. Introduzir a primeira escritura, feria mais difficultozo; porque estes amigos nam querem reformas utis: e afim ferá melhor; preferir a segunda *am*, que já está recebida em Portugal. Certo é, que quando os Portuguezes efcrevem, a dita terminafam *am*, pronunciam *aõ*; e tambem é certo, que muitos omens doutos fervem-fe da-primeira terminafam. Este modo de efcrever, encoftava-fe mais para a pronuncia: e com ele fe-evitavam confuzoens. fe ria tambem a lingua mais facil de ler, e pronunciar, aos Eftrangeiros: pois bastava advertir-lhe, que entre, o *a* e *m*, deve-fe pôr um *o*, e pronuncia-lo deprefa. Advertimos porem, que aindaque os Portuguezes tenham, esta pefima pronuncia na fua lingua; quando porem pronunciam a dita terminafam *am*, no-Latim; devem pronunciala com os beifos fechados, como em feu lugar advertiremos: poisque a lingua Latina nam está fugeita, às fuas leis.

Querem alguns, que em *Tempo*, e outras palavras, em lugar do-*m*, fe-ponha *n*, porque afim foa. Cuido, que dizem mal: porque aindaque alguns pronunciem o dito *m*, como *n*, pronunciam muito mal; pois nesta voz muito bem fe-ouve o *m*, e em outras tambem. E aindaque em outras partes, nam feja tam fenfivel o *m*, deve confervar-fe: pois fe ouvefemos de tirar todos os *mm*, que nam fe-explicam bem, poucos *mm* ficariam em Portugal. Em *Contigo*, *Configo* &c. podem tiralo. Contudo quem o-quizefe tirar em todas as outras, nem por-ifó o-condenaria como erro.

A terminafam *an*, tambem cauza duvidas, a muitos Portuguezes: e eu julgo, que nam deve ter nenhuma. Acham-fe omens que afentam, que nam á tal terminafam no-Portuguez, e defendem ifto, com muita forfa. Se difefem, que a terminafam *an*, antigamente era *am*, nam diriam mal: mas querer defender, que oje nam á tal terminafam, é dizer um erro. Distinguem-fe oje os nomes Femininos, dos-mafcolinos, com esta terminafam. Vg. *Vam*, e *Van*: *Irmam*, e *Irman*. Nem me-digam, que o *til* é rifco, e nam letra: pois já afima mostrei, que o *til* é uma letra; e que a pronuncia enfina, que á-de fer *n*. Por-esta razam concluo, que ferá necesfario, pôr o dito *n* exprefo, deitando fora o *til*. Muitos Portuguezes doutos feguem esta opiniam: os quais rim-fe de Duarte Nunes, que queria fe-dobrafem os *aa*, dizendo *Vaã*, *Menhaã*.

Sobre o *P*, já afima dife, que nam fe deve efcrever *ph* por-*f*:  
Ago-



ra digo, que nem menos se-pode sofrer, o que muitos fazem, pôr *p*; antes de *t*, em muitas disoens. vg. *Prompto* &c. Esta é uma afetação pouco toleravel: vistoque a pronuncia Portugueza, tem ja desterrado este *p*. Onde nam é a mesma razam do-*b*, ou do-*g*, ou do-*d*, que se conservam nas palavras, *Obscuro*, *Significo*, *Adverte*: porque este, ouve-se mui bem: e o *p*, nam se-ouve sem afetação. E nam falta quem diga, que nas duas primeiras palavras tem ja introduzido o uzo, deixar aquelas letras na pronuncia: o que eu nam condeno: como nem menos condeno, quem as-pronuncia. Pode ser que com o tempo, se deixem totalmente.

*Quimera* por-*Chimera*, defende Bluteau, e alguns outros. eu julgo, que sem razam alguma; sendoque o *qui*, tem mui diferente pronuncia, doque a que se-ouve na palavra, *Chimera*. Ja assim disse, que a quem nam agrada, escrever estas palavras, por-*ch*, é melhor, uzar o *k* dos-Gregos, doque o *qui*; que tem em Portugal diferente pronuncia, na qual expressamente se-ouve o *u*.

Introduzio o uzo em Portugal, dobrar os *rr*, quando tem pronuncia forte: e parece-me que este uzo se-deve observar, nam-fazendo caso, do-que aconselham alguns, que um só *r* bastava.

Nam posso sofrer, que o Bluteau na sua *Proza Grammatonica*, queira introduzir, no-principio das-palavras Portuguezas, o *s* antes de consoante: e escrever, *Squeleto*, *Spasmo*, *Scena*, *Sciencia* &c. Esta correção é tam fóra do-escolio, que nenhum Portuguez, que nam seja Latino, saberá pronunciar aquele *s*, no-tal lugar: e o que souber Latim, será necessario, que pronuncie um *s* mui redondo. A razam disto é, porque o *s* Portuguez, que nam é final, é um verdadeiro sibilo ou letra sibilante, que faz ouvir a vogal ou antecedente, ou consequente. e assim, querer escreve-la sem vogal, é mudar a pronuncia da-letra, e é fazer uma ridicularia, fundada unicamente em querer mostrar, que sabe a derivação daquelas palavras. Abrasaram algumas peoas cegamente, a opiniam do-Bluteau: mas nem por-isto dam razam, ou fazem autoridade nesta materia. Onde, antes de consoante, nunca se-deve escrever *s* simplez.

Deve-se com cuidado distinguir o *u* vogal, do-consoante *v*, ou *v*, para nam originar duvidas. O que muitos nam fazem, ainda prezados de doutos: pois vejo escrituras deles, que merecem compaixam. Isto poreim nam só no-Portuguez, mas ainda no-Latim é necessario: pois aindaque antigamente, (que os Romanos escreviam com letras maiúsculas) todos os *vv* tinham a mesma figura: oje que, com muita razam, se-introduzio esta necessidade, devemos, no-carater pequeno, distinguir na figura estas duas letras, assimcomo as-distinguimos na pronuncia. E fazem mui bem os Alemães, que, ainda nas letras maiúsculas, distinguem o vogal, do-consoante, nos-livros impresos.

Diz Alvaro Ferreira Vera, que nenhuma disam Portugueza, de-



ve acabar em *x*. Muitos porem acabam em *x* algumas palavaras, e entre elas, *Felix*, *Simplex* &c. O que eu sei é, que a pronuncia Portugueza acaba em *x*, todas as palavras que acabam em *s*: quero dizer, que todo o *s* final pronunciam como *x*, de que nam quero outra prova mais, que cada um observe, como pronuncia o *s* final; e que differença tem do-*s*, que pronunciam no-meio das-difoens. O que suposto, se seja mais util, acabar em *x*, o que se-pronuncia como *x*, ou pronunciar diferentemente os *ss* finais; eu o-deixo considerar a V. P. Mas deixemos o *s*, na sua pote: observe, que nam só o *s* final se-pronuncia como *x*, mas tambem o *x* final: o que V. P. pode ver em, *Dix*, *Lux*, *Fix* &c. E daqui cuido que naceo a facilidade, de pôr o *x*, em lugar de *s* final, naquelas vozes de que se-formam outras: como, *Dix*, *dixes*; *Fax*, *faxes*; para por-este meio fazer os plurais, fomente com acrescentar *es*. O que eu nam condeno, mas antes aprovo, e pratico com o exemplo, e com a razam: e cuido assim se-deve fazer. Nesta letra é digno de atensam, o demaziado escrupulo de alguns, que magistralmente decidem, que o *x* tem diferente pronuncia do-*ch*, antes de *e*, ou *i*: e que é erro dizer, *Xapeo*; mas que se-deve pronunciar, *Chapeo*, carregando muito no-*ch*, para o-distinguir do *x*: e advertem, que é erro da-pronuncia da-Estremadura, pronunciar o *ch*, como *x*. Mas, sem fazer cazo da-decizam destes Senhores, julgo, que devemos continuar, na pronuncia da-Estremadura. Nam digo, que na escritura convertamos o *ch*, em *x*: deixo as coizas como se-acham: só digo, que na pronuncia, nam á differença entre uma, e outra letra. Em materia de pronuncia, sempre se-devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura, que todos os das-outras Provincias juntas. Ora é certo, que os ditos pronunciam docemente como um *x*: e nem só eles, mas muitissimos de outras Provincias, tem a mesma pronuncia. Somente alguma diversidade achei nos-Beirenses, que batem mais o dito *e*, encostando-se à pronuncia Romana do-*c*. Mas seja como for, estas nam sam razoens, para persuadir um omem, a que pronuncie o dito *ch*, diferentemente do-*x*: quando a pronuncia comua está a seu favor: a qual por-isto mesmo, que é mais suave, deve ser preferida à outra. E saiba V. P. que notei outra coiza, e vem a ser, que os que quereem pronunciar o *ch*, nam como *x*, esforçam-se desorte, que na violencia comque pronunciam, mostram bem, que nam é esta a sua pronuncia. O dizer, que se-devem distinguir na pronuncia, nem menos persuade: porque eles mesmos admitem que *s*, e *c*, antes de *e*, e *i*, pronunciam-se da-mesma sorte: onde nam tem que se-escandalizar. E assim o dizerem eles, é erro, nam faz forsa: devemos responder-lhe, que eles sam os que erram. Advirto porem, que no-meio das-difoens introduzio o uzo, nam pronunciar o *x*, como no-principio; mas segundo o estylo Latino, como se fôse um *cs* brando, tocando ligeiramente o *c*: v. g. em *Reflexam*, *Conexam* &c. porque assim é mais suave. mas *Paixam*, ainda se-conferva em toda a sua forsa; e nam sei qual outro.



O Y tem tantos apaixonados, principalmente entre os modernos Portuguezes, que quazi abuzam dele: e acham-se livros, em que sam mais os *yy*, que os *ii*: especialmente o Curvo na sua *Atalaia da-Vida*, e alguns outros. O Bluteau, seguindo a Bento Pereira, diz, que se-deve admetir nas palavras, para mostrar a origem remota delas, principalmente do-Grego &c. Como se sem esta noticia, nam pudesemos saber Portuguez! Tomára porém que me disese, se *Meio*, *Cuidado*, *Saia* &c. em que poem o tal y, tem alguma analogia com a origem. Outros dam outras razoens, que nam merecem reflexam, nem resposta. O certo é, que esta vogal antigamente valia o mesmo, que o *u*, ou tinha um soido mais semelhante a *u*, que a *i*. onde se a-quizer-mos tomar, no-seu antigo vigor, faremos uma voz dessemelhante, à que queremos pronunciar: e se acaso deve valer um *i* simplez, tomára que me-disessem, por-qual razam a-poem, onde nam é necessaria. Daqui vem, que é erro escrever, *Meyo: Ley, Hey, Rey* &c. tudo isto se-deve escrever sem y, porque nam sam nomes Gregos, mas puros Portuguezes. Onde nam só os Portuguezes, mas os mesmos nomes Gregos, quando estam bem aportuguezados, como *Idropezia, Ulixeo* &c. se-devem escrever sem y. Confeso, que nam pude sofer o Bluteau, o qual, seguindo ao Pereira, quer que a vogal *i* nam seja suficiente, para fazer ditongo com *a*, dizendo, *Pai, Dai*, &c. mas que seja de necessidade por o y, para o ditongo. Este parecer nam necessita de confutafam: pois quemquer conhece, que com *ai*, se-pronuncia, da-mesma sorte que *ay*: onde o uzo serve de resposta; e nam temos necessidade do-y, para fazer o mesmo, que fazemos com o *i*.

Paso daqui ao Z, a quela letra desgrafada, que teve a infelicidade de dezagradar, à maior parte dos-escritores Portuguezes deste seculo: os quais nam só a-desprezaram, para introduzir em seu lugar o *s*; mas alguns deles com decreto asentaram, que se-devia desterrar do-meio das-ditoens, e prover o seu lugar no-s. Estes Senhores escrevem quazi tudo com *s*. Achará V. P. em alguns dos-bem modernos \*\*\* *Cezar, Fazer, Quizeram: Miudeza, Reduzir, Fazenda* &c. tudo escrito com *s*. Entre eles achei um, de mui boa fama, que em uma orafam \*\* escreve, *Alteza, Solenizado* com *z*: e pouco abaixo, *Usurpavam, Lisonja* com *s*. poem *Riqueza*, e logo *Luminoso, Profusam*. poem *Fazem*, e logo *Religioso*. Emfim a maior parte destes modernos doutifimos escrevem, *Alteza, Luxes*, e outras poucas palavras com *z*: e tudo o restante, em que devia entrar o *z*, vai com *s*. O Vieira, e outros, que nam admitem tantos *ss*, contudo em algumas dittoens seguem o mesmo, e escrevem vg. *Brazil*, com *z*, e *Reside*, com *s*. Mas eu creio, que é necessaria mui pouca meditaçam para conhecer, que todos estes erram. Os Portuguezes tem a pronuncia do-*z*, asperissima: que creio lheficou, da comunicafam com os Moiros, e Arabios, que abundão muito diso: e eu acho em Portugal, muitos vocabulos destas Nascoens. Onde ten-



do *o s*, e *z*, differentissimas pronuncias, é erro sem desculpa, pòr *o s*, em lugar do *z*, quando este deve ter toda a sua força, como no-principio, ou meio das-difoens. Dezaño todos os Portuguezes, paraque pronunciem estas palavras differentemente, vg. *Luzes*, e *Lizonja*; *Abrazado*, e *Plauzível*: *Riqueza*, e *Religiozo*. nam averá algum que se-atreva a dizer, que nas primeiras se-ouve *z*, e nas segundas *s*: mas em ambas as partes se-ouve um *z* mui grande, e gordo. Sendo pois esta pronuncia particular na lingua Portugueza, acha V. P. que se-pode soffrer, desterrar todos os *z*, para introduzir uma letra, que soa differentemente? a isto chamo eu destruir, nam emendar, a boa Ortografia. Alem diso, eu acho em Portugal motivo, para dizer o contrario. ponhamos exemplo nestas duas palavras, *Azeite*, e *Aceite*; ou tambem, *Razam*, e *Raçam*. Ninguem dirá, que estas duas palavras soam da-mesma sorte: porque em tal caso nam averia motivo, para as-distinguir na pronuncia. Todos tambem conhecem, que o *c*, com cedilha ç, antes de vogal, pronuncia-se como *s*; e que por-esta razam muitissimos Portuguezes indifferenteemente uzam delas. Daqui pois segue-se, que se *z*, se deve pronunciar como *s*, os ditos pares de vocabulos devem pronunciar-se da-mesma sorte. Mas sem eu proguntar isto a omens doutos, mas somente ao leigo da-cozinha de V. P. sei que me-responderá, que *Razam*, e *Raçam*, são coizas mui differentes: *Azeite*, e *Aceite*, nam menos: E assim nam tenho lugar de duvidar, que, pronunciando-se differentemente, devem tambem escrever-se, com letras differentes. Se concedem, que o *z* se-deve conservar, em algumas vozes, como todos concedem; que razam á, para o-nam-conservar nas outras? Se dizem, que o dito *s* se-deve pronunciar como *z*, merecem rizo quando quèrem pòr aquele, por-este. ou deitem fóra esta letra do-alfabeto, ou escrevam-na onde deve entrar. Fazer o contrario, é destruir a pronuncia da-lingua, ou batizar de novo as letras.

Somente porei *z* em lugar de *s*, no-fim de algumas difoens, de que se-formam outras, como acima disse: porque o uzo introduzio esta pronuncia do *z*, semelhante ao *s*. o que suspeito que provém de uma *Apocope*, que se-acha nas tais palavras: e que antigamente despois do *z* se-punha uma vogal: como á exemplo em muitas linguas, e tambem na Portugueza.

Lendo eu a este intento o Bluteau nos-opusculos, (1) fiquei confirmado, que poucos omens pensam bem, ainda dos-que tem bom nome. Confessa, que muitos eram de parecer, que s'escrevese *Filozofia*, sem *ph*: e que sempre se-avia de seguir a pronuncia, pois era esta a maior excelencia do-Portuguez; no-qual as letras dobradas eram inutis. Que desta opiniam era Duarte Nunes de Leam, & Joam de Barros, nas suas Ortografias; e outros muitos autores que escreveram da-lingua. Contudo diz, que na Academia do-Ériceira se-afentára, que nem sempre se-devia escrever como a pronuncia: Mas aqueles nomes que

(1) Na 6. conferencia literaria em de Mayo de 1713.  
na do-oulo da-Ériceira, ao 18.



conhecidamente encerravam origens sem corrusam, s'escrevesem como na sua etimologia, quando as letras nam fossem como a pronuncia: e assim *Coro*, e nam *Choro: Monarquia*, e nam *Monarchia*: E que os *xx* s'evitalem muitas vezes, servindo-se do-*s*. Confesso a V. P. que nam pude ler isto sem rizo. Eu nunca li as obras do-*Leam*, ou *Barros*, nem me-cansei em buicalas: mas agora fico formando melhor conceito deles. Polo contrario nam sei, quais eram os votantes na dita conferencia: porem olhando para o que alentaram, formo mau conceito do-seu juizo: pois conhecendo a razam, e tendo bons autores, que os-apadrinhalem; ainda assim quizeram seguir os prejuizos e preocupacoens que mamaram, fomite por-terem antigas. Isto certamente nam e emendar a Ortografia. O pior e, que o Bluteau conhecendo isto mesmo, como em algumas partes confessa, deixa-se guiar da-corrente. Assim mostrei, que *Monarchia*, deve-se escrever com *ch*, visto que assim escrevem *Archanjo* os contrarios &c. e nam tem diversa razam, sem cairem em uma superfluidade. Devendo pois desterrar o *ch*, e melhor servir-se de *k*; mas nunca de *q*. O mais tambem ja fica advertido.

Certamente que o dizer o Bluteau, que nos-nomes se-deve observar, a Ortografia da-derivalem, como em *Philosophia* &c. porque de outra forte nam se-laberam buscar nos-Dicionarios; e reflexam que merece rizo: por quanto as derivacoens, so as-procuram os doutos: e estes bem as-sabem. os ignorantes, nem as buscam, nem necessitam de buscalas, ainda que queiram falar, e escrever puramente.

Atè aqui tenho feito algumas reflexoens, principalmente sobre as coizas, que se-devem deixar, agora farei outras sobre as que se devem acrescentar. Nam cuide V. P. que estas sam de menor momento nesta materia: antes muitas vezes delas depende aumento, a pureza, e elegancia da-lingua. Ponho em primeiro lugar os *Acentos* que creio, sam indispensavelmente necessarios, para distinguir muitas palavras. Nam podemos sem eles saber, se *Amara*, e preterito, ou futuro: e da mesma sorte em outras muitas palavras. Tambem para distinguir os *Nomes*, dos-*Verbos*, vg. *Pronuncia* nome, de *Pronuncia* verbo. Assim que este deve ser todo o cuidado dos-mestres: que devem advertir aos dicipulos, em que partes se-devem pôr, para bater com mais, ou menos forsa as vogais, e distinguir os tempos, e as vozes: visto que os Portuguezes nam tem letras dobradas, que antigamente serviam a outros, para mostrar as diferentes pronuncias. Porque eles com as dobradas, pronunciavam diferentemente: e os Portuguezes, tirando em pouquissimas palavras, pronunciavam como se estivesse uma simplez letra.

Nam ignora V. P. que as *virgulas*, *pontos*, e *dois pontos*, foram inventados, para distinguir melhor o discurso. Este e um dos-defeitos da-antiga escritura, que tinha poucos finais destes: e por isto e às vezes bem embrulhada. Muitas vezes vera V. P. um ponto, depois de cada palavra: o que faz grandissima confuzam. Outras vezes, o lugar em que punham o



ponto, mostrava a diversidade da-pontuação: quero dizer, que o polo na-cabeça, ou no-corpo, ou no-pé da-letra, mostrava que era *virgola*, *dois pontos*, e *ponto*. É como nam temos documentos bem claros, ainda oje vareiam muito os Gramaticos no-determinar, quando era ponto, e quando virgula &c. Com effeito eu vi uma lapide antiga, na qual os pontos todos estavam em um mesmo sitio, no-corpo das-letras: o que aumentava a confuzam. Os Modernos mais advertidos inventaram estes diversos finais, para nam nos-enganar-mos nas pausas, e no-sentido do-discurso. Mas ainda nisto procederam devagar: e eu vi livros impresos nos-primeiros tempos, quero dizer, nos-fins do-seculo XV. e principios do-XVI. nos-quais nam avia mais que virgulas, e todas da mesma figura: o que aumentava sensivelmente o embaraço: sendo necessario um grandissimo estudo, para distinguir os sentidos. E isto se-pratica ainda oje nos-originaes das-Bulas Romanas, escritos sem virgulas, nem pontos: os quais quem nam é pratico dos-estilos da-Dataria, nam pode ler; nam só polo caracter Gotico, mas pola Pontuação. Os Modernos evitaram isto, com a diferença de figuras. Onde sendo os Acentos, os que tiram a confuzam à pronuncia, e enfinam, como se-devem distinguir as partes do discurso; valem infinito preso, e devem praticar-se com cuidado. Nam digo, que escrupulozamente pratiquemos as trez fortes de acentos: pois nem os mesmos Romanos se-serviam muito do *circumflexo*, que com o tempo perdèram. bastava uzar do-*agudo*, que se-escreve assim (´) para bater mais as filabas: do-*grave* neste modo (˘) para as particulas, que se-tocam menos: em algum cazo quem quizesse podia pôr o *circumflexo* sobre o î, para dar lugar ao ponto defina. Isto é o que basta.

Aos acentos seguem-se as *linhas*, que se-escrevem entre as disoens, para as-juntar, ou dividir na pronuncia. Os Ebreos tambem tinham estas linhas, e alguns Povos Europeos. Algum Portuguez a-uzar. mas seria justo que a-uzassem mais, e com regras determinadas: pois ajuda muito a pronuncia, e distingue muito as disoens, principalmente as compostas. Julgo, que se-deve uzar naquelas, que compoem duas palavras perfectas, que costumam estar às vezes separadas, v.g. *Fazemos-Ihe*, *Ihes-fazem*, *nos-dixem*: *dixem-no* &c. Com isto se-mostra, quando os Pronomes unem com os Verbos, nam só no-sentido, mas na pronuncia: e finalmente, quando muitas disoens na pronuncia compoem uma. Deve-se tambem pôr entre a Particula *se*, quando é Pronome, e o Verbo. v.g. *Se se-fizer*. o primeiro *se*, é Conjunctam condicional: o segundo, é Pronome, e une com o Verbo. Onde a dita linha é de grande utilidade, para mostrar as palavras, que devem pronunciar-se unidas. v.g. o *Nos*, algumas vezes é Nominativo, *Nós fazemos*; e pronuncia-se separado, e com acento forte: outras vezes é Cazo, v.g. *nos-fazem*: o que se distingue mui bem com a dita linha. Tambem às vezes serve, para distinguir os tempos. v.g. *Amáse* perterito, e *Ama-se* prezen-



zente , com esta linha se-distinguem : porque esta separaſam de vozes mostra , que , quando chegamos ao *a* , deve correr a pronuncia , para apanhar o *ſe* : que é o meſmo que dizer , deve nam parar no-*a* , nem carregalo : no-que ſe-distingue o tempo. Sei , que com os acentos ſe-podem distinguir eſtas coizas , digo , eſte ultimo cazo ; e por iſo digo , que ou uma , ou outra coiza ſe-deve praticar : aindaque eu , por-intender que ſam neceſarias , pratico ambas.

Quanto ao *ſe* , nam só deve ter linha , quando ſe-une immediatamente ao Verbo , mas tambem quando ſ'interrompe com a Particula negativa. v.g. *ſe-nam-faz* , quando vale o meſmo que , *nam ſe-faz* , porque aindaque a Particula pareça que ſepara ; contudo no-dito cazo , a negaſam é unida ao Verbo , e faz com ele um só corpo , e ſentido : da meſma forte que entre os Latinos , a particula *in* unida aos Verbos. Onde a separaſam , é fomite quanto à viſta : e as duas linhas enſinam , que ſe-deve pronunciar tudo , como uma só palavra. Serve às vezes a dita linha nam só para unir as palavras , que eſe é o ſeu principal fim ; mas para evitar os equivocos. E aſim poem-ſe na Particula *Por* , quando ſignifica *cauza* &c. para distinguir a do-Verbo *Pôr* . tambem nas Particulas *no* , *do* , *da* , para as-distinguir dos-Suſtantivos *nó* , e *dó* , e do Verbo *dá* , ou *dás* . Em todas eſtas , e outras ſemelhantes , milita a meſma razam. nas quais porem ſerá juſto pôr acento , quando deve ſer.

Em outras partes tenho viſto uzar eſtas linhas , que nam me-parecem de tanta neceſidade. v.g. *Fazemos* : que algum douto eſcreve : *Fazemos* : ou tambem quando uma conſoante ſe-converte n'outra , para evitar o concurſo de muitas Vogais : v.g. *Fazê-la* , *Amá-la* , que vale o meſmo que , *Fazer-a* , *Amar-a* . Mas neſtas primeiras peſoas do-plural parece eſcuzada , porque ſe intendem muito bem , e eſtam muito em uzo. E o meſmo julgo , dos-ſegundos exemplos : muito mais porque neſtas em que vai *La* , muitas nam ſe-acham ſeparadas às vezes , v.g. *Querê-la* &c. Mas quem neſtes ſegundos exemplos ateimáſe a praticala , nam faria erro. O que porem me-parece aſetaſam é , querer ſeparar eſta voz *Mente* , dos-nomes com que faz Adverbio : *Pia-mente* , *Antiga-mente* &c. Na pronuncia deſtas diſoens , nam pode aver engano : e quem as-ſepera , intende mal as coizas.

Podem opor-me uma difficuldade , vem a ſer , quando ſe-dividem as palavras no-fim das-regras , como á-de conhecer quem copeia ; ſe na ſeguinte regra deve pôr a palavra inteira , ou com a dita linha. Mas a iſto reſpondo , que ſe-conhece muito bem deſte modo : ſe as palavras ſe-dividem por-neceſidade da-regra , poem-ſe no-fim duas linhas aſim = : quando ſe-dividem na divizam da-linha , baſta pôr uma só linha. Primeiro exemplo aſim : *Fa=zia* : ſegundo exemplo : *Faz-me* . Se no-fim da-regra ſe-acha o *Fa=* com duas linhas , é final que na imprenſa , ou copia deve ſer inteira a diſam : ſe tem só uma linha , ſucedendo ficar toda a diſam na ſeguir



te regra , deve ter tambem a linha : e isto é facil de praticar.

Creio que será mui justo, introduzir na lingua Portugueza , os *Apostrofes* : que são umas virgulas , que se escrevem no-alto de uma consoante antes da-vogal seguinte ; para mostrar , que falta uma vogal , e que a consoante se-deve unir na pronuncia , com a vogal da-seguinte disam. Digo na proza , porque no-verso o Camoens , e outros ja os-introduziram. Os nosos Italianos introduziram os *Apostrofes* , para abreviarem as disoens : vistoque , comendo-se as ditas vogais na-pronuncia , é superfluo escrevelas : bastando ali pòr o final , de que deveriam estar. O mesmo fazem os Francezes : e cuido que , sem alguma censura , o-podem introduzir os Portuguezes. Onde será permitido escrever , *Amor d' Antonio : Cam d' agua &c.* A razam disto é , porque ou na proza , ou no-verso nam se-faz cazo daquelle primeira vogal : e assim podemos dispensar de a-escrever. Em 2. lugar , porque nam se-perde com isto o sentido , nem se-faz equivoco. Em 3. porque faz a pronuncia mais doce. o que principalmente se-conhece , quando as vogais são semelhantes : no-qual cazo pronunciar dois *ee* , ou dois *aa* , é aspero , e cansa. Assim cuido , que neste cazo , é necessario ; nos-outros , mui agradavel o *Apostrofe*. Nem isto é tam novo em Portugal , que nam se-achem vestigios desta uniam na pronuncia : antes nam á coiza mais frequente. Considere V.P. estas palavras , *Deste , Daquele , Damesma* , e outras semelhantes ; e verá nelas o que digo. Antigamente escrevia-se , *De este , De aquele , De a mesma &c.* o que facilmente alcança quem considera , o que vale aquele *d* , e com que motivo se-introduzio. Mostrou a esperiencia , que , pronunciando estas particulas separadas , ficava aspera a pronuncia : e assim deitaram-nas fóra até da-escritura. O que suposto , o que eu aconselho é ; que pratiquem com as outras disoens , que se-unem na pronuncia , o mesmo que tem praticado com estas : e que em ambas as partes ponham o *Apostrofe* , para mostrar a vogal que falta ; e com isto ensinar melhor a composiçam das-disoens , fabelas conhecer , e buscar. Apostarei eu , que de dezmil omens Portuguezes , a um só nam veio nunca à imaginaçam , que *Deste &c.* é composta de *De* , e *Este*. Proguntei isto a alguns , e nam me-souberam responder : e contudo serviam-se indifferentemente destes termos. Eu teria uzado mais amiudo dos-*Apostrofes* : mas como ainda nam estão bem introduzidos , temo que me-nam-intendam. pouco a pouco devemos acostumarlos a isto.

Outra coiza tenho que repreender , na maior parte dos-Portuguezes ; e vem a ser , que dividem muitas disoens , que deviam estar juntas. V.g. escrevem , *Ainda que , Para que , Com que , Por que* , e outras conjunsoens semelhantes. Mas erram , porque aquellas palavras quando se-seguem umas a outras , devem estar unidas , e fazem uma só palavra : e até isto pode ser necetario , para fugir de equivocasoens. Se eu diler : *Para que o meu* *me-manda ! Com que razam me-persuade !* neste cazo o *que* , é Relativo. e



deve estar separado. Mas quando significa o mesmo, que *etsi, ut, igitur, quia* como nas quatro acima apontadas; deve estar junto: o que servirá muito, para os-distinguir ambos. Isto melmo praticaram os Romanos. *Attamen, Etenim*, são compostos de *At, tamen; Et, enim*. *Quamobrem* é composto de três disoens, nenhuma das-quais é Adverbio: e contudo juntas fazem de muitos nomes um. E isto mesmo devem fazer os Portuguezes nestas disoens indeclinaveis: e ainda algumas vezes nas declinaveis, que se-unem com o Artigo &c. o que o uzo ensinará; e a pratica dos-omens doutos confirmará.

Tambem sobre os *Plurais* seria necessario, estabelecer um uzo constante. O P. Bento Pereira diz, que o plural de *al*, é *ais*, e nam *as*. e parece que tem razam; porque a pronuncia mostra um *i*, e nam um *e*. Mas nisto á tanta variedade, que uns escrevem *ais*, outros *as*: e o pior é, que o mesmo escritor serve-se às vezes, de ambas as terminasoens. Um destes é o Bluteau: que, tendo aprovado na Proza Gramatonomica a opiniam do-Pereira, contudo escreve *Misaes*, e outras plurais semelhantes. Mas ja adverti, que o Bluteau é inconstante na Ortografia. Mais controversos são, os que acabam em *er*, como *Chanceler*, cujo plural querem muitos que seja *Chancereis*: e nisto tropeça muita gente boa. Cuido, que é mais proprio, e mais chegado à analogia, *Chanceleres*: e assim todos os mais. Da mesma forte *Almiscar*, deve fazer, *Almiscares*. Tambem é mui duvidoso o plural de *Simplex*, como tambem *Felix*. Muitos escrevem o primeiro com *x*, em ambos os numeros: o que aumenta a confuzam. Outros escrevem no singular, *Simplice*: que parece afetam vergonhoza. Ou acabe em *s*, ou *x* no-singular, o plural deve acrescentar somente um *es*: v.g. *Simpleses*, ou *Simplexes*. O mesmo digo, dos-que afetam dizer no-singular, *Felice*, e plural *Felices*. Digo, que no-singular deve-se dizer *Felix*, ou com *s*, ou *x*; e no-plural *Felizes*: e assim dos-mais. as palavras *Indice*, e *Index*, ja oje recebem indifferentemente em Portugal. Que *Brazil*, faça *Braxis*, está muito bem: mas que *Malsim*, *Belegum*, façam *Malsis*, *Beleguis*, como querem alguns, é contra a pronuncia boa, que mostra um *n* mui claro. E assim estes em *im*, devem acabar em *ins*, *Malsins*. Os outros plurais em *aens*, *aens*, e *oens*, é facil determinalos; advertindo as anomalias que se-acham nas tais regras, que nam são poucas.

Mas nam para aqui a reforma: deve-se dar um passo mais adiante, e acrescentar muita coiza, em que é defeituosa a lingua Portugueza. Confiste a primeira, em adotar algumas palavras Estrangeiras para explicar melhor o que queremos. Nam acho em Portugal palavra, que explique a idea que formam os nosos Italianos, (e ainda os Francezes) quando proferem esta palavra, *Penso*: dizendo, *Um homem que pensa bem: Que pensa mal &c.* Dizer, *Ajuizar*, nam explica: porque *ajuizar* é uma especie de *Pensar*; mas nam comprehende tudo quanto diz, *Pensar*. Nem menos serve, *Consi-*



*derar*: porque considerar é o mesmo que *Meditar*, *Examinar* uma matéria; e *Pensar* diz mais. Um meu amigo, para dezatar este nó, servio-se de *Pensamentear*: mas parece afetado. É mais proprio e natural, servir-se do Verbo *Pensar*, que comprehende todas as operaçoens do-entendimento. Onde, diremos que um omem *Pensa bem*, quando se-serve de todas as qualidades da-mente ou entendimento, como deve ser.

A mesma dificuldade pode nacer em outras palavras. Aqui confundem *Juizo*, e *Intendimento*: sendo coizas mui diferentes. porque cada nome destes distingue uma particular faculdade da-alma, esta de intender, aquela de julgar. A estas duas unem outras duas, *Ingenho*, e *Talento*: as quais nam só sam diferentes das-ditas, mas entre si. *Ingenho*, samente explica a facilidade que temos, para unir diferentes ideias, de um modo que eleve. *Talento*, significa a capacidade, tanto de intender, como de julgar, e discorrer. Seria bom, que se-distinguissem estes significados, e se-explicassem aos rapazes, para nam confundir as palavras. Parece-me, que para explicar aquilo, que os Latinos chamam, *Mens*, *Intellegentiã*, e algumas vezes *Intellectus*, se-podia adotar em Portugal a palavra *Mente*, como fazem os nosos: a qual explica melhor tudo. O uzo tem introduzido, que *Intendimento* seja sinonimo de *Mente*.

A esta se-podiam ajuntar outras muitas palavras Estrangeiras, que explicam melhor o que se-quer dizer; principalmente quando se-trata de Artes e Ciencias: cujos termos é necesario uzar, mas com cautela. Nam digo, que se-devam adotar cem mil termos Latinos, que no-Portuguez sam inutis: antes condeno isto muito em bastantes Portuguezes, que enchem os seus escritos, de mil palavras Latinas sem tom nem som, samente para parecerem eruditos. Este é aquele vicio dos-pedantes ou ignorantes, a que os nosos chamam, *Pedanteria*. O que digo é, que nam avendo termo proprio em Portuguez, se-pode, e deve buscar fóra: e muitas vezes pode-se buscar fóra, nam tanto por-preciza necessidade, quanto para maior ornato da-lingua: aqual é justo que nam seja tam pobre, que nam tenha algumas ocazioens dois ou trez sinonimos, para explicar as mesmas coizas: outras vezes para adofar a pronuncia aspera de algumas vozes antiquadas: e fazer seja mais bela, e mais suave a lingua materna. Mas aqui é que está o juizo, em sabelos adotar sem afetarem. Porei um, ou dois exemplos. Em Portugal nam á nome proprio, para nomiar aquele criado de libré, que acompanha seu amo a pé vizinho à carruagem, ou cavallo. Os nosos Italianos explicam isto com uma palavra, *Staffiere*, ou *Pólafreniere*. Porque nam uzaremos destes termos em Portugal? Chamamos aqui *Letrado*, ao que advoga nas cauzas: chamamos aos omens doutos, *Letrados*. Mas isto é uma impropriedade. *Letrado*, *Douto*, *Erudito*, *Sabio*, sam sinonimos, mas de significasam mui generica. Aos que advogam, deviam chamar *Advogados*: que é o seu nome proprio, ainda na lingua Latina, como diz Quintiliano, e Af-



e Alconio: *Advocatus*, i. e. *Patronus*, *Causfidicus*. Adotaram os Portuguezes estas palavras, *Berlinda*, *Paquibote*, *Estufa*, *Sege* &c. para distinguir as diferentes sortes de carruagens de que uzam: mas podiam adotar muitas mais: ayendo aqui outras carruagens, que nam tem nome proprio, que em outras partes o-tem. As artes Liberais, Ciencias &c. tratando-se em Portuguez, devem ter os seus nomes estrangeiros, mas aportuguezados. Finalmente, se eu ouvele de escrever tudo, o que me-ocorre nesta materia, faria um grofo volume: e afin contento-me, de apontar estes exemplos. O que encomendo muito é, que com este pretexto, nam nos-encham a lingua de Latinismos, Francezismos, e Italianismos, conio entre outros fez Inacio Garcez, nas Notas ao Camoens.

Seria mui util, que os omens doutos indroduzilem uma terminafam certa, em todos os *Patronimicos* de Provincias &c. no-que falta muito a lingua Portugueza. A um omem das-Provincias, chamam *Algarvio*, a outro *Alentejam*, a outro *Minhoto*, *Beiram* &c. E ainda estes nomes nam sam geralmente, e benignamente recebidos; porque se-reputam injuria. Mas o pior é, quando pasamos aos *Patronimicos* de Cidades; comumente nam se-acham: mas dizem: *Um omem d' Evora*: *Um d' Elvas* &c. Neste cazo parece licito, fazer nomes novos, e dizer, *Evorense*, ou *Eborense*, *Coimbreense*, *Portuense* &c. E o mesmo dos-outros antecedentes: os quais podem terminar-se em duas maneiras v.g. *Algarviense*, ou, com outras dezinencia Romana, *Algarviano*: *Alentejense*, *Alentejano*: *Beirense*, *Beirano* &c. Nos-nomes de Provincias Ultramarinas, deve-se observar o mesmo. v.g. *Brazileense* &c. *Insolense*, *Indiano* &c.

Em todo o cazo porem, tanto na indrodufam de nomes novos, como na pronuncia, dos antigos, sempre se-deve cuidar em adolar a pronuncia, e fazela, quanto mais puder ser, facil. Nisto pois á muito que condenar em Portugal, principalmente nestes modernos eruditos, que, querendo parecer elegantes, e mui versados na sua lingua, e origens dela; dizem coizas, que é uma piedade ouvir. V.g. Escrevem, *Volunoxo*: sendo *Voluminoso* muito mais suave, e mais chegado á analogia Latina. Dizem, *Excéptas*: sendo mais natural *Excetuadas* que vem do-Verbo *Excetuar*, que é mui Portuguez: quando polo contrario nam acho nela, o verbo *Exceptar*. Dizem, *Eregia*: que ofende os ouvidos com a pronuncia: sendo melhor *Ereza*, que é mais doce, e nem por-iso menos conforme ao Latim. Dizem, *Pessoa comum*: que é uma verdadeira ridicularia: porque aindaque a palavra *comum*, signifique coiza de muitos; deve ter as suas duas terminafocens em Portuguez, afin como tem no-Latim, em que explica diferentemente o *Neutro*: e o superlativo *Communissimus*, com trez mui redondas. Onde deve dizer-se, *Coiza*, ou *pessoa comua* &c. Finalmente. (deixando por-agora outras reformas destes eserupulezos) nóto que escrevem *Pai*, *Mai*, ou com *y*, ou com *i*. Quanto ao primeiro concordamos: mas nam no-segundo: porque na pronuncia ouve-se um *e*.



e *n* mui redondo: e assim deve escrever-se *Maen*, porque assim pronunciam os omens de melhor doutrina. Nem vale o dizer, que com isto se-conformam mais, com outras semelhantes palavras Portuguezas: porque, como ja disse, o uzo, fundado sobre a pronuncia mais doce, faz lei neste particular. (1) Tambem eles dizem *Catam*, *Varram* &c. e no-mesmo tempo dizem *Cicero*, *Pollio* &c. e nam *Ciceram*, *Polliam* &c. sendo a mesma razam. No-mesmo Latim, ou Italiano vemos, que uma palavra se-pronuncia de um modo, e outra, que vem da-mesma origem, diferentemente. o que V. P. pode ver nos-livros de Cicero, que aponteí assim, que traz exemplos de tudo: por-nam citar agora exemplos vulgares, que sam muitos. Assim alento, que, com esta regra diante dos-olhos, é que se-deve emendar e reformar a lingua.

Mas o que me-dá mais vontade de rir é, ver as cautelas que praticam, para dizerem, *Porco*. Uns dizem, o *Gado mais asquerozo*: outros dizem, *Carne suina*: e louvam muito isto em alguns antigos escritores. Tudo puerilidades. *Porco* nam é palavra obscena: dizem-na os Latinos, e os nosos Italianos diante do-Papa. Antes creio que *asquerozo*, traz à memoria nam só coiza *suja*, como o *porco*, mais coiza que volta o estomago. Estas delicadas orelhas pronunciam, *sugidade*, *escremento*, *lesmas*, *ratos*, *persevejos*, *piolhos*, *pulgas*, e outras coizas imundissimas sem difficuldade: e acham-na grande em pronunciar, *Porco*. Que lhe-parce a V. P. a esquipasam?

Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no-meio; mas principalmente nos-fins das-difcoens. V. g. *e* final, pronunciam como *i*: como em *De-me*, *Pos-me* &c. todo o *o* final, acabam em *u*: v. g. em *Tempo*, *Como*, *Buro* &c. cujos nomes quem quer pronunciar à Portugueza, deve acabar em *u*. todo o *m* final, e no-meio, como *n*. todo o *e* antes de *a* no-meio da-difam, pronunciam como se-fole um tritongo. v. g. *Cea*, *Veia*: que pronunciam *Ceia*, *Veia*: nam obstante-que na escriptura, comumente nam ponham *oi*. E nisto merecem rizo alguns Portuguezes, que nas suas Ortografias impreias ensinam, que na lingua Portugueza se-devem pronunciar algumas letras, aindaque nam estejam escritas: e que umas letras devem pronunciar-se por-outras: v. g. achando-se *Outo Deus* &c. se-deve pronunciar o *u*, como *i*. Isto, como digo, é querer confirmar os rapazes, nos-seus erros. Deveriam polo contrario dizer, que pronunciando-se o *i* em *Cea*, se-deva

(1) *Impetratum est a consuetudine, ut peccare suavitatis causa liceret. & pomeridianas quadrigas, quam postmeridianas, libentius dixerim: & mehercule, quam mehercules. Non scire qui tenet, barbarum jam videtur: nescire dulcius: Ipsum meridiem cur non me-*

*didiem? Credo, quod erat insuavius. Cicero. Orator. ad M.B. num. 47. Et infra = Consule veritatem, reprehendet: refer ad aures, probabunt. quare, cur? ita se dicent juvari. voluptati autem aurium morigerari debet oratio.*



escrever também com *i*, para se conformar com a pronuncia: Muito mais porque eles escrevem *Meio*, *Veio*, *Correio* com *i*, e a mesma razão milita, nos que apontamos, e semelhantes. Da mesma sorte achando-se escrito *Outo* com *u*, deveriam ensinar aos rapazes, a conformar-se com a escritura, se intendem que é arzoada: se porem intendem, como na verdade é, que parece áspera e dura; deviam dizer, que se escreve-se com *i*, e nam enganar os rapazes na pronuncia.

É na verdade nam posso intender, por-que razão, pronunciando os omens doutos nos-seus discursos, *Dois*, *Oito*, *Oitenta*, *Toiros*, *Coizas* &c. devam na escritura mudalo em *u*; se nam é por-se-conformar com quatro velhos impertinentes, que intendem e julgam mal das-coizas. Este é o mesmo cazo de *Optimus*, *Maximus*, *Dividundo*, *Faciundo*, e outros semelhantes dos-Latinos. Cicero, Cezar, Nepote, e outros omens cultos, nam puderam sofrer aquella pronuncia; e convertéram aquelle *u* em *i*, para fazer suave a lingua: Salustio, que nos-ultimos tempos o-quiz conservar, foi criticado: e nem menos agradou *Varram*, que era o protetor das-antiguidades. Onde deve isto também ser permitido na lingua Portugueza, que filha da mesma maen, tem as mesmas qualidades. Parece coisa galante, que estes omens, em vez de facilitar aos Estrangeiros, a pronuncia da-sua lingua; só busquem meios de aumentar, a aspereza dela. Certamente que o Camoens no-XVI. seculo, apurou muito a sua lingua, servindo-se da-Italiana &c. e isto devemos nós também fazer, emendando os erros de Camoens, nam só no-que digo, mas em outras coizas, em que ele pecou, e eu podia advertir. Concluo dizendo, que na lingua Portugueza, nam só se-devem tirar as letras superfluas, onde nam se-pronunciam; mas escrever outras, que se-pronunciam, e até aqui se-deixavam. Onde, todas as vezes que se-pronuncia o *i* entre *e*, e *a*; deve-se escrever. V. g. *Cadeia*, *Ideia*, *Ceia*, *Veia* &c. visto que os Portuguezes escrevem comumente, *Meia de calsar*, *meia duzia* &c. e a razão é a mesma em ambas as partes. Por-esta mesma razão se-deve escrever em todos os Verbos, como *Leia*, *Pafela* &c. porque se os-pronunciassem como *Ceo*, *Plebeo*, *Chapeo* &c. neste cazo era justo que lho-tirassem: mas levando o *i* na-pronuncia, também o-deve ter na escritura. Desta sorte foyente, se poderá introduzir uma Ortografia certa, e geral, que nam necessite dar diversas razões em todas as palavras. Repare V. P. que eles escrevem *Aia*, *Maiã* &c. com *i*, porque o som desta vogal é claro: e porque nam faram o mesmo com outros nomes, que sam puros Portuguezes?

Acho alem disto omens, que aconselham, se-tire de *Arrecadar*, *Arrematar* &c. o *arre*; e se-diga, *recadar*, *rematar*. Sam deste parecer o Bluteau, e algum outro. Mas estas orelhas tam delicadas e escrupulozas, que se-ofendem com tais minucias; nam tem dificuldade, de se-servirem em todas as paginas destes termos, *Com noticia*; &c. o que abunda no-



Bluteau : ou , como diz o Vieira , *Por raxam* , e outras tais. Parece-me , que estas cacafonias menos soffríveis , se-deviriam evitar ; deixando as outras que nada ofendem. Este metodo de reformar a Ortografia , era melhor que se-ram-impremise.

Ora deste dano de pronunciar mal o Portuguez , de que até aqui fizemos mençam ; rezulta outro , de conservar no-Latin os mesmos erros. onde seria mui util , que se-emendassem quanto pudessem. Sei , que isto tem sua dificuldade , porque os ignorantes sam muitos , e pronunciam mal : mas Roma nam se-fez em um dia. Seja V. P. um dos-primeiros a dar exemplo : persuada isto mesmo aos seus amigos : que os outros os-imitarãm. Deste modo introduzirãm em Portugal uma Ortografia , quanto mais poder ser , constante ; o que até aqui nam tem avido : e assim sera mais bela , e facil a pronuncia ; e mais armoniozos os verlos Portuguezes.

Isto me-parece basta advertir , sobre a Ortografia Portugueza , visto nam fazer tratado dela. muito mais , porque com estas poucas regras , se-pode responder . as outras dificuldades que ococerãm. Algumas observaçoens de menor momento , podem-se ver , nas Ortografias Portuguezas : tendo a advertencia , de nam se-deixar enganar , das regras que dam , porque comumente sam mui más. O P. Bento Pereira , que cuidou foi dos-primeiros , que escreverãm nesta materia , dá muito más regras ; e só proprias para destruir , o que cada um sabe. O Barreto , o Leam , o Vera , tem algumas coizas boas , entre outras muito más. Na mesma classe ponho , o que diz o P. Argote , nas suas Regras Portuguezas ; e algum outro. Tais autores copiaram-se fielmente uns a outros , sem examinarem a materia.

Sei que alguns , dam em razam do-que eicrevem , acharem-no assim escrito , nos-antigos Portuguezes. Mas esta razam , é de caboesquadra. Porque tratando-se de linguas vivas , que nam estavam purgadas polo passado , mas que na nosa idade , se-vam reduzindo à perfeisãm ; e desta , da qual no-nosso tempo , appareceu o primeiro Vocabulario ; nam devemos estar , polo que disseram os Velhos : mas examinar , se á razam , para se-dizer assim. Observe V. P. que os que assim respondem , contrareiam-se na pratica : porque nam uzam daquelas palavras toscas , que ainda lemos nas leis antigas , nos-testamentos , doações , e outros documentos , que deixaram os Antigos. Seria uma ignorancia manifesta , e aetasam indesculpavel , falar oje com muitas palavras , de que uzaram os antigos Portuguezes. E isto , nam por-outra razam , senam porque a lingua se-foi purgando , e os omens mais capazes intendêram , que se-devia falar de outra maneira. E se isto se-pratica , com inteiras palavras , porque o-nam praticaremos , com melhor pronuncia ?

Alem disto , é ja coiza muito antiga , que o uzo e juizo dos-omens doutos , e de boa eleisãm , decida neste particular. E como ajam muitos Portuguezes inteligentes , que escrevem polo contrario ; e assim boa ra-



zam do-que dizem ; nam tem lugar nisto , uma prescriçam sem fundamento. No-tempo de Cicero , a lingua Romana tinha de idade , polo menos , uns setecentos annos ; ( contando fomento da-fundação de Roma : porque sabemos , que a lingua do-Latio é muito mais antiga ) e contudo ele , e outros omens doutos , a-purgáram muito bem. Observe V. P. os fragmentos , que temos , de *Livio Andronico* , *Enio* , *Estacio Cecilio* , *Pacuvio* &c. e as obras de *Catam* o velho , de *Plauto* ; e achará , palavras dezuzadas , e mui toicas ; e , em algumas obras , uma composiçam languida , e sem graça. Profiga mais para baixo , examine as obras de *Terencio* , *Lucrecio* , *Varram* , *Catulo* , *Sallustio* &c. achará neles a lingua mais mudada , e palavras mais polidas. Defa finalmente à ultima fineza da-idade de oiro da-Latinidade , quero dizer , aos que melhor faláram , no-seculo de Augusto ; e sempre lhe-crecerá a admirasião , porque crece a mudança. *Pacuvio* , e *Estacio* tem tanta semelhança com *Cicero* , *Cezar* , *Cornelio Nepote* , *Virgilio* , *Oracio* &c. como o dia com a noite. naquelles , tudo é inculto : e nestes , tudo é polido , palavras , fraze , e metodo. E mais todos entram na idade de oiro ! O mesmo Cicero , em alguns seus tratados , adverte , quanto trabalhára neste particular , para apurar a lingua. Oracio tambem adverte , que o bom uzo , é o que emenda as linguas. Finalmente advertiram os Gramaticos , e Oradores de melhor nome , que a Ortografia , está fugeita ao costume (1) : e um douto Latino , deixou escrito nesta materia : *Antiquitatem posterior consuetudo vicit.* (2) E nem somente encontrará V. P. palavras mudadas , mas novas. Os Romanos nam tinham palavras para tudo : e assim foi necessário tomalas prestadas : principalmente em materias de Ciencias , e Artes : as quais adotaram como Latinas. Este é o privilegio das linguas vivas. Mas certamente nam conhece este privilegio , quem se-escandaliza , como vi alguns , de que se-recebam palavras estrangeiras em Portugal. Se os Portuguezes as-nam-tem , que mal fazem , em pedilas aos outros ? Nam approvo porem , o que muitos fazem , servir-se sem tom nem som , de vozes estrangeiras , e palavras puramente Latinas , tendo outras Portuguezas tam boas. O que observo em muitos , que prezumem de Criticos : e Poetas : especialmente no-dito Inacio Gareez Ferreira. O que digo é , que nam se-achando proprias , nam é delito , procuralas em outras linguas ; ou fazelas novas : e que , quando as proprias sam asperas , se-devem adoçar.

Este mesmo uzo , de purgar as linguas , melhorando na-boua pronuncia , enriquecelas com palavras novas , quando á necessidade ; está geralmente introduzido. Achei livros , ainda impresos , Inglezes , Francezes , Espanhoes , e Italianos , com infinitas palavras , que ja oje nam estam em uzo , e com um estilo de fraze pouco uzada. e lembro-me agora , ter visto á ~~anos~~ <sup>anos</sup> , um livro de Genealogias de Flandres , escrito polos

(1) *Quintil. l. i. c. i. Varro de lingua L. 1.6. & alii.*

(2) *Marius Victorinus Aff. de Orthographia.*



avos de Christo 1400. em um Francez tam embrulhado, que o tinham imprimido, com a versam de Francez moderno a lado: sem o qual socorro, nam era facil entendeio. Os nosos antigos Poetas tem palavras, que oje se nam recebem. Em *Dante*, e *Petrarca*, acham-se coizas nam mui finas; e tambem em outros. Os Modernos de todas estas Nasoens, melhoraram sobre os Antigos, e serviram-se do-seu direito, para emendar a lingua. os mesmos Portuguezes o-fizeram. Finalmente isto é tam claro, que me-envergonho de o-provar. E com effeito, a estes que assim respondem, ou assim argumentam, seria mais acertado, nam-lhe-responder. E' fazer-lhe muito favor mostrar, que tais argumentos tem resposta. Mas eu o faço aqui, porque a amizade de V. P. me-obriga a obedecelo: e escrevo isto, mais para satisfazer ò seu dezejo, doque à materia.

A outra razam, que outros afinam, para se desculparem dos seus erros é, que umas vezes dobram as letrás, para mostrarem donde se derivam: outras, para a significasam, quero dizer, os diversos tempos: E assim escrevem *Escritto* com dois *tt*, para mostrar, que vem de *Scriptus*: e *Amasse* com dois *ss*, para o-distinguir do-prezente *Ama-se*. Esta razam achará V. P. em alguns livros impresos. Mas, com todo o respeito que devo, a quem uza dela, digo, que nada vale. A maior parte das-palavras Portuguezas, tem origem Latina: o que até as crianças sabem: quizera pois que me-discem, porque se-devem dobrar em vinte, ou trinta palavras, e nam nas mais? Alem diso se V. P. observa, muitas palavras Portuguezas, achará, que nam só tem origem, mas sam puras Latinas. V. g. *Aplaudo*, *Aplíco* &c. e nestas será tambem necessario dobrar os *pp*, e escrever trez consoantes seguidas, como no-Latim. Será tambem necessario pòr o *s*, antes de *Ciencia*, e finalmente comesar muitas disoens, por-duas consoantes, *mn*, *pn*, *sp*, *ps*: porque tudo isto á no Latim. O *c* antes de *t*, tambem se-deve pòr, em muitas palavras, como em *Benedicto*, *Doctor*, &c. E nam sei, se, os que seguem o dito parecer, admitirão todos estes acrescimos: o que nem menos o Italiano, que se-preza de filho primogenito do-Latim, admite em tudo. Crece o argumento se observamos, que o Portuguez tem palavras Arabias, Goticas, Inglezas, Tudescas &c. o que suposto, será necessario em cada uma, pòr a sua diferença original: ou ao menos nas Latinas, para as-nam-confundir com as outras. Finalmente se a tal razam valesse, nam deveria quem uza dela, pòr *h*, em *é* verbo, e outros destes: porque na sua origem nam o tem.

Mas, deixando outras observaçoens, com que podia provar, a insufistencia das-ditas razoens; darei só uma, que prova por-todas; e esta especialmente serve, contra aqueles Portuguezes que dizem, que se-devem dobrar muitas letrás, que se pronunciam dobradas; e expresamente se-ouvem os dois *mm*, em *comum*, e outras semelhantes. Digo, que para responder a estes, basta citar-lhe o exemplo, da lingua Italiana. Nam vi ainda Por-



tuguez algum ( nam falo dos-que paſaram a Italia até a idade de 7 ou 8. anos : porque eſtes perdèram a ſua lingua , e falam o Italiano , como lingua propria ) por-mais eſtudiozo , e diligente que foſe , que aprendeſe a pronuncia , principalmente Toſcana , ou Romana : em que expreſamente ſe-pronunciam as duas letras conſoantes. todos as-pronunciam como uma ſimplez. V. g. diſtinguem os noſos *Capello* , que ſignifica *Cabelo* , de *Cappello* , que ſignifica *Chapeo* ; com pronunciar dois *pp* , e dois *ll* no-2. Nenhum Portuguez o-chega a diſtinguir : e por-iſo ſam logo conhecidos , por-Eſtrangeiros. O meſmo digo em todas as outras dobradas. O mais que vi foi , pronunciar os dois *xx* , v. g. em *Paláxxo* , *Ragaxxo* : mas iſto com muito eſtorſo , e pola razam , de que ſe-pronunciam diferentemente : quero dizer , que os dois *xx* , pronunciam-ſe como *ds* : que , ſe tiveſem ſoido igual , nam os-pronunciariam. Eſta experiencia conſtante moſtra , que é falſo dizer , que os Portuguezes , na-ſua pronuncia natural , e ſem fazer um grande eſtorſo , pronunciem as dobradas. Do-que ſe-ſegue ; que ſam inutis as tais letras. E em tal cazo entra a minha regra , que as letras inutis , ſe-devem deſterrar , da-lingua Portugueza.

Sobre a pontuaſam ; tenho pouco que advertir a V. P. E' claro , que a *Virgula* foi inventada , para denotar a interrupſam que ſe-faz , quando ſe-toma a reſpirafam : e para dar alguma diſtinſam ao diſcurſo , e impedir a equivocafam nele. Tem ſeu proprio lugar , quando ſe fazem diſtinſoens de Nomes , ou de outras palavras , que dependem do-meſmo Verbo , e ſe unem em uma propoziſam. v.g. *Pedro foi ſoldado , capitam , coronel , e chegou a ſer general.* Uza-ſe tambem dela , antes da-Conjunſam copulativa , e adveriativa. v.g. *Pedro , e Paulo partiram : Nem Pedro , nem Paulo partio.* mas nam ſe deve uzar , quando a conjunſam eſtá entre ſinonimos. v. g. *Antonio tem eloquencia e facundia. Pedro tem grande animo e valor.* Porem muito bem ſe-uzar entre propoziſoens , que ſignifiquem o meſmo ; a que podemos chamar ſinonimas. v. g. *Cezar ſubjogou todo o imperio Romano , e com a ſerie das-ſuas vitorias conſeguiu , que os Governadores , o-reconheceſem ſoberano.* aindaque entre eſtas , ſendo longas , pode-ſe eſcrever ponto , e virgula , ou dois pontos.

Utilmente ſe-uzar da-*virgula* , para diſtinguir e fazer mais claro o diſcurſo : o que ſe-faz em trez cazos. I. ſeparando as propoziſoens , regidas pola meſma peſoa , ou coiza. v.g. *Umaz vezes ri , outras chora. Tomou umaz lanſa , e lhe-atraveſou o peito.* II. interrompendo o ſentido , com outras palavras. v.g. *Deus , autor do-mundo ; é pai de misericordia ; e tem providencia das-criaturas.* mas quando a interrupſam é comprida , é melhor por-lhe ponto e virgula ; como abaixo diremos. III. ſeparando aquelas propoziſoens , emque a ſegunda , é objeto da-primeira. v.g. *Dexejo ver como ſucedera o negocio. Querera Deus , que iſo nam ſe-verifique.*

Finalmente ſe às vezes nam ſe-poem virgula , pode nacer confu-



zam no discurso. v.g. *Cuidando na minha assisam, e occupado neste pensamento, confuzo fui de caza.* se nam ouvése virgula, em pensamento, podia unir-se com *confuzo*, e cauzar nova confusam. Mas nisto das-virgulas, é necessario ter muito cuidado, de nam ser excessivo: como fazem alguns, prezados de doutos, que em cada palavra poem virgula. o excesso, e a falta igualmente se-devem evitar.

Tambem a *parentesis*, é especie de virgula: e consiste neste final, ( ) com o qual se-compreendem algumas palavras. Escreve-se, quando dentro de uma proposiçam, se inclue outra, separada do-sentido; ou para excessam, ou declarasam de alguma coiza. v.g. *Deixo de dizer (ainda-que poderia com razam) as atrocidades que cometeo. O Amor, (como achamos escrito na Sagrada escritura) é tam forte como a morte.* Porem, se a interruçam é breve, bastam duas virgulas. v. g. *O Amor, como ja disse, é uma grande paixam.*

Despois da-virgula, seguem-se os *dois pontos*. Estes se-poem, quando o sentido da-orasam é completo, quanto à iustancia; mas nam em quanto ao fato: quero dizer, quando o que se-escreveo, faz por si só sentido perfeito; desorteque podia-se terminar com um só ponto: mas quem escreve, ainda tem alguma coiza que acrecentar, para melhor declarar a coiza, ou expremir alguma circumstancia, com a qual se-acabe de todo o periodo. v.g. *Recebi o doutissimo livro que v. m. me-mandou: para me obrigar com isto ainda mais, doque estava.* Neste periodo, despois de *mandou*, escrevem-se dois pontos: porque o sentido, ja está completo; mas ainda á que acrecentar. E estes dois pontos se podem replicar, em um longuissimo discurso, tantas vezes, quantas o sentido da-orasam for sufficientemente completo. Mas a melhor regra que nisto se-pode observar, é esta: Se a proposiçam que se-segue, nam é muito independente da-antecedente, deve-se pôr dois pontos. v.g. *Estudar varias ciencias no mesmo tempo, antes confunde, que doutrina: como tambem o comer no-mesmo tempo comeres diferentes, tanto nam engorda, que ofendo.* Mas se eu comesase a segunda, por-palavras menos dependentes, deveria pôr um ponto. v.g. *Estudar varias ciencias, no-mesmo dia, antes confunde, que ensina. Da mesma forte, como dizem os Medicos, mui diferentes comeres no-estomago, impedem a digestam.* neste caso ponho ponto, porque o sentido é mais separado. Porem se as proposiçoens sam breves, intendo mais acertado, separalas com uma virgula. v. g. *O estudar muito junto faz confuzam, como tambem o comer muito.*

O *ponto*, costuma-se pôr, no-fim do periodo, e quando o sentido é totalmente completo. Neste particular observe, que muitos em Portugal eninam, que depois de ponto, sempre se-poem letra grande. O que é um ingano manifesto; e contra a pratica dos-que melhor escrevem: que dizem, que quando os periodos sam breves, e em certo modo dependem uns dos-outros; basta despois de ponto, pôr letra pequena: e quando isto  
su-



succede no fim do verso, poem-se dois pontos: visto que o verso seguinte deve sempre comesar, por-letra grande. Onde os omens doutos advertem, que nam só se-pode escrever letra pequena, depois de ponto final; mas-tambem algumas vezes, depois de dois pontos, letra grande, quando o periodo é comprido, e se-tem posto muitas vezes dois pontos: ou tambem quando se introduz alguma pessoa que fala, ou coiza semelhante.

E aqui incidentalmente advirto, que nisto de escrever letra grande, á um grande abuzo: avendo escritores que a-escrevem, em mil coizas desnecessarias: o que ofende a vista. E assim, nam avendo razam forsoza, deve-se escrever letra pequena, que é mais natural. As regras que nisto dam, os omens mais advertidos, se-reduzem a estas. Poem-se letra grande. I. quando se-comesa o discurso. II. nos-nomes proprios, e sobrenomes tanto de Pessoas, como Provincias, Cidades, Ilhas, Montes, Mares, Rios, Ventos, e Animais. III. nos-nomes de dignidade, ou abstratos, como *Bispado*, *Papado* &c. ou concretos, como *Papa*, *Rei*, *Abade*, *Conego*, *Senador* &c. mas nam se-poem nos-de officios inferiores, como *soldado*, *pintor*, *sapateiro*. IV. nos-nomes apelativos, quando se-tomam por-alguma coiza particular. v. g. *O Orador Romano*, por-Cicero: *o Doutor Angelico*, por-S. Thomaz: *Religiam*, pola vida Religioza &c. V. nos-nomes do-genero, ou especie, quando significam todo o genero, ou especie. v. g. *A Terra é redonda*. *Os Rios correm para o mar*. porque significando um individuo particular da-dita especie; v. g. *um bocado da terra* &c. basta letra pequena. VI. as coizas inanimadas tomadas como pessoas, ou polo genero. v. g. *A Ira é uma grande paixam*. *O Amor cega os mais doutos* &c. VII. os Adjetivos tomados como Substantivos. v. g. *O Amigo*, é outro eu. *O Forte*, aumenta o animo nos-perigos. VIII. os nomes que significam multidam. v. g. *Senado*, *Republica*, *Cabido*, *Turcos*, *Inglezes* &c. IX. os nomes da-materia, de que principalmente se-trata. v. g. *A Incarnasam*, a *Simonia*. ou tambem os nomes das-principais partes, em que se-divide um todo. v. g. *Neste caso pecam alguns*, por-*Ignorancia*, ou por-*Malicia*. Por-*Ignorancia*, pecam *aquelles* &c. X. quando no-discurso se-introduz alguma pessoa, que fala. v. g. *Voltando-se entam para o ceo S. Paulo*, disse, *Senhor*, que quereis que eu fusa? mas se o discurso, que se introduz, fosse mui longo, seria mais acertado, separalo com um ponto final. E a palavra que se-segue, depois do-ponto interrogativo, nam deve ter letra grande; porque nam comesa um sentidodo novo.

Estas sam as regras, estabelecidas polo melhor uzo. Contudo á alguns, que ainda ás vezes as-limitam, quando intendem, que nam sam necessarias. v. g. Vindo juntos dois nomes, um generico, e outro particular, como *Seita Turquesca*, *Igreja Catolica*, *Senador Romano*, *Academia Real*, *Concilio Toletano*, *Concilio Geral* &c. deitam fóra a letra grande dos-primeiros, e somente a-conservam nos-segundos, que distinguem os primeiros.



Porque aindaque em outras ocaziões, achando-se fomento a palavra, *Igreja, Concilio, &c.* tenha letra grande; neste caso porém, parece ser efuzada: o que eu aprovo. Outros ainda fazem mais, que, achando muitas destas ultimas palavras, que aponto, como *Senador, Consul, &c.* escrevem-nas com letra pequena: principalmente se está unida a algum sustantivo Proprio. v. gr. *Joannes rex, Cicero consul.* E isto achamos mui praticado, em antigos manuscritos; e belissimas edisões de livros modernos, emendadas por-omens mui doutos. Onde nam se-deve condenar, se algum o-praticar em alguma conjuntura, para evitar tanta letra grande.

Outros ainda limitam, o que se-diz nos-meros V, e IX. porque intendem, que nem sempre é necessária, a dita letra grande. E em tal caso, ou escrevem letra grande, só na primeira vez: ou poem uma risca por-baixo, escrevendo; o-que na imprensa convertem em letra curfiva: ou nam a-poem: Nam parecendo muito bem um papel, em que repetidas vezes se-encontram as meimas palavras, com letra grande: o que ofende a vista.

Tornando pois aos *pontos*: algumas vezes o periodo inteiro, é acompanhado de admirafam, ou interrogafam: e em tal caso o ponto se-acompanha, com o final proporcionado. A *admirafam*, nota-se assim, (!) v.g. *Morreo, caso admiravel! dezesperado.* ou em qualquer outra parte, em que entre a admirafam, ou simplez exclamafam. A *interrogafam*, ou proguntta, distingue-se com este final, (?) v.g. *E porque nam poderei eu fazer isto? qual de vos outros mo-pode impedir?* Muitas vezes succede, que a *interrogafam* é acompanhada de exclamafam. v.g. *O' que grandes consequencias, se-ám-de seguir de um tal fato!* ou tambem: *E como é possível, que te-ocorre-se fazer isto?* e nestes cazos, é licito por um, ou outro final, como melhor lhe-parecer. E' porém de advertir, que quando a proguntta é mui comprida, e que na longueza, perde a forsa de proguntta; os omens mais doutos, nam costumam por-lhe no-fim, o final de *interrogafam*: mas se lho-poem, é no-principio, ou no-fim do-primeiro periodo, ou nam lho-poem. V.g. *Julgas tu, que á omens de tam pouca considerafam, que sigam um tal estilo, nem fasam caso da-palavra, nem procurem ilexa a sua omra, nem tenham diante dos-olhos estas circumstancias: as quais se eu nam tive se executado, totalmente me-faltaria aquela benevolencia, que certamente me-mostram, os que examinam as minhas afoens =.* Neste periodo, ou se-deve por ponto de *interrogafam*, despois de *tu*: ou, despois de *circumstancias*: ou, em nenhuma parte: vistoque o contexto mostra bem, em que sentido se-fala.

Finalmente deve-se advertir, que á outra separafam de-periodo, a que chamam *Paragrafo*: o qual se-comesa, quando a materia que se-trata, se-acabou; e se-pasa a outra materia. Muitas vezes se-comesa *paragrafo*, quando o discurso tem sido comprido, e, por-nam-fazer confuzam,  
é ne-



é necessário variá-lo. o que succede , quando sobre a mesma coiza , alego muitas razoens , e cada uma ocupa uma meia pagina. Em tal cazo , para evitar a confuzam , e dar mais gosto , e repoizo a quem le ; é justo comear paragrafo. O que porem se-deve regular , pola prudencia de quem escreve : pois tam enfadonho é , comear paragrafo , de pois de trez folhas , como de pois de trez ou quatro regras. Caiem no-primeiro deste defeito , alguns prezados de doutos : que , ouvindo dizer , que os Antigos nam uzavam das-separasoens de capitulos ; sem mais outra reflexam , fazem um longuissimo discursão , sem divizam de paragrafos : em modo tal , que se-perde a respirasam lendo-os. No-segundo , caiem muitos Escolasticos , que de cada texto fazem um paragrafo. Uma , e outra coiza se-deve evitar.

Alem das-ditas pontuasoens ; inventaram os escritores , principalmente modernos , outra , a que chamam ; *ponto e virgula*. e isto para variar a pontuafam , e para evitar por tantas virgulas seguidas , antes dos dois pontos , nos-periodos longos. Este *ponto , e virgula* , é uma pauza , maior que a virgula , e menor que os dois pontos. Poem-se , quando a orasam ja faz algum sentido ; mas nam o que basta para se-intender , de que se-fala : e ainda a primeira propozisam , espera pola segunda , para se-poder intender- v. g. *Aindaque eu nam tenha , todo o dinheiro necessario , para a compra ; farei o possivel , polo alcanfar : para concluir de uma vez , este negocio*. No-qual periodo , quando chegamos à palavra , *compra* ; ja temos algum sentido : e quer dizer , *que nam tem dinheiro para a compra*. mas fica o sentido imperfeito , por-cauza da-palavra *ainda* : a qual faz que eu espere , pola seguinte propozisam até *alcanfar* , onde faz suficiente sentido.

Daqui fica claro , que *ponto e virgula* tem o seu proprio lugar , de pois das-propozisoens , que comecam por-*como , qual , quanto , se , aindaque &c.* as quais introduzem aquella dependencia , que digo. Finalmente de pois de qualquer propozisam , em que aja palavras , que unam com as palavras seguintes. Especialmente se-poem , quando se-fala de coizas opostas : ou quando se-faz enumerasam de muitas partes , e se-especificam todas. v. g. *Destruio cazas , e templos ; o sagrado , e profano ; o seu , e o alheio , &c.* Adverte-se porem , que os periodos , os quais , sendo longos , podem receber ponto e virgula ; em cazo que sejam curtos , basta que tenham virgula : por-nam fazer tam enfadonha a repitasam dos-pontos e virgulas v. g. *Neste particular á duas opinioens : uma é de Cujacio ; a outra seguem Joam André , e Ostiense*. parecerá a muitos , que em *Cujacio* , basta uma virgula , o que eu nam desaprovo : outros quereram ponto e virgula. e assim é livre a cada um , fazer o que lhe-agradar. Polo contrario , se os periodos forem mui compridos , se-deveria por ponto. v. g. se eu disese : *Prova-se isto com duas razoens. A primeira é , porque &c.* neste cazo se a explicasam desta primeira razam , se-extendese até metade da-folha , ou ainda mais ; no-fim , deve-se por ponto somente : e muitas vezes pode ser necessario , comear a



segunda razam, nam só com letra grande, mas ainda em novo paragrafo. Tambem quando se-tem posto algumas vezes, ponto e virgula; costumam os omens doutos, escrever dois pontos; aindaque o sentido nam seja completo quanto ao fato: para mostrar, que se-deve fazer maior interruçam; e descansar quem le, e quem ouve.

Isto é, o que me-ocorre advertir, neste particular da-pontuafam. Devo porem declarar a V. P. que esta materia, nam é ponto matematico, que nam admite mais, ou menos: antes, polo contrario, depende muito, da-vontade de quem escreve. Porque aindaque todos convenham, na-razam das-regras; quando porem decemos aos cazos particulares, e examinar, se neste ou aquele cazo, deve entrar virgula, ou ponto e virgula &c. acha-se muitas vezes diversidade, ainda entre os omens doutos. Eu neste particular, propuz o que vejo praticar, aos que melhor escrevem; e que se estriba, na razam das-regras: mas nam condenarei, quem se-afastar alguma vez destas advertencias, com-tantoque nam se-delvie em modo, que fasa despropozitos. Eu mesmo sou o primeiro, que as-nam-figo escrupulozamente: antes muitas vezes, em lugar de *ponto e virgula*, escrevo *virgula*: em vez de *dois pontos*, ponho *virgula e ponto*: e quando os periodos sam curtos, nam-tenho às vezes dificuldade, de escrever *virgula*, em lugar de *ponto*: ou outra semelhante mudança. O que faso quando me-parece, que com estes finais, fica bastantemente separado o discurso, e livre de confuzam: e porque vejo, que muitos escrevem da mesma sorte, e me-intenderam tambem. Esta é a principal regra, em materia de pontuafam: evitar as confuzoens, e procurar que os outros intendam, tudo quanto eu quero dizer. Devo porem dizer a V. P. que vejo muitos autores Portuguezes bem modernos, que fazem gala, de as-desprezar: e publicam obras, nas quais em uma pagina tudo sam virgulas, e apenas se-acha um ponto. Especialmente \*\*\* e outros que V. P. bem conhece. O Conde da-Briceira D. Francisco Xavier de Menezes tambem seguia esta doutrina: pois em algumas suas aprovaçoens de livros, que tenho visto, tudo sam virgulas: de-orteque ninguem o-pode ler seguidamente, porque cansa a respiraçam. E se isto pode ser louvavel, eu o-deixo julgar aos dezapaixonados inteligentes.

Muitas outras miudezas, se-podiam advertir, tanto na materia de Pontuafam, como de Ortografia: mas estas ou se-acham, nas instruçoens impresas a este intento; ou, se nam se-acham, como na verdade as-nam-vemos; aprendem-se com o uzo: e quem percebe bem, as advertencias que temos dado, escreverá sem embaraso algum com perfeisam: e poderá rezolver, qualquer das-que occorrem. Eu nam determinei, escrever um tratado completo: mas unicamente, sugerir a V. P. o que se-acha mais bem notado, nesta materia: e o que deve ensinar um mestre, ao dicipulo, a quem explica a lingua Portugueza. Para V. P. é isto superfluo: e para os  
igro-



ignorantes, é ainda muito, mas eu tomo a liberdade de falar com V. P. como com um principiante, porque assim me tem ordenado. Somente acrescento, que isto que disse da Pontuação, se deve entender, nam só no-Portuguez, mas no-Latim, e nas-mais linguas, que desta naceram.

Concluirei esta carta lembrando a V. P., que, para facilitar este estudo à Mocidade, seria necessário, que algum omem douto, abreviásse o Dicionario do-P. Bluteau, e o-reduzisse à grandeza, de um tomo em folha, ou dois em 4. Ninguem pode olhar para a obra do-P. Bluteau, sem ficar esmorecido, pola quantidade de volumes. Este Religiozo era douto, e infatigavel: e fez à nossa Portugueza um grande servilo; compondo um Dicionario, que ella nam tinha: e quem diser mal dele neste particular, é invejoso, ou ignorante. Mas tem alguns defeitos, que seria necessário emendar: Era mui medroso: e nam tinha metodo. O medo, reconhece-se em cada pagina das-suas obras. Fora maltratado por-alguns Portuguezes injustamente: e a cada passo se-queixa: e dá uma satisfação. Os Prologos, tanto na primeira Obra, como no-Suplemento, sam insupportaveis: e apostarei, que se-nam-acha omem, de tanta paciencia, e tam mau gosto, que os-possa ler todos seguidamente: porque a cada momento, repete as mesmas coizas. E o pior é, que com dizer tanto, nam explica o que deve: pois querendo um leitor saber, o que ele faz no-Dicionario, e que razam dá da-obra; nam sabe por-onde á-de comesar, Com um só titulo dirigido ao leitor\*\*\* comprehendia todos, os que ele poem no-seu Prologo: e com um Prologo mui breve, dava razam de toda a obra. Os omens doutos, intendem mui bem as coizas: e sabem desculpar um autor, que escreve uma voluminoza obra: especialmente um que escreva um Dicionario, que seja o primeiro que aparece naquela lingua. Nam á prior trabalho que este: e nam á algum que menos pareça grande, a quem o-nam-provou, do que este. De sorte que chegou a dizer o douto Escaligero, (1) que era pior este trabalho, que ser condemnado às minas, como faziam os Romanos. Com que a estes, bastam poucas palavras: aos ignorantes, nam se-devem dar satisfaçoens, ou digam bem, ou mal. Nem menos me-agrada o titulo da-obra, que é mui afetado, e cheio de superfluidades. Já se-sabe que um Dicionario, comprehende todas as palavras, com que se explicam na dita lingua, todas as coizas imaginaveis. E o exemplo que elle tras de Furetiere, Moreri, Hofman, que enchèram o titulo, de semelhantes coizas, nam desculpa os seus erros: porque se caza muito bem, que errem dois omens de diferentes Naçoens, na mesma materia. Avul-

(1) *Si quem dira manet sententia  
Judicis olim*

*Damnatum aerumnis, suppliciiisque ca-  
vut:*

*Hunc neque fabrili lassent ergastula  
massa,*

*Nec rigidas vexent fossa metalla ma-  
nus.*

*Lexica contexam, nam cetera quid mo-  
rer? omnes*

*Pœnarum facies hic labor unus habet  
Sylvacum Carm. 39.*



Avulta tambem muito a obra, porque as explicaçoens sam longas, e o carater é mui grande. O que tudo se-podia reduzir, a menor extensam: bastando um exemplo de um bom autor, e deitando fora tantos Latins, e citaçoens superfluas. E assim, todo aquele grande Vocabulario, se-pode reduzir nas segundas impressoens, a trez ou quatro volumes, se lhe-tirarem o que tem de superfluo: e seria tambem mais barato, e mais util à Republica. Mas ainda despois de tudo isto, seria necessario, fazer um Compendio, para uzo dos-rapazes. Que é o que os Nossos tem feito, compendiando o *Vocabulario da-Crusca*, quero dizer, da-lingua Toscana, (sam trez ou quatro volumes) em dois tomos de 4. Mas neste Dicionario, se-deveria acautelar outra coiza, em que caio o P. Bluteau; que foi, nam distinguir as palavras boas, de algumas plebeias, e antigas. Ele ajuntou tudo: e ainda muitas palavras Latinas, que muitos Portuguezes modernos afetadamente aportuguezaram. E este é o maior defeito que eu acho, naquêlle Dicionario. porque nam ensina a falar bem Portuguez; como o da-nosa Crusca, que nam tem, senam o que é puro Toscano; e nota às vezes o que é *antigo*, ou *poetico* &c. Sei, que alguma diversidade se-acha: porque os nossos autores, que fazem texto, sam os que escreveram, em um seculo determinado: e assim tudo o que é moderno, entre nós é barbaro. Polo contrario a lingua Portugueza, como á pouco tempo que comelou a aperfeisoar-se, nam pode excluir, tudo o que é moderno. Contudo, deveria o P. Bluteau, nam abraçar senam os autores, que falaram melhor. v. g. desde o fim do-seculo pasado para cá: ou encurtar mais o tempo. E ainda neses, que talvez nam serem iguais em tudo, escolher, o que é mais racional: e nam tudo o que aportuguezaram alguns destes, prezados de eruditos; que, porforia, querem introduzir, uma mixtura de Portuguez, com Latim. Temos o exemplo da-Academia Franceza, a qual no-seu Dicionario, nam poz as vozes plebeias, e antigas; mas as puras, e que oie falam os omens cultos. Aindaque, como diz o Senhor de Furetiere, (1) é justo, que se fasa um Dicionario à parte, das-vozes antigas, e baixas: paraque, por-meio dele, posamos intender, os antigos documentos. Isto fizeram muitos na lingua Latina; compondo somente Vocabularios da-inferior Latindade, como *Vossio*, *Ixidoro*, *Spelman*, *Du Cange*: o qual ultimo fez tambem outro, para o Grego inferior. E isto mesmo deveria ter feito Bluteau: pondo em um volume, as palavras boas; no-outro, as antigas &c. O certo é, que os Nossos no-Compendio da-Crusca, somente puzeram as puras: e advertiram as que sam *poeticas*, e nam tem lugar na proza. O mesmo Bluteau em certa parte, (2) reconhece a necessidade deste distinto livro; e deu uma ideia dele, nos-Catalagos que traz, no-Suplemento. Mas se o dito P. o-nam-fez, porque quiz comprehender, tudo o que se-acha em

Por-

(1) *Pref. du Dictionaire Univer-*(2) *Proxas Academic. fol. 26.*



Portuguez, ou por-outro motivo; no-Compendio porem do-dito Dicionario, nam se deviam escrever, senam palavras puras e boas, e segundo a pronuncia mais suave. E. g. nam escrever *Devaçam*, porque o disse o Vieira: mostrando a analogia, que se-deve dizer *Devosam*: muito mais, porque assim o-pronunciam os doutos, e é mais agradável. O mesmo digo, de *Outo &c.* porque escrevendo muitos omens doutos comumente, *Oitenta*; nam acho que tenham boa disparidade, para, no-mesmo livro, escreverem, *Outo*: como V. P. verá em muitos livros modernos. E assim a pronuncia melhor, sendo apadrinhada por omens doutos, deve ser preferida. Tambem se-devia no-dito cazo, emendar a Ortografia do-Bluteau, que é variante: estabelecer uma certa, e sempre a melhor. Este compendio seria mui necessario. os que quizesem maiores noticias, podiam procurálas no-Vocabulario grande. Isto é o que me-ocorre. V. P. conserve-me a sua benevolencia, e rogue a Deus por-mim nos-seus sacrificios. Deus Guarde &c.







# CARTA SEGUNDA.

## SUMARIO.

**D** Anos que resultam da Gramatica Latina, que comumente se-ensina. Motivos porque nas-escolas de Portugal, nam se-melhora de metodo. Nova ideia de uma Gramatica Latina facilissima, com que, em um ano, se-pode aprender fundamentalmente Gramatica &c.

**D** ESPOIS do estudo da Gramatica Vulgar, segue-se o da-Latina. e desta direi a V.P. o meu parecer, na prezente carta. Quando entrei neste Reino, e vi a quantidade de Cartapacios, e Artes, que eram necessarias, para estudar somente a Gramatica; fiquei pasmado. Falando com V.P. algumas vezes, me-lembro, que lhe-toquei este ponto: e que nam lhe dezagradaram as minhas reflexoens, sobre esta materia. Sei, que em outras partes, onde se-explica a Gramatica de Manoel Alvares, tambem lhe-acrecentam algum livrinho: mas tantos como em Portugal, nunca vi. As declinaçoens dos-Nomes, e Verbos estudam, pola Gramatica Latina. a esta se-segue um Cartapacio Portuguez, de Rudimentos. despois outro, para Generos, e Perteritos, muito bem comprido. a este um de Sintaxe, bem grande. despois um livro, a que chamam Chorro: e outro, a que chamam Promtuarío: polo qual se-aprendem os escolios de Nomes e Verbos. e nam sei que mais livro á. E parece-lhe a V.P. pouca materia de admirasam, quando tudo aquillo se-pode comprehender, em um livrinho em 12. e nam mui grande? Despois diso ouvi dizer, que occupavam seis, e sete anos estudando Gramatica: e que a maior parte destes dicipulos, despois de todo esse tempo, nam era capaz de explicar por-si só, as mais facis cartas de Cicero. Confeso a V. P. que nam intendi isto, nem donde proviese o dano. Alguns sugeitos, bem inteligentes de politica, mederam algumas razoens, que nam pareciam inverosimeis. Mas eu, sem aprovar, ou reprovar alguma delas, e tambem sem me-demorar com esta materia; discorrerei sobre o merecimento da Gramatica Latina; e sobre o modo com que se-deve aprender.

Ora convem todos os omens de bom juizo, e que tem visto paizes Estrangeiros, e lido sobre isto alguma coiza; convem, digo, que qualquer Gramatica de uma lingua, que não é nacional, se-deve explicar na lingua, que um omem sabe. Se V. P. quize se aprender Grego, e para este



te efeito lhe-defem uma Gramatica toda Grega, e um mestre que somente falasse Grego; poderia, à forsa de acenos, vir a entender alguma palavra; mas nam seria possível, que aprendesse Grego: o nem o succederia, em qualquer outra lingua estrangeira. e se algum atemasse, que somente daquella sorte, se podia aprender Grego, diriamos, que era louco. Pois suponha V. P. que estamos no-cazo. É coiza digna de admirasam, que muitos omens deste Reino, queiram aprender Francez, Tudesco, Italiano, de uma sorte, e o Latim de outra muito diferente. Aprendem aquelas linguas com um mestre, que as-fala ambas, e explica a lingua incognita, por-meio daquella que eles conhecem e falam: e com uma só Gramatica se-poem em estado, de entenderem os autores bem, e, junto com o exercicio, de falarem Francez correntemente. E tomara que me-difese, porque nam se-deve praticar o mesmo, no-Latim: e porque razam se-aja de carregar, a memoria dos-pobres estudantes, com uma infinidade de versos Latinos, e outras coizas, que nam servem para nada neste mundo? Chega este prejuizo a tal extremo, que o P. Bento Pereira, escreveu uma Ortografia Portugueza, em Latim. Desorteque quem nam entende Latim, segundo o dito P., nam pode escrever corretamente Portuguez.

Os defensores deste metodo, nam alegam outra razam mais, que serem os versos, mais facis de se-conservarem na memoria: e que em todo-o tempo, a eles se-pode recorrer, para ter presentes as regras. Mas esta razam, é pueril, e ridicula. Primeiramente se alguma coiza valêse, deveria praticar-se com versos Portuguezes: porque só eles intendem os estudantes. E qual é o estudante que entende, os versos Latinos das-regras, principalmente sendo tam embrulhados, como os do-P. Manoel Alvares? O certo é, que proguntando eu a alguns rapazes, a explicasam deles, nenhum ma-soube dar. E eis aqui temos, que para os rapazes, nam servem os tais versos. Se pois falamos dos-omens adiantados, estes sabem Latim, polo exercicio de ler, escrever, e falar: comque nam tem necessidade, de recorrer-a semelhantes regras. E se querem examinar, alguma dificuldade de Gramatica, vam consultar os Criticos, que as explicam: nam as simples Gramaticas, que nem menos as tocam: e talvez estabeçem principios, contrarios à mesma solusam.

Finalmente a Gramatica Latina para os Portuguezes, deve ser em Portuguez. E isto parece quiz dizer o P. Manoel Alvares, na advertencia que faz aos mestres, no-fim das-declinaçoens dos-Verbos (I). aindaque ele praticasse o contrario, doque aconselha: pois deveria, nam ter dado o exemplo, introduzindo uma Gramatica puramente Latina. A outra coiza que

TOM. I.

G

se-

(I) *Patrio sermone tantum declaranda Rudimenta, Genera, Declinationes, Anomala, Praterita, Supina: ne simul & ligata & soluta oratione*

*praecepta memoriter recitare cogantur. Quod etiam in Syntaxi, quando ea primum explicatur, observandum est.*



se-deve reprovár é, que obriguem os rapazes, a aprender trez fortes de regras: em versos, em proza Latina, e em proza Vulgar: como adverte bem o dito Padre. Isto, quando nam lhe-queiramos dar outro nome, é perder tempo, sem utilidade, e com prejuizo grande: sem aver outra razam, que seguir um costume envelhecido, aindaque prejudicial. Mas o que mais me admirou neste particular, e claramente me-mostrou, quanto pode nos-Omens a preocupasam dos-primeiros estudos, foi, ver que o Sargento-mór Manoel Coelho, que parecia ser mais alumiado nestas materias, pertendendo distinguir-se do-Comum, dando aos principiantes, uma facil explicasam das-oito partes da-orasam; ainda assim caie na simplicidade, de por primeiro a regra em Latim para um rapaz, que ainda nam tem noticia da-dita lingua; mas que aprende os primeiros elementos. Tal é a forsa de um mau costume, que cega ainda aqueles, que querem dezembrulhar-se dele! Esta reflexam é instantial: mas ainda á outras de maior momento. Entremos bem dentro na Gramatica.

Toda a Gramatica Latina se-reduz a explicar, a natureza, e accidentes das-oito vozes, que podem entrar na orasam ou discurso: e o modo de as-unir, e compor os periodos. E isto deve-se fazer com a maior clareza, e mais breves regras, que se puderem excogitar. O que certamente nam se-consegue com a Gramatica uzual: porque nam á coiza mais confuza, nem mais cheia de excessões, que a dita Gramatica, como todos vem.

O mundo estava mui falto de noticias, e de metodo, antes do-seculo pasado. Desde o restablecimento das-letras Umanas na Europa, direi melhor, no-Occidente, que podemos fixar nos-principios do-seculo XV. melhor direi, desde a invençam da-Imprensa no-meio do-dito seculo; até o fim do-XVI. nam tiveram os omens tempo de cuidar, em dar metodo proprio ás Letras, e Ciencias. Nam fizeram pouco aqueles primeiros doutos, em procurar manuscritos, e imprimir os antigos autores, mais corretamente que pude-se ser. Achamos alguns, no-fim do-XV. e no-XVI. seculo, que foram letrados á forsa de estudo, mas nam de metodo. Temos tambem alguns omens, que souberam bem Latim nese seculo, porque liam muito polos bons autores: nam porque tivesem achado a chave, de ir para diante com facilidade, e explanar as dificuldades de Gramatica, aos estudantes. Finalmente esa gloria estava rezervada, para o seculo XVII. Os pasados seguiam uns a outros, sem mais eleisam, que o costume. vian, e estudavam com os alhos, e juizo alheio. Mas no-principio do-seculo XVII. appareçeram alguns, que quizeram servir-se do-proprio: e foi-lhes facil, conhecer os erros dos-antecedentes, porque eram grandes. Assim se-abriram os olhos ao mundo, em todo o sentido. um conhecimento facilitou outro, e eis aqui aberta a porta ao metodo. De-me V. P. omens; que queiram examinar as materias com razam; que nam inculquem um autor, porque seus mestres lho-dizeram, mas porque é digno de seguir-se; que eu  
lhe-



lhe-prometo, adiantar emto nas Ciências todas. A seu tempo discorrerei das outras: agora continuemos com a Gramatica.

Tinha no tempo do Concilio de Trento o douto *Julio Cezar Escaligero*, comelado a examinar a Latinidade, seguindo o exemplo, e lumes do famoso *Agostinho Saturnio*; o qual tinha ja notado varios erros, nos outros Gramaticos. *Escaligero*, dando um passo adiante, publicou um livro, com o titulo = *De Caussis Lingua Latina*: em que doutissimamente expoem o seu sentimento, sobre os elementos da Gramatica: mas nam toca a construisam das Partes. A leitura deste livro, abriu os olhos a *Francisco Sanchez*, que era um profesor celebre de letras Umanas, na Universidade de Salamanca. Este douto empreendeu no seguinte seculo, com o mesmo titulo, a explicafam da construisam das partes da orafam: e com tanta felicidade, que descobrio as verdadeiras cauzas, até àquele tempo ignoradas. Este livro incontrou em Salamanca, e trouxe para Roma, (1) nos principios do seculo pasado, o famoso Gaspar Scioppio, Conde de Claravale, de nam Tudeica: aquele grande omem em letras Sagradas e Profanas; e que empregou toda a sua vida, em estudos gramaticos. O livro de Sanchez fez todo o efeito, que podia esperar-se. Scioppio (que nam costumava dizer bem, daquilo que o nam merecia; antes, polos seus inimigos, é tachado, como censor dezumano) cedendo à evidencia das razões, proseguio o mesmo metodo de Sanchez: ilustrou, e reformou a sua doutrina: e compoz a primeira Gramatica, que appareco segundo os tais principios. No mesmo tempo o famoso Gerrardo Joam Vossio em Olanda, tam benemerito das letras Umanas, e Sagradas; explicou ainda melhor o dito metodo; seguindo em tudo Sanchez, e Scioppio; os quais ou copia, ou ilustra.

Esta é, e será sempre, a Epoca famosa da Latinidade, e Gramatica. A estes trez grandes omens, seguiram em tudo e por-tudo os melhores Gramaticos, que despois ouveram: e devem seguir, os que tem juizo para conhecer, como se deve estudar a Latinidade. Por-França, Alemanha, Olanda, Italia, e outras partes se dilatou este metodo: e alguns escreveram belissimas Gramaticas, segundo os tais principios. A razam porque nam se-propagou mais é, porque pola maior parte os estudos da Mocidade, sam dirigidos por alguns Religiozos, que seguem outras opinioens. Os doutissimos Jezuitas, ensinam grande parte da Mocidade, em varias partes da Europa: e nam querendo apartar-se, do seu Manoel Alvares, rejeitaram todas as novas Gramaticas. Alguns destes Religiozos, que trato familiarmente, e estimo muito pola sua doutrina, e piedade; me-dizeram claramente, que ben viam, que o Alvares era confuzo, e difuzo; e que as outras eram melhores: nem se-podia negar, que os principios de Scioppio fossem claros, e certos: mas que o P. Geral nam queria, se-apartarem do P. Alvares,

G ii

por

(1) Veja-se a sua Gramatica da-edifam de Scavenio, na Prefafam.



por-ser Religiozo da-Campainha. Este é o motivo, porque o P. Alvares se-  
conservou, nas escolas dos-tais Religiozos: e esta tambem a origem da-te-  
nacidade, comque muitos seguem, aquilo mesmo que condenam.

Os outros Religiozos, aindaque nam sejam Jezuitas, tem as mesmas  
obrigaçoens, e opinioens. A maior parte, cuida pouco niso: e vam viven-  
do, como seus mestres lhe-ensinaram. Nam tem noticia dos-melhores auto-  
res, que á na materia: cuidam, que no-mundo nam á outra Gramatica,  
fóra que a do-P. Alvares. E todos estes, contentando-se de intender, um  
pouco de Latim bom, ou mau, nam cuidam em saber Gramatica. Os  
mestres Seculares, pola maior parte, sam ignorantissimos, e puros *pedantes*  
e desta iorte de gente nunca esperou aumento, a Republica Literaria. E  
necesario porem confesar, que fóra de Portugal, aindaque perzistam algu-  
mas destas razoens, muitissimos Religiozos, e Seculares ensinam, segundo  
os verdadeiros principios. Comque, considerado bem tudo isto, nam tem  
que se-maravilhar V.P. de que um metodo, que louvam tanto os omens  
coutos, tenha tido tam mau recebimento, em varias partes. Mas estas  
Gramaticas que tem saido, aindaque figam os mesmos principios, nem to-  
das se explicam com igual Clareza. Eu direi o que achei nas melhores, e  
o como se-pode ordenar uma Gramatica, util para a Mocidade.

A Gramatica deve-se dividir, em dois volumes. No-primeiro, de-  
vem-se tratar aquellas coizas, que indispensavelmente devem estudar os prin-  
cipiantes. no-segundo, aquellas reflexoens, que sam mais proprias para os  
adiantados, e para os mestres: como sam as dificuldades de Gramatica, e  
as razoens daquelas regras, que parecem menos comuas. Explico agora  
a primeira parte. Esta primeira parte ( podemos-lhe chamar pura Gramati-  
ca: porque a segunda, sam comentos sobre ela ) divide-se naturalmente,  
em quatro partes: *Etimologia*, *Sintaxe*, *Ortografia*, e *Proxodia*. a primei-  
ra trata das-Vozes: a segunda da-Uniam delas: a terceira das-Letras: a  
quarta da-Quantidade das-filabas.

### E T I M O L O G I A,

Na primeira parte, trata-se da-origem e diferenca das-vozes Latinas,  
que podem entrar na orasam, por-sua ordem. Primeiro, explica-se o *Nome*,  
e suas especies. O *Nome*, tem trez accidentes, que sam, *Genero*, *Caxo*,  
*Terminasam*. Os *Generos*, que tanta bulha fazem nas escolas, explicam-se  
com toda a brevidade. á regras gerais da-*significasam*, e particulares da-  
*terminasam*. Na primeira regra, poem-se todos os que pertencem ao *Mas-*  
*culino*. v.g. *Sam do-Masculino*, os nomes de Omens &c. 2. *Sam de-Femi-*  
*nino*, os nomes de Mulheres, *Naos* &c. 3. *Sani do-Neutro*, os nomes de  
*Letras*, *Frutas* &c. Tambem as particulares, se-reduzem a trez v.g. *Sam*  
*do-Masculino os nomes em O*, como *Sermo*: em *II*, como *Mugil* &c. Acaba-  
do isto, poem-se um escolio que diga: *Nomes que sam do-Masculino, por-*  
*excesam das-outras regras*. v. g. *Cometa*, *Adria*, *Harpago*, *Splen* &c. O  
mei-



mesmo metodo se-pode praticar no-Feminino , e Neutro. E com seis regras , se-explicam todos os Generos : e se-acaba esta grande barafunda de Cartapacios. Se pois o estudante quizer saber a razam , porque alguns nomes , que pareciam de um genero , se-atribuem a outro ; pode ir ver , a segunda parte da-Gramatica.

Segue-se explicar , quantos *Cazos* tem o Nome. e em 3. lugar a *Declinaçam* : mostrando quantas á : e em cada uma delas , quais iam a Latinas , quais as Gregas. Tudo isto se-pode fazer , com muita clareza e brevidade ; bastando alegar um exemplo , em cada especie de terminações , que podem entrar em cada declinação. Com este metodo , em uma vista de olhos , percebe o estudante os nomes , que pertencem a cada declinação. Depois , podem-se explicar os Nomes Compostos , os Anomalos de genero , de numero , de cazo , e de declinação. A segunda especie de Nome , é o Adjetivo. E aqui tem lugar explicar , as diversas especies de Adjetivos : Pozitivos , Comparativos &c. as suas declinações , e anomalias.

O *Pronome* , tem seu lugar depois do-Nome : porque tambem é , uma especie de Adjetivo. Onde deve explicar-se logo , a sua diversidade : e as declinações dos-Simplezes , e Compostos.

O *Verbo* , é a mais difficultosa parte , nas Gramaticas vulgares : e por-isto pede grande atenção. Explicadas as divisoens dos-Verbos ; e apontado , que á quatro Declinações ou Conjugações : segue-se logo , explicar os Preteritos. v.g. A primeira , tem no-infinito a longo antes de *re* : no-Preterito faz , *avi* : no-Supino *atum* : ut *amo* , *amavi* , *amatum* , *amare*. Tiram-se os Verbos em *bo* , ut *Cubo* : em *co* , ut *Mico* &c. E isto se-observará em todas as Conjugações. Desta sorte conclue-se em poucas palavras , toda aquela grande arenga de Preteritos , que nam tem fim nas escolas de Portugal. Se pois o estudante nam quer aprender , toda aquela enfiada de Verbos , nam importa : basta que aprenda um exemplo , e saiba buscar os outros : porque a pratica ensina o demais.

Seguem-se as *Declinações* dos-Verbos , a que vulgarmente chamam , *Linguagens*. E aqui achamos bastantes erros , nas Gramaticas commuas , e tambem confuzoens : porque mandam aprender aos rapazes , coizas totalmente iuperfluas ; e nam explicam as necessarias. Quanto ao Indicativo , concordamos com Manoel Alvares : só dizemos , que aquele *Preterito plus quam perfeito* , é uma arenga , que nenhum estudante entende ; nem os mestres explicam. Deve-se explicar assim : *Amavi* , é *Preterito perfeito proximo* , que afirma uma coiza , simplesmente passada : *Amaveram* , é *Preterito perfeito remoto* , que nam só se-intende de uma coiza passada ; mas que já era passada , antes de outra , de que eu falo como passada. Dizemos mais , que aquele *Futuro perfeito* , nam o-á no mundo : pois esta voz , é o mesmo *Futuro segundo* , que ele poem no-Conjuntivo.

Alem dos-primeiros tempos do-Indicativo , tem o Verbo , segun-



do Presente, que é *Amem*: segundo Imperfeito, que é *Amarem*: segundo Perfeito, que é *Amaverim*: segundo Preterito remoto, que é *Amavissim*: segundo Futuro, que é *Amavero*. Mas isto pode-se explicar em Portuguez, com diversas palavras. A estas segundas vozes, ou segundo modo, podemos chamar *Conjuntivo*: porque pola maior parte, une-se com outras partes. Daqui vem, que é erro, pôr nas Gramaticas: *Modo Optativo*, *Conjuntivo*, *Potencial*, *Permissivo*: porque por-este estilo, podem-se acrescentar muitos outros Modos: sendo certo, que, ajuntando-lhe novas particulas, nascem diferentes modos de se-explicar. Basta advertir ao estudante, que aquele *Amem*, pode-se tomar, em diversos sentidos: o que se-conhece, polo contexto da-orasam. tudo o mais é tempo perdido, e é ensinar uma falsidade: pois nam á tais modos separados: sendo que a linguagem, ou a voz sempre é a mesma. *Amem*, quando significa *possibilidade*, e quando significa *permisam*, nam se-distingue mais, que polo contexto. E isto bastava que brevemente se-advertirse, apontando um exemplo: porque o mais ensina a lisam, e reflexam sobre os bons autores.

O terceiro Modo é o Imperativo: a que podemos chamar, por-distinsam, *Presente terceiro*: *Ama*. Futuro terceiro: *Amato*.

O Infinito, é aquele; a que verdadeiramente devemos chamar, *Impessoal*: pois nam tem determinado numero, ou peioa, ou tempo &c. Este tem uma voz: a que, aindaque imprópriamente, podemos chamar, Presente, e Imperfeito: que é *Amare*. a qual tem todas as significações do-Presente, e Imperfeito primeiros. Para os outros Preteritos serve, *Amavisse*. Tem Futuro, que é *Amaturum esse*: e outro Futuro remoto, que é *Amaturum fuisse*. Gerundios, Supinos, e Participios. Isto posto, deve-se explicar, como se-formam os tempos. E nisto se-compreende, a primeira parte das-Linguagens.

Seguem-se os Verbos Anomalous, quero dizer, os que nam tem analogia, com as quatro Conjugações: sam *Volo*, *Nolo*, *Malo*, *Fero*, *Eo*, *Edo*, *Fio*, *Memini* &c. *Aio*, *Inquam*, *Forem*. E nisto se-encerra tudo, o que se-diz do-Verbo.

Os Gramaticos fazem aqui uma barafunda de explicações, e divisoens, em *Neutros*, *Comuns*, *Depoentes*, *Diminutivos*, *Frequentativos*, *Denominativos*, *Imitativos* &c. mas tudo isto é superfluo. Todos os Verbos, tirando dois, sam Ativos, ou Passivos: porque ou significam asam, ou paixam: e a estas especies se-reduzem os apontados. Basta advertir, o que significam estas palavras, e a que conjugação pertencem os ditos verbos: apontando um exemplo de cada um. o que pôrem melhor se-faz, no-exercicio da-leitura, e tradusam.

Ao Verbo, segue-se o *Participio*: que aqui se-deve explicar com as suas divisoens. notando quais sam os Verbos que os-tem: quais os em que faltam: quais deles formam Comparativos, e Superlativos.



No *Adverbio*, deve-se explicar e apontar, os que são de pro-  
tar, os que significam tempo, lugar; e outras diferentes espécies deles.  
Depois, a *Preposição*: Mostrando as que são separáveis, e as que se-  
nam-separam. Como também advertir, que coisa acrescentam ao Nome,  
e Verbo, estas Preposições. Sobre a *Interjeição*, deve mostrar, quais são  
as que significam, os diferentes afetos do-animo, para o estudante poder  
servir-se na oração. A *Conjunção*, também tem suas espécies: que são  
*Conjuntiva*, e *Disjuntiva*, *Condicional*, *Concessiva* &c. e estas todas deve-  
mos apontar: alegando exemplos em cada uma.

Depois da *Etimologia* das-vozes, tem lugar explicar o *Metaplas-  
mo*: que vale o mesmo que dizer, certas figuras, pelas quais se-acrecen-  
tam, ou diminuem as letras das-difereças: v.g. *Gnavus* pro *Navus* &c. No-  
ticia é esta sumamente útil para entender, as diferentes vozes Latinas. E  
nisto se-compreende, tudo o que deve saber-se sobre a *Etimologia*, com  
a maior clareza, e brevidade imaginavel.

### S I N T A X E.

Depois, segue-se a *Sintaxe*. É a qui é maior a dificuldade: por-  
que se a *Etimologia*, nas Gramaticas ordinarias, é confusa; a *Sintaxe* de-  
las é a mesma confusão. É necessário variar muito do-comum, para ensi-  
nar verdadeira *Sintaxe*. Nam tenho tempo para provar o que digo: mas  
seguro a V. P. que o que escrevo, é já provado evidentemente, pelos au-  
tores que aponto, e outros que os-comentaram: e que, se a necessidade o  
pedir, com pouco trabalho mostraria tudo: porque tenho visto o que bas-  
ta. E assim apontarei somente, as rezoluções.

A *Sintaxe* ensina a unir as vozes. para fazer a oração: e, por-meio  
desta, formar um bem regulado discurso. A construção ou unção ou é  
*Regular*, que segue as regras da-Arte: ou *Figurada*, que se-desvia delas,  
mas funda-se na autoridade dos-bons escritores. A construção *Regular*  
funda-se na *Concordância*, ou na *Regência*. Chamo *Concordância*, quando  
as partes concordam, em alguma coisa comua. v.g. o *Sustantivo* concorda  
com outro *Sustantivo* em *caso*, que é commum a ambos. Nas *Concor-  
dâncias* achamos alguns erros comuns, que em breve apontaremos.

Nam se-devem admitir mais concordâncias, (nam falo daquella entre  
dois *Sustantivos*) que de *Sustantivo com Adjetivo*: *Verbo com o Nome*. O  
*Adjetivo* concorda com o *Sustantivo* em *numero*, e *caso*, que são comuns  
a ambos: nam em *genero*, porque o *Adjetivo* nam tem genero, mas somen-  
te o *Sustantivo*: põem-se porém o *Adjetivo* em uma terminação, corres-  
pondente ao *genero* do-*Sustantivo*. Alem disto o *Adjetivo*, nam concorda  
com o *Sustantivo* proprio, v. g. *Petrus*: mas com o *Sustantivo* commum,  
v. g. *Homo*: e vale o mesmo dizer: *Petrus est bonus*: que se dissesse-mos:  
*Petrus est homo bonus*: vel *artifex*, vel *magister bonus* &c. Quando nam a  
nome commum, recorre-se aos nomes, *Res*, *Factum*, *Opus*, *Negotium*, e



outros semelhantes, que antigamente tinham, significavam mais extensa, que a que oje lhe-dam. Damesma forte quando Ovidio dile: *Nox, & Amor, & Vinum nil moderabile suadent*; deve-se intender assim: *non suadent factum, vel opus, vel negotium moderabile*. Virgilio umas vezes dile: *Prænepe altum*: intendendo *Oppidum*. outras vezes: *Prænepe sub ipsa*: intendendo *sub ipsa Civitate*. podia tambem dizer: *Prænepe altus*: intendendo *Locus*. Terencio dise: *Eunuchum suam*; intendendo *Comoediam*, ou *Fabulam*; porque *Eunuchus* é masculino. Deixo outros exemplos, com que se-mostra, que a concordancia sempre é com o Sustantivo comum.

A' infinitos exemplos que provam, que o Relativo concorda com o *susequente* expreso, ou supreso, em *numero*, *cazo*, e terminavam correspondente ao *genero*: damesma forte que outro Adjetivo. Temos exemplo bem claro em Cicero, do-expreso: *Ego tibi illam Aciliam legem restituo, qua lege simul accusasti* (1): e em outra parte (2): *Sequitur enim caput, quo capite non permisit*. Cezar abunda muito destes modos de falar, porque afetava clareza. Acham-se exemplos do-supreso: *Populo ut placerent, quas fecisset fabulas* (3): i.e. *Populo ut placerent fabulae, quas fabulas fecisset*. Do-que fica claro, que o Relativo concorda, em *genero*, *numero*, e *cazo*, como dizem comumente, com o seu *susequente*; que é o mesmo antecedente repetido. Isto basta por agora.

A segunda concordancia, é do-Verbo com o nome: os quais concordam em *numero*, que é comum a ambos: nam em *pesoa*, porque esta é somente do-Verbo: mas põem-se o Verbo em uma terminavam, correspondente à *pesoa*, que o Nome significa. Devem-se porem advertir algumas coizas. I. A primeira, e segunda *pesoa* do-Verbo, raras vezes se-construe com o Nome expreso, se-nam por-distinham, ou em-taze. II. A terceira *pesoa* do-Verbo, construe-se tambem com um Verbo infinito. v.g. *Scire tuum nihil est: pro, scientia tua*. Tambem algumas vezes sem nome expreso: v. g. *Aiunt, supple, homines*. *Tonat, sup. Deus*. outras vezes com o Nominativo: *Saxa pluunt*. Tambem se-uzo do-nome, sem Verbo expreso: *Rari quippe boni, i. e. sunt*. No-Verbo com o nome, tem lugar a Figura *Sintesis*, que parece, que discorda do-Nome expreso: mas a verdade é que concorda, com o sinonimo oculto. v. g. *Pars epulis onerant mensas*: onde o Verbo concorda, com o sinonimo oculto, *Plurimi*. Tem tambem lugar a figura *Zeugma*, em que o Verbo concorda, com o mais vizinho: *Tu quid ego, & populus mecum desideret, audi*. Tem tambem lugar a *Silepsi*, em que o Verbo concorda, com o mais digno: *Si tu, & Tullia lux nostra valetis, ego, & suavissimus Cicero valemus*.

IV. Porque o Adjetivo significa acidente, nam pode estar só sem sustantivo, que signifique a substancia. o mesmo digo das-terminafoens do-

Ver-

(1) In Ver. act. 3.

(2) 2. Agrar.

(3) Terent. in Andria.



Verbo que significa, movimento de alguma coiza: e assim sempre se-subintende a dita coiza. Nam a Orasam sem Verbo, e Nome. se o Verbo é finito, o suposto é Nominativo: se é infinito, é Acuzativo. A Letra, Silaba, Voz, e Orasam pode ier suposto do-Verbo, e do-Adjetivo. V. Do-sobre-dito se-inferem varias coizas. E' falso, que os Nomes do numero, come *tres*, & *decem*, coccordem entre si. E' falso, que os Adverbios, e Conjunscens concordem com o Indicativo, Optativo &c. deve-se dizer, que se-construe um com outro. E nisto com pouca diferenca se-compreende, tudo o que se-diz da-Sintaxe de concordar.

A Regencia, é a que mostra o seu efeito, em outra coiza que rege. Quatro sam as vozes que regem outras: Nome, Verbo, Participio, e Prepozisam. E' falso, o que se-ensina comumente, que o Adverbio, Conjunsam, Interjeisam, Verbo pasivo, Participio pasivo, Gerundio, Nome adjetivo, reja, e pesa cazo: porque o cazo que se-acha com eles, é regido de uma parte supresa, pola figura *Ellipsis*.

A regencia ou é Gramatica, que segue as regras da-arte: ou Figurada, que se desvia delas. E porque a regencia se-exercita nos-Cazos do-Nome, daqui vem, que toda a Sintaxe de Regencia se reduz, à explicasam de seis Cazos. v.g. no-Nominativo aponta-se, quando entra na orasam. depois, quais sam as partes da-orasam, que se construem com ele, ou simplez, ou dobrado. O mesmo digo de todos os outros Cazos: na explicasam dos-quais deve-se muito advertir, de mostrar quais sam as partes, que verdadeiramente os-regem: e nam enganar os estudantes, com as doutrinas das-Gramaticas vulgares, V.g. o Genitio é cazo somente regido, por-um Sustantivo expreso, ou supreso: ou por-uma parte, que esteja em lugar do Sustantivo. E' pois necessario mostrar-lhe, que se enganam os outros, que atribuem o tal Genitivo, a outras partes da-orasam. Com este metodo, explica-se mui brevemente a Sintaxe, e mui solidamente: porque se-reduzem todas as construisoens figuradas, ao modo de falar regular: e se-descobrem os verdadeiros principios da-Regencia: postos os quais, desaparecem todos aqueles Apendices, e Limitasoens da-Gramatica uzual: as quais nam de outra coiza nadem, senam de estabelecer principios falsos. Depois, explica-se a Gramatica Figurada: e se-aponta o fundamento da-Figura, e como se-pode reduzir à construisam natural. porque sem esta inteligencia, nam se-pode ir para diante na Gramatica.

#### ORTOGRAFIA, E PROZODIA.

As outras duas partes da-Gramatica sam mais facis, porque menos contrariadas. A noticia das-Letras, e *Ortografia*, é sumamente necessaria, para escrever bem, e ler correntemente nam só a moderna, mas tambem a antiga escritura: em que varciam muito as letras. O mesmo digo da-*Prozodia*, ou quantidade das-silabas. Tambem nisto é necessario, uzar melhor metodo, que o da-Gramatica comua: e conheço eu muito bem, que se podem dizer com mais clareza.



Eis aqui tem V.P. uma idea do-que sinto , sobre a Gramatica. Parece-me bastante o que disse , para que veja V. P. quanto trabalho encurtaria uma Gramatica , concebida nestes termos : e uns principios tam claros , como os em que se-funda. Nam posso dilatar-mais nesta materia , porque seria compor Gramatica ; e o meu argumento nam é esse. Eu sei , quem tem composto uma Gramatica , pouco diferente da-ideia que propuzemos : e tem composto outro particular escrito , com que se-aprende Gramatica mais facilmente , e em menos tempo : os quais podia publicar , para utilidade deste Reino. Dois nosos amigos lhe-pediram instantemente , que a-imprimisse : mas ele desculpa-se sempre com dizer , que é mais facil , conquistar um novo mundo ; do que de-persuadir os Velhos da antiga Gramatica. Cita alguns exemplos com que mostra , que a paixam obra nestes particulares mais , que o juizo : e lamenta-se muito , que se-tenham reprovado tantas coizas , sem as-lerem , nem intenderem.

O que eu posso segurar a V. P. é , que com este metodo , aprende-se em um ano mais Gramatica , do que nam sabem muitos , que a ensinam trinta anos , ou pasaram nela toda a sua vida. É erro periuadir-se , que um omem ou deva , ou possa ter presentes todas as regras , que se-acham na Gramatica do-P. Alvares. A experiencia deveria dezenganar , os que estudaram por ela ; e mostrar-lhe , que aquele estudo morre com a escola. Um estudante , despois de seis ou sete anos de Manoel Alvares , se acazo nam le os antigos Latinos , e procura entendelos ; ou nam passa para a Filozofia , onde a necessidade o-obriga a entendelos , e falar a tal lingua ; fica toda a sua vida ignorante de Latim , com toda a sua Gramatica. Porem se acazo segue o exercicio do-Latim , de tal forte se-familiariza com a lingua , como se fora nacional ; e comeca a falar por-uzo. Aqui nam é necessario mais prova , que progunta-lo a estes mesmos leitores. apenas conservam umas ideias gerais , das-regras de Gramatica. Onde fica claro , que tudo aquilo é superfluo. O metodo porem que aponto ; é mais facil de se-conservar na memoria , porque é natural : e chega à origem das-coizas. Mas em um e outro sistema é verdade , que preceitos sem uzo , nada valem. Onde deve o estudante , nam só aprender a Gramatica , mas exercitar estas regras no-discurso , na leitura , e na composizam : descobrindo em toda a leitura as regras , que na Gramatica lhe-infinuam : no-que deve ter igual cuidado o mestre , que o estudante. No-primeiro ano , deve ensinar-lhe Gramatica : o que se-pode fazer com muita facilidade. No-segundo , traduzir os autores mais facis : como algumas Cartas de Cicero , as Fabulas de Fedro , Terencio , Cornelio Nepote. procurando que o estudante afine a regencia das-partes , e descubra nestes livros , os principios que estudou : e entendendo as outras particularidades mais reconditas da-Gramatica : as quais nam sam para o primeiro ano.

Mas para proceder nisto com utilidade , deve o mestre ordenar



ao estudante, que ja vio uma vez a Sintaxe, que escreva em Portuguez, pelas palavras que melhor lhe-parecer, mas sempre diferentes daquelas, que estam na regra, a razam de alguma regra; apontando um exemplo, e explicando as partes todas dese exemplo. Pode tambem o mestre tomar, um periodo de duas regras, em algum autor claro; e dalo ao rapaz, para que o explique em uma folha de papel: pondo nela toda a regencia gramatical, sem deixar nem menos uma virgula, por explicar. E quando o rapaz apresenta a sua carta, examinálo de tudo, o que nela se-contem; para ver se verdadeiramente o-intende. E isto mesmo se-pode praticar ao principio, quando traduzem os autores. Este modo de estudar, nam enfada os principiantes, visto darem-lhe tempo para considerar, o que ám-de escrever. Ao principio, deve ser em caza: quando iam adiantados, na escola. Alem diso o estudante, para escrever a sua explicasam, é necessario que leia, e entenda bem a regra: que busque no-Dicionario, o significado das-palavras: e desta sorte é que a-imprime bem na memoria. Quando o estudante for adiantado, entam é que se pode obrigar, a repetilo de memoria: mas nem sempre: pois algumas vezes é bom, dar-lhe o periodo, para que fasa a explicasam por-papel: Com a diferenca porem, que se o periodo avia ser de quatro regras, seja de seis, ou oito. Explicando isto por-escrito, é incrível, quanto se-intende melhor: principalmente se o mestre, quanto lhe-tomar conta, fizer as proguntas necessarias; emendar os erros, e explicar tudo como deve.

Mas esta carta ja é mais comprida, doque eu queria fazéla: porem posso segurar a V. P. que ainda me-fica muito que dizer. Contudo do-que tenho escrito, fica bem claro, o que eu intendo: e para V. P. é mais que bastante. Fico às ordens de V. P. como seu criado.







# CARTA TERCEIRA.

## SUMARIO.

**A** *Burros que se-introduziram em Portugal, no-ensinar a lingua Latina. Mau modo que os mestres tem, para instruir a Mocidade. Propoem-se o metodo, que se-deve observar, para saber com fundamento, e facilidade o que é pura Latinidade. Necessidade da-Geografia, Cronologia, e Isteria, para poder intender os livros Latinos. Apontam-se os autores, de que os mestres se-devem servir na Latinidade: e como devem servir-se deles; e explicálos com utilidade: e as melhores edisoens. Aponta-se o modo de cultivar a Memoria, e exercitar o Latim nas escolas.*

**M** Eu amigo e senhor tardei em escrever a V. P. porque tive legitimas occupacoens. Continuando pois o fio das-minhas reflexoens, da Gramatica passo para a *Latinidade*: porque me-persuado, que este mesmo caminho deve seguir o estudante, que quer ter perfeita noticia, da-lingua Latina. Esta noticia certamente nam se-consegue, com a pura Gramatica: mas com a continua lisam de bons autores, e reflexam sobre as suas melhores obras. *Aliud est gramatice, aliud latine loqui*: advertio ja no-seu tempo Quintiliano. e com muita razam: porque a escrupuloza suseifam ás regras da-Gramatica impede, saber falar a lingua. A Gramatica é a porta, pola qual se-entra na *Latinidade*: e quem para no-vestibulo, nam pode ver as singularidades do-Palacio. Quantos omens acha V. P. que, com terem sido mestres de Gramatica muitos anos, saibam pegar na pena, e escrever uma pagina em bom Latim? responder a uma carta com facilidade? e fazer qualquer outra coiza, em que seja necesario, uzar da-lingua Latina? Eu conheço infinitos suseitos, que pasá-ram a sua vida neste exercicio, e quando áni-de escrever Latim, servem-se de expressoens em tudo barbaras, e indignas do-seu exercicio. Outros, aindaque tenham eleifam de palavras, nam se-deipem dos-idiotismos da-sua lingua: que é o mesmo que falar Portuguez, com palavras Latinas. Uma vez que observam, a quela regencia gramatical que estudáram, parece-lhe que fazem a sua obrigalam. Os que se-querem apartar deste uzo, declinam para outro extremo viciozo, que é a afetalam: e nam buscam, senam palavras grandes e sonoras, *sesqu ps. lalia verba*, com as quais atroem os ouvintes, ou leitores. E daqui entam nace, aquele estilo ridiculo, que tanto dominou nos-se-

cu-

*Esta Carta mereceu ser lida em 17 de Junho de 1758*



culos da-ignorancia ; e oje em Italia chamamos , *estilo do-seculo XVI.*

A estes ultimos chama o comum dos-Gramaticos , grandes Latinos. E' um louvar a Deus , ver a prezunçam de uns , e a ignorancia de outros. Achei-me presente em algumas orasoens Latinas , que se-recitaram sobre diversos asuntos , e nam podia asás admirar , a afetacão , e estilo de-zeigual , que reinava em toda a oracão. Depois disto , li muitas composicoens , feitas por-eses mesmos : li muitas postilas de diversos leitores , que tinham pasado com louvor , por-aqueles bancos : e em tudo notei o mesmo defeito. E tudo isto provem , de se-contentarem com a erudicão de quatro temas , que lhe-mandam compor : e de nam se-internarem na lisam dos-bons autores , que escreveram no tempo da mais pura Latinidade. E' coiza impossivel , que um omem que tenha tomado o gosto , à verdadeira Latinidade , com facilidade o-perca. Ainda quando trata asuntos unildes , e argumentos em que è obrigado servir-se , de expresoens barbaras , v.g. na Filozofia , ou Teologia Peripatetica ; ou ainda quando despreza o falar elegante ; la mostra sempre , o conhecimento que posue daquela lingua. Nos-seus escritos conhecem muito bem os omens inteligentes , o que ele podia fazer. caiem-lhe da-pena palavras proprias. um estilo facil e natural è o carater das-suas obras. Mostra a experiencia o que digo : e convem nisto os omens de alguma doutrina. Daqui vem , que os que querem fazer progresso na Latinidade , procuram logo um autor facil e elegante , como qualquer dos-que na minha ultima aponteï ; e de sorte se-familiarizam com ele , que tomam e imitam a sua fraze , e modo de falar. Quem quer falar uma lingua , deve converciar com os omens que a-falam bem. ora os que oje falam bem Latin , sam eses quatro livros , que nos-deixou a Antiguidade : e com eles è necessario converciar tanto , que aprendamos o que se-pode aprender.

Podè tambem aver perigo , na lisam deses mesmos bons livros : e pode succeder . que com bons livros , se-saiba mal Latin. Digo isto , polo que tenho observado , em grande parte deste Reino. Omens á , que lem indiferentemente , todos os livros antigos : e pola vaidade de quererem saber tudo , nam sabem nada. Formam um estilo dezeigual , que nam è de seculo algum : e com grande trabalho , nam conseguem o fim que queriam. Neste defeito , nam só caiem os poucos doutos ; mas chegaram a cair , omens de grande doutrina. Erasmo , que foi um omem tam douto como V. P. sabe , è censurado neste ponto. A grande lisam que tinha , dos-antigos autores , e Padres , impedio-lhe formar um estilo determinado. Contudo isto , nam sei se achará V. P. muitos no-seu Reino , que escrevam como ele. O certo è , que Erasmo nam lia os Antigos por-vaidade , mas por-necessidade dos-seus estudos : mas estes de quem eu falo , nam se-livram deste pecado. Outros , furtam indiferentemente , de todos os autores que lem ; para poderem encher as suas composicoens : servindo-se imprudente-



mente, destes livros de Fraseologia: iem advertirem, que sempre á-de ser capa de romendos: e que os diversos mantimentos primeiro se-ám-de digirir, para se converterem em uma sustancia, que seja uniforme e simplez.

A outra razam que á, para que se-pofam enganar, é a diversidade de estilo, e merecimento deses mesmos Antigos. Quanto ao estilo, é certo que os que querem ser Istoricos, faram mal em ler as Filipicas de Cicero, as Comedias de Terencio, os Epigramas de Catúlo, e outras semelhantes composiçoens: porque nam conduzem ao seu fim; aindaque sejam escritas, no-século da-bela Latinidade. o mesmo digo das-outras proporcionadamente. Podem-se ler estes autores: mas cada um deve aplicar-se ao que é infigne, na materia que ele trata. Se bem ouso dizer, que Terencio serve-se das-expressoens, no-seu proprio significado: que Cezar falou melhor, que nenhum dos-Romanos: nem por-isto ei-de logo meter Cezar, e Terencio em toda a parte. para o conhecimento da-lingua, todos me-podem servir: nam assim para o exercicio particular, que eu quero. Quanto ao merecimento é certo, que nem todos os Antigos sam iguais. antes muitos que escrevèram no-século de Augusto, e em tempo de Tiberio, fizeram-no com tal negligencia, que mal tem lugar, na idade de *prata* da-lingua Latina: e sem injuria se-podem colocar, na idade de *bronze*.

Esta advertencia é mais necessária em Portugal, que em outros Reinos: porque os mestres aqui, tem pouca noticia destas coizas. Nas escolas da-Latinidade, verá V. P. traduzir livros, de merecimento mui desigual: e pasar de um para outro sem eleifam, nem advertencia, somente para encher tempo, e completar o ano. Na terceira, e quarta em que os rapazes comesam a traduzir, explicam pola menhan, as Filipicas de Cicero &c. e de tarte, a Eneide, ou *Ouvidio* de Trist. Na 2. e 3. pola menhan, *Suetonio*; de tarde *Oracio*. Mas eu vi mais: vi um mestre que explicava aos dicipulos, as Oraçoens de Cicero, *Marcial*, e o *Thesaurus Poeticus*. É que coiza boa pode sair daqui? Nam ensinam aos estudantes, qual é o merecimento de cada autor, que lhe-mandam traduzir: e como pode o estudante advinhá-lo? Alem diso, aquilo de explicar no-mesmo tempo, *proza*, e *verso*, e isto a principiantes, nam pode menos, que produzir monstruozidades. O pobre estudante, com a memoria cheia de tam diferentes especies, nam pode distinguir o branco, do-negro: nem chegar a conhecer bem, qual é o estilo da-proza, e qual o do-verso. Muito pior ainda é, comesar por-tais livros: porque as Filipicas, e Eneide, nam é Latim para rapazes, mas para omens feitos. por-estes livros devem acabar o estudo, e nam principiá-lo. Tambem o *Suetonio*, nam é livro proprio da-Escola, porque nam escreve com a pureza dos-outros da-idade de oiro. era melhor *Livio*, *Nepote* &c. que, alem da-pureza de lingua, sam perfectos modelos de eloquencia. Outros mandam traduzir lisoens do-Breviario, ou Concilio de Trento: dizendo que sam necessárias, para quem

á-de



á-de seguir a Igreja. E isto tambem é uma solenissima loucura. Cada livro do-Breviario é de seu autor, e de estilo diferente. Ainda das-que se tiram da-Escritura, se-deve dizer o mesmo: umas são oscuras, que são as dos-livros profeticos, outras mais claras, que são as dos-historicos: e o Latim delas não é bom, porque a frase é barbara. E querer, que um estudante traduza isto, é querer, que não saiba Latim. Tambem o Concilio não é proprio, para dar boa doutrina: porque se-serve de um estilo Forense proprio de Roma, que não é Latino. Se o-fazem para entender estes livros, é superfluo explicá-los. Não há homem nenhum tão decepado, que, se entende bem Latim, não entenda as Bulas; aindaque nunca as-tenha lido. Estar o verbo vizinho ou distante, não muda, ou dificulta o sentido, a quem le todo o periodo: e quem tem alguma pratica delas, entende-as maravilhosamente, aindaque seja mau Latino, como vi muitas vezes em Roma. O que suposto, é muito mau emprego, obrigar o estudante a traduzir Bulas, ou Constituições: e principalmente a traduzilas palavra por-palavra, como fazem estes mestres. O Ecclesiastico, não é necessario que traduza; basta que as-entenda. Antes é muito mal feito, obrigá-los a traduzir assim: porque o tal Latim não se-deve traduzir *ad verbum*, mas *ad sensum*. O que bastava que o mestre advertisse, quando quizesse dar-lhe alguma noticia disso: pois em tal caso bastaria, que mandasse ler alguns periodos, e explicar o sentido. Isto bastava: o mais é perder tempo.

Contudo isto são poucos os que conhecem, que com isto se perde o tempo: antes blazonam, quando procuram embrulhar os rapazes, com coisas obscuras. Achava-me eu em uma parte, em que certo M. de Filosofia, para examinar um rapaz, mandou-lhe traduzir aquelas palavras de S. Paulo ad Cor. *Aemulor enim vos Dei amulatione* &c. que era o capitulo da-Ora, que estava rezando. O rapaz, que não era mau estudante, traduzio literalmente: mas como não fazia bom sentido, o mestre dito deu grandes rixadas, e fez escarneo do-rapaz. Eu calei-me por-prudencia: mas tive meus impetos de lhe-dizer, V.P. ri-se de um pobre rapaz, que não é obrigado a saber, o sentido da-Escritura, nem os *ebraismos*, que se acham na Vulgata: e eu apostarei, que V. P. é o primeiro que não entende, o que nisto diz S. Paulo. Com efeito se eu apertava os negalhos, estava certo, que seria mui mau interprete, da-dita Epistola. O certo é, que não há maior parvoíce, que mandar traduzir palavras obscuras: e que esta *pedanteria* se-devia desterrar de lugares, onde se-sabe falar. Alem disto, é obrigado o estudante, a compor varios periodos, a que chamam *oratoens*: repetir uma quantidade de regras Latinas, e Portuguezas: e se o pobre rapaz não pode responder a tudo em vez de lhe-aliviar o pezo, e mostrar-lhe a estrada, e animá-lo a proseguir; dá-lhe muita palmatoada, e obrigam-no a odiar, todo o genero de estudos. De que nasce, aquella grande ignorancia, que se-observa nestes paizes.



Daqui fica claro , que com tal metodo , pouco se-pode saber de Latim. É lastima que os profesoress , nam cheguem a conhecer por-uma vez , o ridiculo deste costume. Todos os primeiros estudos naturalmente dezagramam , porque sam cansados: e paraque avemos enfastiar mais os pobres rapazes? Um omem consumado nos-estudos , quando estuda uma lingua estrangeira , v.g. Grego , Ebraico , ou Caldaico , nam pode menos que enfastiar-se , daqueles primeiros elementos. Tem grande dezejo de sabêla : conhece o metodo de aprender a dita lingua : reconhece a necessidade que tem dela , para intender as Escrituras Santas : contudo isto , quando se-aplica a ela , mil vezes deita fóra os mesmos livros : e nam-se-acha com rezolufam , de tornar a servir-se deles. Falo pola experiencia propria , e pola de alguns amigos , que se-aplicáram às linguas estrangeiras. Enam acha V. P. que é uma crueldade , castigar rigorozamentê um rapaz , porque nam intende logo a lingua Latina? que de si mesmo é difficultoza , e ainda o-parece mais , na confuzam comque lha-explicam. Isto é o mesmo , que metter um omem , em uma caza sem luz , e dar-lhe pancadas , porque nam acerta com a porta.

V. P. está em uma Universidade , onde é facil dezenganar-se com os seus olhos. Entre no-Colegio das-Artes , corra as escolas baixas ; e verá as muitas palmatoadas , que se-mandam dar aos pobres principiantes, Penetre porem com a considerafam , o interior das-escolas : examine se o mestre lhe-ensina , o que deve ensinar : se lhe-facilita o caminho , para intendêla : se nam lhe-carrega a memoria , com coizas desnecessariissimas : e achará tudo o contrario. O que suposto , todo este pezo está fóra , da-esfera de um principiante. Ora nam á lei que obrigue um omem , a fazer mais do-que pode : e que castigue os defeitos , que se-nam-podem evitar. Nam nego , que deve aver castigo : mas deve ser proporcionado. Um estudante que impede , que os outros estudem : que faz rapaziadas pezadas &c. é justo que seja castigado : e , avendo reincidencia , que seja despedido. Seria bom , que nesa sua Universidade , se dese um rigorozo castigo , ainda de morte , aos que injustamente acometem aos *Novatos* ; e fazem outras insolencias. A brandura comque se-tem procedido neste particular , talvez foi cauza , do-que ao depois se-fez , e ainda se-faz. Nese particular seria eu inexoravel : porque a paz publica , que o Principe promete , aos que concorrem para tais exercicios , pede-o assim : e em outros Reinos , executam-no com todo o rigor. Falo fomento do-castigo que se dá , por-cauza de nam acertar com os estudos. a emulafam , a repreensam , e algum outro castigo deste genero faz mais , que os que se-praticam. É necessario ter muita paciencia com os rapazes , e ensinálos bem : nam seguindo a opiniam daquele Bispo de Vizeo D. Ricardo Rosel , que em um exame reprovou XVI. estudantes afo , porque pronunciáram *Idolum* , com a segunda breve. Isto só faz , quem nam conhece o que deve. Um omem pode ignorar , a quantidade de muitas filabas ,



bas, e ser um grande Latino. Todos os dias se-oferecem duvidas na quantidade delas, aos omens doutos: principalmente naquelas palavras, que tem origem Grega: na qual lingua o *O*, e *E* sam de duas fortes, breves, e longos. Este rigor é censuravel. deve-se praticar outro estilo.

Acho ainda mais outro inconveniente, para saber Latim, praticado nas escolas: que é, compor muito naquela materia, que intendem mui pouco. Um pobre estudante ainda nam intende Latim, e ja lhe-dam varios temas, que sam certas orasoens vulgares, para traduzir na lingua Latina. ou dam a orasam Portugueza, com partes Latinas; ou uma sentença Latina, para eles a-dilatarem, e provarem. Mas um e outro metodo, é um erro maficho. Que coiza boa á-de fazer um rapaz, que ainda nam sabe Latim? Dar as partes conrespondentes ao Portuguez, e obrigar o estudante, a que se-sirva delas em uma orasam longa; é o mesmo que querer, que ele siga os despropozitos do-seu mestre. Ainda quando o estudante acertáse com tudo, nam acertaria com os idiotifimos, isto é, com os modos de falar, que sam proprios da-lingua Latina: e falaria Portuguez, com palavras Latinas. Pode-se permitir o dar as partes, em uma breve orasam; e isto a um rapaz que começa: mas nam se-deve obrigar outro mais adiantado, a seguir tal metodo.

Devia o mestre ensinar ao dicipulo, compor bem uma orasam Portugueza breve, uma carta, um comprimento, ou coiza semelhante. Para isto tem o estudante, toda a facilidade posivel, porque o-faz em uma lingua que sabe; e na qual o mestre pode claramente mostrar-lhe os erros. Quando o estudante soubése fazer isto bem, entam lhe-aconselharia, que a-convertése em Latim, deixando-lhe toda a liberdade da-compozisam. Emendados os erros de Gramatica, se os-ouvèse, emendaria os erros da-lingua: e lhe mostraria, a diferenca que á, entre estas duas linguas: e a diversidade que aparece, entre escrever segundo as regras de Gramatica, e segundo o estilo da-boua Latinidade. Mas nisto procederia com advertencia. Primeiro, nam procuraria que escrevesem, senam em estilo familiar e facil. despois segundo o adiantamento que tivesem, passaria aos argumentos ou asuntos mais difficultozos; os quais explicaria muito bem. Desta sorte, acompanhando a tradusam com a composisam, facilitaria muito o estudo, e conseguiria promptamente o intento.

Deste estilo rezultariam muitas utilidades. Princiramente, fariam os omens da-escola, nam só sabendo a lingua Latina, mas tambem a sua. É lastima, que omens que pasáram tantos anos, nas escolas pequenas, e grandes; omens que estam oje ensinando a outros, e ocupam cargos de Letras, e Politica; nam saibam escrever uma carta! Pois isto é coiza, que succede todos os dias. Eu me lembro, que V. P. se queixou ja disto: e me disse, que achava muitos Religiozos, que tinham o mesmo defeito: e reconheceo comigo, que a origem destes danos era, a que aponto. Come-



tem-se mil erros de Gramatica, na propria lingua, e infinitos de Ortografia. Preparam-se muitos para escrever uma carta, como para fazer um ato publico. Procuram palavras bem dezuzadas, ou estrangeiras; e verbos que nam á no mundo. É com isto compoem uma carta, sumamente afetada, e de um estilo, que é mais declamatorio, que epistolar. Estes sam os que sabem mais: e os que sabem menos, pedem a estes, que lhas-componham. E tudo isto provem, de nam terem uzo de compor na sua lingua: e de nam terem quem lhe-ensine, qual é o estilo de Carta, qual o de Orasam: e nam aver uma alma cristã, que lhe-persuada, que a afetajam deve-se evitar, em todos os generos de eloquencia, mas muito principalmente, no-estilo familiar.

A segunda utilidade é, sobre a intelligencia da-lingua Latina. Um rapaz que de sua cabeça escreve uma carta, ou cumprimento, ou oferecimento Portuguez, com palavras proprias; ja sabe, o que á-de dizer em Latim: só lhe-falta, ter as palavras Latinas, para as-colocar. A isto pois deve suprir o mestre. Suponho, que lhe-tem ja ensinado a Gramatica: e tambem a traduzir de Latim, em Portuguez, para intender os termos: e supondo estes principios, facilmente o rapaz intenderá, quais sam as palavras, de que á-le uzar: ou ao menos será facil ao mestre, mostrar-lhas. Eu no principio seguiria esta regra. Comporia diante dele em Latim, parte da dita carta, ou toda: e lhe-daria a razam do-que fazia: explicando-lhe, porque uzo daquele verbo, e nam de outro: porque uzo daquela fraze, mais doque outra. Capacitando-o, que a todas as palavras Portuguezas, nam pode conresponder uma Latina: mas é necesario uzar de *perifraxe*, ou rodeio de palavras, para as-poder explicar. Este é o defeito que nós achamos, no metodo de dar as partes: porque nam conrespondendo elas sempre umas a outras, por-forsá á-de sair uma embrulhada. Sabido tudo isto darlheia a incumbencia, de escrever á dita carta em Latim, sem lhe-mostrar, a que eu tinha composto: e pedir-lheia a razam, de tudo o que tinha feito.

Alem disto, com este metodo aprende-se o que significa, escrever Latim com propiedade. Um mestre que se-contenta, com a Arte do-P. Alva- res, e com a noticia do-Dicionario do-P. Bento Pereira, nam sabe distinguir entre muitos sinonimos, qual é o proprio, para o que quer explicar. Figuro um exemplo. Tenho necessidade de uzar, do-Verbo *Pedir*; para isto ocorrem logo mil Verbos: *Postulo*, *Posco*, *Peto*, *Flagito*, *Efflagito*, *Oro*, *Rogo*, *Precor*, *Obsecro*, e alguns outros. Quem sabe pouco, entende que sam rigorozos sinonimos; e nam tem dificuldade, de servir-se indiferentemente de todos: mas quem sabe mais, conhece que nem todos o-sam: podem que alguns daqueles Verbos, significam mais, ou menos. v.g. *Postulo* significa pedir aquilo, que se-me-deve: *postulare jure*. *Flagito* significa pedir com instancia; e injuriozamente. *Efflagito* pedir com grande instancia; e acrecenta sobre *Flagito*, alguma coiza. O mesmo dos-outros com sua pro-



proporçam. Do-que fica claro, que querendo eu explicar, que posso com instancia; direi muito mal: *Vehementer postulo. cum clamore & magna instantia obsecro.* basta que diga, *Flagito* O mesmo digo, em diversas outras materias. Isto nam ensina o Alvares, nem o Pereira: mas isto deve ensinar o mestre, mostrando ao estudante, quais são os vocabulos proprios, para explicar o que quer. Desta sorte acostuma-se o rapaz desde o principio, a servir-se de termos proprios, e frases naturais à Lingua: E com isto insensivelmente toma o gosto da-boua Latinidade, e da-sua mesma lingua: e aprende as leis da-Tradução, mui necessarias a quem á-de ler, e servir-se de autores estrangeiros.

Dirmeá V. P. que eu peso muito: e que isto nam é facil, praticálo nas escolas: porque nem todos os mestres, tem a erudição que aponto; e nem todos os estudantes, são capazes desta doutrina: E eu respondo, que nam á coiza mais facil de se-executar. Ponha-me V. P. nas escolas outra Arte: um bom Calepino dos-modernos, reduzidos à grandeza do Dicionario do-P. Pereira; que tudo se remedeia. Estas duas coizas são fundamentalmente necessarias. A Arte comua, ensina muita coiza má: e a Prozodia, tem muito erro. Nam distingue as idades dos-vocabulos: mas com uma simplicidade estrelinha quer, que nós suspeitemos mal de tudo o que dezagradou ao corretor: o qual ás vezes erra, como ouvi queixar os mesmos Jezuitas. Alem disto, desterra da-Latinidade muitos nomes, que são latinos; e introduz outros, puramente barbaros. Nam explica a força das-vozes: nem mostra com exemplos, os significados proprios, e figurados de cada palavra: alem de muitas outras coizas, que se-podem notar, E assim seria necessario, compor um Dicionario pequeno para os rapazes; ou servir-se de algum estrangeiro. v.g. o de Danet, ou ainda melhor, o que ultimamente se-compoz em Turin, por-ordem d'ElRei de Sardenha, para uzo das-escolas: que são dois tomos in 4. Italiano e Latim, Latim e Italiano: e traduzir as palavras Italianas em bom Portuguez. Estabelecido isto, conheço eu entre os doutisimos Jezuitas, mosos de toda a erudição, e capacidade, proprios para executarem dignamente, este emprego. Comque, tire V. P. das-escolas, os que sabem pouco; e em seu lugar ponha estoutros: prescreva-lhe o metodo apontado: faça com que o executem sem epikeas, (como fez ultimamente o dito Duque de Saboia aos seus suditos, determinando-lhe o metodo, de ensinar Latim, e Leis &c.) e verá, com que facilidade se-reformam as escolas. Todos os estudantes, assim como são capazes de sofrerem, aquele mau metodo, com mais razão receberiam outro, que seja mais claro e facil, e seguiloam com mais boa vontade. O dano desta era consiste em quererem, que um estudante, que sabe pouco, e a quem nam ensinam a saber mais, mostre que sabe muito; e, para o-mostrar, componha muito. Eu nam peso tanto. Suponho que tem já, um bom ano de Gramatica, e que tem pasado parte do segundo ano, traduzindo



de Latim em Portuguez: onde nam me parece que peso muito, se quero que no-resto do-ano, se-empreguem em compor Latim, polo metodo que acima digo. Este tal estudante nam é noviso, mas adiantado; e pode com fruto aplicar-se a este estudo. Falando-lhe em Portuguez, e compondo polo metodo que aponto; muda-se de sistema. Nas escolas comuas sabe-se pouco, quando os-obrigam a compor: v.g. na quarta, e terceira, em que comefam a traduzir de Latim, em Portuguez; nesa mesma classe, e no-mesmo tempo comefam a fazer tema. E isto nam pode produzir bom efeito. Mas neste sistema, quando se-compoem, ja o negocio esta adiantado: e vai-se adiantando mais, com a dita composiçam.

Acha-se tambem outro inconveniente bem grande, nestas escolas, sobre isto da-composiçam; que é, obrigar os estudantes a fazerem, ou indireitarem versos rotos: e castigálos rigorosamente, se os-nam-fazem. desorteque ou sejam, ou nam aptos para a Poezia, todos ám-de fazer, o mesmo numero de versos. Mostra pouco intender de versos, quem pratica isto: porque nam é facil, obrigar o entusiasmo a que venha, quando quer o mestre. Mas o que mais é para rir é, que fasam isto omens, que prezumem muito de ser poetas, e matam gente com as suas poezias. Falando com alguns mestres neste particular, responderam-me que o-faziam, para que os estudantes tivessem alguma erudiçam, dos-Poetas Latinos. Preguntei-lhe, que necessidade avia desta noticia: responderam-me: Que era necessaria, para a intelligencia da-lingua Latina. Poisque, continuei eu, quando V.V.P.P. intendessem bem *Cicero*, *Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Livio*, *Paterculo* &c., e pudessem explicálos com facilidade, e escrever como eles; tinham medo de nam saber Latim; ou seria necessario, recorrer a eses Poetas? Aqui nam souberam que responder mais, doque recorrer ao costume, das-Universidades da-Europa. Mas eu, que nam queria deixar fugir a preza, pedi-lhe, que me-provassem, que nas Universidades, em que se-sabe ensinar, (avemos de concordar, que á algumas que seguem, o estilo de Portugal, aindaque mais moderado) explicavam os Poetas, só para intender a lingua: ou que obrigavam os estudantes, a que fizessem versos como eles. Aqui ficaram calados. É, na verdade, era difficil coiza, que quem nunca saíra de Portugal, ou nam tinha examinado com grande ateniçam, os estudos estrangeiros, discorresse fundadamente sobre eles.

Mas a verdade é, que nam á coiza mais contraria à boa razam, que esta pratica de fazer versos. Os omens nam tem capacidade igual; e nem todos sam capazes de tudo: antes às vezes acham-se mosos tam rudes, que difficultosamente podem intender o Latim. E como ám-de estes compor versos elegantes? Assentamos, que, para a intelligencia da-lingua Latina, é loucura, obrigar a fazer versos. O mais que podem fazer, e que eu nam reprovo, é, quando o estudante sabe bem a lingua Latina, mandar-lhe traduzir, alguns dos-Poetas antigos melhores, como *Lucrecio*, *Virgilio*, *Ovidio*, *Oracio*, *Catulo*,



*zúlo*, e algum outro: mas raro; porque nisto se-compreende o melhor. E isto para mostrar, as frases particulares dos-Poetas; e tambem o bom gosto da-lingua. sendo certo que alguns destes escreveram, com purissima Latinidade, como *Virgilio* nas *Georgicas*, e *Eglogas*: *Oracio* nas *Epistolas*, *Satiras*: *Ovidio* nas *Epistolas às Damas* illustres.

Quanto ao Verso, é querer perder tempo, obrigar os omens a fazêlos: e seria melhor, empregar aquele tempo, em coiza mais util. Ouviram omens doutifimos, e os-á presentemente, que nam sabiam fazer versos. No tempo de *Cicero* avia omens, que faziam versos, com grande facilidade, e insignes na dita profissam: e contudo isto estavam mui longe, do merecimento de *Cicero*. Este grande omem nam iguorava, o como se-faziam os versos: e com effeito alguns fez, cujos fragmentos ainda oje existem: mas o seu talento, e a sua maior propensam era, para a *Retoria*. Nam que eu julge, que os versos de *Cicero* sejam maos; como muitos ignorantes, e que querem falar do-que nam intendem, se-persuadem. Os versos de *Cicero*, principalmente os *Fenomenos de Arato*, sam tam elegantes e tam belos, como os de *Lucrecio*: nem eu acho diversidade sensivel entre uns, e outros: e igualmente admiro ambos, principalmente olhando para a materia, sobre que compuzeram. Pois se todos admiram em *Lucrecio*, explicar com tanta naturalidade, coizas tam difficultozas, conservando a elegancia, e o espirito de Poeta; o mesmo louvor, e polas mesmas razoens, compete a *Cicero*: o qual com a frequencia de ler, e emendar *Lucrecio*, tinha aquistado a mesma facilidade, e estilo. Para conhecer o que nisto podia *Cicero*, basta lelo nas partes, em que nam é violentado, pola esterilidade da-materia. Nam sei se se-podem achar na Antiguidade, versos mais armoniozos, que os que ainda oje lemos, do-livro segundo do-seu *Consulado*. Este bocado samente mostra bem, na minha estimasam, o que *Cicero* podia. Nem obsta, que *Marcial*, *Juvenal*, *Quintiliano*, zombassem de um certo verso de *Cicero*: isto, como nota bem o doutifimo *Turnebo*. (1), nada prova. O que nam agradava no-tempo de *Augusto*: e muitos omens grandes, (como advertio um grande critico daqueles tempos) estimavam mais os Antigos, que outros bem nomados (2). Se em muitas partes, *Cicero* nam se-aiemelha a *Virgilio*, nem por-isto perde nada do-seu merecimento. Nem menos é semelhante *Oracio* nas suas *Satiras*, e *Epistolas*: nem em tudo *Lucrecio*; e com tudo sam famozos Poetas: e a naturalidade com que se-explicam, e

(1) *Adversar. l.7.c.19.*

(2) As palavras de *Furio Albino* citadas por *Macrobio*, sam estas. *Nemo debet antiquiores Poetas ea ratione viliores putare, quod eorum versus nobis scabrididentur. Ille enim stilus maxime tunc placet: cuius laboravit*

*atas secuta, ut magis huic molliori stilo acquiesceret. Itaque minime defuerunt, imperantibus etiam Vespasiani, qui Lucretium pro Virgilio, et Lucibium pro Horatio regerent. Petrus Cruiclus, de Poetis Latinis.*



acomodam o verso exámetro, a tudo o que querem, é mais estimada, entre os criticos de bom gosto, do que a elevação de *Virgilio*. O estilo daquelle tempo pedia, grande naturalidade nas composições. E não falta quem censure *Virgilio*, em ser tam elevado e artificioso nos versos: no que alguma coisa se desvia de *Omero*. Contudo ninguém nega, que, se na *Eneide*, e *Georgica* observou bem o decoro; e sustentou a dignidade do argumento; nas *Eglogas* pecou muito, porque não observa a simplicidade natural no estilo pastoril: mas procura que falem os pastores, com toda a civilidade, e arrogancia de cidadãos: o que não é verosímil. Mas, tornando a *Cícero*, ficaria prejudicada a Republica de tam grande talento, se, pela Poesia, deixasse a Oratoria. Conheço aquelle grande homem o seu talento: cultivou-o: e faço aquelle oráculo, que entam venerou Roma, e oje admira o mundo. Esta, é uma grande lição para os Modernos, consultar o talento; e nunca violentar a natureza. Onde neste particular, deve-se consultar, a inclinação dos rapazes: e avendo-a, explica-lhe brevemente, as diferentes sortes de composições metricas: não os ocupando senão em assuntos brevissimos: deixando-lhe toda a liberdade no compor: mas emendando-os, e dando-lhe distintamente, a razão da emenda.

Até aqui tenho falado a V. P. em alguns abusos, das escolas deste Reino, que impedem saber a lingua Latina. Agora falarei nos requizitos, para a intelligencia da dita lingua: a falta dos quaes não se deve contar, entre os menores abusos: e também apontarei o modo, com que se deve regular, o estudo do Latim; e a eleição de livros, para o conseguir com brevidade. Parecerá um paradoxo, se eu disser a V. P. que, ainda observando tudo quanto afirmo digo, não se pode saber Latim, (não digo com toda a perfeição; porque uma lingua morta, não se chega a saber bem: mas sabê-lo no melhor modo possível) sem alguma noticia da Geografia, e Cronologia, e das Antiguidades, em que entram os costumes, a Fabula &c. e contudo, não a coisa mais verdadeira do que esta. Eu não quero sair do livro mais usual, que nas escolas se explica, que é *Quinto Curcio*. Nele occorem todos os momentos nomes, de Gentes, de Povos, Regiões, Cidades &c. fala-se de guerras entre Nossos e Nossos. E que conceito á-de formar do escritor, aquelle que o explica, se ele não sabe, se diz bem, ou mal? porque, ignorando a Geografia, não sabe, nem chega a compreender, em que parte do mundo, estejam as tais Gentes, se vizinhas, ou distantes. Como á-de o leitor intender, as conquistas de Alexandre, se ele não sabe por onde foi, que Nossos venceu, que difficuldades superou? Além disso, succede muitas vezes, que esse escrito, que o estudante lê, se engana-se nos lugares: e isto entam é erro sobre erro, que o leitor não poderá decifrar. Não é isto caso metafizico, mas engano bem comum em muitos escritores. *Q. Curcio* enganou-se muitas vezes, por ignorancia da Geografia: *Plínio*, e alguns outros: como admiravelmente mostra o douto José Escaligero, nos Prolegomenos de Manilio. O mesmo *Manilio*, *Virgilio*, *Luca-*  
no,



no, Floro erraram algumas vezes na Geografia, e podem causar o mesmo erro no juizo, de quem for ignorante dela.

Dirmeá V. P. que este conhecimento, parece ser mais necessario, para nam se enganar na leitura dos-autores, do que para intender a lingua: para a Critica, e nam para a Latinidade. Confesso, que para a Critica, é de indispensavel necessidade: mas o que digo é, que nam pode o estudante, intender com facilidade um autor, que trata a historia de um conquistador, sem a noticia dos-paizes de que fala: e nem menos o-poderá intender com gofio. Polo contrario, se é informado, ainda que superficialmente, desta noticia, percebe maravilhosamente o fato: facilita-se a intelligencia do-autor: e por-este meio a da-dita lingua. Um mofo, que ignora totalmente a Geografia, toma limpamente um nome de Cidade, polo de um Reino, e polo de uma Pelloa: e outros destes enganos, que vam acompanhados, da ignorancia da-lingua. Quem nam souber v.g. que Napoles, é nome de uma Cidade, e de um Reino juntamente; nam só confundirá os termos, mas tambem as coizas, que a ambas se-aplicam. E isto nam é somente dano da-Istoria, mas tambem impedimento, para a intelligencia da-lingua Latina. Acham-se alem diso muitas Cidades do-melmo nome, em Regioens bem distantes. v.g. a antiga Geografia mostranos na Azia muitas, com o nome de Alexandria, de Seleucia, de Ecbatana, e bem longe umas de outras. O que quem nam sabe, persuade-se, que se-fala somente de uma: e nam intende a materia de que se-fala. E destes exemplos, de que abunda muito a Istoria antiga, se colhe a necessidade da Geografia, ainda para a lingua. Seria coiza ridicula, que um omem lese *Q. Curcio*, para intender as palavras, e nam para o sentido da-Istoria: ou que sem a intelligencia desta, presumise que poderia alcançar, a propriedade das-palavras. Muito mais sendo certo, que com o socorro da-Istoria, se intendem muitas coizas, que sem ela é impossivel intender; e a intelligencia do-contexto abre a porta, para se-intenderem muitos nomes. E' bem vulgar aquele lugar de Lucano, (1) em que, falando dos Arabios, que saíram do-seu paiz, diz = *Umbras mirati nemorum non ire sinistras* =: o que, sem Geografia, é impossivel intender. Virgilio diz lá em certa parte (2): *Cers inimica mihi Tyrrenum navigat aquor* =: Como se-pode saber sem Geografia, que coiza é aquele mar *Tirreno*? quem a-ignora, pode-o tomar polo mar *Baltico*, ou *Etiopico*, ou *Pacifico*. De que vimos a concluir, que, alem do-sentido historico, a mesma propriedade das-palavras Latinas, nam se-alcança em varias ocazioens, sem Geografia.

Parece-me pois, que uma breve noticia da-Geografia, deve ser o preludeo, da-lisam dos-autores. A observasam das-principais Cidades, de que fala o autor, que se-á-de ler: das-viagens, que fizeram os conquistadores: os fins e limites dos-seus imperios: isto deve primeiro observase. Mas porque esta noticia seria de-minuta, se a-nam-unisem com a noticia, da-Geo-

(1) L.3.v.248.

(2) *Aeneid.* I.v.67.



grafia de toda a terra : deve-se aprender esta noticia brevemente em um Mapamundo : ajuntando-lhe a noticia da *Esfera Armilar* : das-divizoens do-Ceo , e da-Terra &c. O que com grande facilidade se-pode fazer : pois , como diz um omem douto , este estudo nam pede mais , doque olhos, e alguma memoria. Na esfera Armilar conhece-se , a dispozifam do-Ceo , respetivamente à Terra : no Globo , a dos-Reinos : e em uma carta particular , a da-Provincia , ou Reino de que se-trata. Advertindo , que quando se-falar em alguma Cidade , deve-se notar , de quais delas se mudaram os nomes antigos , em alguns modernos. Acham-se cartas , que apontam os antigos nomes , das-Cidades da-Grecia , e Italia : e estas sam , as que principalmente se-deveram notar , para intender os escriptores antigos , que falaram destas Regioens. *Sophianus* descreveo bem , a antiga Grecia : e *Cluverius* , a antiga Italia. E isto é precizo saber , comparando os nomes daquelas antigas Cidades , com os das-modernas ; e procurando nas cartas modernas , os sitios das-antigas Cidades , Muitas das-quais ja nam existem. *Celario* publicou um belissimo Compendio da-antiga Geografia , em 2. volumes de 4. Tambem compuzeram Introdufoens Latinas *Cluverio* , principalmente para a antiga ; e *Luitz*. Quem quizefe maiores noticias deveria ler , o *Petrus Bertius = Theatrum Geographia Veteris*. fol &c. e este mesmo autor compoz : *Veteris Geographia Tabula*. fol. &c. Este autor , que escreveo nos-principios do-seculo pasado , é famoso. Oje á muitos modernos , que escreveram bem , em Francez , ou Italiano. *Dupleffis* , e *Buffier* escreveram bons Compendios ; que temos oje nas ditas duas linguas. *Jacobo Ode* fez tambem um belo compendio Latino : e é mais moderno. Os Senhores *Sanfon* , e de *l'Isle* compuzeram cartas Geograficas , nam só de todas as partes do-mundo , mas especialmente , das antigas divizoens do-Imperio Grego , e Romano &c. E isto é o que deve fazer o mestre , e ensinálo quando é necesario : porque desta sorte , acostumando os rapares a buscar na carta , que deve ter na escola , a dita Cidade ; imprime-se a Geografia na memoria , como quem brinca.

Em segundo lugar entra logo a Cronologia, que nam é menos necessaria, para intender os autores , e fugir os *anacronismos* , ou confuzam de tempos. Nam é necesario nestes principios entrar , nas disputas , que á , sobre os principios dos-Reinos &c. isto é negocio , que pede grande estudo , e doutrina , e se-rezerva para outra idade. Basta apegar-se ao calculo mais recebido e comum , que poem a vinda de Cristo no-ano 4000. da-criasam do-Mundo : a que chamam o calculo de *Ufferius* , por-ser este autor , o que o explicou melhor. Aqui pois é necesario ler , em um breve compendio , a serie dos-tempos , desde o principio do-Mundo , até agora : notando os maiores sucesos , em que ano aconteceram : v.g. Diluvio de Noé , Vocasam de Abram , Saida dos-Ebrios do-Egito , Destruisam do-primeiro Templo de Jeruzalem , Vinda de Cristo , Paz da-Igreja &c. Especialmente deve notar o que importa , para a intelligencia dos-autores , que quer explicar : e sempre que mudar de autor , deve-



deve notar, em que tempo escreveu, e de que tempo escreveu. para o que nam servem pouco, os Dicionarios Istoricos de *Hofman*, e *Moreri* &c.

Quanto aos Compendios de Istorica á tantos, que é superfluo, que eu aponte nenhum. Neste principio deve-se bulcar, o mais breve. Por-isto me-parece, que o *Petavio* é mui longo. o *Celario* é bom, mas tambem nam é curto. *Turfelino*, e alguns outros escrevem bem; mas em Latim. o *Bosfuet* parece-me melhor para o principio; e acha-se em Italiano, ou Francez. Tambem o *Valemont*, no-primeiro tomo, traz uma carta Cronologica geral, que pode bastar para o intento. E como este volume está traduzido em Portuguez, pareceme, que por-ele deve ler o estudante: e o mestre pode servir-se, de quaesquer dos-apontados acima, que são dos-melhores. Em quanto nam aparece alguma istoria Portugueza, proporcionada aos rapazes, que estudam nas escolas: aos quais basta dizer, o que é somente precizo, sem tantos rodeios: o que me dizem está atualmente fazendo, um omem douto meu conhecido.

É superfluo que eu mostre, a confuzam que nasce, no juizo dos pobres principiantes, por-falta de alguma noticia de Cronologia: e quanto podem errar, se derem credito a tudo, o que dizem os antigos escritores. Eles erraram em muitas partes, por-nam terem noticia dos-tempos: e para nós nam cairmos nos-mesmos erros, é que julgam todos os omens doutos, que são necessarios, estes requizitos. Um omem que ouve falar em Alexandre Macedonio, e nam sabe, em que tempo ele floreceo; confundiloá com muita facilidade, com Alexandre Severo Imperador dos-Romanos. Filipe Macedonio, e Filipe Romano nam se-distinguem polo nome, mas polo diverso tempo em que floreceram. os dois Romanos tambem foram Reis de Macedonia: e a diversidade está, em que foram juntamente, Imperadores Romanos, e floreceram alguns seculos depois dos-primeiros. Esta confuzam se-aumenta, quando se-fala de omens do-mesmo nome, da-mesma Nasam, e talvez do-mesmo tempo. Ouveram alguns *Marcos Catoens*, *Marcos Antonios*, *Marcos Brutos*, *Marcos Valerios*, *Marcos Ciceros*, *Apios Claudios* &c. todos Romanos, e alguns contemporaneos. E quem nam distingue isto, nam pode formar conceito das-coizas. Isto suposto, alguma tintura de Cronologia é necessaria, para intender a Istorica: e, sem a inteligencia desta, nam se-pode intender o Latim, dos-que escreveram nesta lingua.

Para facilitar este estudo é grande segredo, ter em caza uma carta Cronologica, de que se-tem feito algumas Latinas, em duas folhas grandes de papel. Acham-se umas tiradas das-olras do-P. *Petavio*, Latinas: estas, com a diferenca de poucos annos antes de Christo, uniformam-se com as de *Ufferius*. O *Delfini* fez umas em Roma, segundo a Cronologia do-*Ufferius*, em 4 folhas grandes, que eu tenho, e são boas. *Lanceloti* fez outras em Pariz, segundo a Vulgata, quero dizer, segundo o *Ufferius*: e são otimas, principalmente depois de Christo. O P. *Pedro de S. Catarina* Religiozo Ber-



uardo, fez outras em França, seguindo o *Ufferius*: são boas, ainda que alguma coisa extensa. O *Musano* Jezuita Italiano fez umas, em quatro folhas grandes, se me-nam-engano, porque averá anos que as-vi, em que segue a Cronologia do *Labbe* Jezuita, que põem a vinda de Cristo no-ano 4053. do Mundo: mas não são boas. Outro Jezuita, que é o P. *Cassini*, acrescentou-as por-o-dem de Benedito XIII. O *Sanson*, e *Perizonio* &c. compendiáram também taboas boas. As do-Senhor *Langlois* são ótimas, mas cuido que não são para rapazes; porque unem os trez calculos Grego, Ebraico, Samaritano: o que carrega muito a memoria. O ponto está que o estudante abraça, uma Cronologia certa: e não mude de cartas todos os dias; mas meta umas na memoria. Toda a diversidade está, antes da-vinda de Cristo: porque depois dele todos concordam, e é raríssima a dissenção. Se algum curioso traduzite, umas destas melhores taboas, em Portuguez, para uzo da-Mocidade, emendando-as em alguma parte, e acomodando-as à necessidade do-Reino; faria grande serviço à Republica. Eu comecei á tempos este trabalho, e tinha ideado uma carta muito fácil: mas impedido com outras occupaçoens, não pude acabála. Se V. P. tiver gosto, porlheci a ultima mão. Feito isto, deve-se ler um compendio de Historia. Neste principio basta o *Valemont*, que já se-acha em Portuguez: e o mestre no-entanto pode ler um compendio da-Historia universal: v.g. o que fez o *Cluverio* em 4. que é bom: e principalmente o que se-imprio em 1672. que é mais correto: E preparar-se para saber explicar, estas noticias aos dicipulos, quando falarem na Cronologia. Mas disto falaremos em outra occasiam.

Quanto pois ás antiguidades Gregas, e Romanas, ou aos Uzos, e Costumes destas Naçoens; são indispensaveis para perceber, os autores antigos. Um destes escriptores não escrevia para nós, mas para os seus: aos quais eram notorios os costumes, não só publicos, mas também privados da-sua Nação. onde aludindo aos ditos, não se-cansa em os-explicar. Então entendiam-no todos: mas hoje não. e é necessario para o-intender-mos, que procuremos esta noticia naquelles, que as-recolheram. Um Historico que na presente era, contando as virtudes de um servo de Deus, disse, que celebrava *Misa* todos os dias, tinha *Estaxis* &c. como falava com gente, que o-intendia, não tinha necessidade, de se-explicar. Se pudese succeder, que daqui a mil anos não ouvesse *Misa*, ou aquele livro caísse em mãos de outra Nação, que não tivesse noticia de *Misa*; é certo, que não entenderia, o que se-dizia; ainda que entendesse a lingua: e seria necessario, que primeiro entendesse, que coisa era *Misa*, e outros destes nomes; para dizer, que entendia bem a historia, em que se-achavam estas expressões.

Os antigos escriptores em quasi todas as paginas, aludem aos seus costumes civis, e ecclesiasticos. Falam de *Flamines*, *Augures*, *Paterpatros*, *Sacrificios*, *Apoteozes*, *Vestais* &c. Encontram-se mil nomes pertencentes à guerra, *Tribunus Militum*, *Tribunus Plebis*, *Centurio*, *Quinquagenarius*,  
De-



*Decanus*, *Triarius*, *Prinipilus* &c. como tambem de machinas; e aparelhos belicos de muitas especies. A cada passo se-tropela com o nome, de *Consul*, *Proconsul*, *Prator*, *Proprator*, *Quaestor*, *Legatus*, *Ediis* &c. cada emprego dos-quais tinha seu particular exercicio; sem a noticia do-qual, nam é possível intender, a forsa da-expressam que o-significa. Quem nam sabe, que os Consules, que prezidiam aquele ano no-Senado, eram os mesmos a quem se-distribuiam as Provincias, onde se-fazia a guerra; e a quem se-entregava o governo do-exercito; nam poderá intender, como uma dignidade, que parece civil, se-introduza nas-materias militares. Quem nam sabe, que no tempo dos-Consules, ouveram Tribunos Militares, os quais governáram a Republica em lugar dos-Consules, com imperio consular; e continuáram muitos anos com suas interrupsoens; intenderá, que *Tribunus Militaris* nam era magistrado; mas valia o mesmo, que *Tribunus Militum*: que conrespondia aos Coroneis dos-nossos Regimentos. Quem nam tem lido, que no-mesmo ano se-elegiam muitos Consules, e Proconsules, ou muitos Tribunos Militares, para abrangerem a todas as necessidades da-Republica; justamente se-persuadirá, que, em se-falando de Consul, discorre-se da mesma e unica pessoa. Quem nam souber, que os Pretores mandavam-se para as provincias pequenas, com imperio consular; intenderá, que se-fala somente do-Pretor Urbano, ou Peregrino, que administravam a justisa em Roma. Finalmente só os ignorantes, é que podem negar esta necessidade: os doutos todos a-reconhecem.

Nós nam temos Istóricos Latinos que escrevesem, os seus costumes patrios: sam os Gregos de quem recebemos, o que oje sabemos: porque como os Gregos escreviam, para os seus Gregos, aos quais nam eram notos, os estilos Romanos; tinham cuidado de lhe-advertir, tudo o que era necessario, para a intelligencia da-Istoria. *Polibio* deixou-nos uma particular descriçam, da-*Disciplina militar*, dos-*Costumes domesticos*, das-*Leis publicas* dos-Romanos. *Dionixio de Halicarnasso*, dos-*Sacrificios*, *Magistrados*, e toda a politica da-Religiam, e do-Estado. *Plutarco* tambem nos-ensina muita coiza. Mas como nem todos sam capazes, de lerem estes autores, por-iso será bom recorrer, aos Compendios. *Joam Rossino* fez uma boa coleçam das-Antiguidades Romanas, em Latim: que oje se-acha acrecentada por-*Dempslerus*. Estima-se pela brevidade, a Republica Romana do-*Cantelio*: mas eu intendo que é melhor o *Neuport = Rituum qui olim apud Romanos &c.* Quem quizer maiores noticias pode-as ler, no-*Corpus Antiquitatum Romanarum do-Grevio*, em 12. tomos fol. que comprehende todos, os que escreveram nesta materia: e onde pode consultar-se alguma dificuldade, que ocorrer.

Tambem é bom, ter alguma noticia das-Religioens diversas dos-Antigos: e para isto pode servir, *Alexander Sardi = de Moribus, & Ritibus Gentium.* 12. ou *Joannes Bohemus Aubanus de eodem* 16. ou *Var. Dalen = de Oraculis Ethnicorum.* 4. o mesmo *de Idolatria* 4. obra moderna: ou o *Barclai = Icon Animorum*; para os costumes das-Naçoens: ou o *P. Pomei = Pantheon*



*Mythicum*. Nam aponto outros livros, porque sam em linguas vulgares estrangeiras: aindaque estes, talvez sejam os melhores, porque expõem tudo com clareza, e brevidade. O mesmo digo da-Fabula, a que aludem todos os momentos, os Antigos. É necessário saber, esta mitologia dos-Antigos, para os-intender; e buscar autores que expliquem, sem a qual noticia, falarão muito, e nam saberão nada. Dos-Modernos é melhor, o *Jovet = Istoria de todas as Religioens do-Mundo* = 3. tomos de 4. que se-acha em Francez, ou Italiano.

Esta noticia é necessaria, senam aos rapazes, que se-divertem com outras coizas, ao menos aos mestres, que explicam os ditos autores: e, se a-nam tiverem, por-força ám-de dizer muito despropozito: e mostraram ensinar, o que nam chegaram a intender. Já sei, que chegando V. P. a este emportante ponto, me-proguntará, qual mestre conheço eu, que tenha toda esta crudizão: ou se me-persuado, que um rapaz, que saie das-escolas, e que nam tem no-corpo mais, que quatro anos de Filozofia, assim ou añado, quando entra a ensinar nas es-colas baixas; seja capaz desta doutrina tam necessaria, para fazer bem a sua obrigasão? A isto respondo, que quanto à capacidade, ninguem lha-pode negar: pois este pezo nam é maior, que as suas forças. Bastaria que o-obrigasem, e ensinasem a estudar isto que digo, mostrando-lhe a necessidade que á de o-intender, para poder fazer a sua obrigasão; que ele faria tudo, o que era necesario. E se acazo introduzirem, este metodo nas escolas, e o-protege-se quem pode fazê-lo, continuar-se-ia, da mesma sorte que se-conserva, o metodo ordinario. Reconheço, que seria alguma coiza dificultozo, persuadir a muitos omens moços, que, aindaque ensinem o Latim, nam só tem pouca noticia dele, mas nem menos tem noticia, do-que é necesario, para o-saber: o que seria facil provar-lhe, fazendo-lhe uma exata lista dos-requizitos; e proguntando-lhe, se os-posuiam. Mas enfim tudo se-vence, tratando-se com pessoas de juizo, piedade, e docilidade: e as razoes que apontamos, poderiam obrar muito, se tivessem a paciencia, de as-quererem ler, e intender.

Suponho pois que o estudante, tem alguma noticia, do-que assim apontamos, ou que pelo menos a-tem o mestre, que seja capaz de lho-explicar em poucas palavras; e apontar-lhe os livros, onde se-podem beber estas noticias: (as quais podem-se ir aprendendo no-mesmo tempo, que se-explicam os autores, explicando uma ora cada menham, alguma parte delas) Apontarei agora o modo, com que se-deve regular, no-estudo da-Latinidade. Em primeiro lugar, deve somente procurar de saber, a propriedade dos-vocabulos: para o que deve buscar autores, que falasem mui naturalmente, e com estilo familiar. Para isto nam á melhores autores que *Plauto*, e *Terencio*: porque ainda-que em alguns lugares sejam, ou pareçam oscuros; falam porem com estilo familiar, e com fraze naturalissima, e longe de ornamentos: que é toda a dificuldade na inteligeccia da-lingua. Certamente *Terencio* é um autor, que nam tem preço, pola pureza da-lingua: e tambem é certo, que estes Co-  
mi-



micos parecem mais Prozadores, que Poetas. Onde nam posso asás rir-me, quando ouso a alguns mestres responder, que *Terencio* nam é para rapazes, porque é obscuro. Os que assim falam, nam leram *Terencio*, nem sabem Latim. Perguntára-lhe eu, se é mais obscuro *Terencio*, que *Oracio*: ou se presumem elles, que este, e *Virgilio* sejam mais claros, e proprios para rapazes, do que um Comico. Se bem considerarem estes, quanto é necessario para dizer, que intendem *Oracio*, e a *Eneide*; certamente julgariam diferentemente. Mas com estes omens nam falamos. O certo é, que *Cicero* julgou, (1) que a poesia Comica, nam se-distingua da-Proza, senam em ser escrita como verso: mas nam na dificuldade. e tambem ninguem duvida, que a Proza é mais facil, que qualquer Poema.

Em todo o caso devem-se ler estes autores, com os Comentarios: e o mestre deve suprir com a explicação; nam traduzindo muito; mas esse pouco com tal clareza, que nam fique dificuldade alguma ao rapaz. Quem nam souber explicar bem *Terencio*, pode contentar-se com *Fedro*. Este autor tratou argumentos simples, que são certas fabulas, com uma dilação pura e natural: e, ainda que Poeta, parece Prozador; e para principiantes é famoso. É estimada a edição, que o douto *Gronovio* nos deu, de *Plauto*. Sobre *Terencio* muitos tem escrito, mas nem todos bem. Com razão se disse, que *Farnabio*, e *Milenio*, afetando brevidade, deixaram mil coizas emportantes. *Madame le Fevre* publicou a mais bela tradução, e notas sobre *Terencio*, que até o seu tempo tinha aparecido: mas é em Francez, lingua que nem todos intendem: como tambem *Monsieur le Fevre* seu Pai, tinha illustrado eruditamente *Fedro*. No estado presente servir-me-ia da edição de qualquer deles, *ad usum Delphini* &c. que parece ser a mais toleravel, das modernas.

Estes primeiros autores nam se-devem ler correndo, como muitos fazem; mas devem-se ler, e reler atentissimamente. v. g. lendo *Fedro* deve o mestre, nam deixar de explicar coiza alguma, que seja necessaria, para intender a lingua. Onde deve notar e explicar, todas as dificuldades de Syntaxe: porque ainda que na Gramatica se-expliquem, somente lendo os autores se-intendem bem. E terá cuidado, de reduzir a construção embarçada e figurada, ao modo de falar natural: explicando a Figura, em que se-funda. Depois, notará a propriedade das-palavras. E quando encontrar algumas, que pareçam sinonimas, deve ensinar, se verdadeiramente o-são, ou que coiza acrescentam. Em terceiro lugar deve ensinar-lhe, a pronunciar bem o Latim: que é o que comumente nam sabem em Portugal: pois ainda os mesmos mestres, pronunciam as palavras corrutamente. v. g. Em *Omnia* nam proferem o

(1) Itaque video visum esse nonnullis, Platonis, & Democriti locutionem, etsi absit a versu, tamen, quod incitatus feratur, & clarissimus verborum luminibus utatur, potius poema putan-

dum, quam comicorum poetarum: apud quos, nisi quod versificati sunt, nihil est aliud quotidiani dissimile sermonis. Cicero, de Orat. ad M. B. num. 20.



*m*: os *tt* finais pronunciam como *ad*: o *m* final pronunciam como *n*: e entre *e*, e *a* sempre pronunciam superfluamente um *i*. v. g. *Meam*, *Deam* &c. os *ss* finais como *x*. O que sem duvida é grande defeito da-pronuncia: deixando por-agora outros erros, que se-podem notar. Alem disto oferecendo-felhe algum termo, do-Latim antigo, deve ensinar, o modo antigo de pronunciar. v. g. *Maximus*, *Militiai* &c. Estas noticias dam muita erudifam, a quem estuda o Latim: e como muitos nam fazem cazo delas, por-isto ignoram o que é Latim, e todos os momentos encontram, difficuldades novas. Isto que digo de *Pedro*, deve-se intender de qualquer outro autor: Mas isto é o que muitos nam intendem: antes querem ler muito, intendendo poco; do que saber bem a lingua, com um só livro. De que vem, que a Mocidade nam aprende nada, com o seu metodo: pasam-se os anos nas escolas baixas, que se-deviam empregar, em coizas mais utis: pois na verdade que nam reflete, como deve, no-que le, tanto emporta que leia *Cicero*, como os atos de *Maria Parda*.

O que emporta muito no-principio é, nam dar aos rapazes livros, que tenham periodos longos: mas breves, e com fraze natural. Por-esta razam alguns Italianos doutos, e despois deles os Francezes, aconselham, que no-principio devem-se fugir, as istorias difuzas, os Oradores, e coizas semelhantes: especialmente os Poetas Eroicos &c. e que é melhor, tirar de *Cicero*, e outros autores elegantes e claros; tirar digo, alguns paragrafos melhores: indireitar as frases, e transpozifoens dos-Verbos: e polas na ordem natural. Sendo breves, e elegantes, podem os rapazes intendelos, e tirar dai grande utilidade. A experiencia mostrou-me, que diziam bem: pois vendo eu, que alguns rapazes nam intendiam, os discursos compridos, e as figuras da-orafam; feita esta experiencia, intendèram tudo facilmente.

Mas isto que a estes aconselho, acha-se feito ja por-omens doutos: os quais escolhèram entre os autores, as coizas mais facis, e melhores, e reduziram-nas a capitulos diferentes: v. g. às quatro virtudes principais: para os rapazes, nam só aprendam a lingua, mas tambem o moral das-afcoens. A maior parte sam de *Cicero*: mas tambem se-acham de outros autores. Sam trez livrinhos pequeninos, impresos em Pariz: e tambem se imprimiram em Italia na Cidade de Pezaro, em 1740. Estes livros valem um mundo, e tem aproveitado a infinitas pessoas: e quem ajudáse com eles os seus dicipulos, conheceria a verdade do-que dizemos. E por esta mesma razam digo, que a leitura dos-Comicos, é infinitamente util aos rapazes s. v. g. a de *Terencio*. todos os periodos sam breves: rarissima vez se-acha transpozifam mui obscura: e os modos de falar, sam tirados do-estilo comum: motivo polo qual, sem trabalho se-intendem. *Plauto* tambem seria bom: mas como tem bastantes palavras antigas, ou escritas no-antigo modo, nam é tam proprio, para principiantes. *Oracio* nam o-aconselho: nem outros semelhantes, que pedem maior erudifam. Em lugar de *Oracio* nestes principios, aconselharia *Catúlo*, que é nam só purissimo Latinista, mas mui natural, e com infinitas grafas. Devem-se separar,



rar, os poemas impudicos, e explicar os outros, com todo o cuidado, e diligencia.

Mas, supondo que o mestre, nam tem os ditos livros, direi o que deve fazer, despois da-leitura de *Pedro*, e *Terencio*. Deverá pois explicar em outra classe, as cartas de *Cicero*, a que chamam Familiares, com os comentarios de *Manucio*, ou *ad usum Delphini*, que sam otimas: nam todas juntas, mas saltiadas. Onde deverá preferir, as que escreve a sua molher *Terencia*, e a seu liberto *Tiro*: como tambem as de recomendalam. Estas sam as mais naturais, breves, e claras: desorteque nam entadam o estudante: porque sam compostas naquelo estilo familiar, que todos interdem. Vi nam á muito tempo uma pequena colelam, destas mais facis epistolas de *Cicero*, cuidoo que impresas em Padova; que eram otimas, para estes principios. Despois, na mesma classe pode ler, os Istoricos mais facis: como sam *Casio Cezar*, *Cornelio Nepote*, *Veleio Paterculo*. Estes trez escreveram no-seculo da-mais pura Latinidade, e sam incomparaveis: principalmente os dois primeiros, que sam sumamente naturais, e claros. Mas estes autores nam se-devem ler seguidos: sim interrompidos, e tirando deles os lugares. mais singulares. Se o estudante tiver feito aproveitamento no-*Terencio*, e tiver ja lido alguns extractos, rednzidos á ordem natural; basta explicar-lhe estes autores, sem mudar a ordem das-palavras: para que pouco a pouco das coizas facis, vá intrando nas difficultozas. E terá o mestre a advertencia, de nam obrigar sempre os rapazes, a que traduzam de repente: mas em dias alternados. E comumente deve ordenar-lhe, que escrevam em caza a sua tradusam: e quando vierem á escola, fará que dem a razam, de tudo o que traduziram. Este modo de ensinar, aproveita muito, e imprime as coizas na memoria. polo contrario o metodo comum, de dizer de cór, é falar como papagaio, e'expósito a milenganos. Onde deverá o mestre cuidar muito, em que escrevam as suas tradusões; pois com o tempo serve isto, para ensinar a traduzir bem: que é o que muitos nam sabem.

Quando o estudante chega a este estado, pode-lhe ordenar, que componha alguma coiza: mas sempre asuntos breves: pola maior parte tirados das-obras, que traduz: o que pode fazer trez vezes na semana. Eu comecaria polas cartas: que é um modo de compor facil. Uma ou duas vezes dar-lheia as partes: tendo cuidado de escrever primeiro, uma carta Portugueza pequena, e com ordem natural. Ou traduzir uma pequena de *Cicero*, que seria o mais acertado: obrigando-os a que compuzesem outra semelhante; sem porem se-servir em tudo, das mesmas palavras, e fraze. Despois, daria outra carta facil, sem partes: obrigando-o a que as busca-se: e ensinando-lhe o modo. Em 3. lugar daria uma carta mais elegante, sem a ordem natural: porque se acazo se-acostumam, a escrever o Latim correspondente ao Valgar, nunca saberám fazer outra coiza. Despois dito, passaria a outro assunto mais difficultozo, e sempre breve. v. g. a discrifam, ou carater, de um



peſoa determinada: no-que é ſingular *Valleio Paterculo*. ou obrigaloſia a referir, algum pequeno ſuceſſo: dando-lhe primeiro o Portuguez; e deixando-lhe a incumbencia, de pôr o Latin. Isto é quanto pode fazer um rapaz, no dito tempo: e ſe o-chega a fazer, nam faz pouco. Com o tempo, e quando for lendo outros autores mais difficultozos, é que lhe-podem dar outros afuntos: porque o rapaz, em quanto eſtiver na Latinidade, deve fazer duas coizas, compor, e traduzir. Deve porem o meſtre fugir, de lhe-dar penſamentos e ſententas oſcuras, por-tema; porque as-nam-intendem: e neſte tempo nada mais ſe-procura, que enſinar-lhe que coiza é pura Latinidade. Quando o meſtre ler as compozições, deve emendalas, e dar-lhe a razam, de tudo o que faz. Ao principio ſomente cuidar, na propriedade: com o tempo enſinar-lhe tambem, o que é elegancia, e particular idiotiſmo da-lingua Latina: moſtrando-lhe como ſe-deve traduzir, tanto de Latin em Portuguez, como de Portuguez em Latin. Seria bom que o meſtre algumas vezes, traduziſe ele meſmo, algum paſſo de *Cicero* &c. e o-propuzefe ao eſtudante por-tema: nam lhe deixando ver o original, ſenam deſpois de feita a compozição: paraque aſim recocheceſe o moſo a diverſidade, entre o que tinha feito, e devia fazer. Mas isto ſomente ſe-pode fazer nas claſes altas, e quando ja o rapaz tem noticia baſtante, da-Latinidade: porque deſta forte, é que ſe-aprende, qual é o eſtilo dos-bons autores.

Pode, deſpois dos-ditos autores, explicar os Iſtoricos mais difficultozos: que ſam *Tito Livio*, *Saluſtio*, ou tambem *Quinto Curcio*. O qual *Curcio*, aindaque ſe-ſuponha ter eſcrito, no-reinado de Veſpaziano, que era a idade de prata; ou, como diz Scioppio, o principio da idade de bronze da-lingua Latina; contudo, é eſcrito com a mais pura Latinidade do-ſeculo de Auguſto: e o eſtilo é belifimo. *Livio* é mais copiozo, e mageſtozo, e digno da grandeza do-Imperio Romano. Quanto a *Saluſtio*, convem todos, que as ſuas frequentes Ellipſis, e o demaziado laconifimo, fazem-no duro, e oſcuro: mas é eſcritor de ſumo pezo, e ſingular eloquencia. Nam me-parece porem, proprio para rapazes, polas muitas e mui fortes metáforas, e baſtante oſcuridade. Onde o meu parecer ſeria, que dos-dois primeiros, ſe tiraſem alguns lugares eſcolhidos, para ſe explicarem aos principiantes. Na meſma ultima claſe podem-ſe explicar, alguns extratos das-oratiões de *Cicero*, principalmente das-mais ſacis, que ſam: *Pro Archia Poſta*: *Pro lege Manilia*: *Pro Marcello*: e as *Catilinarias*. Mas obrigar um rapaz, a que as-vá traduzindo ſeguidamente, e inteiramente, como coſtumam muitos, é intender mal o negocio. Nenhum o-nem pode ler com goſto, uma inteira oraſam de *Cicero* ſenam é um grande Latino, e Retorico: e á oraſoens de *Cicero* tam longas, v. g. as *Verrinas*, que ainda um omem douto, nam as-le, ſem ſe-canſar. Ler uma pagina oje. e no ſeguinte dia outra; é ainda pior: porque ſe-perde o ſentido, e nam ſe-intende o que ſe-explica: de que nace o enſado, nam só nas-rapazes, mas nos-grandes. Onde o melhor é,  
pro-



procurar alguns pasos breves, e escolhidos: uma descripção: um inteiro argumento: um inteiro periodo do-exordio. O mesmo digo, daqueles que explicam, o *Somnium Scipionis*, o livro de *Seneſute*, *Amicitia*, &c. quem faz isto, nam intende o que faz. Os ditos livros nam se-podem intender, sem saber a istoria, da-antiga Filozofia: o que nam deve, nem pode um rapaz. Eu, tendo lido algumas vezes Cicero inteiramente, só o-cheguei a intender, (se é que o intendo) quando li em *Laercio*, e *Plutarco*, a istoria das-setas dos-Filozofos. Os que introduziram o estilo comum, e que achamos no-livro a que chamam, *Selecta*, certamente ou nam refletiram, ou nam intendiam isto: porque dam aos rapazes, livros muito diferentes, e que só sam para omens adiantados. *Salustio* nam é para rapazes. Ouviram dizer, que os livros pequenos de Cicero, eram perfeitissimos no-seu genero, e sem mais reflexam os-traduzem. Mas polo mesmo principio deviam explicar, os livros de *Oratore ad Q. Fratrem: Orator ad M. Brutum*: e os tres de *Officiis*: que sam a melhor coiza que ele fez, neste genero. Acho porem outras razoens, que se-devem atender, quando se-fala com principiantes.

Quando o rapaz traduz estes autores mais difficultozos, com a mesma ordem que se-acha neles, entam é preciso, que escreva a sua tradução. A razam é, porque estes autores uzam de muitas transpozicoens, frases, e figuras, as quais nem sempre se-podem traduzir literalmente: e assim querer que um rapaz, de repente ache o verbo, ou perifraxe propria, é loucura: e vale o mesmo que ignorar, que coiza seja tradução. Os mestres ao seu bofete, muitas vezes nam acham, a palavra propria, para a boa tradução: como mostra bem o famoso Monsieur *Huet*, no-leu livro = *de Claris Interpretibus* =: em que aponta os defeitos, em que caíram os omens grandes: E se isto succede aos doutos; como é possível, que o-faça de repente um principiante? O que suposto, deve o mestre dar-lhe tempo, para escrever em caza a sua tradução: ou ao menos na escola. E depois ensinar-lhe, como se-deve traduzir bem de Latim em Portuguez: porque entendido isto bem, conhece-se como se-devem converter as mesmas frases Portuguezas, em outras Latinas: ao que chamamos, boa Latinidade. Por esta razam digo, que o que fez aquele livro, a que chamam, *Pai Velho*; que poem a tradução de Virgilio, ou o que quer que é, palavra por-palavra; merecia ser aloitado pelas ruas publicas: e tambem os mestres, que se-servem dele: e o livro, queimado em praça publica. Nam á coiza mais prejudicial para a mocidade, que semelhantes livros: pois mostrando ensinar a traduzir, sam a cauza, de que se-nam-faiba. O pior é, que os mestres praticam o mesmo, que diz o livro; nas suas traduções. Cujos metodos é tal, que ou os rapazes estejam dez ou vinte anos nas escolas, nunca intenderam Latim: como na-verdade succede: pois traduzindo todos Virgilio, nenhum o-intende. Acheime em certa parte, em que um celebre mestre traduzia, o principio do-quarto livro da-Eneida: *At Regina gravi jamducum saucia cura &c.* palavra por-palavra:



lavra: e tãã pago de si mesmo, como se fosse; o melhor interprete do mundo. Disse eu a um dicipulo, que escrevesse a tradusam do seu mestre, e depois lha-mostrãse, perguntando-lhe, se era boa aquela tradusam. Assim o fez: e o mestre, cuidando que era coiza do dicipulo, foi o primeiro que disse, que nam prestava para nada. Pois esta, replicou o dicipulo, é a que V. P. ontem disse. Envergonhado o mestre, quiz saber, quem lhe-dera o conselho, e respondeo: Que uma coiza era, compor na banca, e outra, explicar na escola. Que parvoice! esta propozisam vale o mesmo que dizer: *Que na banca se-deve compor bem: e na escola explicar mal.* A falar a verdade quem explica a rapazes o dito livro, ou coiza semelhante, sabe mui pouco: porque pola maior parte aquelas palavras, nam se-devem tomar no proprio sentido, mas metaforicamente: e explicãlas segundo o sentido do Poeta. E por-este motivo torno a dizer, que os Poetas, principalmente Heroicos, nam sãã para rapazes, que estudam Latin. Contẽlo a V. P. que ainda nam ouvi um mestre, que na escola dissesse: *Esta palavra, nam se-pode traduzir bem: é necessario explicãla assim.* mas todos seguem o comum estilo, que é muito mau. Onde a minha regra geral é esta: Quando ouso um mestre, que, explicando livros eloquentes, traduz assim: *Petrus Pedro: Amat, ama: Joannem, a Joam:* sem mais outro exame a sento, que nam sabe Latin. Deve o mestre praticar outro estilo, se quer que aproveite aos estudantes: e o melhor é, o que aponto. Isto basta por-agora, sobre a tradusam.

Quando digo, que se-devem ler estes livros, nam quero dizer, que se-leiam todos: mas um, ou outro dos-que aponto; que sãã os melhores, e mais proporcionados ao noso caso. Mas tambem é certo, que, lendo-os como digo, quazi se-podem ler todos. O principal ponto está, em seguir a ordem que infinito: porque sem ela, nacerã confusam e impedimento, como todos os dias observamos no-metodo vulgar: sendo certo, que primeiro se-devem ler, os que falãã a lingua naturalmente, doque os que abundam muito de metãforas, e mil outros ornamentos difficultozos. Mas nem menos isto basta, se o mestre nam explicar o que deve. Onde o ponto de toda a considerasam consiste, no-modo da-explicasam. Quando pois o estudante estiver adiantado, deve o mestre, alem das-coizas que acima aponte, explicar outras. v. g. a sintaxe difficultoza: a forsa das-pãlavras: o modo de pronunciar antigo: e notar outras coizas, que se-encontrarem. Porque os rapazes das-escolas maiores devem saber, nam só o que é Latin puro, mas tambem as outras particularidades, que constituem a elegancia. Acham-se autores, que se-servem de palavras Latinas, e contudo nam tem aquela particular grãfa, a que chamam os inteligentes, boa Latinidade. Consiste esta às vezes, em uma frase inteira: tambem em um diminutivo, ou frequentativo &c. coizas que dam infinita grãfa ao estilo Latino; e frequentemente se-acham, nos-melhores autores Latinos, como *Terencio, Cicero &c.* Onde, este deve



fer o cuidado do mestre: mostrálas quando ocorem: e notar a particular grafa que tem, naquele lugar. Deve tambem notar o modo, com que os bons autores começam, ou acabam o discurso, ou os unem entre si, quando compoem uma oração inteira. Esta uniam consiste às vezes, em uma conjunção: às vezes, em outra particula. E este é o particular estylo da-boua Latynidade: que necessariamente se-deve ensinar aos rapazes, para que o-executem, quando compoem. Alem disto, quando encontrar alguma expressam obscura, ou porque é fundada em uma fabula, ou coiza semelhante, deve explicála. Desta forte se-intenderám os autores, e se-poderá tirar proveito da-sua leitura. E isto é o que um mestre douto faz, com muito gosto, porque conhece a utilidade, que daqui rezulta: e só entam pode repreender com justifa os rapazes, quando da-sua parte faz tudo o que deve, para os-ensinar.

Mas antes de concluir isto, quero dizer alguma coiza, sobre as edifoens deses mesmos autores, que tambem é noticia util. Em todo o cazo devem-se procurar, as melhores edifoens destas obras, as mais corretas, e com boas notas. Todos os livros comentados *ad usum Delphini*, ainda que uns sejam melhores que outros, comumente, e principalmente para o nosso cazo, são bons. mas devem ser da-edifam de Pariz, ou de Olanda: porque as de Italia modernas, não prestam para nada. Emporta muito ter o texto correto, para se-não-enganar, neste particular. Os Olandezes são famosos. As edifoens de Grevio, e Gronovio, e outros omens doutos, ainda que não tenham notas, (mas quasi todas as-tem) são corretissimas. a edifoem de Cicero por-*Verburgio, cum notis variorum*, em Olanda é exatissima. Em Inglaterra tambem fizeram algumas boas: e a imprensa de Inglaterra, e Pariz é mais negra, que a de Olanda: e por-isto agrada mais. Isto que digo das-edifoens, se-intenda, não só dos-Prozadores, mas dos-Poetas. O que põem encomendo muito ao estudante é, que, nestes principios, se quer saber Latim, leia poucos livros: mas eses que escolher, leia-os tantas vezes, e com tanta atensam, como se ouvessem de ser eles, o seu unico estudo. na segunda vez achará menores dificuldades: e assim nas outras. Isto basta, para ser um grande Latino. Não aconselharei a rapaz algum, que leia os Poetas. Para saber Latim, é escuzado, e serve de impedimento: na Reticora é melhor que se-leiam: mas é melhor quando são grandes. Porém por-não deixar de dar metodo, na leitura dos-autores, direi brevemente o modo: e servirá, para os que se-quiserem aplicar totalmente a isto.

Digo pois, que os que quizerem aplicar-se à leitura dos-Poetas, podem fazêlo, depois de ter feito estas preparafões: procurando somente, os mais estimados polos doutos. Para intender estes é necessario, ler algum tratado, que explique a Mitologia dos Antigos: e que nos-de uma noticia breve das-fabulas, a que eles todos os momentos aludem. Isto posto, deve-se ler *Ovidio nas Metamorfozes*, e *Fastos* em que explica toda a Mitologia:



gia: depois as *Eroidas*, que são as tuas melhores obras, e as mais fáceis, as outras podem-te reservar para outro tempo. Depois, ler *Virgilio* todo atentivamente: ao qual deve seguir *Oracio*, nas tuas *Odes*; melhor dizei, todo, porque é um autor inimitável. Querem muitos, que com este se-leia, *Gracio Falisco*, *Olimpio*, e *Nemesiano*, Poetas Bucolicos: aindaque na verdade sejam muito inferiores, a *Oracio*. E finalmente, *Estacio*, e *Lucano*. Isto basta para ter, uma grande noticia de Poetas: principalmente lendo-se, com a devida attenção. E quem tiver bem estudados os ditos, pode, sem mais mestre, ler qualquer dos outros, que se-offerecer: mas apontarei alguns. Quem pois quizer ler amores, veja *Ovidio de Arte amandi*, *Catulo*, *Tibulo*, *Propertio*: que são todos no-seu genero famosos. Os melhores satiricos são, depois de *Oracio*, que é o mestre; *Juvenal*, e *Persio*. *Marcial* é um autor, que entre mil coisas inútilis, tem algumas boas. agradam mais aos omens intelligentes de Poesia, e Latinidade os Epigramas de *Catulo*. Quanto a *Lucrecio*, e *Manilio*, são juntamente Filozofos, e Poetas: e o primeiro sempre teve, e ainda conserva, muitos admiradores; e é um puro Latinista. Nisto se comprehende, o melhor da-Antiguidade.

Sobre as edicoes á pouco que dizer. Todos estes autores foram commentados, para uzo do-Delfim de Franca, por-ordem de Luiz XIV. Estas edicoes são melhores que as antecedentes: e as concordancias que se-fizeram, de cada um destes autores, valem infinito, para a intelligencia dos vocabulos da-lingua: pois mostram os diferentes uzos, e a forza das expressoes. Alem das-Delfinas, á outras edicoes anteriores, que tem seu merecimento. Por-pouco que um omem se-familiarize com os livros, e consulte os Bibliotecarios impresos, e trate os omens que são verdadeiramente doutos; conseguirá todas as noticias necessarias, para se-regular na eleicao dos livros, e edicoes. Mas quem quizer ler estes autores, advirto-lhe, que os nam-leia seguidos, sem interrompidos: pois nem tudo neles é igualmente bom. Onde, devem-se colher as coizas melhores: porque esta sorte de leitura agrada: uma longa leitura enfastia, e só serve para um omem, que nam faça outra coiza. Nam aconselho, que se expliquem Poetas nestas escolas: mas que aja uma ou duas separadas, em que somente se-trate esta materia.

E ja que falamos de livros, necessarios para a intelligencia do-Latim, deve tambem o estudante saber, de quais se-deve servir, para compor &c. Nisto á muito abuzo; porque comumente alguns aconselham livros, que nam prestam. O *Cardial Adriano* = de *Sermons Latino*; *Huberto Gifanio*, nas suas *Observacoes*, *Tomaz Linacer*, são autores famosos, para ensinar o modo, de escrever bem: principalmente o ultimo. *Enrique Estevam*, e o *Voffo*, escreveram bem sobre as palavras, que nam são Latinas, ou que o parecem. O *Decauge* fez um belo Dicionario, de *Infinita Latinitate*: que hoje se-acha mui acrescentado, pelos Beneditinos de S. Mauro, e cuido que são alguns seis tomos de folha. O Dicionario Etimologico de *Voffo*, pode dar



dar grande e fundada noticia, da-Latinidade. *Nizolio*, e *Carlos Estevam*, compoz cadaum seu Dicionario, para as vozes, que se acham em Cicero: mas o ultimo é melhor, que o primeiro. Para ter noticia de toda a Latinidade, e ver o uzo dos-vocabulos, é necessario consultar, o Tezoiro da Lingua Latina, de *Roberto Estevam*. 4. tom. para os raparez, pode servir o *Calepino* de *Facciolati*, que é mais breve. Para ver as differencias das-palavras, é ultifimo *Auxonio Popma*, e o P. *Vavassor* Jezuita, e também o *Borrichio*. Para saber o uzo, e fórta das-Particulas da-Latinidade, é famoso o *Stevvechio*, e despois dele o P. *Turjelino*, da-edifam do-*Facciolati*. Os mestres podem ler o *Tomasio*, e *Schovartio*, que sam amplifimos. As Fraseologias nam as-aconselho a ninguem: mas das melhores, é a de *Manucio*, que compendiou as de Terencio, e Tullio: e melhor que este, o *Pareo*, que acrecentou as de Plauto: e fez mais outras obras utis, para a Latinidade. Acham-se mais alguns autores, como o *Schorus*, *Cellarius* &c. que escreveram nestas materias: mas estes que apontamos, sam os melhores. E estas noticias bastam ao principiante: as outras aprenderá com o tempo.

Tenho dito o meu parecer, sobre o modo facil de aprender, a boa Latinidade. Mas antes que acabe, direi a V. P., que para conseguir este fim, e saber compor com facilidade, conduz muito, ter a memoria cheia de muitas especies. Sem ela nada vale a applicasam: vistoque a nosa ciencia nada mais é, que a simplez memoria, do-que temos estudado. Ninguem duvida, que a memoria com o exercicio se-apreheisoa, principalmente nos-rapazes: e que todo o trabalho, que nisto se-poem na mocidade, serve muito, para quem á-de seguir os estudos. Mas a deficultade está, em saber cultivar a memoria. Quem obriga os rapazes, a aprender muito verso, e muita arenga; faz-lhe mal, cuidando fazer-lhe bem. Eu comparo a memoria, cheia de semelhantes ideias, a uma livraria grande, cujos livros nam estam nas estantes, mas amontoados no-meio, e polos cantos: quem nela procura um livro determinado, nam o-encontra: mas oferecem-selhe cem mil, que nada fazem ao cazo. Damesma sorte a memoria mal regulada: quando lhe-pedem uma ideia, oferece tantas, e tam fóra do propozito; que é o retrato da-confuzam: de que nace, que nunca se-aprendem bem, as outras Ciencias. Isto suposto, deve cuidar o mestre, em exercitar a memoria dos-principiantes, em algumas determinadas materias. Primeiro acostumálos a dizerem em breves palavras a lisam, que ám-de explicar. Despois, explicará aos ditos, alguns pasos seletos de autores, principalmente Poetas: v. g. alguma das-fabulas de *Fedro*, ou *Ovidio*: mas curtas, e sempre agradaveis; pois só assim entram. Nestas, os rapazes devem dizer primeiro, o que contem: despois, poco a pouco ir repetindo, todas as palavras: com o tempo pode-se aumentar, o numero dos-versos. E este exercicio pode-se fazer dois, ou tres dias da-semana. Quando o rapaz tem algum exercicio; entam tem lugar, servir-se de metodo, nas coizas que decóra. Onde tera cuidado de lhe-ensinar,

al-



algumas descrições, algumas exortações, ou breves orações &c. mas primeiro explicar-lhas bem: pois sem isto é querer, que pronunciem como papagaios. Nisto nam devem molestar os rapazes, com pancadas: mas animálos com premios, a que decorem bem algumas coizas: remunerando ou louvando, os-que o-fazem melhor: sempre couzas utis, e que possam servir com o tempo. Mas deve cuidar muito o mestre, de nam permitir aos rapazes, a leitura destes livros de *Frascologia*, antes bandilos, como coiza mui prejudicial. Sam capas de romendos, cadaum de sua cor, que nam podem fazer coiza boa. cauzam preguiça aos estudantes: e arruinam o bom gosto da-Latinidade. Devem-se escolher as descrições &c. nos-mesmos livros que estudam: e mandar-lhe aprender as frases, nos-mesmos autores que traduzem. O mais é madraçaria, e ignorancia.

Tenho ainda outra reflexam que fazer: é esta, sobre o falar Latim nas escolas. Nisto á dois vicios: alguns falam sempre a sua lingua: de que vem, que saiem das-escolas, sem saber dizer, um comprimento Latino: e este é o defeito, que reina em Portugal. Outros, que pola maior parte sam Polacos, Ungaros, Alemaens, obrigam a falar sempre Latim: ainda antes de intenderem bem Latim. Tambem isto é um grande defeito: pois se os que sabemos bem Latim, nam podemos falar com desembaraço; que fará um rapaz, que ainda o-nam-labe! Esta é a razão, por-que vemos muitos destes Estrangeiros, ( e eu vi tambem molheres ) que falam Latim corrente. mas que Latim? um Latim tal, que é melhor nam intendêlo. Para falar Latim depressa, servem-se de frases barbaras, e termos vulgares: e encham a cabeça com aquilo, em modo tal, que em nenhum tempo podem deixar, o dito estilo. Nam sei que graça tem cansar-se, para escrever Latim bem, e cansar-se tambem, para falar Latim mal: nem menos intendo, que necessidade aja, de falar semelhante Latim. Quem á-de fazer jornadas, por-paizes Estrangeiros, se sabe bem Latim, nunca tem difficuldade em se-explicar, se acazo tem algum uzo. que o-fale mais ou menos depressa, isto nada importa. Nem menos aprovo, aquela afetação de alguns Portuguezes, que, querendo falar Latim como algum Estrangeiro, estam incia ora a considerar, um periodo Ciceroniano: e desprezam as vozes vulgares. Este tambem é outro defeito consideravel. Se os que falam Portuguez afetado, nam se-podem suportar; que faram os que falam com afetação, o Latim? O Latim das conversações deve ser, o mais natural de todos. o ponto está ter palavras puras: a sintaxe delas deve ser natural, e clara. V.P. nam verá afetações em *Terencio*, ou *Plauto*, ou *Fedro*, porque falavam com estilo familiar. A lingua Latina tem isto de bom, que se-caza com a elevação, e naturalidade. Onde, devemos saber aplicar o estilo, à matèria; para conseguir o fim, de falar com muita naturalidade, e nam falar mal.

Isto supposto, parece-me que deve aver nas escolas, algum exerci-



exercício de Latim: mas requerem-se algumas cautelas. Primeiro, nam se deve falar Latim, senam na ultima escola da-Latinidade, ou da-Retorica: quando ja os rapazes, intendem bem o Latim. Em segundo lugar, nam devem falar Latim sempre, mas em dias determinados. Primeiro, podem ensinar-lhe a dizer, alguns cumprimentos de uma, e outra parte: despois pode-se introduzir algum Dialogo, sobre a materia que se-estuda: em que de uma parte, um rapaz pergunte alguma coiza: da outra, responda outro, sempre em Latim. Mas primeiro deve o mestre explicar, como isto se-deve fazer: e ser ele o primeiro, a dar exemplo. E nam deve obrigar todos, a que falem no-mesmo dia: mas comesar polos melhores: despois por-turno os outros, em dias determinados: avizando-os primeiro, para que venham preparados. Desorteque cada estudante ouça falar muitas vezes, os outros: e assim vá aprendendo. para quando lhe-chegar a sua vez. Pode o mestre falar a miudo, algumas coizas Latinas, com algum dos-estudantes, que forem mais capazes, ainda fóra dos-dias assignados: tendo cuidado, de falar bem; e ensinar-lhe sempre, o como se-deve falar. Desta sorte pode ajudar muito, os estudantes: principalmente se souber excitar entre eles, a emulacão, louvando muito os que o-fazem bem, e remunerando-os. Este é o verdadeiro metodo, de ensinar a falar Latim. Comesando desta sorte, mais facilmente o falarám, nas escolas da Filosofia: e deste modo aquistarám aquela facilidade, que é necessaria, a quem á-de seguir as letras.

Isto é o que me-ocorre dizer, sobre o estudo da-lingua Latina: poderia acrescentar muita coiza; mas estas bastam para o que se-quer. Prouvera a Deus, que estas se-puzesem em excusam; entam me-diria V. P. se me-enganava eu no-meu conceito. Deixando para a vista outras razoes, com que podia persuadir, o que digo; enfiuarei uma bem clara. Entre tantos que se-aplicam, ao estudo da-Lingua Latina, mostre-me V. P. quantos sam capazes de se-apontarem, como exemplo de boa Latinidade. Examine V. P. quantos autores tem cá, nos seus paizes, que componham Latim, como milhares, que eu posso apontar, nos-Reinos estrangeiros; e ainda alguns em Espanha, que escreveram afombrozamente. Se me-mostrar um ou dois, que nam ignoro que aja, aente que o-nam-trouxeram das-escolas; mas custou-lhe boas fadigas em caza: ou talvez porque saíram fóra do-Reino, e tratáram, com quem lhe-abri-se os olhos, como o Bispo Ozorio &c. Quazi todos os outros falam Latim das-escolas. E tantas testemunhas, que todos os dias saem das escolas, provam bem, que esta ignorancia, é influencia do-mao metodo.

Disto podia eu citar muitos, e muitos exemplos, se mo-nam-impedise a modestia. \*\*\* porque aindaque tenham doutrina, e talento, o mau metodo que bebéram na mocidade, impede o aproveitamento. Certo Religiozo douto, devendo dar conta de si, em um congreso erudito,



queixando-se de lhe-nam-terem dado, certos papeis, concluia assim. *Quæ ad nostram faciunt historiam monumenta omnia: sive scripta, sive transcripta, sive præscripta; sive congesta, sive digesta; sive indigesta; peto, expeto, repeto: posco exposco, resposco: quæro, exquiro, requiro: flagito, efflagito: oro, peroro.* Todo o corpo do-discurso era semelhante. Nam sei se se-pode fazer, coiza pior: e apostarei eu, que os seus Religiozos doutos, seram os primeiros, a condenar este Latim. O pior é, que afetando tanto, saber a força dos-Verbos, enganou-se em alguns. Porque o *flagito*, e *efflagito*, nam só significam, pedir com instancia, mas pedir com injuria (1), e com pouca vergonha: o que supponho, ele nam quiz dizer. Tambem o *peroro*, nunca ouvi, nem achei em autor Latino, que significáse *pedir*. tambem *Orare monumenta*, é fraze que nunca achei nos-Latinos. Os primeiros trez nomes significam a mesma coiza, no-nosso cazo: pois ele nam pedia cazas, nem estatuas; mas coizas escritas: e assim o *sive*, parece mal inferido. Damesma forte o *congesta*, nam se-opoem, a *digesta*, e *indigesta*; pois a cadaum destes se-pode aplicar: feudoque é generica. As outras examina-rá V. P. com mais vagar, que eu nam tenho. É nam somente os que se apli-cam, a diferentes materias, mas aqueles mesmos, que se-empregam na La-tinidade, muitas vezes nam sam iguais. v. g. *Antonio Rodriguez da-Costa*, Conselheiro do-Ultramar, que escrevia Latim com muita facilidade, es-quecido ás vezes de si mesmo, escreve algumas cartas Latinas, fora do-es-tilo familiar, que paresem orasoens academicas. Mas pior que este, o Mar-quez *Manoel Teles da-Silva*, e o *Conde de Vilarmaior*, os quais ambos trope-fam terrivelmente nesta materia, de elevavam afetada. O primeiro, na car-ta com que aprova, os Epigramas do-P. Reis, que começa *Cum nullum &c.* uza de um estilo, que ainda nam vi coiza mais impropria: O segundo, nas car-tas que escreve, a *Antonio Roiz da-Costa*, é afetado por-um novo modo; e inclina muito para a declamavam, demora-se muito com os lugares comuns, e nam observa, o verdadeiro estilo epistolar &c. Confeso a V. P. que lendo, e examinando Cicero, nam achei nele nem orasoens, nem cartas afetadas. Somente na idade de prata é, que começa a ver, a afetavam, porque ja de-generava a eloquencia. De que conluo, que os que lem bem polos Anti-gos, e sabem imitalos, escrevem com muita naturalidade, e no mesmo tem-po sublimidade. Quando porem nam se-lem os Antigos, ou, lendo-se, nam se-faz como se-deve; nam se-pode fazer coiza boa. o que, como acima dizia, nasce do-mao metodo, de quem ensina.

Quando em um paiz, florecem com grande applicavam as Artes, é  
coiza

(1) *Expectatione promissi tui moveor, ut admoneam te, non ut flagitem: nisi autem ad te quatuor admonitores, non nimis verecundos: qui metuo, ne te forte flagitent: ego autem manda-* *vi, ut rogarent. Cicero Epist. famil. 1.9. ep.8. Quintil. = Efflagitasti quotidiano corvicio, ut libros jam emittere inciperem &c.*



coiza observavel, que faiem muitos excelentes. No-tempo de *Cicero*, nara só ele falava bem Latim; mas avia uma infinidade que o-falavam, com a mesma pureza, e grafa; e muitos Oradores, de grande merecimento. Se V. P. tira das-cartas de *Cicero*, os nomes de muitos, que lhas-escreveram; entre elas, e as de *Cicero*, nam achará differença alguma. O bom gosto naquele tempo, era tam refinado, que *Cezar*, e *Atico*, repreenderam alguma palavra de *Cicero*: e o modo de orar deste ultimo, nam agradava a *Bruto*, a *Calvo*, e *Pollio*, que eram omens doutifimos. Toda a magestade, e pureza da-lingua de *Tito Livio*, nam o-livrou, de fer censurado em Roma, por-aqueles delicados criticos. O grande *Asinio Pollio* achou neste escritor, certas palavras, e estilo do-paiz em que nacera; que os omens cultos de Roma, nam lhe-queriam perdoar. tal era o delicado gosto daqueles Senadores, e Cortezocns! Os mesmos Romanos, tinham um demaziado escrupulo, neste ponto. Um Comico, que no-teatro errava uma filaba, e um acento, levava grandifimas furriadas (1). tal era a fineza do-juizo daquela Republica!

Se damos um passo mais atraz, e entramos em Atenas, onde as Artes, e Ciencias tanto floreceram, que dali se-espalharam, polo resto da-Europa; acharemos, que nesta grande escola, até a gente plebeia, polo costume de ouvir orar, e falar bem em publico, aqueles grandes Oradores; tinha aquistado, um tam exquisito gosto da-lingua, que quando os Oradores subiam á tribuna, temiam ofender, com alguma menos boa, exprefam, orelhas tam delicadas. Avia muitos anos, que o Filozofa *Teofrafito* abitava em Atenas, e tinha feito um particularifimo estudo, de falar a sua lingua, segundo o dialeto de Atenas: comtudo isto diz a Istoria, que da-pronuncia de uma palavra, conheceo que era estrangeiro uma molher, que vendia legumes em Atenas (2). Achamos na istoria Grega, mil outros exemplos, que confirmam, quam geral era, o bom gosto da-eloquencia, entre os Gregos. Nas assembleias publicas da-Grecia, em que se-recitavam Poemas, e Istorias ao Povo; sabemos, que muitas vezes regeitaram algumas, por-nam chegarem, à fineza de outras. *Dionixio* o velho, Rei de Saragosa nam era mau Poeta: vistoque com uma das-suas composicoens, alcançou o premio, nos jogos da-Grecia, digo, nos-jogos Olimpicos: mas porque mandára primeiro duas, que nam chegavam ao merecimento, da-terceira, foi escarnecido por toda a assembleia. Deixo outros Antigos.

E, se decemos a estes ultimos seculos, e ao presente, posso mostrar a V. P. com toda a evidencia, que em Londres, Amsterdam, Leiden, Pariz, Roma, Napoles, Padoa, Bolonha, Piza, e outras muitas partes, onde se-cultivam os bons estudos; os que neles sam instruidos, por-pouco

TOM. I.

M

que

(1) *At in his (numeris) si paullum theatra tota reclamant. Cicero l. 3. de modo offensum est, ut aut contractione Oratore n. 50.*

*brevius fieret, aut productione longius,*

(2) *Cicero, de Claris Orator. n. 46.*



que saltam, aquistam uma particular goito, em todo o genero: e que nes mesmos empregos de Ciencias, e Artes, á infinitos omens excelentes. Do que manifestamente se-prova, que onde se-ensina bem, sempre á omens grandes: e que onde os-nam-á, é uma prova manifesta, do-mao metodo, de quem ensina.

Tenho dito a V. P., quanto a brevidade de uma carta permite, o que me-parece deve fazer, quem quer saber Latim. Poderia acrescentar outras coizas; mas esas sam somente necessarias, aos que querem ser insignes, nas letras humanas. Para V. P. que é tam versado nelas, o que digo, parece ainda superfluo: e para os-outros, muito mais: vistoque nam acho muitos, que queiram esta gloria, e queiram conseguila, com estes meios. Comque páro aqui: E dezejando a V. P. felicissimas festas, e boas intradas de anos; com todo o coraíam me-asino &c.







# CARTA QUARTA.

## SUMARIO.

**N**ecessidade das-linguas Orientais , principalmente Grega , e Ebraica , para intender as letras Umanas : mas muito principalmente , para a Teologia. Modo de as-aprender. Utilidade da-lingua Franceza , e Italiana , para ser erudito com facilidade , e sem despeza.

**M**EU amigo e senhor , Talvez esperava V.P. que eu nesta carta , passasse diretamente à Retorica ; e comesasse a discorrer sobre aquela materia , que nos-ocupou bastante tempo ; e nos-deu ocaziam , para fazer muitas , e mui utis reflexoens. Tambem esta era a minha intensam ; se me nam occurresse outra coiza , que julgo ser igualmente necessaria : e que nam nos-ocupará , senam uma carta , e nam mui longa. Falo do-estudo das-linguas Orientais : que muitos desprezam , porque nam tem juizo , para conhecer o bom , rezolusam para o-emprender , e metodo para o-conseguir. Eu nam falei de todas : mas das-duas mais principais , e que todos os omens doutos reputam , que sam sumamente necessarias : e como tais se-ensinam , em quazi todos os estudos , da-Europa culta : tais sam a Grega , e Ebraica.

Sam estas duas linguas em Portugal , totalmente desconhecidas , ainda nas-Universidades : o que é mui observavel : porque Universidade deve compreender , todo o genero de estudos. Os Espanhoes conheceram muito bem , esta necessidade : e vemos que nas principais das-suas Universidades ensinam , nam só estas , mas outras Orientais. Mas em Portugal observe , que nam á noticia delas. Nese collegio das-Artes , dizem que á uma cadeira de Grego : mas como se a-nam-ouvefe , porque nam tem exercicio. Os Seculares , que algumas vezes entram na aula , é para se-divertirem. Os Jezuitas mosos , sam na verdade obrigados , a frequentar por-algum tempo , a dita escola ; e nos-dias santos le-fe um capitulo , de *S. Joam Crizostomo* , ou coiza que o valha : mas como todos estes mosos , estam na opiniam , que aquilo para nada serve ; nenhum se-aplica a ela. Depois de quatro anos de estudo , me-dise um , que nam sabia mais , que esta palavra : ó *Theos*. Achei outro , que sabia o Padre noso , e Ave Maria : e destes acham-se alguns : mas nenhum o sabia escrever derepente. Finalmente nam achei algum , que soubesse explicar , quatro regras de Grego , nam digo eu de algum Poeta , ou coiza difficultoza ; mas nem menos do-Testamento Novo , ou algum S. Pa-



áre-facil. E isto observei ainda naqueles, que tinham sido mestres de Grego: (nam por falta de capacidade: mas de applicação) e faza V. P. a experiencia, que achará, que nam minto. Os outros todos, ou sejam Regulares, ou Seculares, nam tem noticia do-Grego, que do-Kyrie Eleison: e do-Ebreo, só conhecem a palavra *Aleluia*, *Amen*, e alguns nomes proprios de omens, ou Cidades, que se acham na Vulgata, ainda-que transfigurados: e contentam-se com esta noticia: Antes rim-se muito, se acazo lhe-dizem, que é um estudo necessario. Mas a verdade é, que aos Teologos é indispensavelmente necessario, sabê-lo; senam a todos, ao menos aos que se-internam na Teologia, e a-ensinam. Senam diga-me V. P. se nacêse uma dificuldade, sobre a intelligencia do-texto Ebreo, ou Grego, ou de algum S. Padre; como muitas vezes succede, conversando com os Erejes, ou disputando entre os Catholicos; a quem se-á-de proguntar? será necessario escrever, a França, Roma, Veneza, Napoles &c. para saber a resposta? que coiza mais vergonhoza! E que diriam aqueles Teologos, se ouvissem, que aqui nam avia, quem os-intendêse? Mas disto falaremos, em outra parte. Por-ago-ra só digo, que assim como ao Teologo é necessario, intender Latim, para ler a Vulgata Latina; assim tambem é necessario, intender os textos Originais, de que esa Vulgata se-tirou.

Persuadem-se muitos, e alguns, mo-confesáram, que só a Vulgata merece autoridade. isto é, porque nam estudáram a materia. Convem todos os Teologos de boa doutrina, que o Concilio Tridentino, quando declarou *Autentica*, a nosa Vulgata; so a-preferio, às outras Vulgatas Latinas: mas nam a-preferio, nem a-comparou com as Fontes, Grega, e Ebraica. De que vem, que estas conservam oje, toda a sua autoridade: e por-elas se-emendou a Vulgata, no-tempo de Sixto V., e Clemente VIII. e ainda oje se-pode emendar, em varias coizas, que nela advertem os omens doutos. E por-este principio fica claro, que pode aver grande utilidade, e necessidade, em consultar as ditas Fontes.

Alem da-Escritura, temos os SS. Padres da-Igreja Grega, que escreveram na sua lingua. O Teologo todos os instantes tem necessidade, de consultar estes Originais: porque as versões nem sempre sam fieis. Muito mais porque nam se-ignoram as controversias, que todos os dias nadem, nas escolas Catholicas, sobre as palavras dos-Padres, e dos-Concilio. Alem disto, o Jurista tem necessidade do-Grego, para alcançar o verdadeiro sentido, de muitas constituições Imperiais; que foram escritas em Grego. O Canonista o mesmo: visto que deve procurar, as fontes da-Diciplina Ecclesiastica: a qual pola maior parte, determinou-se nos-Concilio: muitos dos-quais celebráram-se no-Oriente: e ainda algum no-Occidente, em Grego; como o Florentino no-tempo de Eugenio IV. Tambem para intender, o Decreto de Graciano, que se-funda todo, sobre a antiga Diciplina: e os mesmos PP. Gregos. O Medico tem necessidade do-Grego, para intender as obras, de Ippocrates:

para



ver o que disse Galeno, e Areteo de Capadocia; que, depois de Ipoocrates, foi o melhor Medico dos-seus tempos: e alguns outros. E' tambem necessario ao Medico, para entender a Anatomia, e suas partes, cujos nomes são Gregos: nam avendo Ciencia, em que se-encontrem mais nomes Gregos: como tambem para entender os nomes, de muitas enfermidades. Nisto cuidando que convirão sem dificuldade, os meimos Peripateticos, se quizerem examinar o caso. Mas eu paio adiante, e digo, que as Letras Umanas, e ainda a mesma Latinidade, nam se pode entender bem, sem alguma noticia do-Grego. Os Romanos adotaram infinitos termos Gregos: cuja propria significação nam se-alcança, sem saber o Grego. As mesmas declinações, e dezinencia de muitos Verbos, pedem alguma erudição Grega. mas isto só se-intende, quem se-familiariza com o Latim.

Quanto pois ao estudo do-Grego, e Ebraico, nam é ele tam embaraçado, como o-pintam. Os Mestres podiam brevemente dar, alguma noticia do-Grego: nam se-cansando em explicar, todos os preceitos de Gramatica (este é o defeito de muitos Profesores). Basta ao principio saber, as declinações, e conjugações, sem falar nos-dialetos. as anomalias podem-se deixar; e basta que com o tempo se-observem, quando se-vai lendo. As outras partes da-Gramatica basta velas uma vez, para as-saber procurar, quando será necessario. Depois, toma-se um autor, que tenha junto a versão Latina: e em cada voz se-deve observar, se é raiz, ou nam: e quando duvidar, procuralo no-Dicionario. Em um mez, ou dois, pode conseguir, bastante noticia destes principios. depois, com o socorro do-Dicionario, e da-versão, deve comesar a explicação, de algum autor facil. Os Historicos, e Prozadores devem ser preferidos, aos Poetas; como mais difficultozos. Um homem douto-ensina, que se-deve seguir este metodo. 1. Ler os Estratagemas de *Polyeno*, que são mui claros: os Dialogos de *Luciano*, e principalmente os Caracteres Ethici, de *Teofrasto*; que é elegantissimo. 2. os dois famosos Historicos, *Xenofonte*, e *Erodoto*: que encerram as delieadezas, e graça, da lingua Atica. 3. a estes podem seguir-se *Tucidides* Historico; *Isocrates*, e *Demostenes* Oradores; e *Platam*, Filozofio o mais eloquente, e culto da-Antiguidade. Quem chegar a entender bem estes, tenha a confiança, que sabe bem Grego. Pode-se aprender alguma noticia, dos-costumes Gregos, nas obras de *Ubbio Emmius*, e *Joannes Meursius*, que são os que melhor explicaram, as antiguidades Gregas. Outros querem, que se-comence pelo *Evangelho de S. Lucas*, e *Atos dos-Apostolos*; ou pelas tabulas de *Esopo*: depois *Luciano*, *Erodoto*, *Xenofonte*, *Isocrates*: e no-fim *Omero*, e *Plutarco* e alguma coisa de *Demostenes*. Um, e outro destes metodos se-pode seguir: mas agrada-me mais o primeiro. O principal ponto está, que nestes principios, quando se-acham lugares difficultozos, deve-se passar adiante: e ler os autores saltiados, por-nam enfastiar os rapazes.

Sobre os Poetas nam me-canso em dizer muito: porque quem tem



noticia da-lingua , tem ja bastante luz para ver , como se-á-de regular , na sua lisam. Concordam os omens da-profisam , que o melhor Poeta , e mais claro é *Aristofanes* : mas é bastantemente obscuro. Onde , quem nam souber ler tais coizas , sem perigo ; deverá passar a *Omero* , e *Esiado* , que sam os mais facis entre os Eroicos , e que se-servem de expreçoens , mais claras. Verdade é , que nestes Poetas , á uma difficuldade nam pequena , que consiste , na variedade de dialetos , e inflexoens , e mudanças de palavras , proprias-dos Poetas : mas a isto se-supre com o Dicionario , que explica distintamente , estas palavras. Aconselham os doutos , que , antes de ler *Omero* , leia-se o *Everhardo Feithio* = *Antiquitates Homerica* : no-qual ele descreve a istoria , dos-tempos Eroicos , de que trata *Omero*. Dos-Poetas Eroicos pode-se passar , aos Bucolicos , que sam *Moscho* , *Bion* , *Teocrito* ; para aprender o dialeto Dorico , em que escrevem : servindo-se do-pequeno Dicionario , de *Schrevelius*. A melhor edisam destes autores é , a de *Daniel Heinsio* : em que , alem das-deste , se-acham tambem as notas , de *Scaligero* , e *Casaubon*. Depois pode ler , os Poetas Tragicos : entre os quais os mais facis , e judiciozos sam , *Euripides* , e *Sophocles* : porque os outros , só os-podem intender , os que sam bem praticos da-lingua. E como supponho , que o estudante neste tempo , ( isto nam se-faz nas primeiras escolas : mas quando um é ja adiantado no-Látim ) terá ja noticias , das-leis da-Poezia ; pode , lendo estes autores , ir descobrindo , e bebendo na sua fonte pura , as grasas da-Poezia , em todos os generos.

Uma coiza porem é necessario advertir , nam só aos dicipulos , mas tambem aos mestres , porque neste defeito caem muitos profesoeres publicos : e vem a ser , que nam se-cansam em mandar compor , aos pobres rapazes : porque esta lingua , que oje é morta , nam é necessario falála , basta entendela com facilidade. Encontram-se muitos , que explicam aos rapazes , tres , ou quatro regras de Grego , e obrigam-nos á compor , paginas inteiras. Onde vem a cair no-mesmo defeito , que em outra carta ja disse , ( falando da lingua Latina ) de quererem , que os rapazes sejam mestres , naquela materia , na qual nam chegaram ainda a ser , dicipulos. Em uma palavra : a experiencia ensina , que é absolutamente necessario , intender Grego : e que é inutil , o escrevelo ; quando um omem nam está empregado em coizas , que o-pesam.

Sobre ás Gramaticas , á oje tantas , que é superfluo , que eu diga coiza alguma. Muitos sam apaixonados , pola de *Clenardo* , com as notas de *Antesignano* : porque nelas se-acha com facilidade , o que só com grande trabalho se-busca , em outros livros : e tambem ensina o uzo da-Gramatica , reduzindo-a aos preceitos gerais : o que ilustra muito o intendmento. Mas oje asentam todos , que a de *Lanceloto* , a que chamam de *Porto real* , é a mais facil , e as reflexoens mais solidas. mas é em Francez , ou Italiano , e nam é para o caso. Alem destas , á infinitas mais modernas , que sam  
mui



mui boas, e Latinas. Um amigo noto compoz a Gramatica Grega, e Ebraica, cada uma em duas folhas de papel grande, com uma clareza inimitavel, para um principiante. Procuro que a-imprima, para utilidade dos-Portuguezes. é sem duvida a mais facil, que tenho visto nesta materia. No-  
cazo que o estudante nam tenha, quem o-aconselhe, na eleisam de livros; deve sempre apegar-se a uma Gramatica, das-mais modernas, e mais breves: principalmente compostas por-alguns seculares, Inglezes, Olandezes, Alemaens, e alguns Francezes. Porque como estes nam leguem as leis, que obrigam alguns Regulares, a nam se-desviarem, dos seus antigos metodos; procuram sempre, melhorar no-metodo, e na intelligencia: como a experiencia me-tem mostrado. E nestas letras Umanas é sem duvida, que os Se-  
culares excedem muito, aos Regulares.

Sobre o Dicionario, parece-me que o estudante deve servir-se, do-  
*Scapula*, que costuma reduzir todos os *derivados*, à sua *raiz*. Isto ao prin-  
cipio cauza dificuldade, porque se-ignora, que coiza os *derivados* acrecen-  
tam, sobre a *raiz*; para os-poder separar, e procurar no-seu lugar. Mas nest-  
te cazos basta procurar, no-fim do-Lexicon, a voz como se-acha; que ali se-  
ensina, de que raiz vem, e onde se-deve procurar. E desta sorte aprende um  
omem, o verdadeiro modo de separar os *derivados* das-suas *raizes*: e fica  
com a intelligencia, de uma quantidade de termos: coiza que vale infinita-  
mente nesta lingua. Se o estudante pouco a pouco aprendese de memoria,  
as *raizes*; faciitaria muito este estudo, e intenderia mais depresa os *deriva-  
dos*. O ponto todo está em nam deixar totalmente este estudo, por-todo o  
decurio da Latinidade, e Retorica: porque aindaque só expliquem, duas  
regras cada dia, no-cabo de um ano, adianta-se muito.

A Gramatica Ebraica é muito mais facil, que a Grega. Antiga-  
mente escreviam os Ebreos, sem vogais: e o verdadeiro modo de pronun-  
ciar, pasava de pais a filhos, por-tradisam: e ainda oje a Biblia, que se-con-  
serva nas suas sinagogas ou escolas, costuma escrever-se sem vogais, como  
eu vi muitas vezes. Mas depoisque os Ebreos, tornaram do-cativeiro de Ba-  
bilonia, e, com permisa de *Artaxerxes Longimano*, restableceram a Igre-  
ja Judaica, e todos os ritos da-sua antiga religiam: entam, segundo se-pre-  
zume, se inventaram os ditos pontos, ou vogais. Certa coiza é, que neste  
tempo os Ebreos, tinham perdido a sua lingua; e só intendiam a Caldeia.  
Onde nas sinagogas, que entam se-introduziram, era necessario, que um  
interprete explicasse em Caldeo, as palavras da-Biblia, que outro proferia e-  
lia em Ebreo. E como uma lingua morta, nam se-pode aprender, nem  
ensinar, sem vogais; fica claro, que os doutores, que com *Esdras* publicá-  
ram, uma edisam correta da-lei, os-inventaram, para poderem ensinála,  
aos que ignoravam a lingua. E, porem provavel, que entam somente inven-  
tassem, as cinco vogais: e nam tantas, como ao depois se-uzaram. Esta no-  
ticia conservou-se, nas escolas dos-Gramaticos, ou escolas de ler: (entre os  
Ebreos)



Ebreos avia escolas de Gramatica ; e outras de Teologia ) mas nam nas escolas de Teologia : porque os omens dou os, que ja sabiam a lingua, nam necessitavam dito. Mas despois da-ultima destruição de Jerusaleem, no-ano 70. de Cristo, tendo-se espalhado os Ebreos, por-todo o imperio Romano ; e muito principalmente, despois da-dispersão que tiveram, no-tempo de Adriano ; acrescentando-se todos os dias as *tradições*, foi necessario escrevê-las, para se-poderem conservar na memoria, e chegarem a todos. Isto fizeram eles, polos anos de Cristo 150. : cujo livro chamam *Misná* ; que é um corpo de toda a doutrina dos-Ebreos, ritos, ceremonias, e religiam. A esta fizeram dois comentarios : um em Babilonia, polos anos de Cristo 300. : outro em Jerusaleem 200. anos quazi despois. E deste Comento, e da-*Misná*, se-compoem os dois *Talmudes*, que ainda oje temos.

Isto suposto, vendo os doutores, que os *pontos* dos-Gramaticos eram utis, para conservar a antiga maneira de ler ; adotaram os ditos *pontos*, e comesaram a servir-se deles, pouco mais ou menos, no-seculo quinto de Cristo. Muitos suspeitam, que se-deve isto aos doutores, da-escola de *Tiberiades*. Seja como for, o que sabemos de certo é, que desde esse tempo, comesaram a escrever certos finais, debaixo, e defima das-consoantes ; paraque todos os Ebreos, pronunciassem as vozes Ebraicas, segundo a antiga tradição. De entam para cá é, que á noticia expressa, das-vogais (1). Mas como os Ebreos sempre foram misteriozos ; para occultar o verdadeiro sentido do-texto Ebreo, inventaram tanta vogal que nam se-le, entre outras que se-lem ; que esta é oje a maior dificuldade, desta lingua. Umas vezes a mesma vogal se-se : outras, nam se-lé : umas vezes converte-se em outra, e talvez nam se-converte : e isto embarasa muito os principiantes.

Intendido isto, o metodo de aprender o Ebraico é, aprender aconhecer, e unir as letras, e proferir as dições : porque a pronuncia diligente samente é necessaria, aos que querem falar, nam aos que samente a-querem intender. Deixando ao principio, aquela infinidade de excessões, sobre a mudansa de pontos, &c. deixados os infinitos acentos, que para nada servem : basta ter noticia, das-regras gerais, para saber ler, e pronunciar facilmente. Daqui pasa-se às declinações dos-Nomes, e seus diversos estados. A maior dificuldade está, nos-Verbos : porque tem terminasam masculina, e feminina, o que ao principio parece imbarasado : aindaque com o tempo, ajude muito para intender, com quem, e de quem se-fala ; se com omem, ou com molher. Deve pois saber distintamente, quais sam os verbos *quiescentes*, e *defetivos*. As anomalias deles podem-se deixar, porque se-aprendem com o uzo. Esta lingua nam tem sintaxe particular : e todos os idiotismos aprendem-se em meia ora. Daqui deve pasar a ler a Biblia, tendo sempre presente um Dicionário, v.g. o Compendio Hebraico Chaldaico de Bux-

(1) Veja-se Ludovicus Cappellus Buxtorf. Filium.  
in *Arcano punctuationis*, contra J.



*verso*. É utilissimo servir-se do-texto Hebreo, com a versam literal de *Pagnino*, correta por *Montano*: porque alem de que se-aprende, a propria significam dos-vocabulos, tem à margem, boas notas de Gramatica, e aponta as *raizes*. O que ajuda muito um principiante, principalmente se a-quer bulcar, no-Lexicon: e é muito necessario saber, quais sam as raizes, para ter iunciente noticia, da lingua. Com o tempo observa-se a Sintaxe da-lingua, e os idiotismos, ou maneiras proprias de se-explicar, diferentemente das-outras linguas: o que le-reduz a poucos pontos, e se-aprende do-contexto.

Os livros que primeiro se-devem ler, sam os mais facis, como o Pentateuco, os livros dos-Juizes, e Reis, Paralipomenon. Os Profeticos, e Sapienciais podem rezervar-se, para outro tempo, por-serem mais oíscuros. Mas para intender estes livros, e necessario preparar-se com a lisam, das-antiguidades Ebraicas. O Senhor de *Fleury* publicou um tratadinho, dos-costumes dos-Israclitas, em Francez, que tambem se-acha em Italiano: que me-parece proporcionado, para um principiante: e é escrito com grande atençam. Podem tambem servir, a *Politica Judaica = de Bertramo: Respublica Hebraeorum = de Sigonto, ou de Cuneo*; que sam muito boas. Nam apon-to livros de maior erudicam, porque nam servem, para estes principios. Se a isto que dizemos, ajuntar cada dia, a lisam de um capitulo da-Escritura, e consultar nas coizas em que duvidar, a versam Grega dos-LXX.; ou as Concordancias de *Conrado Kirker*; poderá conseguir facilmente, bastante noticia da-lingua Ebraica. Isto digo, para um principiante: porque para os Teologos de profisam, a seu tempo direi, que mais é necessario, nesta materia. Este estudo, como tambem o da-lingua Grega, uma vez que se intendeo, pode continuar-se em dias alternados, por-todo o tempo dos-ou-tros estudos, sem perturbasam alguma: porque a estas linguas basta consagrar, as oras menos preziozas do-dia.

Isto é, o que muita gente nam intende, ou nam quer intender, nestes paizes: porque quando nam tem, outra razam que dar, alegam a dificuldade da-dita lingua, e a pouca utilidade, que de'a se-tira: aqual nam basta para compenfar o trabalho, que se experimenta em aprendela. Segu-ro a V. P. que com grande admiracam minha, ouvi isto a alguns, de quem formara bom conceito; e que totalmente se-desvaneeo, com este discurio. Nam acho que falarem assim, alguns antigos Portuguezes, que cuidoo sabiam um pouco mais, do-que elles, que agora respondem assim. antes polo contrario acho, que alguns Religiozos antigos, applicaram-se a estas linguas com cuidado, e por-isto iam mais conhecidos, no-mundo literario, do-que estes, com quem prezentemente conversamos. Eu attribuo isto, à maior comunicam que entam avia, com os doutos das-Naçoens estrangeiras: pois só acho vestigios de maior erudicam, quando a este Re-ion vinham ensinar, os Estrangeiros: ou quando os Portuguezes iam apren-



der, e ensinar, fóra dele. Polo contrario despois que se-deixou, este comercio literario, vejo as coizas mui mudadas.

Nam podem ser occultos a V. P. os nomes de alguns deles. O P. *Jeronimo Oleastro*, Dominicano Lisboense, que cuidou se-chamá-se *Jeronimo da-Zambuja*, compoz um comentario Ebraico ao Pentateuco, e cuidou que a outros livros mais, se-nam me-engano; poisque averá anos, que vi esta obra. Acho tambem citado um certo D. *Pedro*, Conego Regular, e um Fr. *Eitor Pinto*, Jeronimiano, ambos Portuguezes, por-omens mui verificados, na lingua Ebraica: aindaque eu nam posso, formar juizo das-tais obras, porque as-nam-vi. Mas tenho motivo para suspeitar, que fofem omens doutos, vistoque aprendiam as linguas originaes, para comentarem a Escritura. Tambem achei um Religiozo meu, quero dizer Observante, chamado Fr. *Francisco de S. Luiz*, Lisboense, posterior aos ditos; que floreceo no tempo do-Concilio de Trento, e alguns anos despois. Este tal compoz em Italia, uma Gramatica Ebreica, com o titulo = *Globus Canonum & Arcanorum lingua Sancta, & Sacra Scriptura* = que é um livro bem voluminozo em 4. e que dedicou ao Cardial de Medici, impresso em Roma 1586. Este tal autor, (que, segundo diz, fora no-seculo leitor de Leis em Coimbra, e Salamanca; e se-metèra Frade em Espanha) dá a intender, que compuzera o livro em Italia: declarando, que de cincoenta anos aprendèra o Ebraico, que ao despois foram as suas delicias. Onde persuade com muitas palavras, a necessidade da-dita lingua; e se-enfastia, contra os que a-regeitam. Com effeito o omem parece bem informado, da dita lingua: aindaque caile no-defeito, dos-Gramaticos do-seu tempo; quero dizer, em fazer uma confuzissima e mui enfadonha Gramatica; na qual quiz epilogar, quanto achou em *Elias Levita*, e outros Rabinos: como tambem em varios autores, que o precederam. Mas este era defeito daquele tempo, em que nam sabiam, que coiza era bom metodo. Contudo é verdade, que o dito P. fez um grande progresso, na dita lingua, em uma idade maior; na qual tambem estudou Teologia: e entre occupaçoens de predicas, e outras semelhantes, segundo diz, nunca deixou, este estudo tam util.

Esta noticia que dou do-tal autor, é porque ignoro, se V. P. tem noticia dele, visto escrever longe de Portugal. Acrescento a este, o P. *Macedo*, Portuguez, e da-mesma Religiam: omem de prodigioza memoria, (aindaque nam de igual juizo) segundo mostrou nas suas famozas concluzoens, que defendeo em Veneza, de que V. P. tem boa noticia: que sabia a lingua Grega; segundo me-diseram alguns dos-seus Religiozos, da-mesma Provincia.

Do-Grego tambem no-seculo 16. avia mais noticia, que nam á oje, neste Reino. Polos tempos do-Concilio de Trento, nm tal *Joam Vaz*, que foi mestre de Umanidades em Salamanca, sabia bem Latim, e Grego:  
e no-



e no-mesmo tempo *Fernando Soares*, que compoz uma Grammatica Latina, para uzo do-Duque de Bragança, impressa em Evora no-ano 1572. eia sufficientemente informado, do-Grego. Ajunto a estes, o Bispo *Jeronimo Osorio*, o qual nam só aprendeo fóra de Portugal Latin, bem, mas teve bastante noticia do-Grego, e Ebreo: e podia nomiar alguns outros, que agora nam me-ocorrem. Doque se-segue, que naqueles tempos, os mestres Portuguezes, nam seguiam o parecer, que agora vejo tam commum, de que estas linguas Orientais devam desprezar-se. Onde com estes exemplos, podiam muitos aplicar-se, a coizas mais utis à Republica. Eu aponteí algum exemplo: pode ser que ajam muitos mais, e de linguas peregrinas: porque eu nam escrevo esta historia.

Seria tambem justo, que o estudante com o tempo, aprendese Francez, ou Italiano, para poder ler as maravilhozas obras, que nestas linguas se-tem composto, em todas as Ciencias; de que nam temos, tradusoens Latinas. Antigamente intendiam os doutos, que era necessario saber Latin, para saber as Ciencias: mas no-seculo passado, e neste presente, dezenganou-se o mundo, e se-persuadio, que as Ciencias se-podem tratar, em todas as linguas. Parece-me que com muita razam: porque a maior dificuldade das-Ciencias consiste, em serem escritas em Latin, lingua que os rapazes nam entendem bem. Onde nam só sabem mal a materia, mas o tempo que deviam empregar, em a-estudar, ocupam em perceber a lingua. Com esta advertencia, os Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemaens &c. comesaram a tratar todas as Ciencias, em Vulgar. Esta oje e a moda. Os melhores livros acham-se escritos, em Vulgar: e qualquer omem que saiba ler, pode entender na presente era, todas as Ciencias. Nam que isto seja totalmente, ideia nova: porque me-lembro, ter lido uma carta de *Paulo Manucio*, escrita a *Diogo Hurtado de Mendonça* Embaixador Cezareo, dedicando-lhe os livros Filozoficos de Cicero; em que se-diz, que o maior impedimento das-Ciencias e, serem tratadas em linguas estrangeiras, digo, Latina &c. O que o dito *Manucio*, com toda a paixam que tinha à lingua Latina, nam dezaprova. Desorteque ja no-seculo 16., em que o mundo comefou a abrir os olhos, em muitas coizas, pensavam assim: o que porenafomente se-executou, nestes ultimos tempos. De certo tempo a esta parte, os noios Italianos comesaram a seguir, o metodo dos-Françmontanos. Comefou isto, traduzindo os livros Inglezes, e Francezes: despois, passaram a compor originalmente. Desorteque quem oje quer ter, muitas noticias boas com facilidade, deve entender Francez, ou Italiano. Este estudo nam pede grande tempo, podendo servir-se dos-livros Latinos, que tem a tradusam literal Franceza; como sam o *Terencio*, e *Oracio*, de *Madame D' Acier*, e de um Jezuita &c. E estes mesmos autores Latinos, se-acham traduzidos em verso Italiano, despois do-Latin, por dois omens mui douts de-Italia. O Italiano e mais facil. Mas nam in-



tenda V. P. que eu sou tam inexoravel, que queira carregar os pobres rapazes, com tanto pezo. nada aponto, que nam vise executar a muitos rapazes: e posso afirmar a V. P. que estes estudos, nam sam dificultozos em si mesmo: o mau metodo os-pinta dificultozos. Contudo nam obrigo: aponto somente a utilidade. Quando o estudante nam se-ache, com esta dispozisam, pode rezerválo para tempo mais descansado. Fico ás ordens de V. P. como seu criado &c.







# CARTA QUINTA.

## S U M A R I O.

**D** *Iscorre-se da utilidade, e necessidade da-Retorica. Mao metodo com que se-trata em Portugal. Vicios dos-Pregadores: que sam totalmente ignorantes de Retorica. Que absolutamente deve deixar o antigo estilo, quem quer saber Retorica.*

**F**INALMENTE é tempo, de pasarmos à Retorica: para com ela completar os estudos, das-escolas baixas. Sei que V.P. tem gosto, de ouvir-me falar dos-outros: e me-faz a merce nesta sua dizer, que imprime as minhas carta; na memoria: mas sei tambem, que de todos os estudos das-Umanidades, de nenhum tem mais empenho, que da-Retorica. Pois se bem me-lembro das-nossas conversações, conheci entam em V.P, um ardente dezejo, de-me-ouvir falar nesta materia; e de querer instruir-se, dos-particulares estilos de Retorica, e muito principalmente dos-sermoens, de outros paizes: porque me-dise, que nam lhe agradava, o estilo deste Reino: o qual muitas vezes seguira, por-necessidade. Nesta carta direi brevemente, o que me ocorre, sobre os defeitos, e tambem sobre o modo de os-evitar.

A Retorica naceo na Grecia, como todos os outros melhores estudos: e de la se espalhou, polas mais partes da-Europa. E' mais moderna, que a Gramatica, mas teve a mesma origem. Querendo os omens na Grecia, periuadir aos Povos, varias coizas; foi necessario que observassem, como eles se-persuadiam; e quais eram os meios, comque se-moviam, as paixoens do-animo. De que naceo esta arte, a que chamam Retorica: que é quazi tam antiga, como a Filozofia; quero dizer, que comefou a florecer, despois da-metade do-quarto milenario. Agradou esta erudicam aos Romanos, que se-reguláram polo mesmo metodo: e tanto se-entregáram a ela, que, se nam excederam aos Gregos, na ciencia; sem duvida excederam-nos na applicacam, e exercicio: porque na verdade chegáram a namorar-se, da-sua galantaria, e utilidade. Dos-Romanos a-recebèram os outros Povos, e Nasoens: entre as quais as que mostráram mais juizo, applicáram-se a ela com cuidado, polos mesmos motivos.

E, na verdade, nam á coiza mais util, que a Retorica: mas nam á alguma, que com mais negligencia se-trate, neste Reino. Se V.P. obser-  
var,



var, o que os mestres ensinam nas escolas, achará, que é uma embrulhada, que nenhum homem, quanto mais rapaz, pode entender. Primeiramente, ensinam a Retorica, em Latim. Erro consideravel: porque nada tem a Retorica, com o Latim: sendo que os seus preceitos comprehendem, e se exercitam em todas as linguas, daqui nasce o primeiro dano, que é, que os rapazes nam a-intendem, porque ainda nam intendem Latim: e nasce tambem o primeiro ingano, que é persuadirem-se os ditos rapazes, que a Retorica só serve, para as orações Latinas. Assim me-respondêram muitos, nam só rapazes, mas tambem sacerdotes. Do-que eu conclui, que saiem da-Retorica, como nela intráram: e examinando as Retoricas, que eles aprendem, fiquei tambem persuadido, serem elas tais, que nam podiam produzir, outro fruto.

E, valha a verdade, nam só os rapazes que estudam, mas nam fei se os mesmos mestres, vivem persuadidos desta razam: porque observei, que falando-lhe muito, em exemplos Latinos, nam se-servem dos-vulgares, para mostrar o artificio da-Retorica. Como se os preceitos só servissem, para compor Latim, e orações estudadas: ou como se nas linguas vulgares, nos-discursos familiares, nam pudessem ter lugar, os preceitos da-Arte! E com isto ficam novamente persuadidos os estudantes, que só para orações Latinas, serve a Retorica.

Mas por-pouco que se-examine, o que é Retorica, achar-seá, que é *Arte de persuadir*: e por consequencia, que é a unica coisa, que se-acha, e serve no-comercio humano; e a mais necessaria para ele. Onde quem diz, que só serve para persuadir na cadeira, ou no-pulpito; conhece pouco, o que é Retorica. Confesso, que nos-pulpitos, e cadeiras faz a Retorica gala, de todas os seus ornamentos: mas nam se-limita neles: todo o lugar é teatro para a Retorica. Nam agrada um livro, senam é escrito com arte: nam persuade um discurso, se nam é formado com metodo: finalmente uma carta, uma resposta, todo o exercicio da-lingua, necessita da-direçam da-Retorica. A mesma Filozofia, serve-se utilmente da-elegancia. A Teologia tem necessidade dela; porque (como adverte um homem douto) nam pode explicar as verdades espirituais, que sam o seu objeto, senam vestindo-as de palavras sensiveis, com que as-persuada. A Lei ou Civil, ou Canonica, nam se-pode dispensar, da-Retorica. Como á-de orar um Advogado, informar o Juiz, defender o Reo; se ele nam sabe, em que lugar devem estar as provas, ou de que prova á-de servir-se, para aclarar a verdade da-sua cauza, e excitar os afetos do-Juiz? Como á-de compor uma escritura, se ele nam sabe, o metodo de a-tecer, de dilatar os argumentos, e servir-se das-suas proprias razoens?

O discurso de um homem despido de todo o artificio, nam pode menos, que ser um Cahos. Poderá ter boas razoens: excogitar provas mui fortes: mas se as-nam-sabe dispor com ordem, quem poderá entendê-lo? quem se-persuadirá delas? A disposiçam das-partes, dá nova alma ao todo:

con-



convida a conhecer as proporções: mostra a relação, e dependência, que umas tem das-outras: coloca na sua justa proporção, o que de outra sorte não se poderia entender. Os diamantes, os rubis, e outras pedras preciosas são belas, e servem de grande ornamento: mas segundo o lugar em que estão. Encastoadas com artifício, mostram toda a sua galantaria, e dão novo lustre à mesma prata, e ouro que as rodeia; e ornão muito as pessoas, que as trazem: postas porém sem ordem em um monte, ou misturadas com outras pedras, não parecem preciosas, mas ou pedras grosseiras, ou cristais. Os astros, que compõem a beleza do-Universo, não têm em si mesmos, beleza alguma: mas a proporção os-faz vistozos. Quem vê a Lua de perto, acharia um globo, sem diversidade alguma deste terreno: o mesmo digo, dos-outros planetas opacos. Quem examina-se de vizinho o Sol, não veria mais, que uma fogueira: o mesmo digo, dos-outros igneos. Mas todos estes vastos globos, postos na sua justa proporção, fazem tal efeito, mostram tão extraordinária beleza; que é um famoso argumento, para ver, a suprema mão que os-criou. O Sol posto no centro do-Universo, segundo a hypothese (que agora supponho) de Copernico, dá luz aos mais planetas, alma ao Mundo, vigor à terra, utilidade aos omens, e gloria ao seu criador. Se se chegasse mais vizinho a nós, queimaria tudo: e acabava-se o Mundo. É eis aqui o efeito, da-bom proporção e ordem.

Um homem douto advertidamente chamou à Retorica, a *Perspectiva da razão*: porque na ordem intelectual faz o mesmo, que a Perspectiva, nas distancias locais. Em uma taboa liza, ideia a pintura um palacio, com imensa profundidade: e muitas vezes com tal artifício, e tão semelhante ao natural, que se-enganam os olhos. Não são as cores que originam, esta delicioza equivocação; porque com uma só cor, se-consegue o mesmo intento: mas a disposição das-partes, o saber pôr cada uma na sua justa distancia, o saber-lhe dar as sombras, com proporção da-arte, produz este maravilhoso efeito: e faz que eu veja, reconheça, e admire, o que de outra sorte não poderia ver. Este mesmo é o caso da-Retorica. Ela tem força tal, que me-obriga a descobrir, o que eu de outra sorte não veria. Os materiais podem ser simpleses, as razões muito singelas; mas a disposição delas fará efeitos tais, que sem ela não se-consequiriam. eu verei, e entenderei, o que sem ela não é fácil entender. Ora de toda esta doutrina se-conclue, a extensão da-Retorica: porque sendo ela a que dá alma, a todos os discursos; e novo peso a todas as razões; fica claro, que tem lugar em toda a parte, em que se arrega e discorre.

Dirmeão, e já me-dizeram alguns, que este discurso é dirigido, a introduzir um estilo afetado nas conversações; e carregar todos com o peso, de falar por-tropos e figuras: não proferir discurso, que não seja segundo as regras da-arte: cuja afetação é pior, que falar sem Retorica.



Mas esta objecção é igualmente distante, da boa razão, que do meu intento; e é unicamente fundada, em não saber, que coisa é Retorica. Permita-me V. P. que eu me dilate alguma coisa, neste particular, para explicar o que digo, o que devo, e livrar a muita gente, deste prejuizo.

Os rapazes, que estudam nestes paizes, não sabem nada de Retorica, porque lha não ensinam: Os que já são adiantados, e continuaram os estudos, sabem ainda menos; porque beberam principios, tão contrarios á boa razão, que ficam impossibilitados, para se emendarem. Em todo este discurso protesto, que não falo daqueles omens, que com raro juizo, e fina critica se-dezenganaram, das preoccupações comuns, e seguem outra estrada: dos-quaes eu conheço alguns: falo somente do-Comum, e falo fundado nas suas obras: nas quaes se-reconhece a verdade, de quanto digo. Estão todos persuadidos, que a Eloquencia consiste na affectação, e singularidade: e, por esta regra, querendo ser eloquentes, procuram de ser muito affectados nas palavras, muito singulares nas ideias, e muito fóra de proposito nas applicações. Tem V. P. muito bello exemplo nos sermões: que eu, para maior clareza, dividirei em varias especies.

Encomenda-se um sermão v. g. de Exequias, de um General. O meu bom Pregador mostra aqui, todo o seu ingenho, e eloquencia. Saí logo um texto da-Escritura, para tema: e á-de ser do-testamento Velho, porque á-de ser profetico. No sermão mostra o Pregador, que estava revelado, na escritura da-Antiga Igreja, que aquelle General avia fazer famozas acções: e não só acções *in genere* eroicas, mas especialmente estava relevado, que avia ganhar a batalha do-Canal, ou das-linhas de Elvas. E isto estava profetizado, com tanta individualidade, que não se podia dezejar mais. Depois, vai recolhendo as outras profecias, da-vida daquelle General. Mostra, que a batalha de Saul contra os Filisteos, era figura da-grande batalha, que o seu eroe ganhou. Se succedeo, que nesta batalha algum piquete, de se principio á acção; se era em partes montuosas; não deixa de observar, que tudo isto tinha já succedido a Jonatas, e ao seu escudeiro: onde vem, que até aquella circumstancia, estava profetizada. Passa adiante, e começa a levantar, e requintar pensamentos. Diz, que o seu eroe, era maior que Saul, não só de corpo, mas também de animo: que era mais afortunado que David: mais prudente que Salomão: E se não á logo um texto claro, com que se prove isto, não falta um expozitor, que diga uma palavra, da-qual o Pregador conclue manifestamente, que o texto não se-pode entender, de outra sorte.

Daqui passa um pouco mais para baixo. Mostra, que Alexandre Magno, em sua comparação, era um ridiculo: que o seu eroe tinha na coração, ao menos, como metade da-America: que fez coizas, que a ninguém vieram á imaginação: e que somente a ele se-pode applicar o, *Siluit*



*ra in conspectu ejus.* Se tem alguma noticia de-Istoria, nam deixa de mostrar, que Julio Cezar, Paulo Emilio, Quinto Fabio, Anibal, Pirro, &c. podiam ser seus dicipulos. E outras coizas destas, que se o dito General fosse vivo, e as-ouvise, nam podia deixar de envergonhar-se, de tal panegirico. Isto quanto ao assunto. Quanto à disposiçam: Despois de um grande exordio, e comumente improprio, divide o sermão em trez pontos: raras vezes em dois: rarissimas conclue com um só discurso. Promete mostrar em cada um, que o seu eroe teve uma singularidade, a maior do-mundo: o que tudo quer tirar, da-Sagrada escriptura. Pede a grãsa, paraque Deus lhe inspire, o que deve dizer, em materia de tanta importancia: e prosegue o sermão na fôrma dita.

Se pois as exequias sãm de Molher, faie logo, o *Mulierem fortem quis inveniet?* e nam a-tendo achado o Sabio, afirma ele, que a gloria de achar esta mulher, estava rezervada à sua diligencia. E aindaque a Senhora fosse Religioza, e de animo pacifico; nam pode deixar de intrar, o fato de Judita; em que ele mostra, que a dita Senhora é Judita: a sua espada eram as diciplinas, e cilicios: Olofernes era a figura do-mundo, que ela matou, e prostrou com facilidade, &c. Mas como na escriptura Antiga, à poucos exemplos de molheres eroicas, recorre logo à Nova, e la vai buscar, a Molher do-Dragam, e outras destas figuras. Finalmente, discorre das-virtudes da-dita Senhora, polo estilo das-do-General.

Nam me-negará V. P. que esta é a pratica deste Reino: porque lhe-mostrarei, muitos livros impresos, em que se-acham estes sermões; e de omens que tiveram, e conservam grande fama. Progunto agora: acha V.P. que isto é pregar? que é saber discorrer? que é ser eloquente? Em primeiro lugar, o tema da-Escriptura, e as provas tiradas dela, sãm erro de toda a consideraçam. Estes Pregadores nam devem ter lido, o concilio de Trento (1), que proibe, uzar das-palavras sagradas, applicadas a coiza profana: nam devem saber, que é exprefamente proibido, explicar a Escriptura, senam segundo a expoziçam, dos-SS. PP. da-Igreja. Concedo, que um expozitor moderno, disese alguma propoziçam, que se-pudese aplicar ao assunto: por-iso ei-de seguila? quantos destes expozitores, nam vemos todos os dias, que nam sabem o que dizem? que omem prudente faz cazo, de semelhantes escritores, que nam fundam a sua expoziçam, na doutrina da-Igreja? Despois diso, quem poderá defender aquelas provas,

TOM. I.

(1) *Quia nonnulli Sacrarum scripturarum verba & sententias, ad profana quæque detorquent; ad scurrilia, scilicet, fabulosa, vana, adulationes, detractiones, superstitiones, impias & diabolicas incantationes, divinationes, sortes, libellos etiam famosos:*

*ad tollendam hujusmodi irreverentiam, prohibet S. Synodus, ne quisquam quomodolibet verba scripturae Sacra ad hæc, & similia audeat usurpare: atque hujusmodi temeratores & violatores verbi Dei, juris & arbitrii pœnis per Episcopos coercantur. Trident. Sess. I.*



tiradas da-Escuritura? O i quer o Pregador dizer, que os fatos da-Antiga Igreja, eram figura do-seu assunto; e esta é uma propozisam temeraria, por na n lhe-dar outro nome; e contraria à comua doutrina dos-Padres, e da-Igreja: ou nam se-persuade disto; e nam se-livra da-censura, fulminada por muitos canones, por-abuzar imprudentemente, de palavras sacrosantas. Porque eu nam acho, que semelhante applicasam seja outra coiza mais, que aplicar com grande irreverencia, umas palavras santas, a um sentido, para que nam fora n proferidas: e a um sentido indigno, profano, e fallio: que é o mesmo, que condena o Concilio.

Respondem alguns, que isto quando muito prova, que a applicasam nam é boa; por-ser de coiza sagrada, a uma profana: mas nam prova, que no-fermam nam se-observáram, os preceitos da-Oratoria. Mas esta mesma resposta mostra, que nam intendem, que coiza é Retorica. Se a retorica é arte de persuadir, quem mais se-persuadio com provas, que nam fazem ao cazo? Que omem de juizo á-de intender, que aquele General foi grande, porque Saul o-foi tambem? que parentesco tem uma coiza, com outra? E como a obrigasam daquele panegirista seja, mostrar, e engrandecer, as virtudes do-seu eroe; todas as provas que tirar da-Escuritura, nam concluem para o seu intento. Conheço, que alguma vez se-pode alegar, um passo da-Escuritura, da mesma sorte, que se-cita um passo, da-istoria Profana: porque a istoria da-Escuritura, tambem na materia de Politica ensina muito: mas neste sentido nam se-servem, os Oradores deste Reino, como é coiza notoria: porem sim, no-sentido de profecia. Se pois aquele passo, nada faz ao cazo, com que razam o-elega? Pode-se chamar Orador, um omem que se-funda em razoens, que nam conduzem, para o seu intento? Temos ja que a este omem falta, a principal parte de Orador, que é *Inventio*: o saber buscar razoens proprias, para o seu intento, e que pròvem o que ele quer. Peca logo na applicasam: e niso mesmo peca, contra a Retorica.

Suponha V.P. que da-outra parte estava outro Orador, que respondè-se aos argumentos. suponha que o cazo succedia no-Egito, aonde antigamente se-expunham os cadaveres, diante dos-juizes, para serem julgados. Um publico acuzador, referia todos os defeitos, e respondia aos louvores, que nam eram fundados. Se o omem era de boa fama, dava-se a sentença a seu favor, e enterrava-se com onra e panegirico, acompanhado de grandes louvores do-Povo: se era condenado, privava-se de sepultura, e a sua memoria ficava abominavel (1). Que coiza julga V.P. que diria o nosso Pregador, neste cazo? parece-me, que ficaria couvencido de falsidade, o Orador; e envergonhada á fama do-eroe, que ele nam foubra defender.

Ora esmeuce V. P. as mais partes daquele sermam, e verá quantas

(1) Diodor. Sic. l. 1. sect. 2.



as faltas de Retorica, ali se-incontram. Que má dispozizam dos-argumentos! que arrastada confirmasam das-provas! Isto é supondo, que o paço que ele cita, tenha alguma semelhança, com o que quer provar. Mas nam ve V. P. quantas coizas os Pregadores inculcam, que de nenhum modo se-se-guem, do-texto? Este é o segundo ponto, que nam me-parece de pouco momento, nesta materia: e isto melhor se-conhece, quando querem es-quadrinhar, as palavras dos-Profetas, ou dos-livros científicos. Primeiramente tomam umas palavras truncadas, (que se fossem inteiras, eram contrarias ao assumto) e delas deduzem o seu pensamento. E que diz V. P. a este modo de comentar? parece-me que isto é aquilo mesmo, a que em bom Portuguez, se-chama, impostura: porque é tirar pensamentos de um texto, que nam diz tal coiza. Depois, recorrem a um expozitor, ou S. Padre, o qual talvez guiado do-furor do-seu zelo, ou com exceso retorico, dise alguma propozizam, que, para nam ser crezia, é necesario tomála muitos furos abaixo, do-que soa: no-que concordam todos os Criticos, e Teologos. Aqui o meu Pregador, sem perder nem menos uma sílaba, traduz a propozizam como se-acha: e nela Levanta uma machina de paradoxos, com que pertende provar, coizas mui verdadeiras, e sezudas. Nam cito exemplos, porque falo com V. P. que sabe mui bem, de quem eu falo. E averá quem me-negue, que isto é faltar à Retorica? averá quem se-atreva a dizer, que isto é saber elogiar? Se os argumentos sam verdadeiros, sempre sam fóra do-assumto: se o-nam-sam, nam deixam de ser imposturas: e nam sei qual destas, é pior falta de Retorica. Mas prosigamos o exame, e vejamos o que fazem, nos-outros assumtos.

Saie um sermam de asám de graças a Deus, por-algum grande beneficio concedido; como saude, batalha &c. ou por-alguma asám má castigada, com gloria de Deus; como o roubo do-Sacramento em S. Engracia, Ato da-Fé &c. Intende V. P. que por-mudarem de assumto, mudam de metodo? nam senhor: e a pratica mostra o contrario. O argumento dos-primheiros dois sermoens deve ser, dar graças a Deus, por-tam especial beneficio: e excitar a piedade dos-Fieis, para que o-louvem, por-este favor que fez. Este é o assumto: e a este fim deve o Pregador dirigir, todos os seus particulares argumentos. Mais isto é o que ele nam faz. O que ele cuida é, buscar algum conceito futil, e singular, com que possa dizer alguma novidade, e mostrar o seu ingenho. Eu li um sermam do \*\*\* que pertencia a uma destes clases: em que o Pregador, por-querer dizer uma novidade teologica, dise uma crezia: que somente o-nam-foi na sua boca, porque nam intendeo, o que dise: ainda que tivesse bastantes anos ensinado Teologia. La achou porem um S. Padre moderno, que cuido fosse S. Bernardo, que lhe-deo materia ao conceito. Mas a verdade é, que o dito S. que frequentemente uza de iperboles, nam dise literalmente, o que ele supoz. Mas fosse o que fosse, o sermam teve mil aplauzos, e imprimio-se com on-



ra \*\*\*. Já se sabe, que a faude ou batalha, á-de ser profetizada, na Escritura do-Antigo testamento, ou polo menos do-Evangelho, e com finais mui particulares: porque segundo estes autores, nam á fermam sem tema sagrado; seja o que for. Se o tema nam calza bem, nam falta quem o estenda: que este é o comum refugio, de todos estes senhores.

Contou-me pessoa mui verdadeira, que, achando-se em certa Cidade deste Reino, succedera, que a mulher de um tangedor de rabeca, fazendo voto por-uma enfermidade perigoza; quando se-vira livre, quizera agradecer ao Santo, o tal beneficio, com uma festa estrondoza, e com fermam. O dito amigo conhecia o Pregador: e encontrando-se com ele, disse-lhe: Que tema toma vosè? ao que ele respondeo, Já tenho escolhido as palavras: *Surge, ascende Bethel; fac ibi altare &c.* Reproguntou o meu amigo, Que conexam tem isto, com o que vosè quer dizer? ao que o Pregador respondeo seriamente: O texto é otimo: porque que Jacob era ra-bequista, isto provo eu logo, com dez expositores. É com efeito o fermam, saio semelhante à promessa.

Eu mesmo assisti uma vez a um fermam, de asám de grasas, porque Deus concedera chuva, depois de uma grande esterilidade. É necessario advertir, que se tinham feito varias procisoens, com imagens milagrosas, semque Deus ouvisse, os clamores do-Povo. Na ultima, levaram um Cristo com a cruz; e succedeo, que pouco depois choveo alguma coiza. O meu Pregador, que tinha fama de grande letrado, prometeo mostrar no-fermam, que a chuva nam podia vir, por-outro estilo. E provou isto, com a nuvem de Elias: a qual assimque appareceo, desfez-se o ceo em tempestades. Mostrou pois, com dois expositores modernos, que aquella nuvem, era Cristo com a cruz ás costas. Faltavam algumas circunstancias, entre as quais era, a da-tempestade seguida; que ca nam tinha exemplo. Remediou o omem a isto, prometendo em pouco tempo, a tempestade. (o que podia seguramente profetizar; porque depois de uma grande elevação de vapores, uma vez que estes comesam a mover-se, é claro, que ám-de cair) Succedeo o cazo da-grande chuva: e o meu Pregador, alem da fama de Orador, saio com a de Profeta; que lhe-frutou muito bem. Os que sabiam pouco, estavam pasmados, da-felicidade de ingenho do-omem: mas um dos-que estavam no-confesso, e tinha pezado bem o fermam, falou-me em diferente maneira. E destes sermoens, pudera eu citar infinitos.

Se o fermam é do-dezagravo do-Sacramento, já se sabe, que somente pregará bem, quem mostrar, que á textos expressissimos, em que se-declara, que no-ano N. sendo Bispo N. Mordomo da festa N. às tantas oras do-dia, avia succeder a dita coiza. Mas nam basta isto, é porem necessario, algum novo pensamento, que comumente prova tudo o contrario, do-que quer persuadir. E aqui devem intrar todas as outras circunstancias, que  
apon-



apontámos. Nam se-lembra o Pregador, que o assunto sempre é o mesmo: que é, dar graças a Deus, por-descobrir, com altíssima providencia, os sacrilegos: e com isto mostrar, a sua misericordia, mansidam, e justisa: e que este assunto sempre se-dêve inculcar, variando unicamente as palavras, com mais ou menos ingenho, segundo o cabedal de quem fala. Nam advertte, que faria muito maior impresam, pintar a atrocidade daquele delito, de uma parte; e da-outra, as infinitas virtudes, que Deus quiz mostrar, naquêle castigo. Nada disto lembra ao Pregador. o que emporta é, subtilizar bem. Mas o que dali se-segue é, sair o auditorio tam persuadido, da pouca capacidade do-Pregador, como pouco persuadido, do-que ele determinára persuadir-lhe.

E que nam diz um destes amigos, quando se-lhe-encomenda um sermam de Intrada, ou Profissam de Freira! Aquele sermam nada mais é, doque um panegirico da-eleisam, e perseveransa da Freira, e outras boas qualidades; acompanhado de uma exortasam, para perseverar na virtude. Isto é o que deve dizer o Pregador: mas isto é o que nenhum diz. O que importa é, mostrar, que esta Freira era tanto do-agrado de Deus, que mandou ao mundo um, ou muitos escritores Sagrados, para lhe-compo-rem a vida, muitos seculos antes de nacer. Um amigo meu teve a incumbencia, de um destes sermoens: e logo lhe-advertiram, que teria mui boa paga, se-acháse na Escriitura, toda a vida da-Freira. Ela era Dominicana, e mui devota do-Rozario: tinha sido Pupila alguns anos, no-dito Convento: o sermam era na oitava da-festa do-Rozario. Ele, que somente queria um bom presente, tomou as palavras do-capitulo IV. do-Cantico: *Veni de Libano sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis.* Mostrou, que a Freira tivera tres estados, de Pupila, Novisa, e Profesa: e que a cadaum con-respondia sua vocasam, e seu *veni*, com que Deus a-chamava, por-boca de Salamam. Que o *Libano*, representava o Mundo, donde Deus a-chamava para o Claustro. *Coronaberis*, explicava a Religiam, que é toda consagrada ao Rozario: e que no-mesmo Rozario, que é uma coroa de rozas, achava o premio da-sua eleisam, e obediencia. Acomodou novamente isto ao Rozario, dividido em misterios dolorozos, gozozos, e gloriozos; cada especie dos-quais con-respondia, aos seus tres estados: o que ele provou, com textos exprefisimos. Desorteque a concluzam do-negocio foi, que todas as circunstancias da-vida da-Freira, estavam profetizadas com tanta clareza, por Salamam; que qualquer cego reconheceria, que aquele texto somente falava, da-Senhora D. Fulana, filha de Fulano, moradora em tal parte, Freira em estoutra, &c. O que eu sei é, que toda esta metafizica frutou, cinco moedas, e um bom presente: e que as Freiras nam cabiam na pele de contentes. E isto succede todos os dias: e alguma vez eu o-tenho prezenciado, nestas festas.

Se o Sermam é do-Ato da-Fe, comumente declinam para dois ex-



remos: ou nam chegam a dizer, o que devem; ou dizem muito mais, do-que nam devem. O Santo Officio justamente manda pregar, àqueles omens penitenciados, para os alumiar na sua cegueira: e esta é uma ideia sacrosanta. Mas eu nam sei, se os tais Judeos ficam persuadidos: o que sei é, que os sermoens que eu leio, nam sam proprios, para os-persuadir. Avemos asentar em primeiro lugar nisto, que estes Judeos Portuguezes, sam ignorantissimos diso mesmo, que querem profesar. Nam sabem mais, senam que o Sabado se-deve guardar: e outras noticias gerais. de lingua Ebraica nada sabem: menos de Caldaica: que sam as duas linguas, em que estam escritos, os ritos e costumes Judaicos. Isto é sem duvida: e quem ouve os procesos, conhece claramente, qual é a sua ignorancia neste ponto. Quanto à ignorancia dos-ritos Judaicos, nam é necesario alegar, testemunhas Orientais, nem ir buscar os Rabinos *Maimonides*, *Jacob Baal-atu- rim*, *Joseph Caro* &c. basta que V. P. leia o *Sigonio*, *Menochio*, *Cuneo*, *Reimero*, *Spencero*, que escrevèram eruditamente, de *Republica Hebrao- rum*: ou algum dos-outros, que trataram das-escolas, e ritos, como *Selden*, *Godwin* &c. é ficará mui bem persuadido, que estes seus Portuguezes, nam sabem que coiza é ser Judeo: e sam judeos, mais por-genio depravado, que por-erudisam.

Isto suposto, alguns Pregadores, como o Cranganor, para mostrarem a sua erudisam Rabinica, entram em sertas materias difficultozas, e procuram noticias mui particulares, tiradas dos-que impugnáram os Rabinos; para mostrarem aos Judeos, o seu ingano. Copeiam fielmente, toda a noticia que se-lhe-oferece, na tal materia: nam sem se-enganar algumas vezes, como succedeo ao dito Cranganor; que por-nam ter intelligencia, das-ditas linguas, nem da istoria Judaica, nem ter nunca aberto o Talmud; servio-se algumas vezes de argumentos, que tem mui boas respostas. (devemos confesar em obzequio da-verdade, que entre os Ebreos ouveram sempre, omens mui doutos, que propuzeram tais difficultades sobre a Escritura, que fazem suar muitos Catholicos doutissimos, para lhe responder. onde sem exquisita erudisam, é melhor nam tocar, semelhantes materias) Finalmente à forsa de ajuntarem noticias, em lugar de um sermam, fazem um tratado *Contra Judavs*. O que digo, com boa paz do-dito Arcebispo, e seus apaixonados: porque nam quero diminuir-lhe a estimasam: mas samente trazelo para exemplo, do-que aponto.

O que se-segue daqui é, que com todo este trabalho, nem fazem sermam, nem podem persuadir; pois nam proporcionam as provas, ao assunto. Porque inculcar erudisam Rabinica, a omens totalmente ignorantas destas materias, é manifestamente zombar do-seu emprego, e do-auditorio: e tanto vale isto, como se lhe-pregasem em Persiano, ou discorressem em diferente materia. Alem diso, á grande diversidade, entre uma disputa, e um sermam; entre uma disertasam, e uma exortasam: e per-  
do



(III)

de o seu tempo e a sua fama, quem confunde estes dois nomes, e o significado deles. Ora eis aqui tem V. P. o que fazem estes, com quererem dizer muito.

Os outros, quem acima apontamos, seguirem diversa estrada, nam sei se os-chame, mais condenaveis. Estes sam aqueles, que querem pregar aos Judeos, polo estilo dos-outros sermoens, com conceitos sutis, e pensamentos exquisitos. E nam é necessario muito para intender, que se os Catholicos Romanos, que estudamos aquella doutrina, que eles inculcam; os-nam-intendemos, e nos-dezagradam muito; que coiza succederá, aos Judeos? Ouve às vezes V. P. propor um assunto, que parece ao intento: segue com o pensamento, o Pregador no-seu discurso: e quando nam se-precata, este o deempára, e infere uma consequencia tal, que obriga a rir. Seguro a V. P. que, tendo lido alguma coiza nesta materia, e tendo observado muito; somente neste genero achei, um sermam Portuguez, que se-pude se ler: aindaque tambem carregava no-filogismo, e intrava bem dentro na Metafizica: mas foi o que vi menos mau.

Mas, colhamos as velas, parece a V. P. que este modo de pregar é louvavel, ou toleravel? parece-lhe, que está fóra da-jurisdicam, de uma arrezoada critica? O nam proporcionar as provas ao auditorio, ou seja dizendo-lhe, o que eles nam chegam a intender; ou falando-lhe com ideias, de que ninguem se-pode persuadir; é erro da-primeira esfera. Temos outro modo de pregar aos Ebreos idiotas, deixando de parte toda a verdade especulativa, e servindo-se unicamente, de exemplos sensiveis: os quais, bem discorridos, produzem efeitos, que talvez se-nam-alcansam, com erudicam mui exquisita.

De todos os argumentos, que se-oferecem para persuadir, a extincam da-Antiga igreja, deve o orador escolher, os menos embrulhados; e persuadilos, com a forsa da-sua eloquencia. Niso é que consiste a arte, em dilatar os argumentos, que nam sam reconditos. A vinda de Cristo ao mundo, é oje bem clara: e para o-ser mais, é necessario ter cuidado, em dispor os-argumentos, e fugir das-sutilezas. Nam á verdade mais notoria, que a existencia de um Deus: e é observam dos-melhores Filozofos, e Teologos, que os antigos Padres para a-provarem, nam se-serviam de sutilezas inauditas: mas contentavam-se com a prova mais trivial, que é, a existencia do-Mundo, e principalmente deste noso globo terrestre. Esta unica prova, bem explicada e esmeufada, convenceo o intendmento umano muito mais, doque nam fizeram, despois do-undecimo seculo, todas as sutilezas dos-Dialeticos: e ainda oje os melhores Filozofos alentam, que só nela nam se-acham lofismas. Isto é ao que nós chamamos, saber conhecer o merecimento das-provas, e saber manejar a eloquencia. Mas os novos Pregadores, intendem o contrario: e só cuidam em procurar ideias, que a ninguem tenham ocorrido: e por-iso naccm aqueles sermoens, de bue o mundo Literario se-ri.



A outra especie de sermoens , em que com mais facilidade , se dizem despropozitos , sãõ os Panegiricos de Santos. Esta especie comprehende ; muitas sortes de sermoens : nos-quais á infinitas coizas , que condemnar. Ouvirá V. P. coizas , que cauzam horror. v.g. Devem pregar um sermam de S. Antonio : em que deviam referir , as virtudes do-Santo : illustrá-las com o artificio da-Retorica ; para animar os fieis a imitalo. Mas isto , que era a obrigasãõ do-Panegirista , parece coiza mui trivial , aos Pregadores modernos. Julgariam que ficavam dezacreditados , se-dizessem só esta verdade. E' necessario levantar machina : e fazer uma trepesã , composta de mil ridicularias. Dividem pois o sermam , nas-trez partes solitas : em cada uma das-quais prometem provar coizas , que nada tem de verosimel. v. g. Que S. Antonio nam foi omem , mas anjo : e a este seguem-se outros pontos , da mesma especie. Concluem pois , que se a Fé nam estudá-se cautelas , chegariam a dizer , que se equivocava com Deus. Eu tenho ouvido isto , algumas vezes : e contou-me pessaõ de muita autoridade , que ouviu ele mesmo , em certa Cidade do-Reino , propor estes tres pontos : Que o Santo de que pregava , era grande omem : grande anjo : e grande Deus. e que tudo isto avia de fair , do-Evangelho. E legurou-me a dita pessaõ , que , ouvindo isto , saíra da-Igreja , sem querer esperar polas provas : tam escandalizado ficou !

Lembra-me ao intento , o que escreve um autor , mui acreditado em Portugal. Pregava ele de S. Antonio , com o costumado tema , *Vos estis lux mundi* : e querendo dizer alguma coiza singular , tirou este assunto : = *Que uma vez que S. Antonio naceo em Portugal , nam fora verdadeiro Portuguez , se nam fora lux do-mundo. porque o ser lux do-mundo nos-outros omens , é só privilegio da-Grasã : nos-Portuguezes , é tambem obrigasã da-Natureza* =. Pareceo-me argumento nam só singular , mas inaudito , querer fazer que os Portuguezes , fossem Apostolos por-natureza : muito mais , porque se o Pregador prováse o que prometia , tam longe estava , de fazer ao Santo um Panegirico , que lhe-preparava uma Satira : e desmentia com as suas provas , aquellas singularidades , que queria descobrir no-Santo : pois quando muito se-diria , que pregava de todos os Portuguezes. Com esta opiniam examinei as provas : as quais se-reduziam a isto. Que Cristo constituirã os Portuguezes , Apostolos das-Nasõens estrangeiras ; e que assim o-prometèra , a El-Rei D. Afonso I. e , como se nam ouvèse , quem negáse tal coiza , chama-lhe *verdade autentica*. A isto acrescenta , uma profecia de S. Tomé , (nam sei em que archivo a-achou ) que os infieis se-conquistariam na India , com as armas de Portugal : nam com as de ferro , mas com as do-escudo , que sãõ as Quinas : as quais Cristo , diz ele , deu aos Portuguezes , por-armas. E como S. Antonio era Portuguez , avia conquistar Infieis , como fez : e avia conquistálos com as Quinas : que nam só de Portugal , mas tambem sãõ as armas , da-minha Religiam.



Pareceo duro ao Pregador dizer, que os Indios se-aviam conquistar com as *Quinas*, e nam com as espadas: mas a isto, achou ele genuina solufam, na saida que os Ebreos fizeram, do-Egito. Pondéra, que, sendo-lhe proibidas as armas, diga a Vulgata (1): *Armati ascenderunt filii Israel de terra Aegypti* = Examina pois, que armas eram estas: e logo as-acha, no original Ebreo, que diz: *Ascenderunt filii Israel quini & quini* = Assim, diz o Pregador, saíram os Ebreos com *quinas*; pois estas lhe-serviram de armas, *ascenderunt armati*. Confirma isto, com as cinco pedras de David, das-quais afirma: que eram as cinco chagas de Cristo, tiradas da-torrente do-seu sangue, com as quais derrubou o gigante. Esta é a virtude das *quinas*. por-isto S. Antonio seguiu as bandeiras das-*quinas*, para mostrar que era Portuguez, derrubando com elas, o Filisteo da-Erezia. Até aqui o Pregador.

Esta em sustancia é a primeira prova do-dito fermam; na qual achará V. P. materia, para mil reflexoens. Deixo as istoricas, pois é bem claro, que sam mui ligeiras provas, para afirmar tal paradoxo. Esta aparifam ao Rei D. Afonso: a redoma de vidro cheia de olio, que veio do-Ceo a Clodoveo: e outras destas coizas, que se-acham nas istorias, sam boas para divertir rapazes: e os Criticos as conservam todas, no-mesmo armario, em que guardam as penas da-Fenix. Mas nam posso perdoar-lhe, a má interpetasam, e applicasam do-texto. Este autor certamente nam leu o texto Ebreo, ou se o leu, nam o-chegou a intender: porque o texto diz uma coiza, muito diferente, doque ele supoem. É verdade, que o texto Ebreo serve-se de uma palavra, que em Latim quer dizer, *Quintati*: come se disseramos, de *cinco em cinco*: mas este modo de falar nam é proprio; é translato, e deduzido do-estilo belico. Donde vem, que explicando os antigos Ebreos, a dita expresam, asentam todos que quer significar, *armados*. Só diversificam, para explicar particularmente, a forsa da-dita palavra. *Kimchi* diz assim: *Cingidos de armas, na quinta costa*. outros explicam: *Cingidos com cinco generos de armas*. *Sepharadi* verte; *Quinque turmis ascenderunt, sub quatuor vexillis*. Nam *Moyses cum senioribus Israel, in medio quatuor turmarum manebat*. Alem diso, todos os omens mais doutos na lingua Ebreia, expondo a dita expresam, despois de porem o termo proprio e literal, que é *Quintati*, acrescentam, id est, *Accinti, Expediti*: que é o mesmo que, *Armati, Parati*. Desorteque com grandissima advertencia, o tradutor da-Vulgata dise, *Armati*. E quer dizer o Ebreo, que os Israelitas saíram armados, e em fórma de batalha; promptos para acometerem, e se-defenderem. E isto é coiza certa, entre os doutos.

O que suposto, veja V. P. que parentesco tem isto, com as *quinas*. Alem diso, suponhamos que verdadeiramente se-devia intender, de *cinco em cinco*: que tiramos daqui para o intento? poderia dizer o texto,

TOM. I.

P

que

(1) *Exodi XIII.* 18.



que tam, *quini*, & *quini*: mas nunca due: *ideo armati, quia quini & quini*: e é pessima Logica aquela, que de duas coizas sem conexam, tira tal consequencia. Tambem é falso dizer, que os Ebreos saíram dezarmados: quando lemos o contrario: pois nam só as batalhas que deram, mas as obras que fizeram no-campo, mostram bem, que nam só armas, mas toda a sorte de instrumentos, levaram do-Egito. Já nam falo na applicação da-propheta, a S. Antonio: pois se S. Tomè falou das-Indias, que tem isto que fazer com S. Antonio, que pregou na Europa? Nam falo nas pedras de David, cuja applicação tem tanta proporção, como á entre um, e cinco.

Isto que unicamente disemos, basta para que V. P. intenda, o conceito que se-deve fazer, de semelhantes sermoens: os quais nada mais são, que um mero jogo de palavras, sem verdade, nem verosimilitude alguma: e que se-desfazem em vento, quando se-examinam de perto. Eu parei no-primeiro ponto: avia ainda quatro que examinar: mas estes deixo eu, à sua consideração. Ora entende V. P. que o Santo fica elogiado, com tal panegirico: que o auditorio ficará persuadido: que o Orador merece ser louvado, por-tal sermão? Sei a resposta que V. P. me-á-de dar, porque sabe dar às coizas, a sua justa estimação: mas nem todos são do-seu parecer. e apostarei eu, e V. P. nam mo negará, que mais gente estuda por-lo tal autor, do que pela Escritura, e SS. Padres.

O mesmo autor em outra parte, devendo pregar de S. Bartolomeo, e succedendo isto em uma Cidade, em que se-estava para eleger, um grande Prelado, que nam tinha conexam com a festa; tomou por-tema estas palavras, de S. Lucas: *Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit*: e em vez de pregar de S. Bartolomeo, pregou das-obrigações das-eleisões: sem dizer em todo o corpo do-sermão, uma só palavra de S. Bartolomeo. No-ultimo paragrafo, lembrou-se da-sua falta: e, para remediar o caso, diz mui secamente, que tudo o que dissera, se-devia applicar, ao dito Santo. Porque sendo ele o sexto Apostolo, estava no meio, que é o lugar de mais autoridade: E a razão disto era, porque correspondendo ele à 6.<sup>a</sup> pedra da-nova Jeruzalem, que era o *Sardio*; esta no-Racional de Aram, era a primeira: onde ficava claro, que o sexto Apostolo, devia ser o primeiro. Acha nova semelhança entre S. Bartolomeo, e o *Sardio*: porque esta, segundó Plinio, é de cor de carne viva: e consequentemente, um belo retrato de S. Bartolomeo, que ficou em carne viva, e sem pele. E tornando das-peles vivas, às-eleisões, acaba o sermão, da-mesma sorte que o-comelou.

Progunto agora: que outra coiza avia ele dizer, se pregásse das-eleisões? Nam ignora V. P. que os sermoens panegiricos, pertencem ao genero *demonstrativo*; e quem jamais pode sofrer, que um Orador, que deve elogiar Pedro, falásse de Paulo? Julga V. P. que se-pode chamar justa digressão, nam falar uma palavra no-assunto, para se-meter em mate-



ria alheia; e que por titulo nenhum pertencia ao Pregador? Mas examine-mos este pouco que diz, de S. Bartolomeo: eu nam acho ali coiza, que nam seja inverosimel. Aquilo de querer, que S. Bartolomeo fosse criado Apostolo na 6. eleisam, é falso; porque tal nam diz o Evangelho. O que eu acho no-Evangelho é, que Cristo, despois do-jejum de 40. dias, passando defronte de Joam, e dizendo este: *Ecce Agnus Dei*: dois seus discipulos seguiram Cristo: um deles era André, que encontrando de tarde, seu irman Simam, o-conduzio a Cristo. No-dia seguinte Christo chamou Filipe: e este, encontrando Natanael, convidou-o para seguir Cristo. Pouco despois, tornando Cristo de Cafarnaum, tornou a chamar Simam, e André; que provavelmente se-tinham apartado de Christo, para exercitarem o seu officio: e nunca mais se-aptaram dele: e no-mesmo caminho chamou Jacob, e Joam. Se pois Natanael é o mesmo que Bartolomeo, como alguns doutos modernos (1) conjeturam, com muito fundamento; em tal cazo é o 4. eleito: ou o segundo, fazendo outra contra. Se Natanael é diferente de Bartolomeo, como diz S. Agostinho (2) e Gregorio Magno (3) neste cazo devemos confessar, que nam sabemos, quando foi chamado Bartolomeo. O certo é, que o Evangelho nam explica, circumstancia alguma da-sua vocasam, e da-sua vida, com o nome de Bartolomeo. Nem menos da-Istoria temos, como morreo Bartolomeo; avendo grande disparidade de pareceres: aindaque a mais comua é, que morre-se esfolado. O motivo que teve o Pregador foi, ver que em S. Lucas, despois das-ditas palavras, nomeia-se em 6. lugar Bartolomeo: e assim intendo, que foram todos eleitos, naquela ocaziam. Um bocadinho que soube-se mais de Istoria, lhe-pouparia este erro, tam censuravel em um Theologo. Mas aindaque isto assim fosse; nam bastava para lhe-chamar, a 6. eleisam, por-ser uma só: e muito menos deveria esta circumstancia, dar materia a um sermam.

A otra coiza, que o 6. Apostolo fosse mais nobre, que o primeiro, é uma idea nova: o que só poderia intender-se, se puzese-mos os Apostolos em linha ou dobrase-mos a linha em angulo. Despois diso seguir-seia, nam q o 6. era mais nobre que o primeiro: mas sim, q 6. e primeiro era o mesmo. E ja em lugar de XII. q entam se-nomeiam, se-reduzem os Apostolos a XI. Tambem aquilo de querer, que S. Bartolomeo seja maior, que S. Pedro, nam sei se se-pode soffrer. Mas pior que tudo é o cazo, da-pedra *Sardio*. Se esta, por-ser de cor de carne, se-chama *carnerina*, tanta semelhança tem com Bartolomeo, como com os mais Apostolos: porque todos eram de carne, e carne vivente. Mas o noso Pregador fundou-se na palavra, *viva*: que aplicada á carne, significa em Portuguez, (mas nam na lingua de Plinio) carne sem pele: e daí é que tirou

P ii

o pen-

(1) Rupert. in Johann. 1. = Tostat.  
in Math. X. = Jansen. = Alapide  
Harm. in Johann. 1. &c.

(2) Aug. in Johann. Homil. 7.  
& in Ps. 65.

(3) In Job. XXXII. 15.



o pensamento: que, como asima dizia, se-reduz, a um mero jogo de palavras. Este é o costume destes Pregadores: quando se-examinam as suas provas, com sangue frio; nada mais sam, que um mero trocadilho de palavras, sem verdade, nem ainda verosimilidade: sem a qual é certo, que ninguem se-pode persuadir. Ora eu podia citar destes exemplos, a milhares sem sair do mesmo Pregador: mas é coiza enfadonha, e tambem escuzada, para quem, como V. P. tem tanta pratica destes panegiricos

Se o panegirico é de N. Senhora, parece a estes tais, que nam á coiza, que nam seja licito dizer, em obzequio seu: Sem advertirem, que a Santissima Virgem, se-daria por-mais bem servida, sem tais sermoens, com a simplez relasam, das-suas grandes virtudes. O pior é, que á autores, que fomentam estes sermoens, com livros bem grandes compostos ao intento, a que chamam conceitos predicaveis. Os Espanhoes abundam muito disto: e ajuntam uma infinidade de paradoxos, que cuidam provar, com algumas expresoens figuradas, que se-acham nos-SS. Padres. Achei um Espanhol, chamado *Bartolomeo de los Rios*, que compoz um grosso volume, todo tecido destas iperboles. Ele prova, que N. Senhora é meza do-Sacramento: é pam: é vinho: é Cristo em carne. Finalmente diz tanta coiza insolita, que nam sei como poderam vir á imaginasam, de um homem prudente. E tudo isto tira de umas iperboles, de S. Anselmo, Bernardo, e alguns asceticos mais modernos. Estranho modo de provar? servir-se das-figuras de que uzaram os Padres, separálas do-contexto, para provar uma propozisam absoluta. Se valèse esta Logica, e Retorica, com as mesmas palavras da-Escritura, se-poderia provar muita coiza falsa, e ridicula. Nós temos em S. Joam, uma iperbole bem fermosa. (1) *Sunt autem & alia multa, quæ fecit Jesus: quæ si scribantur per singula, nec ipsam, arbitror, mundum capere posse eos, qui scribendi sunt, libros* =. Quem daquí quize-se provar mui seriamente, que uma livraria grande como o Mundo, nam compreenderia, todas as asoens de Cristo, seria louco: porque todos os Padres intendem o texto, iperbolicamente: e a Escritura abunda muito, destas expresoens. O mesmo digo, das-expresoens figuradas dos Padres. Comque semelhantes autores sam a origem, de todos estes danos: porque os ignorantes, que nam sabem distinguir o branco do-negro, servem-se de semelhantes livros, como de oraculos.

Maz, sem buscar exemplos de longe, tornemos ao meu Pregador asima; e verá V. P. provas bem eficazes, do-que lhe digo. Pregava ele da Afumsam da Senhora, na igreja de N. S. da-Gloria; com o tema, *Maria optimam partem elegit*. Protesta em primeiro lugar, que nam lhe-agrada coiza alguma, do-que tem dito os PP. e Expozitores todos: e que quer, coiza mais fina. Os Padres o mais que disseram foi: Que Maria escolheo a maior gloria, entre todos os bemaventurados, o noso Pregador parecendo



cendolhe, que, dizendo aquilo, diziam uma bagatela; sobe de ponto, e diz: *Que a comparasam de gloria a gloria, nam se-deve fazer só, entre a gloria de Maria, e a gloria de todas as outras criaturas humanas, e angelicas: senam com a gloria do-mesmo Criador delas, a quem Maria criou. A palavra optimam (continua ele) a tudo se-estende: porque sendo superlativa, poem as coizas no-supremo lugar: do-qual se-nam-exclue Deus, antes se-inclue esencialmente. Neste tam remontado sentido pertendo provar, e mostrar oje, que a gloria de Maria, comparada com a gloria do-mesmo Deus; e fazendo da-gloria de Deus, e da-gloria de maria, duas partes; a melhor parte, é a de Maria = Até aqui o Pregador.*

Bastava a propozisam do-asumto, para provar o que digo: mas peso a V. P. um bocadinho de sofrimento, para ouvir a expoziçam, e a primeira prova. *Aindaque a gloria de Deus, (diz ele) é infinitamente maior, que a de Maria; a melhor parte que pode escolher uma maen é, que a gloria de seu filho seja a maior. Como Maria é maen de Deus, e Deus filho de Maria; mais se-gloreia a Senhora, de que seu filho goze, esa infinidade de gloria, do-que se a gozara em si mesma. E daqui se-segue, que considerada a gloria de Deus, e a gloria de Maria, em duas partes; porque a parte de Deus é a maxima; a parte de Maria é a otima = Posto isto, prova com Seneca, Ovidio, Plutarco, e Claudiano, que os Filhos podem vencer os Pais, em beneficios, e em gloria: e que isto é, o que mais deve dezejar um Pai. De que conclue: *Que se entre a gloria de Deus, e de sua maen, fora a escolha da-mesma Senhora, o que a Senhora avia escolher para si è, que seu Filho a-excedese, e vencese na mesma gloria; como verdadeiramente a-excede e vence =* Depois disto produz alguns Padres, que, escrevendo a diversas pessoas, dezejavam, que os Filhos deles excedesem aos Proprios Pais: traz outros exemplos da-Escuritura; e conclue com uma prova teologica, que diz o contrario, do-que ele quer provar. Este o sernam em breve: no-qual nam á pouco, que observar.*

Primeiramente o asumto que tira é tal, que se tivese a infelicidade, de o-provar directamente, dizia uma erezia. cauza orror somente ouvir pro-polo. A explicasam é pior, que o mesmo asumto. N. Senhora nam podia escolher uma coiza, em que nam entra liberdade: conuo é, ser a gloria de um tal filho maior, que a da maen: porque isto era necessario. Teve a Senhora liberdade para aceitar, ou nam accitar, o ser maen de Cristo: mas nada de liberdade, sobre a gloria. Na supozisam impossivel, que à Senhora dessem a escolher, o tomar para si a gloria toda do-Filho; ou contentar-se de ter um filho, que a-tivese assim; eu nam fei o que a Senhora diria: nem pertence ao Pregador, advinhálo. E' verosimel, que a Senhora nam deixaria de escolher para si, uma gloria de tanta dignidade. Mas de supozisocens impossiveis, que omen prudente tirou jamais, consequencias absolutas? Fica logo claro, que aqui nam ouveram, duas partes de gloria



ria: entre as quais a da-Maen fosse maior, que a do-Filho. E quanto a estas futilidades metafizicas, nam provam, nem conciuem coiza alguma, quando se-á-de persuadir, alguma coiza verdadeira.

Quanto á prova teologica, é ella tal, que me-envergonho faise da-boca, de quem estudou Teologia. Propoem as palavras de S. Pedro (1) *Non rapinam arbitratus est, se esse aequalem Deo: sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus est ut homo, propter quod, & Deus exaltavit illum: & dedit illi nomen, quod est supra omne nomen.* = Daqui deduz, Que recebeo o Filho do-Pai, por-verdadeira e propria eleição, o officio e dignidade de Redemptor do-genero Humano, fazendo-se juntamente ome: e com esta nova, e infavel dignidade, recebeo um nome sobre todo o nome, que é o nome de *Jesus*: mais sublime e veneravel, polo que é, e polo que significa, que o mesmo nome de Deus: *In nomine Jesu omne genua flectatur.* Recebeo a potestade judiciaria: *Pater non judicat quemquam: sed omne judicium dedit Filio.* Recebeo o primeiro trono, entre as pessoas da-SS. Trindade: *Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis.* Se pois o Padre podia tomar tudo isto para si, porque o-nam-tomou todo? por-nenhuma outra razam, senam porque era filho . . . . intendendo, que quando fossem de seu filho, entam eram mais suas: e que mais e melhor as-gozava nele, que em si mesmo. = Sam palavras do-Pregador. Aplica isto á Senhora, e conclue, Que por-isto elego a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

Nam me-quero demorar muito neste exame, porque seria nunca acabar: direi somente de passagem, que o nosso Pregador com todo este discurso disfaz, quanto pretendéra mostrar. Concedamos-lhes tudo de barato, e que o Filho teve maior gloria que o Pai. &c. pergunto: ou daqui se-segue, que desta maior gloria do-Filho, rezultou no-Pai maior gloria, doque tinha o Filho, ou nam? Se rezultou maior gloria; ficam desmentidas todas as provas do-Pregador, com que quer mostrar, que o Filho excede ao Pai, na gloria. Se nam rezultou maior gloria; nunca se-pode dizer, que o Pai escolheo *melioem, immo & optimam partem.* paraque serve pois toda aquella arenga, se nam á-de provar, o que quer? De toda esta metafizica pois, com que o Pregador enche o sermam, o que se-segue é, que se-contradiz a si mesmo.

Mas quem poderá admitir, as provas do-Pregador, tomadas literalmente, conuo ele as toma? Em primeiro lugar é falso, que o Pai dese ao Filho, com propria eleição somente sua, a grandeza de Redemptor: porque sendo a Incarnação, *obra ad extra*, como lhe-chamam os Teologos, todas as tres pessoas com uma unica vontade, concorreram para ella. É isto nam sam Teologias exquisitas: mas os primeiros elementos da-Fé. Polo contrario, o nosso Pregador supoem mui distintamente, que o Pai tinha



tiha uma vontade, e o Filho outra: porque sem esta supozifam, nam corre o argumento. E semelhante supozifam, nam sei como os Qualificadores a-deixáram pasar. Em segundo lugar é falso, que o nome de *Jexus* seja maior, que o nome de *Deus*. Aquele *supra omne nomen* nam se-intende, compreendendo o nome de *Deus*. E' falso, que o Pai *abjudicase* de si, a potestade judicaria. E' falso, que o Filho tenha o primeiro trono, entre as pessoas da-SS. Trindade. Todos aqueles textos, se-devem intender, com seu gram de fal, segundo a expozifam dos-antigos Santos, e doutrina da-Igreja. E' falso finalmente, que a gloria do-Filho, que lhe rezulta da-redemfiam, seja maior que a do-Pai. Ora tudo isto era necessario, que fose verdade, paraque a paridade fose boa, e prováse, o que o Pregador queria.

Alguns me-repondéram ja, que as palavras dos-textos mostravam, o que Pregador dizia: e que nos-sermoens nam se-deve procurar, rigor teologico. Esta é a cantilena comua, destes apaixonados por-tais sermoens. A isto ja respondi varias vezes, e nesta mesma carta. O que dali se-segue é, que tais sermoens sam trocadilhos de palavras: e que páram na superficie, sem profundarem o sentido. Semelhantes nisto a outro sermam, que eu li, em que o autor, para provar a negrura da-Morte, trazia o texto: *Lanarum nigra nullum colorem imbibunt*. como se bastáse alguma semelhanfa de palavras, para provar pensamentos graves! Tambem é falso dizer, que nos-sermoens nam se-deve buscar, rigor teologico. Eu intendo por este nome, *verdade teologica*: e suposto isto constantemente defendo, que nenhum sermam se-deve tolerar entre Catholicos, que tenha propozifioens contrarias, á dita verdade. As ampliafoens, as iperboles, e delicadezas, podem ter lugar nas orasoens: mas devem ser de outra qualidade, que as que aponto. Eu deixei o sermam quazi no-sim, em que avia outro pensamento, bem galante: mas nam tenho tempo, para me-demorar tanto, com estas coizas. Do-que até aqui tenho dito, cuido ficarà V. P. persuadido, do-que afirmo, se quizer ter o trabalho, de ajuntar as minhas reflexoens, com a leitura do-tal sermam. \*\*\*

Esta materia de panegiricos é tam ampla, que seria necesario um grande volume, para tocar levemente, o que lhe-pertence. Aham-se podem outros panegiricos, que rigorosamente o-sam, e eu considero divididos, em varias clases. Compreende a primeira aqueles, que tratam de varias asoens de Cristo, como *Mandato*, *Sacramento*, *Resurreisam*, *Ascensam* &c. Aqui é onde os Pregadores lambicam o ingenho, para dizerem coizas mui singulares: e aqui é onde se-mostra, a quinta essencia de toda a futilidade. Aquele, *Cum dilexisset suos, in finem dilexit*: tem-se espremi-do de tantas maneiras, que eu ja nam lei, que coiza boa pode botar de si: e Pregador conheço eu, que, applicando o-texto a mui diferente assunto, em lugar de pregar de Cristo, pregou de si. Nas provas podem concordam estes sermoens, com os antecedentes, com a unica diferenfa de mais,



ou menos. Sobre o da-Resurreiçam, ja se-sabe, que os melhores Pregadores dizem suas galantarias, e nam poucas parvoices, improprias daquelle lugar, e da-materia que tratam: como tambem pouco decentes, a qual-quer outro lugar sezudo. Ajunto a esta, outra quinta especie de sermoens, tambem panegiricos, que sam os louvores de algumas obras pias, como Publicaçam do-Ju-bileo, *Obras de Misericordia*, *Procisoens* &c. Estes ja sabemos, que sem profecia nam podem pasar: porque como ja dise a V. P. niuitas vezes, este é um pecado nacional destes paizes, para o qual ainda até aqui, nam ouve redemçam. Com o que asima dise dos-outros, pode-se intender, o que se-deve dizer destes. o defeito é geral: e assim a resposta sempre é a mesma.

Quanto aos sermoens das-Domingas de Quaresma, e Missoens, devo confesar, que tem menos defeitos, que os outros: porem sempre conservam os essenciais. Tambem neles (de Quaresma) á sutilezas, assumtos impropriissimos, pessima dispozisam de provas, e outras coizas destas. O que verdadeiramente nam posso soffrer é, que estes seus Pregadores Portuguezes, procurem singularizar-se, com esquipaticos assumtos, nos-mesmos sermoens da-Quaresma. O Pregador da-menhan, dizem que explica o Evangelho: o de tarde, toma um assumto mais geral, que distribue em cinco Domingas, sem se-fugeitar ao Evangelho do-dia. Aqui pois move a compaixam ouvir, o que alguns excogitam, e quanto trabalham para descobrir na Escritura, um numero de cinco, que seja acomodavel, ao dito assumto. Uns, vam buscar, as cinco pedras de David: para atirar ao auditorio, uma seixada espiritual cada Dominga. Assumto improprio, e só coiza digna de um menino, que nam intende, o que é eloquencia: sendo certo, que dezemparam logo o seixo, para falarem em outra materia. Outros, vam buscar no-Cardial Ugo, que afeta ser moral, e misteriozo, algumas palavras geraes, que posam calsar às cinco Domingas. Tudo isto sam arengas: mas estes ainda sam mais toleraveis. Os que eu nam posso soffrer sam, os que, saindo fora do-numero de cinco, por-se-quererem singularizar dos outros, tomam ideias mais improprias. Tal foi um Pregador de boa fama, que ouvi, o qual tomou por-assumto, explicar o *Racional de Aram*, ou aquelle pano que trazia o Sumo Sacerdote dos-Ebrios, no-peito, em dias de funsam, com doze pedras preciosas cravadas, em que estavam esculpidos, os nomes dos-doze tribus. Este titulo de sermam agradou muito, aos que tem o juizo nos-cotovelos, que sam os mais. Concorri eu tambem, para ouvir o sermam, porque casualmente naquele dia, achava-me na dita Cidade: e como ja se-falava muito nas tais Domingas, que foram pregadas em outra parte, fui ouvir, que assumto tirava do-*Racional*: e como acomodava as doze pedras, com as cinco Domingas. Com efeito o meu bom Pregador, escolheo entre as pedras, as que lhe parecêram, e regeitou as outras. Galante modo de explicar, o *Racional de Aram*! Do-sermam nada digo, porque a coiza fala de si. Saindo eu para fora, encontré um Religio-



giozo da-Companhia meu amigo, e um dos-omens de melhor juizo, que eu tenho cá visto; o qual apertando-me a mam, me-dise: amigo, o Racional é uma peste: o pobre Aram nam esperava, que o-tratassem tam mal: e concluiu dizendo, que tudo aquilo era uma parvoise.

Com effeito eu nam acho, que proporsam tenha uma coiza, com outra: ou para que ei-de ir buscar um titulo, que nada tem que fazer, com o sermão. Nam sei como estes pregadores ingenhozos, nam tem buscado, os cinco escudos das-armas de Portugal, ou as cinco *quinas*: em que se-podia dizer, muita coiza boa. Nam sei como nam se-tem apegado, às cinco torres de Lisboa, a de S. Giam, do-Bugio, de Belem, a Torre Velha, e o Forte da-caza da-India: daqui podiam sair muitos tirós espirituais, e se-podia dizer, muita coiza bonita. Nam sei como nam explicam, os cinco dedos da-mam, e mil outras coizas, que se-podem compreender, debaixo desta ideia *de cinco*.

Mas, a falar a verdade, tudo isto sam rapaziadas: e os que procuram estes asuntos, nam sabem o seu officio, nem de que cor é, pregar. Eu intendo que o Pregador de tarde, deve tirar do-Evangelho, um assunto proprio para o auditorio. Nem me-digam, que o de menhan ja explicou o Evangelho. os que assim falam, nam sabem que coiza é Escritura. O mesmo Evangelho, pode dar infinitos asuntos. Nam é necessario, que todos se-sirvam das-mesmas palavras: podem-se escolher outras: procurar os SS. Padres, e tirar um assunto proprio: para isto servem os Expositores. Na quinta dominga da Quaresma, todos se-servem das-palavras: *Si Veritatem dico vobis &c.* e pregam da-Verdade em geral. Um omem que eu conheci, pregando em um Convento de Freiras, tomou as ultimas palavras: *Tulerunt ergo lapides ut jacerent in eum. Jesus autem abscondit se, & exiit de templo.* Daqui tirou este assunto: Que Cristo nesta assim quizeira ensinar-nos, com quanta diligencia devemos fugir, de profanar os Templos. porque nam só se-escondeo Cristo: mas fugio. Com a primeira assim, evitava a profanasam com a obra; impedindo a morte: com a sair, evitava a profanasam com a intensam, fugindo da-presença de omens; que ainda conservavam os dezejos, de o-profanan. Acomodou isto ao intento, mostrando, quanto Deus obominava, a profanasam dos-Templos. Nam avia assunto mais proprio, ao lugar: porque nam avia lugar mais profanado com omens, e intentoens pecaminozas. Este era um assunto novo, nam lutil, e ridiculo; mas verdadeiro, e mui proprio: E isto chama-se pregar: o mais, é falar de alto. Quem tem ingenho, e leitura, pode tirar infinitos asuntos, do-mesmo Evangelho, acomodados ao seu cazõ.

Mas quando o Pregador nam quize se, servir-se do-Evangelho, pouco importaria: bastava que escolhesse um Vicio, para o-condenar, em cada Dominga, digo dos-que mais reinam naquella Cidade. Porque os sermoens de Quaresma, sam rigorosa misam: e se-deve buscar, argumento



proprio para isto. Quero ainda conceder, que cada um destes cinco sermoens, deva ter relaçam, com os outros, e compor um corpo de doutrina: digo ainda neste cazo, que é facil a um omem de juizo, buscar um argumento natural, e solido, que se-possa dividir em cinco partes; para explicar cada parte, em sua tarde: Sem dizer ridicularias e futilizas; mas coizas, verdadeiras, utis, e graves: e applicando sempre o fermam, à necessidade do-auditorio. Este é o defeito geral, da-maior parte destes Pregadores, que comumente se-servem de ideias gerais, que nam calsam bem ao auditorio; e de que nam se tira frute algum: pois tam ridiculo é, falando a omens doutos, quèrer-lhe explicar, as peoas da-Trindade &c. como falando a peoas ignorantes, servir-se de ideias especulativas; ou, falando às Freiras, pregar da-politica de Machiavelo, e aos Rusticos do-*Principium quo in divinis*: da-*Existencia definitiva e circunscritiva na Eucaristia* &c. como eu ja ouvi a alguns pregadores, e mestres. A isto chama-se, nam saber o *decoro*, quero dizer, nam saber tratar a materia, nem applicar os argumentos aos ouvintes: coiza que condenam os Retoricos (1.)

Tambem notei em certos Pregadores, alem dos-ditos, certos defeitos, que nam sam de pequena consideraçam. Omens à, que applicam os sermoens, às suas particulares intençoens; e em lugar de pregarem, do-que devem, pregam de si: E como o tema nam dá para isto, desemparram logo o assumto, para meterem outros pensamentos mui alheios: e querendo dizer tudo, nam dizem coiza que valha. Alguns, despedem-se no fermam, das peoas suas conhecidas: \* \* \* outros, fazem satira aos Prelados, ou ao governo politico da-Cidade &c. ou, a peoas particulares, ou aos seus melmos ouvintes. E neste ultimo ponto, nam só caiem os ignorantes, mas pola maior parte, os de maior doutrina, e prezumam: e por isto às vezes as provas, sam tam arrastadas, que é uma piedade ouvilos. Eu quero conceder de barato, que seja verdade o que dizem: mas nam é aquele o seu lugar: e sempre tem prompto o argumento: *V. P. foi chamado para pregar disto, e nam daquilo*. Este nam é pequeno defeito de Retorica: pois é alienar os animos dos-ouvintes: de que se-segue, nam se-poder obter a persuazam.

Estes sam os defeitos mais gerais, mas comuns, de todos estes seus Pregadores. Dos-quais se-conclue claramente, que lhes-falta a principal parte da-Retorica, que é a *Invençam*: da-qual falta nadem, todos os

(1) *Est autem quid deceat oratori videndum, non in sententiis solum, sed etiam in verbis. Non enim omnis fortuna, non omnis honos, non omnis auctoritas, non omnis aetas, nec vero locus, aut tempus, aut auditor omnis, eodem aut verborum genere tractandus est, aut sententiarum: semperque in omni parte orationis, ut vita, quid deceat, est considerandum: quod in re de qua agitur positum est & in personis eorum, qui dicunt, & eorum, qui audiunt =*  
Cicer. Orat. num. 21.



outros defeitos; que impedem o bom gosto da-eloquencia. Criados desde a primeira mocidade, com aquele pessimo estilo, de buscar conceitos exquisitos, e dividir a oração em tantas partes, quantos eles sam; perdem os melhores argumentos, que lhe-dariam materia, para tecer uma oração continuada, que persuadise o auditorio, e fosse digna de se-ouvir. Nam re-provo as divizoens, quando sam necessarias, e a materia as-pede: re-provo sim muito, o acomodar a materia às divizoens, para fazer a costumada trepêia.

Destá falta, de nam saber buscar as provas, nace a segunda, e tam importante, da-*Dispositam*. Pois nam tendo argumentos proprios, nam podem dispolos em maneira, que formem uma oração unida: na qual o exordio, ou seja *unido*, ou *separado*, forme um perfeito corpo com o todo: e em que as partes observeem, a sua justa proporção, e tal que umas firvam de aclarar as outras: e conduzam para o fim, de persuadir o que se-quer. Destá mesma falta nace, a da-*Locusam*: sendo certo, que quem nam acha um argumento, acomodado ao que quer, mas vai buscando futilidades; nam encontra com palavras proprias, para expremir um pensamento sério, e nobre: nem acha aquelas que sam necessarias, para ornar com harmonia os pensamentos; desorteque façam uma oração armonioza, e agradavel, sem ser afetada: o que nam tem pouca difficuldade (1). De que vem, que comumente encham o discurso, de mil tropos e figuras, fóra do-seu lugar; que mostram, o pouco talento do-Pregador, e a ignorancia, da-sua propria lingua. Nace daqui tambem, nam saber escrever uma carta, ou formar qualquer outro discurso, que possa persuadir. Finalmente nace, o nam saber discorrer com propriedade, em materia alguma. Leia V. P as cartas que se-acham de Frei Pedro de Sá, e Frei Lucas de Santa Catarina, e outros semelhantes: leia os seus discursos: e verá, que cartas, oraçoens, sermoens &c. tudo é o mesmo. Nam se-acha mais, que equivo-cos, palavras sem significado, pensamentos inverosimeis, encarecimentos inauditos, em uma palavra, uma lingua nova, que serve para toda a sorte de assuntos, sem distincão. Os ignorantes gostam muito disto, e co-peiam esta sorte de papeis, com todo o cuidado, e acumulam quantos podem: mas os que verdadeiramente intendem a materia, nam podem menos que rir-se, de tais escritos; dos-quais toda a alma cristã deve fugir, como contrarios, à boa eloquencia. A razam de tudo isto é a mesma: porque quem bebe aquele estilo, de futilidades, afetaçoens, e singularidades; nam sabe distinguir os estilos, proprios dos-diversos argumentos, que se-lhe-offerecem: e alim nam sabe, nem pode fazer coiza boa, nem chegar a persuadir ninguem.

Q ii

E<sup>6</sup>

(1) *Atque illud primum videamus, quale sit, quod vel maxime desiderat diligentiam, ut fiat quasi structura*

*quadam, (verborum) nec tamen fiat operose: nam esset cum infinitus, tum puerilis labor. Cicer. Orat. num. 44.*



É uma prova manifesta disto, a infinita distancia que eles poem; entre fermam funebre na Igreja, e oraçam funebre na Academia. Nesta na n á tema: comumente nam á divizam de pontos: nam á textos da-Escritura: á menos fútilezas: e achase um discurso continuado, ainda-que cheio de mil impropriedades, e ridiculos encarecimentos: No-outro achase tudo o contrario. De que provém esta grande mudansa? eu o direi: De nam saber, o que é Retorica: porque os preceitos em ambas as partes, sam os mesmos. No-pulpito, póso usar de mais asám do-corpo; e animar com a voz o discurso: na academia recito com mais brandura. Mas o papel em ambas as partes é o mesmo: e do-que se-faz na academia, podiam eles inferir, o que devem fazer no-pulpito.

Porem aqui me-parece, que ouso dizer a V. P. que ja que aponte os defeitos, aponte o modo de os-emendar. Mas isto, P. muito reverendo, nam é negocio que se-pósa fazer, com tanta brevidade, pois pediria um tratado inteiro. O que tenho dito, bastava para um omem de juizo: e a lisam dos-bons autores; completaria tudo. Contudoiso, para obedecer a V. P. nam deixarei de fazer alguma reflexam, adquerida parte com a lisam dos-outros, parte com a minha propria experiencia, e reflexam: as quais V. P. applicará, aos cazos particulares. Mas como isto pedé mais tempo, quero rezerválo para outra carta: e acabo esta, com pedir a V. P., me-conferve na sua graça. Deus guarde &c.







# CARTA SEXTA.

## SUMARIO.

**C**ontinua-se a mesma materia da-Retorica. Fazem-se algumas reflexoens, sobre o que é verdadeira Retorica, e origem dela. Que coiza sejam figuras, e como devemos uzar delas. Diversidade dos-estilos, e modo de praticar: e vicios dos-que os-nam-admitem, e praticam. Qual seja o metodo de persuadir. Qual o metodo dos-panegiricos, e outros sermoens. Como se-deve ensinar. Retorica aos rapazes, e ainda aos mestres. Algumas reflexoens, sobre as obras do-P. Antonio Vieira.

**N**AM intenda V. P. que ei-de faltar à promessa: pois nam só com promptidaõ, mas com muito gosto executarei nesta carta, o que prometi na ultima: e direi como se-devem intender, as coizas que disse, para emendar os defeitos, que nestes Retoricos vulgares s' incontram: e que eu aponte na carta passada. Digo pois, que o primeiro, e mais importante ponto que deve advertir, quem quer formar, o bom gosto literario, é, fugir totalmente destas Retoricas commuas, nam só manuscritas, mas tambem impresas. Estou persuadido, que elas são a primeira ruina dos-estudos: porque inspiram mui maos principios, e nam ensinam o que devem. Ouso louvar muito nestes paizes, o *Candidatus Rhetoricæ* do-P. Po-meii, o *Ariadne Rhetorum* do-Juglar &c. e mestres conheço eu, que nam tem mais noticia da-Retorica, que a que dá o dito livro, ou outro semelhante. Isto porem é mera iluzam: porque para nam saber nada, nam á melhores livros, que os ditos. Estes, e outros tais autores, fazem uma enumerasam das-partes da-Retorica, mui secca e descarnada. propoem mil questoes, e nam rezolvem nenhuma bem. todo o livro consiste em divizoens, e subdivizoens, que enfadam antes de s' intenderem. Mas o pior é, quando ensinam a servir-se, dos-lugares Retoricos: quando mostram os diversos modos, de ampliar um argumento: dizem mil coizas inutis, e que mais facilmente s' aprendem, lendo os bons autores, que estudando as tais observaçoens.

Este em carne é o defeito, em que caiem os Logicos Peripateticos, quando se-dilatam muito sobre a *forma syllogistica*, e ponte dos-asnos: depois de dizerem muito, são obrigados a reconhecer, que nada daquillo ierve para coiza alguma: e que na pratica do-argumentar, nam só são inutis, mas até impossiveis as tais regras. Nam achei até aqui Peripatetico  
alguma.



algun, que, devendo em algum ato publico, provar de repente alguma propozifam, que lhe-duvidafem; se fervife de tal metodo: nem menos achei omem algum, que, senam intendeo, e estudou bem a materia, que á-de tratar; fervindo-fe unicamente dos-lugares Retoricos, fizefe coiza capaz. Chama-fe perder inutilmente o feo tempo, querer ensinar todas aquelas arengas: das-quais unicamente rezulta, a defvanecida opiniam de uma ciencia, que nam tem. Os rapazes que estudáram aquilo, perfuadem-fe, que sam Retoricos da-primeira esfera: que podem, com a ajuda de quatro adjetivos e linonimos, e quatro defcriçoes afetadifimas, arengar de repente, em qualquer materia. Intendem, que nam á orafam, que nam observe a difpozifam, que eles lem na fua Retorica. julgam, que nam á discurso oratorio, fem todas aquelas moxerofadas. Finalmente, como nam lhe explicam, o verdadeiro uzo da-Retorica, e artificio da-verdadeira eloquencia; perfuadem-fe, que só nos-discursos academicos, tem ela lugar. De que nace, que deipois de perderem bem tempo nas efcolas, a que chamam de Retorica, ficam totalmente ignorantes dela.

Isto fupolto, é necessario deferrar uma, e admitir outra forte de Retorica. Ja alentamos, que a retorica deve fer em Portuguez, para os que naceram em Portugal: porque afim s' intendem os preceitos: e na fua mefma lingua fe-moftram, os exemplos. Nam avemos de carregar os rapazes, com dois pezos: intender a lingua, e intender a Retorica: tambem nam avemos fingir os Omens, como nam sam; imaginando rapazes mui agudos, e efertos. Tudo ifto é iluzam. Os rapazes sam de diverfas capacidades: e muitos sam rudes. comumente aprendem Retorica, quando ainda nam intendem bem Latim. E afim, é necessario falar-lhe em Portuguez: muito mais, porque ou queiram fer Pregadores, ou Advogados, ou Iftoricos &c. tudo ifto fe-faz cá em Portuguez: e é loucura ensinar em Latim uma coiza, que pola maior parte, se á-de executar, em Vulgar. Esta é a primeira regra do-Metodo, facilitar a intelligencia. Nam tenho até aqui vifto, ( pode fer que aja ) Retorica Portugueza imprela. Certo fugeito mostrou-me á tempos, alguns apontamentos que fizera: mas nam mereciam o nome de Retorica. tenho vifto varios livros de conceitos: mas nam era coiza, que mereçefe ler-fe. Sei porem, que atualmente fe-copeia, uma Retorica Portugueza, que me-parece propria para formar, o bom gof-to da eloquencia. Um amigo meu mui particular a-compoz, para uzo feo. pedio-me noticia, dos-melhores autores nesta materia: e deles copiou, o que conduzia, para o feo intento. uzou comigo a amizade, de consultar-me na difpozifam dela. teve a moderafam de ouvir, e nam desprezar, as minhas reflexoens. cuida que felizmente confeguiu, o feo intento: devo fazer esta jullia, à fua grande capacidade. Nam fei, se a-determina divulgar: o que fe puder fer, procurarei de a-comunicar a V. P. fe guero, de que nam lhe-dezagradará. Mas, tornando ao fio das-minhas reflexoens:



Ja disse ao principio, que sendo a Retorica, arte de persuadir, tinha lugar em todo o discurso, que seja proferido com este fim. Do que se segue, que a Retorica tem tanta extensam, quanta qualquer lingua: o que muitos nam intendem, ainda dos-que leem as Retoricas. Parece paradoxo a muitos, destes enfarinhados nos-estudos, dizer-se, que n'uma carta, que é escrita com estilo simplez; n'uma Poesia, na Istoria, e n'um discurso familiar &c. deve ter lugar a Retorica. E isto provem de entenderem, que a Retorica consiste, em figuras mui dezuzadas, tropos mui estudados &c. e assim parece-lhe, que nam se-caza uma coiza com outra. Mas por-pouco que estes tais, examinasem a materia; conheceriam, que tudo se-deve tomar, em diverso sentido.

Nam á lingua neste mundo, tam fecunda de palavras, que possa exprimir, todas as ideias do-intendimento: A fecundidade que tem a mente, em formar conceitos, e a facilidade com que de uma mesma coiza, fórma infinitas ideias, é tal; que pode empobrecer, todas as linguas do-mundo. Seriam necessarias muitas palavras, para um omem poder dizer sofrivelmente, o que entende. Mas isto pederia tempo infinito, e o commercio humano se-faria insupportavel. Conheceram os Omens muito bem isto, e cuidaram em lhe-pór o remedio. Daqui nasceo a necessidade de servir-se, de algum modo de exprimir, que, ainda que nam diga tudo, excite diversas ideias no-intendimento, e poupe o trabalho, de p offerir muitas palavras. A experiencia mostrou, que as nossas ideias tem uma certa uniam, com que mutuamente se-ajudam: proferida uma, das-quais, todas as outras se-apresentam. Isto assim posto, os Omens souberam aproveitar-se, desta experiencia; e comecaram a servir-se de um nome por-outro, para poder excitar a ideia, do-que queriam. Um nome que significava uma coiza, applicou-se para significar outra; e se-transportou da-sua significasam propria para outra, por cauza de certo respeito, ou relasam, ou ordem, ou nexo, que uma coiza tem com outra. A isto chamaram *Tropo*, palavra Grega, que significa *transpozisam*: e estes modos de falar, chamaram-se Figuras: as quais podem ser infinitas: mas os Retoricos as-reduziram a pequeno numero, contando as mais uzuais: e destas se-faz memoria, nas comuas Retoricas, com diversos nomes.

Estes *Tropos*, *Metaforas*, ou *Metonimias*, que significam o mesmo, tem grande uzo, e sam necessarias em todas as linguas, e ornam muito: nam só porque encurtam o discurso, e fazem mais gofosa a conversasam; mas tambem porque exprimem melhor, o que se-quer dizer, do que outras palavras. Diz mais ás vezes, uma só metafora, que um longo discurso: e com uma só palavra, é mais bem entendido um omem, do que com a fecundidade de infinitas. Quem ouve dizer, que *Alexandre era um raio da-guerra*; a ideia do-raio, que é uma coiza sensivel, exprime bem o grande poder, com que este omem fugitava tudo: a velocidade das-suas



conquistas: e o eco das-suas vitorias; que atroava tudo; e ainda as mais remotas Nasoens. Este justamente é o carater de Alexandre: como ja a Escriptura tinha delineado. Uma só ideia excita mil outras, ao intento. É como os Omens estam acostumados, a estas imagens sensiveis; os tropos que delas se deduzem, valem infinito. Apenas o comum dos-Omens pode entender, e julgar de outra sorte.

São boas, assim é: mas o uzo é que as-faz racionaveis: quero dizer, que se-devem uzar em tempo, e lugar proprio, e quando o discurso o-pede. O que nam advertindo os ignorantes, servem-se pouco sabiamente das-Figuras; e com muito estudo, falam bem mal. Nam á maior beleza em uma cara, que os olhos: mas se um rosto nasce com mais de dois; se chegasse a ter meia duzia, seria um monstro. Deve aver figuras: mas á-de aver proporçam, eleisam, dispozisam: ou seja no-discurso familiar, ou na Istória, ou na Cadeira. Este é o grande segredo do-falar bem: o qual como muitos, segundo adverti, nam chegam a penetrar, quando ouvem falar em Tropos, tremem de pés e cabeça: e persuadem-se, que é alguma enima singularissimo, rezervado para algum ato publico, ou coiza semelhante.

Como as palavras são as que significam, o que passa dentro d'alma, ouve necessidade de procurar palavras, para expremir, nam só o que a alma conhece, mas também o que quer; ao que chamamos, *afetos da-alma, ou paixoens*. O Omem nem sempre se-acha, na mesma dispozisam de animo: mas esporiado de alguma coiza, saie fóra de si, e entam fala de outra maneira, mui diferente. As expresoens com que se declara isto, se-chamam *Figuras*; com a differença, que os Tropos são figuras das-vozes: e estas que aqui digo são figuras do-animo. É incrível, a diversidade destas vozes do-animo. Um omem agitado, nam só no-exterior do-rosto, mostra a sua perturbaçam, mas também no-modo do-seu discurso. As paixoens violentas, alteram a bela harmonia dos-umores: engrosam os objetos: impedem que a alma dê a devída atensam, ao que julga: no-mesmo instante a-transportam, de uma coiza para outra: são como o mar alterado, que joga a pela com um navio. Onde, agitadas com tanta confuzam, as fibras do-cerebro, a alma, que em virtude daquela armonioza dependencia, que estabeleceo Deus entre ela e o corpo; deve conhecer todas as imagens, que elas lhe-presentam; nam tem, se me-é licito explicar assim, repouzo algum. A alma agitada, imprime novo movimento nas fibras, e estas na machina: de que nascem as palavras: com as quais dando-se de-zafogo á ira, que moveo a machina, se-dá também repouzo, á alma.

Sendo pois as nossas palavras, consequencias dos-movimentos d'alma, e correspondendo perfeitamente aos nossos pensamentos; é claro, que o discurso de um omem, que está sumamente agitado, deve ser dezigual. Algumas vezes parece este omem difuzo, e fórma uma exata pintura, das-  
coi-



coizas que sam objeto, da-sua paixam : e cuidando que o-nam-intendem bem, repete a meima coiza, em cem diferentes maneiras. Algumas vezes interrompe o discurso, e separa as palavras umas das-outras, dizendo de uma só vez, bastantes coizas. Muitas vezes vareia o discurso, com mil proguntas, com exclamaçoens, com frequentissimas digressõens. Finalmente um discurso destes vareia-se, com infinitos modos de falar : os quais modos sam tam próprios, daquelas paixõens d'onde nadem, que ouvindo-os proferir, fica um omem formando, justa-ideia da-paixam. Estas pois sam as tanto celebres Figuras do-animo : as quais nenhuma outra coiza sam mais, que modos de falar particulares, e diferentes dos-modos de falar natural, e uzual.

Estas Figuras, que sam as naturais pinturas das-paixõens, sam sumamente utis, e necesárias no-comercio umano. Um pintor famoso, (dise um grande Retorico, de quem eu aqui figo as pizadas) que quer delinear um painel istoriado, naõ só pinta as figuras, que devem intrar no-quadro; mas procura, que cada una esteja naquele ato, que exprima, o paraque ele ali a-poem: nem só isto, mas até no-rosto lhe-pinta, aqueles accidentes, que denotam a paixam, de que sam produzidos. Explicome melhor. Um omem agitado, e alterado com a colera, nam tem o rosto sereno; mas fica palido: abre unõs olhos, que parecem cheios de fogo: carrega a vizeira: finalmente mostra no-rosto mil accidentes, que sam os carateres da-Colera. Isto pois é o que procura imitar, o pintor: e se chega a imitálo bem, só este é o bom pintor. O Retorico nam tem cores, com que imitar a natureza, como o pintor: mas tem palavras, para imitar aquelas, que profere um omem dominado da-paixam, que ele quer persuadir: e como estas paixõens tenham, diferentes carateres; é necesário que se-sirva de diferentes Figuras, para as-expremir (1). Alem disto, nin-

TOM. I.

R

guem

(1) Sic igitur dicet, ut proponat quid dicturus sit: ut cum transegerit jam aliquid, definiat: ut se ipse revocet: ut quod dixit iteret: ut argumentum ratione concludat: ut interrogando urgeat: ut rursus quasi ad interrogata sibi ipse respondeat: ut contra, ac dicat, accipi & sentiri velit: ut addubitet quid potius aut quomodo dicat: ut dividat in partes: ut aliquid relinquat ac negligat: ut ante præmuniat: ut in eo ipso, in quo reprehendatur, culpam in adversarium conferat. Ut saepe cum his qui audiunt, nonnunquam etiam cum

adversario quasi deliberet: ut hominum sermones moresque describat: ut multa quadam loquentia inuocat: ut ab eo quod agitur avertat animos: ut saepe in hilaritatem risumve convertat: ut ante occupet quod videat oppori: ut comparet similitudines: ut utatur exemplis: ut aliud alii tribuens dispertiat: ut interpellatorem coerceat: ut aliquid reticere se dicat: ut denuntiet, quid caveant: ut liberius quid audeat: ut irascatur etiam: ut objurget aliquando: ut deprecetur, ut supplicet, ut medeatur, ut a proposito declinet aliquantulum, ut



ninguem pode persuadir outro, tem que excite nele aquela paixão, que ele quer persuadir: porque as paixões são os instrumentos; e, para me-ler- vir de uma expressão filosófica, as máquinas que abalam a alma, e a inculcam para onde querem. Ora para excitar estas paixões nos-outros, é necessário, que um homem se-mostre dominado, da-mesma paixão: (1) porque suposta aquela particular disposição, e semelhante dos-nossos corpos, deixamo-nos persuadir daquela paixão, que vemos nos-outros: dos-mesmos sentimentos: dos-mesmos afetos: se nam se-acha algum obstáculo, que empesa o curso da-natureza. Naturalmente inclinamos a ter compaixão, de uma pessoa, que mostra estar sumamente aflita: rimos quando nos-achamos, em um grande divertimento dos-sentidos. Pelo contrario, nam choramos, nem mostramos compaixão, de uma pessoa que ri; aindaque verdadeiramente seja miseravel. É necessário ter um animo mui nobre, para se-vestir dos-sentimentos, e necessidades dos-outros, semque lhas-exponham. Nam obram os Omens comumente assim: obram porem assim, quando recebem o movimento, do-impulso das-paixões. Esta é a *simpatia* das-paixões: (se aca- zo tal voz, significa coisa alguma) e daqui se-mostra bem, a necessidade das-Figuras, para efeito de persuadir.

Nam me-cansarei, em dar o numero das-Figuras, e explicar o que significam, e quando se uza delas. Disto abundam muito, as Retoricas ordinarias: aindaque são poucas, que o-expliquem de um modo, que se-possa perceber. As Figuras são infinitas: mas os Retoricos reduzem-nas, a umas certas regras gerais, e mais comuas. Direi somente, que estas Figuras, são as verdadeiras armas da-alma, comque ela faz guerra às outtas almas; ou vence, ou é vencida: e produzem juntamente mil outros efeitos. Primeiramente, elas declaram aquelas verdades, que são obscuras; e excitam nos-Omens a atenção, para as-perceber. Aquela grande repetição, aqueles muitos sinonimos, nam são inutis na Retorica (2): antes são de infinito proveito: porque mostram o que se-pertende em tanta luz, e de tantas partes; que é impossível o-ignorá-lo: imprimem com tanta força uma verdade, descobrem todas as circunstancias com tanta clareza; que é impossível nam admitilas. Mas no-mesmo tempo estas Figuras, se são bem na-

tu-

*ut optet, ut execretur: ut fiat iis, apud quos dicit, familiaris. Atque alias etiam dicendi quasi virtutes sequatur: brevitatem si res petet: saepe etiam res dicendo subiiciet oculis: saepe supra ferret, quam fieri possit: signi significatio saepe erit maior, quam oratio: saepe hilaritas, saepe vita; naturarumque imitatio = Cicero, Orat. n. 4.*

(1) *Nec unquam is, qui audiret, incenderetur, nisi ardens ad eum perveniret oratio. Cicero, Orat. n. 38.*

(2) *Sic igitur dicit ille, quem expectimus, ut verset saepe multis modis eandem, & unam rem: & hareat in eadem, commoreturque sententia &c. Cicero, Orator. n. 4.*



turais, e se pintam bem a origem de que nace, movem de tal sorte a alma, que a-arrastam e conduzem, para aquelle objeto, de que se-fez a imagem (1). E como a alma nam pode ver unia verdade clara, sem a-receber; daqui nace, que por-força admite o objeto, e consente: e temos o omem persuadido.

Estas sam as Figuras, que sam a baze da-Eloquencia. Mas nam intenda V. P. que eu quero persuadir indiferentemente, toda a sorte de Figuras, e uzo delas: estou mui longe diso, e defendendo constantemente, que só no-bom uzo delas, é que está a Eloquencia, principalmente sublime. Isto é o que eu desejava refletirem comigo, algumas pessoas, que por-nam-advertirem este importante ponto, dam à luz partos monstruozos. Se as nosas paixoens sam mal ordenadas; se nam se-excitam quando deve ser; é coiza clara, que as Figuras só servirám, de pintar a confuzam das-nosas ideias, e a pouca eleisam do-noso juizo. Um omem que s'enfada quando nam deve; que em um discurso placido, introduz mil Figuras fortes; que pergunta; que responde; que exclama; e mostra grande paixam, aindaque nam aja de persuadir, ou disputar com alguem: é um verdadeiro louco, que guiado, da-sua destemperada imaginassam, empunha a espada para combater com um inimigo imaginario. Pois este é o retrato de muitos autores, que julgam nam serem bons escriptores, se nam uzam de todas as sutilezas d'arte: Semelhantes nisto a um omem de Provincia, com que eu jantei uma vez, que para mostrar que tivera boa educalam, comia as uvas com o garfo.

Outros, que devem persuadir, e tem materia para empregar boa Retorica; só estudam palavras, que tenham cadencia armonioza, mas tam afetada, que pola maior parte degenera em verso. Fazem mil reflexoens inutilissimas: procuram falar sempre por-sentensas: cuidam em introduzir conceitos fatis, e divizoens importunas: com as quais arengas nam procuram persuadir, mas agradar, e conseguir fama de eloquentes. E estes eu os-reputo muito mais ignorantes, que os primeiros, pela sua afetassam. O certo é, que uns e outros nam intendem, nem o fim, nem os limites da-Retorica: e que em lugar, de estimassam, conseguem desprezos.

As Figuras devem-se empregar, em toda a ocaziã. Temos Figuras para tudo: negocios graves, mediocres, e para a mesma conversassam familiar. Basta persuadir-se, de uma importante verdade, que é, que a Figura nam se-deve procurar, mas naturalmente apresentar-se: porque, como tenho mostrado, sam consequencias das-paixoens. Observe V. P. um omem rustico, que nam seja totalmente estúpido, ou uma melher de juizo, mas nam doutora: entre com eles em um discurso familiar, sobre al-

R ii

guma

(1) Hoc (genus dicendi) vehemens, neri nullo pacto potest. Idem. ibid. n. incensum, incitatum, quo causã eripiuntur: quod cum rapide fertur, susti-



guma materia, que lhe-pertença : diiculte-lhe conceder-lhe alguma coiza ; que a eles pareça verdadeira, ou que na realidade o-seja : e oblierve miudamente, quantas figuras introduzem no-discurso. E finalmente, achará mais forsa, nas suas razoes, quando são em materia verdadeira, doque nos-discursos, de muitos Oradores de fama. Eu fiz esta experiencia muitas vezes : e sempre tirei por fruto, da-minha meditação, que as Figuras ánde ser naturais : e que somente se-fala bem, quando se-fala animado, de algum verdadeiro interesse. e se-deixa guiar, de uma paixão arrezoada.

V. P. observará isto, nos-seus proprios discursos, ainda naqueles, que parecem menos considerados, e que são proferidos, quasi por-impulso da-natureza. As coleras nam são iguais, nem as paixões : e assim á Figuras nestes mesmos discursos. Fazem-se *antitezés*, por-cauza de grandes movimentos, e tambem por-ligeiras comoções. O desejo que um homem tem, de exprimir-se, e de persuadir as coizas que diz, tem varias destas Figuras. Na conversação mais placida, repetem-se sem reparo, os mesmos termos muitas vezes. servimo-nos de diversas expressões, para significar o mesmo. permitem os mais escrupulosos criticos, fazer alguma breve descrição, e procurar alguma semelhança, para explicar, melhor a materia. pode-se progar a parcer dos-que ouvem, sobre o que se-profere ; e mostrar-lhe, que é necessario refletir, sobre algumas das-circunstancias alegadas. Tudo isto pratica-se todas as oras, ou se pode praticar, sem enfado de quem ouve, e sem incorrer na censura, de quem observa. Ora as Figuras nam são verdes nem azuis, são em carne estas mesmas que apontamos, e outras a estas semelhantes. E eis aqui, que nam só nas orações, e discursos estudados, mas em todo o discurso, tem lugar as Figuras. Em uma palavra, primeiro ouveram Figuras, do-que ouvese arte de Retorica : a qual nada mais é, doque a observação das-naturais Figuras. E assim todo o estudo de um homem, verdadeiramente eloquente, consiste, em observar bem, a necessidade da-materia ; e intrar tanto dentro nela, que possa formar um discurso natural, mas no-mesmo tempo eficaz : e em que as Figuras fujam-lhe da-boca, sem que ele vá de traz delas, para ornar o discurso. Muito necessario é, estudar a natureza : estudar o carater das-Paixões : falar naturalmente : que só assim se-fala eloquente, e só assim se-persuade. Este é o primeiro ponto, ou o mais importante, em materia de Retorica.

O segundo, é de nam menor consequencia, está, em saber proporcionar o estilo, ao argumento que se-trata. Consiste o estilo, em certas maneiras de se-explicar, e certas particulares expressões, que cada homem uza : as quais comumente seguem o impeto do-fogo, que cadaum tem : nam se achando dois homens, que sejam perfeitamente iguais no-estilo, como nem menos no-temperamento. Digo pois, que o estilo se-deve regular, segun-



segundo a materia, que se-trata (1). As expressões magnificas e nobres, ornã as coizas, de uma certa magestade, e mostrã o grande conceito que delas fórma, quem assim fala: le a materia nada tem de extraordinario, antes é sumamente vil; impropriamente se-lhe-aplicã, tais expressões. Polo contrario, as coizas que se-podem considerar sem comofam, devem-se dizer com estilo simplez: outras mais estudadamente: o que faz a variedade de estilos: que os mestres da-arte reduzem comumente, a trez. Querem dizer, que ou o discurso é sumamente nobre, ou sumamente trivial, ou mediocre: à primeira, corresponde o estilo sublime: à segunda, o estilo simplez: à terceira, o mediocre. A prudencia e intelligencia com que se-devem aplicar, estes trez generos d'eloquencia, é o principal emprego, do-Retorico.

S U B L I M E.

Quando se-quer dar uma alta ideia, de alguma coiza, é necessario reflectir no-mesmo tempo, em muitas circumstancias. Por-muito nobre que seja o *sugeito*, de que se-trata, pode ter mil imperfeições: onde é necessario procurar, de o-por à vista d'aquela parte, que melhor parece; para poder imprimir, uma justa ideia da-sua grandeza: procurando quanto pode ser, de lhe-cobrir, ou disfarçar os defeitos, sem prejuizo da-verdade: voltando-o e revoltando-o de todas as melhores partes, para poder mostrar, até as minimas perfeições que tem: e tendo muito cuidado, de nam sair com alguma expressam, ou pensamento, que destrua o que se-tem frabricado. Caiem neste defeito infinitas pessoas, ainda d'aquelas, que nam são decepadas: Oradores, Historicos &c. mas sobre tudo os Poetas: que, por-forsã do-consoante, ou da-quantidade do-verso, dizem mil coizas ou malditas, ou mal applicadas. Li um soneto de certo Espanhol, que descrevia um nariz grande: o qual depois de ter dito muita coiza do-dito nariz, conclue desfazendo, quanto encarecêra. Porei somente os tercetos.

*Erase un espolon de una galera.*

*Erase una piramide de Egipto.*

*Las doze Tribus de narizes era.*

*Erase un narizissimo infinito.*

*Muchissima nariz, nariz tan fiera,*

*Que en la cara de Anás fuera delito.*

Depois dos-quatro versos antecedentes, em que exaggerava terrivelmente o tal nariz, saic com uma frioleira, que destrue tudo. Admetida de grãsa, a comua opiniam do-vulgo, de que os Judeos tem narizes grandes: admittida novamente a frioleira, de que Anás, por-ser Pontifice, o deve-se ter

ma-

(1) *Is ergo erit eloquens, qui ad id, quodcumque decebit; poterit accom- modare orationem. Quod cum statuerit, tum, ut quidque erit dicendum, ita di- vet; ut nec satira jejune, nec grandia minute, nec item contra: sed erit rebus ipsis par & equalis oratio. Cicero Orat. n. 36.*



maior: é certo, que não teria um nariz maior, que todo o corpo. Demos-  
 tre, que fosse tão grande: que proporção tem isto, com uma pirâmide,  
 e nariz infinito? Destes exemplos acho a cada passo: de que concluo, que  
 estes não sabem, as leis da-Retorica, nem da-Poetia.

Quanto ás expressões, ainda que as dezejo nobres, e com armo-  
 nia sonora; devem porém usar-se, com moderação. Prudentemente se-com-  
 parou um discurso, no-genero sublime, com um palacio magnifico: nes-  
 te á-de aver cazas para os amos, para os criados, e também estrevarias  
 para os cavalos. Estas não são de ser, como as anticameras, nem ornadas  
 como os gabinetes: mas são de ter certa magnificencia rustica, e propor-  
 ção ao todo: são de ser todas as partes no-seu genero, belas, grandes,  
 magestozas. Um palacio que tem um portão pequenino, parece coisa Mou-  
 risca, e não de Architecto intelligente. tudo á-de ser grande, mas no mes-  
 mo tempo proporcionado. Damesma sorte em um discurso, nem todos os  
 pensamentos podem ser exquisitos, ou alocuções sublimes: á-de aver  
 pensamentos bons, exquisitos, e mediocres: a locução damesma sorte,  
 em alguns lugares sublime; v. g. nas perorações, e exaltações &c. em  
 outras mediocre; v. g. nos-exórdios, nas confirmações de provas &c. e em  
 outras simples e natural, como nas narrações, e outros lugares. Mas to-  
 das estas coisas são de ter proporção entre si: devem ser ornadas e vestidas  
 daquella tal grandeza, que mostre serem partes, de uma coisa grande.  
 Assim se-compoem, um discurso perfeito.

Esta magnificencia de expressões grandiozas, e armoniozas, con-  
 vem ao estilo sublime, com a distribuição dita, de aplicar as melhores,  
 ás coisas que merecem maior atenção. Também no-estilo sublime devem  
 entrar, reflexões judiciozas, e varias sentenças, que excitam a atenção.  
 Nele tem seu proprio lugar, as Figuras grandes: Sendo certo, que um ar-  
 gumento nobre, não se-pode tratar, sem alguma particular comosão: de  
 que nasce aquelle modo de exprimir-se, em que consistem as Figuras. De-  
 vem porém praticar-se, segundo as observações acima feitas.

Esta porém é a maior difficuldade, do-estilo Sublime: e são pou-  
 cos os homens, que sabem abraçar, uma distribuição moderada de orna-  
 mentos, no-discurso. A maior parte dos-que escrevem, são como aque-  
 las pessoas, que não tem educação de Corte. Estas, para se-mostrarem bem  
 informadas, e de boa educação; carregam tanto os vestidos de ouro, e a ca-  
 beça de jóias; que em lugar de parecer bem, ofendem a vista. O pior é,  
 que no-defeito que repreendemos, caem também os que são da-Corte,  
 como os que são de fóra, e é mais difficultoso emendar-se. Um homem que  
 tem má educação no-vestir, tem tantos censores á vista, que á força de cri-  
 tica, e de observação, consegue a emenda. Não assim o que escreve: são  
 poucos os que censuram, porque são pouquíssimos os que sabem, como  
 se-deve censurar. Além disso, não á algum, que prezuma tão mal do-seu  
 jui-



juizo, que leia por-livros, que lhe mostram, as suas imperfeições. Busca somente aqueles, que mais lhe agradam, e são mais usuais: e em vez de s'emendar, confirma-se na sua má eleição. V. P. nam achará um Pregador, que estude por-Cícero, Demosthenes, M. Seneca, Quintiliano: ou leia alguns, dos-que compuzeram boas reflexões, sobre as ditas obras: achará porém muitos, que estudam por-sermonarios, e muito maos: e estes nam podem escrever melhor, doque lem nos-tais autores.

Outros escritores, querendo-se distinguir do-Comum, nam gostam senão, de expressões grandes, e de tal sorte se-deixam guiar, por-este furor; que nam produzem palavra, que nam seja de pé e meio; e que nam acabe d'estoiro, como uma bomba. As palavras e frase natural, o modo de s'expressar usual, aindaque seja o mais proprio da-materia, nada vale. desprezam tudo, o que nam é estronozo. Nenhum destes dirá: *Petrus amavit Joannem*: nam senhor: mas querem perifraxe: *Accidit ut Petrus amore prosequeretur Joannem*; ou alguma frase mais comprida. Estes omens vem todas as coizas, por-microscopio: tudo lhe-parece gigantesco: ou para melhor dizer, tudo transformam. A sua cabeça é como a de D. Quixote: a quem moinhos pareciam palacios; e nam avia coiza para ele, que nam fosse megestoza. Daqui nasce, que tudo exprimem pela mesma maneira. o discurso começa por-Figura, e acaba em Figura. Este é o vicio comum destes paizes: mas muito principalmente dos-Poetas, e Oradores.

Estes omens confundem o Eloquentes, com o Arrogante; a Exageração com a Inverosimilidade: sem advertirem, que são coizas bem diferentes. Ora este é o verdadeiro caracter da-ignorancia: tanto mais dificultoso de s'evitar, quanto é certo, que muitos omens grandes em outro genero, tem caído neste defeito. Este é o ponto que se-deve advertir, com mais circunspecção: este o defeito que se-deve fugir, com mais cautela. O que se-consegue primeiro, com alguma reflexão judicioza: segundo com a leitura de bons autores, que falem como devem, e proporcionem o estile, ao assunto. Nam a coiza mais ridicula, doque uma grande afetação de palavras sonoras, em coizas onde nam devem intrar (1). Em lugar de engrandecerem quem fala, mostram a pobreza do-seu entendimento: que nam tendo cabedal, de dar palavras para tudo, pede-as emprestadas, ou furta sem advertencia, as que encontra.

Verá também V. P. que muitos, querendo falar elegante, acabam tudo em tom de verso: *Porque nam chego a amar, nam posso padecer*; e com este *ar, e er; ir, e or*; e confonancias semelhantes, vam enchendo o discurso, que deveriam cuidar de ornar, com bons pensamentos e con-

(1) *Quam enim indecorum est de filiis: de maiestate populi Romani summissis, & subtiliter?* Cicero. Orat. num. ampliss. mis verbis, & locis uti commu-



ceitos. Isto é mais vulgar, do-que V. P. imagina : e acha-se muita gente de bigode, que chama a isto elegancia. Eu sei que o numero oratorio, ou armonia dos-periodos, de que Cicero fala em varios lugares, é uma grande beleza, em todo o discurso, principalmente oratorio (1): mas sei, que é muito diferente, do-que condeno. Nam á regra exata, para o numero oratorio: a orelha é a que ensina, quando o periodo é armoniozo (2). Mas é necessario que tenha mui más orelhas, que nam distingue, que as consonancias que apontamos, em lugar de agradarem, ofendem, e sam uma afetam. Em Portugal sam rarissimos, os que observam o numero, ainda nos-discursos estudados. Ou afetam verso, e isto é vicio (3): ou declinam para outro extremo, que é a languidez, e tambem isto é vicio insupportavel. A mediania é que se-busca; e quem bem entende o que é numero, nas cartas, e no-discurso familiar, sem advertir o-pratica. Para isto quer-se boa orelha, acostumada a ouvir ler, e pronunciar bem. Pecam alem disto, em fazer periodos tam compridos, que nam se podem ler de um jato: o que tambem é falta de numero. A lisam dos-bons livros remedeia isto, e introduz um omem, na verdadeira estrada da-Eloquencia. Mas é necessario, lelos sem prejuizos, e com animo de aprender. O estilo Sublime tem seu proprio lugar, nas orasoens, e sermoens: na Poezia Eroica, e Tragica: e pode às vezes ter lugar, na Istoria, quando s'introduzem a falar, algumas pessoas. As orasoens de Cicero, os poemas Epicos de Omero, e Virgilio, sam de estilo sublime.

S I M P L E Z.

Ao estilo Sublime contrapomos, o estilo *Simplex* ou umilde. Assim como as coizas grandes, devem explicar-se magnificamente, assim o que é umilde, deve-se dizer com estilo mui simplez, e modo d'expressir mui natural. As expressoens do-estilo simplez sam tiradas, dos-modos mais comus de falar a lingua: e isto nam se-pode fazer, sem perfeito conhecimento, da-dita lingua. Esta é, segundo os mestres d'arte, a grande dificuldade, do-estilo simplez. Facil coiza é a um omem, de alguma literatura; ornar

(1) *Omniño duo sunt quæ condiant orationem: verborum, numerorumque jucunditas. In verbis inest quasi materia quadam: in numero autem expolitio.* Cicer. Orat. num. 55.

(2) *Sed quia rerum verborumque judicium prudentiæ est: vocum autem, & numerorum aures sunt judices: & quod illa ad intelligentiam referuntur, hæc ad voluptatem: in illis ratio invenit, in his sensus artem.* = Ibidem num. 49.

(3) *Nam circuitus ille quem sæpe jam diximus, incitator numero ipso fertur & labitur, quoad perveniat ad finem, & insistat. Perspicuum est igitur, numeris adstrictam orationem esse debere, carere versibus . . . . Inculcamus autem per imprudentiam sæpe etiam minus usitatos, sed tamen versus: vitiosum genus, & longa animi provisione fugiendum.* Ibid. num. 56.



o discurso com figuras : antes todos propendermos para isto : nam só porque o discurso s'encurta ; mas porque talvez nos-explicamos melhor , com uma figura , doque com muitas palavras. Polo contrario , para nos-explicarmos naturalmente e sem figura , é necessario buscar o termo proprio , que exprima o que se-quer : o qual nem sempre se-acha , ou ao menos , nam sem dificuldade : e sempre se-quer perfeita intelligencia da-lingua , para o-executar. Alem disto , as Figuras encantam o leitor , e impedem-lhe penetrar e descobrir os vicios , que se-cobrem , com tam ricos vestidos. Nam assim no-estilo simplez , o qual , como nam faz pompa de ornamentos , deixa considerar miudamente , todos os pensamentos do-escriptor. Por isto se-diz , que o estilo simplez é , o *lapis Lydius* do-Juizo.

Isto que digo , das-expressoens comuas e naturais , deve-se intender com proporçam. Nam quero dizer , que um omem civil fale , como a plebe ; mas que fale naturalmente. A materia do-estilo umilde , nam pede elevaçam de figuras &c. mas nem por-isto se-deve expremir , com aquelas toscas palavras , de que uza o povo ignorante. Nam é o mesmo estilo baixo , que estilo simplez. o estilo baixo , sam modos de falar dos-ignorantes e pouco cultos : o estilo simplez , é modo de falar natural e sem ornamentos ; mas com palavras proprias , e puras. Pode um pensamento , ter estilo sublime , e nam ser pensamento sublime : e pode achar-se um pensamento sublime , com estilo simplez. Explico-me. Para ser sublime o estilo , basta que eu vista um pensamento , e o-orne com figuras proprias , aindaque o pensamento nada tenha , de sublime. polo contrario , chamamos simplezmente sublime , ( com os Retoricos ) àquela beleza e galantaria de um pensamento , que agrada e eleva o leitor , aindaque seja proferida , com as mais simplezes palavras. Desorteque o *sublime* pode-se achar , em um só pensamento , ou figura &c. Importa muito intender , e distinguir isto , para nam ser enfadonho nas conversaçoes , e nas obras que pedem estilo umilde. V. P. tem um bom exemplo de estilo simplez , nas Cartas familiares de Cicero , principalmente nas que escreve aos de sua caza : nas Eglogas &c. de Virgilio : nas Fabulas de Fedro : Cartas de Plinio a algumas pessoas : e outras obras da Antiguidade. Em portuguez as Cartas do P. Vieira , tirando algumas que degeneram em sermam &c. podem-se ler , para o estilo simplez. E estas sam as melhores obras , do-dito Religiozo.

#### M E D I O C R E.

Do-que a V. P. tenho dito fica claro , qual é o estilo *Mediocre* : aquele digo , que participa de um e outro estilo. Tambem este estilo nam é pouco difficultozo : porque é necessario , conservar uma mediania , que nam degenere em viciozos extremos : e sam poucos aqueles , que conhecem as coizas , na sua justa proporçam , e formam aquela ideia , que merecem. Ja disse , que a materia é a que determina , qual á-de ser o estilo : e assim uma ma-



teria mediocre, pede um estilo proporcionado. A maior parte das-coizas de que falamos, são mediocres: e daqui vem, que neste estilo de falar, deve-se empregar um homem, que quer falar bem; e conseguir fama, de homem eloquente. Um homem de juizo, que conhece as coizas como são, forma delas ideias justas, e verdadeiras; e as explica com as palavras, que são mais proprias. D'onde vem, que o estilo mediocre compete propriamente, às Ciências todas, a História, e outras coizas d'este genero: nas-quais se-representam coizas não vis, mas mediocres; porém representam-se, da mesma forte que são, e com palavras proprias. Também as cartas de negocios graves, ou eruditas, e aquellas de cerimonia a pessoas grandes &c. costumam ser neste estilo. É porém de advertir, que o estilo mediocre, admite todos os ornamentos d'arte: beleza de figuras, metáforas, pensamentos finos, belas descrições, harmonia do numero, e da cadencia: Contudo não tem a vivacidade, e grandeza do sublime. Participa de um e outro, sem se-asemelhar a nenhum. tem mais força e abundancia que o simplez; menos elevação que o sublime: e prosegue com passo igual, e muito brandamente. Alegam-se por bons exemplos neste genero, as Georgicas de Virgilio: a maior parte das cartas de Cicero a Pomponio Atico: &c. os Comentarios de Cezar &c. ainda que estes, por não terem ornamentos, quasi pertencem ao simplez: as vidas de Cornelio Nepote. &c.

Quem bem entende isto, fica perfeitamente instruido do modo, com que deve aplicar-se, a diferentes materias. O estilo da História pede clareza, e brevidade. aquella, para explicar todos os accidentes da materia: esta, para que, sem longas frases, que suspendem a atenção, descreva as coizas que deve, com um fio de discurso continuado, e sem ser interrompido com aqueles movimentos, que constituem o Orador (1). Porque neste caso não pode conservar, uma certa inalterabilidade, e quietação de animo, que é tão necessaria, para não inclinar mais para uma parte, que para outra; e dizer as coizas com verdade, e sem exageração. Pode porém o Historico, mostrar a sua eloquencia, ao referir as arengas, que se introduzem na História; no-pintar as paixões &c. mas tudo isto com a advertencia, e sem perder de vista a verdade. É pois a História aquella materia na qual, depois da Oratoria, mais se mostra, a eloquencia vigorosa.

Em segundo lugar fica claro, qual deve ser o estilo *Dogmatico*, ou *Didascalico*, a que por-outro nome chamamos, estilo *Cientifico*. Aqui não se trata de persuadir, homens apaixonados, excitando as armas, com que a alma se-move para esta, ou aquella parte. O primeiro *postulado* que se-poem no-principio dos-Tratados modernos é que o leitor se-dispa, de todo o genero

(1) *In historia & narratur ornate, & regio saepe aut pugna describitur: interponuntur etiam conciones & hortationes. sed in his trata quadam & fluens expetitur, non hac contorta & acris oratio.* Cicer. Orator. num. 20.



nero de prejuizos, e paixoens: e que examine as razoens, como merecem. Onde supondo-se um leitor docil, nam é necesario, seguir o estilo veemente (1). Mas nisto á mais, e menos, segundo as Ciencias. A Geometria, que explica verdades claras, e que nam interesam ninguem, deve-se tratar placidissimamente, com aquelas palavras, que sam precisamente necessarias, para a explicafam dos-termos &c. A Logica, Fizica, Metafizica pedem ja um estilo mais ornado: ja se-disputa com omens, que tem suas prevenfoens: as verdades nam sam tam claras: é permitido servir-se de um estilo mais nervozo. Principalmente na era presente, em que a Filozofia, despida daquela antiga e ridicula severidade, trata-se oje em todas as linguas, e com vocabulos proprios, e se-familiariza com todos. Onde pode tratar-se em estilo familiar, por-carta, em dialogo, ou de outra maneira; em que pode ter lugar, um genero de eloquencia mais ornada. A Teologia pode ser tratada, com estilo mais elevado. Somos interelados em defender, a verdade da-religiam, contra os Ateos, e Infeis, e Erejes. Este interesse nam pode menos, que acender em nós, alguma paixam bem devida. Onde nam é maravilha, se algumas vezes nos-transportamos, falando de Teologia, e seguimos um estilo mais elevado e veril. Nam digo, que tudo se aja de tratar, em estilo oratorio, ou que se-devem defender as questuens, com ironias &c. e nam com razoens solidas: seria isto um erro consideravel, e mui condenavel: digo somente, que já é permitido, servir-se de alguma figura, e uzar de estilo mais elegante. Os antigos Padres uzaram deste estilo, quem mais, e quem menos. E oje todos os omens de melhor doutrina, nam desprezando a fórma da-Escola, uzam porem dcla com tanta moderafam, que comumente expoem as suas sentensas, sem aquele estilo das-escolas, que até aqui reinava. O que faz que seja mais bela a Teologia: mais concludente o discurso: e poem à vista, e na sua luz todas as razoens: porque só assim as intendem todos, e se-evitam palavras, que nada significam nas escolas. Quanto às outras Ciencias profanas, pola maior parte tratam-se mais placidamente, segundo a necessidade da-materia.

Em terceiro lugar fica claro, qual é o estilo dos-Poetas. Querem os Poetas, (diz um Retorico) agradar, e elevar o animo dos-ouvintes, com coizas extraordinarias e maravilhozas: e nam podendo chegar ao fim que se-propoem, senam sustentando a sublimidade das-coizas que dizem, com o sublime das-palavras que uzam; daqui vem, que nam se-fugeitam às leis do-uzo comum; mas formam, para se-explicar, um idioma novo. Tudo neles é grande e extraordinario; imaginafam, conceito, e palavras.

S ii

Da-

(1) *Mollis est enim oratio Philosophorum & umbratilis, nec sententius, nec verbis instructa popularibus, nec junctam numeris, sed soluta liberius. Ni-*

*hil iratum habet, nihil insidum, nihil atrax, nihil mirabile, nihil astutum. Casta, verecunda, virgo incorrupta quodammodo. Cicer. Orator. in. 10.*



Daqui nasce, que as figuras devem ter, as suas mimozas. Além disso, como as verdades abstratas nam agradam, porem sim as coizas, que entram polos sentidos; fica claro, que querendo o Poeta agradar, deve procurar metáforas, com que reprezente as coizas sensiveis, e quazi palpaveis: porque assim é que imprimem, uma particular comoiam. Este é o principio, que obrigou os antigos Poetas, a romperem com certas ideias, que nos parecem chimeras. Cada Virtude, e cada Paixam na Poezia, é uma Deuza: porque a descripçam destas Deuzas tam medonhas, ou tam engraiadas, faz outra impresam no-animo, doque a simplez palavra de Virtude, ou Vicio.

*Est Deus in nobis, agitante calefcimus illo.*

Quando uma vez s'esqueita, a imaginagam do-Poeta, nam fala como os demais omens: e assim nam é maravilha, que encha o discurso de Figuras, e ingenhe tantas fabulas e fingimentos. Isto é tam proprio dos-Poetas, que até os sagrados Poetas, para se-explicarem, servem-se de todo o genero de metáforas. Isto porem deve intender-se dos-poemas, que tem por-objeto, materia grande: os divertimentos dos-pastores, que compoem as Eglogas; as istórias que dam materia às Comedias; e mil outras poezias, que se-podem considerar com menos paixam, devem ser tratadas, por-outro estilo. A regra geral, que ao principio demos, é infalivel, e consiste nisto: A qualidade da-materia deve determinar o estilo, aindaque possa ser mais ou menos ornado: o que s'intenda tanto da-Proza, como do-Verbo. Isto quanto ao estilo. quanto pois às regras do-Poema, nam é aqui o proprio lugar, de as-explicar: porque eu nam faço tratado, mas reflexões.

Dirmeám alguns, que estas advertencias conduzem, para fazer uma obra solida, mas nam para a-fazer bela, e ornada: que é o principal emprego da-Retorica. E com efeito esta é a costumada cantilena, destes vulgares Oradores, que ignoram as belezas da-arte. Em algumas partes, temos notado este defeito: e aqui, para o-confutar melhor, faremos outra advertencia. Digo pois, que este ingano comum, fica suficientemente affirmado: sendo certo, que nam se-requerem outras regras, para falar com elegancia, e ornato, doque as que acima demos, para falar com propriedade. A mesmissima coiza se-pode expremir, com diversos nomes, segundo o modo com que se-considera. A maior beleza e ornamento de uma composiçam, aquilo que eleva um leitor racional e judiciozo, (que sam os que podem fazer lei) é a exatam, e propriedade com que se-acha disposta, e executada uma obra. Quem nam intende este ponto, é noviffo na Retorica. Mas, declarando isto melhor aos principiantes:

Tem a Retorica ornamentos naturais, e artificiais: aqueles entram necessariamente em qualquer obra: estes com parcimonia. O primeiro ornamento é a verdade, ou semelhansa das-palavras com as ideias, e objeto delas.



delas. A mais medonha cobra pintada , agrada : as coizas mais ordinarias , quando sam bem explicadas , nam podem dezagradar. Deve o discurso ter primeiramente , clareza nas expreçoens , para poder insinuar-se no animo ; harmonia , e facil pronuncia. Estes sam os naturais. Entre os artificiais , põem-se as Figuras todas , os Tropos , as magnificas expreçoens , as aluzoens , alguma ingenhoza applicasam &c. as quais sam às vezes tambem recebidas , conio a meisma verdade : e elevam a alma com o encanto oculto da-grandeza , para a qual ela tem propensam natural. Nestes é em que se-deve empregar o juizo , distribuindo-os com muita parcimonia , e boa eleisam. Nenhuma coiza orna , que nam seja racional : quando os ornamentos sam repetidos , ou estam muito juntos , sam importunos , e dezagradam muito : confundem a vista , e cobrem toda a beleza do-sujeito. Ja nisto falámos larguissimamente. Finalmente quando o ornamento , nam se-funda em verdade , aindaque um pouco encarecida ; é uma afetásam ridicula , que mostra nacer , de um ingenho mui trivial. Os ignorantes sam , os que procuram com cuidado , estas ridicularias , para aquistar fama de doutos por-esta via , visto que a-nam-podem por-outra.

Outro defeito ainda acho , em que comumente caem , e vem a ser , encher o discurso de alegaçoens importunas , de paços Latinos , de versinhos , e outra coizas que incontram. Podem as aluzoens , e alegaçoens &c. ter lugar , quando á necessidade de ouvir as palavras , na mesma lingua original ; ou para mostrar a sinceridade , de-quem as-cita ; ou a elegancia , de quem as-escreveo : o que raras vezes succede : tudo o mais é tempo perdido , e trabalho mui escuzado. Este dezejo de parecer erudito , com a repetisam de mil paços de autores , tem alucinado infinita gente. Conheci um , que nam abria a boca , que nam repetise um verso de Marcial , de Juvenal &c. Examine V. P. este ponto , e achará , que o defeito é mais geral , doque nam parece. Conheço pouquissimos estudantes desta Universidade , talo principalmente dos-Opozitores , e dos-que tem prezunsam de literatura ; cuja conversasam seja toleravel. Para dizerem , que agora é dia ; sairam com um , e talvez muitos textos do-Digesto , ou Codigo &c. Nam deixam passar coiza , que nam ornem com algum versinho moderno : e quem sabe mais disto , é mais ciente. Aquele , *Erubescimus sine lege loqui* , intendem-no tam nû e crû , que é uma piedade. Tambem entre os Religiozos , nam falta desta fazenda : aquele , *tandem , item , a parte rei , cum hoc quod , hoc unum est* ; e outras destas palavras , sam mui frequentes nos-seus discursos : e tambem seus textos da-Escritura , e seus versinhos Latinos. Isto entra em todas as conversaçoes , aindaque sejam de idiotas , e molheres : antes nese cazo melhor , porque se-grangeia fama sem embaraço.

Este mau modo de pensar , e discorrer , pasou ja da-conversaçoes , para as composicoens : e por-iso V. P. ve tantos discursos , ou sermoens , ou orasoes , que se-nam-podem sofrer. Tenho lido mil orasoes moder-



nas \*\*\* e rarissima achei, em que nam intráse Plinio o moso, claro ou oculto: mas pola maior parte entra claro: e às vezes a orasam tem mais palavras de Plinio, doque de quem a-compoz. Ouviram dizer, que o Panegirico de Plinio, é o mais suportavel, que nos-deixou a Antiguidade: e sem mais exame, enchem tudo de Plinio. Outros pasam do-Panegirico às Cartas: um destes é o P. \*\* que no-elogio funebre de Julio de Melo, faz uma istória, em que introduz muitos periodos, tirados de varias cartas de Plinio, que dizem o mesmo, que ele repete. Este modo de elogiar, é totalmente novo, e ignoto à Antiguidade: mas nem por-ser novo cuida que agradará, aos que intendem a materia. Nestes Panegiricos achará V. P. duas coizas comumente: uma, é Plinio, e algum autor semelhante: a segunda, é o Sol, com as Estrelas. Mais vara menos vara, aqui vem dar todos. Seria porem melhor, que estes autores puzesem de parte, Plinio; e disesem alguma coiza de sua caza: e nam dezenquietasem as Estrelas, trazendo-as para uma coiza, para aqual nam callam bem. Nam é este o modo de elogiar. disto se-rim todos os omens que sabem.

Até as aprovaçoens dos-livros, andam cheias destes textos, às vezes arrastadifimos, e talvez tirados da-Escritura, para provar uma frioleira. Os que nam trazem textos, introduzem razoens bem desnecessarias, e difundem-se em elogios, tam excessivamente encarecidos, que ninguem os pode ler sem nauzea. Aindaque disesem a verdade, e bem; sempre era um grande defeito, e impropriedade. Vi á annos a vida do-Infante D. Luiz, em 4. escrita polo Conde de Vimiozo; da-qual as aprovaçoens, sem encarecimento algum, compoem metade do-volume. E nam só fazem isto nos-livros; mas em papeis avulsos, e breves. Vi uma Egloga, escrita por um certo Felipe Jozé da Gama, no-nascimento de um neto de Joam Alvares da-Costa; cujas aprovaçoens eram maiores, que a obra. O pior é, que tinha uma aprovaçam do Conde da-Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, que caía na mesma simplicidade. Com effeito, este era o carater do-dito Conde: que, para mostrar que sabia muito, carregava as suas pinturas, com tantos ornamentos, e doutrina, que pareciam ridiculas. Ele era um omem erudito: mas ignorava totalmente aquilo, a que chamam modo, metodo, e criterio. com tanto que faláse muito, nam lhe-importava se dizia bem. E naverdade na dita aprovaçam da-Egloga, tem coizas indignas. Deixa logo o argumento, e pasa a descobrir entre Joam Alvares da-Costa e Asinio Pollio, grande uniformidade. despois, difunde-se sobre os louvores da-Poezia. finalmente faz uma selada tal, que nam vi coiza mais confuzza. Eu nam disputo agora, se a dita Egloga merece estes louvores: concedo tudo de grafa: o que digo é, que se-explicava em duas palavras: e é grande impropriedade fazer uma censura eterna istoriada, para uma brevissima Egloga. Certamente o P. Estacio de Almeida, que em materia de Poezia Latina, cuida que sabe alguma coiza mais, que o dito Conde; mostrou



trou o seu juizo na approvasam, contentandc-se com dizer, que era digna de s' imprimir. E isto deviam tambem fazer os outros: deixando de fazer Panegiricos, a coizas que nam merecem, menos: e fazelos de um modo, que merece mais rizo a erudisam que trazem, que a que lhe-falta. O P. D. Manoel Caietano de Souza, tambem seguia esta opiniam. Compoz o Sargentomor Manoel Coelho, uma Explicasam das oito partes da-orasam: mas tam pequenina, que nem menos so-lhe-deve chamar livro, mas caderninho. (foi impresa em Lisboa, no-ano 1726.) Succede que D. Manoel aprova esta obra: e aqui, tomando as coizas desde o principio, faz uma longuissima censura, e um catalogo dos Gramaticos do-Reino &c. Tudo coizas desnecessarias! E sei eu, que, se ouvese de imprimir-se em outro Reino, se-contentariam com escrever, *Imprimatur*. Com esta advertencia observe V. P., as approvasoens dos-livros, e vera, que ainda nam digo metade, do-que devia. Neste particular de approvasoens, nam vi omem em Portugal mais moderado, que Fr. Manoel Guilherme: fugia quanto podia de mentiras e afetasoens; e claramente dizia, o seu parecer. Mas oje succede o contrario: porque às vezes fazem-se empenhos, para determinar os censores: e estes tais, nam censuram o livro, mas agradecem a eleisam. E sei eu tambem, que quando o P. \*\*\* premio a sua obra \*\* tendo feito um Teologo, a sentura difuza; foramlhe pedir novamente, que se-dilatase mais, e louvasse a obra com maior extensam. E nam podendo livrar-se do-empenho, que era forte; acrecentou alguns sinonimos, para satisfazer às partes; o que sei da-meima boca do-censor. Onde com estes exemplos, nam devemos admirar-nos, se incontramos os elogios tam frequentemente \*\*\*

Mas, tornando à dita erudisam afetada, digo, que a este modo de ornar e discorrer, chamam os Retoricos, *ornamentos falsos*. Porque os outros, podem ter lugar no-discurso, e so se-procura a parcimonia: estes, de nenhum modo devem intrar nele. Ja gran tempo é, que os omens de juizo clamaram: contra este abuzo: principalmente porque, bem examinada a coiza, é uma solenissima impostura, e azilo de ignorancia: sendo certo, que estes tais nunca tem menos erudisam, que quando mostram ter tanta. Quem ouve aquela machina de textos, persuade-se que é um omem, de erudisam infinita: mas nada menos: e eu posso jurar de muitos, que nam abriram os livros que citam, aindaque sejam bem uzuais. Remedeiam-se com o *Theatrum Vitae Humanae*, *Polyantea de Langio*, e outros destes armazens, em que polo A.B.C. acham-se as materias, dispostas. De que vem, que os omens inteligentes nam podem menos, que rirse de tais composisoens. Lembro-me, que um leitor de certa Religiam, querendo persuadir-me, que um seu amigo sabia latim perfeitamente; dizia-me, que lia sempre por-*Plutarco*: e carregava muito em *Plutarco*. Ouvi esta muzica algum tempo; e nam podendo soffrer mais, perguntei-lhe, se



se *Plutarco* era bom Latino. Aqui o oniem: *Poisque, isto tem duvida? na Antiguidade nam acha V. P. um Latino, como Plutarco.* O que daqui se seguiu foi, ficar eu formando mui mau conceito, dele, e do-seu amigo. De um, por-dizer o que nam sabia: pois se tivesse aberto *Plutarco*, ou acharia o texto Grego com a versam Latina; ou tendo fomento a versam, acharia no-frontispicio, o nome do-tradutor. Do-outro, por-que ainda que a tradusam, nam seja barbara, contudo nam é livro para se-imitar: falo da versam de *Curserio*, e *Xilandro*: &c.

Tambem nam é pequeno defeito, a grande repetisam de sentenças, sem necessidade. Persuadem-se muitos, que, falando por sentenças, ficam graduados como futilissimos, e fundadissimos letrados. Leram em *Seneca* Filozofa, ou *Lucano*, ou *Tacito*, ou algum semelhante, uma quantidade destas sentenças; e sem mais exame, nem advertencia, adotam aquele estilo; e deitam mais sentenças pola boca fóra, que uma carranca de xafariz nam deita agua. Verdadeiramente é um divertimento, bem digno de se-procurar em oras ociozas, ter uma conversasam com um destes. Eu gozei esta felicidade algumas vezes: e nam me-podia satisfazer de observar, aquella circunspeccam magistral, com que proferem as palavras, em tom decizivo, e com toda a magistralidade, de um Padre de Concilio. Ja eu lhe-perdoára a materia: o que nam posso sofrer é, o modo com que se-explicam. Se eles tivessem observado e intendido, que aquele mesmo *Seneca* foi o primeiro, que comecou a perverter, o bom gosto da-Latinidade, com tam enfadonhas sentenças: com as quais perdeo entre os seus, e entre todos os que se-seguiram de alguma estimasam; aquele conceito, que poderia aquistar, se fosse mais parco de ornamentos: saberiam entam, com que olhos se-devem ler, certos autores. Mas eu falo em um suposto, que me-parece fallio, e vem a ser; que estes tais profiram, verdadeiras sentenças: falam como se fosse por-sentenças; mas nam sei se o que dizem, merece este nome. Porque a Sentença deve, em poucas palavras, dizer muito, e dizelo com modo singular: o que raras vezem se-acha neles.

Note tambem V. P: outro defeito de eloquencia, no-mesmo frontispicio dos-livros. Estam estes seus autores, tam preocupados polas esquipassoens, que nam se-contentam, de pôr o titulo do-livro claro: mas ou inventam um estrambotico, ou acrescentam algum epiteto, que obscurece o negocio. v. g. *Cristais, d' alma, fraze do-carasam: Fenix renacida: Alivio de tristes, consolasam de queixozos*: e outras coizas destas, que quando eu as-leio, me-vem á memoria, o *Belorofonte literario*, *Clypeus Mundi*, e outros titulos ridiculos, que só estavam bem, na boca de *D. Quixote de la Mancha*. E isto nam só achará V. P. entre os Antigos, mas entre estes Modernos. Traduz um Bacharel os Epigramas do-P. Reis, em verso Portuguez, e dá-lhe este titulo: *Imagens conceituozas*. Ora falemos



sem paixam, intende V. P. que, lendo-se estes titulos, poderá um omem advinhar, o que contem estes livros? Eu nam tenho difficuldade em apostar, que nam: e digo mais, que este autor nam intendo, o que quer dizer aquele titulo: pois a falar verdade, nam á maior despropozito, que a uniam daquelas duas palavras, para explicar a dita versam. E ponho agora de parte a loucura, de traduzir em Portuguez, epigramas destes Latinos, cuja galantaria nam consiste, em um conceito nobre; mas em palavrinhas, ou equivoccos, que perdem o pico, na tradusam. Mas nam pára nisto o abuzo: antes chegou a termos, de se-nam chamarem ascoizas, com os seus nomes, porem com outros muito diferentes. Vi concluzoens de Logica, que se-intitulavam: *Regnum Algarbiense in quatuor vicos distinctum: Vicus primus, de Signis: secundus, de Enunciatione &c.* que se podia intender, ser uma carta geographica. Outras de Filozofia intitulavam-se: *Pigmenta Philosophica*. Finalmente chamavam-lhe como queriam. E isto é mui frequente, nas escolas da-Companhia: e nam faltou ja quem medisese, que eram titulos ingenhozos. Estes titulos, *Conclusiones, Propositiones, Theses*, nam prestam ja para nada: sam coizas dos-antigos, e nomes mui ordinarios. E que chama V. P. a isto, senam jurar, de nam dizer as coizas direitas, mas de falar em Persiano, ou Clinez?

E se V. P. examinar este defeito, achará, que sam poucos os autores, que nam caiem nele. Outros acrescentam epitetos afetados. v. g. *Regras da-lingua Portngueza, Espelho da-lingua Latina*: deixando agora muitos outros, que podia acrescentar. Contudo eu intendo, que era mais natural, e nobre dizer: *Regras da-Gramatica Portugueza, para introduzir os rapazes, na Gramatica Latina*: ou ainda mais breve, e melhor: *Introdusam para a Gramatica Latina*: e falando assim, todos o entenderiam. Que fizeseem isto nos-dois ultimos seculos, paciencia: mas agora, que o mundo abrio os olhos, e todos procuram explicar-se bem; nam se pode sofrer: e vale o mesmo que mostrar, que nam intendem em que consiste, a elegancia da-lingua, e a forsa da-eloquencia. Os *seicentistas* sam os que caíram, nesta ridicularia: os antigos doutos todos a-evitaram: e se algum se-desviou dela, nam teve sequazes, e deve ser reprovado. Os titulos dos-Antigos, todos sam simplezes: *Cornelius Celsus, de Re Medica: Caii Julii Caesaris, de Bello Gallico &c. Ciceronis Orationes: Epistola, de Finibus bonorum &c.* e outros a estes semelhantes. Estas palavras mostram bem, o de que se-trata: e aquela nobre simplicidade encanta mais, que todas as afetaçoens, a quem intende, que coiza é Eloquencia. Os Modernos doutos, quando nam sam anonimos, que querem brincar; servem-se de titulos sezudos, breves, e claros: e nisto é em que oje se-cuida. Com effeito nos-titulos se-mostra, o juizo do-autor. Eles sam os que apontam a materia: e devem nam dizer mentiras, e falar em lingua, que todos intendam.



Pertencem a esta classe, os que nas conclusões publicas, poem por-questam principal uma coiza, que nam significa nada, e nam pertence à materia. Confesso a V. P. que quando a primeira vez, vi neste Reino estas conclusões, fiquei pasmado: e quando vi, que a dita questam nam se-disputa, nem serve de nada, ainda me-admirei mais. Um destes imprime umas Conclusões de Logica: dedica-as a Cristo Crucificado: (porque estes moços tem tanta devosam, que em nenhum lugar a-podem encubrir) e poem por-questam principal: *Se ficou mais glorioso Cristo na cruz, que no-Labor.* Outro faz umas conclusões de Materia Primeira, e poem por-questam: *Utrum in Luna concavo degant homines?* Finalmente é bem raro aquele, que poem questam principal, tirada das-conclusões: mas ou da-dedicatoria, ou de outra coiza, que nam significa nada. E estarám às vezes semanas inteiras, lambicando o ingenho, para excogitar uma questam futilissima, que calse bem à dedicatoria. E que chama V. P. a isto? senam dizer mentiras: servir-se de palavras que nam significam nada: improprias ao argumento: só para mostrar, que tem ingenho. Saiem eles logo dizendo, que é um costume antigo: E eu respondo, que é mau costume: e que se-deve emendar. Na minha Italia poem-se as conclusões simplesmente, sem estes rodeios. Se as conclusões são dedicadas a Cardiaes, ou Bispos, ou outras pessoas grandes; estes vam assistir em publico, asentados defronte do-Defendente: o qual porem está na cadeira: e ali faz ao principio um comprimento Latino, à pessoa a quem dedica, breve, e claro: e procura falar em lingua, que todos entendam, e mostrar a sua doutrina sem futilidades, nem coizas que mereçam rizadas.

Nem intenda V. P. que estes defeitos que aqui aponto, são de um ou dois autores: nam senhor, são gerais. Leia V. P. estas obras Portuguezas modernas, principalmente orações Academicas, em que fazem ostentação, de toda a erudição e advertencia; e confirmará o que digo. \*\*\* Entre os modernos, o Conde da-Ericeira tem muito disto, como já dissemos. Começa as suas coizas com uns rodeios, e umas obscuridades, que sem comentarios nam se-intendem. Daqui passa a acarretar, tudo quanto leo: e comumente dezempara o assunto, para dizer o que lhe-ocorre. v. g. No-elogio Funebre de Francisco Dionizio de Almeida diz, que toniava por-empenho, deferever o elogio de Tito Pomponio Atico, que morrerá no-dito dia. Mas sem falar em Atico, mete outras noticias estrangeiras, e diz mui pouco do-defunto. Promete encarecer a perda do defunto: mas nada disto faz. O mesmo Conde no-elogio do-Papa Inocencio XIII. declara logo, que nam seguirá os preceitos da-Retorica, mas da-Istoria: e com effeito faz um catalogo difuzissimo e insuportavel, da-geração do-dito Papa: e deste nam diz nada. Devendo porem saber, que a obrigação sua era, exaltar as virtudes do-seu eroe, e nam as dos-pasados. Pois assimcomo nenhuma mulher seissima merece ser louvada, porque é filha, de uma mulher



lher mui bonita : antes polo contrario , a fermozura da-maen dá ocaziam ; paraque nos-admiremos da-filha : asim tambem as virtudes dos-pasados , nam ferveem de panegirico aos presentes : é necesario mostrar , que estes exceedem os seus maiores , nas mesmas afoens. Do-que fica claro , que o dito Conde sabia pouco , elogiar. E nam se-podia esperar menos , de um omem que protesta , de nam seguir a Retorica. E quantos parentes , quero dizer , apaixonados , nam vemos deste fidalgo ! Mas sem nomiar mais ninguem , provarei tudo com outra orasam , feita na morte , de D. Manoel Caietano de Souza : da-qual porem nam sei quem é o autor , nem onde foi impresa ; porque uma que achei em certa parte , e ainda confervo , nam tem as primeiras folhas , e começa na folha 7. Mas ieja quem for , é moderno : vistoque o Souza morreo á pouco tempo : e se V. P. a-tem lido , achará uma grande prova do-que digo.

Este omem faz uma orasam , que é um groso volume. Primeiro defeito do-panegirico. Confeso , que affiti a muitas e diferentes exequias , de Pontifices , Imperadores , Reis , Principes soberanos , Cardiais , e Senhores grandes : e nunca vi alguma , que chegasse à metade desta. Mas isto é nada. tudo o que ele diz do-tal Souza , podia-se reduzir à quarta parte , e ainda seria longa. Consiste pois este grande volume , emque o tal Panegirista , para mostrar que era erudito , verteo nele , quanta erudisam tinha. Explicarmeeci se diser , que ali se-acha o *Teatro de los Dioses* , e *Theatrum Vitæ Humanae* , em corpo e alma. Nam diz coiza alguma , para que nam traga um bocado da antiguidade , comumente arrastada v.g. Para dizer , que o Souza unia a piedade com a ciencia (1) ; introduz a parentezis de uma página , em que entra Alexandre , Cezar , Cipiam &c. Para dizer , que o dito nam quizera mostrar a sua ciencia , senam em Lisboa (2) ; nomeia Universidades sem tom nem som : faltando de Bolonha oas Paizes Baixos : de Pariz outra vez a Padua : de Espanha a Germania &c. e a cada passo mete fabulas , sem pés nem cabesa. E este justamente é o defeito , que eu acima condenava. Sobre o que me-lembro das-graças , de um omem mui douto , que foi Monsenhor Sergardi : Este quando se-achava em alguma parte , em que algum destes , que tinham lido alguma fabula , ou istoria , a-queriam introduzir ou bem ou mal ; dizia-lhe galantemente : *Diga , meu senhor , diga tudo o que tem estudado , esta noite.*

Nam falo já em alguns erros de istoria : como dizer , Que a barca de S. Pedro navegou polo Tibre : Que por-ele tambem intraram , as Troianas galés de Eneas : e outros semelhantes (3). Um bocadinho que estudasse mais de Istoria , e Geografia , lhe mostraria , como as coizas ou foram , ou nam foram : e lhe-enfinaria , que o lugar em que desembarcou Eneas , nam foi o Tibre , polo qual nunca navegou. Chama aos Romanos,

T ii

de-

(1) Pag. 27.

(2) Tag. 46.

(3) Pag. 55.



decendentes de Eneas , e Ascanio. como se Eneas fosse o Noé dos-Lavinios , Albanos , e Romanos ! Mas a isto chamo eu venialidades : o que nam posso sofrer , são outras falsidades , que diz naquele panegirico ; principalmente quando quer sair de Portugal. Neste caso o homem transforma tudo. Um comprimento feito a D. Manoel Caietano , uma carta eicrita mais cortezmente , são autenticas provas , da sua imenia literatura. Que pouco informado é , da politica dos-outros Reinos , este Panegirista ! e quam pouco sabe distinguir , o encarecer uma coiza , e o inventala ! Pode o Reticorico dilatar , e exagerar muito um argumento : mas sempre dentro dos-limites da-verosimilidade. Ora é uma parvoice manifesta dizer , Que o Souza foi a Roma , para espantar todo o orbe literario : Que em todo o mundo se-ouviam , os brados da-sua fama : Que a Europa suspensa e admirada confesou , que excedia a sua mesma fama &c. (1) : Que a Europa confesou , que a sua erudisam era maior , que todos os encarecimentos , com que o-celebravam no-mundo , as mesmas cem bocas da-Fama (2). Isto são mentiras mui manifestas : e a isto chama-se satirizar , e nam , elogiar. Nam para aqui a galhofa : diz , Que nam se-sabe em Portugal , que os Reinos estrangeiros delem , nestes ultimos tempos , um homem , que se-posa comparar ao Souza (3). Que o-nam-saiba ele , concedo : vistoque pola sua orasam , mostra saber mui pouco : mas que o-ignorem outros Portuguezes , nego redondamente. Conheio eu omens , que sabem distinguir muito bem D. Manoel Caietano , de infinitos omens , muito mais doutos que ele.

Eu creio que D. Manoel Caietano foi douto , e soube mais , do que o comum dos-Portuguezes : aindaque eu nam posso julgar por-experienca , porque nunca o-tratei : mas pelas suas obras odiscorro : mas nam são elas tais , que ponham um homem , na primeira esfera dos-doutos. E sei eu muito bem , que a sua *Expeditio Hispanica* , é mui pouco estimada em muitas partes : e que nam pode obrigar , os omens mais doutos , e de uma critica purgada ; a que mudasem de opiniam , sobre a vinda de Santiago : e eu sou um daqueles , que ainda nam se pode persuadir , das-suas razoens. Mas querelo comparar , com outros grandes omens da-Europa , é mostrar , que nam intende este officio. Que semelhansa tem o P. Souza , com Petavio , Simondo , Launoi , Arnaud d<sup>o</sup> Andilly , Valois , Morin , Huet , Bossuet , Tomassin , Noris , Calmet , Mabillon , e outros muitos Catholicos ? ou com algum dos-Erejes , como Grotio , Scaligero , Ufferio , Selden , J. Gerardo Vossio , Daniel Heinsio , Dallé , Samuel Petit , Saumaïse , Bochart , Lightfoot , Hottinger , Joam Gronovi , Luiz de Dicu , e outros muitos que deixo ? os quais todos viveram no-seculo pasado , e muitos deles alcançaram D. Manoel Caietano , e morreram neste seculo ? Que semelhansa , torno adizer , em vastidam de noticias , em antiguidades ,

lin-

(1) Pag. 57.

(2) Pag. 66.

(3) Pag. 53.



línguas orientais, Teologia &c. : tanta como o dia com a noite. Estes é que foram conhecidos, em todo o mundo douto, e foram eternamente venerados. Bem mostra este Panegirista que nam sabe que coiza é erudisam, quando fala desta forte. Nam falo na Filozofia, pois todos sabem, que omens floreceram, no-fim do-seculo pasado, e no-prezente: dos-quais a D. Manoel Caietano, (que dizem era Peripatetico, ou aindaque o-nam-fosse) á bem legoas de distancia. Em tudo ic mostra o Panegirista, pouco informado do-mundo: e polo que vejo, cuido que era algum pobre Religiozo, que nunca saíra de Portugal: e assim vivia mui satisfeito da-sua terra: pois chega a dizer, que as Universidades de Portugal, até no-edificio, excedem muito, as dos-outros Reinos (1). No-que mostra intender tanto de Architectura, como de erudisam. Mui diferentemente me-falou um Portuguez, que estivera em Roma, e tinha outros conhecimentos: o qual confesou limpamente, que em materia de bom gosto valia mais uma só janela da-Sapiencia, ou universidade Romana, ou do-Colegio Romano dos-Jezuitas, que todas as Universidades, e Colegios de Portugal: e nam era encarecida a propozisam. Este é o motivo, mou amigo e lenhor, porque os Estrangeiros nam crem, em nenhum destes panegiricos: porque dizem, que os Portuguez, nam obstante que comumente sejam invejosos, e digam mal uns dos-outros; quando porem tomam o empenho de elogiar, mentem dezencaixadamente, e tudo trasformam: e até dizem mal do-outros todos, para elogiar o seu eroe. Se louvam um Santo, nam só nam á Santo igual ao seu; mas quazi chegam a dizer mal, dos-outros todos. O mesmo faz o noso Panegirista.

Que um omem fasa uma orasam mui mal: que se-explique infelizmente: que introduza na-orasam, quantas coizas leo: que ignore o estilo de elogiar, e amplificar os argumentos: que seja languido e ten grafa na composisam; que nam saiba manejar a sua lingua: que ignore a collocasam das-palavras, e armonia dos-periodos: como faz este Panegirista; nam seria grande coiza: o que nam poiso sofrer é, que tenha prezuasam desmedida, e que diga mal dos-outros, e d' aquilloque nam intende. O que se-faz nestas orasoens, e com especialidade o autor desta. Para dizer, que o Souza estudou em Portugal, e nam fora dele; emprega quatro boas paginas (2), dizendo mal, dos-que vam estudar fóra de Portugal: porquanto cá em Portugal, segundo ele diz, tudo se-acha, e muito melhor, que nos-outros Reinos. Os mesmos livros: omens mais doutos: Universidades melhores, e mais florentes da-Europa: Portugal é Reino da-Sabedoria; do-qual os Estrangeiros podiam praticar com mais razam, doque os Portuguezes deles: e outras semelhantes. E que diz V. P. a esta propozisam? á coiza mais estúpida! E concedem-se licenças, a semelhantes escritos! Senhor Panegirista, responderia eu, nam basta ter os livros, é ne-

ceia-

(1) Pag. 49.

(2) Pag. 47. 48. 49. 50. 51.



cesario intendêlos: e isto é o que os praguentos dizem, que muitos cá nam sabem. Todos os Latinos nas escolas lem Cicero; e poucos o entendem; muito menos o-imitam. Mas, suponhamos que o-sabem alguns; Porventura, sabem-no ou ensinam-no nessas Univerfidades? nam senhor, que eu prezenciei tudo o contrario. Alem disto, aqui nam á exercicio de linguas, Filozofia boa, Matematicas, Teologias Pozitivas &c. Istoria, Medicina verdadeira, e outras faculdades: se me-nacer alguma duvida, aquem o-ei-de proguntar? Alem disto, eã falta de exercicio é cauza, de que se-ignorem muitos livros: pois é certo, que em Portugal, nam se-conhecem livros bons, que sam bem vulgares em outros Reinos: e o Panegirista é um deles; que por-nam conhecer os autores, diz muita falsidade, no-seu Panegirico. Depois que se-fundou a Academia da-Istoria, quantos livros nam se-conhecem, que antigamente se-ignoravam? Concedo, que se em Portugal se-introduzilêm outros estudos, com o andar do-tempo fariam o mesmo, que nos-outros paizes: mas como ainda estamos mui longe d'esa epoca, nam é maravilha, que muitos vam estudar fóra, o que cá se-nam-sabe. Prouvera a Deus, que fosse muitos mais: e que estudasem bem: e viessem introducir esse bom gosto, em Portugal.

Quanto ao que diz o Panegirista, que os Estrangeiros podiam aprender, dos-Portuguezes: tem muita razam: mas deixo a V. P. o-determinar, se á-de ser em armas, ou letras. Se ele soubese o conceito, que aqueles tem dos-Portuguezes, ficaria mui admirado. E para nam buscar exemplos remotos, direi a V. P. que eu falei em certa Cidade, com um Religiozo, que viera instruir em Rilhafoles, os ordinandos: e me-dise, que ficara pasmado, de ver a ignorancia destes paizes, principalmente dos-Clerigos: muitos dos-quais, nam obstante terem fama de doutos, necessitavam aprender, os primeiros rudimentos da-Fé. Este falava por-experiençia; pois estivera dois anos em Portugal: era alem disto um omem de virtude, e mui moderado no-falar. Veja V. P. que conceito eles tem disto. Pode-se notar no-mesmo Panegirista, a incoerencia: Quando lhe-tem conta, para avultar a ciencia do-Souza; Roma é uma Cidade cheia de omens doutos: a Arcadia é uma coiza famosissima: é um congreso de Virgílios, e Oracios. Quando nam lhe-tem conta, os Estrangeiros nam sabem nada: e tudo podem aprender, dos-Portuguezes, quem intenderá tal omem! Em uma palavra, este omem cuida nam fez coiza pior, na sua vida. Todas as comparaçoens que faz, sam arrastadas, e inverosimeis: as exclamaçoens, que frequentemente introduz, fóra do-propozito, e do-lugar: as parentezis longuissimas, superfluas, e insoportaveis: a fraze afetada, mas sem elevasam ou nobreza; repetindo em cada regra a *Ilustrissima*, a um Religiozo, e a um morto. Finalmente nam sabe dar forã, aos argumentos que traz, dilatando-os com artificio retorico.

Mas nam quero falar mais nesta materia, porque parece que fãso gran-



grande cazo, de uma coiza que o-nam-merêce. é fazer grande favor ao autor, criticar-lhe os defeitos, que sam infinitos. Antes devo pedir a V. P. perdam, de o-ter demorado, com semelhante orasam: o que fiz por-duas razocns: Primeira, paraque V. P. visê, a infinita distancia que poem, entre fermam funebre na igreja, e orasam funebre na academia: como se os preceitos da-Retorica foem diferentes! Segunda paraque visê pintados em uma só orasam, todos os defeitos que lhe-tenho apontado, reinarem nestes paizes: pois sendo este um dos-modernos, caie em todos eles, nam dizendo o que deve; e dizendo o que nam deve. Os quais sam mui consideraveis defeitos, de Retorica.

O que até aqui tenho exposto a V. P. bastantemente mostra, o que eu tinha proposto: e dá uma verdadeira ideia, do-que é Retorica, em que se-deve uzar, e como se-deve uzar. É com efeito menos ainda bastava: poisque tendo V. P. grande comprehensam de materias, e mais que tudo, formando juizo exato das-coizas; nam lhe-podem ser ocultas, estas que aponto; e nam pode deixar de falar, com belissima Retorica. Mas á juizos tam sepultados na materia, que nam podem considerar outras coizas, senam aquelas que uma vez viram: nem receberam a verdade mais clara, e demonstrada, senam é proposta com aqueles termos, e por-aquelle metodo, que uma vez ouviram. Isto me-obriga a fazer alguma reflexam, sobre as partes da-Retorica, ou sobre estas Retoricas uzuais, e principalmente sobre o estilo do-pulpito: vistoque nestes paizes, para isto inclinam mais: e nisto é que necessitam, de melhor diretam; para os-livrar daquelles ridiculos prejuizos, de que estam cheios.

#### M E T O D O D E P E R S U A D I R.

Manifesta loucura é persuadir-se, que é necesario saber tudo, o que dizem as Retoricas, para ser Orador (1). Já adverti a V. P. que estas Retoricas comuas, eram pola maior parte uma lista de nomes, e divizocns, impertinentes de se aprenderem, e difficultozas para se-conservarem: mas tudo isto podia succeder, aindaque a materia fosse boa. Porem eu nam paro aqui, mas digo, que nam só polo modo com que o-dizem, mas isto mesmo que dizem, tem pouquissima ou nenhuma utilidade; e nada conduz para o fim, de falar bem, e persuadir. É digo da-maior parte delas, o que lá disse Cicero de outra Retorica, que escreveu Cleantes, *Que para nam saber falar, nam avia coiza melhor* (2). Sam finco as partes da-Retorica: procurar meios de persuadir: dispolos: falálos bem: estudálos de me-

(1) *Ego hanc vim intelligo esse in præceptis omnibus, non ut ea secuti oratores, eloquentiæ laudem sint adepti: sed quæ sua sponte homines eloquentes facerent, ea quosdam observasse, atque id egisse. Sic esse non eloquentiam*

*ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum. Cicer. l. I. de Orat. num. 32.*

(2) *Scriptit artem Rhetoricam Cleantes, sed sic, ut si quis obmutescere concupierit, nihil aliud legere debeat. Cicer. lib. I. de Orat. num 7.*



memoria: e pronuncia-los com as acoens que se-devem. A isto ajuntam, os trez meios de persuadir, que sãnt as provas, os costumes, e as paixoens dos-ouvintes. Dizem alem diso, que qualquer discurso oratorio deve ter exordio: depois, narrar o fato: depois provalo, e responder aos motivos contrarios: finalmente perorasam, na qual se-faz um epilogo dos-motivos, e se-excita novamente, o animo dos-ouvintes. Tudo isto é verdade: mas se pararmos aqui, pouco saberemos de Retorica. Eu direi alguma coiza da-*Invensam*: sobre as outras, reporto-me a eses livros comuns; e só tocarei, o que me-for necesario.

Para buscar argumentos ou provas, que persuadam, o que pretende o Orador; propoem os Retoricos uma lista de nomes, a que chamam, *lugares comuns*: os quais ensinam, considerar o argumento de tantas partes, e volta-lo de tantas maneiras, que seja facil, dizer muita coiza do-tal fugeito. Confeso, que estas consideraçoens genericas, dam materia para falar muito; e em tal ou qual cazo, podem nam ser inutis: mas seguinto o parecer dos-omens de exata critica, constantemente digo, que estes lugares nada menos ensinam, que a falar bem: fuministram ideias gerais, palavras sem sustancia, narizes de cera, que se aplicam a tudo, e nam persuadem nada em particular. Um destes que cre muito nos-*Topicos*, falará uma ora inteira, sem dizer coiza alguma com propozito: justamente como os Logicos da-Escola. Estes escrevem longuissimos tratados de *Syllogismo*, dam mil regras, para discorrer com propriedade, e sem falencia, e para provar tudo o que ocorrer. A ouvilos na cadeira, julgará um omem, que sam letrados universais; mas introduza-os V. P. em um discurso particular, e verá que tudo aquilo é palhada: concluirám um discurso pior, doque nam fará um oficial ignorante. Muitas vezes nam sabem nem comesá-lo, nem acabá-lo: e se lhe-metem a pena na man, é lastima ver, como escrevem as suas razoens. O mesmo Cicero, que tam apaixonado era pola Retorica, e seus preceitos, que escreveu um livro dos-*Topicos*; contudo reconhece, que é necesario muito juizo, para se-servir destes lugares, em modo que nam digamos parvoices (1).

Quem pois reflete nisto, intende o conceito que se-deve fazer, de semelhantes *lugares*. Se nam fosse permitido falar, senam naquilo que se-sabe, a maior parte destes, que fazem profisam de falar em publico, ficaria calada. Ninguem é capaz de discorrer em uma materia; se é que

(1) *Judicium igitur adhibebit: nec inveniet solum quid dicat, sede etiam expendet. Nihil enim est feracius ingenii: iis praesertim, quae disciplinis exculta sunt. Sed ut segetes foecunda & uberes, non solum fruges, verum herbas etiam effundunt inimicissimas fru-*

*gibus: sic interdum ex his locis aut levia quadam, aut caussis aliena, aut non utilia gignuntur: quorum ab oratoris judicio delectus magnus adhibebitur alioqui. Cicer. Orator. num. 15.*



a-nam-tem estudado fundamentalmente : e nunca poderá deduzir , boas con-  
sequencias , se acazo nam posue bem , os principios. Pode um Fizico estar  
cheio de filogismos , até os olhos ; ter lido quantas ridicularias se-tem dito ,  
sobre os appetites da-Materia ; se acazo nam tem bem examinado , as expe-  
riencias : nam poderá explicar , qualquer uzual fenomeno. Pode um Teo-  
logo saber , a quinta essencia da-*fôrma filogistica* : mas senam sabe bem ,  
em que textos se-fundam os Dogmas , nam sera Teologo senam de no-  
me.

Isto suposto , a primeira e importantissima regra da-Invensam é ,  
intender bem a materia , que se-trata (1) : porque só assim facilmente se-  
incontram , os argumentos proporcionados ao fugeito : e tam facilmente  
se-incontram , que naturalmente se-apresentam , caiem da-boca , e da-pena.  
Este é o grande defeito , destes Pregadores Portuguezes. Propom-lhe uma  
materia , que eles ignoram : e em lugar de estudarem o que devem , for-  
mam logo ideia , do-que querem dizer ; e despois procuram os textos , que  
façam ao intento : e se os-nam-acham , violentamente os-arrastam : porque  
finalmente , seja como for , deve-se provar , o que se propoz. Ora a Es-  
critura nem sempre dá textos literais , para confirmar todas as chimeras ,  
que os Pregadores propoem : e assim é necessario recorrer , a algum des-  
tes comentadores Peripateticos : muitos dos-quais adotam nos-comentarios ,  
as sutilezas : e , se falta este , nunca falta um destes Asceticos , que pro-  
vãam tudo o que querem : e temos o sermam feito. Se o Pregador tivesse  
estudado a materia , conheceria , que verdades importantes , como sam as  
da-religiam , nam se-podem provar com sutilezas , mas com razoens solidas :  
razoens solidas nam se-podem achar , para provar conceitos ridiculos : de  
que vem , que necessariamente um omem que sabe a materia , deve des-  
prezar estas puerilidades ; e considerar todos os sermonarios , talhados por  
esta medida , como livros que nam se-devem ler.

Que seria do mundo retorico , se todos os omens um dia , abri-  
sem os olhos ! Eu seguro a V. P. que de cem mil livros , que se-acham nest-  
ta materia , pouquissimos se-poderiam conservar ; e alguns deles só por-fa-  
zer favor , aos seus autores. Pois aquilo que entam fariam todos , devem  
oje fazer os omens , que se-querem aproveitar a si , e aos outros. Quando  
eu era rapaz , e samente conhecia os autores polo sobre-crito , considera-  
va mais felizes , e doutos aqueles omens , que possuãam mais livros , doque  
os que tinham menos : porque , dizia eu , aqueles gozam a lisam , de mais  
autores , e de mais omens insignes. Naquele tempo , *Escritor* , e *Doutor* ,  
eram sinonimos no-meu Vocabulario. Eu era um daqueles , ( que por-nosos

TOM. I.

V

pe-

(1) *Volo enim prius habeat orator quidque dicat , aut quomodo. Idem. rem , de qua dicat , dignam auribus eruditis ; quam cogitet , quibus verbis* ibid. num. 34.



peccados, ainda vemos oje tantos) que medía a Ciência a palmos: quanto mais livros, mais ciência: e o livro maior sempre me parecia, tezoiro mais precioso. Mas depois que me-familiarizei, com aqueles mortos: que revolvi muitas, e grandes livrarias: que consultei omens doutísimos: que li atentamente os Criticos: e finalmente que tomei o trabalho de examinar, com os proprios olhos, o merecimento de muitas das-ditas obras: transformei-me neste particular: e formo tam diferente conceito do-mundo; que se explicasse tudo o que intendo, nam conservaria tam boa correspondencia, com tanta gente. Ora isto que se-pode dizer, de toda a sorte de livros, applico eu oje aos sermoneiros, e outros que tratam de Retorica: e conclho, que pouquissimos destes livros se-podem ler, e ainda eles com cuidado.

É coiza digna de observar, que nestes paizes, a maior parte dos-que estudam, confundem o *Ingenho*, com o *Juizo*: o *Juizo*, com a *Doutrina*: esta, com o *Criterio*: sendo coizas na verdade bem diferentes. Pode um omem ser ingenhozo, porque pode unir diferentes ideias que elevem, ao que chamamos *Ingenho*; e nam ter uma oitava de *Juizo*: porque finalmente o *Juizo* é aquella faculdade da-alma, que sepára uma coiza da-outra, e conhece cadauma, como é em si. Pode este omem ter *Juizo*, e nam ter *Doutrina*, porque nam tem estudado. Pode ter alguma *Doutrina*, e nam ter aquella que é necessária, para formar bom *Criterio*. Isto parece-me bem claro. Mas nam o-intendem assim aqueles, que por-verem um, que ideiou varias chimeras, e formou algumas ideias futis, mas ridiculas; logo o-batizam, por-omem de juizo, e grande doutor. E daqui entam nace, que as ideias daquele tal omem, sam recebidas com mais respeito, do-que nam eram as respostas, em Delfos. Mas, tornando ao argumento.

Para persuadir, quer-se em primeiro lugar, boa Logica, que dé os verdadeiros ditames, para julgar bem (1): em segundo lugar, um juizo claro, que os execute. Sem estes primeiros principios, sam superfluos todos os ditames. Da-Logica em seu lugar falaremos. Decendo pois ao particular digo, que só a *verdade* ou *verosimilidade*, é a que pode persuadir um omem; e é aquella valente arma, com que nos-acomete a *razam*. Ninguem deixa de se-persuadir, de uma verdade clara. Verdade é que muitos se-persuadem, da apparencia: mas tambem é certo, que os-move a verdade, que nela imaginam. Assimque só a verdade é a que persuade, quando se-lhe-dá atensam. A forsa que os omens fazem, para divertir os olhos do-

(1) *Esse igitur perfectæ eloquentis puto, non eam solum facultatem habere, quæ sit ejus propria, fuse, lateque dicendi; sed etiam vicinam ejus atque finitimam: dialecticorum scientiam assumere.* Cicer. Orat. n. 32.

Et infra = *Nec vero dialecticis modo sit instructus, sed habeat omnes Philosophia notos, & tractatos locos... nihil, inquam, sine ea scientia, quam dixi, graviter, ample, copiose dici & explicari potest.*



do intendmento, para outra parte; é a que impede, que a verdade nam triunfe, produzindo o seu effeito, que é a persuazam. Nisto é que está o empenho do-Orador, em descobrir a verdade: mostrála em toda a sua clareza: e manifestar o erro oposto. Nisto se-distingue o verdadeiro Orador, do-Declamador. Este contentando-se das-aparencias, veste o *erro* com a mascara da-*verdade*: o Orador porem descobre e manifesta o *erro*, e poem a *verdade* em toda a sua luz.

Orar nam é enganar, é fim introduzir no-animo, alguma verdade importante. Mas muitas vezes os Oradores, tem mais necessidade, de convencer o erro, doque estabelecer alguma verdade notoria. Ninguem toma o trabalho de persuadir, que Deus castiga e premeia: isto sabem todos os ouvintes: o ponto está em mover os omens à penitencia, mostrando o grande erro, de a-defirir para a ora da-morte. Em descobrir o erro, é que deve cuidar muito o Orador. Os omens nam se-enganam nas consequencias, porque comumente deduzem-nas muito bem: o em que se-enganam é, nos-principios; porque, por-falta de exame, recebem uns falsos, como se fossem verdadeiros. Deve pois o Orador mostrar a falsidade destes principios. deve mostrar-lhe em que disseram bem, e em que faláram enganados. Desta sorte mostrando-lhe a verdade, se a materia o-pede; ou, se é notoria, descobrindo-lhe bem o erro, se-consegue o fim da-persuazam.

Mas nam basta isto, para persuadir: e sam necessarias outras circunstancias, para introduzir no-animo, a verdade. A primeira é, a atensam. Que importa, que o Sol alumeie o Mundo, se eu depropozito me-retiro em uma caza oicura; ou polo menos, nam dou atensam aos objetos, que se-me-propoem? Damesma sorte importa pouco, que a verdade seja notoria, e o erro muito bem convencido; se eu nam faso atensam para uma, nem para outra coiza. Deve pois com cuidado o Orador, excitar a atensam: e como as coizas ordinarias, nam conseguem isto, mas fim a singularidade e novidade; deve o Orador, vestir isto mesmo que diz, de uma certa novidade, que o-reprezente singular. As Figuras dam esta novidade às coizas: e por-isto elas sam, as que movem muito a atensam: dando a intender, que o objeto é novo, é grande, é singular. Certo amigo meu, descrevendo a cara de uma mulher, igualmente feia, e desvanecida; soube dar tal novidade a este assumto, que é bem umilde, e estéril; que com gosto se-lia a descrisam, do-principio até o fim. Porei aqui um soneto, que fez ao dito assumto, e que tem o mesmo artificio.

*Es feia: mas desorte, que orroroza*

*A tua vista é bela a feialdade.*

*Mas tens fortuna tal, que a enormidade*

*Te-consegue os tributos de formoza.*



*Cara tam feia, coiza tam pasmoza*  
*Todos observam, e move a raridade,*  
*Nam desperta o coraun, a curzidade:*  
*Ser rara, é que te-adula vaidoza.*  
*Ama-se o Belo, e cega o mesmo afeto.*  
*O Feio, pois nam liga o pensamento,*  
*Deixa miudamente ver o objeto.*  
*Ifo faz, que se-observe ese portento.*  
*Quanto estás obrigada, a ese aspeto;*  
*Se no-enorme te-dá merecimento!*

O outro importante ponto, de excitar a atensam é, nam mostrar o objeto, que se propoem, senam quando a atensam, ja nam é necelaria. Embebido o omem da-curiozidade, de saber o que se-propoem, vendo sempre coizas novas, e que prometem deispois de si, outras maiores; vai seguindo com a consideraçam o Orador, atéque lhe-explique, a inteira su-tancia do-negocio. Assim se-conserva o ouvinte atento; e, estando atento, se-lhe-introduzem, as verdades que se-querem. Nos-Poetas de algum nome verá V. P. este artificio, bem executado: e tambem em muitos Pro-zadores. O mesmo Gracian no-seu Criticon, ingenha desorte a narraçam, das-figuras que introduz; que acaba o capitulo, quando se-á-de explicar, algum grande fato: e rezervando a soluçam, para o seguinte, conduz o leitor, desde o principio até o fim, sempre com curiozidade de ler. Este tambem é o artificio mais comum, das-oraçoens de Cicero, e de alguns Oradores modernos, que o-iouberam imitar: como eruditamente adverte, um grande Retorico da-minha Religiam (1). E nisto é que se-distingue o Orador, do-Filozofa. Ambos tem por-objeto, a Verdade: mas o Filozofa nam coituma, mover a vontade: contenta-se, de expor as razoens: po-rem se acazo nam acha um leitor, sem prejuizos e preocupaçoens, nam conclue nada. Mas o Orador move as paixoens: excita a curiozidade: mos-tra a verdade de tantos modos, com tanta clareza, com tanta eficacia: desfaz os prejuizos com tanto estudo; que finalmente convence o ou-vinte.

O 3. ponto importante é, saber ganhar a vontade, ou insinuar-se, no-animo dos-ouvintes. A Uerdade, diz o proverbio, é amargoza: e uma verdade nua e crua, proposta a uma peioa, que as-nam-coze bem, é dura de digerir. Deve pois o Retorico, insinuar-se galantemente, no-animo dos-ouvintes: propondo-lhe a verdade, vestida de um tal modo, que ele a-admita, quazi sem advertir. V. P. ja sabe, que as pirolas de quinaquina, e outras tais amargozas, se-cobrem com marmelada, ou obreia branca, para se-engulirem sem dificuldade. Eu sei muito bem, que este negocio, nam está na esfera, de todos os Pregadores. Requer grande pra-

tica

(1) Fra Gianangelo Serra, Capucinho de Faenza, na sua Retorica &c.



tica do-mundo : grande conhecimento dos-omens : do-modo com que obram, e com que se-excitam as paixoens : finalmente uma Filozofia particular, que descubra a origem de todos os movimentos do-animo : lilam de bons autores : e perfeita sagacidade : quaidades todas que pouquifimos chegamos a conhecer, quanto mais posuir.

Julga-se comumente, e nam sem razam, que o conceito que os ouvintes tem, da-virtude e merecimento do-Pregador ; conduz muito, para se-persuadirem. Quem vai ouvir um homem, de quem é fama comua, ser muito santo, ou muito douto ; vai meio convertido, ou persuadido. Em todas as Aldeias, á-de aver um barbeiro, que julgue de sermoens : o qual é estimado, como o homem mais inteligente. Os Aldeioens talvez nam ouvem, o que diz o Pregador ; mas estam atentifimos aos movimentos, que faz o barbeiro : se este aprova o discurso, o Pregador é famoso. Assim se-vive nam só nas Aldeias, mas tambem nas Cidades. Sam poucos os homens capazes, de julgarem por-si : mas vem, ouvem, e julgam, pelos sentidos dos-outros. A prevençam pois com que se-ouve um homem, é aquella que, entre a maior parte dos-omens, decide do-seu merecimento : e esta tal opiniam de merecimento, é a que faz receber com agrado, os discursos : os quais, quando nam acham opozisam no-animo, produzem todo o seu efeito. E assim deve o Pregador, mostrar-se digno de o-ser : deve pregar primeiro com as obras, que só entamos seus discursos, serem bem recebidos, e os seus ouvintes ficarem persuadidos, do-que lhe-propoem. Mas devem estas virtudes ser verdadeiras, porque sem isto, nada concluem.

Em 4. lugar, deve cuidar muito o Orador, em nam ofender com palavras, os seus ouvintes. Os Omens nam gostam, de repreensõens publicas : e parece que com razam. Tudo se-pode persuadir, com bom modo : e facilmente concordamos no-que nos-dizem, se ouvimos as razcens, propostas com amizade, e com brandura : e propostas por-um homem, que nam faz vaidade da-Eloquencia : que nam ostenta triunfos : mas que utilmente se-serve dela, para nos-inclinar, para onde devemos.

Em quinto lugar, é necessario tambem, mostrar aos ouvintes a utilidade, daquilo que lhe-propoem : mostrar-se parcial dos-seus intereses, para os-poder trazer, para a parte contraria. Nós facilmente damos orelhas áqueles, que intendemos obram, polo noso mesmo motivo ; e estam persuadidos, da-mesma paixam. Por-isto é muitas vezes necessario, nam condenar tudo quanto eles dizem : louvar alguma parte, para podermos condenar a outra, com mais eficacia, e efeito. É necessario, saber dizer mal nas ocaziõens, modificando a censura, com alguns elogios. Observei sempre, que um homem que nega tudo, ou concede tudo, nam conclue nada. Devemos dar lugar á prevençam ; e algumas vezes dar tempo á colera : esfogada a qual, entam é que pode ter lugar, a persuazam. Para isto requer-se doutrina, prudencia, a fabilidade, e outras muitas virtudes.



Deve em 6. lugar, saber excitar propriamente, as paixões; e inspirar aquelas que são próprias, para mover o Homem. São as paixões as que nos movem: e não a coisa, que não possa fazer um homem, se acaso se lhe excitou, a paixão proporcionada. Nisto pois é que deve estudar o Orador: inspirando aquelas, que são necessárias, para abraçar a verdade que propoem. Para isto é necessário, estudar bem as paixões do-animo; porque, sem estas machinas, é certo, que nada obram os Homens. Isto que até aqui temos dito, abraça todo o genero de orações, e sermoens: mas especialmente se-devem notar algumas coisas, para a eloquencia do-pulpito: que compreende duas fortes de orações, Panegiricas, e Morais.

Em primeiro lugar é uma ridicularia e impropriedade, tomar um texto da Escritura, para fazer um panegirico Funebre. Não é o assunto, explicar a Escritura: mas sim engrandecer, as virtudes todas daquele homem; para que todos o-imitem: e consolar o auditorio da-sua perda, com a vista dos-monumentos, das-suas singulares prerogativas. Onde deve-se descrever a vida dele; tomando as ações mais famozas, e deixando menudencias ridiculas, que não dam maior ideia, da dita pessoa. Devem-se narrar, e engrandecer as ações: deve-se na exageração empregar todo o artificio da-Retorica; sem degenerar naquelas ridicularias, que todos os momentos vemos: a Historia, o exemplo pode dar novo lustre, às mesmas virtudes. Mas sempre devemos ter diante dos-olhos, que uma coisa é oração, em que se-periuade, a execução da-virtude; e outra panegirico: naquela tem lugar, os textos da-Escritura; nesta de nenhuma sorte. Em uma palavra, todo o artificio que se-deve praticar, em todas as orações exorativas, que ou louvam, ou vituperam; consiste em narrar, e amplificar. Desorteque, para não fazer historia, deve não só narrar; mas de tal sorte distribuir a narração, que depois de narrar um fato, ou uma serie de fatos, que pertencem ao mesmo ponto; os-amplifique: e assim mostre o seu juizo, na narração; e a sua eloquencia, na amplificação (1). Como todas as orações do-genero demonstrativo, tenham estado de comparação, porque não se-disputa, *an-res sit*, mas *quanta sit*: deve ser o principal artificio do-Orador, introduzir a controversia conjectural; com que manifeste, a grandeza da-ação, considerando miudamente todas as coisas, que a-podem revelar. Depois, conjecturar das-virtudes passadas, o que ele faria nestas, ou em outras circunstancias &c. Podem também nestes panegiricos ter lugar, diversos outros artificios, de controversia Definitiva, Transla-

(1) *Conficitur autem genus hoc ditionis narrandis exponendis que facilis, sine ullis argumentationibus; ad animi motus leniter tractandos magis, quam ad fidem faciendam, aut confir-* mandam accommodata. Non enim dubia firmantur: sed quæ certa, aut pro certis posita sunt, augentur. Cicero de Partit. Orat. n. 21.



tiva, e Judicial; praticados polos antigos Retoricos: os quais conduzem muito para este mesmo fim.

Quanto à disposição dos argumentos, aconselha Cicero, que primeiro se-toquem, os bens externos, quero dizer, da-gerasam: depois, os do-corpo, e os do-animo. Quanto às aloens, que ou se-figa a ordem dos-tempos, ou se-reduzam a diversos titulos de virtudes (1). Desta sorte narrando, e amplificando, se-poderá formar, um panegirico perfeito.

Pasando daqui aos panegiricos de Santos, em quanto se-puderem evitar temas, será mais arrezoado: mas quando ou o costume, ou o genio obrigue, a tomar algumas palavras da-Escritura; nam é necessario, eiqnadrinhar profecias, nem procurar de acomodalas literalmente: basta, que as ditas tenham alguma analogia, com a materia de que se-trata. Pode-se seguir a sentença da-Escritura, para comecar o sermão; sem a-introduzir novamente, no-corpo dele. Isto tenho visto fazer, a omens muito grandes: e parece-me que um tal exemplo, se-deve preferir aos outros. No-corpo da-obra, deve-se seguir o mesmo estylo, das-outras orações laudatorias; narrar, e amplificar. Mas como a vida dos-Santos principalmente antigos, e ja nota a todos; para evitar o fastio a estes delicados, pode escolher uma ou duas aloens mais famozas, e delas formar o seu panegirico. E este metodo é o mais frequente, quando se-fala em Santos antigos: cujas aloens todas ou são bem notas, ou deles somente sabemos, uma ou outra virtude, mas publica a todo o mundo: ou algum grande privilegio, concedido por-Deus ao dito omem: e este o-engrandecem, com todo o artificio da-Retorica. Mas nos-modernos, cuja vida nam é mui notoria; é melhor, seguir a ordem dos-tempos, ou virtudes, e explicar toda a vida do-Beato. O grande Orador *Paulo Segneri*, pregando de S. Estevam, engrandece a virtude deste Martir; com varias considerações. 1. ser S. Estevam o primeiro, que dese a vida pela Fé. 2. tela dado por-uma fé, que entam comecava, e era ainda desconhecida. 3. tela dado nam só sem esperança, de receber aplauzos, mas com certeza moral, de experimentar oprobrios e derrizoens. 4. ter dado o proprio sangue por-um, de quem nam tinha recebido, tam privilegiados favores, como recebêram os Apostolos. 5. porque uma tal asani mereceo, comunicar a Paulo, e outros que o perseguiam, a sua meima fé. Com este exemplo, se-podem teer mil panegiricos: advertindo muito, que estes pontos, nam se-devem provar separadamente, como fazem neste Reino; porque este metodo destrue, a uniformidade do-sermão, e impede o exercicio oratorio: mas de um se-deve pasar a outro, de modo tal que, sem advertir o ouvinte, se veja introduzido na

(1) *Deinde est ad facta veniendum: aut multa & varia facta in propria quorum collocatio est triplex: aut enim virtutum genera sunt dirigenda. Cicero ibidem n. 23.*  
*temporum servandus est ordo: aut in primis recentissimum quodque dicendum:*



considerasam, de uma nova prerogativa; com que o Pregador vai requintando, as virtudes que narra; e leguidamente o-conduz ao fim, de o-persuadir, que é grande o fugeito, de que se-trata. E nisto se-compreende tudo, o que pertence ao genero laudatorio, quero dizer, aos sermoens em que se-louva alguma pessoa, ou alguma asám de piedade.

A outra especie de sermoens, a que chamam *Morais*, podem em certo modo pertencer, ao genero demonstrativo: o qual nam só comprende, os que louvam alguma asám, mas os que vitupèram outras: conio sam os maiores, que pintam o *Vicio* mui feio, para mover os Omens, a que abrasem a *Virtude* oposta. Mas como nisto entra a persuazam, e admoestafam, que sam proprias do-genero deliberativo; podemos chamar-lhe, mixtos de ambos os generos. Mas chamem-lhe como quizerem, o mesmo artificio, que asima disemos, se pratica nos-outros; deve praticar-se nestes, com sua proporfam: quero dizer, que se-tome um assunto singular, e proprio do-que se-quer dizer; e que se-busquem argumentos, e se-dilatem demaneira, que sempre se-vá subindo; para chegar a persuadir-se, o que se-quer. Isto suposto deve o Pregador, fugir de dois extremos: um, de querer agradar muito, dizendo galantarias, e enchendo a orasam de pensamentos futis, de applicasoens chimericas, e outras coizas destas: outro, de nam querer agradar coiza alguma, como fazem certos misionarios, que propoem as verdades tam nuas e cruas, que infinitamente dezagram. Contra os primeiros, ja asima dise alguma coiza, repreendendo as afetafoens, onde nam entram: sendo certo que nam entram tais coizas, em materias tam fezudas e graves. Mas porque á muita gente, que, querendo fugir do-primeiro defeito, caie no-ultimo; e para cubrir a propria ignorancia, despreza todos os ornamentos da-Retorica; é necessário mostrar a estes, o seu ingano, com o exemplo dos-omens doutos, e pios.

O Pregador Evangelico deve instruir, e mover: e nam se-irfinuando, no-animo dos-ouvintes, nam consegurá o persuadilos. Onde, diz com muita razam S. Agostinho (1), que o Orador Cristam deve saber uzar, dos-livros dos-Etnicos; principalmente dos-Reticos, para agradar, e persuadir: o que prova com exemplos, de muitos Padres, que fizeram o mesmo. Semelhante pensamento expoem S. Jeronimo, escrevendo a Magno Orador Romano: e S. Gregorio Nazianzeno diz mui claramente (2), que todos os seus estudos profanos tinha deixado, menos a Retorica: na qual experimentava todos os dias, infinitas utilidades; e que della se-servira, e servia sempre. S. Bazilio, S. Ambrozio, e outros Ss. mui doutos nas letras profanas, praticaram o mesmo; e nas suas obras conhecemos nós, como podemos uzar, dos-tais autores. Onde deve o Pregador, ter sempre na memoria, aquelas palavras de S. Agostinho no lugar citado: *Volumus non solum intelligenter, sed libenter audiri.* e em outra parte: *No-*

*lumus*

(1) *De Doctr. Christ. lib. 2. n. 60.*

(2) *Orat. 3.*



*tumus fastidiri etiam quod submisse dicamus . . . . . Illa quoque eloquentia generis temperati, apud eloquentem Ecclesiasticum, nec inornata relinquitur, nec indecenter ornatur.* Deve alem diso o Pregador, nam só instruir, e agradar; mas principalmente mover: o que conseguirá por-meio do-genero sublime, e patetico, quando se trata de persuadir, as obras boas: porque no-saber mover é que consiste, o verdadeiro triunfo da-eloquência. É para fazer isto, nam se-requerem, como já disse sutilezas, mas razoens fortes, e bem dispostas, e exageradas. &c.

Isto é obrigasam. Quanto ao meio de o-conseguir, deve, despois de bom fundamento, nas letras humanas, ter grande lisam da-Escritura, e dos-Padres que apontamos: cujas homilias ensinam, como se-deve pregar, para tirar fruto. Nam creio, que aja Pregador ou Misionario, que queira ser mais santo, mais douto, e mais zelante, da-onra de Deus; que os que apontamos, e outros semelhantes, como S. Joam Crizostomo &c. e tendo eles praticado isto, com tanto louvor; eles tambem devem ser, os nosos mestres. Especialmente se-deve ler S. Agostinho, nos-livros de *Doctrina Christiana*, onde explica bem a materia.

Mas porque a maior parte destes, prezados de Criticos, e Retoricos, que nam sabem a istoria Ecclesiastica, nem Literaria; intenderam, que estes Padres só cuidavam na virtude, e nam sam bons para se-imitarem, na eloquencia &c. será necesario explicar-lhe em breve, quem eles eram. *Bazilio Cesareense*, ou Magno, de quem aqui falamos, estudou muitos anos, na mais famosa escola, que era Atenas. foi um dos-mais famosos Filozofos, Gramatico, e Retorico insignifimo. as suas homilias sam um perfeitissimo modelo de eloquencia: e o grande Photio chega a dizer, que se-podem igualar, a Democstenes. Leva a palma principalmente, nos-Panegiricos. *Gregorio Nisseno* seguiu as passadas, de seu irman *Bazilio*. foi publico professor de Rêtorica, e insigne Filozofo: e tam amante das-letras, profanas, e especialmente da-Retorica, que S. Gregorio Nazianzeno, amigo comum de ambos, na carta 43. condena, este seu nimio estudo. O estilo dele é sublime, e juntamente agradavel. *S. Gregorio Nazianzeno* foi condicipulo, e amigo de S. Bazilio. Na eloquencia querem muitos, que exceda ao mesmo Bazilio. finalmente é tam sublime na pureza, e elegancia; que o grande Erasmo diz, que nam se-pode traduzir bem em Latim, por-causa da-magnificencia &c. *S. Ambrozio* era eruditissimo em Grego, e Latim, mais doque comumente se-nam-cre. o seu estilo é concizo, e agudo, e quazi semelhante ao de Seneca; aindaque melhor. Nam era grande Retorico: mas é fluido, e proprio para convencer os erros com doutrina, piedade, e gravidade. *S. Jeronimo* todos sabem que era um homem eloquentissimo, em Latim, e Grego &c. e mui versado nos-livros dos-Etnicos, e na Filozofia Grega, e Istoria; e sumamente veemente: Onde pode-se aprender nele, muita coiza boa. *S. Agostinho* aindaque nem na pu-



reza da-lingua, nem no-estilo seja igual a Jeronimo, e outros assim; contudo na fútileza, e no-mesmo tempo na profundidade do-juizo, talvez o-excede. Certamente que ainda que foye, professor de Retorica, nam fez grande aproveitamento; nem chegou à erudisam dos-outros. Mas dele se-pode aprender muito: principalmente nos-ditos livros de *Doctrina Christiana*, em que ensina que dotes se-requerem, para interpretar bem as Escrituras; e fazer as outras obrigaçoens de um Ecclesiastico. Assim que dele se-podem aprender, muitos ditames. *S. Joam Crizostomo* tambem era doutissimo. Alem da pureza da-lingua, que parece um verdadeiro Atico, une trez coizas admiravelmente; que sam a facundia, a erudisam, e a facilidade: de sorte que ninguem tratou as materias, com mais clareza, e naturalidade. Alem disto é singular nisto, que acomodou a sua doutrina, à capacidade dos-ouvintes; e por-isto agrada a todos: em modo que para pregar ao povo, as suas obras ensinam muito. Estes sam os santos, que propomos ao estudante; e nam só porque sam Santos, e mui verfados nas doutrinas sagradas; mas especialmente porque o-sam nas profanas: com as quais formaram o bom gosto, e intendèram melhor as sagradas. Porque muitos nam tem, estes principios de letras humanas, applicadas às divinas; por-isto vemos tantos Pregadores, que nam sabem abrir a boca. E porque nas mesmas letras humanas, muitos as-nam-estudaram como deviam, nem chegaram a conhecer, qual era o bom gosto, da-Eloquencia; por-isto tambem V. P. ve todos os dias omens, que nam só nam sabem, fazer um papel soffriavelmente; mas nem menos conhecer nos-outros, as delicadezas da-Oratoria. De sorte que se-acazo lhe-mostram, uma orasam bem feita; nam lhe agrada: ou só vam buscar nela, as coizas menos soffriveis; palavrinhas, e coizas semelhantes: sem olharem para o todo da-orasam, para a proporçam, e dispozisam das-partes, o modo de dilatar os argumentos, de aclarar uma verdade; a verosimilidade dos-mesmos argumentos, e outras particularidades, em que consiste a eloquencia. A este modo pois de examinar, como eles fazem, chamo eu, julgar com os cotoveios: e tudo isto nace, de terem estudado mal.

Tambem outra coiza importante, deve advertir o Pregador, que sam asçoens. parece isto nada, e é uma principal parte na Oratoria. Nisto pecam bastante em Portugal. Vemos Pregadores, que peneiram no-pulpito, movendo os braços e maons horizontalmente, com afetaçam vergonhoza. vemos outros, que amasam, e dam estocadas com os braços, arregafando as mangas, e fazendo mil coizas e posturas improprias. Nam pode V. P. crer, quanto isto desfigura o Orador, e esfria o animo dos-que o-ouvem. Um papel bom, quando é mal representado, nam vale nada: o que todos os dias experimentamos. Bem nota é a historia de Demostenes, o qual tendo ja desesperado, de poder orar em publico, pola infelicidade da-sua pronuncia; um Comediante o animou, com a esperan-  
fa



sa de representar bem : e deo-lhe tais liçoens , que foi a cauza principal , do-grande nome , e aceitavam que ao deipois teve.

Os Romanos , que sabiam quanto importava , representar bem o seu papel , deſorte ſe-exercitavam niſto , que tomavam liçoens dos-Comediantes ; como o meſmo Cicero de ſi confeſa. E com eſteito , nam podiam tomar melhores meſtres : porque os Comicos eram tam inſignes niſto , que falavam ſomente , com as aſoens. Nos-ultimos tempos da-Republica , ſe-introduziram nos teatros , os Pantomimos : que era uma eſpecie de Comediantes , que com as aſoens ſomente explicavam , o que outro , que eſtava imovel no-fim do-teatro , dizia. Deſorteque um falava ; e o Pantomimo animava com a aſam , a exprefam do-outro. Tal era a diligencia , com que ſabiam com a aſam acompanhar os movimentos do-animo ! Iſto faziam aqueles que ſabiam , que coiza era retorica : e iſto deve fazer qualquer omem , que á-de orar em publico.

Os noſos Italianos ſam os unicos , entre todas as Naçoens , que melhor exprimam com a aſam , o que dizem : e nam ſó quando oram , mas tambem quando recitam verſos. Os Inglezes nam ſe-movem , quando recitam : os Francezes eſfogueteiam , e cantam : os Eſpanhoes choram : outros defeitos. Mas pola maior parte convem todos , que os Italianos , ſam os mais exprefivos : e um grande ingenho Francez , do-ſeculo paſado , chegou a dizer , que os noſos Italianos naturalmente eram , Comediantes. Porem em Portugal , á muita falta diſto. Dos-Pregadores é notorio , que nam ſó lhe-falta a aſam , mas até o tom da-voz , que nam acompanha com a aſam. Confeſo a V. P. que nunca pude ſofrer a aſetavam , com que muitos pregam a Paixam , ou as Lagrimas. Eſtudam uma voz flebile , mas com modo tal , que em lugar de fazer chorar , provoca o rizo : muito mais ſe consideramos o que dizem , com a dita voz flebile. Eles circumſcrevem o eſtilo patetico , na dita voz : e aſentam que ela baſta para mover. Loucuras ! O meſmo digo , quando fazem a exclamavam para o Sepulcro , nos-fermoens de Quareſima. todo o ponto eſtá , em gritar muito : pedir mil mizericordias : e com iſto ſe-contentam. Mas a falar a verdade , eſtes nam ſabem o ſeu officio. O eſtilo patetico , é a coiza mais difficultoza , da-Retorica , como confeſa Cicero (1) : e nele é que conſiſte o triumpho , e aplauzo da-eloquencia. Nam é pequena difficuldade , ou para melhor dizer , é coiza admiravel , que as palavras que profere um omem , ajam de mover em mil ouvintes , os meſmos ſentimentos , que quer o Orador : amor da-Virtude : odio do-Vicio : aborrecimento de ſi meſmo ! Que cuida V. P. que ſerá neceſario , para conſeguir iſto ? E' neceſaria doutrina admiravel : particular conhecimento das-paixoens humanas ; como ſe-excitam , e adormecem : aſoens proprias : e em uma palavra , ſaber uſar das Figuras , na ultima perfeiſam : e iſto nam ſe-faz com voz flebile , nem com

(1) *Cicer. de Orat. n. 37.*



gritarias, mas com outras virtudes oratorias. Nam digo, que quem prega estes sermoens, esteja rindo: digo fim, que deixe aquelas afetações, e reconheça em que consiste o mover os animos: qual é a asám, qual a voz proporcionada.

Mas pior que tudo é, quando recitam versos: rarissimo vi, que pronunciáse verio bem. Comumente vam detraz do-consoante, e fazem pausa, nam no-fim do-sentido, mas no-fim do-verio: o que é erro manifesto. Parece isto pior, quando recitam versos Latinos, nos-quais nam á consoante: de que vem, que um *carmen* pronunciando por-um deles, e por-outro que o-saiba ani nar com a voz, e asám, parece diferente. Este defeito deve emendar o omem, que quer ser perfeito. deve exercitar-se em caza, diante de algum amigo bem informado; para ver, se expremio bem, a asám que quer. Só assim conseguirá, ser ouvido com gosto.

Mas eu quero parar, neste ponto: porque se-deixo correr a pena, em lugar de reflexoens, escreverei um tratado de Retorica. Reconheço que já caí, no-mesmo defeito que condeno: mas a materia é tam fecunda, e as reflexoens ocoreram-me, com tanta promptidam, que nam pude deixar, de as-admetir. Direi porem a V. P., que lendo o que tenho escrito, acho que é suficiente, para introduzir um moso no-estudo, da-verdadeira Eloquencia. e quem se capacitar bem destas reflexoens; e comesar a ler os bons autores, tanto Latinos, como Vulgares; e observar neles, o artificio das-orasoens: sem ler mais outra Retorica, pode sair gravissimo Orador. Esta prezunsam nam nace de mim, mas da-mesma qualidade dos-preceitos: os quais sam tam antigos, como os Oradores: que é o mesmo que dizer, sam os mesmos que executou Demostenes, e Eschines, e Isocrates: que nos-deixou escritos Aristoteles, Demetrio, e Longino: que praticou e ensinou com tanto louvor Cicero, M. Seneca, e Quintiliano, e outros autores antigos. As Retoricas comuas nam apontam, ienam alguns omens, que eu aqui nam quiz apontar: sem saber os quais, pode um omem ser, muito bom Retorico, se souber imitar estes treslados. Como tambem pode um omem, com exata lisam de bons livros, dilcorrer bem, sem saber as especies de filogismos, que apontam os Logicos.

Neste pouco que tenho proposto, cuido que cheguei, ao verdadeiro principio da-Eloquencia. Nam aponteí o artificio, dos-diversos estados de controversias oratorias; porque nam era ese o meu argumento; nem tambem se-acha, nas Retoricas ordinarias: e somente se-pode aprender, nos-mesmos autores originaes. O meu Religiozo que asima aponto, explica muito bem estes artificios, dando os exemplos originaes: mas tambem se-demora com minucias: e como escreve em lingua estrangeira, nam é para o cazo. Outros, de que eu me-proveitei mui bem, tambem escrevem em linguas estrangeiras, ou sam dituzifimos. Neste cazo para dizer a V. P. o meu parecer, aconselho ao estudante Portuguez, que nam tem al-



guma boa Retorica Portugueza ; que , ueispois de intender bem , o que aqui lhe-aponto , tome alguma ideia , da-distribuiçam da-orasam ; a saber , exordio , narraçam , provas , epilogo : que leia brevemente , o nome das-figuras das-palavras , e do-animo : o que o mestre facilmente podia explicar. Posto isto , segue-se ler um autor Portuguez , no-qual possa fazer , as reflexoens necessarias. Mas aqui esta a dificuldade : e eu que nam costume enganar ninguem , devendo dizer-lhe sinceramente o que intendo ; digo , que nam acho algum , que possa ser modelo.

Dos-fermocens nam tenho que dizer , sendo que ja expliquei , o que eram. As orasoes Academicas , que se-lem nos-Anonimos &c. nam merecem que se-teiam. Algum elogio da-Academia Real , que é mais tolleravel , peca por-outro principio : porque é mera istoria , sem artificio algum retorico. \*\*\* E aos que respondem , que tambem os Francezes praticam o mesmo , nos-elogios dos-seus Academicos ; respondo o mesmo : que os ditos elogios sam istorias , e nam panegericos : e assim o-julgam todos , os que tem voto na materia. Li nam á muitos dias o do-Cardial *de Polignac* , que teve ultimamente seus aplauzos : e achei que o autor , se ouvese de escrever a istoria do-dito , nam se-serviria : nem de outras palavras , nem penlamentos , nem frases. Com efeito eu julgo , que aqueles omens nam querem fazer outra coiza , que explicar em breve , a vida , e merecimentos dos-seus Academicos. Onde como eles nos-dispensam , de lhe-chamar orasam , ou panegirico ; concedemos-lhe tudo o mais : mas devemos porem reconhecer , que nam sam obras no-genero Oratorio : e que nam sam para se-imitarem. Onde neste caso deve o mestre , tomar sobre si o trabalho , de explicar tudo em Cicero : servindo-se para isto do-P. *Cigne* Jezuita : o qual , seguindo o metodo de um certo Inglez , faz a analize das-orasoes de Cicero. E assim nelas deve o mestre , mostrar o artificio da-Oratoria , fazendo as seguintes reflexoens. Notar primeiro a forsa das-razoens , dispostas com boa ordem , unidas naturalmente , e amplificadas com artificio. Notar a verosimilidade das-ideias : a pureza e elegancia das-palavras : a moderasam e propriedade dos-epitetos : o numero oratorio , que consiste em certa colocasam armonioza de palavras , mas que nam degenere em verso : a introdusam das-figuras , quando é necessario excitar as paixoens : as precausoens que observa , para nam dezagradar. Observando bem isto , na lisam dos-autores , bastava para conseguir , o bom gosto da-Eloquencia.

Deve porem unir-se com isto , o exercicio. Onde o mestre comporá , uma breve orasam Portugueza , segundo as regras da-arte : e mostrará nela aos dicipulos , o artificio e galantaria dela. Fazendo-se isto em Portuguez , facilmente se-aprende : e só assim podem eles , intender bem os preceitos , e executálos. Isto nam fazem em Portugal os mestres , e quazi se-envergonham , de escrever em Portuguez : sem advertirem , que a

Re-



Retorica nestes paizes, mais se-exercita em Vulgar, que em Latim. Mas por-esta razam succede, que saiem todos da-Retorica, sem saberem dela mais, que o nome. Porem, tornando ao estudante, tendo-lhe proposto um modelo, de fazer uma breve oralam; sera necessario exercitalo. Isto facilmente se-faz, propondo-lhe na escola um assunto, e proguntando-lhe, o que eles diriam em tal cazo, para defender v. g. ou acuzar aquella pessoa. Certamente um rapaz com a logica natural, dirá algumas razoens, que lhe-ocorrem: pois vemos, que a nenhum rapaz saltam razoens, para se-defculpar dos-erros que faz, quando o querem castigar. A um rapaz pode dar, a incumbencia de acuzar, e a outro de defender. Depois que ambos tem dito o seu parecer, deverá o mestre, suministrar alguma razam mais; e ordenar aos rapazes, que as-escrevam, e façam as suas oraçoens, do-melhor modo que puderem. Isto feito, deve o mestre emendar os erros, tanto de lingua, como de Retorica; dando-lhe razam, de tudo o que faz: e variando sucessivamente aos assuntos. Desta sorte aprende-se mais Retorica, em uma semana; doque polo metodo vulgar, em dez anos.

Quando o estudante sabe bem, que coiza é Retorica, no-resto do-ano se-pode empregar, em compor oraçoens Latinas: ou traduzindo, as que compoz em Portuguez, o que é mais acertado ao principio: ou compondo outras novas. Para quem ja entende Latim, e sabe compor bem em Portuguez, isto é um divertimento, sem ter dificuldade alguma. Terá pois o mestre cuidado, de lhe-encomendar, que leia os trez livros de *Oratore* de Cicero, e *Orator ad M. Brutum*, como tambem o de *Oratoriis Partitionibus*: os quais dois ultimos sam a quinta essencia, de toda a Retorica. Encomende-lhe que se-familiarize, com as Oraçoens de Cicero, para aprender os seus modos de explicar. As outras reflexoens sam iguais, em ambas as linguas, com sua proporçam: e tambem o modo de emendar os defeitos, que os estudantes cometem. Desta sorte é sem duvida que em um ano, podiam saber muito facilmente Retorica, e mui solidamente.

Quanto aos mestres, sou de parecer, que leiam atentamente, nam só os ditos livros, que apontamos de Cicero, e alguns outros, pertencentes tambem à Retorica; mas os de Quintiliano, em que faz belissimas reflexoens, sobre ela. Valla diz (1), que ninguem pode, intender bem Quintiliano, sem primeiro saber bem Cicero: nem menos seguir perfeitamente Cicero, sem obedecer aos preceitos, de Quintiliano. O certo é, que Quintiliano é um Retorico insigne, e um grande Critico, que toda a sua vida empregou em reflectir, e ensinar: e tem maravilhoza eloquencia: e dele podem tirar os mestres, as necessarias reflexoens, para comunicar a seu tempo, aos rapazes. Se o mestre quizesse, mais alguma noticia particular, e ver as fontes, de toda a Retorica; devia ler os livros Retoricos de Aristoteles, que é o mestre nesta materia, e os ditos sam

(1) L. I. *Antidot. in Pog.*



a sua melhor obra: nela bebèram todos. Podia fervir-se da-versam Latina, se nam intendèse o Grego. A este ajunto um famoso Crititico, e Retorico, que é Dionizio Longino, no seu tratadinho de *Sublimi jilo*: em que faz admiraveis reflexoens, servindo-se tambem da-Versam (1). E quem quizele mais, podia ler o Demetrio Falero: aindaque nos-outros acha-se tudo. A estes quatro, Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino, se-reduz tudo o que á melhor na Antiguidade, sobre a Rectorica. Aconselharia tambem ao mestre, que lese os panegiricos Latinos, que temos dos-Antigos, comelando em Plinio, e pasando aos outros que se intitulam, *Panegyrici Veteres*; que cuido sãam uns quinze, compostos no-quarto, e quinto seculo: nam para os-seguir em tudo: mas para os-conferir com os antigos, ver em que diferem, e aproveitar-se deles, em alguma coiza menos má. Advertindo nestes ultimos, que o que aconselhamos nam é a lingua, que tem seus defeitos; mas algum pensamento &c. Retoricas modernas nam aconselho nenhuma, nem a dicipulos, nem a mestres: tirando o Vossio, nas suas instituiçoens Oratorias, que é famoso: o qual podia ler uns, e outros, quando quizesem particularizar, alguma noticia. Aindaque quem le, e entende bem, o livro *Orator* de Cicero, nam necessita mais: mas como é breve, pode-se permitir, ler alguma coiza mais.

Aconselharia tambem, que aprendesem bem a lingua Italiana, para lerem as famozas tradusoens que se-acham, dos-Antigos Oradores Gregos, e Romanos, feitas por-omens insignes: como tambem para lerem as belissimas obras, em materia de Eloquencia; que os nosos Italianos tem produzido, e produzem todos os dias. Ninguem nos-disputa a prerogativa, de que a Eloquencia sempre se-conservou, em Italia. Os Francezes, que nam cedem facilmente, no particular de literatura, fazem-nos este elogio. E aindaque eles abundem de omens doutos, nesta faculdade; vemos que na Italia se-conservou sempre, com mais extensam, e pureza. Quem le o P. Paulo Segneri Jezuita, o Cardial Cassini Capuchinho, e ainda a mesmo Monienhor Barberini, tambem Capuchinho, e mil outros de diversas Religioens, e Seculares sem numero; parece-lhe que conversa, com o mesmo Cicero: porque formados sobre estes antigos modelos, em nada se-distinguem, dos-originaes. Acrescentase a isto a lingua, que, depois da-Latina, é a mais bela, e armonica, para a Eloquencia. Tem mais os Modernos, outra circumstancia; vem aser, que tendo-se applicado a diversas materias, nam só profanas, mas sagradas, de que nam á vestigio, nos-antigos Retoricos; fizeram aos nosos olhos mais familiar esta faculdade, e mais facil de se-imitar: porque dam belissimos exemplos, em tudo. Desta sorte familiarizando-se muito, com os Antigos, e Modernos;

(1) Imprimio-se este autor, *Græci Fabri, Salmurii anno 1663. in. 8. ce & Latine, cum notis Tanaquilli*



nos ; observando em que diferem , e em que são louvados ; se-pode conseguir , a verdadeira Eloquencia.

Conheço , que se eu falasse com outra pessoa , que não fosse V. P. se-escandalizaria muito , que eu não aconselhasse aqui , a leitura do-P. Vieira , do-Baram Conego Regular , do-Bispo de Martiria , do-Arcebispo de Cranganor , e de alguns outros , que não aponto ; persuadindo-se , que estes homens são originaes , de toda a estimação. E não sei se V. P. , ainda que superior no-criterio aos outros , intende , que algum deles podia ter lugar , entre outros que louvo. Mas eu , meu amigo e senhor , não tenho neste parcialidade alguma ; e julgo , segundo o que intendo , na minha consciencia. Verdadeiramente é coisa indigna , de todo o homem ingenuo , quanto mais de um Religiozo : desprezar autores , que o-não-mereciam , e sejam em si mesmos dignos , de todo o louvor : mas não é menos indigno , aprovar um escritor , contra aquilo que intendo. Eu já fiz a minha solene protesta , na primeira carta , e nesta da-Retorica também ; que não pretendia defraudar ninguém , da-sua justa estimação : e novamente aqui repito , que estimo infinitamente qualquer destes Religiozos : mas eu os-distingo muito das-suas obras , que nada estimo.

É começando pelo mais famoso , o P. Vieira teve muito bom talento ; grande facilidade para se-explicar ; falou muito bem a sua lingua ; e nas suas cartas é autor , que se-pode ler com gosto , e utilidade. Quanto aos sermoens , e orações , deixou-se arrebatado , do-estilo do-seu tempo ; e talvez foi aquelle que com o seu exemplo , deu materia a tanta futilidade , que são as que destroem a Eloquencia. Nos-seus sermoens , não achará V. P. artificio algum retorico , nem uma Eloquencia que persuade. Muitos , que gostam daquelas galantarias , lendo-o farão divertidos : mas nenhum homem de juizo exato , fará persuadido delas. São daquelas teias de aranha , bonitas para se-observarem , mas que não prendem ninguém. Eu comparo esta sorte de sermoens , aos equivocados : que parecem bonitos , quando se-ouvem a primeira vez ; mas quando se-examinam de perto , não concluem nada. Porque finalmente se V. P. lê os tais sermoens , e examina as provas e artificios delas ; verá muitas coisas , que cheiram a Metafizica das-escolas : mas não achará alguma , das-que afinal aponto , como necessarias. Os exemplos que afinal aponte , são comumente tirados , dos-seus sermoens : e com eles à vista , poderá V. P. conhecer , quantas coisas eu deixei , que podia apontar. Se pois isto se-chama pregar , e pregar bem , eu o-deixo considerar , aos dezapaixonados.

O desejo que o P. Antonio Vieira , em quasi todos os sermoens mostra , de agradar ao Publico , ainda quando ás vezes o-critica ; deixa bem comprehender , que se-conformava muito , com o estilo corrupto do-seu seculo. Tinha ingenho , imaginavação fecunda , e deixando-se conduzir , do-impeto do-seu fogo , ou talvez procurando de excitar em si , uma especie de en-



de entuziasmo; rompia nas primeiras ideias, que lhe-ocorriam; que sempre eram sutis, pelo costume que tinha, de ideiar assim. Eu falo com V. P. que tem grande noticia dos-ditos sermoens, em virtude da-qual conhece, com que razam eu-digo isto: que se-falá-se com outro, seria mui facil provar tudo quanto escrevo. Mas nam polo deixar de insinuar, que a maior prova do-que proponho, é a sua decantada obra, *Clavis Prophetarum*: de que nos-dá uma ideia, no-livro que intitula, *Istoria do-Futuro*. Nette livro acha V. P., uma chimera mui bem idejada, e que a ninguem mais ocorre. Promete provar primeiro, que a-de aver no-mundo, um novo Imperio: mostrar, que Imperio a-de ser: determinar, as suas grandezas e felicidades: explicar, por-que meios se-á-de introduzir: individuar, em que terra, em que tempo, e em que pessoa á-de comesar este Imperio (1): o qual á-de ser tam grande como todo o mundo, sem iperbole, nem sinechoche (2). Prova isto, segundo diz, com uma profecia de S. Frei Gil: com o juramento d'El-Rei D. Afonso: e com outras provas deste calibre. Diz tambem, que a maior parte, á-de sair da-Escritura; na qual estam reveladas, todas estas coizas. Quanto ao Imperador, aindaque claramente o-nam-explica, dá muito bem a intender, que sairá de Portugal; porque aos Portuguezes é que propoem, estas felicidades. Alem disto em outra parte (3) declara mui bem, que este Imperador será o filho primogenito, do-Serenissimo Rei D. Pedro II. e pertende proválo com os mesmos fundamentos, com que prova o Imperio, na Istoria do-Futuro. E nas cartas que escreve, a algumas pessoas, lhe-explica, que as felicidades de Portugal, estam muito vizinhas.

Eu nam entro aqui a disputar, se estes fundamentos, (nam falo das-Escrituras, pois é loucura persuadir-se, que falam em tal materia) sejam bastantes, para afirmar tal paradoxo: é bem claro, que isto tem apparencias de comedia; e bem parece obra feita, para divertir o tempo. Mas aindaque fosse verdade, que as conquistas feitas, estivessem tam destintamente profetizadas, na Sagrada escritura; e despois do-suceſo se-intendessem; fica em pé a dificuldade, de tirar da-Escritura, as conquistas futuras, deste novo Imperador. E quanto aos expoitores que ele aponta, e ás profecias destes modernos, em que se-funda; creio nam faremos injuria ao P. Vieira, se nos-rirmos de todas estas provas, esperando, que as-procure mais fundadas. Mas o que digo a V. P. é, que na dispozifam deste livro preambulo, se-ve o estilo do-P. Antonio Vieira: porque tudo prova com a Escritura. Ainda as coizas mais triviais, as profanas, e a mesma justissima

TOM. I.

Y

exal-

(1) *Istoria do-Futuro Cap. III. dexempenhada. §. VIII. = Sermam da-Palavra do-Pregador empenhada, e defendida. §. II.*

(2) *Ibidem num. 32.*

(3) *Sermam da-Palavra de Deus*



exaltam de D. Joam IV. ele as-quer provar aos Espanhoens , com as Escrituras. O prior é, que pola major parte , funda-se em palavrinhas da Vulgata. E este é mui mau modo de interpretar : porque nam tendo Deus falado em Latim, mas em Ebraico , Caldaico , e alguma coiza em Grego ; é necesario saber estas linguas , para alcançar , a verdadeira intelligencia do-original. Sem estas preparafões , nenhum interprete se-mete a dizer , coizas novas : mostrando a experiencia , que comumente se-inganam , e só podem dizer , futilizas pouco lofriveis.

E eu creio que nam sam mui toleraveis , as que ele aqui escreve : obſervando-se ſuma contrariedade , na interpretadã que dá , aos ſeus meſmos fundamentos. Umas vezes , a decimaſexta geraſam , é o Cardial Rei D. Enrique : (1) e ainda lhe-faz a merce , de nam contar a vida d' El-Rei D. Alfonſo I. que cuida devia ſer o primeiro , no catalago. Outras vezes , a decimaſexta geraſam é D. Joam IV. ; e D. Pedro II. é a prole atenuada (2) : e como ao dito Rei nam ſe-pode aplicar , a palavra *atenuada* ; procura applicála a ſeu filho , o Principe entã nacido. Eſſe morre o tal Principe ainda menino : Neſte cazo o noſo interprete excogita a ſaida , de lhe-ir dar no-Ceo , a investidura do-Imperio (3) : e comeſa com outra metafizica pior , que a primeira. Finalmente deſpois de muitas obſervaſões , fica deſmentida a verdade do-juramento d' El-Rei D. Alfonſo : e o imperio do-mundo , que tam claramente eſtava profetizado , e prometido ao tal Principe , lá vai polos ares : e nem menos á apparencia , que ſe-torne outra vez a reſtablecer : pois do-tempo em que ele crevia até eſte , vam bons 80. anos ; e ainda nam vemos apparencias diſo. Eſtaqui tem V. P. o que ſam todas eſtas chimeras , da-Iſtoria do-Futuro ; e das-coizas que tem parenteſco , com ela.

Ora eſtas futilizas do-P. Vieira , cuida que tem arruinado , muita gente : porque formando grande conceito , do-ſeu talento ; o-imitãram tanto à letra , que nada agradou , que nam cheirãſe ao meſmo eſtilo. Ja e coiza muito antiga , que em materia de literatura , um omem ſeja o treslado , para que oĩem os outros do-ſeu tempo. Quando em uma Cidade um ſugeito conſegue , fama de eloquente , os outros o-imitam ; e às vezes por-ſeculos inteiros , ſe-conierva o meſmo eſtilo (4). Aquele Seneca a quem chamam o Filozofõ , nam ſe-duvida , que tinha grande ingenho , e doutrina : mas querendo-ſe ſingularizar , entre os antecedentes , comeſou a fazer um eſtilo tam florido ; que foi a primeira cauza , de ſe-perder o bom

(1) *Iſtoria do-Futuro. C. VIII. nhada , e defendida §. III. num. 122.*

(2) *Palavra de Deus empenhada. §. VIII. num. 4. = Sermam da-Palavra de Deus de-empenhada. §. II.*

(3) *Palavra do-Pregador empe-*

(4) *Hac vitia unus aliquis inducit , ſub quo eloquentia eſt : ceteri imitantur , & alter alteri tradunt. Seneca Epist. 115.*



o bom gosto da-Eloquencia, que reinará no-tempo de Augusto. *Multa in-  
eo claraque sententia: (diz um Orador grande) multa etiam morum gratia  
legenda: sed in eloquendo corrupta pleraque: atque eo perniciosissima, quod  
abundant dulcibus vitis. Velles eum suo ingenio dixisse. alieno iudicio. nam  
si aliqua contempsisset, si parum concupisset, si non omnia sua amasset, si-  
rum pondera minutissimis sententiis non fregisset; consensu potius eruditorum,  
quam puerorum amore comprobaretur (1).* Palavras que me-parecem corta-  
das, para o P. Antonio Vieira: do-qual creio que se-pode dizer, que se,  
fervendo-se do-seu ingenho, seguisse outro estilo; seria um grande omem:  
quando porem nam se-ocupasse com o argumento, da-Istoria do-Futuro.

E daqui comprehenderá V. P. que conceito se-deve formar, daque-  
les muitos epitetos, com que os apaixonados o-louvam. Chamam-lhe, *Mes-  
tre do-pulpito: Principe dos-Oradores: Mestre universal de todos os declama-  
dores Evangelicos: Aguia Evangelica:* e mil coizas destas. Outros lem as  
suas obras de joelhos, em final de respeito: e á omens de tam pouca  
confideravam, que imprimem estas noticias (2); e nam se envergonham de  
dizer, *Que o mundo sem contradizam, lhe deo a coroa, de Principe dos-  
Oradores.* Mas este censor, que nam fez maior jornada, que de Lisboa a  
Madrid; nam era juiz competente, nesta materia: nam só, porque tinha  
visto pouco mundo; mas porque tendo fomento conversado, com os que  
liam o Vieira de joelhos; e nam sendo a Eloquencia, e belas Letras pro-  
fissam sua, sendo mostra; tinha impedimento dirimente, para votar com  
acerto. Isto pois que digo destes, applico a todos os outros. Criados com o  
prejuizo, de que o Vieira foi, um grande Orador; e ouvindo sempre re-  
petir isto aos velhos, que bebéram aquella doutrina; nem é maravilha, que  
digam tantas coizas dele, e que o-imitem tam cegamente.

V. P. pode fazer uma experienciã, que eu fiz, e vem a ser: quan-  
do ouvir a um destes, gabar muito o Vieira, e louválo com alguns dos-  
ditos epitetos; faça-me a merce de lhe-proguntar primeiramente, emque  
consiste ser grande Orador: depois, que lhe-explique, que qualidades ora-  
torias sam, as que excedem no-P. Vieira. Se lhe-responder bem o primei-  
ro ponto, estou certo, que nam responderá ao segundo: mas a experien-  
cia mostrará, que o primeiro nam terá resposta. Eu aindaque nam costume  
ofender ninguem, e muito menos na sua cara; achando-me porem com  
certa pessoa, que me-dise maravilhas do-tal autor, rezolvi-me a fazer-lhe  
esta progunta. Leu V. M. bem as obras de Lysias, Isocrates, Iseus, De-  
mostenes, Eschines, Teofrasto, e Cicero, e tudo o que á de bom na An-  
tiguidade? observou miudamente as delicadezas, e singularidades daqueles;  
e a differença que se-acha entre eles, e Plinio, e alguns outros mais infe-

(1) Quintillano.

das-Cartas do-Vieira, por-Alexandre

(2) Aproveitam do-primeiro tomo Ferreira.



riores, como Nazario, Auzonio, Pacato &c. ? leu os antigos Retoricos, Aristoteles, Cicero, Quintiliano &c. ou algum destes modernos, que deram belissimos preceitos, como Voffio, Cavalcanti, e Planita: e outros que nas suas orações os-executaram, como Policiano, Mureto, Vavafior, Cuneo, Gravina, Paolino, Politi &c. ? Diz, nam senhor. Pois sem tais preparaçoens, conclui eu, nam entro em discursio com V.M. sobre estas materias, porque nos-nam-intenderemos. Onde vem V. P. a conhecer, que as aprovaçoens destes omens nam devem fazer forsa a ninguem, para reconhecer por-grande Orador, o P. Vieira.

Eu que tenho visto mais algum mundo: e falado com bastante gente douta: e conhecido em Roma omens, que tinham tratado, com os que ouviram o P. Vieira: nam achei nada do-que oulo dizer dele. Bem sim, que foi um Religiozo estimavel, polas suas prendas, e virtudes: o que tudo pode estar, sem ser mestre dos-Oradores. Falei com muitos Religiozos da-Companhia, que tinham dele perfeita noticia; e me falaram como de um omem, que era estimado em Portugal, mas nam em Roma. Acrescente V. P. a isto, que muitos opusculos do-Vieira, foram compostos em Italiano: e até os mesmos sermoens se-acham traduzidos nele, por um seu apaixonado, ao menos um tomo que vi á anos: e assim pode-se julgar, com todo o conhecimento da-materia. Vejo sim, que os mesmos Jezuitas, e todos os omens doutos, reconhecem o merecimento, do-P. Paulo Segneri Jezuita, e de varios outros Oradores da-mesma, e de diferentes Religiam; que sam reconhecidos e venerados, como Oradores da-primeira esfera: e que tanto se-distinguem dos-sermoens do-Vieira, como o dia da-noite. De que venho a concluir, que quatro Portuguezes, ou Espanhoes, que dizem o contrario, nam podem fazer mudar de conceito, ao mundo intelligente.

Ainda nas suas mesmas cartas, que louvo, acho coizas que reprovar. Deste numero é a afetassam, de repetir em cada regra, o tratamento da-pessoa, com quem fala. Pois aindaque nos-discursos familiares, poia ter às vezes lugar isto; nas cartas, é enfadonho: e as pessoas, e Nasoens cultas, fogem todas deste vicio. Nem vale o dizer, que em Latim se-cos-tuma: porque na tal lingua, nam ofende os ouvidos; vistoque o tratamento communmente nam se-distingue, das-diversas inflexoens do-Verbo. Os nosos Italianos, que praticam mais do-Latim, uzam da-palavra *Ella*, para evitarem aquela repetissam: e ainda esta com moderasam. E oje os que escrevem melhor, despois de darem o tratamento uma ou duas vezes, ou em carta particular, ou prologo de livro; servem-se da-palavra *Vosira*, que se-refere a *Alteza*, *Eminencia*, *Santidade*, *Excelencia* &c. nam só porque esta Elipfi, nam prejudica, ao respeito que se-deve, aos Senhores grandes; mas porque sendo mais simplez e natural, é tambem mais nobre; e se-evita a ridicula afetassam de alguns modernos, chegando-se mais ao estilo, da-Antiguidade. E, valha a verdade, este periodo: *Excelentissimo senhor, a*



*excelentissima pessoa de Vossa Excelencia guarda Deus, como Portugal; e os criados de Vossa Excelencia vosso mister: com que o Vieira feicha muitas cartas, ao Marquez de Goaveia, e outras peloas; nam se-pode ler sem nauzea: achando-se muitas vezes, em quatro regras das-luas cartas, cinco vezes Vossa Senhoria &c.*

O segundo reparo caie, sobre a afetaçam de muitos periodos, e cartas inteiras. O que o mesmo coletor delas na n oculta, quando diz, que muitas nam publicára, por-nam terem tanto naturais. De que eu cuidando, nam se-pode produzir melhor prova, que a carta que o P. Argote publicou, nas suas Regras Portuguezas; e que é escrita ao Cardial Lancastro: a qual é composta naquele estylo, que chamamos *dos-Seicentos*. Basta ler o primeiro periodo: *Com melhor saude, que o anopasido; e com menos vida, porque ele p.ífoa*: a segunda parte do-qual, é noticia mui digna, de se mandar a um Cardial, porque é coiza mui recondita. O que se-segue no-segundo paragrafo, são, *Sepulturas do-segredo: resurreiçoens da-confiunsa: exequias no-templo do-lezinguano: estatuas da-ingratidam*, e coizas semelhantes, que oje tem ranho. E na n sei se se-pode perdoar, a um omem douto como o P. Argote, o trazer a tal carta, para exemplo de construçam facil, e boa locuçam. Conheço, que muitas vezes as cartas da mesma pessoa, nam são iguais: ou porque algumas escreveo, quando era moço, e sabia pouco; ou porque as-fez muito em presa. Conheço isto, e o-perdo: o que reprovo é, que o coletor nam soubese separar umas das-outras, impremindo as melhores.

E aqui noto incidentemente, que o que fez o prologo da-coleçam, que eu ignoro quem fosse, disse uma fallidade, quando afirmou; *Que nas linguas vulgares, tem todas as Nasçoens escriptores, mas nam em grande numero, deste estylo*. Eu lhe-polo nomiar, lamente na Italiana, nam digo duzias, mas centos: publicadas muitos e muitos anos antes, que saísem à luz, as do-Vieira: e entre estes escriptores, muitos de purissima locuçam, e estylo inimitavel. E o que mais é de admirar, omens que trataram as Ciencias, mas principalmente todas as partes da-melhor Filozofia; com tal clareza, propriedade, e metodo, que envergonham os Filozos da-Escola: os quais, empregados toda a sua vida nela, explicam-se muito mal. Na lingua Franzeza, à infinitos tomos de cartas, em todas as materias; e alguns famosos. Deixo a Ingleza, e Olandeza, nas quais sei que se-tem seguido, este estylo. Onde, nam avendo coiza mais uzual, que estes escriptores; mostra-se o tal coletor, mui pouco informado do-mundo.

O terceiro reparo que faço é, sobre a Ortografia, que nada me agrada. Netas acho mui praticado aquele estylo, que se-deve desterrar, da lingua Portugueza; e vem a ser, a duplicaçam escuzada, de muitas consoantes; e mil outras, que na minha primeira carta mostrei a V. P. que nam deviam seguir, os omens doutos. Onde persuado-me, que neste particu-



ticular, tam longe está de ser omem magne, que eu o nam-porei por-exemplar, a um principiante.

Ora eiaqui tem V. P. que as mesmas cartas do-Vieira, que eu julgo serem a sua melhor obra; ainda que tenham muita coisa boa, sejam fáciis, e as palavras nam sejam más; contudo, nam merecem aqueles cegos, e encarecidos louvores, que lhe-dam estes apaixonados: os quais ou estão preocupados, pelas mesmas opinioens; ou julgam por-cabeça alheia; e nunca tiveram a paciencia, de examinar bem a materia. Defeito mui antigo nestes centores: que aprovam os livros comumente, sem os-lerem: e nam se-contentam de aproválos, mas os-elogiam, e tam encarecidamente que perdem toda a fé. Deixo aos omens de melhor juizo, fazer a analize das-tais obras, com mais tempo, que eu nam tenho.

Mas eu ja vejo, que me-tenho aberto muito com V. P. o que fiz, confiado na sua amizade. Certamente nam disera tanto com outros: pois sei certamente, que quem nam tiver examinado isto, me-terá quasi por-louco. Eu sempre fugi, desta sorte de conversaoens, com peícas que sabem pouco: porque me-ensina a experiencia, que se perde o tempo, e o conceito. Mate-me Deus com gente que me-intenda: e que me-nam condene, sem perceber as minhas razoens, e responder a elas. Porque aquilo de reprovar um eleritor, somente porque impugna os defeitos, de que eu gosto; sem ter o sofrimento de examinar, as dificuldades que propoem; ainda que seja uzo mui comum, nam sei poreo se é concludente. Emfim com V. P. nam á este perigo porque eu sei muito bem, que ao seu talento, nada se-encobre: e que mais para exercitar o seu juizo, do que para aprender alguma coisa nova, é que tem a bondade, de me-consultar.

Mas sempre devo declarar-lhê, que o juizo que formo das-obras, do-P. Antonio Vieira; deve ser intendido, com todo o respeito devido, á sua memoria. Eu estimo muito este Religiozo, pelas suas virtudes, e capacidade. Vejo nas suas cartas retratado, um animo grande: um desinteresse nobre: uma viva paixam polos aumentos do-seu Reino: e ardente dezejo de se-sacrificar por-ele: e para nam ocultar coisa alguma, vejo a summa ingraticam dos-seus nacionais, que conrespondêram a tantas finezas, com asoens indignas: e nam só nam souberam estimar, tam grande omem, mas positivamente o-opremiram, e a sua familia. Estas circunstancias todas mo-pintam, mais estimavel: se eu vivêse no seu tempo, seria o seu maior amigo. Deve tambem o que digo intender-se, sem a minima ofensa da-Religiam da-Companhia: a qual tem produzido, tantos omens grandes neste genero; que sem dor alguma pode ouvir declarar, que um dos-seus Religiozos, nam iguala, nem chega á gloria de muitos outros: o que provem menos do-talento, que do-infeliz estílo daquele tempo, que nam conhecia, outro gosto de Eloquencia. Damesima sorte que Plinio Cecilio, ainda que tivêse talento, e indole insigne; nam pode menos que partici-  
par,



par, do-estilo do-seu seculo; que degenerava muito, da-magestade da-primeira Eloquencia. Unicamente devo advertir isto a V. P., para justificar o meu proceder, contra aquella acuzação, que me-podiam fazer aqueles, que, ouvindo-me falar d'eloquencia Portugueza, viem que nam citava, o P. Vieira.

O conceito que formo, dos-sermoens e orações do-Vieira, com mais razam se-deve aplicar, a todos os outros sermonarios; que V. P. conhece, estarem muitos furos abaixo do-Vieira. Digo pois, que o Orador, que quer avultar no-mundo literario, deve deixar todos os sermonarios Portuguezes, ou Espanhoes, seguir a estrada que aſima lhe-abrimos: que parece ser, a verdadeira estrada da-Eloquencia: e isto parece-me que basta, para regular o metodo da-Oratoria. Deve a isto ajuntar, o continuo exercicio de compor: e exercitar-iê juntamente em particular, para poder falar em publico: sendo certo que o exercicio de compor, e falar conduz muito, para beber os principios, e sabê-los uzar a leu tempo, com desembaraço. Perdoe-me a extensam desta, que desde o principio eu previ, que seria comprida: e conserve-me muito ualua memoria. Deus guarde. 87.







# CARTA SETIMA.

## SUMARIO.

**F**ala-se da-Poexia. Os Portuguezes sam meros versejadores. Prejuizos dos mestres, de nam poetarem em Vulgar. Que coiza seja ingenho bom, e mau. Especies de obras de mau ingenho, em que cairam alguns Antigos, mas principalmente os Modernos. Necessidade do-Criterio, e Retorica, em toda a sorte de Poexia. Primeiro defeito de Poexia, a inverosimilidade: exemplos. Segundo defeito, os argumentos ridiculos. Reflexoens particulares, sobre as composicoens pequenas Portuguezas; que nam podem dar nome, a um omem: defeitos da-Nasam, provaos com exemplos. Reflexoens sobre o Epigrama Latino, Elogios, inscriçoens Lapidares, Eglogas, Odes, Satiras, poemas Epicos. Que os Portuguezes nam conhecèram as leis, do-poema Epico: prova-se com Camoens, Chagas, Botelho de Moraes. Aponta-se o metoao, com que se-devem regular os rapazes, no-estudo da-Poexia. Nova ideia de uma Arte Poetica, util para a Mocidade.

**A** CARTA que V. P. me-mandou nesta semana, deu-me particular consolafam; porque vi nela a imagem, da-sua soberana prudencia, do-seu criterio exatissimo, e da-lua inimitavel ingenuidade. Mas isto é pouco: vi nela executado, tudo o que este genero pode permitir, em materia de Retorica. V. P. quiz dar-me dois contra: e mostrar-me, que as minhas reflexoens eram superfluas: pois avia um omem neste mundo, que sabia executar primorozamente, tudo aquilo. Mas diso mesmo me-rezulta, grande gloria. Ou V. P. o fez, porque eu lho-avizei; e neste cazos, que gloria nam ferá a minha, de ter um dicipulo desta qualidade? ou o-fez porque assim o interdica, sem que lho-avizáie; e fico igualmente gloriozo, vendo que as minhas reflexoens se-conformam, com as de uma pessoa, que estimo tanto. Ponho de parte os outros comprimentos, que me-faz: porque nam quero usurpar, o que nam mereço. O que eu escrevi, nam é meu, mas o que ensinaram os omes mais insignes, nesta faculdade: de cuja lifam eu o-tirei. a estes é, que V. P. o-deve agradecer: e a mim, só a boa vontade que tenho, de o-servir.

No-fim da-sua carta, repete V. P. uma circumstancia, que ja me-pedio em outra sua: vem afer, que diga alguma coiza, da-Poexia. Eu me-



me-lembro mui bem , da-sua repetilam : a qual nam deixei por-esqueci-mento , mas com suma advertencia : vistoque só despois da-Retorica , se-deve tratar da-Poezia : a qual nada mais é , que uma Eloquencia mais ornada. Só me-resta uma difficuldade , quero dizer , se poderei eu de-zenpenhar , o que V. P. me-encomenda. Eu tenho pouca noticia de Poetas Portuguezes : ou nam tenho toda , a que é necessaria , para formar juizo exato deles. Desde que li alguns , os desprezei quãzi todos , porque me-nam-agradãram. Contudo lembrando-me , que a medida do verso Portuguez , é a mesma do-Italiano ; que as regras em todo o mundo culto , sam as-melmas ; direi alguma coiza que me-ocorre : se errar , deverá desculpar-me ; lembrando-se que só o-faço , para lhe-obedecer.

Digo pois , que o estylo dos Poetas deste seu Reino , e desta sua lingua , pouquissimo me agrada : porque é totalmente contrario , ao que fizeram os melhores modelos da-Antiguidade , e ao que ensina a boa razam. A razam disto é , porque os que se-metem a compor , nam sabem que coiza é compor : onde , quando muito sam Versificadores , mas nam Poetas. É disto nam queira V. P. melhor prova que ver , que nenhum até aqui se-rezolveo a escrever , uma boa arte Poetica Portugueza : todos se-remedeiam com esta Espanhola , que é muito má fazenda. Certo meu conhecido me-mostrou á tempos , uma manuscrita : mas nadã mais era , que um compendio da-dita Espanhola ; em que fomente se-trata , das-medidas dos-versos , e combina-focus de consoantes : o que está mui longe de se-chamar , arte Poetica. Onde concluo , que ainda nam vi livro Portuguez , que ensinãse um omem , a inventar , e julgar bem ; e formar um poema como deve ser. De que nasce , que os que querem poetar , o-fazem segundo a forsa da-sua imaginasam : e nam produzem coiza , digna de se-ver. Com efeito verá V. P. muitos , que quando escrevem dez versos , lhe-chamam *Decima* : e quando unem quatorze , chamam-lhe *Soneto* : e assim das-mais composioens. Desorteque compoem antes de saberem , o que devem dizer , e como o-devem dizer : e quando tem formado uma caraminhola , em trajes de Poezia , ficam mui satisfeitos ; e comesam a dizer mal , de tudo o que nam intendem. Destes se-acham , nam duzias , mas centos.

De nam terem profundado a materia , nace todos os defeitos da-Poezia : de que se-acham infinitos na Espauha , e tambem em Portugal. Geralmente intendem , que o-compor bem consiste , em dizer bem sutilezas ; e inventar coizas , que a ninguem occorrem : e com esta ideia produzem partos , verdadeiramente monstruosos ; e que eles mesmos , quando os-examinam sem calor , desaprovam. Os mestres de Retorica , em cujas escolas é que se-faz algum poema , e que deviam ensinar estas coizas ; sam os primeiros que se-calam , e deixam fazer , o que cadaum quer. Envergonham-se , de poetar em Portuguez : e tem por-pecado mortal , ou coiza pouco decoroza , fazelo na dita lingua. Imaginasoens , e prejuizos ridi-



culos! A Poezia nam é peçadora : a applicaçam é a que a-pode fazer con-  
denavel, se nam é reta : e como isto pode succeder tanto na proza , como  
no-verso ; daí vem , que estes que julgam assim nunca deviam escrever em  
Portuguez. Em todos os tempos os omens de virtude, se-aplicáram a este  
exercicio. Os Santos Padres mais doutos, compuzeram muita coiza em ver-  
so. S. Bazilio , S. Gregorio Nazianzeno foram grandes Poetas. O primeiro,  
compoz exprefamente um tratado, no-qual ensinava o modo, de ler os Po-  
etas com utilidade. O segundo, vendo que Juliano Apostata Imperador  
Romano, proibira aos Cristaos, ler os Poetas Etnicos ; compoz algumas  
poezias, imitando Omero, Pindaro, Euripes, Menandro &c. para instru-  
lam da-mocidade Cristan. E isto nam o-fizeram em Persiano , ou Arabio ;  
mas na sua lingua materna, que era a Grega. O mesmo fez Apolinario Bis-  
po de Laodicea , e alguns outros. S. Inacio de Loyola , e outros mo-  
dernos tambem fizeram, versos vulgares. Se damos um passo a traz, acha-  
remos , que muitos escritores Sagrados , escreveram em verso. O que é  
tam claro, que ninguem pode menos que rir-se de ver , que um Portu-  
guez se-envergonhe, de poetar na-sua lingua, fazendo-o em Latim. Como  
se na lingua Latina, nam se-pudessem dizer todas as loucuras , que se-di-  
zem na Portugueza ! De que vem, que , segundo o estilo das-escolas, um  
Portuguez é obrigado a nam saber, que coiza é Poezia. Alem disto, aqui-  
lo que lhe-ensinam de Latim, nada mais é, que a medida de quatro ver-  
sos ; e fazer alguma breve composiçam. Desorteque em nenhuma lingua  
se fazem, as reflexoens necessarias, para ser bom Poeta. Antes praticando-  
se na Latina, uma sorte de versos feitos à moderna , com muitas futili-  
zas, e conceitozinhos ; este estilo se-difunde, nas composiçoens Portugue-  
zas, com geral dano da-Poezia.

Duas sam as partes, que compoem o Poeta ; *Ingenho* , e *Juizo*.  
Ingenho para saber inventar, e unir ideias semelhantes, e agradaveis : Ju-  
izo para as-saber aplicar, onde deve. E nestas duas partes pecam, nam só  
modernos, e medriocres Poetas ; mas pecaram ainda os antigos , e gran-  
des omens ; nos-quais nem tudo é igual : como mostram aqueles, que cri-  
ticáram com juizo, os Antigos. Achamos omens com muito ingenho , e  
com pouco juizo : porque estas duas coizas, podem-se unir muito bem :  
e para nam parecer falsa a minha propozisam, permita-me V. P. que me-  
explique melhor. O Ingenho consiste em saber unir ideias semelhantes, com  
promptidam, e graça para formar pinturas que agradem, e elevem a imagi-  
naçam : desorteque nam basta que sejam semelhantes ; é necessario que di-  
virtam, e arrebatem. v. g. Quando o Poeta diz , que a garganta da-sua  
amada , é branca como a neve ; nisto nam aparece ingenho : se porem acre-  
centa, que é igualmente fria ; nisto está o ingenho. Polo contrario o Ju-  
izo, é aquella faculdade da-aima, que peza exatamente todas as ideias : se-  
para umas das-outras : nam se-deixa enganar da-semelhança : e atribue a ca-  
da



da uma, o que é seu. Isto, pede uma exata meditação, e prudência fundada: aquilo só pede uma memoria cheia de muitas, e diferentes ideias. E daqui vem, que vemos frequentemente, omens de imaginação fecunda, e ingenho vivo; sem um escrúpulo de juizo: antes comumente tem menos juizo, os que tem mais ingenho: motivo pelo qual produzem obras, que merecem riso. Os que nam distinguem isto, confundem *Ingenho*, e *Juizo*: e chamam omens de juizo, aos que dizem mil ridicularias, e produzem infinitas monstruosidades, e despropozitadas imaginações.

O verdadeiro ingenho pois, é uma semelhança de ideias, que diverte, e eleva. Polo contrario o falso ingenho consiste, na semelhança de algumas letras, como os *Anagramas*, *Cronogramas* &c. às vezes na semelhança de algumas sílabas, como os *Ecos*, e alguns consoantes insullos: outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equívocos* &c. finalmente consiste tambem, em composições inteiras, que apparecem com diferentes figuras ou pintura, como abaixo diremos.

Destas duas especies de ingenho bom, e mau, se-compoem uma terceira, que participa de ambas; a que alguns doutos chamáram *Ingenho mixto*: que consiste, parte na semelhança das-ideias, e parte das-palavras. v.g. Imagina o Poeta, que o Amor tem, semelhanças de fogo: e une estas duas ideias, na sua imaginação. Serve-se das-palavras de *fogo*, e *chama*; para explicar esta paixão do-animo: e como elas tem significação incerta, resulta daqui um todo, que tem parte de ingenho, e parte de apparencia: o qual é mais ou menos estimado, segundo que domina mais ou menos, um que outro: quero dizer, segundo que a semelhança cahe mais, sobre as ideias, que sobre as palavras. Na idade de ouro da-Latinidade, apenas se-acha vestigio d'isto, tirando em Ovidio, que tem alguma coiza: na idade de prata, Marcial cuida que foi o inventor: e nestes ultimos seculos, nam se-ve outra coiza.

Mas a verdade é que um conceito que nam é justo, nem fundado sobre a natureza das-coizas, nam pode ser belo: porque o fundamento de todo o conceito ingenhozo, é a verdade: nem se-deve estimar algum, quando nam se-reconheça nele, vestigio de bom juizo. E como os Antigos observáram muito isto, porisso neles se-observa, certa maneira natural de escrever, e certa simplicidade nobre, que tanto os-faz admiraveis. Polo contrario, os que nam tem ingenho para fazerem, que um conceito brilhe, com a sua propria luz, sem a-pedir emprestada; vem-se obrigados, procurar toda a sorte de ornamentos, e apegar-se a quaesquer agudezas boas, ou más; para com elas fazerem figura, e parecerem ingenhozos. Nas obras dos-Antigos nam distinguem o bom, nem o mau: abraçam os mesmos erros, como se fossem maravilhas: sem advertirem, que aindaque fossem nossos mestres, nam os-devemos seguir, com os olhos fechados: mas abraçar neles, o que nam repugna à boa razão.



Deste principio nacèram , aquellas ridiculas composiçoens , que tanto reináram , no-seculo da-ignorancia , digo nofini do-seculo XVI. de Cristo , e metade do-XVII. e desterradas dos-paizes mais cultos , ainda oje se-conservam em Portugal , e nas mais Espanhas. Os omens daqueles seculos ignorantes , nam oblierváram nos-Antigos o bom , mas o mau. Vi-ram que neles se-achavam vestigios , de um mau ingenho ; e esse foi o que abrasáram : desorteque ainda oje tem os doutos grande trabalho , em desterrar isto , da-mente dos-omens. Alguns Poetas Gregos ridiculos , autorizáram este uzo. Atribue-se a *Theocrito* , mas falsamente , uma especie destes poemas , a que nós podemos chamar *pintados* , ou *figurados*. Representa um , o Ovo ; outro , uma Machadinha ; outro , um Altar &c. Isto é uma puerilidade , indigna de um Poeta tam grande , como *Theocrito*. Certamente para fazer semelhantes versos , deve o Poeta andar detraz , nam do-bom conceito , mas da palavra longa , ou curta : vistoque os versos nam sam , de igual medida e grandeza. Este pessimo gosto se-restableceo , no-seculo pasado , nam só no-verso , mas tambem na Proza. Eu vi um *Ecce Homo* , feito de letrinhas miudas , que continham o testamento Novo. vi um retrato do-Imperador Jozé , cuja cabeleira , e vestido era feito de versos. finalmente acha-se muito disto , nos-Poetas tolos do-seculo XVI. e XVII.

O que me admira neste particular é , que o Padre Bluteau , que nacera em um Reino , no qual se-sabe , que coiza é Eloquencia , e bom gosto ; quize-se introduzir tambem isto , em Portugal. Li averá anos um papel avulso , que ele compuzera nas exequias , da-Rainha D. Maria de Sa-boia , molher d'El-Rei D. Pedro II. e o-intitulou *Protheus doloris* ; em que se-continha bastante disto. Avia um *epitafio piramidal* , cujo artificio consistia , em ter algumas regras mais compridas que outras. Avia tambem variedade de disticos , em que se-aludia às letras todas do-A.B.C. : e muita desta ridicula fazenda. Tinha tambem uma enfiada daqueles titulos , que ele costuma pôr nes-seus prologos , e que embrulham o estomago , aos leitores de perfeito juizo. Com effeito eu ja disse a V.P. que este era o estilo , do-tal Religiozo : metodo , criterio , bom gosto , nam sabia de que cor era. é o mais cansado escriptor , que eu tenho visto. Na verdade era infatigavel , em algumas coizas : mas nam era autor para se-imitar : porque bebera desorte , este estilo de Portugal ; que até em Pariz quiz defender a um Cardial , que o estilo de pregar dos-Portuguezes , era excelente : o que cuida ter lido , em uma das-suas obras predicaveis. Emfim tudo isto é effeito , de mau gosto , e nenhum criterio.

Daqui tambem nacèram , as outras composiçoens mais ridiculas. Conta a Iistoria , de um certo *Tryphiodoro* ; que compoz uma Ode , sobre os trabalhos de Ulizes ; e dividio este poema em 24. livros , a que deo o nome das-24. letras do-Alfabeto , pola razam contraria : vistoque no-pri-me-



meiro livro, faltava o *A.* no-segundo, o *B.* &c. e em nenhum se-achava a palavra, que tivesse a dita letra do-titulo. Eu vi uma composiçãõ moderna, que seguia o mesmo metoço. Certamente nam á coiza mais ridicula, que estes *Lipogramas*. Seria um bejo divertimento, observar este Poeta, empenhado a revolver todos os Dicionarios; só para deitar fóra, a letra eicomungada. Seria necesario, desprezar a voz mais propria, e mais elegante; somente por-ter a desgratã, de sa-achar nela, a dita letra. Mas que coiza seria a tal composiçãõ! que palavras ridiculas! que fraze maudita! que conceitos improprios! Foi fortuna, que o tal autor teve poucos se-quazes, na Antiquidade.

Dos-Enigmas de palavras, entre os Povos do-Oriente achamos muito. Era entre eles, uma principal parte da-sabedoria; saber propor, e decifrar os Enigmas. Os mesmos Reis se-divertiam, em propor uns a outros, estas advinhaloens: e às vezes nos-convites, este era o ultimo prato. Mas destes omens nam falamos, porque ignoraram, o que era boni gosto. Mas ainda entre os Gregos ouve algum, que fez algum enigma: mas foram raros, como mostra o noio Lilio Gregorio Gyraldi, nos-seus Opusculos. Os Romanos mais advertidos, fugiram disto. Sobre a outra sorte de Enigmas pintados &c. algum vestigio vemos, nos-antigos: mas eles tinham outro diferente motivo. Em Roma era proibido, que um particular puzesse a sua effigie, que era o mesmo que a sua arma, no-dinheiro corrente. Caio Cezar, que era o Provedor da-Caza da-moeda, mandou esculpir nelas, a figura de um Elefante: porque a palavra *Cezar* em lingua Punica, significa Elefante. Tambem entre os Gregos, principalmente Ateniezes, era proibido severamente, que os estatuarios, e artifices puzessem o seu nome, nas estatuas &c. Mas dois Architetos, tendo feito um grande palacio, esculpíram em varias partes, uma *Lagartixa*, e uma *Ran*, que eram os seus nomes. Observei eu tambem muitas vezes, na famosa estatua equestre de bronze, do-Imperador Marco Aurelio, que se-acha em Roma na praça do-Capitolo; que as crins do-cavalo entre as orelhas, representavam uma coruja: que sem duvida era o nome do-autor: que verosimelmente era Ateniez, vistoque em Atenas avia grande abundancia delas. Mas isto que os Antigos fizeram, por-necessidade, alguns Modernos o-fazem, por-eleifam: e se-cantam em inventar um enigma, como em fazer alguma obra eloquente. Nam posso deixar de escrever aqui um epitafio, que cita um autor de bom juizo, que se-poz na lapide sepulcral. O morto chamava-se: *Nicolao Antonio Simeoni*: e querendo-lhe fazer um epitafio ingenhozo, escreveram isto: *Hic jacet Barium, Patavium, de Nunc dimittis*. *Barium* aludia a S. Nicolao Arcebispo de Bari: *Patavium* a S. Antonio de Padua: e *Nunc dimittis* ao canto do-velho Simeam. Veja V. P. que tal era o enigma, e que tal seria o autor! Disto ainda oje se-acha muito, entre os ignorantes: e eu tenho visto bastante, em Portugal. In-



trei uma vez na caça, de certo cavalheiro Portuguez, que estava lendo um livro de Epigramas Latinos, in 4. perguntei-lhe, que coiza lia: e responde-me, Que lia o melhor Epigramatista, e o melhor Enigmatico. Que o autor era um Portuguez moderno, o qual em cada Epigrama occultára um enigma, com tanto estudo; que toda aquela menhan procurára decifrar um, sem o-conseguir. Que ja tinha alcançado, o segredo de outros: e que reconhecia, que neles avia muito ingenho. Ofereceo-se para me-emprestar o livro, e decifrar algum. Eu agradei a atensam: e respondi-lhe, que tinha mais que fazer: e que nam queria priválo do-gosto, de se occupar em coizas tam ingenhozas. E a isto chama-se ingenho! e á quem publique tais livros, neste seculo!

Ponho na mesma classe os *Ecos*, *Equivocos*, *Anagramas*, *Acrosticos*, *Cronogramas*, *Consoantes forçados*, *Laberintos* &c. Tudo isto ainda que tivesse seus vestigios, em alguns mehos advertidos da-Antiguidade; refucitou, ou se-inventou, nos-seculos da ignorancia. Eu sei que Ovidio, em uma parte das-suas *Metamorfozes*, quando fala da-Ninfa *Eco*, antes de ser mudada em puro eco, introduz algum. Mas alem de que o-pedia, a necessidade da-materia; visto ser ela o argumento, da-sua descriçam; os omens de juizo rim-se, da-sua pucrilidade: sendo certo que Ovidio, caio em muitos defeitos, e escreveo com mais facilidade, que reflexam. Mas nam se-pode sofrer, que omens modernos, e que mostráram doutrina em muitas coizas, caisem nesta rapaziada, condenavel ainda em um rapaz: e que fizessem composicoens, exprelamente para mostrar, que sabiam fazer eco. Eu vi ecos, que respondiam em Latim, e outras linguas: e tive compaixam do-Poeta, que se-causára com aquilo. Os *Equivocos* nam os acho na Antiguidade, separados dos-Enigmas, tirando rarissimo, que em outra parte direi: sam inventam moderna. V. P. sabe muito bem, que só reináram, no-tempo da-ignorancia; e que os Espanhoes, e Portuguezes mais advertidos, fogem oje deles. Com effeito nam á coiza mais ridicula, que chamar conceito, a um ingano: e procurar aquilo, que se-devia evitar. Quando eu li algumas das-Jornadas, de *Jeronimo Baia*, tive compaixam do-dito Religiozo: e afentei, que a jornada que devia fazer, era da sua caça para o Ospital. Esta sorte de Poetas sam doidos, ainda que nam furiozos. Mas nam cuide V. P. que isto está totalmente reprovado: eu ainda conheço, quem o-pratica, e quando se-lhe-oferece ocaziam, de dizer um equivocozinho, banham-se em agua de Cordova. Nam falo dos-idiotas, porque estes nam cuidam niso: mas destes chamados doutos, Frades, Seculares, Sacerdotes, Estudantes &c. entre estes acha-se muito disto: porque nam se-incontra uma alma cristã, que dezinganadamente lhe diga, que aquilo é uma parvoice.

Mas o pior é, que ja o Equivoco pasou do-Portuguez, para o Latim: e muitos que deviam saber, que coiza era Latim, nam fazem escrupu-



pulo, de introduzirem nele equívocos; compondo um Latim novo, cheio de todas estas arengas. Um autor de credito, a quem eu estimei muito, pola sua doutrina, e piedade, tambem tropeçou nesta materia; compondo uma descripção do-Ceo, por-equívocos. Esta obra, que fora prometida anos antes, com diferente titulo; teve muita gente em grande esperansa, e eu fui um deles: mas depois que a-li, confirmei-me no-conceito em que estava, de que nam é obra para este seculo; mas cento cincoenta anos antes, seria um prodigio. Todo o artificio consiste, em ter buicado nomes de Santos, que signifiquem varios officios da-Republica, de que se acham carros nos-martirologios &c. e descrever uma Cidade ideal, introduzindo em seus lugares, os ditos nomes. Contudo isto esta obra teve mil adoradores, e apologistas; que mostram abraçar, a mesma opiniam. Eu porem que dezejo cooperar, para o credito deste omem, quizera que se nam-tivesse publicado: porque me-parece, que nam é digna de estar ao pé, de outras obras do-mesmo autor: e que defender o contrario, é mostrar mais paixam, que discernimento: e deste meu parecer foram, os Estrangeiros de juizo, a quem a-mostrei. Mas o que este fez em uma só materia, fazem outros em toda a ocaziã: e desculpam-se com um ou dois Estrangeiros, que são os gavadinhos. Como se os Estrangeiros, nam fizeram tambem parvoices! ou como se naquelas Nasoens nam ouvesse, quem abominasse tal metodo! Com effeito o *Tesouro*, mas principalmente o *Juglar*, de quem se-lervem neste genero de equívocos, e agudezas; é insupportavel: e tem sido o que arruinou muita gente, que nam peza bem o que abraça. Ele compoz uma certa coiza, a que chama *Elogios*: feitos em um Latim, que nam se-sabe de que seculo é; porque é todo cheio de sutilezas, e equívocos; e cada palavra se-deve tomar, em sentido diferente do que soa. O primeiro Elogio feito a Verbo Eterno, com esta assim:

*Amicus silentii Deus est.*

*Semel in tota aternitate locutus Deus,*

*Uno omnia dixit in Verbo.*

*Prima sui fecunditate facundus,*

*Ipsa sui conceptione fit parens.*

Veja V. P. o que aqui vai! A palavra *silentium* é aqui tam impropria, que nam pode ser mais: porque *silentium* é um termo relativo, que significa estar calado, ou quieto; quem primeiro falou, ou fez rumor: e isto nam se-pode aplicar ao P. Eterno, o qual sempre fala a mesma palavra, que entã falou. Onde nam á coiza mais contraria ao silencio, que o falar do-Eterno Pai: e, seguindo a sutileza do *Juglar*, deve-se dizer, que nam á quem seja, mais amigo de falar, porque nunca se-cala. A palavra *semel* tambem é impropria. Ela nam significa uma coiza, que sempre



se-faz: mas que se-faz uma vez só: e no-nosso caso, que já é passada: e isto nem menos se-pode aplicar, ao Padre. Tambem o nome *locutus*, rigorosamente falando, nam significa, quem pronuncia uma palavra, como de supoem; mas quem faz um discurso. *Uno omnia dixit in Verbo*, nam é fraze Latina, no-sentido em que ele a-toma: porque *uno verbo*, ou *verbo dicere*, de que uzam os Latinos; nam significa, pronunciar uma voz, como supoem o elogio; mas dizer poucas palavras; e explicar muito em pouco: a palavra *Verbum*, aqui é rigorozo equivoco. *Prima sui fecunditate*, nam sei o que quer dizer: porque eu nam acho, que o Padre Eterno geráse mais, que um filho: e a palavra *prima* é relativa. Alem diso a palavra *fecunditas*, nam significa, gerar uma só vez; mas muitas, e ser fertil: e nem menos isto se-aplica, ao P. Eterno. O mesmo digo da-palavra *facundus*, que nam significa, quem pronuncia uma só palavra; mas quem é eloquente, e sabe fazer muitos e bons discursos: e tudo isto está longe do-sentido, em que o-toma *Juglar*. A palavra *conceptio*, é outro equivoco. Ela nam significa, conhecer e intender alguma coiza; mas compreender, como um vaso compreende o licor, que lhe-deitam: e neste sentido se-transfere, para explicar o-modo, com que o utero das-molheres, recebe a semente; de que rezulta a gerafam. Significa tambem, excogitar: e em nenhum destes sentidos se-pode aplicar, ao P. Eterno: pois nem o Pai excogita o filho; nem se-concebe a si, mas ao Filho. Assimque toda esta arenga se-reduz, a um trocadilho e jogo de palavras: como V. P. poderá reconhecer, se quizer ler o dito autor.

E que diriam os nossos antigos Romanos, se vissem abuzar da-magestade dos-Elogios: destruir a naturalidade, e simplicidade da-lingua Latina: perverter a propriedade das-suas expressoens: fomite para dizer quatro sutilezas, que nam concluem nada? Contudo isto este autor, bandido de outros Reinos, achou muitos imitadores, e idolatras neste: aos quais será mais facil persuadir, que os antigos Romanos nam souberam, escrever com elegancia; doque que o P. *Juglar* nam seja, um milagre de doutrina, e facundia. Mas permita-me V. P. repetir o versinho, *quisque suos patimur manes*: o certo é, que este estilo, com mais razam se-deve evitar no-Latin, que no-Portuguez.

Os *Anagramas* sam invençam nova, e tambem agradam muito, nestes paizes. Que divertimento nam é, ver um perfeito anagramatista, dezentranhar daquela palavra, mil coizas diferentes! Eles convertem o branco em negro; o dia em noite; o omem em besta. Se o tempo que applicam, a esta rapaziada: o-aplicasem a coiza seria; podiam fazer um poema Epico bem grande. Acham-se alem disto mestres, que fomentam isto; dando premios aos rapazes, que nas escolas, ouvindo alguma palavra, descobrem nela um anagrama puro. Seria isto nada, se se-contivesse dentro das-escolas; mas o mau é que saie para fóra, e se-introduz nos-discursos graves. Afif-



Afisti uma vez a um sermam da-Conceisam , pregado polo P. \* \* \* o qual fora muitos anos mestre, e tinha fama de grande Teologo; que provou o que disse, com anagramas, tirados do-nome da-Senhora, e de algumas palavras do-Evangelho. Creio que é necessaria mui pouca reflexam, para conhecer o ridiculo, deste estilo. Os *Acrofticos* sam primos comirmaons dos-Anagramas, e naceram no-mesmo seculo. Achan-se ingenhos mario-las tam infatigaveis, que no-mesmo Soneto poem trez vezes, o mesmo nome: duas nas extremidades, e uma no-meio. Para fazer isto ja V. P. sabe, quantas palavras é necessario voltar, e revoltar. E como as palavras se-buscam, polo comprimento, &c. segue-se que se-ám-de desprezar as melho-res: só para achar aquela, em que esteja aquela letra inicial, e aquele numero de silabas. E daqui fica claro, que coiza pode ser, a dita composi-sam. Os Ebreos depois do-Talmud, sam os que se-aplicaram a estas ridicularias, de *Anagramas* &c. mas somente para achar misterios, nas Escripturas. Porem estes modernos, procuram somente o divertimento.

Dos-*Cronogramas* vi algum em Portugal, mas raro. Os Tudescos sam insoportaveis nesta materia, e tambem os Ebreos modernos. Confiste pois o *Cronograma*, em pôr no-principio, ou fim de um livro, ou em alguma inscriçam, certas palavras; parte das-quais letras sejam majusculas: as quais juntas declarem a era, em que foi feito o livro. Omens á, que perdem mezes, para buscar as ditas palavras. Onde, quando V. P. vir algumas destas inscriçoes, em medalhas, ou livros; nas quais entre letras miudas se-achem majusculas; nam se-canse em buscar o conceito, que nam á: busque o ano, do-milezimo corrente.

Mais vulgar é em Portugal, outra forte de ingenho falso, a que chamam *Consoantes forçadas*. Quando querem experimentar um omem, se tem ingenho; dam-lhe consoantes estramboticos, para que complete os versos: e como isto seja o mesmo, que obrigar um omem, a que diga despropozitos; ja se-sabe que saiem composiçoes, indignas de se-verem. Se um omem quando quer fazer um Soneto, polos consoantes de outro, ao mesmo assunto, e sem se encontrar no mesmo confeito; lhe-custa: se depois que um Poeta faz, uma boa quadra de um Soneto; nam acha às vezes os consoantes proprios, para a segunda; e para explicar o que tem ideiado: confidere V. P. que coiza poderá fazer, quando o obrigam, a dizer despropozitos? O mesmo digo, quando dam os motes com finais dezuzados, e que nam tem outras vozes consoantes. Sempre me-pareceo ridiculo este estilo: e nunca pude soffrer, que vindo quatro amigos, elogiar outro em um oiteiro; lhe-ajam de dar motes, para os-tormentar. isto é recompensar uma fineza com uma injuria; e querer uma satira, em lugar de louvor. Deviam dar ao Poeta, somente o assunto; e deixar-lhe a liberdade, de fazer a Decima como quizesse: porque o entusiasmo deve ter liberdade na expresam: sem a qual nam é possível, deixar de dizer parvoies



fes. Ou, em caso de lhe-darem o mote, devia ser com algum final, que tivesse muitas vozes consoantes da-lingua: paraque pudesse contrafazer-se menos, e produzir coizas dignas. Porem sempre direi, que é effeito de um ingenho mui mau, dar consoantes estramboticos: e que todo o omem de juizo deve fugir, desta rapaziada.

Em outros Reinos, sempre se-deixa a liberdade, a quem gloza: e na minha Italia, onde sabem que coiza é Poetar; a estes glozadores, a que la chamam *Improvizadores*, nunca dam motes, mas só o assunto. E por-isto á alguns, e vi tambem molheres, que discorriam prodigiosamente: e cujas obras escritas, mereceriam grande louvor. Especialmente encontrei um omem, de mente tam fecunda, que polo espacio de trez oras depois de jantar, fez continuamente versos; variando eu sempre os assuntos. Versava em oitava rima, conforme o costume dos-versadores de Italia: e com tanta promptidam; que cheguei a suspeitar, que as trazia estudadas: desorteque me-vi obrigado, a variar infinitamente os argumentos: mas o omem sempre era o mesmo: e o profluvio de palavras nam tinha limite. Notei especialmente duas coizas singulares: nunca errou verso, ou na quantidade, ou no consoante: e nam uzava de palavras sem significado, de que frequentemente uzam os Poetas; mas dizia coizas bem ditas, e de sustancia. Mas este grande omem, querendo-lhe eu dar um mote, nam se-quiz lugeitar a glozalo. Nele fiz algumas reflexoens, das-que a V. P. aponto.

Vemos ainda outra coiza pior, que é, introduzir os consoantes, ou rimas, no-verso Latino. Nos-seculos da-ignorancia, ouve um Poeta destes, que reduzio a metade da-Eneida, em verso Latino rimado. Acham-se ainda alguns Imnos eclesiazasticos, feitos no-undecimo, duodecimo, e seguinte seculo, com consoantes e toantes. Vi alguns Portuguezes, que gostavam disto. Mas tudo é effeito de summa ignorancia; e é nam conhecer, qual é a beleza, e harmonia da-lingua Latina. Ingenhos ordinarios, que nam podem chegar á galantaria, dos-antigos e bons Poetas; querem-se singularizar, com tal estilo: e por-isto se-devem desprezar.

Tambem os *Laberintos de letras*, sam mui mimosos em Portugal: e Poeta conhece V. P., que estimou mais um laberinto que fez, doque se fizera alguma famosa composiçam. Outros tem por-coiza grande, fazer laberintos de quartetos, dispostos em certa figura, desorteque se-lem por-todas as partes; e sempre conservam, a mesma consonancia. Outros fazem versos, que se-lem para diante, e paratraz: de uma parte, fazem um sentido: da-outra, outro contrario: empregam nisto tempo consideravel, nam só em fazelo, mas em decifralo: e chamam a isto, emprego de sublime ingenho. Que omens! O simplez nome de laberinto basta, para desprezar esta sorte de composiçoens: olhar para eles, deve confirmar este proposito. Decifrado um laberinto de letras, comumente achase o nome de



de uma pessoa, e nada mais: e onde está aqui o ingenho - Custa às vezes ao Poeta, fazer um laberinto de um quarteto, um mez; e como nam pode chegar a encobrir a composiçam, de modo que outro em um abrir de olhos, a nam-decifrre; todo o ingenho do Poeta, que lhe-custou um mez, excede outro, com um abrir de olhos. Os outros laberintos de quartetos &c. nenhum tem conceito: porque nam podem unir-se duas coizas, poetar bem, e poetar em laberinto. E assim com muito trabalho consegue o Poeta, que os outros conhecem; que ele nam sabe fazer, versos bons.

Igualmente é estimada neste paiz, uma especie de Sonetos, em que se-repete a mesma palavra, em todos os versos: que é o mesmo que a galantaria, dos-consoantes forçados. Porque obrigado o Poeta, a introduzir a dita palavra em cada verso, nam pode ideiar livremente; nem unir um verso com outro; nem sair com alguma composiçam, que seja digna. Podia citar mil exemplos: mas nam queira V. P. nenhum melhor; que o Soneto que se-atribue ao *Chagas*, e começa:

*O tempo ja de si me-pede conta.*

Em todos os versos entra, a palavra *tempo*: que é uma embrulhada terrivel: e o conceito do-fim consiste nisto:

*E que se-chega o tempo de dar conta.*

que é em carne o mesmo primeiro verso. E onde acha V. P. a galantaria? o mesmo digo dos-outros. E tudo isto provem, de que tais Poetas intendem, que o-fazer um Soneto segundo as leis comuas, é coiza ridicula: e assim querem, esquipalãna particular.

Se os omens considerarem, que coiza era a Poezia: se tivessem bem entendido, os principios dela: se quizessem decifrar, em que consiste a beleza e harmonia, que nos-eleva, quando ouvimos um bom poema: nam podiam menos, que desprezar todas estas composiçoens; que sam indignas, até dos-proprios rapazes. Só os que nam sabem, que coiza é ingenho, se-aplicam a estas ridicularias. Dezesperando de chegar, à magestade dos-antigos compozitores; nam acháram outro meio de serem atendidos, que fazendo ridicularias. Succedeo-lhe o mesmo, que aos Godos, com a Architectura: nam tendo sido instruidos nas boas artes, como foram os Gregos, e Romanos; e nam podendo chegar, à nobre simplicidade da-antiga Architectura: ornáram as suas fabricas, de tudo o que lhe-ofereceo, a sua mal regulada imaginaçam. Desorteque os omens, que no-seculo presente observam, os monumentos que nos-ficáram, destes barbaros; nam cessam de admirar, a pouca proporçam que se descobre, em todas as suas fabricas: e o mau gosto, que aparece, em todos os seus ornamentos. Muitos deles viviam em Roma: tinham debaixo-dos-olhos, as famozas fabricas dos-Romanos: e desprezando tudo isto, produziam monstruozidades. Assim sam os autores destas Poezias: tem os bons livros: podiam neles



observar, o que devem: e desprezam tudo isto, para seguirem fantasticas imaginações. Onde disse com galantaria, um autor moderno, que se a gloria de belo ingenho, se-conseguira fomite, com o trabalho que empregam, naquelas ridicularias; ele nam queria ser belo ingenho: pois era melhor, ser forçado da-galè, que conseguilo com tanto custo. E eu acrescento, que se estivesse na minha mam, condenaria estes tais Poetas, a passarem a sua vida fazendo *Acrosticos*, *Anagramas*, *Laberintos*; retirados do-comercio dos-omens; e felicitar-se com os seus inventos.

Teuho ainda outra coiza que advertir, que tambem é feito, de mau ingenho; e são aqueles ditos, que chamam *agudos*, e jogos de palavras; que se-acham frequentemente nos-Prozadores, e frequentissimamente nos-Poetas. Verá V. P. pessoas, que cuidam dizer graças, e coizas ingenhozas: e dizem inspidas ridicularias. Outros, servem-se de uma palavra com um *c*, que posto com um *l*, significa coiza diferente: e daqui formam uma caraminhola, a que chamam ingenho; e ficam mui satisfeitos, da-sua agudeza. O pior está em que a omens que escreveram, sobre a agudeza; e quizeram ensinar isto, aos leitores. Li á anos um livrinho pequeno, de um Espanhol, que cuida era Gracian; e se intitulava *Tratado de la Agudeza*: lembro-me que o autor no-prologo, dezejava ao livro a boa fortuna, de cair em maons, de quem o-intendesse. Polos meus pecados eu fui um, dos-que nam se-cansáram em intendê-lo: porque logo intendi, que o livro nam merecia que se-lesse. Querem ensinar a dizer graças, e agudezas; é o mesmo que querer ensinar, a mudar a natureza: quem nam é proprio para estas coizas, nam as-pode aprender. As graças, pola maior parte, tem beleza respectiva: em boca de uns, tem graça; na dos-outros, nam: a agudeza quando nam é pura, é o mesmo. Pola maior parte, as que passam com este nome, nam merecem este titulo: são meros jogos de palavras, que agradam infinitamente aos ignorantes. Neste particular a verdadeira regra é esta: Se o conceito traduzido em outra lingua, conserva a mesma força; pode-se chamar pensamento ou agudo, ou ingenhozo, segundo as circunstancias: se a-perde, pronuncie V. P. livremente, que é uma ridicularia; e que só pode ter lugar, entre gente que gosta daquilo.

Acham-se, é verdade, nos-Antigos muitas, e mui insulfas. Aristoteles na sua Rhetorica aponta algumas, a que chama *Paragramas*. Cicero no livro 2. de *Oratore*, tratando das-facecias do-Orador, indica outras muitas: e ele mesmo em varias partes das-suas obras, serve-se delas: porque este era o seu defeito, ser mui faceto: e com as suas facecias aquistava, perigosos inimigos. Mas devo dizer, em obsequio da-verdade, que as que ele aponta, quazi todas são frioleiras, e ridicularias; que nam merecem nome, de pensamento ingenhozo: e se V. P. me-nam-cre, leia o dito livro, e achará que lhe-digo a verdade. Estas venialidades em que caíram estes grandes omens, são recompensadas com infinitas boas qualidades,



des, que neles vemos: e sam tambem desculpaveis, por-outro principio; que é a falta de Critica, que tiveram os Antigos. Aqueles ingenhos elevados dos-primeiros autores, nam faziam todas as reflexoens necelarias, para procederem com exaam: polo contrario, os que os-seguiram, ainda-que inferiores na grandeza de ingenho, excedem no-metodo, e na critica: e souberam evitar, os defeitos dos-primeiros.

Omero é grande, é natural, tem pensamentos elevadissimos, e excede nisto a Virgilio: contudo este, que ecreveo deipois, aindaque tenha menos natureza, mostra mais arte que Omero: pois soube evitar um defeito, que frequentemente se-acha em Omero, que é, amontoar superfluos epitetos, e ás vezes inuisos: como tambem as digresoens, e colloquios insipidos, sem necessidade alguma. Cicero no-seu livro de *Claris Oratoribus*, em que censura, tudo o que ouve de bom na Antiguidade; traz belissimas reflexoens, sobre os defeitos de alguns Oradores: e bem procurou nas suas obras, fugir dos-tais defeitos. Contudo Quintiliano, que floreceo um seculo e meio deipois, aindaque muitos furos abaixo, do-mercamento de Cicero; advertio coizas, que a Cicero tinham fugido. A verdade é, que os ecritores, que ecreveram, despois dos-primeiros; reflectindo sobre as primeiras obras, examinaram melhor, que coiza era bom ingenho; e deram regras, que os primeiros ignoravam. Quintiliano é um destes: mas sobre todos Dionizio Longino, que floreceo no-meio do-3. seculo cristam. Este omem, que alem de Filozoto, e Retorico, era um perfeitissimo Critico; ensinou no-tratado, que nos-deixou de *Sublimi stilo*, como se-devia julgar nestas materias: e que coiza se-devia chamar *Ingenho*: e todo o mundo douto, concordou com ele. A ignorancia, que pouco despois se-introduzio no-Imperio; fez com que se-eisquecessem, deste metodo de julgar: o qual se restableceo nos-fins do-seculo XVI. mas principalmente no-palado, e no-prezente; em que as coizas se-estimam, nam polo que parecem, mas polo que sam. Mas como nem todos tem juizo, para entenderem as coizas; daqui nasce, que neste mesmo seculo XVII. e ainda prezente, se-acham peloas, que confundem as ditas coizas: e que, se acazo chegam a ler os Antigos, nam sabem advertir, o que neles se-devia imitar, ou desprezar: e por-iso chamam pensamentos ingenhozos a coizas, que estam mui longe diso: o que frequentissimamente se-incontra, neste Reino.

Um destes Poetas, observando as desprezantes maneiras de olhar, da-sua Dama; e convencido no-mesmo tempo, da-eficacia que os seus olhos tinham, para inspirar-lhe amor; os-considera como cipelhos ustorios, teitos de caramelo: mas podendo ele viver, nos-maiores ardores que o-abrazavam; conclue, que a zona torrida é abitavel. Quando a sua Dama tem lido a carta, que lhe-escreveo, com fumo de limam, posta ao calor do fogo; lhe-pede, que a-torne a ler, à luz das-chamas de amor. Quando ela  
cho-



chofa, defeja que um suave calor, excitado polo amor, fafa destilar aquellas lagrimas, pasadas polo alambique do-feu corasam. Quando ella está auzente, acha-se alem do-oitentezimo grao de latitude; quero dizer, quarenta graos mais vizinho do-Polo, do-que quando se-acha com ella. O seu amor ambiciozo é um fogo, que sobe naturalmente para cima: o seu amor afortunado, parece-se com os raios do-Sol: e o seu amor dezafortunado, asemelha-se às chamas do-inferno. Quando o amor lhe-tira o sono, é uma chama, de que nam saie fumo: e quando a prudencia o combate, é um fogo asoprado polo vento. O seu corasam é um Etna, que em vez da-officina de *Vulcano*, oculta aquella de *Cupido*. As vezes, o corasam do-Poeta acha-se nevado, no-peito de todas as belas: outras vezes afado, na vizinhança dos-seus olhos. Umas veze, atoga-se dentro das-lagrimas; e no-mesmo tempo arde, entre os braços de amor: semelhante a estes foguetes de nova invençam, que ardem, e estoiram debaixo da agua. Em todo este discurso vé V. P. que o poeta supoem, que o amor é verdadeiro fogo de cozinha; e que une estas duas ideias, *fogo*, e *amor*; para delas deduzir, todos os seus conceitos; a que elle chama sutis, e ingenhozos. Isto agrada ao comum dos-omens, nam obstante que seja uma fantazia impropria, e estravagante. Porém ja eu lhe-perdoára este ingenho mixto; se uzassem de-le com moderasam: o que nam polo sofrer é, que sem prudencia o-introduzam por-tudo: e nos-queiram persuadir, que é grande ingenho, chamar a uma coiza com diverso nome: e que a dita coiza é tal, como a-pintam.

Acho tambem mui radicado nestes paizes, (tambem em alguns estrangeiros) aquilo de servir-se sem reflexam, das-divindades dos-Pagaons, em toda a forte de poemas, Sagrados, e Profanos: cuidam muitos, que-fazendo ao principio a solita protesta, de que os-nomeiam no-estilo poetico; tem feito a sua obrigasam. Pode-ser que a tenham com a religiam: mas certamente nam a-tem, com os bons Poetas. Com grafa dise um omem douto, que toda a ciencia de muitos modernos Poetas, nam pasava, das-Metamorfozes de Ovidio. A verdade é, que os Poetas modernos, sam Prodigios desta mitologia. Se louvam uma molher formoza, ocupam-se mais em descrever Elena, ou Venus; Leda, ou Europa; doque a dita beleza. Se elogiam um eroe, entra logo Mavorte, e Alcides; e pola maior parte nam saiem daqui. Mas isto é sem duvida ridicularia. Em um poema burlesco, tem grafa a dita mitologia, porque só se-trata de divertir, com a applicasam: mas em um poema serio, é fantazia condenavel. Que o-fizessem os Etnicos, tinham desculpa na sua cegueira: mas que o-fasa um Catolico, em cuja religiam nada significam, tais nomes: que o introduza *D. Joam de Castro*, como grande amigo de Marte; e estableça boa correspondencia, entre Belona, e *Diniz de Melo*; é um erro que nam se-pode perdoar a um Poeta, que passa de 15. anos. Os que nam sabem en-

gran-



grandecer, as verdadeiras virtudes; e que recorrem as fábulas, para ornamento do seu poema.

Nunca pude sofrer um Poeta, no-principio de um poema moderno, invocar as Muzas, e Apolo; para lhe-inspirarem os pensamentos: mandar Mercurio, com algum despacho de importancia: obrigar Minerva, a que tome a figura, de algum conselheiro: chamar do-Inferno Plutam, para excitar discordias, entre algumas peioas: nam permitir tempestades, semque Venus vá pedir a Eolo, que faça das-tuas: nam contentir perda de batalha, sem que o Destino atire alguma, das-tuas solitas pedradas. Isto é uma atetalam, digna de compaixam. Nos temos na nota religiosa coizas, que podem suprir, a todas as ideias dos-Antigos. Temos Deus, temos Anjos, temos Santos, que nos-podem inspirar o bem: e temos diabos, para inspirar o mal. O Poeta mostraria mais ingeutho, se ele fizesse os seus versos; doque pedindo a Apolo, que lhos-inspire. Um furiozo vento excitado polo Diabo, pode fazer o mesmo espalhamento, em uma armada; que Eolo, com todas as suas Furias. Para dar razam de uma batalha perdida, é mais natural e verdadeiro, recorrer à polvora, balas, e prudencia do-General; doque ao Destino, ou Fado, que sam palavras sem significado. O Diabo nam é menos prejudicial, à paz e quietalam dos-Omens, que pode ser Plutam, com Cloto, e as suas companheiras. Quem dece ao Inferno, para tirar de lá Lachesis, e outras destas Furias; nam lhe-era mais barato, tirar um diabrete, para concluir tudo aquilo: Os Gregos nam se-serviram das-divindades dos-Ebrios, ou Sirios, para explicarem as suas coizas; mas daquelas que estavam estabelecidas, no-seu paiz: E porque ave-mos nós servir-nos das-Gregas, tendo outras melhores? O que suposto, merecem rizo os Poetas, que se-ocupam com estas ridicularias: porque ou querem significar com aqueles nomes, alguma coiza; e isto é sacrificar o seu catechismo; à mitologia dos-Antigos: ou nam significam coiza alguma; e novamente merecem rizo, por-talarem em coizas, que nam pode aver: e é perder a verosimilidade do-poema, servindo-se de coizas, e vozes, que ninguem pode entender. Que o Poeta em uma metafora, em uma semelhança, ou em alguma breve aluzam, tocáse algum destes pontos; poderseia alguma vez perdoar: mas introduzilos em todo o corpo do-poema, como faz o *Cantoens* na *Luziada*, que introduz Venus, e Baco por-toda a parte, sem descriçam alguma; ou tambem o *Chagas*, e o comum deste Reino; isto é mostrar; que nam tem juizo ou discernimento, na applicalam dos-ornamentos poeticos. É muito de admirar, que os que sabem tambem descrever Venus, e Baco; nam saibam descrever, um omem seu contemporaneo, sem recorrer à Antiquidade. Pode-se porem sofrer, que o Poeta fale com as coizas inanimadas, como com pessoas: v. g. com os Ceos, terra, Elementos, Morte &c. e faça outras destas figuras de Retorica: e isto nam ofende nem a religiam, nem a boa razam: aquilo ofende ambas as coizas.

Estes



Estes defeitos nos Poetas succedem, porque lhe faltam os dois principais requizitos, Criterio, e Retorica. Chamo Criterio, a uma boa Logica natural, exercitada na lizã de bons autores: Retorica ja se sabe, que é a arte de persuadir, sem a qual nam se pode ser bom Poeta: a qual supoem Juizo, e Criterio. A simplez propozizã destes dois requizitos basta, para atarantar estes Poetas ordinarios: os quais se rim de todo o corã, quando ouvem dizer, que sem ter singular Retorica, nem se pode ser bom Poeta; ou ao nuenos intender, o arteficio da-Poezia. Estes ingenhos das-duzias, param na superfície das-coizas. Julgam que Retorica, é falar em proza; Poezia, falar em verso. Mas os omens que intendem a arte, rim-se ainda mais da sua ignorancia. Cuido que facilmente persuadirei a V. P. o que digo, se lhe-puzer diante dos-olhos, que coiza é Poezia; e isto a que chamamos, arte Poetica.

A Poezia é uma viva descriçã das-coizas, que nela se-tratam: outros lhe chamam pintura que fala, e imita o mesmo que fazia a natureza, e com que agrada aos omens. O arteficio da-Poezia tem por-fim, agradar: e por-isto só se-emprega em dar regras, com que possa ocupar gostozamente um ingenho. A isto consãgram os Poetas, todo o seu ingenho, e juizo. Se buicam argumento elevado, é para agradar, com a ideia de grandeza: se procuram imitar a verdade, é para agradar, com a galantaria da-imitaçã: se nam dizem coizas contrarias às nosas inclinaçoens, isto mesmo é para agradar: se propoem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo, diferentes afetõs da-alma; tambem isto é para agradar: desfortequê este é o idolo, do-arteficio poetico. E como isto nam se-pode conseguir, sem saber procurar pensamentos, ou argumentos proprios, para mover as nosas paixoens: saber servir-se de palavras, para pintar aquella coiza que se-quer; o que encerra as Figuras da-voz, e do-animo: Fica bem claro, que para fazer tudo, que pede a arte, se-requer boa Retorica. Mas esta razã se-intenderã melhor, se observarmos as diferentes especies, de Poezia.

Todo o Poema se-divide em Dramatico, e Narrativo. Compreende o Dramatico, a Comedia, Tragedia, e tudo o mais em que os que entram no-poema; representam com a viva asã, tudo o que se-diz: o Narrativo compreende, todas as mais especies de poemas, em que se-faz discurso, sem asã viva. Estas sã infinitas; mas ainda se-reduzem, a duas principais especies: uma, compreende as poezias, que se-cantam: outra, aquellas que se-lem. Na primeira, entram as Odes, Imnos, e todas as especies de cantigas: na segunda, entram todas as outras composicoens: que ainda se-dividem em trez, Doutrinãis, Historicãs, e Oratorias. Nestes trez generos se-tem composto, famosissimos poemas. v.g. O poema de Lucrecio, é um tratado em que expoem, a Fizica de Epicuro: os Fenomenos de Arato, que Cicero traduzio em Latim, sã um tratado de Astro-



romia : o mesmo digo do Poeta Manilio : as Georgicas de Virgilio , são um tratado de *Re rustica* : os Fastos de Ovidio , são a historia das antiguidades Romanas : e o poema de Lucano , é uma historia das guerras civis. O que suposto , quem pode negar , que um tratado de Doutrina , ou de historia , pede uma exata noticia de Retorica ? E com effeito para escrever semelhantes tratados em verso , não dezejam os mestres outra erudição ; senão a que é necessaria , para escrever em proza ; tirando alguma expressão metrica.

Passando ao 3. genero , tudo o que os Oradores fazem , no genero demonstrativo ; que comprehende os louvores , e vituperios , de uma determinada pessoa , ou assim ; fazem também os Poetas. Os Epitalamios são louvores , que se dão a uma pessoa , no dia do matrimonio : os Epicedios são louvores , depois de morto : as Apoteoses são quando se louvam de forte , que se fingem collocarem-se , entre os Deuses : e tudo isto é em carne , um panegirico. As Satiras são reprehensão do vicio ; e também pertencem ao genero demonstrativo. as mesmas cartas se escreveram antigamente , em verso : de que nos deixou bons exemplos , Ovidio &c. Não ignora V. P. que a estes tres generos se reduzem , todas as composições , não só Latinas , mas Vulgares. Fazem-se Sonetos , Silvas , Quintilhas , Elegias &c. em louvor , e vituperio : escrevem-se Cartas em Silvas , Decimas , Tercetos , Quartetos , Romances &c. finalmente todos os discursos de proza , se podem reduzir em verso. E assim a mesma Retorica que é necessaria , para regular os nossos discursos , na proza ; o é também , no poema. Onde vem , que a Poesia , é uma Retorica mais florida : e a quem falta esta não pode ser bom Poeta. Como é possível , que o Poeta exprima na Elegia , a sua paixão , de forte que mova ; se ele não sabe , a arte de mover ? como pode nos dialogos exprimir , o que cada um quer , e deve dizer ; se ele não sabe o que deve dizer ? Torno às Comedias , e Tragedias , e delas pergunto o mesmo : Como pode o Poeta fazer , que cada um dos representantes exprima , a paixão de que está possuido ; se ele não sabe , que coisa é paixão , nem como se move ? não pode ser que um homem , que ignore isto , faça uma Comedia boa. Também a Tragedia não consiste somente , em inventar um argumento nobre : em saber emburhar uma quantidade de successos , que causem maravilha , quando se dezintrigam : mas sobre tudo é necessaria a propriedade , e caracter , em cada parte ; para mover o animo : o que pede , particular Retorica

Quanto ao poema Epico , é certo que comprehende , todas as outras espécies de poemas narrativos : e nele se pode empregar , tudo o que á de fino na Retorica. O principal assumto dele é , um panegirico. Nele se acham arengas famozas : algumas são deliberativas , outras judicias. acham-se acusações &c. acha-se a historia do eroe. acham-se muitos conceitos de doutrina , e outra erudição. entram nele cartas , epigramas , dia-



logos : e finalmente tudo o que á melhor , na Poezia. Motivo porque se-  
 ãne , que era a coiza mais difficultosa , da-arte Poetica. Onde , compreen-  
 dendo todas as outras especies de Poezia , se cada uma delas pede Reto-  
 rica , que fara o poema Epico ?

Daqui fica claro , que conceito se-deve formar , destes vulgares  
 Poetas , que V. P. incontrará todos os dias. Eles nam sabem que coiza  
 é Rhetorica , e bom gosto em materia nenhuma ; como lhe-mostrei na mi-  
 nha ultima carta : e assim que coiza boa podem fazer , na Poezia ? Se fa-  
 zem alguma coiza menos má , é porque casualmente succedeo ; ou assim o-  
 lèram em algum livro , d' onde o-roubáram : mas ignoram a razam , por-  
 que assim se-faz. E isto nam é ser Poeta , nem para la vai. E nam cuide  
 V. P. que falo por-conjetura : mas com experiencias mui certas : e ja me-  
 succedeo pedir a um mestre , que explicava um passo de Virgilio a um dici-  
 pulo ; que me-explicáse a mim , porque se servira o Poeta daquelas expre-  
 soens : e nam só nam mo-explicou , mas nem menos me-intendeo. Desfor-  
 teque incontrando-se todos os dias , tantos Poetas ; nam á coiza mais rara ,  
 que um Poeta.

E com effeito o segredo particular da-Poezia , principalmente Eroica ,  
 nam o-pode conhecer , senam quem é bom Retorico. Consiste ele ,  
 segundo dizem os mestres da-arte , em saber propor desorte , o argumen-  
 to que se-escolheo ; que só appareça ; o que tem de extraordinario , e ne-  
 nhum defeito : e em saber inspirar ao leitor , curiozidade de ler todo o po-  
 ema : nam declarando tudo logo , mas confuzamente : fazendo nacer uma  
 difficultade da-outra , paraque se-esporeie o dezejo : dilatando a leitura , e  
 enchendo a istoria , por-meio dos-Epizodios ; para que o leitor nam perca  
 de mira , o seu principal argumento : e finalmente nam dezatando o nó  
 da-difficultade , senam quando tem conduzido o leitor , ao fim do-poema.  
 Tudo isto pode V. P. observar , na *Eneida* de Virgilio , ou na *Jeruzalem*  
 do-Taffo. Eles propoem ao principio em breve , o argumento da-sua obra ;  
 e prometem coizas grandes. Nam comecam polo principio da-vida do-eroe ;  
 mas por-uma assim famosa , que empreendeo no-meio da-sua vida : da-qual  
 com artificio particular , fazem recuar o leitor , até os primeiros trabalhos  
 do-seu eroe. Uma difficultade excita outra : demaneiraque o leitor nunca  
 se-cansa , na leitura. E que outra coiza fazem os-Reticos , quando querem  
 excitar , a atensam dos-seus ouvintes ? Ja eu disse a V. P. que esse era o  
 principal artificio , das-Orasoens de Cicero , e ainda de muitos Oradores  
 da-Antiguidade. donde concludo , que só um bom Retorico o-pode fazer.  
 Alem disso os Retoricos encommendam muito , que o Orador nam diga ,  
 senam coizas verosimeis : porque com falsidades manifestas , ninguem se-  
 eleva. E isto mesmo dizem , todos os bons Poetas : antes nada mais cui-  
 dam , que representar verosimel,tudo o que propoem. Desorteque quanto mais  
 se examina a Poezia , tanto mais claramente se-reconhece , a Rhetorica.



E esta é a razam, porque vemos todos os dias, que muitos, querendo ser Poetas, são uns ridiculos: porque lhe-falta o principal fundamento; que é, saber pezar as coizas, e dar a cada unia o seu preço: observando aquilo, a que os Latinos chamam, *decorum*: que consiste no-introduzir cada um, a falar segundo o seu carater. Todos os defeitos apontados, são essenciais, e frequentes: mas este ultimo da-inverosimilidade, é mais geral, doque se-nam-intende. Acham-se poucos Poetas, que nam pequem contra isto: pecam no-Drama, e pecam no-Epico: aindaque neste menos: porque são rarissimos os que compoem, poemas Epicos. Mas em toda a outra sorte de poesia Narrativo, são mui frequentes em Portugal. Nas comedias pouco caiem os Portuguezes, porque nam se-aplicam a elas: raras vi, fora das-de Camoens: mas os espanhoes caiem muito nisto. Verá V. P. um pastor, que fala com mais filozofia e prudencia, que um Cipiam Nafica, ou Catam Uticense. Acham-se relasoens, com encarecimentos tam despropozitados, que nam merecem outro nome, que uma enfiada de manifestas mentiras. Algumas vezes, um omem vulgar faz uma Decima, ou Oitava derepente: outras vezes, dá melhores conselhos, que um consumado Jurisconsulto. Finalmente em tudo se-ve pintada, a inverosimilidade. Nam digo eu só *Calderon*, mas o mesmo *D. Antonio de Solis*; que em outras coizas mostrou mais juizo, que *Calderon*; nesta o-perde. E finalmente todos os Espanhoes são o mesmo: porque tropefiam a cada passo na futiliza, que é impropria na boca, de semelhantes pessoas: e tambem impropria da-Comedia: que nada mais é, que uma imagem da-vida, proposta aos olhos dos-omens, para repreender as asoens ridiculas dos-mesmos.

Dos-Espanhoes o-aprendèram os Portuguezes: e comumente se-perfuadem, que quem futiliza melhor, e diz coizas menos verosimeis, é melhor Poeta. Metaphoras mui fóra de propozito, encarecimentos inauditos, são os seus mimosos. Ouvei gavar muito um Soneto do-*Chagas*, feito a um cavallo do-Conde de Sabugal, pola metaphora da-Muzica, e come-fa assim:

*Galhardo bruto, teu acorde alento  
Muzica é nova, cem que aos olhos cantas:  
Pois na harmonia de cadencias tantas,  
E' clave o freio; é solfa o movimento.*

Mas eu considerando o tal Epigrama acho, que é uma completa parvoise, desde a primeira palavra, até a ultima. Nam acho nele, conceito algum: as palavras são improprias; e muitas nam tem significafam certa: e nam conclue com pensamentos que eleve, que é a obrigafam do-Epigrama. Nam sei como o dito Poeta nam fez outro, a um burro de Valada, ou macho de Almagro; pola metaphora da-Logica, ou Geometria. Podia descobrir na seriedade destes animais, semelhansas de um omem



que filozófa : no-seu pafo grave, o fundado do-juizo : tambem nas fuas ore-lhas, ſemelhanças de uma ſeſam conica : no-corpo, veſtigios de um pa-ralelogramo : no-movimento, a ideia de varias linhas : e nas unhas, uma porſam de circulo : com outras ridicularias deſtas. As metáforas podem ter lugar; mas nam devem ſer eſtas, que ſam arrastadiſimas. Isto nam inten-dem os que o-louvam : mas iſto deviam intender, os que prezumem ſer Poetas.

O outro ponto dos-encarecimentos, é frequentiſimo neſtes paí-zes. Nam á coiza mais comua, entre eſtes chamados Poetas, doque enca-recimentos incriveis; e ſervir-se de palavras, que nam ſignificam nada. E ſem ſair do-*Chagas*, que parece a muitos, que é bom Poeta; confide-re V. P., o que ele diz neſte Soneto, feito a um pé pequeno de uma Dama.

*Instante de jazmin, concepto breve,  
 Atomo de azuzena presumido:  
 Pues os juzgam las ancias del sentido,  
 Sospecha de cristal, susto de nieve.  
 Nó pie, mentira ſois : pues como aieve,  
 Ni verdad en un punto aveis cumplido.  
 Antes creo que eſcrupulo aveis ſido:  
 Pues de ſer, o nó ſer, la duda os mueve.  
 Como, ſi idea ſois de ojos tan claros,  
 Hazeis los ojos ſe para creeros,  
 Y hazeis la viſta ſe para miraros?  
 Yo me refuelvo en ſin que he de perderos.  
 Pues ſi el veros es ſolo imaginaros;  
 Siendo imaginacion, como he de veros?*

Este Soneto tem tido mil aplauzos : e ja achei quem me-diſe, que era onde podia chegar, o ingenho umano. Contudo iſo eu defendo, que os que o-louvam, proguntados polas palavras do-Soneto; ám-de confeſar, que o-nam-intendem. Primeiramente eſtas palavras, *instante de jazmin, concepto breve, atomo presumido, sospecha de cristal, susto de nieve, ancias del sentido*; ſam frazes que nada ſignificam : e nam só em Portuguez, mas em nenhuma lingua. Dezaſio todos eſtes poetas Portuguezes, paraque me-digan, ſe ouviſem um omem falar em proza daquela ſorte, ſe o-intenderiam : pois é bem claro, que o que nada ſignifica em proza, muito menos ſignifica no-vertio. E temos, que o primeiro quarteto nada ſignifica : porque querendo ele ſignificar, um pé pequeno; ſerve-te de termos, que nam ſignificam iſo. Na ſegunda quadra ſobe de ponto o encarecimento : e nam ſe-contentando de dizer, que é pequeno, e é um ponto; acrecenta, que nam á tal pé no-mundo; pois ſomente fica a duvida, ſe o-ouve, ou nam ouve. Nos-ter-cetos deſfaz, quanto tinha dito. Primeiro aſenta, que o pé ſe-ve : deſ-

pois



pois diz, que nam é afim, e que fomento se-pode saber por-tradifam, que á tal pé: e conclue, que nam existe tenam na imaginalam, e nam é possível que se-veja. Esta é a analize do-dito Soneto. Ora diga-me V. P. polo amor de Deus, se intende o que quer dizer, este Poeta. Primeiramente, ele nam conseguiu o seu fim, que era mostrar, que o pé da-sua Dama era pequeno: provou mais doque quera; e mostrou, que nam avia tal pé. Alem disto nam adverte, a inverosimilitude do-conceito. Nam consiste a beleza de uma figura, em ter um ponto por-pé; antes isto é deformidade: consiste, em ter um pé proporcionado: e nas-mulheres, a sua proporçam é, que o pé seja mais pequeno. E eu intendo que a Dama licaria mais contente, de ter um pé grande; doque de nam ter pés e necessitar de moletas.

Dirmeá V. P. que o Poeta deve fingir, e inventar alguma coisa, para louvar: concedo: mas nam devem ser semelhantes parvoices, que em vez de agradar, fazem nauzea. Podem-se dizer muitas coizas da-quele pé: mostrar, que para o complemento da-beleza, nam á proporçam melhor, que um pé pequeno: que nisto excede ela muito, todas as mais senhoras: que a tua brancura, e delicadeza é inimitavel: que tem toda a graça que se-pode imaginar, em semelhante parte do-corpo. Isto, quanto ao serio. Parlando ao burlesco, podem-se dizer mil outras coizas: e pode o Poeta inventar, alguma coisa galante; com que adorne estes conceitos. Afim torno a dizer, que os que louvam o Soneto, sem considerarem isto, nam o-intendem.

Se V. P. examina o motivo, de todos estes encarecimentos; achará que provem, do-que no-principio apontamos. Todo o ponto destes Poetas está, em singularizar-se, seja como for: e afim buscam argumentos esquipaticos, os quais obrigam a procurar, conceitos despropozitados. E unido a isto, que eles sabem pouco, o que quer dizer *elogiar*; daqui vem, que amontoam conceitos inverosimeis; e servem-se de expressões, que nada significam: as quais ou por-força do-consoante, ou da-novidade, agradam os ignorantes. Que o Poeta disese maos conceitos; aindaque fosse um grande defeito, era mais toleravel: mas que, por-querer dizer coizas peregrinas, diga parvoices, e contrariedades, e fale em uma lingua, que ninguem entende; isto fim que se-chama, grande defeito de Poezia. Conheço, que os sinonimos sam às vezes necessarios: que os epitetos dam muita galantaria, nos-poemas: mas com algumas condiçoens. 1. am-de ser coizas, que signifiquem. 2. distribuidos com moderasam. Mas estas duas coizas sam, as que pola maior parte ignoram, estes Poetas: e com tanto-que configam o consoante, nam reparam, em tudo o mais. Mas sobre todos, este tal *Frei Antonio das-Chagas*, caio nisto: quazi todas as suas obras, consistem em palavras, sem conceito, e sem significado. Os Romances sam menos maos: tambem o Saco da-Jeruzalem Celeste, ainda-que



que cheio de aluzoens mui destemperadas, pode pafar : os Sonetos quazi todos fã pestes : e o mesmo digo da-Filis, que muitos louvam, porque a-nam-intendem. Sei que se V. P. ler isto ao P. \*\*\* me-terã por-um Cafre, que nam intende, que coiza é Poezia : mas eu nam falo sem prova : e quando ele me-fouber reifponder, entã lhe-darei razã.

Bafta que V. P. leia os titulos, de muitos Sonetos ; para conhecer o que digo. Quando eu leio estas infcrifoens : = *Achãdo na beleza de Filis, razã para deixãla* = *aos olhos de Filis com nevoas* = *finexa de nam amar a Filis* = *fazendo merito da-ouxiãda* = *duvidas de declarar-se* = *fazendo razã do-atrevimento* = *confuzã do-feu amor* = *fãindo Filis de noite oa campo* = : e outros afumtos semelhãntes ; ja sei, que as compoziffoens fã parvoiffoes : e com efeito compare V. P. os do-*Chagas*, com estes titulos ; e veja se concordã, e se os-intende. O mesmo lhe-digo do-*Pina*, e outros semelhãntes. Perfuada-se V. P. que um afumto mao, á-de produzir mãs obras : porque se um argumento fecundo, tratado por-um omem que fãbe, às vezes nam fãie bem ; que fará um infecundo, principalmente tratado, por-quem nam fãbe elogiar ? É necesario ter muito ingenho, e juizo, para fãber tratar bem, semelhãntes argumentos. É porque muitos nam tem, estas duas circumftãncias ; por-ifo nacem estas compoziffoens, de que nós nos-rimos.

Mas pasemos dos-Sonetos, ao poema Epico, à famoza Filis do-dito *Chagas* : e verã V. P. que nada mais é, que uma enfiãda de anti-tezes, que nada significã : e que só agradã a estes, que se divertem com confoantes Gregos, sem intenderem o que lhe-agrada. Tudo isto fe-ve, no-principio do-poema : oufa V. P. a primeira Oitava.

*Yó que en la flor de mis primeiros años  
Cantè de Amor, las dulces tiranias ;  
Y en los echizos de agradables daños  
Menti las horas, y engañè los dias :  
Aora en numerosos desengaños,  
Si llanto fõn las consonancias mias ;  
De la beldad que fue de Grecia espanto,  
Lloro el amor, y la tragedia canto.*

Nesta oitava achã-se mil coizas galãntes : *dulces tiranias* = *agradables daños* = *menti las horas* = e outras coizas destas, que jogã os murros. Especialmente confidero, a eiftrutura da-Oitava. Na primeira quadra diz isto : *Que ele, que no-principio da fua idade, fixera versos amãtorios, e afim pasãra os dias* : Esta parte pedia outra segunda, em que disefe : *Que agora, dezingãnado daquelas puerilidades, se-ocupava em fazer, um poema Epico, e serio*. Afim comesa *Virgilio* a fua *Eneide*, e outros Poetas : mas isto é o que nam diz o noso *Chagas*. Parece-me, que na palavra *numerosos*, queria significar *metricos* : e isto cuido que nam significa, mas que só significa



nifica muitos: porém isto nam e nada. A parentezis = *Si thanto son las consonancias mias* = nam tem conexam, com o que acima dise: as consonancias, ou os versos podem ser *choro*, e *canto*; quero dizer, *alegria*. Mas nem menos concorda com o que abaixo diz, o que acima dise: porque nam é boa opposiçam esta: *Tendo até aqui feito versos amatorios; agora com muitos dexinganos, (se é que os meus versos sam choros) choro o amor, e canto a tragedia*. A palavra *canto* na primeira quadra deve significar, nam quem canta cantigas, mas quem faz poemas: e neste sentido a-tomam todos os Poetas, e o *Chagas* tambem: pois o que quer dizer é isto: Que tendo feito muitos versos, na sua mocidade; agora se empregava em outros asuntos. O que suposto, opondo-lhe na segunda quadra, o *choro*; diz uma parvoice: pois o contrario a poezias amatorias, é cantar coizas graves. Onde contrapondo-lhe o *choro*; veni a tomar a palavra *canto*, como equivocca; que é coiza indigna de um poema Epico. Tambem aquela antiteze ultima = *lloro el amor, y la tragedia canto* = é uma puerilidade. Bem se-mostra que o Poeta, novamente quer introduzir por-equivocca, a palavra *canto*. Alem disso, se o argumento da-sua obra, é uma tragedia, amatoria; separando o amor da-tragedia, diz outra parvoice. Palermos à segunda Oitava.

*Musa que cultamente amaneciste*

*Candida en las auroras de mi oriente;*

*Y al alma tantas vezes me infundiste*

*Tu divino furor, tu afecto ardiente:*

*Si dignos son de tu concepto triste,*

*Numeros tiernos de una voz doliente;*

*Mi afecto inflama, harè que en dulce rima*

*Cante el dolor; la consonancia gima.*

Tem V. P. nesta Oitava, quazi as mesmas incoerencias. *Musa candida*, eu nam sei o que quer dizer. *Amaneciste en las auroras de mi oriente*, sam três sinonimos viciozos: *amanhecer na aurora*, é uma parvoice: *aurora do-oriente*, é ainda maior parvoice. Aquela repetiçam = *Tu afecto ardiente* = nam tinha lugar despois de *furor*: porque a Muza comunica o seu furor, ou veia; quero dizer, dirige o Poeta no-canto: mas nam comunica o seu affecto. *Concepto triste*, impropriamente se-aplica à Muza: a qual nam é triste: e muito menos, quando inspira Epopeia. Finge-se que a Muza seja uma Deusa, toda occupada em alegrias; a quem o Poeta invoca, paraque lhe-conceda um espirito, digno do-Parnazo. *Una voz doliente*, supoem, que o Poeta está aflito: e isto é improprio em um Poeta, que nam escreve os seus tormentos, mas os alheios. Que outra coiza avia dizer Demofonte, se compuzese a sua historia? O ultimo verso é uma antiteze ridicula, e verdadeiramente coiza de rapaz: novamente opoem aqui o Poeta o *choro*, ao *canto*; sendo coizas, que no-nosso caso nam sam oppositas: por-que *canto* aqui nam significa cantar. O que diz o Poeta, se-re-



é a isto: *Que a dor á-de cantar, e a consonancia, ou o verso á-de gemer:*  
 e quem pode ler isto sem rizo?

Finalmente eu paro aqui: porque se quizesse examinar todas as Oitavas, comporia um volume. Basta que V. P. o-leia, e examine, e achará que todo o livro se-compoem d'isto; e de palavras que nam se-intendem; e epitetos que nam significam nada. Confesso, que ainda nam vi Poeta, que e creyendo tanto, disese tam pouco, como o *Chagas*. Estas reflexoes que faso a V. P. sobre o *Chagas*, posso fazer em outras obras; nam só de autores das-duzias, mais ainda daqueles que se-acham joeirados, na *Fenix Renacida*; e em outras colecoes de poemas. Mas escolhi este autor, porque é mui conhecido, e louvado, e procurado de muitos: e assim quiz apontar um, para exemplo. O que porem digo dele, deve-se aplicar a todos os outros, que seguem o mesmo estilo. O ponto está ter bem na tabela, as regras da-Poezia; e examinar sem paixam, as obras; que facilmente se-descobrirám, os defeitos.

Se V. P. com estes principios, toma o trabalho de examinar, muitos dos-seus Poetas, ou a maior parte deles; achará, que tropeçam no-mesmo defeito do-*Chagas*; com a unica diferenca de mais, ou menos: e ainda muitos dos-que tem bom ingenho; porque lhe-falta o juizo, para saberm examinar as materias. A regra que eu observo neste particular, é esta: quando vejo um Poeta destes, que se-serve de expressoes, que nada significam; ou que compoem desorte, que o-nam-intendem; asento que nam quiz ser entendido; e em tal cazo, procuro fazer-lhe a vontade, e nam o-leio. Com esta sorte de omens faso o mesmo, que com os laberintos, e enigmas &c. os quais nunca me-cansei em decifrar. eles que o-fazem, que se-divirtam com isto. Se todos asentasem neste principio, veria V. P. como se-mudava a Poezia nestes paizes: porque seriam obrigados os Poetas, a lerem somente as suas obras: e assim, ou se-dezinganariam eles mesmos com o tempo; ou, nam enganariam os outros: e poderse-iam achar Poetas, de algum merecimento: principalmente se chegassem a conhecer, quais sam os requisitos necesarios, para a Poezia. A razam destes inconvenientes é, porque se-persuadem comumente, que para ser Poeta, basta saber a medida de quatro versos: e saber ingenhar conceitos exquisitos. Quem se-funda nisto, nam pode saber nada: sam necessarias muitas outras noticias. É necessario doutrina, e intender bem as materias que se-tratam. é necessaria a Filosofia, e saber conhecer bem, as asoes dos-Omens, as suas paixoes, o seu carater: para as-saber imitar, excitar, e adornecer. Aqui entra novamente a Retorica, que supoem todas aquelas coizas: entra uma pouca de istoria, para nam dizer parvoices: entra a istoria da-Fabula &c. Tudo isto se-mostra manifestamente, nos melhores poemas que temos da-Antiguidade. *Virgilio*, e *Oracio* &c. eram omens que entendiam perfeitamente, que o tratavam: e sabiam muita coiza, que introduziam pro-



propriissimamente, nos-seus poemas ; de que se-compoem , o ornamento deles. O mesmo digo, de outros Poetas modernos, e insignes. Onde quem nam tem estes fundamentos, é verisajador, mas nam Poeta : e necessariamente á-de dizer, muita parvoice.

Seguia-se despois destas reflexoens gerais, falar especialmente, nos defeitos das-particulares: mas nem eu tenho tempo para isto; nem o-permite, a brevidade de uma carta. Onde, somente direi alguma coisa mais geral, que compreenda as composicoens pequenas; e tambem alguma coisa do-poema Epico; visto que o Dramatico nam tem uzo, em Portugal. Digo pois, que nestes paizes vejo, mui radicada certa opiniam, de chamar Poeta, a quem o-nam-é: e dar estimasam a poezias, que a-nam-merecem. Uma vez que um omem faz um Soneto, com algum conceito; ou Decimas, com alguma naturalidade; acham-se logo mil admiradores, que dizem, ser famoso Poeta. V. P. terá ouvido frequentissimamente, que quando em um Oiteiro se-gloza um mote, com facilidade; estam prontos mil aplauzos, para o Poeta: ou o-prezenciei muitas vezes: e esta é a comua opiniam. Mas na verdade é um ingano comum, porque aquilo nam é ser Poeta, nem para lá vai. Semelhantes sortes de composicoens, nam dam credito a ninguem: isto persuade a boa razam, e a experiencia. Quanto à experiencia, prugunte V. P. (o que eu ja fiz) a um destes Glozadores, qual é o artificio da-Poezia; e verá que nam sabe de que cor é: e nam digo só destes das-duzias, mas ainda dos-que glozam felizmente: e consequentemente nam é Poeta. A razam confirma o mesmo: porque o artificio destas obras nam é nenhum: a sua contextura é tam facil, que por-mao que seja o Poeta, sempre acerta com elas. A Decima, a Quintilha, o Madrigal, as Liras, a Silva, o Romance lirico, Quartetos puros, e de pé quebrado, Tercetos &c. nada mais pedem, que a naturalidade do-conceito, e expresam: quando muito, algum bocadinho daquele *ingenho mixto*; que consiste, em ter no-fim algum pensamento meigo; explicado com alguma fraze agradavel, e delicada, ou coisa semelhante. Isto nam pede talento, mas somente alguma imaginasam: a qual nam se-acha omem tam desgrafado, que a-nam-tenha. Onde, posto isto em trages de Poezia, saie uma Decima, ou coisa semelhante.

Nam digo, que um bom Poeta, nam possa fazer estas coizas tambem; que agradem aos omens, de melhor penetrasam: sendo certo, que quem tem juizo o-mostra, ainda nas coizas pequenas; como fizeram os Antigos: o que digo é, que explicando um pensamento, polo modo que apon-to, pode qualquer fazer Decimas &c. que agradem. Antes é muito de advertir, que quando estes poemas pequenos se-estudam muito, e neles querem mostrar muito estudo; cheiram a Filozofia, e perdem toda a grasa. Estes defeito tenho observado, em muitos Espanhoes, e Portuguezes; que se-preparam para fazer uma Decima, a uns olhos azuis; ou a uma Dama



que deixou cair, uma luva em terra; ou a um final que se-despegou do-rosto; e outros semelhantes assumtos; como se ouvessem de cantar a guerra dos-Romanos, com Mitridates, ou com cartago. Isto é um defeito essencial: e é nam saber aplicar o poema, ao assumto: sendo certo, que semelhantes composiçoens só se-inventáram, para assumtos ou burlescos, ou amatorios; ou de coizas domesticas, que nam permitem estudo particular: e assim todo o merecimento de semelhantes obras consiste, n'um conceito delicado, e natural. O Poeta perde a naturalidade, todas as vezes que procura, com grande estudo, mostrar ingenho: e nunca dezagrada mais, que quando procura agradar muito: porque o conceito á-de apresentar-lhe, e nam procurar-se.

Por-este motivo sam dignos de rizo certos Poetas, e Poetazes, que fazem Romances, e coizas semelhantes; com tal estudo, que namie-intendem sem comentario. A *Madre Joana de Mexico*; é uma delas: tambem *Gongora* nos-seus Romances: e dos-modernos *Eugenio Gerardo Lobo*: que tem alguns, que, ainda despois de muito estudo, nam se-percebem. Finalmente isto é defeito geral dos-Espanhoes: e dos-que eu li, nam achei algum, que nam pecaie nisto. Dos-Espanhoes o-receberam os Portuguezes, e poucos sam os que se-excetúam. O *Chagas* nos-seus Romances, tirando em certas partes, é dos-mais naturais: tambem o *Camoens* no-lyrico. Vi tambem neste genero alguma coiza do-*Conde de Tarouca*, morto no-Imperio; que me agradou pola naturalidade, e imaginavam: e algum outro, mas raro. Dos-oscuros nam cito exemplos, porque nam á coiza mais comua que isto: e neles poderá V. P. reconhecer, este defeito. O pior é, que se um omem faz uma Decima, ou coiza semelhante, como deve ser; nam agrada a esta sorte de Poetas, e chamam-lhe coiza trivial: querem ideia mais superlativa: e sempre o obscuro, inverosimel, arastado, lhe-parece que encerra, melhor doutrina. Mas o fal do-negocio consiste, em mandar isto à sua Dama, ou a um amigo, que o-nam-intende: e ficarem lambendo os beiços, dos-aplauzos. Isto vale o mesmo, que se lhe-mandassem uma Ode de Pindaro, ou Anacreonte; porque umas e outras seram Gregas. Nam é crível, quanta gente padece esta enfermidade: que para mostrarem ou doutrina, ou ingenho; procuram nam serem entendidos, nam só nas composiçoens, mas ainda nos-discursos familiares. Achei-me em uma Profissam de Freiras, onde vi certo \*\*\* que sendo dezafiado por-uma Freira, despois de falar muito, lhe-falou nas *precizçoens objectivas* dos-Logicos, e repetio muito verso Latino. Mas a Freira nam cedeo: porque se ele falava latim, ela falava uma lingua, que ninguem entendia. Despois de falar muito tempo, com um profluvio de palavras incrível; juro a V. P. que nam pude perceber, o que ela queria dizer: pois aindaque as palavras eram Portuguezas, a fraze poreu era tal, que nam se-podia decifrar. Esta Freira tem muitos parentes neste mundo. Concluo pois, que esta sorte de poemas, que



que pedem fomite naturalidade , e alguma imaginação ; a ninguém podem dar nome , de Poeta.

O Soneto também pertence a esta regra : mas é certo , que pela qualidade do-verso , admite mais elevação de expressões , que os outros poemas nomados. Contudo isto defendo , que o conceito deve ser natural : deve ter verdadeiro ingenho : e só na maneira de explicar-se , é que está a galantaria do-Soneto. Consiste pois a obrigação do-Soneto , em propor na 1. quadra o assunto : na 2. explicá-lo com algum conceito : de que se tire o argumento , para os tercetos. Os Poetas , que tem mais cabedal , expõem o assunto nos primeiros dois versos : nos dois segundos começam a discorrer. Tal é o Soneto feito á morte de uma Senhora , cuído que pelo Bachelar , e diz assim :

*Venceo a Morte , o Fabio , a Formoxura.  
Amarilis a bela é cinza fria.  
Procura Amor fazer , que o-nam-sabia ,  
E esconde o caso , nesta pedra dura &c.*

Outras vezes o Poeta expõem na primeira palavra , o assunto : e desta sorte é o Soneto , que citei a V. P. em outra carta , feito a uma cara mui feia. Mas nem todos os assuntos , se podem propor assim ; e podendo , nem todos os Poetas são capazes , de o-fazerem. Porém é grande beleza do-Soneto , que na primeira quadra diga algum conceito ; que dê materia a todo o discurso da-segunda ; e encadeie naturalmente com os tercetos. E sem sair de-tal Soneto , o-repetirei novamente ; porque me-parece que prova , o que digo.

*Es feia : mas desorte , que orroroxa  
A tua vista é bela a feialdade :  
Mas tens fortuna tal , que a enormidade  
Te-consegue , os tributos de formoxa,  
Cara tam feia , coiza tam pasmoza  
Todos observam , e move a raridade.  
Nam desperta o comum a curxidade :  
Ser rara , é que te-adûla vaidoxa.  
Ama-se o Belo , e cega o mesmo afeto.  
O Feio , pois nam liga o pensamento ,  
Deixa miudamente ver o objeto.  
Isto faz que se o bserve esse portento.  
Quanto estás obrigada , a esse aspeto ;  
Se no-enorme te-dá merecimento!*

Neste Soneto . que em tudo é natural , o conceito dos-dois ultimos versos da-primeira quadra , prova-se na segunda , e se-confirma nos-tercetos : dando materia ao conceito do-fecho , que é nobre e natural , e diz mais do que soa. Mas nem todos seguem este parecer : e verá V. P. infinitos



Sonetos , ainda de omens que prezumeem ser Poetas , que pecam contra tudo isto. Eles tem dois extremos : ou dizem conceitos inverosímeis , e encarecimentos tam fóra do escolio , que ninguem os-pode soffrer : ou dizem frioleiras ; ou finalmente servem-se de conceitos , que nam é facil intender : e o melhor da-galhosa está , em que ornarn tudo isto com frases , que nam se-percebem. De tudo achará V. P. exemplos , sem sair do-*Chagas* : o qual tem Sonetos em que se-acham , estas trez coizas : inverosimilidades , ocurridades , e frialdades.

→ Quanto às inverosimilidades , nam queira V. P. melhor prova , que o Soneto Espanhol , feito ao pé pequeno d'aquela Senhora &c. mas ainda á outros. Faz ele alguns Sonetos , a que chama *Eroicos* , e entre eles algum ao *Conde da-Torre* , que matou de um golpe um toiro. Assunto mui mimozo dos-Portuguezes , ao qual tenho lido infinitos Sonetos , de diferentes autores. Intende V. P. que este titulo *Eroico* , promete um pensamento nobre e admiravel? assim devia ser , mas nada menos é : e nestes eroicos-entram igualmente as futilzas , e impropriedades. Se-me-nam-dá credito , oufa o primeiro , que diz assim :

*Tam grande golpe , o Conde illustre , destes  
Neste amante de Europa que matastes ;  
Que só o estrago , que ao ferir causastes ,  
Todos os Signos atouou celestes.*

*Tam veloz , tam bizarro acometestes ;  
Que , no-impulso menor com que voastes ;  
Ao golpe orrendo a morte anticipastes :  
E por-demais a excusam fizestes.*

*Faltou emprego à espada , ao braço forte  
Lugar : onde aparece a desmedida  
Força , que enveja Alcides , e Mavorte.  
E intendo que ambicioso da-ferida ,  
Por-ser o bruto o credito da-morte ,  
Causa vos-deu , para tirar-lhe a vida.*

Este Soneto que V. P. aqui vê , é mui gavado : mas examinado ele bem , é parente chegado dos outros amatorios. Na primeira quaderna se-observa a puerilidade , de chamar ao toiro , *Amante de Europa* ; semente para dizer , que se-espantáram os mais signos celestes. Tomára que me-disse , se se-espantou tambem o signo de *Libra* &c. Na 2. quadra desfaz , o que disse na primeira : e afirma , que o Conde nam matou o toiro ; mas fez semente a eroica assim de dar em um corpo morto : e o mesmo confirma , no-primeiro terceto. O que contem o ultimo terceto , nam se-pode intender : porque que queira dizer *Credito da-Morte* , eu nam fei : o que fei é , que para fazer uma antiteze ridicula , de *morte* , e *vida* : compoem dois versos , que nada significam. Parece que queria dizer o Poeta , que o bruto , que era inimigo da-more , fo-



fora com gosto oferecer-se a ela. Mas isto, alémdeque desmente o que primeiro dissera, que ele nam matára o boi; nam se-pode explicar, com o ultimo verso: porque *dar cauza* pode a alguem, sem se-oferecer à morte. Em uma palavra, isto é um conceito Grego. É ditto achará V. P. frequentemente, no-mesmo autor. Os seus conceitos eroicos, sam tam superlativos, que eu os-nam-intendo. Em outro Soneto a *D. Joam de Castro*, sobre o mesmo assunto, conclue assim:

*Do-valor forte foi: mas de tal sorte,  
Que a sorte foi valor, Castro bizarro:  
Sem ser azar do-bruto o dar-lhe a morte.  
Antes se-ve, que com feliz desgarrro  
Lá no carro da-Fama está mais forte,  
Que este que foi de Europa amante escravo.*

O consoante ultimo parece devia ser *escarro*, e nam *escravo*: mas o conceito obriga a dizer, o contrario. Porem isto é nada: o que eu digo a V. P. é, que o que querem dizer estes dois tercetos, confesso a minha ignorancia, eu nam sei: nem até aqui achei, quem me-explicasse. V. P. terá o trabalho de o-consultar, com aquele seu amigo, que louva tanto este autor: e notar de caminho, se, escrevendo em Tartaro, podia ser menos intelligivel. Quando estes Poetas, querem fugir da-obscuridade, declinam para outro extremo; que é, dizer coizas, que nam tem graça alguma, a que se-chama frioleiras. É tal é o fecho de outro Soneto, ao mesmo assunto, e polo mesmo autor: que eu repetirei todo, porque se no-fim é mais claro, nam é menos galante no-principio.

*Foi, o Conde bizarro, de tal sorte  
A vida dese bruto prezumida;  
Que o Roxo mar da-mais cruel ferida  
Julgava escrito seu alento forte.  
Mas só vós, raio illustre de Mavorte;  
Fizereis, com puxansa nunca ouvida,  
Que por-orde sair nam pode a vida,  
Soberba intrase arrebatada a morte.  
Emfim caio o bruto: e parecia,  
Que o tom do-golpe, que nos-vaes dura,  
Em todo o ar exequias lhe-fazja.  
Pois foi dessa espada a forsa dura,  
Que ainda a terra parece que lhe-abria,  
Com os sobejos do-golpe, a sepultura.*

Este Soneto é parente do-antecedente. Esta fraze *vida prezumida*, nam sei o que significa: muito menos intendo, os dois ultimos versos da-primeira quadra: é tam sublime o conceito, que creio, que nem menos o seu amigo \*\* se-atreverá a explicálo, em boa proza. Tambem aquilo de cha-



mar *Mar roxo*, ao *Mar vermelho*; nam se-pode perdoar a um omem, que fez, ou intentou fazer um poema Epico. A antiteze que se-acha na 2. quadra, de *Sair vida, e intrar morte*, é outra inglezia. O que eu acho é, que se o toiro morreo de uma cutiladada, pola mesma parte por-onde iutrou a morte, saio a vida no-sangue: e isto nam é *puransa nova*; mas é coiza bem uzual. O ultimo terceto, tem um conceito bem ordinario, e em tudo semelhante, ao de outro famoso Soneto ao meimo assunto, que comesa:

*Foi para o raio de aso curta esfera,*  
e conclue assim:

*Que emprego sofrerá forsa tam dura?*

*Abra o boi: rasgue a terra: e desta sorte*

*Saia em sobras da-morte, a sepultura.*

Mas eu devo dizer o que intendo: acho que em ambas as partes os Poetas disseram, o que diria qualquer omem de ganhar. despois de terem engrandecido tanto o golpe, sam mui frios na concruzam. Para acompanhar com o Soneto, parece-me que tinham dois conceitos, mais exquisitos. Uma era dizer, que com a forsa da-caida furára o bruto, o globo terra-queo; e fora parar, no-emisterio dos-Antipodas. O outro era concluir, que ao toque da-espada, se-anihilára o bruto: tomando esta palavra, no-sentido filozofico, que supoem uma forsa mais que umana. Cuido que isto era mais conveniente, ao estilo de Portugal. V. P. diga ao seu amigo; que fasa nota destes dois conceitos; para se-servir, nas ocazioens de toiros.

Em outra parte faz o mesmo *Chagas* dois Sonetos, que acabam com duas frioleiras insupportaveis. Um é feito, à morte da Infanta D. Joana, e conclue assim:

*Transposta quando menos admirada,*

*Arroteceo na aurora de uma vida,*

*E se-eclisou de um Sol na madrugada.*

*Mas sendo as luzes tantas, quem duvida,*

*Se era o viver de muito desejada,*

*Que o morrer foi de pouco merecida.*

O outro é feito, a outro cavalo do-*Conde de Sabugal*, que campiava bem. Este autor era tentado com tais assuntos: e creio que na cavalariça do-dito Conde, nam deixou animal sem Soneto: finalmente fez um, que concluía assim:

*Nó pues de Febo el tiro luminoso,*

*Nó de Alexandro el Zefiro animado*

*Rapido se compita, o generoso.*

*Pues preferiendo a todo lo animado,*

*Los puso desayrados en lo ayroso,*

*Corridos los dexò con lo parado.*



Estes dois fechos sam as maiores trialdades, que eu ainda vi : nam se-podem ler sem compaixam : e isto alem de terem antitezes, e versos, que nam se-intendem.

E nam cuide V. P. que isto succede fomento no-*Chagas*, e outros Poetas ; acha-se nos-melhores : e *Camoens* é um deles. Este omem, que no-Lirico tinha muita naturalidade ; querendo introduzila nos Sonetos, fez a maior parte deles sem grafa alguma. Ponho neste numero os dois gavadinhos, que se-tem glozado cem mil vezes : começa um :

*Sete años de pastor Jacob servia :*

e conclue assim :

*Comesa de servir outros sete años*

*Dizendo, Mais servira, se nam fora*

*Para tam longo amor, tam curta a vida,*

outro começa :

*Alma minha gentil que te-partiste :*

e acaba :

*Roga a Deus, que teus años encurtou,*

*Que tam cedo de cá me-leve a verte,*

*Quam cedo de meus olhos te-levou.*

Confidere V. P. sem paixam, estes dois Sonetos ; e observe se acha neles, o carater do-Epigrama. Eu digo que nam : porque o Epigrama deve concluir, com algum conceito que agrade, e arrebate com a novidade ; e deixe intender mais, doque nam diz : e isto é o que eu nam acho, em nenhum deles. O primeiro contém uma istoria, sem arteficio algum poetico : e conclue com um comprimento bem uzual. Um amante logrado, que menos podia dizer que isto : *Mais servira, se nam fora pouco todo o tempo, para empregar no-seu serviso?* Contudo isto, nam obstante ser uma coiza fria, eu observe outro defeito maior, que é a impropriedade. Para fazer uma antiteze, de *amor longo, vida-curta*, serve-se de uma fraze impropria : pois *amor longo*, é parvoice ; porque refere-se *a tempo* : e aqui deve-se referir a grandeza ; e dizer, *amor grande* : no-qual cazo vai por-terra, o conceito. Do-outro Soneto digo o mesmo: todo se se-reduz a isto = *Tu que estás la no-Ceo, pede a Deus, que me-leve a verte depressa* : e que menos se-pode dizer, a um morto amado ? Este é outro fecho semelhante ao do-*Borges*, que fazendo um Soneto, a morte da-*Infanta D. Francisca*, falando com a Morte, conclue assim :

*Se nam poles ja ter igual projeto,*

*Pendura a fouce, e deixa de ser Morte.*

Se o disêse ao principio, e dele deduzise alguma coiza boa ; seria menos mau ; mas rezerválo para o fim, é nam intender este officio. Esta especie de conceitos, nam é necesario dizelos : estam ditos por-si, e todos os-diriam. Neste mesmo fecho do-*Camoens*, noto outra impropriedade. A pa-



lavra *cedo* no-primeiro verso, refere-se a tempo; e quer dizer, *depressa e logo*, sem reparar em idade, ou coisa semelhante. O que posso, compara muito mal o *Camões* um *cedo*, com outro *cedo*, sendo coisas diferentes: e vale o mesmo que dizer: *Assim como tu partistes na flor da idade deste mundo, assim eu parta logo* &c. a qual propoziam manifestamente se-ve, ser uma parvoise. Toda a grafa pois do-dito conceito, se-reduz à palavra *cedo*: que aqui é um rigoroso equivoco: coisas indignas de um Soneto. Onde concluo, que no-*Camões* nam vejo o espirito do-Epigrama; porque a sua naturalidade talvez afetada, o-faz languido: e o Epigrama, aindaque natural, deve ter outra elevação. E assim os que querem fazer bem Sonetos, devem evitar nam só a inverosimilidade, e obscuridade; mas também a frialdade.

Muitas coisas reduzidas a Decima, ou outra tal compoziam, parece bem; que em Soneto parecem muito mal. No estado em que está oje a Poezia; pode intrar no-Soneto, alguma coisa de *ingenho mixto*: porque estes costumam agradar mais. Creio porem que é melhor, fazer poucos e bem que muitos dos-comuns. Esta sorte de poemas imperfeitos valem pouco, e nam são capazes de darem nome, a um Poeta. Onde quando nam são superlativos, nam se-podem sofrer. Este porem é o defeito, de muitos Portuguezes: que fazendo Sonetos mal, ainda assim nam cessam de fazê-los: faram dez e doze a uma roza, e assuntos semelhantes: outros em um Oitavo fazem bastantes glozas, a um só mote: e se os primeiros são maos, os ultimos são peste. Mas, tornando ao ingenho, concluo, que em toda a sorte de poemas pequenos, deve o Poeta ter sempre diante dos-olhos; que o essencial deles é, a naturalidade, unida a um pensamento galante, exposto com delicadeza. Esta pode consistir, em um sentido oculto, que diz muito, quando parece que nam diz nada: em alguma pancada picante, coberta com um veio modesto: em uma grafa, exposta ironicamente com maneira seria: em um pensamento fino, coberto com uma palavra grosseira. No-Soneto porem deve praticar-se isto, com menos meiguise, e mais elevação. No-que reprovoo o estylo de muitos, que se-servem dos-Sonetos, ou Romanes Heroicos, para coisas amatorias; nas quais nam entram bem: porque o verso endecasilabo, pede emprego mais sezudo: o Lirico é proprio para estas coisas.

O que digo do-Epigrama Portuguez, digo também do-Latino, porque as regras são as mesmas: e com mais razão se-devem nele evitar, os equivoccos &c. porque a lingua Latina nam sofre, semelhante estylo. Os Epigramas dos-Gregos eram naturais, aindaque com grafa: este estylo seguiu *Catulo*. Porem *Marcial* no-tempo dos-Vespazianos, principalmente de Domiciano; que era a declinação da-cloquencia Latina; e quazi o principio da-idade de bronze, segundo os que intendem melhor; foi o que começou a introduzir, ou refinar as agudezas, e equivoccos, nos-Epigramas:  
o que



o que agradou entam, porque se-comeiava na-Corte a perder, o bom gosto da-Eloquencia. Com effeito alguns dos-seus Epigramas podem pafar, em obzequio daquele tempo; e tambem do-nofó, que ainda está alguma coisa ocupado, com futillezas: mas fãõ rarifimos, e apoftarei que nam chegam a quinze, os bons. A maior parte porem fãõ frieldades, e parvoifes, que os omens de juizo tem desprezado; e reconhecem estar muito abaixo, da-nobreza de *Catúlo*. Mureto, que imitou tambem *Catúlo*, que parece o mefmo autor, chama a *Marcial*, *Bobo de Comedia*: e o nofo Lilio Gregorio Giraldo, a quem todos os doutos reconhecem; por-omem de juizo exatiffimo nestas materias; diz deles com galantaria, que só podem agradar, aos afnos. Temos mais alguns antigos Epigr. que podem pafar. Dos-modernos acham-fe alguns bonitos: mas incontrei tambem, colefõens de Epigramas modernos, indigniffimos; e a maior parte fãõ afim: e afim é necesfario lefõs, com muita advertenciã. O ingenho mixto reina, nestas composifõens; principalmente desde o fim do feculo. XVI. a esta parte. Chamo felicidade fazer um Epigrama, que feja bom. Onde diz com grafa o douto P. Rapin, que o Epigrama fe nam é excelentiffimo, nada vale: e que tam difficultozo é, fazer um bom, que fe-pode contentar, quem chega a fazer um, em toda a fua vida.

Esta materia dos-Epigramas, que fãõ rigorozas infcrifõens funebres a fua origem; aindaque ao depois se-aplicarem, a outras materias; me-conduz a falar, nos-Elogios lapidares: que fãõ um *quid medium*, entre a proza e o verso; e o *Juglar* lhe-chama *libera Poëfis*. Nesta materia tenho pouco que advertir a V. P. por que o-reduzirei a duas palavras. Nenhum omem de juizo, deve feeguir o eftilo, do-*Tezouro*, *Juglar*, *Mafenio*, *Labbé* &c fe é uma rapaziada condenavel, introduzir na lingua vulgar equivo-cos, e futillezas; e que nenhum omem douto faz; que ferã introduzilõs na Latina, em que nós nam temos jurifdifãõ? Alem difõ, a lingua Latina nam permite ifto. Os que eftimam a bela Latinidade, devem efcrever, como os da-idade de oiro; ou quando muito de prata; e nadamais fe-deve imitar. Nos-fins da-idade de prata, é que se-comesãram a introduzir tais agudezas, por-culpa de *Seneca* Filozofõ, e feo fobrinho *Lucano*: mas principalmente de *Marcial*, que florecco pouco depois. Motivo porque muitos bons criticos querem, que a idade de prata acabe com Nero, no-ano 67. de Christo: vendo quanto dali para diante, defcaio a Eloquencia. Mas ainda nos-fins da-idade de prata, nam estava o cazo tam arruinado: o que alcanfo por-infcrifõens de fe tempo. Do-tempo dos-Antoninos para diante, quero dizer, desde os principios do-fegundo feculo de Christo, é que totalmente fe-comefõu a arruinar, e intrãram as futillezas: mas pior que tudo, desde a metade do-dito feculo para baixo. Finalmente arruinou-fe a lingua Latina, como imperio Romano, no-quinto feculo, daí para diante reinou a ignorancia, até o meio do-decimoquinto feculo. Contudo atrevo-me a di-



zer, que nam sò nos-fins do-Imperio, mas nem ainda nos-seculos da-ignocancia, se-acha muita futilidade, e equivococ; se os comparamos com os nosos. Somente nos-fins do-decimosexto seculo, comesáram a apparecer: mas totalmente se-rafináram, nos-principios do-decimosetimo: e duráram quazi até os fins do-dito: até que apparecêraõ omens, que reprováram este estylo, e seguiraõ a Antiguidade. Isto basta para mostrar, que se-deve desprezar esta novidade; que é incompativel, com a beleza das-expressoens, e magestade da-antiga Eloquencia. Os ingenhos pobres, é que vam detraz destas ridicularias, para serem estimados; visto nam o-poderem conseguir, por-outro estylo. No-tempo de Augusto, em que cozinheiros, pasteleiros, e moios dos-moinhos, sabiam mais de Eloquencia, e bom gosto, doque a maior parte destes modernos doutores; nam se-escrevia assim: as inscricoes eram naturais, claras; e em poucas palavras. Abra V. P. o *Grutero*, *Reinocio* &c. e verá provado o que digo. Ainda na idade de prata, e bronze, a maior parte das inscricoes sam naturalissimas: o que eu observei muitas vezes, examinando os antigos monumentos, que existem em Roma; esculpidos no-quarto; e quinto seculo: como tambem uma infinidade de sepulturas particulares, dos-seculos inferiores, escritas com toda a naturalidade, e grafa. E isto deve fazer, quem quer merecer louvor: e nam seguir os passos destes ignorantes, que fazem Latinos novos.

Quanto às divizoens de regras em grandes, e pequenas, é certo, que algumas se-acham da Antiguidade; mas raras: e regularmente por-necessidade, de comefar outro capitulo &c. Comumente escreviam sem divizoens, e muito menos divizoens afetadas; como quem escreve carta. O que eu observei muitas vezes: e nam só nas antiquissimas; mas ainda nos-monumentos escritos, até a ruina do-Imperio, e inferiormente. No-fim do-XVI. seculo, é que comesáram a introduzir, esta ridicularia. Comefou polos titulos dos-livros: passou aos arcos triunfais &c. De entam para cá *estilo lapidar* significa, um Latim escrito em diferentes regras maiores, e menores, segundo a eleisam de quem escreve. Eu certamente nos-principios de livros, &c. deixaria as coizas como estam: mas nas inscricoes lapidares, nam me serveria destas divizoens de regras à moderna: porque se aquillo nam é verso, que necessidade á, de dispoilo daquela sorte? Alem disto, as inscricoes lapidares devem ser brevissimas, e clarissimas: e assim nam é necessario divizam, porque nam á motivo, para se-confundir a gente. Isto é o que eu nam posso soffrer, nestes modernos pouco advertidos; que fazem inscricoes eternas. Mas isto é contra o bom gosto: a Antiguidade explicava-se em duas palavras: a simplicidade, e abrevidade, era toda a galantaria das-inscricoes. Li muitas vezes, e sempre com particular gosto, as inscricoes que ainda oje vemos, nos-antigos monumentos, que existem em Roma. No-portico do-Pantheon ainda oje lemos: *M. Agrippa L. F. Cos. Tertium Fecit*: que quer dizer, *Marco Agrippa, filho de Lucio,*  
*ter-*



*terceira vez consul, fundou este portico.* Esta é do-seculo de Augusto. Mas ainda as inferiores são assim. Vencera Tito Vespaziano os Judeos: demolira Jeruzalem: concluíra uma das-mais obstinadas guerras, que tiveram os Romanos: o Senado, levantando-lhe um arco Triumfal perpetuo, nam disse uma arenga sempiterna; contentou-se de escrever estas palavras: *Senatus Populusque Romanus Divo Tito, Divi Vespasiani F. Vespasiano Augusto.* No frontispicio do-templo consagrado pelo Senado, ao Imperador Antonio, e sua mulher; lem-se estas palavras: *Divo Antonio, & D. Faustinae. S. C.* No pedestal da-coluna Antonina, le-se: *M. Aurelius Imp. Armenis, Parthis, Germanisque bello maximo devictis, triumphalem hanc columnam rebus gestis insignem Imp. Antonio Pio patri suo dedicavit.* E na coluna Trajana triumphal lemos ainda: *Senatus P. R. Imp. Casari Divi Nerva F. Nerva Trajano Aug. Germ. Daecico Pontif. Max. Trib. Potest. XVII. Imp. VI. Cos. VI. P. P. ad declarandum quantæ altitudinis mons, & locus tantis operibus sit egestus.* Deixo de citar outras, porque é coiza bem vulgar. Nestas inscrições ve V. P. a naturalidade, simplicidade, brevidade: sem divisoens, mas com fraze continuada. Se porem algumas vezes, eram as inscrições mais compridas, provinham dos-titulos dos-Imperadores, que se costumavam escrever: ou porque nela se-nomiavam varias pessoas, cadauma com o seu titulo; que é o mesmo que diferentes inscrições: mas isto é raras vezes: o comum era pelo contrario. Nam assim nos-modernos, que fazem inscrições eternas, sem nobreza, ou graça alguma; e com divisoens importunas e afetadas. Mas quando quizessem seguir estas divisoens, pouco importaria; contanto que fugissem, dos vicios apontados. Uma coiza porem nam posso soffrer, e vem a ser, escreverem livros em estilo lapidar, com as divisoens ditas. Se eles intendem, que este estilo é tam proprio das-lapides, que nam pode aver lapide, por-outro estilo; quizerá que me-disessem, porque compoem livro assim: ou é lapide, ou é livro. Nam á coiza mais ridicula que esta. Mas o que merece mais riso é ver, que quando algum compoem um destes livros, saiem logo os censores, canonizando o dito estilo; e dizendo mal, dos-que desprezam estas rapaziadas. \* \* \* Um bocadinho de melhor gosto na lingua Latina, e um bocadinho mais de reflexam, pouparia estas criticas injustas.

Passando agora às composições modernas, pouco me-fica que dizer. As mais consideráveis entre as pequenas são, a Egloga, Elegia, Ode. A Egloga nam tem uzo em Portugal: em que nam se-aplicam a descrever, a imagem da-vida pastoril, cujo carater é a simplicidade, e moderação, nem tambem esta compoem, pede muito ingenho: basta ser acertado. *Camoens* nas suas Eglogas, introduz tanta variedade de versos, que nam se-podem ler com gosto; porque faz peder, a ideia da-Egloga. Alguma delas consta de Oitavas, Canções, Tercetos &c. mais isto nam se-deve imitar. Pode alguma vez variar-se, a uniam das-rimas: mas na mudança de versos,



Deve-se proceder com cuidado; porque é muito impropria. As outras duas composições, sim se-uzam em Portugal: mas comumente debaixo de outros nomes. A Elegia, tem por-emprego, descrever sentimentos ou amores; ou exprimir qualquer paixão amorosa. Donde vem, que o seu caracter deve ser, o enternecido, explicado por-um modo animado; mas quanto mais pode ser natural: que é o que faz quem chora, ou ama: e aqui tem lugar, as Figuras proprias desta paixão. Cuido que para isto é mais proprio, o Romance Lirico, e a Silva; porque são composições naturais, e que se-podem animar, como cadaum quer: o Endecasilabo nam parece tam proprio para isto; porque as de *Camoens* em Tercetos, nam são bem. Neste particular acho um notavel defeito, em alguns Poetas, que querem fazer do-Soneto Elegia: e afetando um só conceito final, mostram tanto estudo; que destroem a ideia da-Elegia. Uma paixão nam se-dezafoga, em 14. versos: pede composições mais comprida, e livre de afetações: acrescentando a-isto, que nem menos o verso os-ajuda. Mas ainda o Lirico, se se-compoem de discursos separados, como são as Decimas; nam permite liberdade da-expressão, para dezafogar a paixão. Tambem nam aprovo os quartetos Liricos, porque mostram afetação. Com effeito muitas que eu vi, nestos dois generos, cuido que mais moviam as Damas a riso, que a compaixão.

A Ode é aquella composição, com que se-louvam as ações dos Deuses, ou omens illustres. Esta explicação basta para mostrar, que pede um grande ingenho, imaginação elevada, expressão nobre e correta; e toda a galantaria e vivacidade, que se-acha na arte de persuadir. Quer-se juizo, para tecer uma Ode com magestade, e sem defeitos. A Antiguidade nos-propoem *Oracio*, como o melhor exemplo nesta materia: porque soube unir duas coisas bem difficultozas, a elevação, com a delicadeza e doçura. Para isto na lingua Portugueza parece proprio, o Romance Heroico, a Canção, Tercetos Heroicos, quero dizer, endecasilabos: mas o Lirico nam creio que possa satisfazer, toda a grandeza do-argumento. Sobre tudo reprovo muito, elogiar as ações de um homem, em um Soneto: este só pode servir, para uma ação. O verso endecasilabo é fezudo, grave, e parece proprio, para estes argumentos: mas deve a composição ter, o comprimento necessario, de outra sorte soffoca-se: motivo porque nunca pude perdoar a *Camoens*; principalmente fazer composições amatorias, com o titulo de Ode. Estas tres composições, que a qui nomiamos, reduzem-se ao poema Narrativo Epico, de que são partes, ou dependencias.

A Satira é parte da-Comedia, para a qual se-reduz: contudo muitos que não fazem Comedias, divertem-se em fazer Satiras. Mas é necessario muita advertencia, nesta materia. A satira nam deve reprender, senão o que verdadeiramente é viciozo; para instruir os Omens, do-que devem fugir: e para conseguir isto, quer-se muita delicadeza. Quem reprende o

Vicio



Vicio abertamente com invetivas, concitue pouco: por este motivo nam agrada *Juvenal*, que é um declamador. O melhor é, pintar com galantaria, o ridiculo do-Vicio, quazi como quem o-nam-quer mostrar. Este foi o metodo do *Oracio*; que por-isto agradou muito: mas nam foi ele o inventor; foi o Filozofa *Socrates*, que tinha uma arte particular, de descobrir as ignorancias dos-Omens, mostrando de o-nam-querer fazer. Os modernos que seguiram este metodo, conseguiram melhor que outros, o seu intento. A historia de D. Quixote, é neste genero famoza, e galante: gostei muito de a-ler. Polo contrario, os que fazem Satiras oscurissimas, como *Persio*, e dos-modernos *Gracian* no-seu *Criticon*, e *Barclai* no-seu *Euforiam* &c. nam se-podem sofrer: e eu creio, que eles mesmos em varias partes, nam intendem o que dizem. Os nosos Italianos tem um gosto particular, para as Satiras; porque em duas palavras dizem muito, e com galantaria; deixando intender mais, doque nam explicam. Tenho visto algumas Latinas bellissimas, e bem modernas: como tambem Comedias, no-seu genero famozas.

Itto digo da-Satira em comum: nam aconselho a ninguem, que fasa Satiras a peoas particulares, aindaque sejam viciozas; porque é contra a caridade. Em Portugal ainda nam li uma Satira bem feita, ainda das-particulares: as que vi eram afrontas e injurias, nam Satiras. Concluo dizendo, que o verdadeiro modo, que os omens inteligentes tem achado, para compor estes pequenos poemas; é, depois destas gerais reflexoens, apresentar-lhe os melhores exemplos na materia: e mostrar-lhe com o dedo, o artificio, e toda a galantaria. Só assim se-observa, que coiza é ingenho, e agudeza; como, e quando se-pode uzar dela.

Finalmente tendo palado brevemente, pelas composicoens pequenas; direi alguma palavra da-Epopeia, ou poema Epico. Se ouvese de falar nisto como devo, faria um tratado: e assim nam saindo do-meu estillo, farei somente algumas reflexoens. Este poema, como ja disse a V. P., é a coiza mais difficultoza, da-poesia: quer tal ingenho, tal erudicam, tal juizo, que quem o-confidera bem, nam se-atreve a fazelo: muito mais se-observa os defeitos, em que caíram muitos, dos-que o-tem emprendido. Ainda disse a V. P. qual é o artificio deste poema, que comprehende em si, todas as especies do-Narrativo: e que por-isto pede, grandissimo fundamento de Rhetorica, para o-poder tratar bem. Nam é esta a fruta dos-Sonetos, e Decimas, que nacen a cada canto; é coiza mais difficultoza: as regras sam tantas, e tam difficultozas, que sam poucos os que se-atrevam, e rarissimos os que nam pequem, contra algumas. Este é o motivo, porque nam produzirei muitos testemunhos, principalmente sendo o meu argumento, conter-me nos-limites de Portugal. Certamente neste Reino, é rarissimo o poema Epico. O Condesavel de *Francisco Rodrigues Lobo*, o Macabeo de *Miguel da-Silveira*, a *Ulisea* de *Gabriel Pereira de Castro* por-



confisam dos-mesmos Portuguezes de melhor doutrina , nam merecem este nome : algum outro que possa aver manuscrito , e que agora nam me-ocorre , pertence á mesma classe. Assim parece , que com razam se-dize , que a unica Epopeia que appareceo em Portugal , foi a de *Camoens*. Isto mesmo confirma o que digo , da-dificuldade do-poema Epico.

Se V. P. consulta os seus nacionais , os-achará tam preocupados polo *Camoens* ; que mais facilmente ouviram dizer mal , da religiam , do-que do-poema Epico de *Camoens*. Os que deviam fazer a critica do-dito autor , fazem o elogio. Um destes é *Manoel de Faria e Souza* , que de comentador , se-converteo em panegirista : e em vez de explicar : o que o Poeta quiz dizer , nos-diz o que lhe-parese : vendendo-nos as suas imaginaçoens , polas ideias do-Poeta : e querendo desculpálo ainda nas coizas , em que é mais condenavel. Com effeito este comentador , mostra intender pouco , a materia que trata : ao mesmo tempo em que diz mal , nam leo , ou nam chegou a intender ; nam obitante que muitos o-louvem , como um oraculo. *Inacio Garcez Ferreira* , que fez as notas ao *Camoens* , intendeo melhor a materia. Dos-livros que ele cita , se-conhece logo , que á-de ajuizar melhor ; porque se-servio dos-melhores na Poetica , tanto Francezes , como Italianos. Alem diso , escreveu em Italia , onde teve tempo de consultar , os omens mais inteligentes ; sobre as dificuldades , que lhe-ocorressem. E com effeito ajuiza melhor ; mas nam tam bem , que em algumas partes nam se ingane : como seria facil mostrar , se tivesse tempo. Contudo este Portuguez sinceramente reconhece , algumas faltas sustanciais no-*Camoens*. O que basta para me-livrar da-calunia , dos-que me-quizessem condenar , por-meter colherada , nesta materia. Mas como eu intendo bem , a lingua Portugueza ; parece-me que nam sou improprio , para julgar.

Aremos de confesar , que *Camoens* teve muito ingenho , imaginaçam fecunda , e grande : e que se-tivesse estudado ou tratado , com quem ensinasse bem , as coizas que devia ; poderia dezempenhar , o argumento da-Epopeia. Com effeito o que fez de bom , tomou dos-nossos : pois nas suas obras reconheço eu , que intendia o Italiano , e que se-proveitou bem do-*Petrarca* , *Boccaccio* , e outros. Teve finalmente muitas qualidades de Poeta : e para aquele tempo , em que nam avia , osconhecimentos , que oje á , é maravilha , que escreveu tam bem. Mas querèlo comparar com *Omero* , como fazem muitos : ou querèlo colocar , sobre os das-outras Nacoens todas ; com a razam , de que o seu poema o-traduzio um Francez na sua lingua ; e o *Paggi* na nosa Italiana ; isto nam deixa de ser temeridade , fundada em uma prova fóra do-cazo. Tambem um curiozo se-divertio , em traduzir o *Vieira* em Italiano ; e contudo ninguem faz cazo de tal traduçam , e autor : e o mesmo succede ao *Camoens* ; que a maior parte dos-nossos bons Poetas , nam sabem que o-ouve no-mundo. Alem diso , seria necessario provar primeiro , que estes tradutores eram Poetas , e nam Versejadores : que inten-



intendiam bem a materia; e nam se alucinaram na tradusam. As versoes Espanholas nem menos concluem: porque foram feitas, debaixo do-mesmo clima. Os outros Estrangeiros que o-louvam, fundam-se no-que dizem os Espanhoes, ou Portuguezes, como V. P. pode obliervar: e alguns que chegaram a lelo, nam dizem bem dele.

Na verdade o *Camoens*, entre muito boas qualidades, tem muitos defeitos, nacidos de dois pontos: o primeiro, falta de erudisam: o segundo, de juizo, e discernimento. Primeiramente, errou o titulo da-obra. Os mestres da-arte tomam o titulo, ou da-pessoa, como *Odyfsea*, *Eneide*: ou do-lugar da-asam, como *Iliade*, que e tomado da-Cidade de *Ilio* primaria da-Troade. O *Camoens* em vez de tomar o dito titulo, de *Vasco da-Gama* &c. toma-o de todos os Portuguezes: buscando para isto um termo Latino, que tanto calia aos Portuguezes navegantes, como aos que ficaram no-Reino: e o pior e, que o-toma no-plural, que nam tem exemplo, na boa Antiguidade. Errou a propozisam do-Poema: pois devendo esta conter, uma so asam principal; ele porem em vez de propor, a navegasam do-*Gama*, que era a sua *asam*; propoem todos os varoens illustres, de que se-compoem a inteira istoria de Portugal; com expresa divizam das-coizas da-Europa, Africa, e Azia: e deles expreiamente promete a El-Rei D. Sebastiam, cantar as asoens eroicas: o que diz desde a Estancia ou Oitava 12. do-primeiro Canto, para diante. Comefeito executa literalmente, o que promete: porque no-principio do-Canto III. descreve a Europa: e desde a Estancia 21. dese Canto, ate o fim do-Canto IV. expoem as coizas da-Europa, e Africa ate El-Rei D. Manoel. No-fim do-Canto IV. entra com o descobrimento da-India; e continua no-V. ate o X. em que fala nos-Governadores da-India: e de palagem toca na America. Desorteque este Poeta na propozisam, inclue todas as partes da-fabula do-poema: que e um erro maficho. Isto vera V. P. nas-duas primeiras Estancias.

## I.

*As armas, e os varoens asnalados,  
Que da-Occidental praia Lusitana;  
Por-mares nunca de antes navegados  
Pasaram ainda alem da-Taprobana:  
Que em perigos e guerras esforçados,  
Mais doque pode a natureza umana;  
Entre gente remota ed ficaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram:*

## II.

*E tambem as memorias gloriozas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fe, e o Imperio: e as terras viciozas  
D' Africa, e d' Azia andaram devaslando:*

E aque-



*E aqueles que por-obras valerozas  
Se-vam da-lei da-Morte libertando ;  
Cantando espalharei , por-toda a parte ;  
Se a tanto me-ajudar o ingenho , e arte.*

Tudo o que se-compreende nestas duas Estancias, é propozifam : e tudo isto ele promete cantar. Mas aindaque na propozifam de uma poema se-pofam acrescentar, alem da-asám, algumas coizas ; estas devem ficar fóra da-fabula, e nam deve o Poeta cantálas ; e fomite nos-epizodios do-dito poema, é que se-toca alguma delas. v. g. *O novo Reino que se-fundou entre gente remota* &c. é acrescentamento, que rezulta da-asám ; e fomite se-canta por-epizodio. O *Camoens* porem inclue tudo na propozifam, e assim o-executa: desorteque considerando os que inculca, na segunda Estancia ; bem se-ve que entram, nam por-acrescentamento, mas directamente. Contudo os Reis de Portugal, de que trata no Canto III., e IV., nada tem que fazer, com a principal asám, e entram por-epizodio. *Os que por-obras valerozas se-vam da-lei da morte libertando*, que sam todos os outros Portuguezes illustres, tantos antigos, como modernos, tambem estam fóra da-principal asám, que é a navegafam do-Gama. Com effeito o *Camoens* lá os-introduz por-epizodio, no-principio do-Canto VIII. mas nam obstante isto, na propozifam do-poema mete-os directamente, com os outros. Os que foram governar a India, tambem entram por-epizodio, no-principio do-Canto X. mas sem reparar niso, ele os-propoe com os outros, no-5. e 6. verso da-2. Estancia. Assim na primeira Oitava confunde, os que foram com o Gama conquistar a India, com os que ao despois foram governála: e de uns, e outros diz, que edificáram novo Reino. Este defeito é de toda a considerafam, nesta materia. *Gracez* os-reconhece em *Camoens*: mas querendo desculpar nele, o ter proposto *muitos varoens*, com o exemplo de *Caio Valerio Flaco*; é mostrar que ignora, o pouco conceito que os eruditos tem, das-obras de *Flaco*; nas-quais acham mil defeitos contra a arte; e nenhuma grafa, ou beieza: desorteque os seus erros, nam podem servir de desculpa, aos de *Camoens*.

Errou alem diso o *Camoens*, em nam sustentar sempre o carater, e grandeza do-seu eroe: que abaixa sensivelmente no-Canto VIII. do-meio para diante. Errou, nas enfadonhas *gregoens* que introduz, por-toda a parte. Errou, em acabar quazi todos os Cantos, com esclamafoens mui fóra de propozito, e muito contra o estilo da-Epopeia. Tambem errou consideravelmente, introduzindo no-seu poema, as Divindades dos-Etnicos: nam alegorizando a coizas santas, como puerilmente pertende o *Faria*: nam aos Planetas personalizados, como benignamente interpreta o *Gracez*; o qual fingio uma nova constelafam para Baco, que nam se-intende o que é: mas em sentido proprio, da mesma sorte que faláram os idolatras Romanos; pois mete *Venus*, e *Baco* imprudentemente por-toda a parte. Isto é tam claro



claro no-seu poema, que me-admiro muito, que aja quem o-queira desculpar, nesta materia. Se nam quizermos dizer, que se-servio de palavras sem significado; que seria outro erro.

Mas deixando muitos outros erros, em materia do-Epico, que se-podiam apontar; tem outros nam menos censuraveis, em todo o genero de Poezia. Muitos versos errados, por-exceso de filabas: outros por-falsidade das-rimas, que nam sam consoantes &c. muitas palavras Latinas sem necessidade alg ma; vistoque em Portugal á bastantes igualmente boas. Tem alem diso outros defeitos, comuns neste Reino: entre eles a prezunsam, de dizer sempre sentenças: o que nam nega o *Gracex*, nega porem, que *Camoens* seja obscuro; e afirma, que os seus versos sam canoros. E eu confesso a V. P. que acho estes dois defeitos exprefamente no-*Camoens*: e que reconheço, que um douto Francez, que o-censura nisto, tem muita razam. Os versos de *Camoens* sam languidos, e pola maior parte sem grafa. Escreve comumente muitas vogais seguidas: e como os Portuguezes costumam na pronuncia, comer as ditas vogais, umas com outras; é necessario, para nam errar o verso, tomar frequentes respiraçoens, e fazer muitas pauzas no-meio do-verso: o que faz perder a harmonia. A prova disto é ler o *Camoens*: pois a cada passo se-incontram os exemplos: que se eu quizesse citar, seria necesario fazer um livro. Mas deixando outros muitos, obierve V. P. estes, no-principio do-primeiro Canto.

*O quarto, e quinto Afonso, e o terceiro.  
Em vós os olhos tem o Mouro frio.  
Dai-me agora um som alto, e sublimado.  
E costumai-vos ja a ser invocado.  
Com uma coroa, e cetro rutilante.  
Guerra Roma tanto se-afamáram.  
Onde o dia é comprido, e onde é breve.  
Da-antiga tam amada sua Romana.  
E outro pelas onras que pertende.  
Deitando para traz medonho, e irado.  
Estrangeiros na terra, lei, e Nasam.  
A Natura sem lei, e sem razam.*

Quem diser que estes versos, e outros, que podia apontar, sam armoniozos, e encham bem a orelha; é necessario que tenha, orelhas mui compridas. Sam poucos os versos de *Camoens*, que nam tenham algum defeito de disonancia. A obscuridade ninguem lha-pode negar, quando queira examinar, as suas composçoens. Nace em primeiro lugar, de uzar de palavras Latinas aportuguezadas, sem necessidade alguma: e isto nam uma ou outra vez, o que se-podia perdoar, e podia enriquecer a lingua, multiplicando os sinonimos da-mesma palavra: mas frequentissimamente, com afetasm manifesta. Nace em segundo lugar, de introduzir palavras, e frases, que nada significam



nificam; o que é mais frequente na *Luziada*: porque no-Lirico explica-se naturalmente. v. g. Estas palavras: *som sublimado: furia grande, e sonora: esperar jugo, e vituperio: tenro gosto: Mouro frio: suprema eternidade:* e outras que se-acham na-invocam que faz, a El-Rei D. Sebastiam; sam palavras que nada significam, e cauzam confuzam em quem le. Nace tambem, de certas aluzoens torladas, e trazidas de longe, que frequentemente uza. A 6. e 7. Estancia, em que comesa o comprimento ao dito Rei, e tam obscura, que nam se-pode intender sem comentario: e o mesmo podia dizer, de quazi toda a invocam. Isto acha-se frequentemente, em todo o poema: o que unido com a negligencia do-verso, faz, como disse um omem douto, que cada Estancia seja um misterio: o que é um consideravel defeito, em um poema Epico: cuja dilam deve ser, aindaque nobre, natural, clara, e inteligivel. Onde quando o *Gracex* quer defender, a clareza de *Camoens*; mostra, que nam está despido, de toda a paixam: e vem a cair no-mesmo defeito, que ele condena no-*Faria*. Estes defeitos sam mui consideraveis, neste Poeta; e mostram o pouco discernimento, que tinha, das-coizas: e quem os-nam-distingue, nam intende que coiza é Poezia. Contudo, tirando estes defeitos, nam deixa de ser um, dos-melhores Poetas Portuguezes.

Quanto ao poema de *Filis*, e *Demofonte*, obra do-*Chagas*, de que acima falei; é ele tal, que eu nam sei como lhe-chame. Pola figura, parece Epopeia: mas examinado dentro, nam é mais que uma istoria de amor, mui afetada. Reconheço, que o autor o deixou imperfeito: como se-ve do-Canto VIII. que nam tem mais que 5. Estancias; e do-X. que tem 15. mas o corpo da-obra mostra mui bem, o que o Poeta queria. O titulo é este: *Filis, ou Poema Tragico de Filis, e Demofonte*. e nisto se-descobre, que o *Chagas* nam sabia, que coiza era poema Epico, nem como dele se-faziam os titulos. A asam do-poema é, a navegam de *Demofonte*, que se-retirava do-sitio de Troia: e o Poeta perde logo de vista este ponto, e occupa o poema com amores. No-primeiro, e segundo Canto, em que descreve a guerra de Troia, e o seu naufragio; imita servilmente *Virgilio*, quazi palavra por-palavra. Somente o-nam-imita, nas comparaçoens: pois sam tam frequentes, e enfadonhas, as que introduz; que nam se-podem ler sem fastio. O III. Canto é uma disputa escolastica, sobre o amor; com mil conceitos improprios, e de rapaz. No-IV. em uma casada ajusta-se o casamento: e copeia fielmente *Virgilio*, na cova onde se-retiraram os amantes &c. O V. Canto consiste na descriçam do-lago Averno, caza de *Plutam*, e outras arengas mais; em que entra um sacrificio, que nam se-sabe o que quer dizer: e finalmente *Demofonte* mata *Ardenio*. As duas descriçoens do-Palacio de *Plutam*, e da-jornada que este fez; sam as coizas mais ridiculas, que eu ainda vi. O Canto VI. é uma istoria tragica, dos-amores de uma pastora; que nada tem que fazer, com a asam do-poema. Mas a melhor istoria está



está no-Canto VII. em que o Poeta representa o seu eroe mui descansado, polo espaço de dez mezes; sem que posamos saber, o que fez nesse tempo. Depois, quando ele já nam cuidava mais em Atenas, o-chama seu pai. custa-lhe a persuadir a Filis, que o deixe partir: mas finalmente parte. O VIII. Canto nam diz nada. O IX. é uma embrulhada terrivel. Começa com as saudades de Filis: esta vai consultar a Sibila Delfica, sobre os sucesos de Demofonte. Descreve a Sibila, e a sua caza mui mal. Poem na boca da-Sibila um epizodio, da-Geografia de toda a terra; em que mistura umas coizas, com outras, e comete alguns erros. Mostra-lhe a Sibila o seu Demofonte, adorando a Florisbe. Filis raivoza rompe o espelho magico; e succede um espalhafato orrendo. Filis fica esta noite no-campo, (nam se-falando mais no-que succedeo à Delfia) exclamando contra as ingraticadoens de Demofonte: e mata-se com a sua propria mam. E aqui descreve puerilmente, os efectos da-sua morte. No-Canto X. torna Demofonte para Tracia, e sabendo a morte de Filis, que se-convertèra em arvore, quer abrasála: e succede milagre, que no-mesmo instante produzio a dita, folhas, frutos, e aromas: os ramos tangèram, e banháram as flores.

Esta em duas palavras é a serie, e analize do-poema: na qual verá V. P. que este Poeta nem menos sabia, o que significava *poema Epico*. Esta sua composiçam, nam tem unidade de asám: porque toda a asám se-acaba em poucos dias, com o cazamento: a viagem ultima, foi um divertimento. Nam tem fabula: porque se-ve claramente, que é uma istoria, sem enredo, nem solusam. A descriçam da-Terra, que faz a Delfia, nam tem parentesco algum, com a asám. isto é uma embrulhada, que eu nam vi tal. A transformaçam de Filis em arvore, e o milagre das-flores; é outra parvoice, que ali nam tinha lugar. Só faltou ao Poeta dizer, que Demofonte se-enforcára na dita arvore: e acabava a tragedia. Tambem lhe-falta a unidade de tempo &c. Quanto ao modo de dizer; em quazi todas as partes se-serve de palavras, que nada significam: as frases sam afetadas: os conceitos sam pueris: e quando diz alguma coiza mais estudada, vese uma afetaçam condenavel em tudo. Ignora totalmente o *decoro*, e carater dos-sujeitos: o que se-ve, quando introduz no-Canto III. um guerreiro como Demofonte, disputando uma questam anatoria; como faria um academico, a quem encarregasem este assunto: ou tambem quando deixa uma Rainha como Filis, uma noite inteira, no-meio de um bosque medonho, sem companhia; o que mostra, a suma inverosimilidade: alem de muitas coizas, que podia notar. Onde torno a concluir, que de poema Epico, o *Chagas* nam sabia nada: e que pode V. P. aconselhar ao noso \*\*\* que nam tenha dificuldade, de emprestar o tal poema; porque se o-perder, perde pouco.

Outro Portuguez chamado *Francisco Botelho de Morais*, e *Vasconcelos*, publicou dois poemas: um intitulado *El Nuevo Mundo*: cujo argumen-



gumento é, o triumpho de Osiris, na corte de Atlantide: e este nam pode ver. O que porem vi averá anos, foi outro poema intitulado, *El Alfonso*: em que com XII. Cantos descreve, a primeira conquista de Portugal, por Afonso I. Polo que agora me-lembro, cuido que nam se-pode chamar Epopeia: mas uma simplez istoria da-dita guerra, alterada com algumas fabulas: de forte que nam tem artificio algum, de Epopeia. Este Poeta quiz imitar em tudo, *Lucano*: e nam o-podendo imitar naquilo, que tem melhor; fomite o-imitou, nas enfadonhas digressões, e exclamações, que às vezes introduz: sendo uma destas tam grande, que ocupa um inteiro Canto. Tambem o-quiz imitar na afetação, de mostrar-se Astronomo, e Físico: pois nos-ultimos cantos, faz sem necessidade varios diicursos escolásticos, nesta materia: a qual, polo que mostra, intendia mui pouco. As fabulas são afetadas, e com bastantes inverosimilidades: entre estas ponho a da Deusa que vinha polo ar, acavalo em um grande leam &c. os versos são duros: e em todo o poema reina, uma obscuridade infofrivel: o que creio provém tambem, de escrever em Espanhol. Nunca pude intender, por-que razam um Portuguez deixa a sua lingua, para escrever na Espanhola, que pola maior parte nam alcança bem. Mas esta afetação é mui vulgar, em muitos destes seus nacionais, que querem parecer eruditos. Isto é o que agora me-ocorre, sobre este Poema: o que digo, porque nam sei se V. P. tem noticia dele, por-ser impresso fóra de Portugal. Dos-outros Poetas nam digo nada: porque sendo uzuais, do-que tenho dito, pode V. P. formar conceito, das-suas obras.

Os Romances, a que os Portuguezes chamam Novelas, são verdadeiras Epopeias em proza; e devem ser feitos da mesma sorte. Contudo acham-se poucos, que mereçam este titulo: pois os Portuguezes, e Espanhoes que se-acham, nada mais são, que istorias de amor mui inverosímeis. O *Telemaco de Monsieur de Salignac* é uma Epopeia das-mais bem feitas, e escritas, que tem aparecido.

Do-poema Dramatico direi pouca coiza, visto que os Portuguezes, nam se-aplicam a ele; por-se-persuadirem que o Drama, nam tem tanta graça em Portuguez, como em Espanhol. Mas este prejuizo comum, nam tem sombra de verosimilidade. Reconheço, que toda a Poezia soa melhor, na lingua Italiana, que noutra alguma: o que confessam os eruditos das-outras Nacões, que chegaram a possuir bem, a lingua Italiana: e ainda alguns Francezes doutos: nam obstante que outros queiram, que a Franceza seja propria, para a Poezia. (no-que, com sua licença, intendo que dizem muito mal: porque nam á coiza mais insulsa, que o verso duodecassilabo, de que uzam comumente os Francezes, e o modo de rimar deles. no-Lirico, e algumas cantigas, são mais toleraveis. Mas geralmente falando, a lingua Franceza é pouco propria, para a Poezia: porque nam tem nervo, nem harmonia) Mas o certo é que, depois da-Italiana, as duas melho-



res linguas fam, a Portugueza, e Espanhola. E eu acrecento mais, que a Portugueza parece-me mais propria, para alguns generos de Poezia, do que a Espanhola: porque é sezuda, e grave, e nam tem aquele falso brilhante, que muitos loucamente admiram, na Espanhola. Se tiramos as terminações em *ão*, ou *am*; e *aons*, e *oens* &c. nam sei que melhoria tenha a Espanhola, sobre a Portugueza; para dizerem, que aquela é propria para o Drama, e esta nam. Muito mais grave que a Espanhola, é a Latina; e contudo ninguem lhe-nega, o poder servir no-Drama. Onde, os que por este principio deixam de compor Dramas, em Portuguez; e vivem mui preocupados, e nunca consideráram bem a materia. Mas a razam ultima é, porque a estes modernos nam agrada, o modo de compor, a Comedia antiga: e só se deleitam, com esta moderna: (de que parece ter sido inventor, *Lope de Vega*) e como esta é composta de mil sutilezas, e coizas semelhantes; por-isto gostam das-Espanholas, que abundam disto. Mas como este estilo é muito mau, e se-deve praticar outra coiza diferente; daqui vem, que deve reconhecer, que a lingua Portugueza é tam capaz para o Drama, como a Espanhola.

O Drama, ou seja Tragedia, ou Comedia, nam é mais que uma instrução, que se-dá ao Povo, em alguma materia. A Tragedia trata, de algum cazo extraordinario, succedido a pessoa grande. Com isto se-modera, a grande ambição dos-Omens, ensinando-lhe a conhecer, que as condições desta vida estam sujeitas, a todas as infelicidades. Alguns defeitos se-tem introduzido, na-Tragedia moderna: pois devendo ela conter somente, coizas eroicas; introduziram muitos, imitando aos Espanhoes, eroes amantes. E ainda os nosos Italianos, para agradarem ao Povo, que tem secreta inclinacão, para ouvir estes enredos amantes; o-praticam: ainda que os omens inteligentes desprezem este estilo, que só é proprio da-Comedia. Nam é crível, que arte particular se-requer na Tragedia, para ser boa. Nela se-á de ver, um enredo bem ideiado: um argumento digno, e nobre: uma elevação de pensamentos grandes: uma particular arte de excitar as paixões, com pinturas exatas, e discursos propios das-pessoas que falam: finalmente tudo á-de ser animado, grande, singular, sem ser afetado: O que na verdade é mui difficultoso: e ainda muitos omens grandes, em algumas destas qualidades; nam conseguiram, unilas todas.

A comedia é uma pintura, do-que succede na vida civil. e domestica. Ela ensina mil coizas aos ouvintes; mostrando de nam querer ensinar, mas somente divertir: porem neste mesmo divertimento, está o ensino: porque ela pinta desorte, os defeitos dos-Omens; que quem os-ve, ou ouve, nam pode menos, que envergonhar-se deles, e condenálos. Este é o segredo da Comedia; saber imitar bem a natureza; porem em modo que o-vejamos, sem advertir-mos o artificio. Convem pois com a Tragedia, em tudo: só diversifica no-argumento. E assim como na Tragedia nam basta, enredar bem



um fucefo ; mas é necesario observar , a verofimilidade , desfazer naturalmente , o nó do-argumento , observando eſcrupulozamente , os caracteres das peſoas ; afim tambem a Comedia : na qual deve reinar em tudo a naturalidade , mas judiciozamente diſpoſta : porque daqui rezulta , aquella particular galantaria , e fal , que os omens de juizo acham , nas boas Comedias . quando entra nelas afetaſam , acabou-ſe a graſa .

Por-eſte principio digo a V. P. que nunca achei Comedia Eſpanhola , que ſe-pudeſe ſofrer Raras vezes o Eſpanhol imita a natureza : reina a afetaſam , e as futilizas em tudo . O meſmo bobo , que deveria reprezentar , a figura de um louco ; fala com tanta deſcriſam , como o omem mais eloquente , e judiciozo : as mulheres todas ſam doutoras : todos dizem graſas , e agudezas : e afim nam ſe-observa , e verofimilidade dos-carateres . Querendo afetar tanta graſa , ſam os omens inſulſos , que ainda vi . Porque a graſa deixa de o-fer , todas as vezes que aparece o artificio , e nam nace das-entranhas da-materia . A noſa Comedia Italiana é mais natural : e aindaque alguns tenham introduzido , outro eſtilo florido , os omens mais doutos o-tem deſprezado . A noſa lingua é propria para a galantaria , e doſura da-Comedia . O ingenho do-Poeta prepara a materia , para fazer rir : e a galantaria da-expreſam , ajuda eſa meſma materia , para agradar mais : o que ſe-acha frequentemente , na noſa lingua . Na verdade é dom da-natureza , ſaber inventar materias agradaveis , e expolas em modo que agradem : mas alem deſte ingenho requer-ſe juizo , para ſaber diſtribuir as galantarias , onde devem intrar . Parece facil , o argumento da-Comedia : contudo é difficultoza a execuſam : e ſendo tantos os que compoem , ſam poucos os que o-fazem com felicidade . A maior parte daquelas Comedias , que em Cidades inteiras tem tido , grandes aplauzos ; examinadas de perto , merecem compaixam . Os Poetas ajuntaram muitas ideias ridiculas , com que pudeſem divertir os ignorantes , e adular as ſuas inclinaçoens : e como eſtes ſam os mais , daqui nace , que ſe-dam aplauzos a coizas , que os-nam-merecem . O omem de juizo vai à Comedia , com outros olhos , que nam o ignorante , e rude . Eſte para na ſuperficie do-que ouve : aquele penetra com a confideraſam , a intenſam do-Poeta : e quando nam acha o que deve , em vez de rir , vem-lhe vontade de chorar .

Alem do-que aſima diſemos , acha-ſe outro defeito , no-material das-obras de teatro , quero dizer , na ſua representaſam : vem aſer , quere-rem unir em tudo a representaſam , com o original . Alguns , para inſpirarem horror , reprezentam nas-Tragedias , a morte da um omem , e outras coizas improprias . Era mellhor , que o-mataſem de traz dos-baftidores , para poupar eſta deſcortezia aos ouvintes : baſtando que expuzem , o corpo morto . Vi algumas vezes nas Comedias , intrar omens acavalo em verdadeiros cavalos : vi carros triunfaes tirados por-quatro cavalos brancos ; com perigo de darem quatro coices , e deitarem abaixo os baſtidores ; ou fazerem al-  
guma



guma porcaria no-teatro: vi arremetarem bombas, e foguetes: vi dar fogo a uma Cidade, e uma Armada: e muitas coizas semelhantes. Mas isto é uma imprópriedade, indigna de omens prudentes. A Comedia é imitação do-natural, e todos sabem isto: e assim nam se-devem introduzir coizas, que delimitam o que é Comedia. Muitas vezes ve-se voar um omem, na Comedia: outras vezes um diabrete vivo dece do teto, prezo por-uma corda: parecem-me os bonifrates do-Prezepio, que tem um arame na cabeça. Tambem aquilo de introduzir um Rei, e Rainha em uma camera, rodiados de soldados armados; ou aquilo de dar uma batalha sobre o teatro, nada tem de verosimel: Porque nem o Rei, quando está falando com a Rainha, tem as guardas de corpus na mesma sala: nem uma batalha se-pode dar, em quatro palmos de terra. Um bom Poeta dará melhor ideia de uma Armada, ou batalha; com uma famosa descriçam; e poderá com ela inspirar, sentimentos mais grandes, e nobres; doque com aqueles accidentes exteriores, e improprios daquelle lugar. Mas o Povo vai à Comedia, para a-ver, e nam para ouvir: e só fica satisfeito, com estas coizas. Nam assim os omens que podem julgar, do-mercimento das-obras: estes nam podem deixar, de condenar isto; e sugerir ao Poeta, que disponha melhor as suas figuras. Isto é o que agora me-ocorre. Acrecento fomento, que as Comedias de *Camões* nam me-agradam, aindaque uma delas parece mais soffrivel. Outras que vi modernas em Portuguez, tinham mais artificio: e na verdade eram menos más.

Tendo pois apontado a V. P. os defeitos mais comuns dos-seus Poetas; segue-se examinar, se estas reflexoens podem ser utis, e-como o-podem ser aos rapazes. E quanto à utilidade, é sem duvida, que a noticia das-regras é necessaria, para intender os autores: e a dos-versos, para intender a diferente harmonia das-suas obras: especialmente na lingua Latina, porque a beleza dos-versos consiste, na sua cadencia. Alem d'isto, a leitura dos-bons Poetas, eleva o intendmento para perceber, e ajuizar nobremente; e ajuda muito a Eloquencia: e como nam se-posam intender os Poetas, sem saber as regras; é necessario ter, alguma noticia delas.

Quanto ao modo, ja disse em outra carta a V. P. que é loucura obrigar os rapazes, a fazerem versos: e misturar os versos: com as outras composições; como se fosse coiza necessaria, para intender o Latin: os que fazem isto, nam intendem a materia: parece-me que o modo mais natural é este. A Poezia deve-se ensinar, em uma escola separada, em que nam se-trate outra coiza. Examinando primeiro o rapaz, se tinha ou nam genio para a Poezia; lhe-proguntaria expressamente, se a-queria seguir: e quando ele me-disesse, que sim; e eu com a experiencia visse, que tinha propensam para isto; lhe-daria uma arte Poetica Portugueza, feita por-este modo. Na primeira parte devem-se conter, as regras gerais da-Poezia, e a di-



diversa noticia de poemas : visto que as regras sã as mesmas, em todas as linguas : e isto historicamente, porem ornado com algum exemplo. Na segunda parte, deve-se primeiro tratar, das-diferentes composicoens Portuguezas, e algumas particulares do-Reino : e aqui explicar, como se-fôrma a Decima, Soneto &c. apontando um exemplo, em cada coisa : notando especialmente, a cadencia dos-versos, e estilo da-fraze poetica. Isto nam parece coisa de momento, aos que nam sã da-profissã, mas é de infinito prelo, aos que entram em semelhante estudo, e o-profundam. Acham-se mil Poetas, que, tem vaia ; mas porque lhe-falta a doutrina, pecam contra as leis da-arte, e nam brilham.

Neste tempo deve-se propor-lhe uma Decima, ou Soneto escrito &c. que ele nunca vise ; e obrigãlo a que em escrito, fasa a analize da-dita obra, se é boa, ou má ; que defeitos, ou belezas encerra. Este estilo de mandar pôr a lisã por-escrito, serve infinitamente, para a intelligencia das-coizas que estudam ; e para a memoria : e repetido varias vezes, quando ja tem noticia das-regras, poupa infinitas explicacoens, e faz-se com toda a felicidade : e tem o rapaz tempo de considerar, e emendar.

De sta primeira parte, deve pasar à segunda, tambem em Portuguez ; em que se-trate, das-particulares composicoens Latinas, e sua verificasã. Aqui deve-se repetir o mesmo, que disemos da-lingua Portugueza. Notará especialmente, as diferentes fôrmas de versos, de que se-formam as diferentes composicoens Latinas, como a Elegia, Epigrama, Ode, Idilio &c. Depois a cadencia do-verso, tanto a simplez, que é comua a todo o poema, como as particulares : as suspensoens, elizoens &c. e as que sã proprias, de varias paixoens do-animo. Depois o estilo e fraze poetica ; que é aquele particular idiotismo, de que se servem os Poetas : que se-compoem de expresoens elevadas, com que se-vareia muito o discurso ; expondo as coizas grandes, com muita nobreza ; e as pequenas, com muita galantaria. Finalmente aqueles epitetos proprios, tam belos no-verso, como afetados na proza : e mil outras coizas, que sã particulares do-estilo poetico, e que constituem a sua beleza. Estas coizas a um rapaz, que lê um poema, sãm semente para intender a Latinidade ; nam sãm necessarias : mas a um que quer compor, sãm sumamente importantes : e sem elas fará versos, mas nam será Poeta.

A composicã seria a ultima coisa, que eu mandãse fazer aos rapazes : porque pede uma memoria, cheia de muitas especies : o que nam pode ter um rapaz. Deve-se comesar, polas composicoens Portuguezas : dando assumtos facis, e nam mandando compor, senam obras breves ; para terem ocaziã, de as-emendar. E nesta ocaziã pode o mestre explicar-lhe melhor, quais sã as expresoens proprias, para exprimir o que quer ;



quer; e dar-lhe por-este meio, uma boa noticia da-sua lingua. Com o tempo, e obſervando a capacidade do-estudante, pode ir aumentando, o numero das-compozicoens: ſendo ſempre melhor, mandar compor uma obra boa, a um certo afunto, doque muitas más, a diferentes. Feito isto, nam é crível, quanto ſe-facilita a compozifam no-Latim. Será pois esta a ultima parte da-compozifam: tendo a meſma advertencia, de comefar por-Difticos, Epigramas &c. afuntos brevifimos: pois nam enfaſtiam os rapazes; antes com eles ſe-dezembarafam muito, para as outras obras. E aqui, quando o meſtre lhe-enſina, a compozifam Latina; lhe-deve enſinar tambem, o modo de pronunciar o Latim. Certo é, que a lingua Latina, deſpois da-Grega, excedeo muito as modernas todas na armonia das-ſuas expreſoens: a qual coiza como nós nam ſabemos, por-iſo nam achamos nela a beleza, que achavam os Antigos. Contudo devemos procurar de imitar, a boa pronuncia: o que principalmente é neceſario, no-verſo. Quanto aos exemplos, devem eles ſer poucos, e bons: e deve o meſtre fugir de *Regia Parnasi*, e outros livros deſtes, que eſtragam o bom goſto da-Eloquencia, e Poezia: porquẽ na leitura dos-melhores autores, aprende-ſe melhor. Aſimque, nam achando isto feito, pode o meſtre nos-meſmos autores moſtrar os lugares, que ſam neceſarios: e encomendar muito aos rapazes, que os leiam, e decorem: pois só aſim ſe-faz algum progreſo, na Poezia. Deſta ſorte pode ſer, que ouveſem mais Poetas bons, doque nam á; entre tantos mil verſejadores, que V. P. eſtá ouvindo todos os dias.

A Poezia nam é coiza neceſaria, na Republica: é faculdade arbitraria, e de divertimento. E aſim nam avendo neceſidade de fazer verſos, ou fazelos bem, ou nam fazelos: por-nam ſe-expor às rizadas, dos-intelligentes. Se eu viſe que o estudante, nam tinha inclinafam à compozifam, explicaria brevemente, as leis poeticas; que é uma erudiſam ſeparada da-compozifam, e que todos podem aprender; ao menos para intenderem as obras: e o-deixaria empregar, no-que lhe-pareceſe. Deſta ſorte livres os estudantes daquẽle cativoiro, podiam empregar-ſe em coizas utis, e dar outró luſtre à Republica. Sei, que nem todos os meſtres ſam capazes, de eſcreverem ſemelhante arte: mas ſe alguẽm a-fizeſe, e ſe-imprimiſe, podia ajudar muito a todos. Certo amigo meu, omem mui douto, me diſe um dia deſtes, que um ſeu conhecido, avia pouco tempo tinha acabado um manufcrito, polo eſtilo que dizemos. Eu ainda o-nam-vi: mas formo tal conceito de quem mo-diſe, que julgo nam ſerá mau: ſe o puder conſeguir, nam deixarei de avizar a V. P.

Finalmente com isto acabo eſta carta, que ja me-parece longa: aindaque ſe olho para o que devia dizer, é curta. Tenho dito nela a V. P. o que me ocoreo ſobre uma materia, que averá baſtantes anos que deixei:



e consequentemente nam sei se terei satisfeito, a sua expetasm, sobre a Poezia Portugueza: da-qual como ja protestei, tenho pouca noticia. Mas V. P. que me obriga a falar, em todas as materias; deve estar preparado, para ouvir coizas boas, mediocres, e algumas mal ditas. E assim agradezame fomite a boa vontade, e promptidam com que obedese, ao que me manda. Deus Guarde &c.







# CARTA OITAVA.

## SUMARIO.

**T**rata-se da-Filozofia. Mau metodo com que se-ensina, em Portugal. Advertencia das-outras Nacoes, em procurar a Ciencia. Necessidade da-istoria Filozofica, para se livrar de prejuizos. Ideia da-serie Filozofica. Danos, e impropriedades da-Logica vulgar. Da-se uma ideia, da-boa Logica.

**M**Eu amigo e senhor, Dirá V. P. que eu sou mui preguioso em responder, e conservar a correspondencia, com os amigos: mas se-soubese como eu tenho estado reconhecera, que nam falto, senam com justificada cauza. Eu sou filho da-obediencia; e esta me-ocupou bastantes dias: a isto se-seguiu, a minha costumada indisposiçam da-cabesa, que me-impedio ler coiza alguma. Tambem me-lembrou, que tinha remetido a V. P. um proporcionado livro, com o titulo de carta; e que nam lhe-faltava que ler. Agora livre de algum modo, de um e outro impedimento; pego na pena para continuar, o noso comercio literario.

Nas duas ultimas me-pede V. P. com instancia, que me-dilatem sobre a Logica, e que nam me-poupe, a uenhuma outra parte da-Filozofia. Eu nam sei, se poderei dignamente satisfazer, a curiosidade que V. P. mostra, nestas materias: porque finalmente á muito que dizer nelas; e muitas coizas, que nam am-de agradar: mas finalmente direi. Lembro-me, que na nosa ultima conversaçam me-dise V. P. que as escolas de Filozofia deste Reino, necessitavam ainda maior reforma, que as outras: porque o mau metodo das-escolas baixas, alguma coiza se-pode emendar com o tempo: porem unia vez que o estudante comesou a provar, o *ergo*, e *atqui*, e a brincar com eles, e excogitar sofismas, e metafizicas obscuras; de tal sorte se-ocupa, com aquele negocio, que nam é posivel por-lhe remedio: de que nasce, a confuzam na Medicina, Teologia, e mais Ciencias. Como V. P. reconhece deantemam esta verdade, me-animo a dizer-lhe sinceramente, o meu parecer.

Eu verdadeiramente nam sei, se as-escolas de Filozofia deste Reino, tem pior metodo, que as escolas baixas: sobre isto avia muito que dizer: o que sei porem é, que nestes paizes nam se-sabe, de que cor seja isto, a que chamam boa Filozofia. Este vocabulo, ou por-ele intendamos



*ciencia*, ou com rigor gramatico, *amor da-ciencia*; é vocabulo bem Grego nestes paizes. Verá V. P. que se-dá este nome, a coizas bem galantes: Universais, Sinais, Proemiais, e outras coizas destas. Os pobres rapazes passam os seus trez e quatro anos, lendo arengas mui compridas: e saiem dali, sem saberem o que lèram, nem o com que se divertiram. Falo do-estilo das-Universidades: porque o das-outras escolas é o mesmo, quanto à materia; e ainda pouco diferente, quanto à dispozisam.

No primeiro ano se-pasa com dois tratados, a que chamam *Universais*, e *Sinais*; cadaum dós-quais terá quando pouco, os seus 20. cadernos, de duas folhas: e ja vi mestre, que ditou 40. cadernos, fomento de *Universais*. No-segundo ano acabam-se os *Sinais*: e parte do-ano fala-se muito, em *Materia Primeira*, e *Cauzas*: ao que chamam *Fizica*. No-terceiro ano estudam-se *Intelesoens*, *Noticias*, *Topicos*, e algumas questoes de *Metafizica*, digo do-Ente em comum: e com estas quatro, e as duas do-primeiro ano, se-faz o Bacharel. No-quarto explica-se um tratado, a que chamam *Gerasam e Corrusam*: e avendo tempo, outro a que chamam de *Anima in communi*. Depois fazem concluzoens, nas ditas materias, ou semelhantes: que é um ato em que muitas vezes succede, que o defendente nam tem, argumento algum. Segue-se o Licenciado, que é um exame sobre as 6. materias do-Bacharel, com mais outras que apontamos: e temos o omem graduado, Filozofó.

Se isto pode ser bom metodo; se tais materias podem formar, um bom Filozofó; eu o-deixo considerar, aos pios leitores. Progunte-lhe V. P. aqueles Universais, e Sinais, de que coiza iervem, quando se acaba a Filozofia. Diga-lhe que lhe-apontem, em que parte da-Teologia sam necessarios: que dogma se-explica com tal doutrina: fasa-lhe outras proguntas destas, e verá que limpamente lhe-confesam, que tudo aquilo morre com a escola. Se repetir a progunta em outras materias, concluirá o mesmo. E eis aqui tem V. P. o que significa Filozofia, nestes paizes.

Mas isto seria nada: o melhor da-festa está, na satisfasam com que ficam, de ter estudado tudo aquilo. Se alguem lhe contradiz um ponto; se alguem quer tomar o trabalho de lhe-mostrar, que nada daquilo vale um fio; ou que Aristoteles nam falou naquele sentido; ou que a Filozofia se-deve tratar de outra maneira; e que assim a-tratam naqueles paizes, que dam leis ao mundo, em materia de erudisam; e ainda em Roma, nas barbas do-Papa &c. acabou-se tudo, e vem o mundo abaixo com gritarias. A tal propozisam é uma erezia, contraria diametralmente à Escriitura, e às definiçoens dos-Concilios, e Padres; e ao costume da-Igreja Catolica; que canonizou as obras de Aristoteles, e tambem a doutrina dos Arabes. Galilei, Descartes, Gazendo, Newton, e outros destes que a-nam-seguiram, cheiram a Ateistas; ou polo menos estam um palmo distantes, do-erro. Estas Filozofias só reinam, em paizes de Erejes. Os estrangei-



geiros que defendem isto, são quatro bebados, que impugnam o que não entendem, e não entendem o que proferem. Isto, e outras coisas semelhantes, tenho eu ouvido algumas vezes.

Proguntava eu em certa ocasião a um mestre, que me parecia bom homem; e cujo defeito cuida que era, não malícia, mas ignorância: Tem V. P. lido nos originaes, a doutrina de Descartes, Galilei, Gazendo, Newton? tem examinado fundamentalmente, os que explicaram melhor, a doutrina do primeiro; como o P. Malebranche, o Baile, o Regis, o Le Grand: ou os que expuzeram a de Gazendo, como o Saguens, Maignan &c.? diz, Não senhor. Observou, continuei, pelo menos as objecções, que o P. Genari Dominicano propoz ao Saguens, e Monsieur Arnaldo ao P. de Malebranche em outro sentido; com as respostas destes ultimos? diz, Não menos. Muito bem: pois diga-me, entende V. P. na sua consciência, que pode ser juiz nesta materia, sem ter examinado, as razões de ambas as partes: e muito mais formar uma censura tão rigorosa, como é condemnar a religião, dos que seguem esta Filosofia? Respondeo o homem: Na verdade eu não sou informado, da materia: mas tenho ouvido dizer muito mal dela, a outros mestres, de quem eu formo conceito. Maravilhosamente: mas diga-me, continuava eu, tem V. P. certeza, que elles tais examinassem o que digo; ou, ainda que o examinassem, que julgassem sem paixão, e fossem capazes de decidir o ponto: porque sem isto deve-me conceder, que nada provam? Diz, Elles alegavam certas palavras, de que eu inferi, que os tinham visto. Mas, proseguia o dialogo, poderá V. P. mostrar-me, que dogma se destrue, com esta nova doutrina? Os accidentes Eucaristicos, e todo o sistema da Graza. Muito bem: visto isto temos, que as *formas accidentais* no sentido de Aristoteles, são de fé? diz, sem duvida. Visto isto, ou na Escritura, ou por tradição não interrompida, digo, pelo consenso de todos os Padres, definitivos de Concilios, ou Igreja Romana, estará determinado isto: porque eu não reconheço outros principios, para fundar proposições de fé. Mas atrever-seá V. P. a mostrar-me, eia declararem? Declaro, que eu também sou catolico Romano, e creio que na Eucaristia está Cristo debaixo dos accidentes de pão, e vinho: o que digo é, que os tais accidentes não são formas, no sentido peripatetico: e disto é que peso, eia declararem de fé. Concluiu ele dizendo: Isto não posso eu fazer, porque não tenho visto a materia. Bem, respondi eu, pois pesa V. P. a um dos seus amigos, que lhe descubra eia revelarem, ou decreto; e então falaremos sobre o particular: porque agora tem positivo impedimento.

Este dialogo podia-se repetir, com mais alguns acrescimos; e executar-se com algumas pessoas, que ousa falar nestas materias, com tanta satisfação; como se soubessem o que dizem, e entendessem a materia, de que falam. Eu tive alguns ratos de divertimento, conversando com al-



guns destes mestres. Eles confundem, todos os autores modernos; e sem mais exame os-acuzam, dos-mesmos erros: e com estranha dialetica os-condenam, de ignorancia. Como se um homem doutissimo, nam pudese uma vez, dizer um despropozito! Os que tem erudifam exquisita, sabem que no-mundo ouve um Descartes: e algum deles, mais raro que mosca branca, leo alguma coiza, dos-*Principios*, ou *Meditaçoens Metafizicas*. E aqui é ella: sobe à cadeira, e vomita mais decizoens, contra o pobre Descartes; doque elle nam dise palavras: E sem examinar, se elle é seguido em tudo, entende que tudo o que Descartes dise, foi, e é recebido, com a mesma venerafam; e sam todos obrigados, a segui-lo. Em certa jornada que eu fiz, encontrrei em uma estalagem um Religiozo \*\* que tivera a felicidade, de ler Descartes: o qual, conhecendo que eu era Estrangeiro, introu logo na materia: e todo o tempo que durou a ceia, empregou elle em provar, que, segundo os principios do-tal Filozofa, a Eucaristia estava fomite, nos nosos olhos. Veja V. P. como este intendia bem a doutrina dos-Cartezianos! Mas eu que vinha cansado do-caminho, e com fome; para abreviar a disputa concedi tudo, e meti-me na cama. Nam acho melhor modo de responder; a esta sorte de gente.

Eu certamente nam sou Carteziano, porque me-persuado, que o tal sistema em muitas coizas, é mais ingenhozo, que verdadeiro: mas confeso a V. P. que nam polo falar no-tal Filozofa, sem grandissima venerafam. Este grande homem, na Matematica foi insigne, e inventou algumas coizas, até ali ignoradas; e promoveo outras com felicidade. Em materia de Filozofia, acho que foi inventor, de um sistema novo. Isto nam parece nada, aos ignorantes: mas aos homens que intendem, qual é a difficuldade de inventar, e inventar com tanta propriiedade; que ainda despois de descobertas as machinas, grande parte das-experiencias esteja da-sua parte; é sinal de um ingenho elevadissimo, e de grande criterio. Alem diso elle foi o primeiro, que abriu a porta, à reforma dos-estudos: pois aindaque Bacon de Verulamio, e Galileo Galilei, tivessem indicado o metodo, de fazer progressos na Fizica; e alguns outros os-fossem imitando; é certo porrem, que Descartes foi o primeiro, que fez um sistema, ou inventou ipotezes; para explicar todos os fenomenos naturais: e por-este principio, abriu a porta aos outros, para a reforma das-Ciencias. E aindaque em tudo nam acert. se; é tambem certo, que se elle nam fosse o primeiro, os outros nam teriam cuidado, de emendar os seus erros, e de adiantar os estudos, como estam oje.

Onde com todos estes principios, nam posso soffrer, que homens totalmente ignorantes da-materia; e que nam sabem de Descartes mais, que o nome; e aindaque o-leiam, nam tem olhos para o-intender: ainda assim tam indignamente o-tratem; e injuriem um homem, de quem elles  
nam



nam feriam capazes, de serem amanuenses. Se estes censores tivessem lido, a historia das-Ciencias, e do-restablecimento delas, desde o Concilio de Trento a esta parte; formariam diverso conceito destas coizas: e nam vomitariam tantos improperios, contra os modernos Filozofos: como eu vejo todos os dias, em varios autores, que podendo mostrar, o seu merecimento; o-perdem todo, quando entram a falar nestas materias, com tanta segurança, como os que as-tem bem estudado. Dizem mil falsidades, que nunca succedèram: fingem defnisoens, que nunca se-fonhãram: confundem a doutrina revelada, com as opinioens da-Escola: e querem que os SS. PP. aprovassem profeticamente, a escolastica; que se-inventou alguns seculos, despois d' eles mortos. Esta é a celebre cantilena destes mestres, principalmente deste Reino: A qual provem, da-grande ignorancia em que se-vive, da-Istoria antiga, e moderna, e dos-estilos dos-outros paizes: do-pouco conhecimento que tem, de livros: e finalmente de quererem ser mestres, em uma materia, em que ainda nam foram discipulos.

Sei, que a maior parte dos-Omens, vive mui satisfeita, dos-estilos, e singularidades do-seu paiz: mas nam sei, se á quem requinte este prejuizo com tanto excessõ, como os Espanhoes, e Portuguezes. Observo, que os Francezes, Inglezes, Olandezes, que nam iam dos-que tem pior opiniam, e com razam, de si; aproveitam-se com todo o cuidado, dos-excesos que lhe-levam, as outras Nacioens. Os Francezes; mandam muita gente a Roma, para se-aperfeisoarem na Architectura, Escultura, Pintura; e em tudo o que pertence, ás antiguidades Romanas. Sabem que estas artes, se-conservaram sempre em Rõma, com distinctam: reconhecem, que os Romanos posuem o melhor, que neste genero nos-deixou a Antiguidade; e pode fugir à barbaridade, dos-incendios de Roma: e aum mandam lá os omens mosos e inteligentes, para beberem o bom gosto, da-Antiguidade. Muitos Senhores Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemães, que correm o mundo, para formarem os costumes; demoram-se tempo bastante em Roma, e nas principais Cidades de Italia; para observarem escrupulozamente, todas as antiguidades Romanas: e verem com os seus olhos aquilo, de que estam cheios os livros. Eu acompanhei alguns deles, que faziam estas observaçoens; e os-achei sumamente instruidos, nas antiguidades Gregas, e Romanas: e com dezejo exorbitante, de verem com os seus olhos, e aprenderem o que nam sabiam: e faziam gloria de estudar, o que ignoravam. Polo contrario vejo, que os nosos Italianos se-aproveitam bem, das-belas edifoens de livros, e outra erudisam exquisita, que se-acha nos-livros, destas nacioens Ultramontanas: e que ainda em materias de Ciencias, se-regulam polo metodo, das-Universidades de Sorbona &c. das-Academias Regias de Londres, Pariz, S. Pietroburgo, &c. por-conhecerem, que ali se-exercitam melhor; e dali faiem as melhores obras.



Isto é verdadeiramente conhecer , o merecimento de cada coiza. Mas observeo tambem , que este metodo é ignorado nas Espanhas , e mui principalmente em Portugal: onde vejo desprezar , todos os estudos Estrangeiros , e com tal empenho ; como se fossem maos costumes , ou coizas muito nocivas. Lembro-me a este intento , da-istoria do-Espanhol de Amsterdam. Nela viviam em uma estalagem, um Espanhol , e um Cavalheiro Florentino. Retirando-se este um dia a caza , perguntou ao Espanhol , que lhe-parecia Amsterdam : a belissima dispozitam da-Cidade no-material , e formal : a liberdade do-trato , contida dentro dos-limites do-justo : em fim ia-lhe repetindo uma por-uma , todas as singularidades de Amsterdam ; e sobre cada uma lhe-perguntava , o que lhe-parecia. Mas o Espanhol , abanando a cabeça , nam respondia palavra. Até que o Florentino enfadado lhe-dize : Valhame Deus , só vosé a-de ser singular neste muudo , nos-seus gostos ; e só a um Espanhol nam á-de agradar , uma Cidade como Amsterdam , e que todos tem tanto que admirar? A isto respondeo o Espanhol mui laconico : *Vaya , para pintada*. Esta mesma resposta , com pouca differença , me-tem dado alguns , em outras materias. Quando se-vem obrigados com exemplos a reconhecer , que os Estrangeiros lhe-levam , consideravel excessos ; respondem rindo , que assim é : mas que fomento é , em coizas inutilissimas.

Isto suposto acho , que o melhor modo de dezinganar esta gente ; e mostrar-lhe os seus prejuizos ; é , por-lhe diante dos-olhos , uma breve istoria , da-materia que tratam : e persuado-me , que este é o mais necessario prolegomeno , em todas as Ciencias. Creia V. P. que com esta noticia , poupa-se muito trabalho , e muito estudo : adianta-se um omem muito , na intelligencia da-materia : e só assim fica capaz , de ouvir o que deve , e dezinganar-se por-simeismo. Assimque intendo , que por-esta istoria se-deve comesar. Nam digo , que o estudante deva saber , as opinioens de todas as setas de Filozofia ; mas ao menos quando comesáram : quais foram as mais famozas ; em que coiza comumente se-distinguiam : e como se-continuáram.

A Filozofia é o conhecimento das-coizas , que á neste mundo ; e das-nossas mesmas afoens , e modo de as-regular , para conseguir o seu fim. Em todos os Povos do-mundo , e em todos os tempos achamos omens , que mais ou menos se-aplicáram , a estas coizas. Mas o noso estudante nam é necessario , que suba tam alto : basta que conheça , os Filozofos da-Grecia. Toda a Filozofia Grega se-dividio ao principio , em duas setas ; de que nacéram todas as outras : estas duas sam a *Jonica* , e *Italica*. A Jonica fundou Thales Milezio , um dos-sete Sabios da-Grecia ; o qual , como diz Diogenes Laercio , naceo 640. anos antes de Cristo. Foi grande Astronomo , Geometra , Filozofio , e escreveu muito de Fizica. Teve varios discipulos , que se-enfináram sucessivamente : Anaximandro , Anaximenes , Ana-



xagoras , Archelao , e Socrates. Este Socrates foi aquele grande homem , que encheo de admiracao a Antiguidade : e alguns dos-nossos SS. PP. se empregaram , na sua defeza. Socrates teve muitos dicipulos , que fundaram escolas separadas. Aristipo fundou a escola *Cirenaica* , Phedo a *Eliaica* , Euclides a *Megarica* , Antistenes a *Cinica* : da-qual naceo a *Estoica* , que foi famoza : porque Menedemo ultimo professor da-Cinica , foi mestre de Zenam , que fundou a Estoica. Damesma escola de Socrates tendo saido Platam , fundou a *Academica*. Cadauma destas escolas se-diversificava nas opinioens : o que é necessario , que o estudante advirta.

Platam foi o mais insigne dicipulo , de Socrates : naceo 428. anos antes de Cristo : e foi o primeiro que compreendeo , as trez partes da-Filozofia. Na Fizica seguia os sentimentos , de Eraclito , que se-reputava o melhor Fizico : na Metafizica seguia em tudo , a Pitagoras : e no-Moral , e Politico seguia a doutrina , de Socrates ; poisque semente ao Moral , este se-aplicara. A escola de Platam se-dividio em duas , *Academica* , e *Peripatetica*. A primeira continuou os dogmas de Platam : donde vem , que Platonicos , e Academicos significam a mesma coiza. Nela succedeo a Platam , seu sobrinho Speusippo : a este Xenocrates , Polemon , Crantor , e Crates. A Crates succedeo Archefilao dicipulo de Crantor , e tambem de outro Filozofa chamado Pyrrho: do qual Pyrrho aprendeo, um novo metodo de filozofar ; com o qual fundou a *Academia Media* , que durou até Carneades. Este ultimo , fazendo nela alguma reforma , instituiu a *Academia Nova* ; que durou até Antioco : que foi o ultimo dos-Academicos , e foi mestre de Marco Tullio Cicero. A *Peripatetica* fundou Aristoteles , dicipulo de Platam. Diz Cicero , que semente se-diversificava da-Platonica , nas vozes ; mas nam nos-sentimentos e opinioens. Dava Aristoteles as suas licoens , no-Liceo : e continuou a escola nos-seus sucesores , até Diodoro ; que se conta por-ultimo Peripatetico : desorteque ja nos tempos de Cicero , esta escola se-achava mui descaida.

A outra seta de Filozofia , a que chamam *Italica* , foi fundada por-Pitagoras , naquela parte de Italia , a que chamaram *Magna Grecia*. Este Pitagoras florescia 564. anos antes de Cristo : e depois de longuissimas perigrinaçoens , para aprender ; se-estableceo em Crotona Cidade de-Calabria: e ensinou com grande aplauzo , a Filozofia. Esta seta foi famosissima , pola frequencia dos-ouvintes , e pola sua duracao. Dela naceram varias : a *Eleatica* , que uns atribuem a Xenocrates , outros a Democrito. Anaxarcho ultimo dos-Filozofos Eleaticos , foi mestre de Pyrrho , que fundou a seta *Pyrrhonica* , ou *Sceptica*. Tambem da-*Eleatica* saio a *Epicureia* , umas das-mais celebres setas da-Antiguidade ; e talvez a que durou mais : pois no-segundo seculo da-Igreja , ainda estava em flor. Estes sam os diversos ramos , da-seta *Italica*. Tambem um seculo depois de Cristo comefou outra , a que chamaram *Eclética* , a qual teve bastantes dicipulos. O seu principal instituto



era, nam jurar nos-dogmas de nenhuma seta: mas tirar de todas, o que parecia melhor. De alguns destes ainda temos as obras: o ultimo foi Damascio. Esta seta agradou muito aos Padres, dos-primeiros seculos da-Igreja; porque parecia a mais racionavel.

Estas sam as diferentes setas, da-antiga Filozofia. Destas a Academica, Estoica, Pyrrhonica, e Peripatetica, duraram na Grecia com pouca differença, até o tempo de Augusto, quero dizer, até Cristo. Nos-ultimos dois seculos da Republica Romana achamos, que os Romanos começaram a estudar, a Filozofia. Nam que eles fundarem setas, como os Gregos; mas sam estudar à Grecia: ou serviam-se em Roma dos-Gregos, que vinham à Italia: e seguiam quem uma, quem outra seta de Filozofia Grega. Pola maior parte eram Academicos, e Estoicos: alguns foram Epicureos: rarissimo Peripatetico. Os livros de Aristoteles, que ele deixara a Theophrasto seu dicipulo, este os-deixou a Neleo: os erdeiros do-qual, para os roubar à curiozidade d'ElRei de Pergamo, de quem eram suditos; o qual procurava livros, para a sua Biblioteca; os-enterraram: d'onde foram casualmente tirados, polos seus decendentes; que os-venderam a Apellico Atiniez, quazi todos comidos da-umidade. Onde, para se-copiarem, foi necessario encher, todos os vazios da-corrusam: com o que sensivelmente se-alteraram, as opinioens. Depois da-morte de Apellico, Silla Ditador Romano os-transportou de Atenas, para Roma; e se-entregaram a Tiraño, para os-emendar, e dispor em melhor ordem. E tendo-se feito muitas copias, sem as-conferir com os originaes; foi pior o suceço em Roma, que nam tinha sido em Atenas. Começou entam a ser conhecido melhor, este Filozofa: e os Romanos começaram a fazer uzo, principalmente das-suas doutrinas politicas. Entre os Filozofos Romanos singularizou-se Cicero: ouveram tambem alguns outros, de que ainda temos as obras. Até que finalmente, com a ruina do-Imperio no-Occidente, se-arruinou tambem, a noticia das-Ciencias.

Nos-principios do-VIII. seculo de Cristo, os Principes Arabes dicipulos de Mahomet, os quais usurpáram grande parte da-Africa, Azia, Grecia, Espanha, e Sizilia; nas invazoens que fizeram, nas Cidades da-Grecia, entre os roubos com que se-recolheram, foram alguns dos-livros dos-seus autores. E agradando se destes estudos, fizeram em modo, que Almanon Califo ou Imperador Saraceno, no-ano 820. mandou pedir ao Imperador de Constantinopoli, aonde as Ciencias ainda se-conservavam; os melhores livros Gregos: os quais se-mandaram traduzir em Arabio. Nam sendo o genio dos-Arabes inclinado a Poetas, Historicos, e Oradores; tomente se-aplicaram aos Filozofos, e Matematicos: e entre eles escolheram trez, que foram, Aristoteles, Ipoocrates, e Galeno. Aplicaram-se a estas Ciencias; e principalmente a Chimica, Magia, Geometria, Algebra, e Fizica. Fundaram Universidades em Tuniz, Tripoli, Fez, Marrocos, e algumas partes



tes da Espanha: d'onde saíram alguns omens insignes, para aquele tempo: Entre os quais se-singularizou Averroes: o qual na Universidade de Cordova, fez o seu grande comento, sobre Aristoteles, no-meio do-seculo duodecimo.

Neste meio tempo a fama de Aristoteles, que estava tam bem esblecida, entre os Arabes; comefou a divulgar-se, entre os Cristaons. A communicafam que os Napolitanos tinham, com os Sizilianos, lhe-deu noticia dos-estudos, estabelecidos entre os Arabes da-Sizilia. Tambem a vizinhança da-França com a Espanha, abriu a communicafam aos estudos: e se-cre, que por-este meio pasáram a França, os livros de Aristoteles; e intráram na Universidade de Pariz. Já lá sabiam, que avia Dialetica, e a-estudavam: mas da-Fizica Aristotelica, nada sabiam. Finalmente ou para poderem disputar com os Judeos, e Mahometanos, como fundadamente suspeita Monsieur de Fleury; ou por-outra razam que nam se-sabe; os Teologos receberam benignamente Aristoteles, e pouco a pouco o-introduziram, na Teologia. Os primeiros foram introduzindo as Dialeticas, como Abellardo, Roberto Pullo, Pedro Poitiers, e alguns outros no-duodecimo seculo. Daqui pasáram a introduzir, as doutrinas Fizicas: o que sucedeo, no-seculo decimo-terceiro. Os primeiros foram Alberto Magno, Alexandre de Ales: despois Tomaz de Aquino, e alguns mais. Despois de S. Tomaz veio Escoto, que fundou escola separada: e despois deste, seu dicipulo Okam tambem Franciscano, fundador da-seta dos-Nominaes. Demodoque despois do-seculo XIV. a Filozofia se-dividia em trez setas, Tomistas, Escotistas, e Okamistas: as quais com algumas mudanças duráram, até o Concilio de Trento, celebrado no-meio do-seculo XVI.

Nam falo no-metodo de Raimundo Lullo de Maiorca, porque pela sua oscuridade, nam teve sequazes: excetuando alguns Maiorquinos, mais loucos que ele. No-ano 1565. Bernardo Telesio de Cosenza em Italia, publicou a sua Filozofia, que teve alguns sequazes. Pouco despois Jordano Bruno Dominicano, publicou muitos livros, em que, entre algumas coizas boas, dise muita estravagancia; sobre o Universo infinito, e diversos mundos. Despois deste, Tomaz Campanella, tambem Dominicano Calabrez, publicou algumas obras de Filozofia, quazi segundo os principios do Telesio.

Neste mesmo seculo XVI. do-meio para diante, quero dizer, pelos tempos do-Concilio de Trento, comefou a estabelecer-se o sistema Fizico-celeste, de Nicolao Copernico: que refucitando a opiniam de Filolao, e Eraclides Pontico, sobre o movimento da-terra arredor do-Sol; teve muitos sequazes, que atentáram, ser um sistema preferivel aos outros. No-fim do-seculo XVI. saio à luz o sistema de Tico Brahe, que tambem teve sequazes. Mas ninguem mais deo tanta luz à Fizica, quanta Francisco Bacon de Verulamio Chanceler mór de Inglaterra: o qual no-fim do-mesmo



seculo, e principio do-seguinte, apontou o verdadeiro metodo de adiantar a Fizica, em belissimas obras que a este intento nos-deixou; principalmente de *Augmentis Scientiarum*, e de *Novo Organo*. Eu considero as espeçulaçoens deste grande omem, como a mais famoza epoca, da-verdadeira Filozofia: porque observe de entam para diante, uma total mudançã, e adiantamento sempre para o melhor, morreo polos anos 1636. de anos 66.

No-mesmo tempo de Bacon, no fim do-XVI. e principios do-XVII. floreceo o insigne Galileo Galilei Florentino; que seguindo os ditames de Bacon, uzou da-Matematica, para explicar a Fizica: e aumentou sensivelmente a *Mecanica*: a qual desde Archimedes até o seu tempo, quasi nada se-tinha adiantado. Ele descobrio muitas leis, do-movimento dos-corpos, tanto solidos, como fluidos; e tambem da-Gravidade, e da-Luz, e do-Som &c. desorteque pode-se dizer, que ele foi o que comefou a servir-se, da-boua Fizica. morreo em 1642. de anos 78. Comefado o seculo XVII. floreceram Descartes, e Gazendo: que dando um passo mais adiante, descobriam mais terra, e comefaram a abrir os olhos ao mundo. Ja se-fabe as disputas, que os Peripateticos tiveram, com estes novos Filozofos; e as injurias, que contra eles vomitaram. Desde o fim do-Concilio de Trento, em que os melhores Teologos tinham aberto os olhos, sobre a Teologia; e comefado a intender, que nam se-devia misturar com ela, a Peripatetica; tinha esta descaido muito: mas nam tanto, que muitos Regulares nam intendesem, que devia ser a mimoza entre as mais. De que uacia, que com todo o empenho a-defendiam: porque, a falar verdade, nam intendiam mais, nem tinham outras noticias. Mas despois que se-viram atacados, por-estes modernos Filozofos; os quais nos-principios deste seculo conspiraram todos, para abrir os olhos, ao mundo Literario; nam querendo os velhos, perder as suas conquistas, fizeram um espalhafato orrendo: e o menos que disseram foi, que se-tinha levantado uma nova perseguisam, na Igreja Catolica; com a publicasam destas Filozofias. Mas como isto eram balas de lan, e palavras sem fundamento, nem verosimilidade; nam faziam brecha. Polo contrario os Modernos despediam, constantes experiencias, que eram balas eficazes. Em modo tal que a dita Filozofia foi-se continuando, e com forsa: e só os Regulares, e nem todos, seguiam a Peripatetica.

A introduçam das-Academias Experimentais, deu novo esforço, a esta Filozofia. Despois da-morte de Cartezio no-ano 1640., e a de Gazendo no-de 1655.; tinham comefado as ditas Filozofias, a aquistar credito: mas ainda com algum medo; pois nam tinham toda a necessaria protesam, que tiveram pouco despois. Nam foi senam despois, que se-abrio, a Academia de Londres no-ano 1662. ou 63. e a de Pariz no-1666., que as Ciencias naturais se-continuaram, com empenho: assistindo-lhe os Reis, com o dinheiro, e protesam. Dilatou-se ainda mais este costume, porque o Imperador



rador Leopoldo no-ano 1670. movido do-bom sucesso das-duas Academias; fundou tambem, ou melhor direi, protegeo uma Academia ja comecada, com o nome de *Academia dos-Curiosos da-Natureza*. El-Rei de Prusia em 1700. fundou tambem a sua Academia experimental. Os noios Italianos fizeram o mesmo. O Conde de Marsili em 1712. instituiu uma em Bolonha, que tambem é famosa: em Padua, e outras partes abriram-se outras. Em 1725. a Imperatriz Catarina abriu em S. Petroburgo em Molcovia, outra famosa: deixando por-agora outras muitas, que se-abriram em diferentes partes da-Europa.

Esta dilataçam de estudos naturais chamou a si, todos os melhores Filozofos, principalmente os Seculares. Tambem alguns Regulares, nos fins do-pasado seculo, comecaram a deixar, as sutilezas de Aristoteles. Porém neste XVIII. seculo infinitos se-tem declarado, contra o antigo estylo; e enfim publicamente, a Filozofia moderna. Em Italia, e ainda em Roma, por-toda a Franca, Alemanha &c. se tem divulgado este metodo: e os mesmos Regulares, que ao principio o-tinham proibido, nam tem oje difficuldade alguma, em defendelo. Verdade é, que algumas Religioens ainda o-nam-approvaram: mas tambem é certo, que muitos leitores delas sam declaradamente, Filozofos modernos. Os doutissimos Dominicanos, e Jezuitas, que pareciam os mais empenhados, polo antigo metodo; comecaram a admitir, a nova Filozofia: nam só em Franca, mas ainda em Italia. E eu sei de certo, que em algumas partes de Italia os Jezuitas, vendo que nas suas escolas, e collegios, faltavam consideravelmente os estudantes, que concorriam a outros estudos publicos; se-viram obrigados, a reformar o antigo metodo, e introduzir os estudos novos. Tam persuadidos estam todos oje, que o antigo metodo nam serve, para coiza alguma.

Esta, em poucas palavras, é a serie da-Filozofia: na qual se-comprende mui bem, com quam pouca razam estes mestres de Portugal, condenem uma coiza, que está tam bem introduzida: e nam entre Erejes, como eles dizem, mas entre Catholicos mui pios e doutos. E tambem se-conhece, com quam pouca razam queiram persuadir-nos, que os SS. PP. aprovaram, a doutrina de Aristoteles: pois nam sendo ela, ou polo menos esta que passa, com o nome de Aristoteles; conhecida antes do-seculo XIII. é bem claro, que os PP. nam podiam aprovar uma coiza, que nam conheciam, nem intendiam, que naceria no-mundo. Seguro a V. P. que se estes mestres, que oje exaltam tanto Aristoteles, conhecessem os PP. nam polo sobredito, mas por-dentro; e tivessem bem examinado as suas obras; ficariam envergonhados, da-sua grande ignorancia, e talvez temeridade: pois veriam nos-escritos dos-Padres, que nada mais encomendam, que deitar fóra das-escolas Aristoteles: evitar todos os sofismas da-Dialetica: e propor as suas razoes, com a maior clareza posivel. Aprovavam na verdade, a boa Dialetica; mas despida totalmente de arengas. E nesta paz se-continua



nuou, até o undecimo seculo: no qual, como acima digo, introduziram nas escolas, estas embrulhadas. Desorteque a examinar bem o negocio, Aristoteles é mui moderno, nas escolas Catholicas: e ainda nelas nam durou, senam até o Concilio de Trento: pois de entam para cá pouco a pouco se-abriram os olhos ao mundo: e oje todos os-tem mui bem abertos.

Intendido isto muito bem, com o que se-poupan mil respostas, e embarafos a cada momento; deve o estudante pasar, para a Filozofia. Mas é necessario, que primero intenda, que coiza ela é; para nam se-embrulhar, com as comastudas confuzoens da-Escola. Eu supponho que a Filozofia é, *Conhecer as coizas pelas suas cauzas*: ou conhecer, a verdadeira cauza das-coizas. Esta definifam recebem os mesmos Peripateticos, aindaque eles a-explicam, com palavras mais oscuras: mas chamem-lhe como quizerem, vem a significar o mesmo. v. g. Saber qual é a verdadeira cauza, que faz subir a agua na siringa, é Filozofia: conhecer a verdadeira cauza, porque a polvora aceza em uma mina, despedafa um grande penhasco, é Filozofia: outras coizas a esta semelhantes, em que pode iutrar, a verdadeira noticia das-cauzas das-coizas, sam Filozofia.

Mas como no-conhecer as cauzas das-coizas, principalmente naturais, pode aver ingano; e muitas vezes nos-inganemos, tomando uma coiza por-outra: alem diso como nos-mesmos discursos, com que nos-querem persuadir alguma coiza, succeda frequentemente ingano, cuberto com apparencia de verosimilidade; ao que chamam *Sofisma*, ou *Paralogismo*: daqui vem, que cuidaram os omens, em fugir estes inganos, e descobrir o vicio do-discurso, paraque nam caifemos nele. Isto primeiro comefou, sem arte alguma: mas casualmente um omem descobrio um erro, outro descobrio outro, e assim os mais. Alguns dos-quais, fazendo uma colesam destas observafoens, fizeram tratados, em que se-pudese aprender o modo de nam se-inganar. A isto chamaram Logica ou Dialetica: que é muito mais antiga que Aristoteles: mas ele foi o que a-compileu com melhor metodo, a respeito do-seu tempo: aindaque muito imperfeita, se olhamos para o nofo. Quem fofo o autor desta colesam, notará o estudante, quando ler a istorya da-Filozofia. Os Antigos dizem, que foi Zenam Eleates, que a-ensinou a Socrates: este a Platam, do-qual a recebeo Aritoteles. Mas esta Logica Socratica, era por-outro estilo, e convencia com proguntas. Platam era um pouco mais dogmatico. Comumente se-cre, que Speusippo, e Aristoteles, ambos dicipulos de Platam, guiados polos discursos dele, fizefem no-mesmo tempo, e cada um parafi, esta nova colesam, e acrecentafem muita coiza sua: os Estoicos com o tempo, acrecentaram muitas mais. Seja como for, o cazo é, que os Antigos reconheceram, que para conhecer, e discorrer seu ingano, sobre as cauzas de todas as-coizas; é necessario observar algumas regras, a que quizeram chamar, *Logica*. Desorteque esta chamada *Logica*, nenhuma outra coiza é mais, que um metodo, e regra, que



que nos-ensina a julgar bem, e discorrer acertadamente. Assimque estabelecido este importante ponto, fica claro, que se-deve abraçar aquella Logica, que conduz a este fim: e fugir qualquer outra, que nos-desvia dele.

Tendo percebido este ponto, nam pode aver duvida, sobre o caso que devemos fazer, desta chama Logica dos-Escolasticos: basta examinar, se o que se-ensina com este nome, é util, ou prejudicial, para julgar, e discorrer bem. Porque se-achamos, que nam conduz; saie por-legitima consequencia, que se-deve deixar, e estudar outra coiza mais util. Ora eu creio, que sem grande trabalho se-conhece, que esta Logica vulgar, nam dá nenhuma utilidade, antes cauza iuma confuzam. Os Proemias sam a coiza mais inutil do-mundo. Com a simplez explicaçam, do-que é Logica; sabe um estudante quanto basta, para intrar nela, e ser um grande Logico: toda a outra noticia util se-pode aprender, em uma advertencia, a que chamam *notando*. Que a Logica tenha por-objeto, os atos do-intendimento, ou as coizas, ou os modos de saber; nada serve para discorrer bem: o que importa é, ter boas regras, e sabêlas uzar bem.

Aqueles Universais, e Sinais sam coizas indignas de se-lerem: o menos que neles acho, é a inutilidade: o pior é o metodo: parecem a mesma confuzam: e de tal sorte embrulham a mente, de um pobre principiante, que nam é facil ao deipois, intender bem coiza alguma. Em lugar de facilitarem a um rapaz, a inteligencia das-coizas; o-confundem com uma quantidade de sofismas, e sutilezas, tam fóra de propozito; que eu nam sei, como os mestres nam fazem escrupulo, de perderem tam inutilmente o tempo. Acrecento a isto, a inutilidade: pois para nenhuma parte das-Ciencias serve aquilo. O mais que se-tira dos-Siniais é saber, que as vozes servem, para declarar as ideias da-mente, e os afetos da-alma: e que mediante as vozes comunicamos aos outros, o que intendemos, e queremos. Que as vozes nam excitam nos-que ouvem, as ideias de quem as-profere, por-virtude alguma natural, que tenham para isto: mas porque assim o-determináram, os omens de uma Naçam. Sendo certo que as vozes, que em Portugal significam uma coiza, em outro Reino significam coiza diferente, ou nada significam. Esta é toda a noticia util, que se-tira dos-Siniais: e isto é coiza que se-aprende, em um quarto de ora: tudo o mais que dizem dos-siniais, sam arengas ridiculas, que espremidas na nam, nam deitam uma gota de doutrina. V. P. que perdeu bastante tempo, com estas arengas; faza-me a merce de me-mostrar, alguma questam util, entre tantas que no-tal tratado se-incluem: estou certo que, uzando da-sua costumada ingenuidade, me-dirá, que nam acha alguma. De que fica bem claro; que o tal tratado, é somente divertimento de omens ociozos. Nem me-faz forsa que o P.\*\*\* me-disése um dia, que os Siniais eram o *Apex Philosophia*: e o seu P. Collegial\*\*\* me-disése mui sezudamente, que os Siniais tinham seu uzo na Teologia: poisque na *Trindade* se-falava, em *priori signo* &c. nem um,  
nem



nem outro sabia o que dizia, como as suas respostas mostram: e ainda que fossem leitores de Filosofia, tinham necessidade, de a estudar outra vez.

Quanto aos Universais da-Escola, comque se-gasta tanto tempo, nam são melhores que os Sinais: todos são talhados, pela mesma medida. Passé V. P. ligeiramente com os olhos, por-aqueles tratados; e me-dira, o que acha em tantos cadernos. Ali disputa-se mui largamente, se se-dá *Universal a parte rei*, como eles lhe-chamam: se a Unidade de prezizam, e Aptidam sejam da-essência do-Universal: e outras coizas destas, que quando eu as-confidero, fico persuadido; que os que falam nisto, nam intendem isto mesmo que proferem. Que bulha nam se-faz, sobre a dividizam em cinco especies! que arengas, sobre cada especie em particular! que confuzoens, sobre as prezizoens! Ora eu tomára que me-disessem, o que se-tira de todo aquele negocio; e que noticia util para discorrer se-colhe, de todas aquelas confuzoens? Achei muitos, que, despois de alguns anos de Filosofia, e despois de terem defendido conclusoens publicas, e com grande acceitavam; nam sabiam, por-qual razam se-introduziram os Universais, na Logica. O que digo dos-Universais, deve-se aplicar aos Predicamentos; que que uns introduzem na Logica, outros na Metafizica: e sobre os quais se-disputa, com igual fervor.

Os omens mais advertidos entre os Peripateticos, reconhecem a verdade do-que digo, e sinceramente confessam, que se-deviam cortar, estas longuissimas disputas, que para nada servem. Peripatetico, e bem Peripatetico, era o Suares Granatense, o Barreto Portuguez &c. contudo fando-meu parecer: e o tal Barreto acrecenta (1), que o aumento que se-deo aos Sinais, é vicio dos-Portuguezes. Mas tornando aos Universais, de que falavamos, a unica razam que eles alegam, para introduzirem esta longa arenga de Universais, e Predicamentos; é, porque as propozisoens de que se-fazem os filogismos, constam de predicados universais. Digo pois, se aquilo nam tem mais serventia, que mostrar, que um nome pode ser *universal*, ou *particular* &c. de que serve aquela arenga sempiterna, que nam conduz para isto? Certamente que, seguindo os seus mesmos principios, tudo aquilo se podia reduzir, a meia folha de papel.

Nem cuide V. P. que eu reprove, toda a sorte de exame, das propozisoens universais, e particulares: confesso, que isto pode ter seu uzo, e tem utilidade: mas tambem confesso, que se-deve tratar de outra maneira, como em seu lugar direi. Somente condeno muito, o que dizem os Peripateticos; porque nem serve para o intento, que eles propoem; nem para outro algum: confunde as especies, e intendimento dos-rapazes: e é o mesmo a que nos chamamos, perder tempo sem interesse algum, e sem saber por-qual razam. Mas prosigamos o curso, da-Logica Peripatetica.

Aos Predicamentos, e Sinais, segue-se o enfadonho tratado de

*Enun-*

(1) *In Logica, de Signis disp. 1. in Proemio.*



*Enunciação*, ou Propozisam. Aqui fazem eles infinitas disputas, tam fóra de prepozito; que eu fico pasnado. Confundem a propozisam *verbal* com a *mental*, ou ato do-intendimento: ora disputam de uma, ora de outra: de sorte que nam se-pode saber, o que eles querem explicar. Sendo aquele um tratado, que se-deve explicar mui claramente, para intender os seguintes; eles o-fazem com tal negligencia, e confuzam, como quem nam cuidáse neste fim. O melhor que eu acho é, que em vez de proporem as coizas, em que todos convem; disputam tudo o que propoem: e a cada propozisam acrescentam, uma longa cadeia de argumentos; e às vezes tam embrulhados, que um omem adiantado teria trabalho, em lhe-responder. É como á-de o principiante, formar conceito das-coizas, e executar os ditames que le; se ele nada acha, em que todos convenham: mas em cada propozisam acha, quem o-contradiga? Isto é o mesmo, que se um carpinteiro tomáse um aprendiz, e em lugar de lhe-ensinar, como se-á-de servir dos-instrumentos; fizese longuissimos discursos, sobre a diversidade de instrumentos de Carpinteiro: contando-lhe miudamente, que a alguns nam agradam, aqueles instrumentos: que outros escrevem, que se-deviam fabricar do outra maneira: e todo o tempo pasáse com isto.

Este é o grande defeito que eu acho, nestas Logicas: nam buscarem aquelas coizas, em que todos convem, para as-explicar aos estudantes. nam acharem um metodo de ensinar Logica, comefando por-documentos claros, que todos intendam: fugindo todo o genero de disputas, que nam fervem para principiantes. Pois este devia ser, todo o seu cuidado: e quem nam pratica este metodo, nam quer ensinar Logica. Isto conhecerá V.P. melhor, olhando para as longas disputas, que eles aqui introduzem, sobre os atos verdadeiros, e falsos. Nam é crível, a confuzam com que aquilo se-tratã, nam é meños admiravel, a quantidade de coizas falsas, que ali se-supoem, como se fosse demonstrações matematicas. Disputa-se com fervor, se o mesmo-ato do-intendimento, possa passar de verdadeiro, para falso: e outras coizas destas. Isto supoem manifestamente, que o dito ato dura algum tempo, na alma; porque se nam duráse, a questam seria de nada. Mas isto que eles supoem, é manifestamente falso. Basta olhar, para as muitas distrações involuntarias, que um omem tem; para conhecer, que a nosa alma está em continuo movimento de conhecimento: e que devemos dizer, que ella nam pára em algum juizo, ou ato. Ainda quando nos-parece, que sempre cuidamos na mesma coiza, creio eu que nam perziste, o mesmo ato: mas que a alma muitas, e muitas vezes considera, a mesma coiza: que é o mesmo que dizer, com atos diferentes. A razam disto nam me-parece obscura: pois vejo a violencia, que é necessario fazer ao entendimento, para o-fixar no-mesmo objeto: pois um minuto que nos-descuidamos, ja estamos em outro objeto. É ainda quando nos-parece, que consideramos um só, v. g. um painel; é certo que fazemos muitos atos: pois nam vemos só um ponto,



mas diferentes pontos, e partes do-melmo todo: o que se-faz, com diversos atos. Nam é crível, com quanta velocidade a alma conhece, e passa de um objeto para outro. Fazemos todos os-instantes nil alóens, que nam advertimos: e contudo é certo, que a alma as-conhece todas: mas falas com tal velocidade, que parece as-nam-conhece. Deste genero é o continuo movimento de pestanas, que nós fazemos; e a alma, por-obediencia da-qual se-faz, o-conhece: e contudo nenhum de nós adverte tal coiza. O que mostra bem, quam veloz é a nosa alma, em passar de um conhecimento para outro. E sendo isto tam claro, os-Peripateticos, sem fazerem cazo disto, introduzem as suas longas disertações, fundadas sobre um suposto falso. Demos-lhe, que seja materia duvidoza; sempre é coiza ridicula, propor como certa um fundamento, que tem tantas apparencias de falsidade: e occupar o tempo com isto, devendo ensinar outras coizas.

Mas, para abreviar este exame, passe V. P. comigo, ao tratado de *Priori resolutione*. Na primeira parte se-disputa eternamente, sobre os termos, e diversos modos, com que significam as coizas. Isto explicado bem com clareza, e brevidade, podia servir ao estudante de alguma coiza: mas isto é o que eles nam fazem: e todo o tempo passam em disputar, se o verbo *Est* pode ser termo; e outras galantarias destas. O que dizem das-Proposições, da-sua Conversão, das-Modais, é tam embrulhado, e tam inutil; que nam sei, que pior coiza se-possa dizer. Seguro a V. P. que ja achei Peripateticos, que ingenuamente me-confesaram, que a maior parte daquelas coizas eram inutilis.

Mas sem grande trabalho, cuido que mostrarei a V. P. que tudo aquilo, que nestas escolas se-disputa, se-deve totalmente pôr de parte. apontarei uma unica razam, que comprehende o *Priori*, e *Posteriori*, da-Logica vulgar. Examine V. P. com toda a atensam, quanto se-disputa naquelas duas partes da-Logica, e fasa-me a merce de notar mui distintamente, algumas coizas. I. Se o que ali se-disputa, é materia intelligivel. Cuido, que a resposta será clara, se olhar-mos para o que succede nos-estudantes: pois é certo, que despois de muitas, e muitas explicações, comumente nam intendem, o que ali se-diz. Apelo, para o que cadaum experimenta em si, e para o que os mestres experimentam, nos-dicipulos. Sei polo contrario, que os meninos intendem muito bem as coizas, se lhas-explicam bem: e sabem dar razam do-seu dito. v. g. se disserem a um rapaz: *Aquele ramo que ves naquela porta, é sinal que ali se-vende vinho: porque em todas as partes em que se-vende vinho, se-costuma pôr aquele sinal; porque assim determinaram, os nosos antigos: estou certo, que á-de intender facilmente, o que lhe-dizem.* Ora fale-lhe V. P. por-estas palavras: *Aquele ramo é sinal ex instituto do-vinho: que se-constitue na razam de sinal, por-um respeito de dependencia do-ato da-vontade, que o-deputou para significar vinho: polo que se-distingue do-sinal natural, que se-constitue, por-um respeito de independencia:* Despois de



de toda esta arenga filozofica, o tal rapaz entenderá muito menos, o que lhe dizem, do que se lhe-falarem em Caldeo. De que vem, que ainda as coizas que se-deviam dizer, se-dizem de um modo tal, que nam se-intendem. Isto é quanto ao modo de se-explicar: pasemos à materia.

A 2. coiza que V. P. deve notar é, a serventia que tem aquelas regras, para discorrer sem ingano, em toda a materia. Traga V. P. à memoria, tudo o que tem estudado de *Priori*, e *Posteriori*, e tenha o sofrimento de considerar; se lhe-servem, ou nam, para intender, e discorrer bem em qualquer materia: ou para provar alguma coiza, que lhe-seja necessaria; nam só nos-atos publicos quando argumenta, ou defende; mas ainda no-seu bofete, quando compoem em alguma materia: ou ainda no-discurso familiar. Tenho tantas provas, da-sua candura de animo, que nam tenho receio que diga, ter experimentado utilidade. Mas eu nam quero por-agora, um juiz tam alumniado como V. P. contento-me que me-repondam os mesmos, que perdem os anos com estas arengas. Eu os-faço juizes nesta disputa: e lhe-deixo considerar, se, quando eles provam o que lhe-negam, ou discorrem familiarmente; o-fazem porque se-lembram das-regras; ou se o-fazem, porque assim se-costuma discorrer no-mundo: e a lisam que tem tido; lhe-fumministra os argumentos, e meios termos: e a natural penetram que cadaum tem, lhe-mostra, com a maior promptidam, a conexam das-partes? O que eu posso dizer neste particular é, que muitos Escolasticos, como ja apontei, me-diseram, que era inutil toda aquella machina de regras: e li alguns, damelma opiniam. O P. Arriaga no-prologo da-sua Filozohia diz claramente, que nam ditou muitas questoes de-fórma Silogistica, porque lhe-pareceram escuzadas: e que avendo vinte anos que era mestre; nunca vira, que pessoa alguma se-servile da-ponte dos-Asnos, para argumentar, ou responder. E quanto a esta parte da-Ponte dos-asnos, achará V. P. muitos, que dizem ser inutil.

Mas eu passo adiante com o discurso, e creio, que nem menos me-mostraram omem, que se-sirva das-Figuras, ou de alguma das-outras regras; quando quer provar alguma coiza seria. Conheço, que os que argumentam nesta materia, para mostrarem que a-tem estudado; ou os que nam querem argumentar com razoes, mas com palavrinhas, à maneira dos sofistas; poderam fazer algum uzo delas: o que digo é, que quando um omem quer provar, o que lhe-negam, nunca se-serve, de tais arengas. Se ele tem ingenho, e doutrina, mais de presa se-lhe-oferece o meio termo, e modo de o-dizer; do que a regra, que o-ensina. Se nam tem ingenho, estou certo que nem regras, nem figuras, nem modos, nem coiza alguma lhe-ocorrerá; com que possa discorrer fundadamente. Nunca me-sucedeo que, discorrendo comigo, me-viesse à imaginarem, servir-me do-silogismo. nunca vi tratar negocio algum grave, com o meio da-Dialetica: ainda sendo as partes, pessoas de toda a penetram; e tendo perdido muito tempo,



com a Dialectica. Isto da-Logica e o meimo, que a Retorica: os ignorantes das-regras, se tem ingenho, e alguma lisam, oram, e provam melhor o que dizem, doque os Logicos, e Oradores da-Escola. O omem ignorante das-regras, nam perde tempo com palavrinhas, mas vai direito à razam, e busca aquelas que conduzem, ao seu intento. Ora é sem duvida, que as razoens, e nam as palavras, sam as que persuadem, e provam o que se-quer. Poderám as palavras, e modo com que se-diz, dar mais luz às razoens: mas palavras sem razoens nada provam. E esta é a razam, porque os Logicos finos discorrem pior, que os que nam sam Logicos. E esta mesma razam me dá fundamento para dizer, que é melhor que nam se-fale, em tais regras.

Acho ainda outra razam, e cuido ser mais forte, para nam se-guir este metodo do-silogismo; vem a ser, que o silogismo nam serve em modo algum, de ajudar a razam, para que aumente os seus conhecimentos, e neles discorra bem. Quando se-á-de persuadir, e discorrer bem, o primeiro, e principal ponto está, em descobrir as provas: o segundo, em dispolas com tal ordem, que se-conheça clara, e facilmente, a conexam, e força delas: o terceiro, em conhecer claramente, a conexam de cada parte da-dedusam: o quarto, em tirar uma boa concluzam do-todo. Estes diferentes graos se-conhecem muito bem, em qualquer demonstram mathematica. Uma coiza é, perceber a conexam de cada parte, ao mesmo tempo que um mestre vai explicando a demonstram: outra coiza diferente, conhecer a dependencia, que a-concluzam tem, de todas as partes da-demonstram: terceira coiza muito diferente, conhecer por-si mesmo clara, e distintamente, uma demonstram: e finalmente uma quarta coiza, totalmente diferente das-trez, ter achado as provas, de que se-compoem a demonstram. O que suposto, o silogismo nam faz mais, que mostrar a conexam das-partes, sem ensinar a buscar as provas: onde fica claro, que nam é de grande socorro à razam. Muito mais, porque a alma pode conhecer, e conhece, muito mais facilmente por-si mesmo, a conexam das-partes; doque por-nenhum silogismo. Quantos omens nam vemos todos os dias, que intendem mui bem, toda a força de uma razam; a falacia, e eficacia de um discurso comprido; e discorrem mui acertadamente; sem terem ouvido falar em silogismos? E nam digo somente, entre os omens de boa educam; mas quem quizer considerar, a maior parte da Africa, e America; achará omens que discorrem tam futilmente, como os nosos Europeos; sem saberem reduzir um argumento à forma. Achei negros vindos de la, tam maliciosos, e fingidos; que nam se-pode dizer mais. Ja eu disse a V. P. em outra parte, que me-tem feito muitas vezes mais força, as razoens de muitos rusticos, doque de alguns Logicos, e Oradores de profisam.

Ainda daqueles mesmos que estudam Logica, rarissimos sam que cheguem a conhecer, por-que razam trez propoziloens, combinadas de um certo modo, produzam uma concluzam justa: e que saibam com toda a in-

dividua-



dividuam, porque razam de mais de 600. combinaçoens diferentes, só umas 14. sejam boas. A maior parte destes estudantes contentam-se, com uma Dialectica tradicional: e nada mais fazem do que crer, o que lhe-diçe seu mestre; que certos Modos reduzidos a certas Figuras, são bons; outros, são maos: sem chegarem a certificar-se, que na verdade assim é. Ora daqui saie por-legitima consequencia, que, se é verdade o que eles dizem, que o silogismo é o verdadeiro, e unico instrumento da-razam, com o qual é que se-pode chegar, ao conhecimento das-coizas; antes de Aristoteles, ninguem raciocinou bem, nem teve conhecimento certo, e depois dele, entre vinte mil omens nam se-achará um, que goze esta fortuna.

Mas eu creio que seria louco, quem tiráse tal consequencia: observando-se claramente, que os Omens intendem as coizas bem, sem o dito socorro. Tomára que me-diçesem, com que outra Dialectica conheceo Aristoteles, que muitos daqueles Modos eram certos, e outros falazes; se-nam com a penetraçam da-sua mente, que reconheceo a conveniencia que se-dava, entre umas ideias, e diinconveniencia entre outras? A noia mente tem de sua natureza a facilidade, de conhecer a conexam destas ideias, e polas em boa ordem, e tirar delas concluzoens justas; sem que para isto a-preparem, com artificio algum. Dizei a uma mulher rustica, convalescente de uma grande enfermidade, que a sopra um nordeste agudo, e que o Ceo ameaça grande chuva: ela facilmente perceberá, que nam é tempo para sair de caça. O seu juizo une com toda a facilidade, estas diferentes ideias: *Nordeste, Nuvens, Chuva, Umidade, Frio, Recaida, Perigo de morte*: e isto em um abrir de olhos; sem ter necessidade daquella fórma artificial, e embarasada de quinze ou vinte silogismos. Ora é certo, que o silogismo nam suministra esta faculdade de perceber, e ordenar as ideias; nem suministra as ideias para isto: e como destas duas coizas dependa tudo; fica bem claro, que nam serve para discorrer bem.

Se V. P. observa o que dizem os doidos, achará, que eles nam se-enganam nas consequencias, mas nos-principios: e por-isto discorrem mal. Uniram-se por-alguma cauza, no-intendimento de um doido, duas ideias; v. g. a que tem de si, e a que tem de um Rei: postas as quais, discorre o omen mui bem: quer Magestade: quer gentilomens, e trono de soberano &c. Estas consequencias decem mui bem, daquele principio: todo o mal está, nas ideias que ele abraçou, e unio mal. Da mesma sorte os que nam são doidos: nam consiste o ingano nas consequencias, porque a alma com toda a facilidade as-infere, e percebe a conexam delas com os meios: todo o ponto está nos-principios, e por as ideias em boa ordem. Isto nam suministra a Silogistica, e assim nam me-parece que pode servir, para o que se-pertende.

A noia mente naturalmente inclina, para admitir uma propoziçam por-verdadeira, em virtude de outra admitida por-tal; ao que chamam



inferir: e acha com facilidade, uma terceira ideia; que tenha conexam, com ambas as duas. Progunto agora: ou a mente buscando a ideia terceira, se-certificou da-conexam dela, com as primeiras, ou nam? Se a-procurou assim, fez um conhecimento certo: se a-nam-procurou, fez um erro: mas em ambos os cazos fez tudo, sem filogilmo. Se o omem nam tivesse conhecido, a conveniencia da-terceira ideia, com as duas extremas; nunca poderá afirmar, a consequencia. Ora é certo, que o filogilmo em nada contribue a mostrar, e fortificar, a conexam do-meio com os extremos: ele mostra somente, a uniam dos-extremos entre si, em virtude da-conexam com o meio, que ja está conhecida. Em uma palavra, aindaque eu conheça, a quantidade, e qualidade de duas proposições, nam sei se são verdadeiras: e a Silogística somente ensina, a inferir; nam a conhecer as premissas: se uma delas for falsa, será falsa a concluzam. Assimque nam é o filogilmo o que ensina, a discorrer bem: antes tudo o contrario; conhece mais facilmente o juizo, a conexam de muitas ideias, todas as vezes que estão postas em ordem natural; doque reduzindo-se às embrulhadas dos-filogilmo: como a experiencia todos os dias ensina.

Acresco a isto, que sem a boa ordem das-ideias, nam se-pode dar boa ordem, aos filogilmos. Ponha V. P. um juizo embrulhado, com mil ideias incoerentes, e verá se pode fazer algum filogilmo. Polo contrario, ponha em boa ordem, as ideias de um filogilmo; e verá com que facilidade se-intendem sem filogilmo, que sempre é mais embarasado. Mais facilmente se-intende a conexam de *omem*, e *vivente*, pondo as ideias nesta ordem natural; *omem*, *animal*, *vivente*: doque nesta; *animal*, *vivente*, *omem*, *animal*: que é a fórma do-filogilmo.

Quanto aos que dizem, que o filogilmo serve, para descobrir os inganos dos-sosismas, e discurso retóricos; é certo que se-inganam muito. O motivo por-que nos-inganamos nos-tais discursos é, porque ocupados da beleza daquela metáfora, ou pensamento delicado; nam examinamos a conexam das-ideias, de que se-compoem. Explique V. P. o que diz o sofista, separe umas ideias das-outras; e verá que se-acaba o sofisma, sem necessidade de filogilmo: porque postas elas na sua ordem natural, intendem-se maravilhosamente, se são, ou nam coerentes. E que outra coiza fazem os Dialecticos vulgares, quando respondem a algum sofisma? V. P. oporá um sofisma; e respondem-lhe logo: *Distinguo minorem*, v. g. *materialiter*, *concedo*: *formaliter*, *negō*. pede V. P. a explicação dos-tais termos: e eles lhadam com um discurso longo, ou curto, mas sem genero algum de filogilmo. Onde parece-me que sem injuria podemos dizer, que os que defendem a necessidade do-filogilmo, como de uma famosa arma contra os sofismas; ou zombam, ou nam intendem o que dizem.

Desorteque examinando bem o filogilmo, ele nam dá ideias; que são os principios dos-nossos conhecimentos: nam dá a boa ordem das-ideias,  
e da-



e da-percesám, porque isto faz a outra por-si só. Serve famente de pór em certa ordem, as poucas ideias que nós temos: e o maior uzo que tem e, nas disputas dos-Escolasticos; aonde as vezes dá a vitoria. O mais informado nesta arte, confunde com eles, e convence o que nam é tanto: e ainda em tal cazo nam o-reduz ao seu partido: porque nunca se-vio, que os filogismos produzissem esse bom effeito; que aquelle que fica convencido, pasae para a opiniam do-contrario. Conhecerá que nam sabe responder: mas nam receberá tanta luz, que aja paíar para a parte do-seu auvertário. Esta é a natureza do-filogismo.

Mas aindaque esta razam seja mui forte, cuido que dos-mesmos principios dos-Escolasticos, se-tira nova razam, para se-excluirem, e vem a ser; que as tais regras do-filogismo só servem, para estes filogismos simples, feitos de proposições que constam de dois termos, e Verbo: v.g. *Todo o homem é animal = Pedro é homem = Logo Pedro é animal.* Quando porem intramos nos-filogismos, compostos de varias proposições, e com mil termos obliquos; é loucura persuadir-se, que neles valham tais regras, tomadas no-rigor da-Logica. Incontram-se mil discursos de evidencia tal, que nenhum homem de juizo, pode duvidar da-tua verdade: vemos cada momento discursos, a que os Logicos chamam *Sorites*, compostos de dez, e doze proposições; tam claros, e manifestos; que todos os-devem admitir, ainda aquelles que nunca lèram Logica: que é a maior prova da-verdade, e evidencia: e contudo nam pertencem, a Figura alguma das-ditas. Sei que alguns destes Logicos antigos se-amofinam, para lhe-descobrir a Figura, e Modo; mas superfluamente: pois aindaque dizem muitas coizas, e apontam outras proposições, que expoem as ditas; e nas quais exponentes querem mostrar de alguma maneira, as regras; nam provam o que dizem, nem respondem ao que se-lhe-progunta: ficando sempre em pé a dificuldade, que o dito filogismo, do-modo que se-propoem, nam pertence a Figura alguma: e contudo é verdadeiro, e todos o-intendem com facilidade. E como nos-discursos familiares, nos-discursos oratorios, e quando se-impugnam proposições ou conclusões; famente se-uzo destes discursos compostos; fica claro, que em nenhuma destas partes podem ter lugar, as tais Figuras: e que nam só sam inutis, mas impossiveis.

Seguro a V. P. que tendo lido muito, visto, e ouvido muito, e assistido a disputas de toda a consideração; nam vi ninguem, que se-visse da-dita Forma. Nunca vi converter Ebreje algum com forma Silogística, nem Ebrejo, ou Ateísta. E contudo tenho-me achado em algumas partes, com estas trez sortes de peísoas, e conversado com elles larguissimamente. Elles me-responderam sempre com razões ou boas, ou más; mas nunca com forma Silogística: e quando alguma vez succedia, que o discurso caia em questam de nome; logo me-advertiam, que deixasse a Dialectica, e argumentasse com razões. Nem menos falei com algum, que



me-difese, ter-lhe succedido o contrario: nem acho dogma algum, que necessite da fórma Silogística, para se-poder entender, ou explicar. Nam leio que Cristo, ou os Apostolos se-servissem do-silogismo, para persuadir as verdades, que defendiam, e propunham: nem acho que a Igreja Romana, ou os Concilios uzassem desta fórma, para declarar alguma materia controverfa: antes tudo o contrario. Vejo que os SS. PP. encomendam muito, que os Dogmas se-próvem com razoes solidas, fugindo de todas as sutilezas da-Dialectica: e que eles mesmos Padres praticam muito bem, o que encomendam. O que mostra bem, a nenhuma necessidade, ou utilidade destes termos da-Escola, na Teologia.

Alem disto acho outra nova razam, para desprezar totalmente estas doutrinas: vem a ser, o enfadonho metodo que introduzem, em todo o genero de discursos. Nam á coiza mais dezagradavel e confuza, que um longo discurso Dialectico: e nam á discurso, que reduzido ao metodo da-Escola, nam seja longuissimo. Um paragrafo de discurso familiar mui breve e claro, reduzido a silogismos, enche boa meia folha de papel. Ouvem-se cem vezes os mesmos termos: porque cada silogismo deve repetir, uma das-proposicoens do-antecedente. E tudo aquilo se-pode dizer, em breves palavras, e com muita clareza, sem nem menos introduzir um silogismo. Polo contrario, quando entra o silogismo, é necessario recorer, a proposicoens gerais, que nam toam bem, nem provam muito: e tem mais apparencia de declamafam, que de prova filozofica, e discurso sensato.

Esta simplez propozitam: *Quero-vos bem, pois vos-tenho obedecido, e nam podeis duvidar, da-sinceridade com que vos-sirvo: porque tendes experiencia constante, de que a nenhum outro o-faso: pode dar de si bastantes silogismos, se ouver quem a-dilate. v. g. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede; dá final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito, quanto me-tendes pedido: logo tenho-vos dado um final certo, de que vos-quero bem. O final certo do-querer bem, nam pode separar-se, do-mesmo querer bem: logo se eu vos-dou, um final certo, de que vos-quero bem, obedecendo ao que me-ordenais; é certo, que vos-quero bem. Provo a maior. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede, e o outro nam pode duvidar, da-sinceridade com que lhe-obedece; dá-lhe um final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito quanto me-pedistes, e alem disto vós nam podeis duvidar, da-sinceridade do-afecto, com que vos-sirvo: logo fazendo-vos o que me-pedis, dou-vos um final certo, de vos-querer bem. Provo esta maior. Quem tendo uma experiencia constante, de que um sujeito que conhece, a ninguem costuma servir; nam obstante isto tem outra experiencia constante, de que este mesmo sujeito o-serve a ele; recebe um final certo, da-sinceridade com que lhe-obedece. Vós tendo constante experiencia, de que eu nam sirvo a ninguem; nam obstante isto tendes outra experiencia constante, que eu sempre vos-sirvo, e obedeco: Logo tendo vós estas duas experiencias, recebeis um final certo, da-sinceridade com*  
que



*que vos-obedeço.* Nam quero continuar mais, os filogifmos da-*maior* : e nem menos quero continuar, as provas da-primeira *menor subsumpta* : o que disse basta para provar, que qualquer pequena propozifam composta pode produzir mil filogifmos. Ora é certo, que a primeira propozifam é clara, e todos a-intendem : e aquela longa enfiada de filogifmos é obscura, e só a-intendem, os que sabem a fórma Silogística : e contudo isto nam diz mais, do que dizia a primeira propozifam. Do-que se-conclue, que o dito metodo se-deve desprezar, quando nam fosse por-outra razam mais, que por-fer enfadonho, e cauzar molestia sem utilidade.

Dirmeá V.P. que este meu discurso tem por-fim, condenar todo o filogifmo : e desterrar do-mundo todos os livros, que se-explicam por-filogifmos : e mostrar, que nam só sã inutis, mas prejudiciais ; como ja me-respondeo um Dialetico. Mas a isto respondo, que nam é esta a minha intensam. Confesso, que todos os nosos discursos, se-podem reduzir em filogifmos : um sermam, um discurso familiar, uma escritura que persuade, um inteiro livro, pode-se chamar, filogifmo composto de infinitos termos obliquos : nas mesmas demonstraçoens mathematicas, se podem descobrir filogifmos. Ainda digo mais, nam á discurso que persuade, que nam seja em vigor de um filogifmo, ou claro, ou oculto. Contudo isto defendo, que de pouca ou nenhuma utilidade é o filogifmo, para quem á-de discorrer bem. Nam é o mesmo intervir o filogifmo em tudo, que ser a unica arma, com que se-discorre bem ; desorteque quem nam tem esta noticia, seja obrigado a discorrer mal. Quando Aristoteles escreveo, as suas reflexoens sobre o filogifmo ; nam nos-quiz ensinar, a fazer filogifmos ; porque isto fazemos nós sem reflexam, nem estudo algum : quiz lamente mortarnos, em que se-fundava, a verdade dos-nosos conhecimentos discursivos : e como procedia o intendmento, quando consentia em algum objeto. Porem nam devemos daqui inferir, que sem praticar advertidamente, tudo o que ele propoem, nam posamos discorrer bem : nam senhor : a dita noticia é mais especulativa, que pratica. Abráse V.P. bons principios, e evidentes ; e verá que perfeitos raciocinios fórma, sem noticia alguma da-Silogística : explicarme-ei com um exemplo. Para comer alguma coiza, e com isto sustentar-se um omem, é necessario mover uma grande quantidade de musculos, que se-movem matematicamente. Quer-se uma particular dispozifam da-lingua, para empurrar o comer para os-dentes, e despois para a goela : quer-se a saliva, para ajudar a triturafam, e o fermento no-estomago : e finalmente mil outras coizas, que agora me-nam-ocorrem. Tudo isto é tam necessario, e estas coizas estam tam unidas, que faltando uma, nam succederia o caso. Seria porem louco quem, ouvindo isto, nam quize-se comer, sem saber primeiro tudo, quanto tem dito os Mathematicos, sobre as leis do-movimento, e sobre a Mecanica : como tambem tudo o que tem dito os Anatomicos ; sobre os ditos mus-



culos, umores, fermentações &c. Este homem morreria de fome, no mesmo tempo que outro, rindo-se da sua loucura, comeria muito descansado, e com muito gosto. A razão disto é: porque sem tanta erudição, a machina do nosso corpo está disposta em modo, que metendo o comer na boca, e querendo mastigar, (fora dos impedimentos) tudo aquilo se faz, sem estudo ou reflexão alguma. Da mesma sorte a machina espiritual da nossa alma, (se me é licito, servir-me desta expressão) recebeo tal faculdade de Deus, que conhece todas as coisas evidentes, especialmente a conexão de umas ideias com outras, sem estudo ou artificio algum: ainda que neste mesmo ato de conhecer, pratique aquilo, que superfluaamente aprenderia de outro.

Daqui fica claro, que servindo-nos do silogismo para persuadir, nem por isto somos obrigados, a saber estas coisas. Contudo aprovo que se aprenda, alguma noticia mais geral: o que se pode fazer em duas palavras. Pode além disto o silogismo ter seu uzo entre aqueles, que desde rapazes estão costumados a ele. Quizerá porém que a gente reconheça-se, que o silogismo vale dez, e não cem, nem mil: e que não nos quebralem a cabeça com o silogismo, como uma invenção singular, para conhecer a verdade, e aumentar os conhecimentos, nas Ciências. Explico isto com outro exemplo, de que já se servio um grande homem, do seculo passado. Vemos homens de vista tão curta, que não podem ver distintamente os objetos, em alguma distancia, sem uns óculos sumamente concavos de uma, ou de ambas as partes. Mas porque eles não vêm sem eles, nem por isto devem julgar o mesmo, dos outros: porque á muitos, que vêm maravilhosamente, sem tal socorro. Da mesma sorte a alma dos Escolásticos, não vê sem os olhos do silogismo: que lhe faça muito bom proveito, e se sirvam deles quanto quizerem: a alma porém dos outros homens, exercitando-se em discorrer com advertencia, pode ver a conexão das ideias, sem aquele socorro. Sirva-se cada um do que quizer, e mais lhe convier: o que importa é, que os Peripateticos não julguem todos, pela mesma medida: e da falta de olhos nos outros, não infiram, que todo o mais mundo anda às cegas.

Conheço, que algumas vezes se pode uzar do dito método, com utilidade; quando se quer introduzir um dialogo; para evitar os discursos compridos, e oratorios. Mas em tal caso são necessárias varias cautelas, para ser útil o dito método: porque se deixamos provar a cada um o que quer; caímos no defeito, que queriamos evitar. Deve pois evitar-se toda a superfluidade, e tocar unicamente o ponto da questão. Mas neste caso, não é tanto estimado o tal método, por ser Escolástico, mas por ser método de dialogo: no qual se propõem a dificuldade, por uma parte, e da outra se lhe dá a resposta. Temos um belo exemplo, no Concilio geral Florentino, congregado por Eugenio IV. como nele se avia tratar,



tar, da-uniam da-Igreja Grega, com a Latina; sobre alguns pontos em que diversificavam; escolheram-se seis omens de cada parte, para examina-rem a questam, e dizerem o que se-avia propor, por-uma e outra parte: e lhe-ordenaram, que, deixados os discursos compridos, seguissem um me-todo breve, e dialetico. Mas quem examina nos atos do-tal Concilio, que coiza era este metodo dialetico, acha, que nada mais era, senam um dia-logo sem rodeios, nem prolixidades: no-qual de uma, parte, um punha a dificuldade: e da-outra, o seu opozitor respondia sim, ou nam: ou bre-vemente dava a razam, porque duvidava &c. Esta foi toda a Dialetica, que se-praticou na dita disputa: o que bem mostra, que muitas vezes se-chamou dialetico, o estilo de falar concizo e breve; sem aquelas Figuras que constituem, o estilo retorico: e isto é o mesmo que eu digo, ser muito util. Mas nam achará V. P. que se-fizese cazo, das-ridicularias da-Logica vulgar: ou que, fazendo-se, rezultasse daí utilidade alguma: que era o que eu asima dizia.

Nem cuido que V. P. me-mostrará, que às Ciencias resulta-se utilidade alguma, do-uzo do-silogismo. A falar verdade, nenhum omem douto cuidou nunca nestas ridicularias: os sofistas sim. Os seculos do-silo-gismo foram os mais barbaros, e ignorantes. Ele comefou ca no-Occiden-te no-IX. seculo: aumentou-se com muito mais excessu no-XI. e durou até o meio do-XVI. E que coiza boa acha V. P. neses tempos? Polo con-trario, desde o principio do-XVII. em que o silogismo se-comefou a dei-xar, e se-procurou outro metodo; o aumento é tam sensível, que seria loucura mostrá-lo: muito mais neste ultimo seculo, em que os olhos es-tam mais abertos. Assimque, com estes exemplos à vista, nam parecerá maravilha que eu diga, que o silogismo vale pouco, e tem servido de muito pouco: e que avendo outra ideia melhor, é loucura, demorar-se com ele. De tudo isto concluo, que a Logica que pode servir no-mundo, é mui diversa, desta chamada Logica das-escolas: a qual por-mnitos prin-cipios nem menos se-deve ler. Creio que V. P. me-perdoará esta digres-sam, com que interro npi, o que lhe-queria dizer da-Logica; se-quizer refletir, que nam é alheia do-meu argumento: antes justifica o que abai-xo lhe-direi, e me-poupa algumas repetisoens. Torno à ideia, que lhe-queria dar da-Logica.

Digo pois, que o metodo de filozofar nam se-deve seguir, por-que o diz este, ou aquele autor: mas porque a razam e experiencia mos-tram, que se-deve abraçar. Isto é o que eu nam posso meter em cabeça, a muita gente: porque a maior parte do-mundo, nam examina os prin-cipios das-coizas; mas vam uns detraz dos-outros como carneiros; sem mais eleisam, que o costume: e antes querem errar, por-cabeça alheia, que acertar pola propria. Persuadem-se, que os velhos nam podem ensinar, coiza alguma má: e recebem os tais ditames, com a posivel venerasam.



Nenhum toma o trabalho de examinar, se a opiniam é boa, ou má: uma vez que a-diferam os antigos mestres, é o que basta. De que nasce, que omens de ingenho mui prespicaz, seguem doutrinas contrarias a toda a boarazam; e que eles mesmos dezaprovam, quando lhas-explicam bem. Entre tantos Peripateticos, que V. P. conhece, nam achará algum que duvidáse uma só vez, se Aristoteles na sua Logica dise bem, ou mal: como conste que o-dise Aristoteles, é o que basta: nam faltará modo de explicar, a dita doutrina, ou texto. E deste principio nascem, aqueles grandes comentarios, com que amofinam a paciencia ao mundo; e fazem perder o tempo, nas escolas.

Bem claro é que um homem, que esculpulozamente comenta um autor, supoem ser verdade, quando ele diz: pois de outra sorte, devia fazer um rigorozo exame, na materia que comenta. E isaqui tem V. P. que estes tais, querendo ensinar aos outros discorrer bem, eles sam os primeiros, que discorrem muito mal. Falava eu em certa ocaziã, com um mestre Peripatetico, e caindo o discurso sobre uma destas materias, me-produzio ele um texto do-Filozof, em uma questam bem cóntroversa. Respondi eu, que nam me-importava, o que dizia o Filozof, mas o que ele na dita conversasam me-provava. Aqui admirado o homem clama logo, V. P. nam pode negar o texto: deve explicálo. ao que eu postualmente respondi: Quem lhe-dise a V. P. que eu nam poço negar o texto? dise-lho algum concilio Ecumenico, ou algum texto da-Escritura? Se V. P. me-citáse, alguma propozisam de Euclides; em tal caso lha-admetiria; nam porque Euclides o-dise, mas porque a evidencia mostra, que dise bem; e todos reconhecem a verdade, das-ditas propozisoes: fóra daqui nam admito senam aquilo, que me-provam com clareza, e verdade. Onde é necessario que V. P. primeiro que tudo, me-prove tres coizas. 1. Que Aristoteles nam podia dizer uma parvoice, advertidamente. 2. que nam podia enganar-se. 3. que o que nós oje achamos nos-seus escritos, seja verdadeiramente o que ele dise: postas estas circunstancias considerarei entam, o que ei-de responder ao texto. Até aqui o discurso, que eu tive com o dito Padre. Agora acrecento, que o dito mestre, ouvindo estas minhas razoes, nam se-aquietou; mas continuou de admirar-se damelma sorte, que se nam lhe-tivessem respondido coiza alguma.

Concluo pois, que é necessario seja bem louco, quem nam conhece, quam grande impedimento seja, para discorrer bem, seguir as pizadas de um autor só, ou seja Aristoteles, ou algum moderno. A Verdade, e a Razam é uma só. Todos podemos discorrer, e entender o que nos dizem: e quem fala em maneira que melhor o-intendam, e prova melhor o que diz, ese é que se-deve seguir, com preferencia aos outros. Se acazo nam prova o que diz, antes o que diz nam parece bem, ou á razoes para se-intender, que é mau, nam se-deve fazer



zer cazo, de tais discursos. Esta é a pedra de toque, nam só da-Logica, mas de qualquer outra Faculdade: tomar por-principios coizas tais, que as-intendam todos, os que dam alguma atensam às ditas regras: mas principalmente é necessário, na Logica. Certamente que a Logica nam foi feita, para Clerigos, ou Frades, ou pessoas de uma exquisita erudição: deve servir a todos os que falam, e raciocinam: e nam só em discursos estudados; mas em qualquer sorte de discurso, publico ou particular; serio ou agradável. Se ela serve, para ensinar a discorrer bem, deve dar ditames, que possam servir em toda a parte, em que se-discorre, e se-deve discorrer bem. Importa pouco, o que diçe este ou aquele, da-Logica: o que importa é, facilitar os meios, para nam se-inganar: e bulcar para isto um metodo, que a boa razão persuade ser util, e os omens que tem voto na materia, reconhecem com razão, e experiencia, ser o unico meio, para conseguir aquele fim. Alem disto propolo de um modo, que qualquer pessoa de juizo, se-capacite da-dita verdade. Isto suposto, farei a V. P. algumas reflexoens, sobre o metodo de digirir o juizo. Mas devo supor, que falo com um omem, sem nenhuma preocupação: e que nam tenha lido Logica alguma: ou, se a-tem lido, que procure esquecer-se de tudo: mas no-mesmo tempo que tenha juizo claro, para conhecer as coizas. a este omem farei, as seguintes reflexoens.

#### I D E I A D A L O G I C A

Nós temos numa alma capaz de conhecer, todas as coizas deste mundo. Recebemos do-Criador esta alma, dotada de maior perspicacia, doque oje nam temos. O peccado de noso primeiro pai, nos-trouxe por-castigo, fomos fugeitos ao ingano: e por-pena do-mesmo peccado se-nos-limitou, a esfera da-nossa perspicacia: nam conhecemos tam bem como ele, e somos mais fugeitos, a conhecer mal. Contudo a alma é a mesma, que era ao principio: foi criada para conhecer a Verdade, e ficou-lhe sempre a propensam para ella: em modo que, quando a alma ve uma verdade clara, nam pode deixar de conhecê-la, e abria-la. Nenhum omem de juizo duvida, se é omem: nenhum duvida, se fala, ou está calado; se está em pé, ou asentado: por-força á-de admitir uma destas coizas, porque sam mui claras; e uma delas á-de ser verdade. Por-isto nós pecamos, e pecando nos-desviamos da-verdade da-lei divina, que é tam conforme à boa razão; porque nam damos atensam, à dita verdade: se a-desemos, sem duvida ficariamos persuadidos, que se-devia praticar, o que ella diz. Mas a rebeldia que experinentamos, no-noso corpo, que com dificuldade se-fugeita, aos ditames d'alma; é a cauza deste mal. Ele nos-inclina sempre, para a parte contraria, com a illicca de coizas agradaveis: e a alma, divertida com outras considerasoens, difficultosamente volta os olhos para a verdade: e por-isto a-nam-recebe: e por-isto peca. Esta é a origem, de todos os nosos inganos, e de todos os nosos danos. Se a alma nam fosse arrastada, polos tumultos da-fantazia,



que comumente a-ingana; conheceria mui bem toda a verdade: nam só aquellas que conduzem, para posuir um bem eterno; mas tambem, estas verdades iadiferentes das-coizas naturais: e discorreria sem ingano, em toda a materia: mas as cauzas dos-inganos sam tam frequentes, nesta vida mortal; que nam é marivilha, se os omens ajuizam tam mal: e ajuizando assim, obrem em tudo mal.

Isto suposto, a unica medicina que se-tem achado, para ajuizar bem, é desviar as cauzas, que nos conduzem ao ingano. Ponho de parte, o ajuizar bem para conseguir, a bemaventurança sobrenatural: (aindaque daqui possa receber muita luz; contudo como uecesita de outras coizas, e nam é esse meu argumento; por-ifo o-deixo) e falo somente do-discorrer bem, em todas as outras materias. Digo pois, que o verdadeiro segredo de ajuizar bem, é desviar as cauzas que nos-inganam, e fazem julgar mal. Para fazer isto, é necesario examinar os modos, com que a alma conhece; e meios de que se-serve, para se-explicar.

Nós nam trazemos da-barriga da-maen, conhecimento algum: todos os-adquerimos despois de nacidos. Basta olhar, para o que faz um menino; para ver a sua ignorancia, e que uace despido de todo o conhecimento. Ele aprende a sua lingua, como nós aprendemos uma lingua estrangeira: quero dizer, assim como nós, aprendendo uma lingua estrangeira, só formamos ideia dos-nomes que vamos aprendendo, e nam daquelles que ainda nam ouvimos: assim tambem um menino, só tem ideia das-palavras que ouve, e nenhuma das-outras, que nunca ouvio. Mas alem d'isto nem menos tem ideia das-coizas, que significam os tais nomes, senam das-que ve, ou ouve. Um menino nam profere, senam as palavras que ouve: só intende e fala daquilo, que lhe-tem dito, ou visto. o que mostra claramente, que nam tem outros conhecimentos, se-nam os que entram polos sentidos. Os que defendem ideias inatas, que mostrem alguma, e que nam entre polos sentidos; ou nam se-deduza das-ideias, que intráram por-eles: estou certo, que nam aparecerá alguma, a que nam posamos descobrir, esta origem.

Sam pois os sentidos, as principais portas, pelas quais entram as ideias, na alma. Umas destas ideias entram, por-um só sentido: v. g. a *Solididade* dos-Corpos, que entra polo tato: outras entram por-dois sentidos: v. g. a *figura*, que pode intrar polo tato, e juntamente polos olhos. Algumas ideias originam-se em nós, com a meditação, ou reflexam: deste genero é a *vontade*, *precesam* &c. Outras entram umas vezes por-*sensam*; outras, pola *reflexam*: v. g. o *gosto*, *dor*, *existencia*, *unidade*, *potencia*, *sucesam*. Finalmente muitas ideias simplezes, se-originam em nós, por-meio das-cauzas privativas; tais sam as ideias que nós temos, das qualidades dos-corpos: v. g. a ideia de *Negruza* &c. O exame dilatado deste negocio, pertence a outro lugar: basta por-agora que o Logico conheça, que por-todas estas vias podemos receber, ideias simplezes.



Admiravel é a virtude que a alma tem, para unir, e combinar estas diferentes ideias simples, que por-este modo recebe. Verdade é, que alma nasce despida, de todo o conhecimento atual: mas fica mui bem recompensada, com a virtude de-que Deus a-dotou, de poder conseguir muitas, e novas ideias, com diferentes combinações. Unindo as ideias, que intráram polos sentidos, forma a alma muitas outras ideias: outras vezes examinando as proprias ideias, nascem diferentes ideias na alma. Desta diferente combinaçam de ideias, nascem todas as ideias compostas, que nesta vida experimentamos.

Mas aindaque sejam infinitas as ideias compostas, que a alma forma, podem-se reduzir, a tres sortes de ideias: que são as ideias dos-*Modos*, das-*Sustancias*, e das-*Relações*. As ideias dos *modos* são aquelas ideias que nós formamos, de diversas coizas que não existem por-si, mas são dependencias de outras coizas. v.g. a ideia que eu tenho de um *triangulo*, de uma *coluna*, de um *circulo* &c. Estas ainda são de duas maneiras: ou são ideias de *modos simples*, ou de *modos mistos*. Chamo modos simples, às ideias dos-modos, que são compostas, de duas ideias da mesma especie: v.g. a ideia que eu tenho de *doze*, de *cem* &c. que é composta das-ideias, de muitas unidades juntas: a ideia de *imensidade*, que é composta, da-repetição de diferentes ideias de distancia, repetidas sem fim: e como cada distancia se-lupoem ter, uma modificação de espaço; a dita ideia é uma ideia composta. Chamo *modo misto*, uma ideia composta, de modos de diferente especie: v.g. a ideia de *beleza*, que é um composto de diferentes cores, e proporções, que dá gosto vendo-se. também a ideia de *ira*, *mentira*, *obrigação* &c. Estas ideias não o entendimento, sem examinar se existem, ou não: e a estas dá o nome, que lhe-parece. Os outros porém comumente, recebem estas ideias dos-outros, que lhe-explicam o significado, de muitos termos. Desorteque ou por-aplicação, ou por-experiencia recebemos as ideias, dos-*modos mistos*.

A segunda especie de ideias, são as das-*Sustancias*. Não podendo nós entender, como as ideias simples existam por-si só, nos-acostumamos a supor alguma coiza, que as-sustenta: ao que damos o nome, de *Sustancia*. Digam o que quizerem, os que falam de *Sustancia*, como de uma coiza, que eles entendem bem o que é; certo é, que não tem os outros, mais clara ideia de sustancia. Onde ideia de sustancia, é ideia de uma certa coiza incognita; a qual, quando nós queremos explicar, não sabemos dizer o que é: mas somente dizemos; que é uma coiza, que nós supomos ser a base, daquelas ideias que vemos. E esta ignorancia é applicavel, a qualquer sorte de ideia de sustancia. Quanto às ideias das-particulares sustancias, estas formamos nós, unindo quantas ideias podemos ter de uma coiza. v. g. unindo a ideia de *cristalino*, *durissimo* &c. formamos ideia, do-diamante. Mas além destas, devemos unir-lhe, a ideia confusa



que nós temos, de uma coiza que as-iustenta: e daquelas ideias, e desta, rezulta a ideia composta, que nós temos neste mundo, da-sustancia do-diamante. Do-que se-segue, que tam clara ideia temos nós, da-sustancia do-Corpo, como do Espírito: pois nenhuma outra ideia temos mais, que dos-modos ou efeitos, que se-observam; unidos à dita ideia de uma coiza, que supo nos iustantála: cujos efeitos tam claramente se-conhecem do-Espírito, como do-Corpo. Alem destas ideias de sustancia, formamos outra ideia composta, ou complexa de sustancia, unindo diferentes ideias de sustancias. v. g. unindo diferentes ideias de naos, pesas de artilharia, marinheiros, almirantes &c. fazemos a ideia complexa de *armada*: e da mesma sorte de *exercito*, *mundo* &c. A estas damos um só nome, porque na verdade é uma só ideia.

A terceira sorte de ideias, são as *Relações*. Estas fórma a alma, comparando uma coiza com outra: de que nãem mil denominações, que tem proprios nomes, e nos-conduzem a conhecer, outra coiza: e sem os tais nomes, nãem conhecemos muitas relações. Estes nomes só se-podem dar, quando se-põem o fundamento deles. v. g. Pedro é onem: mas se ele se-caza, este contrato serve para lhe-dar o-nome, de *marido*. Estas ideias de relações, são muitas vezes mais claras, que as ideias das-coizas, que estão sujeitas às ditas relações; ou das-sustancias. A ideia de *pai*, e *irmã* é mais clara, que a ideia de *onem*: e com muita mais facilidade eu intendo, que coiza é um *irmã*; doque intendo, que coiza é um *onem*. Conhece-se mais claramente, que coiza é um *amigo*, doque que coiza é *Deus*. Porque o conhecimento de uma asãem, ou de uma simplez ideia, basta muitas vezes, para me-dar o conhecimento, de uma relação. Polo contrario, para conhecer um ser sustancial, é necesario um exato conhecimento, de uma coleção de ideias. Devemos porem advertir, que todas estas relações se-terminam, em ideias simplezes: aindaque nos-pareça, tudo o contrario: e os nomes que conduzem a mente, para conhecer outra coiza, alem do-sujeito da-denominaçam; sempre são relativos. Que todas as *relações* sejam compostas, de ideias simplezes, é coiza para mim certa: mas para o-provar, seria necesario, fazer um longo discurso, sobre todas as especies de relações: para mostrar, donde vem a ideia de *Causa*, *Efeito*, *Lugar*, *Extensãem*, *Identidade*, *Diversidade* &c. como tambem as relações morais: v. g. *Bem*, *Mal*, *Crime*, *Inocencia* &c. Mas rezervo-me para explicar isto a V. P. em outra ocaziãem: e agora continuo às minhas reflexões. Esta em breve é a origem, de todas as nossas ideias.

Daqui fica claro, que das-nossas ideias umas são simplezes, outras compostas: umas *adventicias*, que entram polos sentidos, e outras que a mente faz, a que chamam *ficticias*. Destas umas são claras, outras confuzas; umas adequadas, e outras inadequadas. Finalmente reais, e chimericas; singulares, particulares, e universais.



De todas as ideias, as que mais frequentemente faz a alma, são as *universais*. Estas forma a alma, considerando uma coisa, que tem outras semelhantes: onde considerando todas em uma massa, sem considerar diferença alguma particular, formamos ideia universal. v. g. Temos três sortes de triangulos: um se-chama *Equilatero*, outro *Isofceles*, e o terceiro *Escaleno*: cada um dos-quaes tem suas particulares propriedades. Mas considerando os ditos triangulos somente, como uma figura de três angulos, sem determinar as propriedades de cada um, formamos uma ideia universal, que se-pode aplicar, a cada triangulo de per-si. Este modo de considerar, se-chama nas escolas *precizam*: palavra tirada do-verbo *Præcindo*, ou *Præcido*, que é o mesmo que cortar, separar: porque separamos os triangulos, das-suas propriedades.

Estas ideias universais tem entre os Logicos, diversos nomes Chamam a uma, *Genero*: a outra, *Especie*, *Diferença*, *Proprio*, *Acidente*. Basta intender brevemente, o significado destas vozes, para poder servir-se na ocaziã; e intender o que os Logicos querem dizer com elas: nam confidero outra utilidade, nestes cinco Predicaveis. Polo contrario, tudo quanto deles dizem os Logicos, comumente é falso: pois supoem claramente, que nós temos perfeito conhecimento, das-Esencias: o que é manifesta falsidade.

Sendo pois, que as nossas ideias, só se-podem comunicar aos outros, por-meio daqueles finais, a que chamamos vozes; devemos fazer alguma reflexã, sobre esas mesmas vozes, ou palavras: o que pode conter, alguma coisa útil. As palavras nam significam os pensamentos, por-virtude natural; mas porque a-lim o-determinãram os Omens. A maior parte das-palavras são gerais, quero dizer significam ideias gerais: porque seria impossível, e inutil, que cada coisa particular, tivesse um nome distinto: o commercio humano far-se-ia insupportavel, e os Omens nam aumentariam os seus conhecimentos. Acoftumando-se os Omens, a fazerem ideias abstratas, deram-lhe nomes, a que chamam gerais, ou universais. A' nomes para as ideias simplezes, para os modos, e relações &c. e todos estes é necessario saber, como se-formam, e que coisas particulares tem. Succede às vezes, que se-introduzam imperfeisoens nas palavras, por-cauza que as ideias que significam, são mui complexas, e são cauza que os nomes fiquem duvidozos. Succede também, que os Omens abuzem das-palavras, servindo-se de umas, a que nam dam significado certo, ou lho-dam mui obscuro &c. Devem-se remediar estes defeitos: tendo presente a origem deles, e o modo com que se-remediam: o que se-observa nos-autores, que explicam isto. Isto é o que pertence, à *Percesam*.

Alem da-faculdade que a mente tem, de formar ideias, a cuja damos o nome de *Percesam*; tem mais outra faculdade, de comparar uma ideia com outra, e reconhecer a conveniencia, e disconveniencia delas, ao que chamamos *Consentimento*, ou *Juizo*. Assimque o julgar nada mais é:



que certificar-se a mente, que uma coiza convem a outra, ou nam convem: e comparando ela uma ideia com outra; reconhece, e se-certifica da-conveniencia, ou disconveniencia. Se o juizo se-explica, com as vozes; chama-se *Propozifam*, ou *Enunciifam*: e em tal eazo, tanto aquilo a que convem uma coiza, como as vozes porque se-explica; chama-se *sujeito* da-propozifam: e o que convem, chama-se *predicado*.

Decendo pois à diversidade de juizos, digo, que se a mente se-certifica, da-conveniencia entre duas propozifões, chama-se *juizo afirmativo*; se da-disconveniencia, chama-se *negativo*. Nam digo, que aja juizos negativos, no-sentido em que o-tomam os Logicos vulgares: mas chama-se afirmativo, ou negativo, segundo a coiza que afirma. Esta diversidade de propozifões, ou juizos, alcanfa-se do-sentido, nam das-palavras: as quais sendo negativas, podem ter sentido afirmativo. O que muitos nam advertindo, fazem mil disputas, e arengas sobre coizas bem claras.

Qualquer dos-nossos juizos, (o mesmo digo das-propozifões, que sempre correspondem aos juizos) afirmativo, ou negativo, ou explica o nome; ou explica as nossas ideias; ou explica alguma outra coiza que existe: ao primeiro chamamos, *juizo Nominal*: ao segundo, *Ideal*: ao terceiro, *Real*. v. g. Quando eu digo: *O oiro nam é pedra*: este juizo é *real*. quando digo: *A ideia que eu tenho de pedra, é diferente da-ideia, que tenho de oiro*: este juizo é *ideal*. quando digo: *Este nome Amor significa, um afeto da-alma, ou um juizo que formo, da-excelencia de uma pessoa em algum genero, e utilidade que me-pode resultar dela*: este juizo chama-se *nominal*. Do-conhecimento destas três sortes de juizos, depende o bom ou mau uzo, que fazem os Omens, das-suas faculdades, em qualquer materia que se-lhe-propõem. A maior parte das-disputas nace, de que nam intendemos bem, as definições dos-nomes: e cadaum as-toma, no-seu sentido. O mesmo digo das-definições, que explicam as ideias dos-outros, principalmente dos-mortos. Atribuimos aos autores que lemos, mil coizas que eles nunca disseram. Servimo-nos dos-Dicionarios, como de oraculos: sem advertir, que aquelles que os-compuzeram, podiam sofrer o mesmo ingano, procurando a verdadeira intelligencia deste nome. O mesmo succede nas definições reais, tanto nas da-essencia, como de algum acidente ou modo. Persuadimo-nos, que sempre sam verdadeiras: e deste modo abraçando-as sem exame, estabelecemos um principio, que por-versa nos-á-de conduzir ao ingano.

Sobre isto das-definições, é bem vulgar o erro dos-Logicos comuns, que dizem, que a definição se-pode fazer por-uma ideia, ou simple percesam, a que eles chamam, *Aprensam*. Isto é falso por-muitos principios: nem se-pode fazer definição alguma, que nam seja, reconhecendo a conveniencia dela, com o seu objeto. Quando dizemos, *Animal racional*: (suponho agora, que esta seja a verdadeira definição do-Omni de que duvido muito, e com razam) ou a mente conhece a conveniencia da-



daquella ideia, com a ideia de Homem; ou nam. Se a-conhece, define: mas em tal caso produz um conhecimento, ou consentimento, a que chamamos *Juizo*: porque o exprimir, ou nam exprimir, com a boca o *Est*, nam faz ao caso. Se a-nam-conhece, nam define; mas profere duas ideias separadas. É necessário intender, e advertir tudo isto muito bem, para nam se-enganar, com o que eles dizem.

Alem destes juizos, fórma a mente infinitos outros, da mesma forte, que disemos das-ideias. Temos juizos simples, compostos, singulares, e universais. A estas se-reduzem todas as fortes de juizos, ou proposições vocais. Conhece-se a especie a que pertence, pola qualidade do-fugito.

Faz tambem a mente juizos verdadeiros, e falsos. E aqui é necessário o criterio, para nam se-enganar. Consiste o criterio da-verdade, na evidencia com que se-propõem uma coiza, de forte que nam deixe duvidar, de ser assim. Nisto se-enganavam manifestamente os Pirrónicos; que chegaram, ou fingiram de duvidar daquilo mesmo, que viam com toda a evidencia. Sobre isto da-evidencia, á diversos graus: se a proposição é evidente sem prova, chama-se axioma: se em vigor das-provas se-faz evidente, chama-se ilação, ou conclusão evidente. Tambem estas conclusões evidentes, segundo as materias recebem diversos nomes: umas vezes dizemos, que tem evidencia *metafísica*; outras *física*; e outras *moral*; as quais sem muito trabalho se-intendem. Finalmente acham-se juizos duvidozos, verosímeis e inverosímeis: cuja natureza se-intende, com a simplez explicação, e um breve exemplo.

Estas são as duas operações diferentes da-mente, Perceção, e Juizo. nem á alguma outra de diferente especie. Tudo o-que a mente faz é, variar estas duas em diferentes maneiras: fazendo de muitas ideias, uma composta: e reconhecendo a conveniencia ou desconveniencia, de uma com outra: e pondo-as em ordem proporcionada, para se-conhecerem. Quando os Dialecticos dizem, que nestas três afirmações.

*Todo o homem é animal.*

*Pedro é homem.*

*Logo Pedro é animal.*

a ultima proposição é de diferente especie, das-primeiras; dizem uma coiza, que nam poderám nunca provar. O que eu acho é, que tanto a ultima, como as primeiras, são juizos, com que o entendimento reconhece, a conveniencia de duas ideias. Se o estar em ultimo lugar, ou reconhecer esta, porque já tenho reconhecido as outras, faz mudar de especie; seria necessário admitir, outras muitas operações do-intendimento.

Isto suposto, a principal operação livre da-mente, é o Raciocínio, ou Discurso. Consiste ele em que, dadas duas, ou três, ou dez, ou vinte ideias, se a primeira convem á segunda; e esta á terceira; e esta á quarta &c. a primeira á-de convir á ultima. Desta sorte o entendimento corre da-primeira, para a segunda: desta, para a terceira &c. E ao juizo com que



reconhece, a conveniencia da-primeira com a ultima; se-dá o nome, de *raciocinajam*, *inferencia*, *concluzam*, *discurso*, e alguns outros nomes: o que nam faz mudar a especie: pois na verdade é um juizo com que eu afirmo esta coiza, porque tenho afirmado, as anteccedentes. Onde pode a consequencia ser boa, e ser falsa, se uma das-premisas é falsa: e somente será verdadeira, se as premisas o-forem tambem. O que importa pois é, julgar primeiro bem, e nam se-inganar nas permisas: porque só assim é, que nam se-inganará na concluzam. Para fazer isto, é necessario notar, com infinita diligencia, as cauzas, e ocazioens dos-nossos erros, para os-poder evitar.

A primeira ocaziam de ingano, sam as nosas mesmas ideias. Nós percebemos mal, e contudo queremos discorrer com seguranca: os nosos sentidos sam falazes, e suministram-nos frequentes ocazioens de ingano, em materia fizica. O notar estes erros, pedia uma longa disertacam. Basta notar, que nos-inganamos nas ideias de *gravidade*, *levidade*, *asperexa*, *gosto*, *cheiro*, e *som* &c. Cuidamos que estas coizas existem nos-objetos, quando na verdade nada mais sam, que modificaçoens do-nosso corpo, e espirito. As ideias que recebemos polos olhos, tem mais outra razam, para serem falsas: pois segundo a diversa figura dos-olhos, de diferentes pessoas, devem representar os objetos ou maiores, ou menores doque sam. E assim nam nos-devemos fiar sempre delas, para julgar.

A segunda cauza, sam as ideias que formamos: em virtude das-quais mil vezes nos-inganamos. Chamo aqui ideias, àquelas supozisçoens que fazemos, para explicar os efeitos da-natureza. Uma vez que nos-ocorre, uma supozisçam ou sistema, que nos-parece racionavel; sem demora alguma o-abramos como verdadeiro: sem advertir, que muitos sistemas diferentes, podem explicar provavelmente, a mesma coiza. Outra especie de ideias que fazemos, sam as abstraçoens: seguindo as quais, muitos julgam imprudentemente. Atribuimos a diversos efeitos, diversas cauzas: sem advertir, que a mesma cauza pode produzir diferentes, e às vezes incontrados efeitos. Daqui nace, mil inganos na Fizica, v. g. as virtudes que atribuimos, a muitos medicamentos, que nunca sonháram telas.

A terceira cauza de ingano, sam as palavras de que nos-servimos. Intendemos, que muitos termos significam o mesmo, quando na verdade nam sam sinonimos. As vozes servem, para explicar os pensamentos: e como nem todos intendem o mesmo, nem todos vem a explicar o mesmo. Das-sustancias inviziveis, nem todos sentiram o mesmo: temos o exemplo nestas vozes, *Deus*, *Animus*, *Spiritus*, *Angelus* &c. às quais alguns antigos uniram certas ideias, e outros uniram diferentes. O que intende um Deus, de figura umana: o que supoeni, um Deus igneo: o que o-julga, de um corpo futilissimo: o que o-cre espiritual: todos se-servem do-mesmo nome: o mesmo digo de outros nomes. Tambem os Omens se-diversificam, na ideia das-sustancias corporeas: uma ideia forma o ignorante, do-



do-Corpo: e outra mui diferente, o Filozoto. Tambem nas definiçoens de *Vicio*, *Virtude*, *Piedade*, *Santidade*, *Justiça*, *Obrigação* &c. se-diversificam muito os omens: de que a Iſtoria furniſtra, famosos exemplos. Os meſmos Dicionarios apontam vozes, a que nós oje damos um ſentido; e antigamente tiuham outro: v. g. *Navis*, *Triremis* &c. Onde quem nam diſtingue com cuidado iſto, frequentemente ſe ingana, e diſcorre mal.

A quarta cauza dos-nos inganos, ſam os afetos do-animo, que produzem infinitos erros. Eles impedem-nos muitas vezes, examinar bem as materias, e por-conſequecia, julgar bem. E muitas vezes fazem-nos amar, ou dezejar o duvidozo por-certo. Os que abraſaram de todo o ſeu coraſam, uma doutrina; nam só nam ſe-canſam em examinar, as razoens contrarias; mas nem o-podem fazer, porque as-nam-vem. Acrescento a iſto, que nem menos as-querem ver, aindaque lhas-ofereſam: nem ainda outras obras indiferentes, que ſaiem da meſma pena, *in odium auctoris*. Eſte juſtamente é o cazo que ſucedeo neste Reino, a um Teologo meu conhecido, que tinha abraſado a Ciencia media. Introu em uma livraria, onde casualmente abrio um livro, que tratava dos-prolegomenos da-Eſcritura: lidos alguns paragrafos, louvou muito a materia, e o metodo; e proguntou quem era o autor: e quando ouvio dizer, que era um Dominicano, fechou logo o livro, e nam diſe mais palavra. Conque, ſerá neceſario deſpir-ſe, de todos os prejuizos; para intender as coizas bem, e poder diſcorrer com acerto.

Conhecidos os erros, é neceſario evitalos, procurando a verdade. Para o-fazer, é preciso obſervar algum metodo. E' pois o metodo aquela operaſam do-intendimento, tam neceſaria em todo o genero de Ciencias: e ſem a qual nam ſe-pode diſcorrer bem. O diſcurſo é aquele progreſo, que o entendimento faz, de um conhecimento para outro: o metodo é o que prepara a materia, ao diſcurſo. Deſorteque a mente com o metodo diſpoem as ideias, em boa ordem: e com o diſcurſo reconhece a conveniencia delas. De duas fortes é o metodo. Diſpomos as vezes os noſos conhecimentos, de uma tal maneira, que dividimos a coiza que queremos conhecer, nas ſuas partes: paraque aſim as-poſamos conhecer todas, e conſequentemente o todo. Eſte metodo chama-ſe rezolutivo, ou *analytico*, que vale o meſmo. Emprega-ſe comumente, para reconhecer a verdade de muitas queſtoens, e para deſcobrir, e adquerir conhecimentos. A outra forte de metodo é, quando devendo enſinar uma doutrina aos outros, de tal forte diſpomos, os noſos conhecimentos; que intendendo cada um deles, venha o dicipulo a conhecer, todo o corpo da-Ciencia, que ſe-compoem, daquelas particulares doutrinas. Eſte metodo chama-ſe compozitivo, ou *ſintetico*, que ſam ſinonimos: ou tambem metodo de *doutrina*, ou *didatico*, ou *didascalico*: que vale o meſmo. E deſte uzam comumente os bons meſtres, quando enſinam alguma materia.

Para nam nos-inganarmos no-metodo, é neceſario ter diante dos-olhos



olhos, que nós ignoramos a essência, de todas as coisas. Onde ignoramos, a essência da-Materia, do-Corpo, das-Fôrmas, do-Espirito, e das-nossas mesmas ideias: é necessário antes de tudo, pôr esta advertência. Isto suposto, fazem-se questões indissolúveis, a que nam podemos responder: que são as que dependem, do-conhecimento da-essência das-coizas: e destas nam fallamos. Temos além disto questões solúveis, que se-dividem em trez espécies: I. posto um attributo, pergunta-se qual é o sujeito que lhe-compete. II. posto o sujeito, pergunta-se qual attributo determinado lhe-compete. III. dado o attributo, e sujeito, pergunta-se se um compete a outro. Trez são as fontes donde se-tiram, as solúções de todas as questões: Razão, Experiência, e o Testemunho dos-autores.

As leis do-metodo Analitico são estas. Intender os vocabulos: determinar as questões: separar as partes delas: fugir de todo o genero de equívocos: fugir das-obscuridades: estabelecer termos comuns, e claros: intender os testemunhos e autoridades, em que se-funda. Além disto, saber os requisitos que são necessários, para intrar em uma questão: v.g. para a História, as Antiguidades, Cronologia, e Geografia &c. para a Física, a noticia das-melhores experiências &c. Ler o contexto, e ver as mais coisas que apontam os outros, para nam errar no-criterio. Ter presentes os canones, que comumente se-afinam, para distinguir as obras supostas, das-verdadeiras.

O metodo Sintetico, ou metodo de mostrar a verdade, tem estas leis. Nam admitir voz sem a-explicar: nam mudar o significado das-vozes: nam concluir sem evidencia: nam inferir senão de principios provados. Quem observa estas regras, pode ter a consolação, que tem boa Logica.

Tendo visto o modo, com que o estudante se-deve regular, no metodo das-Ciências, fica claro, como se-deve conter nas disputas publicas, tanto argumentando, como respondendo. Deve pois argumentar com razões, e nam com palavras: fugindo de sofismas, como indignos de um Filozofô, que sinceramente ama a verdade. Se quizer servir-se do-silogismo para argumentar, pode fazê-lo. Digo porém, que muitas vezes sem silogismo, exporá melhor as suas razões: servindo-se de um metodo de dialogo curto, e claro.

No-que toca a responder, se o arguente se-servir de silogismos, com boas razões, pode seguir o mesmo metodo: se pois ele começar com o sofisma, é melhor reduzi-lo fóra da-Fôrma, para lhe-ensinar a argumentar. Em todo o caso nam se-deve deixar passar proposição obscura, que nam se-explique. Se V. P. obriga a explicar-se um sofista, e pôr em pratos limpos, o que quer dizer nesta, ou naquela proposição; acabou-se o sofisma. Esta nam é ideia nova, de que se-devam admirar os Dialeticos: eles o-praticam todos os dias argumentando, e respondendo. Se o que distingue uma proposição, uza de termos incognitos; ou se o que argumenta, se-servir de semelhantes proposições; verá V. P. que os mais advertidos Peripateticos, são



sam os primeiros a dizer-lhe, que explique a propozisam, ou distinsam. Julgo pois, que o mesmo deve fazer qualquer defendente, que tem a infelicidade, de ter um Dialectico por-arguente. Ponha-se o estudante neste primeiro principio, de nam deixar palar palavras confuzas, como fazem os Geometras; e verá que se-acabam, todas as disputas: as-quaes comumente versam, sobre a diversa intelligencia dos-termos; e nam tem mais forsa, que aquela que lhe-dá, a dispozisam artificial do-silogismo. Desorteque reduzido a proza corrente, o que estava armado em silogismo, nam tem forsa alguma.

Tenho dado em breve a V. P. uma ideia da-Logica, que pode ser util neste mundo, para todos os empregos. Isto necessitava ser provado, com mais extensam: mas isto excede o metodo de uma carta. Do-que aponto, comprehende V. P. muito bem, como se-deve dispor a Logica, para servir em todo o genero, de bom discursio. Digno é de admirasam, que aja quem intenda, que a Logica somente deve servir, para a Teologia: e que por-isto a-encham, de todos aqueles termos, que se-acham na Escolastica comua: e fasam uma Logica, que nam serve para coiza alguma. Como se os omens somente na Fizica, ou Teologia develem discorrer bem; e nas outras coizas mal! Persuado-me, que importa igualmente discorrer bem, em todas as materias da-vida civil, que naquelas duas. A maior parte dos-Omens, nam seguem aquela profilam, mas outras diferentes, e nam menos utis á Republica; tanto nos-empregos altos, como baixos: e assim é necessario, que tenham regras, para se-regular em todos os seus empregos: quero dizer na politica publica, e privada, a que chamam vulgarmente Economia. Cuido, que a Logica que aponte a V. P. suministra meios proprios, para nam se-iuganar em ideia alguma, quanto é posivel ao Omem cytar os inganos, nesta vida mortal: e que por-este principio se-deve preferir, todas as outras. Toda a dificuldade oje consiste em determinar, qual destas modernas, (porque das-Peripateticas nenhuma se-deve ler) possa suministrar, as ideias que procuramos. Nisto direi a V. P. o meu parecer, no-qual tenho alguns companheiros: vem a ser, que ainda até aqui nam tem aparecido alguma, que satisfasa inteiramente, ao que dezejamos. Tenho lido quazi todas as modernas impresas, algumas bem raras, e tambem algumas manuscritas: e achei que muitos copiaram-se fielmente. Dos-outros que podemos chamar autores, todos tem coizas boas, e deles se-pode tirar muito; mas nem tudo neles é bom: alem diso algum deles é só para omens consumados, e nam para rapazes: e sam mui difuzos. Onde para os principiantes, asento, que ainda nam appareco, a Logica dezejada. E assim será necessario, servir-se de alguma das-melhores, emendando-lhe os defeitos. Chegando eu aqui, veio vizitar-me o Senhor \*\*\* e proguntando-lhe com confiansa de amigo, se sabia de alguma boa Logica; me respondeo, que o \*\*\* compoz ultimamente toda a Filozofia, por-um modo excelente, que



ele tinha visto. Perguntei-lhe que me-explicasse, o metodo da-Logica: e depois de o-ouvir, e considerar, asento que se-uniforma muito, à minha opiniam: e pode ser que seja ainda mais claro, e mais util para os principiantes, que este que acima apontei. Comque tem V. P. a Logica que dezeitava: sabe V. P. mui bem, de que pezo é o juizo deste amigo. Disse-me que vencidas certas dificuldades \*\* faz conta imprimila. Deus o-permita. Isto é o que me-ocorre por-agora dizer a V. P. pedindo ao Senhor, o-conserve por-muitos anos.

FIM.

DO PRIMEIRO TOMO.

## ADVERTENSIA.

**T**Endo achado, que estes erros sam mais frequêntes nesta edisam, por isto dou uma regra geral, para se-emendarem.

*Achando-se*

engano, deengano, enganar, deenganar

comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes, que se-formam destes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.

entrar, encontrar, emportar, enformar, engenhar; engenho: e vozes, e nomes que destes nadem.

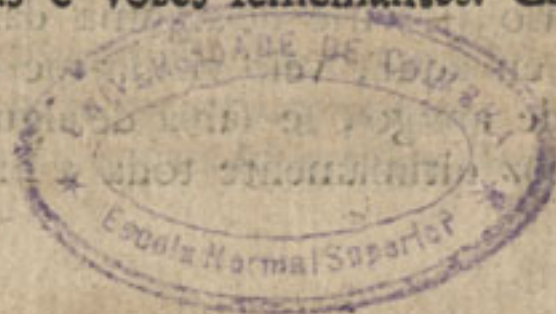
O acento que se acha nos monosilabos já, lè, vè, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dè, dà, dás más só por *verbo* &c. para os distinguir das particulas e vozes semelhantes. Como tambem em pé, pés, e outra rarissima.

*Leia-se*

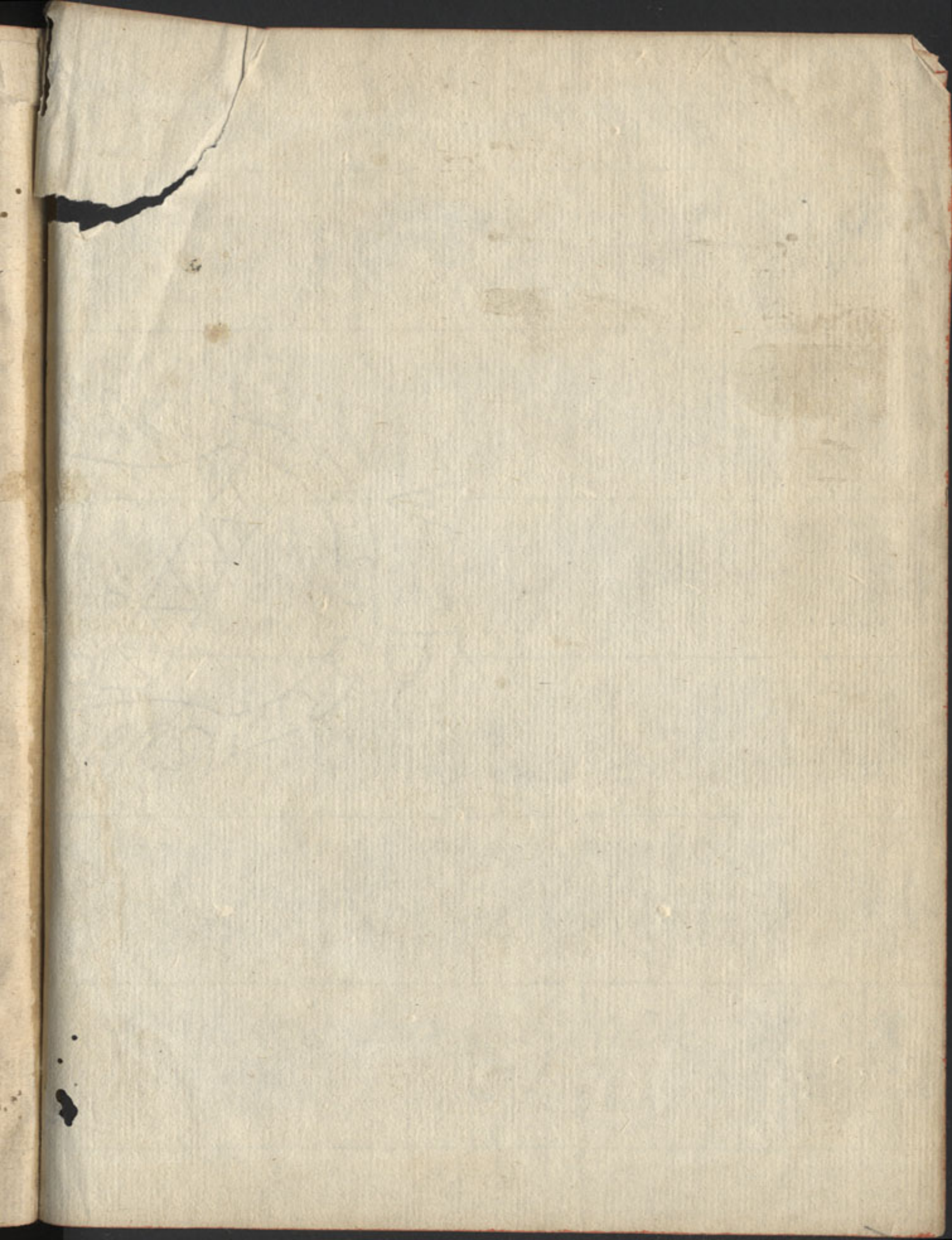
ingano, dezingano, inganar, dezinganar

compremir, impremir, oprimir &c.

intrar, incontrar, importar, informar, ingenhar &c.



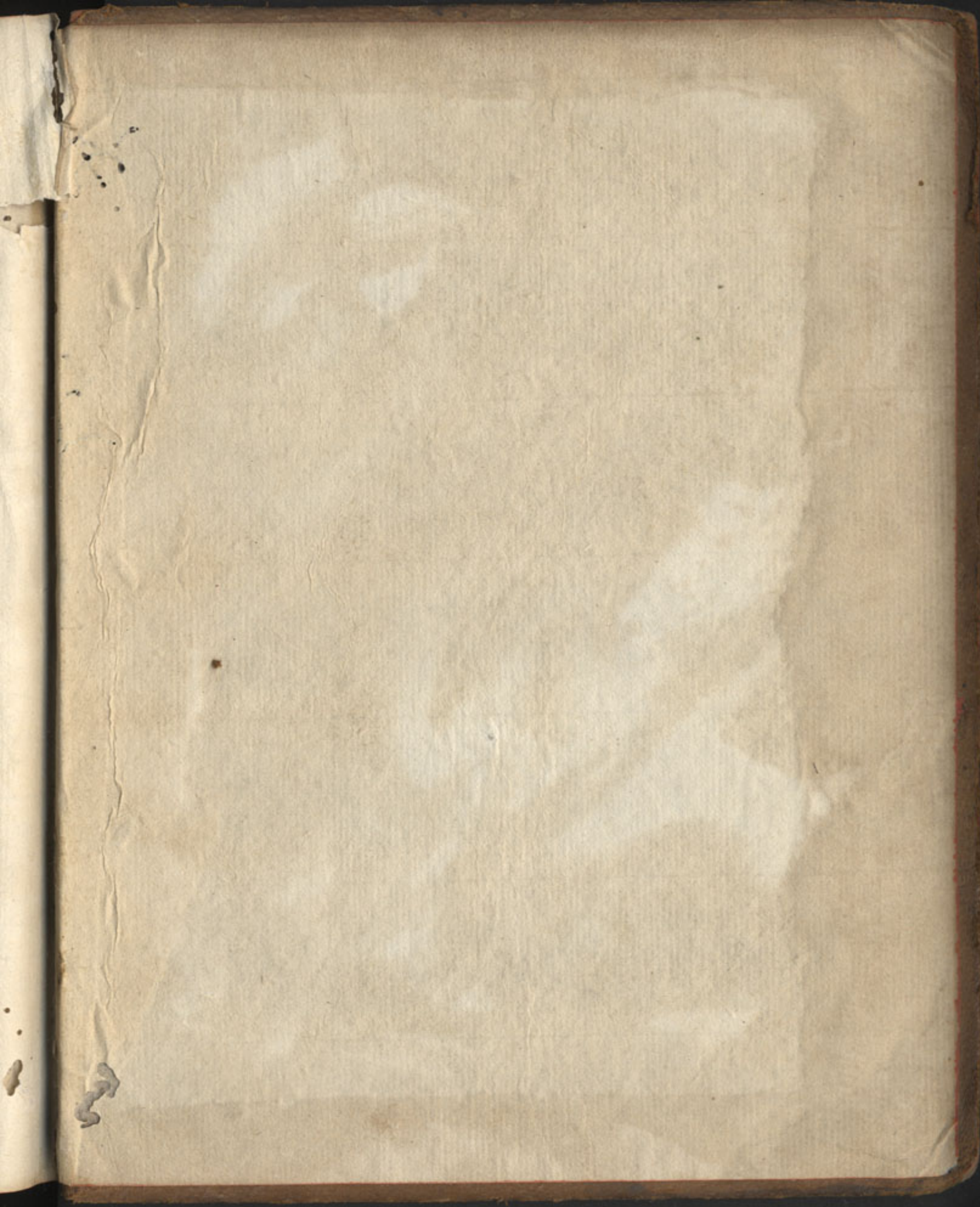




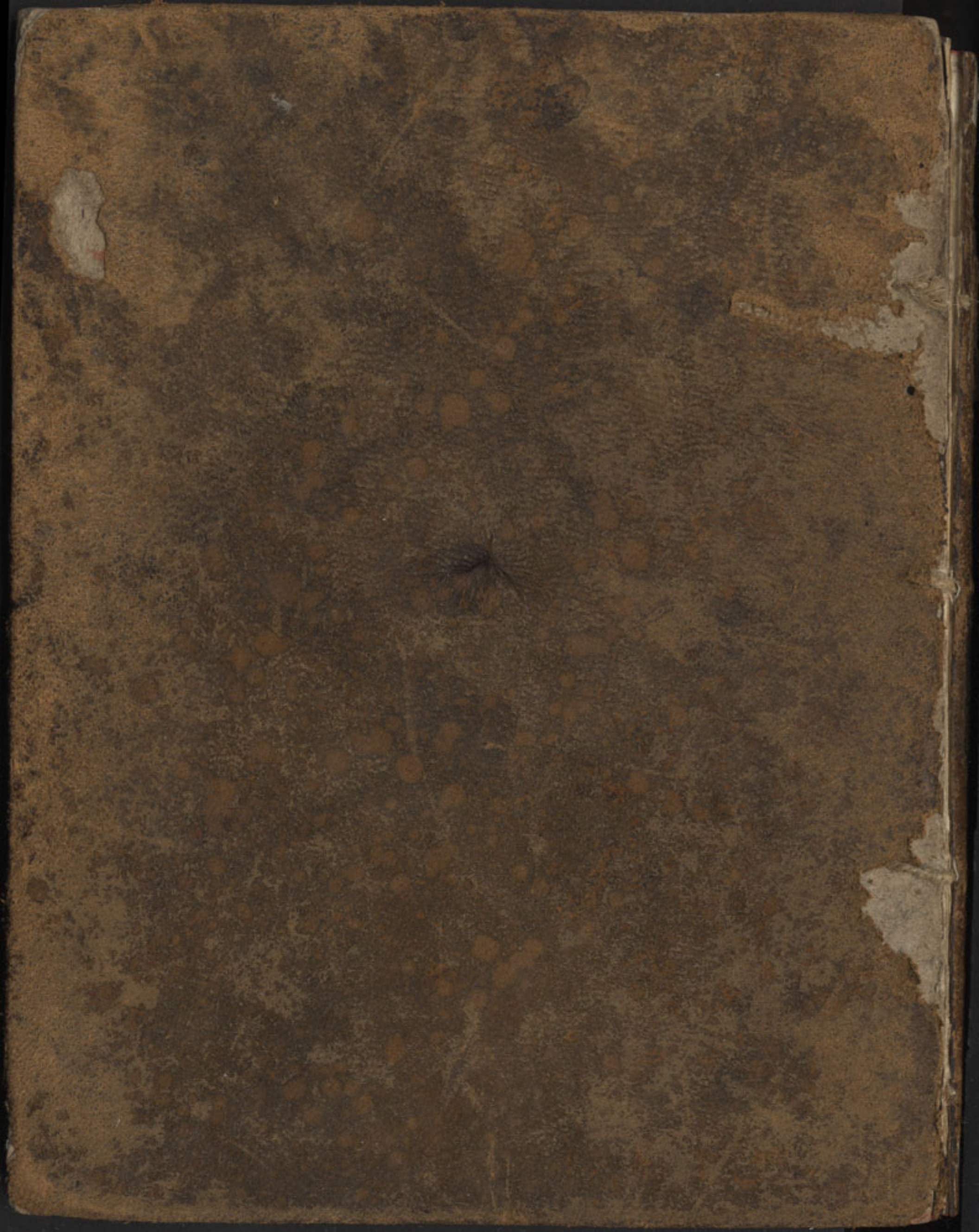


-me-











METODO  
DE  
ESTUDAR

1

Sa  
Es  
Ta  
N.

CC  
C  
4  
20